

REVISTA DO BRASIL

SUMMARIO

MONTEIRO LOBATO	A "nossa doença"	3
AFRANIO PEIXOTO da Academia Brasileira	Parabolas	13
ALBERTO DE OLIVEIRA da Academia Brasileira	O professor da Mombaça (novella)	22
DO ARCHIVO DE JOSÉ DE ALENCAR (Cartas de Lamartine, F. Octaviano, Q. Bocayuvá, Gonçalves Dias, Castro Alves, J. Serra, L. Guimarães Junior, Benalcánfor, Gomes de Castro)		32
PORFIRIO SOARES NETTO	A concepção federal de Alberto Torres	38
GODOFREDO RANGEL	Vida Ociosa (romance)	49
F. BADARO'	Mattas qu florestas	59
COLLABORADORES	Resenha do mez	68

(Continúa na pagina seguinte)

PUBLICAÇÃO MENSAL

N. 25 - ANNO III

VOL. VII

JANEIRO, 1918

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
RUA DA BOA VISTA, 62
S. PAULO - BRASIL

RESENHA DO MEZ — Barão Homem de Mello — Pela produção nacional — Bibliographia — Alfredo Pujol — Movimento artistico (N) — Notas de Sciencia: A guerra e as doenças mentaes; A hygiene do leite; A palavra e as doenças; O typho nos exereitos em guerra (M. P.) — Questões pedagogicas (*Carlos da Silveira*) — Liga humana (*Mario de Alencar*) — Autores e leitores (*Constancio Alves*) — Arthur de Oliveira (*Jorge Jobim*) — O nosso theatro (*Carlos de Lact*) — Hora decisiva (*A. Chateaubriand*) — Amadeu Amaral (*J. A. Nogueira*) — Almas emparedadas — Como operam os submarinos — Animaes maravilhosos — As caricaturas do mez.

ILLUSTRAÇÕES — Areal, A rajada, Canto do Rio, Junto ao mar, por *E. Parreiras*.

As assignaturas começam e terminam em qualquer tempo

A "REVISTA DO BRASIL" só publica trabalhos ineditos

REVISTA DO BRASIL

PUBLICAÇÃO MENSAL DE SCIENCIAS,
LETRAS, ARTES, HISTORIA E ACTUALIDADES

Propriedade de uma
sociedade anonyma

L. P. BARRETTO

Directores: JULIO MESQUITA Redactor-chefe: Plinio Barreto

ALFREDO PUJOL Secretario-gerente: Pinheiro Junior

ASSIGNATURAS:

Anno	15\$000
Seis mezes	8\$000
Edição de luxo, anno	22\$000
Numero avulso	1\$500
Numero atrazado	2\$000

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:

RUA DA BOA VISTA, 52
Caixa Postal, 1373 — Telephone, 4210

S. PAULO

Toda a correspondencia deve ser endereçada ao secretario-gerente.



Aos nossos Assignantes

O presente numero é enviado a todos os assignantes, mesmo aos que ainda não reformaram a sua assignatura. A estes pedimos encarecidamente que o façam no mais breve prazo possível, afim de que lhes não seja suspensa a remessa do numero de Fevereiro. Como já noticiámos no numero anterior, a "Revista do Brasil", attendendo a insistentes pedidos de numerosos assignantes, resolveu tirar no corrente anno uma edição especial, em papel superior, cujo preço é de 22\$000 réis por anno. Tratando-se de uma tiragem especial e reduzida, essa EDIÇÃO DE LUXO da "Revista do Brasil" deve esgotar-se rapidamente. É conveniente, pois, que as assignaturas sejam tomadas desde já, afim de que os assignantes possam receber tambem o numero de Janeiro em papel de luxo.

Assignaturas para o anno de 1918:

Edição simples	15\$000
Edição de luxo	22\$000

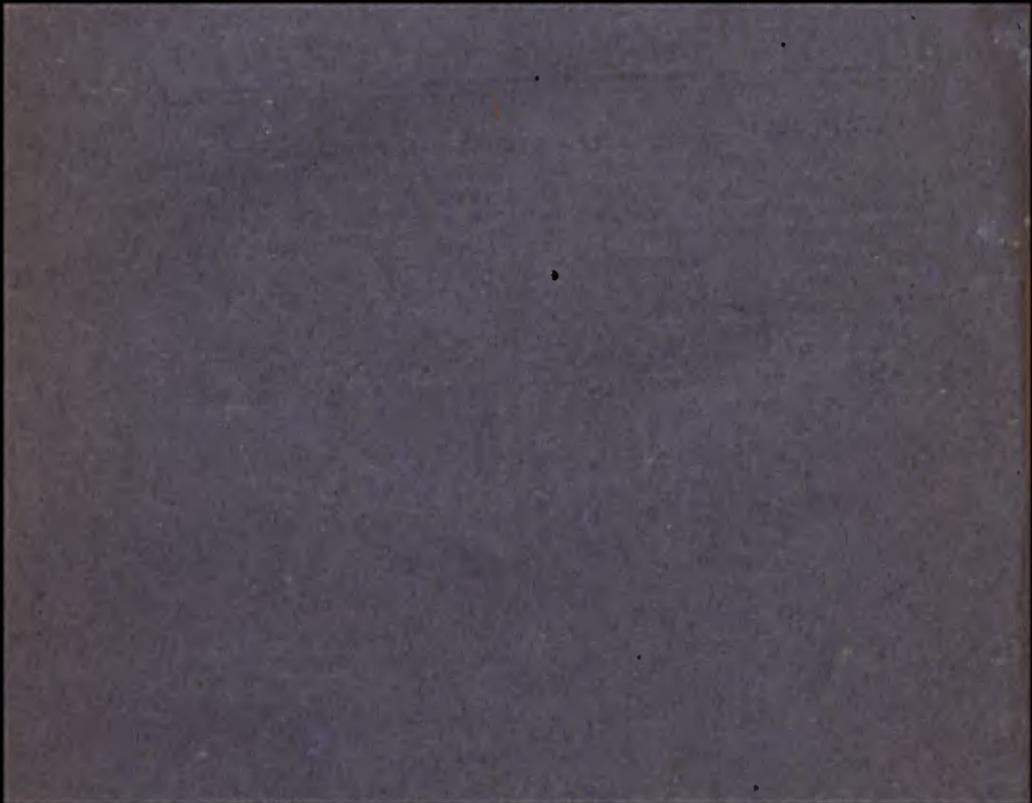
Remetter com urgencia:

Sr. Secretario-Gerente da "Revista do Brasil":

Envio-lhe a importancia de 15\$000 (ou 22\$000) para reformar a minha assignatura até o mez de Dezembro do corrente anno.

NOME.....

LOCALIDADE.....



BYINGTON & C.

Engenheiros, Electricistas e Importadores

Sempre temos em stock grande quantidade de material electrico como:

MOTORES

FIOS ISOLADOS

TRANSFORMADORES

ABATJOURS LUSTRES

BOMBAS ELECTRICAS

SOCKETS SWITCHES

LAMPADAS

1/2 WATT

CHAVES A OLEO

VENTILADORES

PARA RAIOS

FERROS DE ENGOMMAR

ISOLADORES

TELEPHONES

LAMPADAS ELECTRICAS

Estamos habilitados para a construcção de installações hydro-electricas completas, bondes electricos, linhas de transmissão, montagem de turbinas e tudo que se refere a este ramo.

UNICOS AGENTES DA FABRICA

WESTINGHOUSE ELECTRIC & MFTG Co.

Para preços e informações dirijam-se a

BYINGTON & COMP.

Largo da Misericordia, 4

TELEPHONE, 745

SÃO PAULO



The London & River Plate Bank,

LIMITED

S. PAULO - Rua 15 de Novembro, 20

Capital Autorizado . . .	£ 4.000.000
Capital Subscrito . . .	£ 3.000.000
Capital Realizado . . .	£ 1.000.000
Fundo de Reserva . . .	£ 2.000.000

CAIXA MATRIZ - 7, Princes Street, London E.C.2.
AGENCIA DE NEW YORK - 51, Wall Street
FILIAL DE PARIS - 16, Rue Halévy, 9-E.

FILIAES NO BRASIL: Manaós, Pará, Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Santos, Curitiba e Victoria.

OUTRAS FILIAES: Buenos Aires, Rosario, Bahia Blanca, Tucumán, Mendoza, Paraná, Concordia, Cordoba, Montevideo, Paysandú, Salto Oriental, Valparaiso e Santiago,

CORRESPONDENTES: Em todas as principais cidades da Inglaterra, Escocia, Irlanda, França, Suissa, Portugal, Hespanha, Canadá, Americas do Norte e do Sul.

The British Bank of South America, Ltd.

FUNDADO EM 1863

Casa Matriz, 4 MOORGATE STREET, Londres

Filial em São Paulo, RUA SÃO BENTO N. 44

Capital subscripto . . .	£ 2.000.000		Succursaes em: BAHIA,
„ realizado. . . .	£ 1.000.000		RIO DE JANEIRO, MONTEVIDÉO,
Fundo de reserva . . .	£ 1.000.000		ROSARIO DE STA. FÉ e BUENOS AIRES.

O Banco tem correspondentes em todas as principaes cidades da Europa, Estados Unidos da America do Norte, Brasil e Rio da Prata, como tambem na Australia, Canadá, Nova Zelandia, Africa do Sul e Egypto.

Emittem-se saques sobre as succursaes do Banco e seus correspondentes.

Encarrega-se da compra e venda de fundos, como tambem do recebimento de dividendos, transferencias telegraphicas, emissão de cartas de credito, negociação e cobrança de letras de cambio, coupons e obrigações sorteadas e todo e qualquer negocio bancario legitimo.

Recebe-se dinheiro em conta corrente e em deposito abonando juros, cujas condições podem ser determinadas na occasião.

Firmas e particulares que desejarem manter uma conta corrente em esterlinos, em Londres, podem abri-la por intermedio desta filial que, a pedido, fornecerá talão de cheques e quaesquer esclarecimentos.

Este Banco, tambem abre contas correntes com o primeiro deposito de Rs. 50\$000, e com as entradas subsequentes nunca inferiores a Rs. 20\$000, até o limite de Rs. 10:000\$000 abonando juro de 3% ao anno.

As horas do expediente sómente para esta classe de depositos, serão das 9 horas da manhã ás 5 da tarde, salvo aos sabados, dia em que o Banco fechará á 1 hora da tarde.

QUANDO V. S. tiver de comprar algum dos seguintes artigos:

Alambiques	Destorreadores de discos	Oleos lubrificantes
Anclinos mecanicos	Engenhos de canna	Pás de cavallo
Arados	Encerados para cafezal	Pás para ferreiro
Aricetes hydraulicos	Eixos de transmissão	Pedras para moinhos
Arrancadores de tocos	Esbrugadores de arroz e café	Picadores de pedras
Batedeiras de arroz	Esterilizadores de cereaes	Polias para transmissão
" " feijão	Folhas para serras	Prensas para enfardar
" " para mantega	Forjas para ferreiros	Polidores de arroz
Bombas	Geradores de gaz acetyleno	Pulverizadores
Brunidores de arroz	Grados de dentes	Quebradores de torrões
Cabos de aço	Lustradores de arroz	Rolos de ferro
Carrapaticidas	Machinas para furar ferro	Secadores de arroz
Carrinhos para aterro	Machinas para fazer cangica	Segadelras de capim
Catadores para arroz e café	Mandris para serras	Semeadeiras
Ceifadeiras de arroz	Molinos para assucar e café	Separadores de arroz e café
Ciscadores	Molinos para sal e fubá	Separadores de marinheiros de arroz
Correias "Balata"	Molinos de vento "Upton"	Serras completas
Correntes de ferro	Moendas de canna, á mão	Tinta preta de lupressão
Cortadores de forragem	Motores a kerozene e a vapor	Torradores de café
Cultivadores	Niveladores para estradas	Trituradores de ossos
Descascadores de arroz e café		Turbinas centrifugas para assucar
Debulhadores de milho		Ventiladores de arroz e café
Desfibradores de canna		Etc., etc., etc.
Desinfectante "Cooper"		
Desintegradores de milho		
Desnatadeiras para mantega		

... em que somos especialistas — Importadores ou fabricantes, — não faça sua compra sem, a tal respeito, primeiramente trocar correspondencia conosco, sem consultar os nossos catalogos e preços. E se isto fizer, se escutar o nosso conselho, creia que só terá motivo para depois nos ficar muito obrigado, pelo ensejo, que em virtude disso lhe proporcionaremos, de comprar artigos de absoluta excellencia, e com o menor dispendio possivel de dinheiro, attentas as excepcionaes condições actuaes do mercado.

Adquirimos, fódas as nossas mercadorias, com certas vantagens, devido a fazermos compras vultuosas, e tornamos os nossos freguezes participantes dessas mesmas vantagens, vendendo-lhes tudo com um lucro relativamente modico; sendo por esta forma que lhes manifestamos a nossa gratidão pela preferencia, sempre crescente, com que nos têm distinguido desde a fundação de nossa casa.

Installações completas de machinas beneficiadoras de arroz, ENGELBERG americanas, e com pedras de esmeril (dos systemas italiano e allemão), de qualquer capacidade diaria, desde 10 até 1.000 saccos de arroz limpo.

Sem compromisso da parte do solicitante, enviamos catalogos, informações e orçamentos, a quem nos os pedir.

Vendemos sómente artigos de lei, e por preços módicos; offerecêmos, portanto, reaes vantagens.

E em nossa officina mecanica e carpintaria, fazemos toda e qualquer peça para substituição das que se tenham estragado ou gasto, de machinas agricolas ou industriaes, de fabricação nacional ou estrangeira.

IMPORTADORES

F. UPTON & Co.

AVENIDA RIO BRANCO, 18 — RIO DE JANEIRO
LARGO S. BENTO, 12 — S. PAULO

UNESP - Biblioteca - Assis

Class.: OR 050

Tombo/Tit: 1084

REVISTA
DO
BRASIL

VOLUME VII

JANEIRO - MARÇO DE 1918

ANNO III



20293

PROPRIEDADE DE UMA SOCIEDADE ANONYMA
S. PAULO - BRASIL



DIRECTORES:

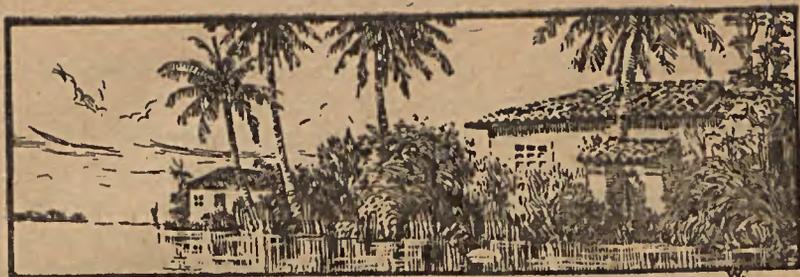
L. P. BARRETTO,
JULIO MESQUITA,
ALFREDO PUJOL.

REDACTOR-CHEFE:

PLINIO BARRETO

SECRETARIO - GERENTE: J.M. PINHEIRO JUNIOR .





A "NOSSA DOENÇA"

Em 1916, creio, surgiu por aqui um estranho folheto que os homens de roupa preta, vulgo "a gente sensata", acoimaram de obra de louco, tão fóra dos moldes da estereotypia corrente eram as ideias nelle esboçadas. Tinha por titulo a Salvação do Brasil. Pela primeira vez apontava-se como causa dos nossos males economicos, e dos sociaes consequentes, uma degenerescencia biologica por desequilibrio alimentar á conta do fraco teôr de azoto dos productos da terra. A these do sr. J. Teixeira de Freitas era que o alimento da população produzido no paiz pelo nosso habitual systema de cultura só tem qualidades altamente vitaes quando extrahido de terras recém-florestadas. Exgottado que seja o sólo em tres ou quatro annos de plantio, e não reequilibrado pela adubação, continua a produzir, mas um producto só na apparencia igual ao das primeiras colheitas. Mal dosado de elementos sem os quaes não ha vida ascendente e sim regressiva, esses productos da terra exangue conduzem a raça a uma quebreira de energia explicativa de todas as suas mazellas. Esta ideia, verdadeiramente genial passou quasi despercebida; estavam todos preocupadissimos em seguir os lances da rinha europeia e "torcer" em prol dos belligerantes sympathicos. Não sobrava attenção para importunos problemas caseiros. Ficou en-

tretanto a lucilar em meia duzia de cerebros aclarando in-
numeros pontos obscuros do caso brasilico, e hoje esplende
intensissima: o sr. Cincinato Braga no Congresso Federal
acaba de expol-a com maravilhoso vigor demonstrativo eri-
gindo-a como peão central ás medidas salutorias que pro-
põe para contraminar a derrocada economica.

A febre amarella desapareceu do mundo no dia em que
lhe descobriram o transmissor. A "nossa doença" está em
inicio de cura já que lhe apprehendemos a causa secreta.
Ignorantes da acção do *Stegomia* ou da causa secreta, bra-
cejariamos toda a vida ás cégas sem dar nunca passo á
frente. Hão de surgir contraditores, Nunos birrentos de
grande autoridade e humorismo cruel, negativistas e sce-
pticos. Não importa. Este adubo fal-a-á resplender com mais
intenso fulgor.

A agricultura pela moda aborigene, simples caça á
fertilidade nativa da terra virgem, subsistê no Brasil como
um tabu'. O lavrador é um caçador de azoto que de macha-
do ao hombro e isqueiro na mão caminha devorando mat-
tas. Acompanha-o uma prosperidade fogo de palha.

Brotam da terra cidades. Rompem villas. Abrem-se
fazendas. Rasgam-se estradas. Constroem-se vias ferreas.
Direis: o paiz enriqueceu; entraram para a economia na-
cional tantos predios, tantas pontes, tantos nucleos urba-
nos, tantos kilometros de estradas; isso representa creação
de riqueza; é capital accumulado pelo trabalho; é progresso
economico. Illusão! De facto assim é em todos os paizes do
mundo. Aqui não. Essa riqueza depois de creada extingue-
se. As cidades morrem; os predios se desvalorisam; o ca-
sario immenso das fazendas e todas as bemfeitorias acces-
sorias entram por zero nas avaliações; as estradas esbura-
cam-se ao léo; as vias ferreas viram desengonçado mam-
bembe a vapor em perpetuo regimen de *deficits*, tenias pa-
rasitarias da região; o povo, descahido de *tonus* vital, apo-
drece no marasmo sorno dos cocainomanos. A riqueza, an-
nos antes — no tempo do azoto — representada por aquelle
nucleo urbano ou rural vê-se praticamente cancellada do
activo pela preposição do signal que nega.

Porque é assim? Porque a terra sorvada "*cançou*", e em vez de curar da sua recomposição consoante a pratica universal, nós, levados pela tára aymoré do sangue, abandonamol-a com todas as bemfeitorias creadas para ir repetir adiante o mesmo *fiat*. Com os lucros e a energia vital auferidos atraz vamos em região nova abrir novas fazendas, crear novas cidades, estender novas vias ferreas. — Mas a tapera deixada atraz neutralisa toda esta criação impulsiva, e a riqueza publica não se accresce de um real com o producto de todo este esforço.

Eis a razão da nossa pobreza e a explicação do nosso aspecto physico: povo que trabalha e não accumula, terra nova picada de manchas de velhice. Todo o corpo do paiz está recoberto de zonas de carne paralytica, escaras atonicas — taperas. O que vae por ahi de cidades mortas ou moribundas, povoados cacheticos, riquissimas fazendas transfeitas em couto de suindaras, estradas de ferro inuteis, risiveis de decrepitude, incapazes de concorrer com o carro de boi! Dentro dessa ruínia palermeiam urupés humanos amaleitados, creaturas em tapera, com a tapera n'alma e no cerebro, aparvalhadas mumias ambulantes que pitam... e votam. Zonas inteiras ha onde uma cara d'homem não existe que não dê a impressão do bobo.

Ao lado da morte, a vida — regiões de prosperidade vertiginosa, estuante, — mas provisoria, sem durabilidade, condemnada ao colapso e á regressão, ao *vivotement*, á quebreira.

Vida sim, e intensissima, mas com o melão de S. Caetano negaceando os cercados, e o marasmo de tocaia ás almas.

O nosso progresso é cigano. Vive acampado. E' noma-de. Essa maravilhosa vida actual da terra roxa: já morou no Estado do Rio, já acampou no Norte de S. Paulo. Não é uma coisa creada ali — mudou-se para ali simplesmente, e já entrouxa bagagens para florecer nos sertões de No-roeeste.

Em consequencia deste trabalho de Penelope, deste desfazer atraz para fazer além, deste construir a custa do demolir, deste crear riqueza nova *que se substitue em vez de sommar-se á velha* — norma unica do real engran-

decimento dos povos, o Brasil offerece ao mundo o aspecto impressionador de um paiz que move as pernas e não sae do lugar, e que por via dessa tabes locomotora na fieira das nações modernas occupa o menos honroso lugar. A nossa salvação como povo não está em nenhuma das regenerações micantes buzinadas por ahi em varios tons e estylos — mas pura e simplesmente em revitalisar indirectamente o povo pela adopção de processos agricolas que restituam á terra o rompido rythmo chimico. Só a chimica nos salvará essa moderna fada Melusina. Só ella dará os remedios que vivemos a pedir á politica, ao voto, á revisão de leis, á reforma de homens, — roupagens cujo feitio influe tanto no corpo de quem as veste como a opinião de um astronomico sobre a lua influe na trajetoria da lua.

As soluções preconizadas correntemente vincam-se do defeito de tomar a nuvem por Juno. Essa da militarisação do paiz. Não se crea um exercito fardando a brim kaki uma população.

Exercito é força, a força vem do perfeito funcionamento physiologico do organismo; esta harmonia quem a dá é a perfeita adaptação ao meio determinado sobretudo pela alimentação completa; a alimentação vem da terra; terra fraca só produz rastolho. Querem exercito? Adubem a terra.

O exercito virá fortissimo, ao seu tempo — natural e expontaneamente. O segredo da immensa força da Allemanna está na sua comprehensão deste cyclo revelado pela chimica. Não foi a ideologia dos philosophos que lhe deu aquelle excesso de vitalismo. Foi o salitre do Chile. Em 1911 ella importou 800.000 toneladas e a França apenas 300.000. Nestes numeros está o segredo de muita coisa.

Por felicidade nossa soou no Congresso Nacional uma grande voz. O sr. Cincinato Braga possui uma especie de intelligencia rarissima e talvez unica entre todos os representantes da nação. Possui a intelligencia que vae ao imo das questões e toca nas causas primarias sem enredar-se pelo caminho na serie de effeitos secundarios habitualmente tomados como causas. A justificação das medidas



legislativas que ao despedir-se do Congresso propoz, são a unica cousa seria é intelligente que se fez na Republica até hoje. *Que se fez!*... E' um punhado de ideias, de utopias dirá o homem de roupa preta — e no emtanto é a unica cousa seria que se fez na Republica até hoje!

Tal documento deveria ser lido todos os dias por todos os brasileiros. E decorado, se não para tel-o como base inicial de cura — ao menos para que definhamos sabendo de que definhamos. E' um supremo consolo para os doentes conhecer o nome da sua doença.

O sr. Cincinato demonstra com insophismaveis algarismos que o Brasil é o paiz mais pobre do mundo. Não produz sequer para comer. Ganha annualmente 57 milhões de libras pela venda das suas mercadorias e despense 72 milhões na compra de outros, no pagamento de juros etc., d'onde resulta empobrecer-se á razão de 15 milhões por anno (media tomada no decennio). Está aqui denunciado, neste *deficit* economico, o cancro roaz que nos devora. Como até aqui tem o paiz tapado este buraco?

A força de empréstimos, — hypothecas do futuro. Elevou dest'arte a divida externa a 174 milhões esterlinos. Finança do *après moi le deluge*. Mas o credito retrahiu-se por fim, e no governo Hermes fechou-se de vez a torneira do judeu. Bastou isso para determinar a suspensão de pagamentos — bancarrota disfarçada. O minotauro, entretanto, continuava a exigir o tributo annual dos milhões. Deram-lhe a guiza de engodo moeda falsa. Dinheiro papel sem lastro é moeda falsa. Foi assim que no ultimo decennio o dinheiro impresso em casas de gravura subiu de 600.000 a um milhão de contos e meio. Nesse papel o governo lança uma promessa de pagamento: no thezouro nacional se pagará ao portador a quantia de..." E' pois uma nova divida que accrescida da externa totalisa mais de 5 milhões de contos. Cinco milhões de contos empatados unicamente em protelar o dia d'uma liquidação inevitavel...

Este *crac* financeiro é o reflexo do *crac* economico. O Brasil produz 39.000 réis por habitante. Menos do que

isto na America só o Paraguay e a Republica de S. Salvador.

Se porém do Brasil destacamos S. Paulo caber-lhe-á o ultimo lugar na escala, com 23.000 réis por cabeça. O sangrado Paraguay produz 29.000! Para frisar o contraste saiba-se que a quota de Cuba é de 413.000 réis, a da Argentina é de 248, a do Uruguay é de 196, a de Nicaragua 126, a do Peru' 42... Em posição analoga no concerto mundial só a Turquia. O Brasil completa o duo dos pedintes. Quando os alliados caucionaram titulos de divida para levantar dinheiro foram acceitos os titulos de todos os paizes devedores, menos de um — o Brasil. O paiz cocainisado não deu por isso.

Pergunta-se: terminada a guerra, normalisada a situação economica do mundo, cessada a pressão da fome que força a Europa a comprar tudo por preços excessivos, diminuida a capacidade acquisitiva dos povos pela gigantesca destruição de capital determinadã pela guerra, entrados todos elles n'um regimen de poupança rigorosissima, necessitados de cuidarem de si, durante annos, empregando todos os recursos disponiveis para a obra de reconstrucção, como solveremos nós os compromissos se nos fallece o eterno recurso de que até aqui lançamos mão, — o emprestimo?

O recurso que nos resta é produzir em escala ascendente. Mas o Brasil pôde enveredar por esse caminho? Não. O regimen de espoliação fiscal da Republica, o preço excessivo do transporte e o desapparelhamento technico do trabalho nacional não lh'o permite.

O sr. Cincinato Braga aponta como causas proximas do nosso descalabro economico estas tres razões. O nosso regimen fiscal é o mais perfeito aparelho de asphyxia lenta jamais inventado por um marquez de Sade economista.

Tem por mira castigar o trabalho pela extorsão dos lucros honestos auferidos em beneficio da classe parasitaria que faz leis e as applica.

Alicerca-se no imposto de exportação,—imposto que é o transporte para os dominios da economia politica do modo de morrer que a medicina chama asphyxia. E' sangue ti-



rado das veias de um corpo para a alimentação desse próprio corpo. E' autophagia de café. Abolido em todos os países do mundo, subsiste no Brasil. Esta excepção define lamentavelmente a ambos, ao Brasil e ao imposto.

E tão em voga está que a ultima taxa criada no Districto Federal inda foi uma taxa de exportação! As outras duas causas apontadas embrincam remotamente nesta, cuja supressão acarretaria mudança radical no regimen do frete alto e no do trabalho agricola. Como nasceu o nosso systema fiscal? Para comprehender sua evolução faz-se mister um excursão ao passado. Quando Portugal tomou posse destas sertanias de Santa Cruz procurou logo tirar do novo dominio o maximo de rendimento com o minimo de dispendio. Colonisou-o, não com o intuito de crear aqui um país com vida propria, mas para ter numero maior de camaradas no eito. Firme nessas ideias o Reino organisou um só serviço, o Fisco. Tudo mais cahiu para segunda plana, subordinado ao polvo.

Coherente com a sua concepção de colonia, Portugal só curava de estender tentaculos, e aperfeiçoar ventosas. Quem folheia os documentos da epocha, officios regios, cartas de governadores a subalternos, nota logo a preocupação exclusiva do serviço fiscal. Nunca um vislumbre de zelo pelas necessidades collectivas da população em crescimento. O governo era a machina de cobrar impostos; o país a machina de pagar-os. Assim cresceu a colonia até que a rajada napoleonica soprou D. João para cá. Este rei commoveu-se diante do miseravel estado da colonia e outorgou-lhe umas tantas franquias, compensações ao muito que padeciam por amor delle e dos avós: abertura de portos, palmeiras, imprensa, escolas e a sardinha.

Retirado que foi o rei as cortes portuguezas viram com máus olhos tantas liberalidades e cuidaram incontinentemente de ablaquear cerce todas as regalias outorgadas. Só não cortavam a palmeira nem repescavam a sardinha movidas por altas razões de estado. E com isto, mais tres voltas no arroxo fiscal. Veiu a Independencia. Organisou-se o país para a vida autonoma, — conservando-se porém intacta a concepção do Fisco portuguez. Vem o segundo im-



perio e tudo correu pela mesma. Se os efeitos da asphyxia não eram nessa epocha sensiveis agradecamol-o ao negro, a cujo lombo nossos paes transferiam as torturas do arroxo. Veiu o 13 de Maio e logo após a republica que metheu os pés pela mão em tudo que estava organizado normal e consentaneamente com as necessidades do paiz, criando a parodia sulina da grande republica do Norte. Só não adoptou della o seu intelligente regimen tributario. Continuamos pois sob o regimen do Fisco portuguez sem a compensação do negro escravo para lhe supportar todo o peso. Foi além a republica. Deu tres cabeças ao monstro: cabeça de percevejo, a municipal, de piranha, a estadual, de dragão a federal. E deu-lhes ventosas ineditas: os direitos de exportação. E dilatou tanto a amplitude do Fisco que já não ha extremal-o do governo. Confundem-se. Dest'arte chamamos governo a um aparelho de asphyxia lenta organizado por escala triplice. Em virtude disso o paiz dividiu-se em tres campos. O Estado no alto, como um paraizo. E' a casta dos Brahmines. Quem penetra nella é feliz. Irresponsabilidade absoluta, vida assegurada até á morte, o capacho da justiça aos pés, uma boa policia para manter imperturbada a digestão feliz, o thezouro ás escancaras para todos os regabofes. No meio o estrangeiro. Mais aptos, porque dotados de educação technica, senhoream-se de todo o movimento industrial e commercial.

Enriquecem e condecoram-se. Em baixo o brasileiro, á casta dos Sudras em miseria crescente, analfabeto nos campos, e nas cidades lustrado por academias e gymnasios d'uma bacharelesca ignorancia encyclopedica. Esta pobre classe, vendo fechadas todas as portas que conduzem á prosperidade, incapaz de concorrer na lucta com o estrangeiro, ergue os olhos para cima, vê a beatitude gorda dos que lá habitam e consagra-se de corpo e alma á escalada do Eden. Penetrar na ceva, seja por que meio fôr — eis o lemma. "Cavar o empreguiño"!

Se tem parente brahmine que lhe dê a mão está salvo. Se não, espera, pdinchando, annos e annos até o fim da vida. Character, honradez, iniciativa, todas as bellas qualidades moraes do homem sacrifica-os elle ao Moloch.



Pois bem: é ao Estado-brahmine que o paiz-sudra sempre se dirige, por intermedio da imprensa, pedindo a reforma tributaria, pedindo regeneração politica, pedindo allivio a todos os males. Mas haverá possibilidade do governo por suas mãos outorgar um remedio que o diminuirá? Abdicar a regalias unicas, á irresponsabilidade por exemplo?

Submetter-se á justiça elle que a tem como *bonne a tout faire* assalariada?

Supprimir impostos a cujo gozo está affeito?

Largar o sceptro de soberano, de dono do paiz, para occupar um posto subalterno?

Podar nos irmãos da confraria, — funcionarios publicos? Diminuir a força constrictora dos seus tentaculos? Claro que não. A historia não menciona um caso sequer do polvo - estado outorgando *sponte-sua* direitos á plebe.

Elle cede sómente quando o povo levado pela fome lhe arranca violentamente as franquias. As liberdades inglezas foram arrancadas uma por uma pela resistencia popular e pelas revoluções. Não se conquistam direitos com lamurias, mas a pulso. Por sua natureza intima o garrote só não estrangula quando lhe quebram a corda.

O problema nacional é pois tão claro como difficil de solver. Traz como artigo primeiro: necessidade urgente de destruir o regimen fiscal da asphyxia, sacar do pescoço a corda, escapar ao garrote.

Sem readquirir a faculdade de respirar impossivel a um povo cuidar do resto. Para isso ha seis soluções. A legal, continuando nós no coro de lamurias exorativas á corda para que deixe de ser corda. E' pueril pensar nesta solução. Nunca houve calabre que deixasse de o ser a pedido geral.

A revolucionaria. E' inexequivel. A situação geographica do paiz, a dissiminação extrema do habitante não permite a unidade da fome, nem a unidade da colera, unicas que operam revoluções. Poderemos tel-as, e tivemol-as, politicas — um grupo a derribar outro. Sociaes, é absurdo.

Terceira: a guerra. Mas guerra a serio com um visinho e não guerra á lua. Por contra-golpe a guerra traz o dismantelo das situações encrostadas, a preponderancia da casta militar e a possibilidade de surgir della o homem providencial, o heroe de Carlyle, Cromwell ou Napoleão.

Quarta: o fraccionamento. O instincto de conservação das zonas mais aptas, e por varias circumstancias mais ricas, cria surdamente a ideia separatista. Separar-se para viver é rigorosamente logico.

Quinta: a tutela estrangeira, a recolonização, o egypcianismo.

Sexta: a solução agricola preconizada acima. Esta solverá todos os problemas em causa. Restaurada systematicamente a terra, cessará o nomadismo; extinguir-se-á o taperismo; a riqueza creada subsistirá definitiva e crescente; as cidades mortas renascerão; regiões e estados inteiros voltarão á vida salvos da marasmeira em que apodrecem; e — aqui está tudo — o póvo reentrará na posse da sua perdida energia vital. E poderá arrancar violentamente do gasnete a corda que o enforca.

Em vez de, como agora, sussurrar a medo diante do Estado um mollenga eu queria, dirá na voz tonitruante de Mirabeau — eu quero!

E o 13 de Maio branco luzirá finalmente.

MONTEIRO LOBATO



PARABOLAS

BONDADE IMMORAL

Em Bello-Horizonte, na rua Sergipe, vi, faz alguns annos, um coqueiro abraçado por uma figueira brava que o suspendia, desarreigava lentamente, e o havia de matar: retrato symbolico da universal ingratição, da infinita maldade do mundo.

Existia por ahi o coqueiro, solitario no descampado, apenas visitado pelas aves do céu, que uma, certo dia, lhe depôs nas palmas a semente do ficus. Germinara com a humidade, e longa raiz adventicia desceu vertical, como um fio de liana, á procura da terra. Nella penetrou em breve a ponta, dividida e multiplicada, serpejante, munida mais tarde de sapopembas, emquanto a primitiva raiz aerea se fizera haste, engrossada, robusta, ao lado do coqueiro, abraçado por expansões lateraes, sarmentos poderosos que conseguiram e apertavam a intimidade.

O coqueiro acolhera a semente, dera-lhe apoio, servira-lhe de guia á raiz, de amparo ao caule, aconchegara os braços timidos dos tentaculos que pediam soccorro, e agora, implantada solidamente no chão, esgalhada em basta ramaria, ao seu protector a figueira tolhia o ar e a luz: era o esbulho, do qual é formula civil a herança. E levantando-se, e subindo, levava comsigo o coqueiro, já agora quasi desarreigado, morto amanha, sempre apertado nos braços que acolhera e lhe davam lentamente a morte.

E' assim a natureza. Consciencia ou inconsciencia do mal, não lhe alteram a irreductivel e eterna maldade: a



consciencia será luxo ou requinte apenas, da maldade subsistente, infinita alma do mundo. A vida é uma continua traição, do que é ao que foi, do que será ao que é, dos individuos e espécies entre si, das espécies contra os individuos, com tão inflexível e impiedosa indiferença, tão revoltante e serena crueldade, que se mudam os termos da razão, e a bondade — essa é estranha e fóra da natureza, essa é que é immoral.

DIALOGO MUDO

A Paulo Barreto, mestre da
Ironia.

Junto de uma murteira, talhada em forma de pyramide, pára, admirado e risonho, um cãozinho felpudo, *barbet* aparado como caniche.

A MURTEIRA

De que ris?

O CÃO

De sua extravagancia... Até hontem você era cone, hoje pyramide, depois será bola ou chapéu de sol... Bem variado!

A MURTEIRA, *melindrada*

Sim. Mais divertido que a tua caricata e monotona fantasia. Teu ridiculo é permanente.

O CÃO, *olhando-se todo*

Sou assim ha tanto tempo, que já me esquece ter sido diferente...

A MURTEIRA

Embora. Deves aos outros cães produzir o mesmo effeito comico: raspado do meio do corpo para trás, na frente uma juba conservada, e nos pés, e no extremo da cauda, essas pulseiras de pêllos... Um leãozinho de louça, vivo, agil, para encanto da cozinheira...

O CÃO, *examinando-se ainda*

Deveras... Somos ridiculos. Entretanto você parece ainda mais, porque o seu comico é presumpçoso... nada menos que uma arte para cortar ramos, podar, entortar, desviar, ageitar e transformar bellas arvores em pyramides, cones, chapéus de sol, bolas, amphoras, arcos, kiosques ou divans... A mim fazem-me leão de interior; caricatura para presépe a você... e isto é arte topiaria.

A MURTEIRA

De facto que essa fantasia deve ser de bicho bem perverso... Incapaz de produzir qualquer coisa, desfaz o homem o bello que encontra á mão... e faz isto!

O CÃO

Não sei se mau; de preferéncia, creio que apenas estúpido. Deve ser pobreza de espirito. Má é a natureza inteira, mas é respeitavel. O homem é ridiculo.

A MURTEIRA

O ridiculo é o disfarce do mau. Quando elle se cança, distrai-se na ruindade passiva, da ruindade deligente. Toda a natureza poderia queixar-se da mesma maldade que elle vae espalhando pelo mundo.

O CÃO

Você exaggera. Convivo mais de perto com elle. Digo-lhe que é estupidez. Quer uma prova? O que faz comnosco faz consigo mesmo. Já não falo da companheira delle, que tira pelles e penas dos bichos, flôres e folhas ás plantas, para se enfeitar de postiços.

A MURTEIRA, *risonha*

Engraçadas... Quando saém á rua, paramentadas, parecem umas Marias-malucas... E sem esses *chichis*, e sem aquelles vestidos, como Deus as fez, é que ellas são lindas, e triumpham, sem contraste... Mas não comprehendem...

Chamam galanteria aos empréstimos que as deformam e as encobrem, sem graça nenhuma.

O CÃO

Ainda ellas accrescentam, sem tirar nada do que lhes é proprio... vá!... mas os tolos dos companheiros dellas... o que elles fazem do cabello e da barba! E' de morrer de rir... Uma verdadeira arte topiaria... *brosse carrée*, escovinha, tonsura, corôa, suíças, *cavagnac*, andó, barbi-cha, barba á ingleza, bigodes para cima, para baixo, torados, raspados... que tudo dá á cara mil feítios comicos e ridiculos...

A MURTEIRA, *convencida*

Tem razão. Que esperar para os outros, quando elle dispõe assim do proprio rosto, feito, segundo pretende, á imagem e semelhança de Deus?! Será mau, porém conhenho que ainda é mais grotesco.

O CÃO, *satisfeito com o accôrdo*

Quando o jardineiro se approximar com as suas tesouras, não se irrite mais, ria-lhe na barba-passa-piolho... é o que vou fazer ás costelletas do copeiro que me tosa...

A MURTEIRA, *apurando o ouvido*

Caluda! Elles ahi vêm... Já se afeiaram, vêm nos afeiar. E' tão estúpido que faz rir...

Ouvem-se passos no saibro do caminho. Um murmurio de folhas parece riso discreto e vingador. Levanta o cão a perninha, para a direcção donde vêm os passos. Empunha o jardineiro as tesouras. O criado chama o caniche. Tem a palavra o homem.

MYSTERIOS

Não ha nada mais evidente do que um pedaço de vidro, ainda quando não nos talhe a mão. Entretanto as moscas não o conhecem, não conhecem o vidro, desde que ha vi-



dro e que ha moscas que o encontram no seu caminho. E' de ver a teimosia irracional, quasi imbecil, ia dizendo humana, com que investem contra a viltraça, querendo atravessal-a. Aquelle engano translucido desengana-as um curto instante, mas logo ellas recuam, para nova investida. Assim vezes sem conta, horas inteiras, renitentes á decepção, impermeaveis á experiencia.

Quem nos dirá, que para tantas evidencias, chamadas entretanto mysterios, não somos nós moscas, pois que as desconhecemos, e apenas pela incapacidade dos nossos sentidos?

SEM INVEJA

Gip não gosta de mim: é um cãesinho felpudo, rusguento, latidor, que não sei porque me desconhece sempre, e me agride quando pôde. Não é que lhe tenha feito bem: como homem, poderia ser logicamente meu inimigo; mas nunca lhe fiz mal, e por isso, como tantos homens, é graciosamente meu inimigo: deve reconhecer-me algum merito.

Hontem, deram-me para trazer á casa, vindo de Quissamã para Petropolis, um immenso "bouquet" de cósmias. Como estrellas recortadas em branco, rosa e solferino, pareciam as flôres um enxame agil, mas obstinado, que me cercasse, invisiveis quasi os longos talos delicados, flexiveis e doces á agitação da marcha. Choviam cósmias sobre mim!

Assim entrei, sobraçando o meu enorme ramo, porta a dentro, como um triumphador. Todas as atenções se voltaram para mim, para as flôres que eu trazia, e me acompanhavam, e me perseguiam, em torno, como colmeia abespinhada, de grandes abelhas coloridas.

Gip dispara ao meu encontro, antecede-me, volta-se, corre desabalado para lá e para cá, aos pequenos ladridos, agitando a cauda festivamente... e ainda quando me desembaraço das cósmias sobre um movel, dá provas de que sou eu o festejado pela sua alegria: quer trepar-me pelas pernas, moveis as orelhas, os olhos faiscantes, a boca entreaberta, pendente a lingua tremula como um galhardete,

a cauda inquieta, numa effusão enternecedora de carinho. Devia ter-me acontecido grande coisa, para chegar coroadado de flôres: por isso elle se alegrava, a ponto de esquecer a sua innocente animosidade. *Gip* não é gente, não é invejoso.

I

DEUS PROVERA'

A Victor Vianna, que escreve sobre coisas publicas sem engano e sem desespero.

Conta-se que a avestruz, ou sua parenta americana, a ema, perseguida pelos caçadores, corre deserto ou chapada em fóra, com as longas pernas e o robusto esforço, difficilmente attingida, mesmo a cavallo, dada a infantigabilidade da fugitiva.

Desgraçadamente vem a perdel-a o proprio instincto, além da intelligencia do adversario: não se departe a ave do ninho, e obrigada a defender-se, com a evasão, traça em torno desse ponto immensos circulos concentricos, o que orienta cavalleiro: póde este poupar o alento da sua montaria, riscando por sua vez cordas e diametros nesses circulos, em cuja pista chega enfim a pobre ema a cançar-se primeiro. E' um duello, resolvido pela geometria.

Então, vencida pela fadiga, passa-se para o bicho mallogrado uma scena ridicula: para não ver o perigo certo da captura ou da morte, mette a cabeça dentro da terra solta do deserto, e espera. Se não ha areia, esconde a vista atrás de uma arvore ou arbusto, que entretanto não a dissimula. A' mingua deste recurso, muito philosophicamente, guarda a cabeça debaixo de uma das azas curtas. O que ella evita, o que não quer ver chegar é o desastre certo, que se approxima. O valente animal que se defendeu com todas as forças das longas pernas e do folego quasi incançavel, submette-se num fatalismo cego e ridiculo, na hora extrema da imperiosa necessidade, quando alguma reacção pou-

pada, algum recurso decisivo de imprevista iniciativa, talvez fosse a salvação. Mas, então, a avestruz já não seria avestruz.

Conheço um povo que é como estas emas. Quando um perigo o ameaça, não se lhe oppõe em propositos contrarios, continua no caminho em que irá certamente encontrar o perigo. Fecha os olhos, distráe-se, chega a se esquecer, julgando que só com isso o evita, não julgando mesmo coisa nenhuma, certamente sem empregar o menor recurso idoneo para remover o desastre. As avestruzes ao menos fogem primeiro e só vencidas se resignam; elles se resignam para começar, guardando a vista fechada para não ver. Tambem, quando circumstancias extrañas, imprevistas, desviam o mal, não tiram disso jactancia, dizem apenas que Deus é brasileiro. Descuidados e modestos: podia ser peor.

II

FRUTO BICHADO

Em todo pessimismo ha uma decepção, como um verme em cada fruto brocado.

ROMEU E JULIETA

A ° Humberto Gotuzzo, doutor
tambem em sciencias do senti-
mento.

No Jardim Zoologico do Rio, inferno dos pobres bichos que ahí vêm ter, porque além do captiveiro, os aguardam a fome e a morte certa, existia, na jaula dos grandes felinos, um casal de leões. Porque eram bem casados, em falta de uma comparação notoria de feliz estado conjugal do homem, lhes puzeram nomes de Romeu e Julieta. Eram de facto Romeu e Julieta, como namorados, e mais que elles, porque continuavam, apesar de casados. Isto que é exce-

ção humana, — ainda bem que excepcionalmente existe! — parece a regra geral dos brutos.

Indo visitá-los todos no Zoó, não me esqueciam nunca os felinos namorados. Um dia encontro-os separados, em jaulas diversas. Pensei uma porção de coisas humanas: incompatibilidade, ciúmes, indiferença, separação, divórcio... bem feito! Gente ruim, como nós homens...

Chamei o guarda e perguntei-lhe a causa do successo. Depois de alguma hesitação o homem me confiou o segredo. Era simples:

— As rendas do Jardim baixavam; a subvenção não era paga em dia: foi preciso fazer economias, e estas sobre a ração dos bichos. A quantidade de carne lançada aos leões, embora dividida em duas porções, não chegava para nutrir um delles. Mas que se havia de fazer? Dava-se-lhe assim mesmo. O leão não comeu mais, deixando a sua parte á leôa.

Como eu abrisse os olhos espantados, o homem insistiu:

— Sim senhor, não uma vez nem duas, sempre, dias seguidos, a ponto de ser preciso procurar-lhes, a mais, alguma coisa. Foi ficando magro, afundando os vãos, na espinha; o director pensou que podia morrer de inanição e mandou que os bichos fossem separados; nutrem-se mal, mas vivem.

— !

Foi por isso, premio bem humano do amor!, que Romeu ficou sem Julieta...

ENTERRO DE FORMIGA

Chegára um dia La Fontaine, para jantar em casa alheia, com atraso de mais de uma hora. Os outros convivas que o esperavam, com impaciencia e fome, indagaram pela causa da demora.

— “Não me pude furtar ao que me occupava. Encontrei um enterro de formiga. Nada mais curioso, nem mais interessante. Pareciam os parentes muito afflictos. Metti no cortejo.”



Como tardara muito, é que o enterro fôra lento, a passo, piedoso, como devem ser enterrados os mortos, dos quaes os que os amam costumam tanto a se despegar. Como em toda a parte se enterram os mortos.

Aqui, não: vão a trote, a galope, cortando bêcos e travessas, como se apostassem corrida, com escandalo dos estrangeiros que assistem a esse *sport* macabro. Vão andar em breve de automovel, a oitenta a hora, como se fugissem dos vivos.

Deviam fugir de facto, dessa magua apressada de filhos, irmãos, maridos, paes e amigos, que têm pressa de chegar tambem, da incommoda excursão. Não correrão o risco de perder o jantar, como La Fontaine.

(De um livro proximo — *Nossos parentes pobres*).

AFRANIO PEIXOTO



O PROFESSOR DA MOMBAÇA

A escola era na Mombaça, ao pé de uma venda. Eu morava não longe, em terras da unica fazenda que alli havia, a de *Guarahem*, do major Luiz Duarte chefe politico da localidade e pae do Raul, meu collega de classe. Este Raul e eu matriculámo-nos quasi ao mesmo tempo, elle em Fevereiro, eu em Março, depois da festa da Anunciação de Nossa Senhora. Uma confissão de inveja que me acode de annos tão remotos: não me doia, defrontando-me com o Raul ser elle filho de quem era, ir á escola acompanhado de um escravo, que o desmontava do animal e se desfazia em zumbaias e louvados ao sinhô-moço. Não; o que me doia era não possuir um cavallinho como o delle... Bello piquira! o garbo em que vinha caracolando, a trocar as munhecas, até esbarrar á porta da escola! E porque não dizêl-o? invejava tambem ao Raul o seu trancelim de ouro, a cahir em leve curva, do bolso á esquerda, aos botões de jaspe, no peitilho engomado do terno de fustão claro. Eu, nenhum de nós possuia aquillo. E nenhum de nós tinha o seu ar, os seus modos já precocemente finos e cortezes. Dos pés, correctamente calçados, á cabeça de cheirosos cabellos, refoufinhados e limpos, todo elle era distincção, em contraste com a grenha ou o á escovinha, os sapatos cambaios e os tamancos dos companheiros.

Os mappas estatísticos só de alumnos frequentes na escola de Serapião (era este o nome do professor) recenseavam setenta, por esta epoca, quasi todos filhos de pescadores, carvoeiros ou homens de roça, como por lá chamavam aos que da enchada e fouce tiravam com que se manter. Os de paes abastados, afóra o Raul, eram mais dois apenas: o



Julinho, genuíno typo de menino máo, zanaga e feio, filho de um portuguez com uma cabrocha, e o Cherubim, manhoso e babão, feitiço e mimo da mãe, senhora viuva, a quem passaram por herança quasi todas as terras das vertentes de Matto-grosso. Nenhum destes, porém, nos movia inveja... Nem piquira, nem tracelim de ouro.

Reunidas em aula, não ordenadas ainda pelas classes respectivas, vozêam, travesseando e acotovellando-se em multidão as crianças; tregeiteiam, saltam, agarradas umas ás outras, ás vezes brigando e mordendo-se, como os maribondos negros e ferralhudos que o tecto esburacado faz chover e se espalham e vôam.

Neste entre-meio mestre Serapião entra, acurvado e sêcco, rouquejando a bronchite que o devia matar. Roçar de pés no ladrilho do chão, empurrões; perfilámo-nos todos. Bons dias... bons dias... Serapião adeanta-se, bate carinhoso ao hombro do Raul: — “Como vae o papá?”; senta-se e enceta os trabalhos do dia.

Nove horas da manhã. O acaso, vindo em auxilio do hygiene, deixa que a projecção da luz se faça da esquerda, coando-se por três baixas janellas acortinadas de aranhões, pelas quaes vemos verdear a paizagem, onde pastam bois, entre touceiras de mata-peru's e sarças. Ageitámo-nos para as garabulhas da escripta. Os bancos são altos, sem encôsto, um para oito alumnos, e mal nos supportam, dando a idéa de galhos sêccos, em que se empoleirem bandos de passaros. Em frente está o erudito pedagogo Serapião Maldonado grave, no estrado de pinho, assentado á mesa, de onde, mal encoberta pela ruma de compendios e o bote de Paulo Cordeiro, parece olhar-nos com o unico ôlho cyclopico que lhe abriram no disco, o terror das palminhas de nossas mãos,— uma formidabilissima palmatoria..

E aos primeiros cantos das cigarras, que estridulam fóra nos monjolos e camarás, começamos nós tambem a cantarolar as nossas lições. Somos sessenta ou setenta crianças presentes todos os dias umas da vizinhança, outras de sitios apartados, das margens da lagôa, do Rio-sêcco ou da Madre-silva, e que logo cedo, com a ardosia e os livros debaixo do braço, nos botamos a caminho pelas estradas e restingas,



para que mestre Serapião nos faça homens, arrancando-nos á vadiice e á ignorancia. E elle rara é a vez que de seu espaldar, com o indicador hirto e dogmatico, num gesto largo como a comprehensão de seus deveres officiaes, não procure aportar em nosso espirito, ahí lançando ancora, a convicção que importa sermos instruidos, sermos homens uteis á familia e á patria. E' preciso que nós, os meninos, saibamos que arte nenhuma, nenhum officio, nenhuma profissão pôde dignamente ser exercida sem que o espirito se apetreche e nutra de solidos conhecimentos. Dos meninos uns auxiliam seus paes na pesca, outros no córte das tabu'as para esteiras ou no da lenha para a venda em talhas ou para as covas de carvão; outros ainda que, como o Raul, podem vir a ajudal-os ou substituil-os na inspecção dos serviços de roça ou nos do engenho, em que se mõe a canna e fabrica o assucar; nenhum desses trabalhos, porém, ha-de fazer fructo, se os meninos permanecerem ignorantes, se não souberem lêr, se não vierem á escola a ouvir a palavra do mestre, que é seu pae espirital...

Certo, o nosso professor mirava, assim discorrendo, formar em nós o gosto do estudo; suas palavras, como chaves magicas, procurava levar-nol-as bem fundo, descerrando as portas á nossa attenção consciante. E a attenção accordou em mim e talvez em todos, mas só nos primeiros dias; a pratica, á força de repetida, acabou por trazer-nos enfaro e somno.

Uma feita, era ao fim da aula, mais alguns minutos e soariam as tres horas. Derramava-se a eloquencia do mestre, citando Samuel Smiles, na historia de alguns nomes tornados celebres pela força da vontade e applicação aos estudos. De golpe, porém, eil-o que se interrompe e logo livido se alevanta, com a palmatoria alçada a tremer-lhe á mão. Que teria acontecido, meu Deus? Serapião passou por minha frente, investiu a um banco e com safanão arrancou delle o Dioguinho. Era um rapazelho ruivo, escrofuloso, mirrado e languido; havia pegado do somno e de bôcca aberta resonava, apoiado á parede.

Estalou na sala uma duzia de bôlos. Com isto encerrou-se a aula.

Pobre Dioguinho! lá se foi pela estrada, choramigando, limpando os olhos á manguinha da jaqueta de brim e a examinar as mãos, que cresciam inchadas dos bôlos. Pobresinho! morreu mezes depois, exaustó pela suppuração das escrofulas. Acompanhei-lhe o entêrro, por uma tarde de Agosto, de nuvens altas, bronzeadas pelo sol moribundo.

Serapião, amartellado á formula: *littera sine sanguine non intrant*, tinha dêsses excessos, dava até vêr o sangue es-pirrar das mãos ou das orelhas, que repuxava e torcia. Sua auctoridade, para impôr-se, precisava de alguma cousa mais temerosa que o cenho iracundo e os olhos relampejantes e atrozes, mais ameaçadora que o tom da voz, rispido e imperativo: era-lhe indispensavel bater com a mão ou com o páo. Se Lamartine lhe definisse essa auctoridade como sendo a força executiva da lei moral, ou se Rollin lh'a fizesse ver representada em certo ascendente que obriga ao respeito e fôrça á obediencia, Serapião, não ha duvidar, diria na cara delles que eram uns theoricos e acabaria, talvez por mandal-os ao tabuaes da Mombaça. Sou suspeito para accentuar esta feição antipathica do meu professor: fui dos mais esbordoados. Reconhecendo, entretanto, a justiça das punições, a que elle me não poupou nunca, tenho que não se conciliavam com o seu animo recto as excepções, no tocante a esta parte, abertas sempre em favor de outros collegas, do Raul principalmente. Nem uma censura, a mais simples admonenda coube jamais a este. E a nenhum de nós, em cousa nenhuma, superava o Raul; era de todos o mais obtuso ou tapado, por me valer do qualificativo que lhe applicavamos. E sobre tapado, insubordinado. Vinte vezes o professor surprehendeu-o no jogo das bolinhas de papel, no preparo e tanger das gaitas de folle, nas rabiscas e gatafunhos das caras dos collegas e da propria cara delle, Serapião; mas era como se nada visse, passava adeante, ralhando, vociferando, espalmatoando a torto e direito. Devia haver ahi alguma cousa extra-alcance de nossa observação, que ao Raul protegia, e isso se manifestava não só das expressões mollificadas de carinho com que lhe falava o professor: — “Como vae o papá? — minhas saudações ao papá” — como e principalmente por se constituir o filho do fazen-

deiro a mira exclusiva a que se dirigiam as palavras de Serapião em seus fraldosos arrazoados, ou commentarios ao texto das disciplinas professadas. A cada passo, nessas narcoticas parlandas, o mestre, como deslembado de que tinha em frente para mais de sessenta crianças, todas com igual direito á sciencia que lhe avoejava dos labios, só para o filho de Luiz Duarte se voltava e sorria: — “Como sabe o menino Raul... Para que veja o Raul... Não ignora o nosso querido Raul...”

O programma obrigatorio nas escolas da provincia comprehendia então o ensino da instrucção moral e religiosa, leitura e escripta, noções de grammatica e principios elementares de arithmetica, inclusive o systema legal de pesos e medidas. Inseriam-se, como facultativas, a geographia, a cosmographia, a historia do Brasil e a geometria plana e desenho linear.

Na Mombaça — declaro-o, rendendo homenagem á capacidade do mestre — o programma cumpria-se de alto a baixo, na parte obrigatoria e na facultativa, o que, de accôrdo com dispositivo do regulamento, valeu ao professor ser considerado bom servidor da provincia e ter o nome inscripto no Livro de Honra.

Agora saiba o leitor que, apesar da extensão do programma, Serapião, por exigencia lá do seu methodo, nunca se forrou ao penoso trabalho de levar-nos através do tempo e da historia, em substanciosas dissertações scientificas, a afuroar a nascente das luzes irradiadas do alto de sua cathedra. Ao alumno recém-matriculado, antes de abrir-lhe sobre os joelhos a carta do *a-b-c*, chamava elle e recommendando-lhe a maior attenção, contava como aos phenicios tocava a gloria da invenção do alphabeto; Cadmus levava o alphabeto aos gregos, e não só o alphabeto, senão tambem a arte de escrever; os gregos, colonizando a Italia, transmittiram seu conhecimento aos etruscos; estes por sua vez o passaram aos povos romanos.

E alongava-se por ahi fóra.

Tratava-se da arithmetica? seguia-se tambem a sua historia com as duvidas ou controversias quanto aos que primeiros a exercitaram; segundo Platão, os egypcios; segun-



do Diogenes, igualmente os egypcios; é verdade que os arabes...

A grammaticá... Oh! ao chegar a vez da grammatica! Misero Cherubim! lembram-me aqui este passo: elle attingira aos cimos transcendentos desta disciplina; viera marinhando comnosco, moroso e molle, como uma lesma, e ora ouvia areado estas grandes vozes: Especie humana... Monogenismo... Anthropopithecus... Classificações morphologicas... Monosyllabismo... William Jones, Alfredo Maury... Selecção... Darwin... Osso intra-maxillar... Comprehende o Roul? Macacos... Nos tempos modernos... Philologia, glottologia... Bopp, Max Muller... Grammaticographos... Ora, o Sotero!...

A hora do encerramento da aula soava, mas á bôcca de Serapião as palavras, sabias e apocalypticas, emgrazavam-se umas ás outras, como interminavel cadeia de sonoros fuzis.

—Vamos lá, meu Raul, questionou elle, emfim, abunde-me mais ou menos nas mesmas idéas.

Têso, impertigado, Raul adeantou-se; ciciou de modo que o não ouvimos, algumas palavras, vermelhinho e escorreito. Serapião jubiloso sorria:

— Muito bem! vejo que comprehendeu. E' a flôr da Mombaça. Gráo dez! Venha agora você, João Felix.

Eu approximei-me, disse não sei o que, estrinquei os dedos, tossi.

— Pessimamente. Zero! é irremediavelmente bronco.

Veio a vez do Cherubim. Deploravel Cherubim! mecheu os beiços ensalivados e rôxos, espetou os olhos no tecto. Serapião bramiu: vamos! e casualmente pôz a mão na palmaria. Bastou o gesto. Cherubim despediu um grito, largou o livro, levou a mão á cara e desatou a chorar e a babar-se.

— Retire-se já, senão o escangalho! rouquejou derrancado o mestre.

E foi esta a nossa primeira lição de grammatica.

Serapião, logo ao ser diplomado, accetara a primeira escola que lhe designara a administração; cavalgou animal de aluguel, desmontou na Mombaça e fechou-se em casa com os livros. Entre os de uso didactico, alinhavam-se alguns de

vário saber e eram seus predilectos: Milne Edward, A. Maury, Figuier e P. Gervais.

Compulsava-os attento e cogitabundo, na tristeza e solidão de seu quarto, e acredito que o se lhe abrirem e vasarem sobre nós com tal impeto as reprêzas do saber e eloquencia, era um meio do professor despicar-se connosco do silencio, em que a sós ficava até noite velha no isolamento do casa-
rão escolar. Um sabio.

Hoje que o considero á distancia, a impressão que tenho delle é a que me daria um "papagaio" tangido de vendaval, com a corda rôta e a atirar-se desnorteado pelas alturas. Não de outro modo ia aquelle espirito aos recu'os e arrancos para fóra da escola, rompendo o circulo do officialismo didactico, em busca das eternas luminosas verdades.

Ouçamol-o aqui de passagem, a proposito da geographia, em um dos seus raptos, sobre a genese do nosso planeta.

Scenario estupendo. Estendem-se, sem fenecer nunca, sem praias, sem limites, os mares primitivos. O espirito de Serapião vae levado sobre as aguas. Fez elle vêr, preludiando, os auctores que assignam a vetustade millenaria da Terra; pela mão de Laplace, arrancou esta ao Sol, varejou-a no espaço, destendeu-a em massa gazosa, afundou-a em diluvios, abrasou-a em deflagrações, encrostou-a, á proporção que esfriava; achatou-a nos pólos, bojou-a no equador, arredondou-a num espheroide, e ora ahí vae ella, sujeita á brida da gravitação, descrevendo a sua elypse em tórno do grande astro, centro do systema. Começam de emergir as ilhas, que em breve, centenares de seculos depois, serão continentes; as algas, os fucos vogam, fluctuando aqui, alli, nuncios da proxima vegetação. Mas nas pontas de terra exurgidas observa-se que já não é só o musgo que verdêa e sorri; brota tambem e remeche-se á luz o feto arborescente, a calamita e o equiseto. Não tardarão as palmeiras; se ainda não vieram, é que por ora não ha abelhas que as empõem no ouro sôlto de sua florescia e faltam ao solo e ao ar os elementos indispensaveis á sua seiva. Vae de vagar a Natureza, opéra sem saltos e sem a precipitação no esforço, que é propria do homem. Vê o Raul lá ao fundo dos mares esses animaes grandiosos e extranhos? E' a fauna primordial, a

vida animal nas primeiras manifestações — um capítulo que se escreve para ser talvez mais tarde emendado, se não substituído por outro. Nem tudo é estavel na obra da criação; aquelles crustaceos, por exemplo, trilobites ou que outro nome lhes dêem, como que só vieram a titulo de ensaio; a tribu delles mais para o deante desapparece, como um desenho máo que alguém esboça e depois apaga. Os coraes, estes chegam até nós, começam aqui. *Cyatophyllon turbintum*... Que lindos! não valia realmente a pena creal-os assim e desfazer como inutil joia tão rara do escritorio oceanico. Ahi estão, porém, novas especies, da agua, da terra e agora do ar tambem, do ar respiravel já, temperado tanto quanto é mister ás primeiras vidas. Este monstro? socegue o meu Raul, é um pterodactylo, sorte de giganteo morcego dessas eras de assombro. Olhe que azas enormes! Houve quem o tomasse por um saurus alado. Alli, são insectos, e que insectos! moscas immensas, borboletas descommunaes! Vê agora este animal horrifico, semelhante ao nosso crocodillo? 'E' o paleosaurus. Nomeam-se outros, o ichtyosaurus, o megalosaurus, o ultimo de vinte metros de comprido da cauda á cabeça. Que fauces! dentes anavalhados e formidaveis...

— Raul?

— Professor...

A este ponto notei que o Raul estava quasi a dormir; respondera arrancando-se ás primeiras papoulas do somno, com um pequeno estremecimento. Dos mais companheiros alguns visivel e escandalosamente cabeceavam. Quanto a mim, aguentava-me, embora os olhos já me rolassem vagos e flaccidos. Fazia um calor oppressivo. O sol transpuzera a janella e barrava de ouro a parede alta e pallida. No ar immovel serenavam as moscas. Serapião prosequia; fazendo conta que todos o ouviamos com o melhor de nossa contensão espirital, nessas occasiões só uma ou outra vez cahiam sobre nós os seus olhos; a scena assombrosa levava-os e elle todo era abstracção e impetos. Impetos de admiração e gôso, como agora que bracejam no ar com seus ramos verdes araucarias, platanos e essas virginaes magnolias, primeiras

que desabotoaram na terra e emborcaram, sorrindo ao sol, as urnas de neve.

Cheropotamus, lophiodon, anoploterium, paleoterium... Eis ahí vêm os mammiferos que é já. tempo de apparecerem. Mais um passo sobre os seculos e surgirão outras alimarias, masthodontes, megaterios, o urso, o elephante, a hyena... No mar tambem a fauna avulta e agiganta-se: o *squalus*, de longa serra, o *requiem* voraz... Aquellas moles que ahí vão boiando á mercê das aguas? blocos erraticos. Olhe, meu querido Raul, blocos erraticos...

Aquí, eu, para não adormecer, me puz a repetir mentalmente: blocos erraticos, blocos erraticos...

O mestre proseguia:

— Elles vêm pelo oceano de gêlos, as aguas os carrêam e trazem. Ahí chegam outros e outros... Ora, espere...

— Blocos erraticos... blocos erraticos...

De repente ouvi retumbar um grito:

— Raul! Raul!

Serpião descrevia, com os mil fogos cambiantes, ordenados em leque, uma aurora boreal dos primeiros dias; em sua abstracção, era como se lá estivesse, deslumbrado assistente, ao pé do phenomeno grandioso; á luz maravilhosa, não viu em tórno o amado discipulo; julgou-o talvez submerso no redemoinho das aguas ou arrebatado pelos icebergues phantasticos.

— Meu Raul! meu Raul! repetiu quasi em lagrimas.

A' idéa do tragico successo, o mestre, do horror e esplendor do mundo antigo, cahiu em si mesmo e em sua cadeira de professor da Mombaça. E oh! indignação! toda a aula dormia, de bôcca escancellada e livros por terra. Ergueu-se o professor e, refranzindo tempestuoso o sobrolho, foi nos bicos dos pés, de banco em banco, procedendo a uma verdadeira colheita de orelhas.

— Biltres! — bramava — estar a esbofar-me nestes altos estudos, e vocês a dormirem como uns animaes!

Como por occasião do incidente com o Dioguinho, enceram-se com isto os trabalhos do dia.

Ocioso é dizer que Raul foi o unico a sahir com as mesmas orelhas com que havia entrado.

Ahi ficam estas impressões de alumno que fui da escola da Mombaça, regida por Serapião Esteves Maldonado.

Vá como epilogo:

Daquelle aviario de crianças nenhuma emplumou, que me conste, para os altos vôos do espirito. Dizem-me que o Cherubim é um idiota rico, o Julinho um perverso, não ha muito arrastado aos tribunaes, como principal cabeça num lynchamento que aterrou a população do Rio das Ostras; entre os mais talvez haja virtuosos e bons. Não sei...

Ia-me esquecendo o Raul: continu'a a ser excepção invejavel, o sol do nosso systema desfeito; bacharelou-se, é orador emerito e representa a provincia na Camara dos Deputados. Quanto a mim, mal pude chegar ao que sou: "come-ta" ou caixeiro viajante neste recanto de Minas, sendo certo que todo o apresto util que me forneceu aquella escola e com que sahi a me haver com a vida, foi o talho de minha letra caligraphicamente impeccavel, o conhecimento da moral de Simão de Nantua, e de sciencia, ah! de sciencia! as noções que lá aprendi, vão longe de mim, perdi-as de vista—verdadeiros blocos erraticos...

ALBERTO DE OLIVEIRA



DO ARCHIVO DE JOSÉ DE ALENCAR ⁽¹⁾

LAMARTINE

Monsieur,

J'ai reçu avec une vive reconnaissance les nouvelles si favorables et si inattendues de l'accueil fait par les Brésiliens à mon oeuvre et à mon nom. Je n'avais d'autre titre à leur intérêt que mon respect pour une nation qui a transplanté la Poesie de Camoens, l'honneur du vieux monde, dans le nouveau monde. Le théâtre sur lequel les Portugais du Brésil exercent maintenant leur héroïsme, leur esprit de conquête morale et commerciale et leur génie littéraire est plus vaste et plus magnifiquement décoré par la nature que leur propre patrie européenne. De grandes destinées heureusement commencées les y attendent. Ces destinées leur étaient dues, ils ont ouvert à l'Europe savante et industrielle les portes de l'Inde et de la Chine. C'est à eux maintenant de peupler un autre continent. Un de mes désirs les plus invétérés a été toujours d'aller visiter une fois cet Eden de l'Amérique méridionale qu'on appelle Rio Janeiro. Les vicissitudes de la vie qui me font libre me permettent de me bercer quelquefois de cette espérance. D'après ce que vous m'écrivez, Monsieur, je n'y serais pas seulement un voyageur mais un concitoyen intellectuel de ce peuple de Luzitades. Remerciez-le en mon nom de cette naturalisation par mes oeuvres et continuez à m'y faire des lecteurs. Je n'ai eu qu'un mérite dans ma vie littéraire et politique; j'ai semé sur ma route de l'amitié et je recolte des amis dans tout l'univers.

Paris, 24 mai 1856.

Lamartine

(1) Devemos á gentileza do nosso distincto collaborador sr. Mario de Alencar, os documentos interessantissimos que se vão lêr. N. da R.

“O Brasil”

Governos (federal e estadoaes)
diplomacla, vida social, commercio, industria, riquezas, etc.

Pela Societé de Publicité Sud-Américaine

Monte Domecq' & Cie. - Publicistes Editeurs

PARIS, 101, Boul. Saint Michel—BARCELONA, 291, C Mallorca

Agencia Geral no Brasil: Rua S. Bento, 16-S. Paulo

Endereço Telegr.: MONTEDOMEQ'

A obra mais importante em seu genero, prestigiada officialmente pelos Governos (federal e estadoaes), associações commerciaes, estabelecimentos bancarios, commerciaes e industriaes da União

SUMMARIO DA OBRA

GEOGRAPHIA PHYSICA do Brasil, geologia, hydrographia, orographia, clima, productos naturaes do solo e do sub-solo, fauna e flora, etc., pelo Sr. Dr. Mario de Alencar (da Academia Brasileira de Letras).

FORMAÇÃO ETINICA E HISTORICA — Os indigenas, a descoberta, a occupação portugueza. As lutas pela emancipação. O Imperio. A revolução de 1889. Os Brasileiros de destaque no passado e no presente, na politica, nas sciencias, nas artes e na literatura.

SITUAÇÃO DA FEDERAÇÃO — Orientação da politica republicana. A Constituição Federal e as Constituições Estadoaes. A representação dos Estados no Congresso Nacional. Parlamentarismo e Presidencialismo, pelo Sr. Agenor de Roure, notavel escriptor brasileiro.

OS TRES PODERES — O Presidente e os Ministros da Republica. Suas prerogativas e seus deveres. Poder Legislativo. Modo de eleição e attribuições. O Poder Judiciario. Tribunaes, pelo Sr. Dr. Graccho Cardoso, jurisconsulto de nomeada.

ORGANIZAÇÃO ADMINISTRATIVA — Estados, municipios e autonomia administrativa. Organização politica interna, pelo Sr. Dr. Graccho Cardoso, jurisconsulto.

INSTRUÇÃO PUBLICA — Ensino primario, secundario, superior e profissional. O que o Governo despense para a instrução. Mecanismo da instrução, pelo Sr. Dr. Victor Vianna, Redactor do “Jornal do Commercio”.

A HYGIENE PUBLICA NO BRASIL, pelo Sr. Dr. Humberto Got-tuzo, distincto clinico e higienista e redactor do “Jornal do Commercio”

A CULTURA DO BRASIL — Imprensa. Bellas Artes. Poetas. Prosadores. Scientistas brasileiros, pelo Sr. Dr. Castro Menezes, illustre escriptor, jornalista e Redactor do “Jornal do Commercio”.

A MULHER BRASILEIRA — Pelo brilhante poeta e fecundo pro-sador Barão de Mucio Teixeira, ex-Secretario do Governo do Estado do Espirito Santo e Consul Geral do Brasil nos tempos do Imperio.

AS INSTITUIÇÕES OFFICIAES E A SUA UTILIDADE NO BRASIL — pelo conhecido publicista Dr. Leopoldo Freitas.

O IMPERADOR D. PEDRO II — Pelo grande historjador Barão Homem de Mello, Ministro nos tempos do Imperio.

A LITERATURA REGIONAL GAÚCHA — Pelo joven escriptor Alcides Maya, conhecido romancista e membro da Academia Brasileira de Letras.

A AVIAÇÃO NO BRASIL — Pelo Presidente do Aero-Club Brasileiro e popular Deputado Federal Dr. Mauricio de Lacerda.

O BUTANTAN — Pelo sabio brasileiro Dr. Vital Brasil

RELIGIÕES — O Clero Brasileiro. As Igrejas, pelo Sr. Dr. Pereira da Silva, illustre poeta e jornalista.

A VIDA PARLAMENTAR BRASILEIRA, pelo Sr. Dr. Victor Viana, o maior publicista brasileiro contemporaneo e Redactor do "Jornal do Commercio".

O EXERCITO — Como se constitue. Sua instrucção, tactica, escolas. Effectivo em tempo de paz e guerra. Nomes dos principaes guerreiros e patriotas.

GUARDA NACIONAL — Sua origem: Commando, Regalias. Constituição. Leis, pelo Sr. Dr. C. Tavares Bastos, brilhante e alto funcionario publico.

POLICIAS MILITARIZADAS E ADMINISTRATIVAS — Districto Federal e Estados. Incorporação ao Exercito Nacional. Reservas. Tropas de 1.a linha, pelo Sr. Dr. C. Tavares Bastos, brilhante escriptor.

MARINHA — Efficiencia. Feitos historicos. Seus grandes vultos. Numero de vasos de guerra, Officialidade. Escola Naval. Batalhão Naval. Reservistas navaes e remadores.

A IMPRENSA NO BRASIL, pelo Sr. Dr. Elmano Gomes Cardim, do "Jornal do Commercio", do Archivo Nacional, ex-Director Secretario da Associação Brasileira de Imprensa.

FINANÇAS — Orçamentos. Dividas; interna e externa. Os impostos federaes, estadoaes e municipaes. Orientação da politica financeira. Banco do Brasil e outros estabelecimentos de credito.

OBRAS PUBLICAS — Estradas de rodagem. A ferro-viaria. A Central do Brasil. Canalização de rios. Aproveitamento das quedas de agua. Portos fluviaes e portos maritimos, pelo Sr. Dr. Augusto Ramos, eminente engenheiro e economista.

OS CAPITAES — e a iniciativa estrangeira ao serviço da evolução economica do Brasil.

REFORMA TRIBUTARIA E IMPOSTO TERRITORIAL, pelo Sr. Dr. Luiz Silveira, distincto jornalista e redactor do "Correio Paulistano".

CORREIOS E TELEGRAPHOS — Convenções internacionaes. Collis Posteaux. Serviços de vales. Correspondencia simples, registada e expressa. Mecanismo. Pelo Sr. Dr. Ivo Arruda, publicista, Chefe da Secretaria da Liga da Defesa Nacional.

AGRICULTURA — A acção official: Immigração e colonisação. Engino profissional. A operação da valorização do café. Monocultura e polycultura. Processos de cultura. Machinismo agricola. Principaes productos. Produção actual e produção possível. Consumo. Exportação. A mão de obra agricola. O credito agricola. Escolas praticas de agricultura, pelo Sr. Dr. Castro Menezes, Director 2.o Secretario da Sociedade Nacional de Agricultura, Secretario Geral da Associação Commercial do Rio de Janeiro, Redactor do "Jornal do Commercio".

PECUARIA — Raças. Methodos de criação. Mestiçagens. Frigoríficos, pelo Sr. Dr. Castro Menezes, Director 2.o Secretario da Sociedade Nacional de Agricultura, Secretario Geral da Associação Commercial do Rio de Janeiro.

COMMERCIO — A politica economica. Direitos de importação e exportação. Impostos. Commercio atacadista. Praxes. Creditos. Productos importaveis. Exportação. Seguros. Fretes. Commercio de varejo. O cooperativismo operario, pelo Sr. Dr. Léo d'Afonseca Junior, illustre Director da Estatistica Commercial do Ministério da Fazenda.

INDUSTRIA — Orientação. Utilização das materias primas nacionaes. Materias primas importadas. Mecanismo industrial. O capital industrial. Carvão de pedra: hulha branca, pelo Dr. Costa Pinto, Director Secretario, Geral do Centro Industrial do Brasil.

RELACÕES EXTERIORES — Diplomacia. Consulados. Organização. Vultos historicos. A acção de Rio Branco. Seus successores. A Chancelaria em face do conflicto europeu. A sua attitude, pelo Dr. Hello Lobo, Secretario da Presidencia da Republica.

RIQUEZAS DO BRASIL — Explanação geral e discriminada.

O TURISMO NO BRASIL — Bellezas naturaes do Rio de Janeiro. Passelos mais preferidos. Nos Estados. Os saltos, O Iguassu', etc., pelo Sr. Humberto de Campos, festejado poeta e jornalista e redactor do "O Imparcial".

**Representante geral no Rio de Janeiro,
JOSÉ COELHO**

HOTEL DOS ESTRANGEIROS

OCTAVIANO

Juca,

Ha muito que não escreves tão bonito desde o principio até o fim como hoje; mesmo muito bonito. E para quem sabe do teu intimo, — muito bem trabalhado!

Lê o que o Firmino diz de ti e o que te escreve. Ha juiz mais competente do que eu.

Teu

F. O.

Nossa viagem fica para amanhã impreterivelmente. Vem cá e vamos juntos. Vem hoje jantar connosco, porque Eponina quer pôr as culpas em mim.

BOCAYUVA

Alencar,

Tendo tido, infelizmente, impedimentos reaes para dar-te uma prova da consideração que me mereces, acompanhando-te de presença como de longe te acompanhei no justo sentimento que te veiu amargar, espero que de ti e de tua familia obterá esta carta o indulto que te mereço.

Nem pela falta da formalidade tens o direito de suppor que não sube eu aquilatar em ti a maior dôr de que sejamos susceptíveis e de que eu proprio já experimentei o espinho.

Participando-te que me acho hoje na redacção do nosso antigo "Diario" aproveito a occasião para offerecer-te seu prestimo de que não terás de certo occasião de precisar.

Fui assistir á representação do drama que se executou hontem no Gymnasio e que sei ser teu. Tudo o que posso dizer-te acerca d'elle é que o considero a melhor das tuas obras, conhecidas e por conhecer. Tolera esta hypothese. Só quem tem da mãe, poderia escrever um poema desses. E' um milagre de inspiração, principalmente attentando-se na condição do typo proeminente da peça.

Adeus; desculpa-me e dispõe de mim como de um antigo

Collega e amigo
teu

S. C. 25 de Março 1860.

Q. Bocayuva

GONÇALVES DIAS

Am.º e Sr. Alencar.

Desculpe-me de lhe escrever apenas duas linhas: levantei-me de uma enfermidade, que me deixou prostrado, e ainda me sinto mal convalescido.

Remetto-lhe a poesia que me pede, feita ás carreiras, e quando já me achava enfermo. Sinto sómente que ella se deva a um motivo, que tanto desgosto lhe terá causado. Perdi meu pai; ainda creança, deixou-me esse acontecimento uma impressão tal que me faz bem comprehender o que será tal golpe para aquelles que, por desgraça, melhor podem avallar quanto perderam.

Acceite os meus sinceros pezames, e acredite-me

De V. Exa.

muito affelçoado amigo e admirador

A. Gonçalves Dias

Ceará, 27 de Junho de 1860.

CASTRO ALVES

Exmo. Am.º Sr. Conselheiro.

Escrevo a V. Exa. para manifestar o meu reconhecimento pela magnifica apresentação do meu pequeno trabalho. V. Exa. é grande, por consequencia tem a prodigalidade de um millionario de glorias.

Mas para que dizer palavras? A' — carta — de V. Exa., áquelle diploma literario eu só posso responder de uma maneira digna de mim e do meu illustre mestre, é fazendo com que um dia, á força de trabalho, possa ser realizada, senão todas, ao menos parte das prophcias benevolas de V. Exa.

Trabalhar é o meio que empregarei para ser digno do meu illustre Mestre.

E agora tenho a pedir-lhe perdão de não ter ido receber pessoalmente as ordens de V. Exa. Repellido pelo theatro do Furtado, mas depois de capciosas delongas, luctando depois para a publicação do meu drama, tive os dias uns após outros de tal sorte occupados de "nada" que não pude receber a honra de ir cumprimentar a V. Exa.

Entretanto peço a V. Exa. que acceite as minhas despedidas, e apresente as minhas considerações á Exma. Familia.

Agora permitta-me V. Exa. que me assigne com toda effusão d'alma

De V. Exa. muito amigo, muito admirador, muito agradecido

Castro Alves

(Num exemplar das Espumas fluctuantes)

Exmo. Sr. Conselheiro.

Outro fôra o livro que eu quizera offerecer a V. Exa. Seria a florescencia de um espirito que não desmentisse o prognostico de

futuro que fez-me V. Exa. Se o sopro do Infortunio matou a selva que por acaso vigorava-me o estro, não gelou no seio o sentimento de gratidão que me prende ao meu Ilustre Mestre e Amigo.

Ao primeiro litterato Brasileiro, eu entrego chelo de alegria o meu trabalho porque sei que o receberão mãos de amigo e benevolencias de um talento soberano.

V. Exa. sabe com que prazer eu me declaro sempre, sr. Conselheiro,

Muito amigo, muito admirador

Castro Alves

JOAQUIM SERRA

Exmo. amigo.

Li os fragmentos e confesso-lhe que esperava aquillo mesmo. A pintura do Amazonas e da floresta virgem abalaram-me. Não sei e nem devo importunal-o com banalidades encomiasticas.

Precisavamos de alguma cousa nacional e grandiosa que nos rehabilitasse depois dos "Tamoyos" e "Colombo". Em boa hora apparecem os "Filhos de Tupan."

Amanhã sahirão os trechos em folhetim. Posso mandar-lhe as provas hoje ás 5 horas da tarde? Onde?

Como deixou-me liberdade na escolha das varlantes adoptei as que sahirão impressas. As notas não julgo indispensaveis na publicação do jornal, sendo aliás boas como commentario e elucidario quando sahir o livro. Se, porém, quer que as imprima, fal-o-hel.

Até sempre. Felicita-o quem é com estima

Amigo, collega e admirador

J. Serra

S. C., Junho 18, 1872.

LUIZ GUIMARÃES JUNIOR

Meu Ilustre mestre e amigo,

Não é só V. Exa., primeiro vulto da nossa litteratura, que sofre o ataque brutal dos Clincnatos e dos Sempronios. Faltava á minha gloria essa semelhança com V. Exa., e os "Nocturnos", os pobres "Nocturnos", estão quasi a assumir para mim a posição de um purgatorio litterario.

A grande Imprensa disse lindissimas cousas a respeito do meu livro, fez mais do que poderla desejar a minha infantil ambição de pal estreante. Os meus inimigos, porém, baixos e traidores, começam agora a sua impla obra de destruição; alnda ultimamente sahiram artigos em jornaes de pouca circulação é verdade, mas il-

dos, em que os "Nocturnos" soffreram como se diz — bordoadade cégo.

Sabe V. Exa., meu querido mestre, que entre nós a critica torpe encontra mais echo do que o louvor justo e a circumspecta analyse. Els o motivo por que um escriptor novel como eu deve arrecelar-se dos ataques desses beocios das lettras, que estão enxovalhando a Athenas de J. de Alencar.

Animo-me a pedir-lhe um favor: duas linhas acerca dos "Nocturnos".

Tremo de enlelo dirigindo-me ainda uma vez á sua inexgotavel bondade; mas (é forçoso dizel-o) só a autoridade de V. Exa. poderá escudar o meu livro aos botes da selvageria.

Já lhe devo muito, já lhe devo tudo, e mais do que tudo; os "Nocturnos" sem a introdução talvez passassem despercebidos. Mas o quer V. Exa.? Recorro com crescente segurança ao generoso espirito que de ha muito admiro e venero, certo de que a urna de suas inspirações e de seu coração grandioso, mais de uma vez ainda perfumará a minha vida.

Não se constranja, porém; havendo motivo para não acceder ao meu pedido, rogo-lhe que esqueça esta carta.

Eu sempre serei o entusiasta admrlador do primeiro nome das lettras brasileiras, e quando me quero consolar das visagens horrendas que por vezes me accomettem na sombra, lembro-me das figuras angelicas de Bertha, de Cecy e de Alice, — e consolo-me.

Permitta-me que me assigne com o maior respeito

De V. Exa.

amigo, creado e discipulo obscuro

Luiz Guimarães Junior

Rio, 14 de Abril de 1872.

Londres, 22 de Setembro de 1874

Meu caro mestre e amigo,

Acabo de passar pelos olhos a collecção dos folhetins *Ao correr da penna*; amanhã com vagar os lerei. Desde já, porém, peço-lhe que accelte os meus agradecimentos por este novo raio de sol, que me mandou a sua intelligencia, o seu coração, o seu espirito. Eu não tenho expressões capazes de significarem o sentimento de orgulho e de desvanecimento que me causam as victorias litterarias de V. Exa., primeiro entre os primeiros, e portanto grande do Imperio, digno segundo as velhas e soberanas formulaes, de conservar o chapéo na cabeça, perante a magestade do throno e das leis.

O espirito que schtilla nessas fugitivas paginás do livro *Ao correr da penna* é (bem se vê) do mesmo foco, d'onde sahe a luz que enche o talento e a fama litteraria de V. Exa.



Desculpe estas toscas linhas, escriptas no meio de um nevoeiro londrino triste, pesado, britannico, "encarbonado". A sua Musa, porém, meu caro Mestre, tem o poder de transformar, como a contadora das Mil e uma noites, as horas do meu aborrecimento em mezes de flores e symphonias.

Adeus. Receba deste exilado coração os maiores e melhores sentimentos com que sou

De V. Exa. discipulo e amigo certo,

Luiz Guimarães Junior

BENALCANFOR

Illmo. Exmo. Sr.

Emquanto não posso ter a honra de apresentar de viva voz a V. Exa. o tributo do meu respeito e da minha antiga admiração por uma das glorias da litteratura e da tribuna brasileiras de que V. Exa. é uma brilhante personificação, dirijo por esta forma a V. Exa. os meus parabens pela sua feliz chegada, que é para todos nós um prazer e uma honra, pedindo desde já licença a V. Exa. para lhe fazer a minha visita.

Creia V. Exa. que tenho a honra de ser com a mais elevada consideração

De V. Exa. muito attento ven.º e admirador

Visconde de Benalcanfor

Cascaes, 20 de Setembro de 1876.

GOMES DE CASTRO

Maranhão, 20 de Outubro de 1877

Exmo. Amigo e Sr. Conselheiro,

O Paiz, o melhor jornal desta provincia, propriedade do sr. Themistocles Aranha, cunhado do nosso amigo Dr. H. Graça, publicou em seu numero de 15 do corrente o artigo edictorial, que junto remetto. Espero que outros appareçam no mesmo sentido, e terei o cuidado de enviar-lh'os, para que veja o conceito em que nós temos o autor do Guarany etc.

Tenha sempre saúde, e disponha do seu

Amigo e servo obr.º

A. O. Gomes de Castro

Dê-me noticias da nossa conspiração.

A CONCEPÇÃO FEDERAL DE ALBERTO TORRES

(CONCLUSÃO)

Uma matéria da qual Alberto Torres também não descurou foi da autonomia municipal.

O artigo 80 do projecto revisionista, assim se insereve: "as províncias autonomas organisar-se-ão de fôrma que fique assegurada a autonomia dos municípios em tudo quanto respeite ao seu peculiar interesse."

O artigo 68 da Constituição vigente exprime-se da mesma fôrma, differindo apenas a palavra — Estados — substituída no projecto pela expressão — províncias autonomas.

Parece não ter havido no modo de legislar sobre os municípios a menor differença, eomtudo a reforma foi radical.

A Constituição vigente perpetuou no artigo 68 dois erros graves: um de direito e outro de facto. O de direito consistiu em impôr aos Estados a autonomia municipal, o de facto em não haver remediado o erro regulamentando o proprio artigo.

Federação é um regimen em que passam para o numero das prerogativas da União apenas aquellas que por qualquer fôrma se tornem indispensaveis á permanencia da unidade politica e social, cabendo aos Estados as demais attribuições; mas neste caso a autonomia dos municípios que nada tem a ver com a unidade do paiz, não deve absolutamente ser objecto de cogitação das constituições federaes.

Não obstante, admittamos que tivesse havido necessidade de violar a semelhante respeito, as regras do regimen federativo, tal como quando foi retirada aos Estados a faculdade de legislar sobre direito substantivo e de organizar o culto official; mas se a hypothese de uma necessidade desta especie fosse admissivel, ali mesmo é que estaria o erro de facto porque, uma vez que a Constituinte reconhecia



a necessidade de violar as alludidas regras, fizesse-o logo com discernimento, declarando o que entendia por autonomia municipal.

Autonomia é aquella porção de direitos de ordem politica limitada pelos essenciaes ao exercicio do governo soberano, comtudo se faell é caracterisal-a como espolio dum Estado numa Federação, o contrario é o que se dá relativamente aos municipios cuja autonomia é definida pelas mais variadas fieções juridicas.

No projecto Alberto Torres já não existe o mesmo erro verificado na Constituição vigente, porquanto a fronteira entre as prerogativas das provincias e as da União é estabelecida de maneira que deixa a ultima numa latitude muito consideravel, o que finalmente redundaria em autorisal-a a regulamentar em qualquer tempo a autonomia municipal.

Um ponto da actual Constituição em que o jurista absolutamente não tocou, no que allás estamos de perfeito accôrdo, foi no presidencialismo.

Dizem estadistas da maior responsabilidade e experiencia que, sendo a Republica o governo do povo pelo povo, deve ser consequentemente, para não mentir a si propria, parlamentar. Apesar do respeito e acatamento que nos possam merecer tão altas personalidades, opinamos que uma Republica parlamentar é apenas, como acima dizlamos, Republica demals. Neste regimen, a figura imprescindivel, é um chefe do poder executivo do maior criterio. Sobre tal chefe o Parlamento age moralmente, sustentando-o e abalando-lhe o gabinete, mas por outro lado elle dá a este ultimo o destino que entende, agindo para isso discrecionalmente. O chefe do poder executivo julga de facto, em consciencia, da moralidade, da capacidade e até da popularidade do Ministerio. A tel lhe faeuca dissolver Camaras, conservar ou demittir ministros, o que redundaria afinal em fazel-o dictador, se fôr um homem de vontade, e figura de prôa duma dictadura parlamentar, se, como quasi sempre acontece, aquelle attributo lhe carecer.

E' possivel, convenhamos, uma corrigenda, limitando-se os casos de dissolução de Camaras e demissão de ministros, mas uma reforma desta especie não é nem mais nem menos do que sujeitar um chefe de Estado aos effeitos de qualquer conspiração dos parlamentares, sancionando assim o que no parlamentarismo puro é uma possibilidade commum mas, em todo o caso, apenas uma possibilidade.

De maneira que, ou se transforma o parlamentarismo puro numa disfargada dictadura de Congressos, ou se couserva em toda a essencia deixando ao chefe do poder executivo uma acção real e outra moral aos Parlametos. No primeiro caso está um desastre, no segundo uma doce esperança, dependendo do criterio do chefe do poder.

Quem entra nos bastidores do parlamentarismo ingieiz, sente-se logo ás escuras ante a falta de leis e regras juridicas relativas ao

regimen. E' muito commum existir uma porção de principios de direito publico de verdadeira importancia, baseados em puro uso. Mas a explicação destes factos é que lá o parlamentarismo é o regimen da opinião, duma opinião porém, muito educada, experimentada e conservadora, de maneira que o Parlamento que a reflete e que tal como ella se apoia sobre a aristocraçia, é muito senhor de si, muito altivo mas ao mesmo tempo muito frio, seguindo-se pelos usos invariaveis da opinião e agindo sempre com relativo acerto.

Lá o Parlamento é mais soberano do que o rei, mas nos paizes como o nosso, sem a necessaria experiencia politica, que é tudo num tal regimen, a interpretação a dar-lhe ha de ser bem diversa da ingleza. Entre nós o parlamentarismo deve ser apenas um regimen em que o gabinete é fiscalizado directamente pelo Congresso, estabelecendo-se dahi uma especie de inquerito politico donde o chefe de Estado tira as suas conclusões e em seguida dissolve as Camaras, conserva ou demitte o Ministerio, conforme julga mais acertado.

Nas monarchias o parlamentarismo é o unico regimen conveniente, porquanto a paixão partidaria do chefe de Estado, o seu maior obstaculo nas Republicas, mais raramente ahi se accomoda, é, além disso todo o aparato de respeito, quicá exaggerado e nocivo em suas consequencias moraes e praticas, se quebra ante um ambiente em que a politica faz-se á escancara, com exposições de programmas e debates impertinentes.

No Brasil pois, o parlamentarismo que nos convém, o unico que se pôde accomodar a nós, depende acima de tudo do criterio do chefe da nação, e, se o prégamos como antidoto ás más presidencias, so-nhamos apenas com utopias.

Assumpto inseparavel de qualquer regimen politico, a questão religiosa não foi esquecida por Alberto Torres. O artigo 3 do projecto de reforma constitucional esclarece de maneira mais categorica a separação entre a Igreja e o Estado. O jurista pretendeu retirar ao artigo 11 § 2 da Constituição vigente, toda a elasticidade que lhe pudesse advir. Não ha nesta mudança de redacção um acto verdadeiramente necessario.

A separação entre a Igreja e o Estado não foi absolutamente democratica, (apesar de ter vindo á luz numa época em que tanto se falou de democracia), porquanto no Brasil a minoria que não é catholica, na quasi totalidade, é indifferente em materia religiosa, e precisa alguém, por via de regra, ter uma reputação muito consolidada para, sem se arriscar ao ridiculo, seguir outro culto qualquer. Não foi equidosa, porquanto o Estado pôz para trás um alliado tradicionalmente fiel, por isso que se tornou desde os tempos coloniaes, o latego da oppressão, a ponto de fazer do publico a mais velha tribuna reacconaria, e que além de tudo se ha collocado ao lado da patria e da sua unidade e independencia nas emmergencias de



maior perigo. Não foi uma aspiração nacional, porquanto o que intimamente vinha sendo agitado como medida necessaria, desde as épocas mais remotas, eram apenas a secularisação dos cemiterios, o casamento civil e outras reformas affins; além do que o catholicismo se achou sempre tão profundamente vinculado á historia do Brasil que desde a Inconfidencia até a Confederação do Equador e desta até o 7 de Setembro, o plano do symbolo catholico na bandeira, sempre em evidência, velu a ter a sua consagração no mais glorioso momento historico. Não foi um passo á frente, porquanto paizes tão ou mais cultos do que o Brasil ainda conservam a religião official.

Finalmente, a separação entre a Igreja e o Estado foi uma cópia inepta da lei identica americana porque lá, onde as figuras de maior relevo tinham communmente os dois testamentos em suas bibliothecas e ás vezes só estes livros, e onde até, segundo um escriptor illustre, trouxeram ellas para a Constituinte as inspirações da Constituição hebraica, ao envez do que aqui se deu, o culto official seria irrealisavel á vista da variedade de seitas existentes, o que aliás não obistou que alguns Estados houvessem estabelecido que nenhum athéu fosse capaz de occupar qualquer cargo estadual.

Verdade é que o artigo 11 § 2 foi obra do nosso maior constitucionalista que, havendo percebido claramente o esforço de certa corrente philosophica em conseguir para os Estados a liberdade de amparar a religião que lhes approovesse, comprehendeu bem de que se tratava e redigiu, evitando o mal, o referido artigo. Todavia, apesar de não haver na reforma de Alberto Torres, os perigos evitados no artigo 11 § 2 da Constituição vigente, preferimos, dada a hypothese de continuar a separação, a permanencia deste artigo, tal qual se acha redigido, com toda a sua elasticidade interpretativa.

Se é da essencia dos legítimos regimens federativos, que fiquem na alçada da União apenas as attribuições que directa ou indirectamente se tornem impreseindivels á unidade politica e social, passando aos Estados todas as demais, inclusivé a que se refere á materia religiosa, força é então convir que, ainda desta vez Alberto Torres não se desviou da sua maneira de adoptar a federação ao Brasil, pois, não favorecendo o culto official da União, não insinuou tão pouco que os Estados o decretassem, dando por isso mesmo ao regimen um feyto homogéneo, nacional e unificador.

Se não concordamos, portanto, com a nova redacção do artigo em projecto, permanecemos na melhor solidariedade no modo de apresentar a federação.

O artigo 16 do projecto revisionista de Alberto Torres é uma curiosissima innovação: passam a ser orgãos da soberania nacional, o poder legislativo, o executivo, o judicial e o coordenador, todos harmonicos e independentes entre si. Antes de mais nada, seja-nos

permittedo disereteare em torno da harmonia e independencia dos tres orgams actuaes.

Temos ouvido a um philosopho que se presa de illustrado e que, duma maneira geral, o é, affirmar com a maior serenidade de espirito que, se os tres orgams actuaes são independentes, não se comprehende que um "veredictum" do judiciario federal obrigue aos demais poderes.

A resposta é mais clara do que a agua. A independencia alludida quer tão sómente dizer que um poder legisla, outro executa e o terceiro julga. Ha pois, uma differenciação de funcões que a lingua-gem classica dos primeiros tratadistas denominou independencia; e tanto isto é verdade que a theoria da independencia dos tres orgams foi e, salvo mediante uma innovação juridica, será, sempre acompanhada da harmonia.

Quando Hamilton, esforçando-se em arrastar o Congresso de Nova York á adopção da carta federal americana, escreveu aquellos geniaes artigos de imprensa que, consolidados mais tarde, tornaram-se uma obra prima do direito publico, explicou tambem com uma transparencia verdadeiramente crystallina, o sentido da harmonia, apesar de independencia dos tres orgams soberanos. Para o jornalista insigne, podendo o judiciario federal julgar inconstitucionaes as leis do Parlamento ou os decretos do executivo, ainda assim não criava nenhuma desarmonia ou prepouderancia sobre os demais orgams, pois tratava-se dum tribunal que não dispunha da espada, nem lidava directamente com o Thesouro. E se por ventura, continuava, fosse concebivel a hypothese do mesmo tribunal voltar-se indignamente contra os interesses da nação, outra idéa immediata teria logar, a falta de fé na justiça e a transferencia ao legislativo de todas as attribuições da Suprema Côte.

Além das circumstâncias mencionadas, é digno de nota que não tendo o judiciario o direito de iniciativa, nem podendo figurar como orgam de consulta, senão como julz que opina e fórma jurisprudencia sobre o processo que lhe é offerecido, estende por isso mesmo em torno de si uma cadeia de restricções, capaz de contrabalançar toda a sua imaginaria preponderancia.

Todavia, se uma tal preponderancia assim devesse legitimamente ser chamada, não seria comtudo motivo de pãsmo, ante a hegemonia aiuda mais accentuada dos Congressos em regimens que nelles assentam.

No regimen presidencial que é o que mais se accomoda ao federativo, e ás suas primeiras gradações, a lei constitucional, dada a estabilidade do regimen e a importancia das prerogativas dos Estados, tem um caracter de rigidez sempre muito accentuada; dahi existir um poder encarregado da missão de velar, na ultima escala da infalibilidade juridica, peia guarda da lei alludida. Assim pois, o

judiciário, o órgão imparcial, por sua natureza e seu fim, é o mais alto, encarregado da referida guarda.

Nos regimens parlamentares já o caso é diverso. Num regimen plastico dynamico, por assim dizer, feito para evitar os conflictos com a opinião publica, não deve haver á frente do gabinete um obstaculo qualquer; ahí as constituições tem que ser tambem plasticas, accomodando-se a todas as necessidades do momento, e este aspecto é por tal fórma inseparavel do regimen, que na Inglaterra, a sua grande criadora, não se conhece Constituição, ou antes, se esta existe, compõe-se apenas de um artigo, sem paragrapho, onde se lê: — o Parlamento faz o que quer.

No primeiro caso o regimen é estatico, as constituições são rígidas e por isso mesmo, só um poder como o judiciário, por sua natureza e fim, cercado de restrições e desviado dos conluos partidários, deve ficar encarregado da guarda da lei constitucional.

No segundo porém, trata-se dum regimen plastico-dynamico em que a opinião publica age com energia e, onde portanto a Constituição é guardada e até mesmo modificada violentamente pelos Parlamantos, representantes da alludida opinião.

Póde-se então dizer que em ámbos os regimens aquelles dois poderes exercem verdadeiras funcções tutelares sobre os destinos do paiz: num, guarda-se a ordem jurídica ou constitucional, noutro a parlamentar ou política.

Com um pouco mais de esforço interpretativo ainda é facil concluir que esse dois órgãos, soberanos exercem as funcções moderadoras ou equilibradoras, inseparaveis de todo e qualquer regimen, por mais caprichoso que venha a ser. E, já que incidentalmente vimos chegar a tal ponto, digamos logo que o chamado poder moderador, exercido no regimen passado pelo monarcha, cahiu da moda apenas na denominação, no detentor e na especie de attribuições, pois encerra, apesar de tudo, uma profunda verdade.

Em todo e qualquer systema político ha sempre a necessidade de uma quanta somma de arbitrio em bem de todos, residindo ora em maior, ora em menor escala, ora num, ora noutro poder.

Alberto Torres, havendo ideado um regimen presidencial federativo "sui generis", com alguma coisa da plasticidade do parlamentarismo e umas quantas transações com a centralisação, retirou do judiciário aquellas prerogativas, por assim dizer moderadoras, decorrentes da Constituição actual e transferiu-as a um poder de nome mais suggestivo e attribuições mais francas e explicitas. O jurista, criando um poder coordenador por excellencia das peças e idéas fundamentais da Constituição futura, revelou de uma maneira pouco vulgar toda a largueza e virilidade do seu espirito.

No regimen decahido, a chamada geração da velha guarda conservadora, entendia que as attribuições de caracter moderador de-

viam permanecer na corôa, independentemente da referenda dos ministros; emquanto que o partido liberal queria vel-as transferidas para o poder executivo, ou antes para o Ministerio, apoiado sobre o Congresso, tal como se dá na Inglaterra onde allás, diga-se de passagem, este assenta na aristocracia.

No regimen actual ha os que resolvem apressada e levianamente a questão, propondo a dictadura do executivo, com o açambareamento de todos os demais poderes; ha ainda os que entendem que semelhantes funcções, embora por fórma muito vaga, devem eaber ao judiciario federal e até mesmo ao Senado; e finalmente em ultimo logar, vem os pregoeiros da autonomia a mais ampla, do suffragio universal, da electividade até onde fôr possível, da liberdade, do progresso e da revolução... Ou estes ultimos, que nada resolvem, ou Alberto Torres, que se propõe a resolver quasi tudo, erlando um quarto poder, que mais eoordena do que modera.

São Innumeras as attribuições do poder eoordenedor: umas, de earacter tutelar, onde zela constante sobre os destinos do paiz; outras, que se ligam a toda a politica nacional, como a de apurar a eleição do presidente da Republica; e outras, emfim, muito assemelhadas ás do Supremo Tribunal Federal, embora bem accrescidas e amparadas do direito de inelativa que aquelle não tem. Da ultima especie eltaremos: 1.º, o direito de autorisar a intervenção, na fórma do artigo 6.º; 2.º, o de resolver os conflitos dos poderes federaes, provinciaes e municipaes, entre si, as questões de duplicata, etc.; 3.º, o de declarar, á vista do requerimento ou ex-officio, a inconstitucionalidade das leis federaes, provinelaes ou municipaes. Ora, por ahi vê-se que as tres ultimas especies de attribuições teria o Supremo Tribunal vigente, se lhe não fallessem o dreito de inelativa ou de agir ex-officio e a competenela para conhecer da materia politica que elle mesmo distingue e aparta da sua alçada.

Refletamos um poueo sobre a oportunidade de taes prerogativas.

Ha nas attribuições implicitas do Supremo Tribunal uma que não deixa de ser perigosa; referimo-nos á solução dos chamados casos politicos.

Ha duas especies de casos desta natureza: uns, apesar de ligados a interesses de ordem politico-partidaria, resolvem-se ante a simples inspecção da lei, como seja a solução de uma duplicata de governos estaduaes que por sua vez se prenda á de uma duplicata de assembleas, que finalmente é apurada depois de verificado qual dellas se organisou perante uma mesa constituida de accordo com a legislação em vigor; os outros não se resolvem ante a simples inspecção juridica por isso que, dada a sua natureza, devem ser apreciados por juizes de facto, como seja, por exemplo, a apuração de votos de um deputado ou senador. Os primeiros só tem de politico o interesse que des-

pertam nos partidos; os segundos tudo, desde a sympathia partidaria até a impossibilidade de se resolverem por outros juizes que não sejam os de facto.

Ora, se ao Supremo Tribunal cabe distinguir um caso juridico dum politico, apartando da sua açãda o segundo, parece razoavel que se lhe deve retirar até mesmo a competencia para conhecer da primeira especie de casos, dada a sua profunda expressão partidaria. Todavia bem contrario é o nosso modo de vêr, pois, desde que um processo é de caracter juridico, será com certeza melhor julgado por um tribunal de juizes de direito do que por um de juizes de facto, sobretudo porque ao primeiro falta a inelativo, o que lhe não permite ir ao encontro dos casos, senão esperar que venham ao seu conhecimento pelos tramites legais.

Ha pois um grave defeito na concepção do poder coordenador que é o de ser um coordenador de attribuições politicas e juridicas ou antes um juiz de facto e de direito. Um poder nestas condições ha de ter a um tempo a ponderação de magistrado jungido á tetra fria dos codigos e a de um homem de bom senso que o aparta, se julga necessario. Ora, convenhamos que, para um conselho nestas condições far-se-ão mistér homens excepcionaes que embora existentes, no Brasil só poderão ser achados por um acaso providencial.

Retirem-se-lhe as attribuições que ora cabem ao Supremo Tribunal, faça-se-o um coordenador politico, em vez de politico-juridico, e não seremos nós que vamos nos insurgir contra semelhante eriação, que ficará no Brasil exercendo o papel de um verdadeiro conselho de Estado á moderna, acrescido de funções e com uma missão mais larga.

Se houvesse por acaso Alberto Torres ideado um regimen parlamentar-federativo em que por isso mesmo, de um lado resaltasse a plasticidade politica com a hegemonia dos Congressos e de outro a estabilidade necessaria á permanencia do federalismo, fazendo crescer a importancia do judiciario, é claro que a ordem num tal sistema de governo, a um tempo politica e juridica, parlamentar e judiciaria, só poderia ser guardada por um conselho de duplas funções, por um coordenador politico e juridico. Mas no projecto não ha razão para tal, uma vez que o regimen é presidencial-federativo.

Assim, não deve ahí o conselho nacional guardar outras funções que a de coordenador politico, isto é, auxiliar e conselheiro do Congresso e do Exeecutivo, ficando o Judiciario ineumbido da ordem juridica, unica base possivel do presidencialismo e da federação.

Não ha que temer da entrega para o futuro, ao poder judiciario, da attribuição de julgar irrevogavelmente da legalidade dos actos legislativos ou executivos, em face da Constituição.

A attitude assumida ultimamente pelo Supremo Tribunal a respeito dos chamados casos politicos, longe de provar a inconveniencia

das suas attribuições implleitas, patenteou apenas de parte dos nossos homens de governo, o desprezo e a audacia a mais absoluta em encerrar as leis nacionaes relativas á organização estadual ou federal. Não se houvessem os politicos compeñetrado lamentavelmente da nenhuma importancia civilisadora das leis e dos tribunaes, não houvessem elles criado um ambiente sem moral onde se valla o capricho dos mandões, e o poder judiciario não seria importunado ou, se o fosse, mandarla ao requerente bater a outra porta.

Os vencidos acensavam o tribunal de exercer funcções dictatorias, como se fosse concebivel tal attitude num poder que só age interpretando a lei e que, além do mais, carece de iniciativa; mas nada disso importa, continue o Judiciario federal a apreciar os casos politicos de natureza juridica e, dentro em breve, os cabos eleitoraes amedrontados hão de acatar com maior cuidado a lei, os casos tornar-se-ão raros e a grita ridicula contra a dictadura judiciaria pasará da moda como qualquer canção de carnaval.

Insistindo em adaptar, a seu modo, o federalismo ao Brasil, Alberto Torres aconselha a unidade do direito processual e da justiça, plano allás tão recommendavel que já deixou de ser uma idéa pessoal para ser de toda a gente sensata. Tal reforma só merece bengams, comtudo ainda uma vez lembremos que a unidade da magistratura ao lado da electividade do governador das futuras provincias equivale a fazer funcionarem os tribunaes dentro de hospiteos de loucos furiosos.

Ha nas prerogativas do Supremo Tribunal de Justiça em projecto uma criação que, expressa de outra maneira, virá a ser a mais bella das novidades juridicas que se institulissem no Brasil. Trata-se do "mandado da garantia destinado a fazer consagrar, respeitar, manter-ou restaurar preventivamente os direitos individuaes ou collectivos, publicos ou privados, lesados por actos do poder publico ou de particulares para os quaes não haja outro recurso especial."

Existe ahi um equívoco de redacção que é o "restaurar preventivamente", não obstante, melhor interpretado o pensamento do autor, deverá o mandado ter effieacia antes ou depois de violado o direito.

Cria-se pois um recurso que vem preencher todas as lacunas do "habeas-corpus", medida de garantia de ordem individual e que só, graças a uma sabia e repetida jurisprudencia, tem alargado a sua acção em beneficio de quasi todos os direitos consuecados.

O mandado de garantia, verdadeiro tropheo da nossa litteratura juridica, se é quasi inutil em relação aos direitos privados, já garantidos pelos interdictos e as acções ordinarias em geral, é comtudo, relativamente aos demais direitos, um novo "habeas-corpus" que haja por acaso extendido a sua rede protectora, não só até onde as

ha a jurisprudência de agora, mas ainda até onde quizeramos que o houvesse.

Muito coerente com a idéa geral de fazer do poder coordenador o mais alto interprete da Constituição, aconselha Alberto Torres que, quando o direito lesado fôr de natureza essencialmente politica, só o alludido mandado seja posto em vigor em seguida á audiência daquelle poder.

Do ponto de vista em que vimos de nos collocar, discordamos de tal audiência e antes insistimos em que o poder coordenador seja ouvido apenas como parte, pronunciando depois o Tribunal o seu "veredictum" inviolavel.

No numero das attribuições do poder legislativo criado por Alberto Torres não ha propriamente novidade alguma, todavia outro tanto não succede a respeito da sua constituição. Compõe-se o Senado de 5 senadores elegiveis por todo o paiz, 21 elegiveis por cada uma das provincias e do Districto Federal e mais 37 elegiveis por varios grupos de eleitores nas seguintes condições: 3 pelos sacerdotes do culto catholico, 1 pela Igreja e Apostolado Positivista Brasileiro, 1 pelos sacerdotes e demais confissões religiosas, e afinal outros em varias proporções por diversas classes: magistrados, medicos, advogados, engenheiros, lavradores, operarios urbanos, agricolas, jornalistas, associações de caridade, congregações de academias, etc.

A vista do projecto de organização da futura Camara alta é facil discordar, em parte ao menos, da fórma de o compor, comtudo merece a maior solidariedade a idéa geral ali encarnada de se transformar o actual Senado num outro que represente classes responsaveis, em summa, numa alta Camara patricia.

Se a função dos Senados tem sido e ha de ser sempre a de uma força mais moderada, que contenha os excessos das assembléas populares, das duas uma, ou se o transforma numa Camara verdadeiramente conservadora e patricia, ou então se o elimina, deixando o poder legislativo entregue exclusivamente a uma unica assembléa democratica.

Talvez não haja em todo o mundo culto um chefe de Estado mais poderoso do que o presidente da Republica Americana, nem mais despido de autoridade do que o rei da Inglaterra. Ambos os exemplos, aliás, explicam-se facilmente. No primeiro, o legislativo é fraco, porque assenta sobre um Senado quasi democratico e temporario e no segundo é soberano, porque a Camara popular se apoia sobre a aristocracia dos lords.

Accordamos em absoluto na transformação do Senado actual numa alta Camara patricia, mas, pelo contrario, não somos solidarios com a organização da Camara dos Deputados, composta de 125 membros eleitos por suffragio directo, sendo a metade deste numero eleita

por districtos eleitoraes, um quarto por Estados e um quarto por todo o paiz; porquanto se a razão de ser da dualidade de Camaras é exactamente a coexistencia duma popular ao lado de uma patricia, a primeira não deve representar grupos ou classes cada um de per si, mas os Estados ou a população nacional, em conjunto, além de carcer de maior numero de representantes das tendencias e idéas, espalhados pelo paiz.

Nota-se em toda a obra de Alberto Torres uma idéa em caminho: a selecção do suffragio. Assim, o presidente de Republica que passa a governar 8 annos é escolhido pelos presidentes de provincias, senadores e deputados federaes e estaduais, membros do poder coordenador, do Tribunal de Contas, de toda a magistratura e ministerio publico, professores dos estabelecimentos officiaes de ensino, etc.

Ha neste eleitorado um grave inconveniente que é o voto concedido aos membros do poder coordenador e aos ministros do Supremo Tribunal. Os primeiros que, segundo o projecto, são os apuradores da eleição, não devem votar sob pena de se tornarem juizes e partes no pleito; os segundos tambem não, porque num certamen eleitoral em que são relativamente poucos os votantes, cada ministro passará a constituir uma grande força politica, desviando-se, portanto, do seu verdadeiro ambiente qual o da passivel indiferença partidaria. Feita porém, esta corrigenda, o eleitorado já é aceitavel e sobretudo muito mais limpo do que o repugnante suffragio universal.

Aqui ficamos na apreciação da Republica Federativa de Alberto Torres.

A selecção do suffragio, base de toda a democracia criada por homens de boa fé, um Senado verdadeiramente patricio sem o que a dualidade de Camaras é apenas uma ineptia, um poder coordenador dos principios e fins da lei magna, o federalismo interpretado á luz da idéa culminante de se descentralisar a administração, sem se desarticular a politica, nem se desmembrar uma patria cuja unidade custou o esforço herculeu dos seus estadistas authenticos, e eis em duas linhas o plano synthetico da reforma de Alberto Torres que ha de causar confusão aos pregoeiros da Republica Federativa, feita vehiculo do esphacelamento e da ruina.

Rio de Janeiro.

PORFIRIO SOARES NETTO.

VIDA OCIOSA

XXI

— E' como lhe digo, sô doutor: a linha da divisa passa por esta cova, a vinte braças de um oleo pardo; por aqui vae descendo...

E o dedo do meu jurisdicionado ia descendo por um papel sujo, esboço de mappa, de dobras rustidas de velhice.

— Sim, sim! Já me disse isso; mas não posso, absolutamente, dar opinião; procure um advogado de sua confiança, exponha-lhe o caso...

— ... vae descendo, até esbarrar no córgo do Zé Elias. Aqui faz um bico...

Levantei-me, impaciente, e puz-me a passear agitado pelo escriptorio. Forte maçada! Precisando ir ao Corrego Fundo e aquelle estupor a moer-me a paciencia com a historia infindavel dos seus litigios! Se o não despejei vinte vezes pela janella é que me commovia a humildade paciente com que acolhiã meus phrenesis. Desta vez ainda emudeceu com o papel sujo estendido sobre a perna, á espera.

— Pois vá, vá perguntar a um advogado o que quizer. E olhe, tenho serviço, não posso attender ao sr. toda a vida.

Mau grado estas palavras asperas, meu consulente continuou encrustado na cadeira.

Recomecei meu passear agitado, buscando divertir o pensamento. Sobre a mesa vi, dobrado, o papel azul recebido de manhan. Um doce calor de jubilo filtrou-se-me no

espírito. Senti-me feliz. Mas uns gordos autos de embarcos, que avultavam logo adeante, esfriaram-me consideravelmente a alegria. Diabo! Tanto atrazo no serviço... Os prazos findos rabujavam em minha consciencia lenga-lengas interminaveis, atassalhando-me de remorsos.

Afastei essa vista importuna e voltei-me para o gramophone. Era uma velha machina, preciosa, que, de empréstimo, se desgovernara desoladoramente. Mas o ultimo empréstimo dera-lhe virtudes raras, muito do meu agrado. Mesmo sem disco tocava musicas de Wagner, ricas de estrepito. Desloquei a mola e elle começou. Primeiro foi um roncar surdo de tempestade que cresce; subito desencadearam-se trovões rolantes, de mistura com guinchos inexprimiveis. Em seguida amainou e poz-se a piar e ringir com um accento tão animal, que bulia nas fibras do coração. Foi nesse ponto que bateram palmas á porta.

— Sr. dr., licença para tres! — exclamou uma voz de velha.

— Oh! a boa surpresa! — retruquei correndo ao encontro dos meus amigos do Corrego Fundo.

Era a primeira vez que os via na cidade. Viviam tão comsigo e ilhados na sua pobreza, amavam tanto seus habitos tranquilllos, que a novidade quasi me alarmou.

— Pois aqui estamos! disse o velho Prospero, entrando. E especialmente para ver o doutor.

Recebi-os jubiloso.

—Um homem solteiro morando sósinho num casarão destes! — admirou-se siá Marciana.

Mostrei-lhes a casa, a sala de jantar, a cozinha onde o meu moleque queimava systematicamente o feijão, a horta afundada emervas altas; depois levei-os ao escriptorio onde accendi o fogareiro de alcool.

— O sr. tambem é meio cozinheiro, gracejou siá Marciana.

— E faço questão de que me conheçam a força.

Offereci-lhes cadeiras, onde silenciosamente se sentaram. Notei algo de estranho em meus amigos. Raras phrases proferiam, como se os ganhasse uma grande preoccupação.

pação, e, a miudo trocavam olhares de intelligência que me intrigavam.

Notei ainda que o sr. Prospero vestia a sobrecasaca de grande gala. Mnito deveriam ter-se alarmado as borboletas da minha porteira! Pronunciei algumas palavras para puxar palestra; ellas, porém, congelaram-se no silencio dos tres. Trocaram, a esse ponto, novos olhares significativos.

Então o sr. Prospero levantou-se solenne.

— Americo, me dê os olhos.

Os olhos! Era grave. O velho só os punha em circumstancias excepçionaes.

Ageitou-os atrás das orelhas, e voltando-se de novo para o filho:

— Americo, me dê a caixinha.

Recebeu das mãos do filho um pequeno volume embrulhado em papel de seda e amarrado com uma fitinha; e, voltando-se para mim, começou em voz pausada:

— Sr. doutor, nós temos contas velhas que ajustar. Faz alguns annos que o senhor nos dá o prazer de frequentar o nosso rancho. Lá o recebemos, não como hospede, e sim como filho. No emtanto o senhor — e aqui brandiu o indicador ameaçadoramente — de cada vez que nos visita deixa um pacotinho de pratas, como se lhe cobrassemos o nosso feijão. Nunca nos recusamos a recebê-las, para pol-o mais á vontade; secretamente, porém, conspiramos uma vingança, isto ha mezes, ha annos, esperando que a não levasse a mal.

— Mas... — ia-me eu defendendo.

— O senhor é muito orgulhoso — e o dedo brandiu de novo — muito mesmo, por isso, como não queria o nosso feijão, tambem, orgulhozinho de pobres! não queriamos as suas pratas. E a vingança foi esta: notamos que os seus dedos andavam muito limpos, faltava nelles qualquer coisa. Se tivessemos recursos, far-lhe-íamos um bello presente; não sendo possível, então eu disse á prima: "Vamos juntando as pratas da hospedagem" (senti nas faces o grypho da palavra) e ellas a volveremos sob a forma de um anel. Se não acceitar como devolução, acceitará como

brinde de amigos." E aqui está, sr. doutor Felix, a vingança dos seus piracoaras...

A estas palavras abriu o estojo e estendeu-m'o. Era uma joia bellissima, deitada sobre velludo, tendo no aro as insignias da justiça. No engaste uma grinalda de brilhantes chammejava á roda de sanguineo rubi.

— Que belleza! exclamei, examinando o mimo; a lição foi boa — castigaram-me o orgulho. Mas os senhores estão tambem mareados desse peccado...

— Nós? — e os velhos admiraram-se.

— Decerto. Castigaram-me por não acceitar seu feijão. Precisam de castigo por engeitarem minhas pratas...

— O caso não é o mesmo, protestou Prospero.

— E', sim, atalhei. A minha desforra, porém, será imediata.

Depuz o estojo na mesa e, tomando o papelucho azul, entreguei-o solennemente ao Americo, dizendo:

— Sr. professor, acceite meus cordiaes parabens!

Americo leu — tremeu-lhe a mão, tremeu-lhe o beijo, ficou pallido e sem fala; e subito atirou-se sobre mim, estreitando-me convulsivamente:

— O' sr. doutor... sr. doutor...

Estava um tanto theatral, mas era sincero; mais do que eu, que, em vez de rejubilar com o seu jubilo, divertia-me com a situação que me obrigava a attitudes de quinto acto. Essa coisa tão importante para Americo, para mim pouco significava; pois, crear uma escola rural no Corrego Fundo e nomeal-o professor, não fôra exito em que eu despendesse grande esforço, graças a certas facilidades de occasião e ao influxo de prestantes intermediarios.

Emquanto Prospero arrancava o alviçareiro telegramma das mãos do Americo, tartamudeava este que nunca ou sara esperar que se realisasse um dia o seu sonho secreto. E, lançado em contrastes de sentimentos, ora irradiava, felicissimo, ora turbava-se, duvidoso dos seus proprios meritos, achando a tarefa muito grande para seus hombros frageis.

— Duvida, Americo, duvida bastante, meu amigo—philosophei—que as realidades mais doces são as que saem das duvidas mais amargas.

Inteirados por sua vez da nova, os velhos ficaram uns instantes sem voz, como o Americo; depois, identicamente, tremeram de mãos e labios, e abraçaram-me, e exultaram, e duvidaram — o que me ensinou que os lances da vida são muito parecidos, duas alegrias, pelos modos, assemelhando-se entre si como duas gotas d'agua.

Mas a machina, roncando, annunciou-nos prompto o café. Servi. Bem salgada pareceria a bebida a Prospero, tantas lagrimas nella misturava!

Passamos largo tempo juntos. Prometti ir á fazenda no dia seguinte, para oriental-os sobre as formalidades da nomeação. A' sahida foi um não acabar de mutuos agradecimentos.

Foram-se, por fim.

Tornado ao escriptorio, retomei o estojo e contemplei melancholicamente a joia coruscante de rebrilhos, calculando commigo o quanto de privações e amarguras se condensariam naquella cercadura chispante e naquella gota de sangue vivo mineralizado. Em vez da festiva alegria com que os pobrezinhos contavam, com que aperto de coração eu recebia a sua dadiva!

E considerei a joia, longo tempo, absorto, até que uma voz cava, sahida de algum ponto mysterioso da quadra, veiu despertar-me bruscamente:

— Como lhe dizia, sô doutor, aqui a divisa faz um bico. Ao depois a gente garra córgo abaixo tuda a vida, até o angico do pasto do João Juca...

XXII

Este capitulo é uma excrescencia. A unidade deste trabalho — se é trabalho escrever vadiamente cousas sem sabor e se ha unidade em partes tão desatadas — exigia um ponto ultimo no final do capitulo antecedente, fechando ahi o livro e os bocejos do leitor. Uma falta singularmente

grave, porém, exige reparação neste epilogo. E' que o livro acabou bem (só faltou desfechar em casamento) — remate de detestavel gosto. E essa reparação é que agora pretendo fazer, cosendo aqui uma catastrophe, uma tristeza ou um suspiro, como fecho da estirada lenga-lenga, para que, embora verberando-me o ter escripto mal, se conceda que terminei conforme as boas regras. Poderia, por exemplo, matar os velhos. A fazenda abandonada, ou polluida de novos moradores, a carcomida canoa de peroba varada imprestavel num areal, e como lastimando o dono ausente, seu tripulante de trinta annos; o rio deserto, ao dolente albor do luar, com dois phantasmas brancacentos no ceveiro da fazenda, sentados cotovello contra cotovello, e varas acurvando-se parallelamente ao peso das chumbadas; nevoças mysteriosas fluctuando sobre as aguas, para arreppio e pavor dos barqueiros transnoitados, que nellas adivinhariam o casal extincto — havia ahi materia para muito desenvolvimento e lagrimas que farte. Lagrimas pelo menos minhas; que, se o leitor bocejasse a narrativa incolor pouco communicativa de emoções, eu, escrevendo-a, choraria, soubesse embora que eram fingidos os successos, e que os meus queridos velhos ainda vivem e pescam e evocam o passado em seus intimos serões.

Vivem — deixal-os viver. Não serei eu, quem, mesmo em imaginação, imperdoavel iconoclasta, vá cercear-lhes os dias tranquillos.

Que os deuses lh'os façam brandos e prolongados.

Buscarei, portando ,alhures um desenlace, embora não tenha situações enlaçadas a destramar, repondo entes ou sentimentos extraviados nos logares que lhes assignalasse a affeição do leitor. Notas mal compaginadas como estas são de algumas horas que vivi, é no decurso de minha existencia pouco accidentada, e com a veracidade com que comecei, que devo buscar o epilogo lacrymavel.

Transponhamos uns mezes, dando tempo a que Americo organize sua escola, e militarise e instrua seus pretinhos, todos correctos com o Zé Correcto, dando lustre ao professor e á raça. Continuam ainda em minha mesa, como caveria de burro, os autos de embargos não julgados. A preguiça é



grande e a vida é curta... Por isso vão-se espichando os prazos fataes, mau grado minha fervente vontade de ser um juiz integerrimo, consoante os moldes destes tempos de papelorio. Pena é que as boas intenções não nos suffraguem as almas, nem nos conservem empregos!

Meus remorsos de nada fazer eram d'antes pungitivos; mas, aos poucos, ia-me affazendo a elles, padecendo-os conformadamente. A dizer toda a verdade — por fim já os não sentia, de sorte que começava a considerar a vida uma cousa facil e ideal.

Infelizmente, meus jurisdicionados não stavam similitantemente compostos, tanto que certa manhan acordei assarapantado com um zabumba de pancadaria á porta de casa. Achando aquillo insolito, e de inqualificavel insolencia, enfio ás pressas a roupa, e abro a porta de repellão.

— Quem é que se atreve... — começo e calo-me, pois um grupo minaz empurra-me e invade a saleta num impeto de assalto.

— Que é isso! Ora dá-se! exclamo espantadissimo.

Um cabra farrusco, de chapelão declinado sobre a orelha e enorme garruchão enviezado na guaiaca, atalha-me as interjeições:

— Bico calado e leia!

Passa-me um papel. Era um arrazoado em optima calligraphia, systema vertical, com embrulhados de floreios gothicos, onde se dizia que, considerando minha inepecia, etc., minha desfaçatez, etc., minha contumacia em furtar-me ás injunções do meu cargo, etc.—o fôro, e a cidade e o termo intimavam-me a partir acto continuo para onde quizesse, vilmente bifurcado numa egua magra, e com escolta até ás divisas da circumscripção.

— Estou sciente — disse, devolvendo o memorial ao que parecia o capataz d'aquella horda. — Quando é a partida?

— Já, pois não leu? A geriba está á porta. Toca a montar!

— Mas, co'os diabos! Tenho roupa, livros. Deixem-me emmalar tudo socegradamente.

O maioral plantou-se resolutto á minha frente:

— Quer saber de uma cousa? Pouca prosa e vá rodando!

— Estou prompto, gemi.

E fui saindo, inerte como uma rez sob a agulhada. O resto da malta, nestes entrementes, varejava-me a casa, soccando em saccos tudo que encontrava. Vi um sair—horrente profanação!—sobraçando o meu canudo de bacharel:

A' porta, segura pela arreata, esperava-me a mais anfractuosa figura de quadrupede que se viu, toda em angulos e arestas, peça anatomica instructiva para o estudo do esqueleto cavallar. Tinha um olhar melancolico de ser a quem a existencia pesa, e para quem foi ella um estradão sem termo e um jornadaear cansado. Sympathizei com a alimaria, pela força adhesiva das affinidades de soffrimento.

— E arreios? perguntei circumvagando o olhar, emquanto distrahidamente acariciava uma apóphyse da montaria.

— Vá montando! bramou o capataz, tremebundo.

Diacho! O negocio era mais serio do que figurava, e fertil em complicações. Trepei com difficuldade, e, em cima, ageitei o sacro-cóccyx no intervallo de duas vertebraes.

Vieram os saccos, e um dos algozes explicou:

— Vou amarrar as boccas e atravessar á sua frente, porque vacê, acostumado a viajar com picoá, não extranha.

Disse e fez.

Outro carrasco, o do canudo, trespassou-m'o ás costas com uma embira. Eram ordens.

Terminada esta ultima operação, uma palmada na anca do animal, deu o signal da partida. O cabra do garruchão abria a marcha puxando o cabresto. E fomos andando, com uma lentidão que era uma ultima agonia.

A' parte um bando de moleques, não excederiam meia duzia as pessoas que me acompanhavam. Até á saída eram as ruas longas e povoadas, e, como se poderia prever, não escasseavam espectadores áquelle miserrimo bota-fóra. Nas janellas e portas apinhavam-se cachos de cabeças humanas; cabeças intromettiam-se pelos vãos das cercas, ou espiavam, de queixo sobre as achas, como especadas nellas. Certo momento um rumor grosso de rojão e silvou no alto uma bomba de vaia. Subiram outros rumorosamente, prorompendo em prolongada assuada. Foi o signal. Um magote de moleques surgiu zabumbando em lataria velha, emquanto o sino da cadeia badalejava assanhadamente.

Levamos um seculo a sair da cidade; e na estrada ainda me perseguiu longo espaço o babaréo perverso. O animal manquejava, ameaçando afocinhar a cada passo, como uma rima de ossos mal equilibrados; e, para andar, os esforços do maioral, puxando-o, eram segundados pelos companheiros, que lhe estralavam palmadas nas ancas, ou mettiã o peito contra o traizeiro, forcejando por empurrã-o, como Dione á proã capitanea:

“Põe no madeiro duro o brando peito,
Para detraz a forte não forçando.”

Aqui era para deante.

Nessa toada, devera ser longuissima a viagem.

Jã subiamos o lançante da fazenda do Corrego Fundo. “Com mil raios!” pensei. “Isto vae abalar os velhos.” De longe vi movimento na casa. Uma fita de alumnos (Americo trabalhava do raiar do dia ao sol posto) saiu de uma porta como uma longa serpente, indo todos perfilar-se á orla da estrada, garbosos em seu uniforme novo. Era em minha intenção. Americo, trajando negro, passeava pela estrada febricitante, nervoso. Quando nos defrontamos com a fila, exclamou:

— Fazei continencia, meus filhos!

Num gesto preciso, as mãozinhas puzeram-se em pala, renteando a frente.

— Sr. dr. Felix, começou o mestre, nós... nós...

Mais não disse; levou o lenço ao rosto, e de corrida reen-
trou na fazenda, abafando os soluços.

A’ excepção daquella porta, a casa apresentava-se tumular-
mente fechada. Todas as janellas cerradas. Da chaminé não
espiralava a fumacinha azul, que dava um toque sorridente
de vida a’ ruíneria das paredes descaliçadas. Meus pobres
velhos!

E a reboque e a empurrão a egua ia seguindo. Com o sol
alto chegamos á raia do termo. Ahi os capangas estaciona-
ram, e o capataz, entregando-me o cabresto, disse:

— Você agora pôde tomar o rumo que quizer.

Eu estava livre, afinal. Após um pequeno trajecto olhei
para trás — lá estava o magote, na divisa, a rir diabolica-

mente, guardando o Termo vedado. Um boleado de serra encobriu-o.

Emparceirados no infortunio, iamos melancolicos, eu e a egua. Cansado do mutismo de minha escolta, e sentindo pruridos de dar á tréla, puz-me a conversar com a montaria:

— Má sorte a nossa, creatura! Eu a aguentar-te, tu a aguentar-me... todavia estou de melhor partido, porque vou montado. Antes cavalgante que cavalgado. Afinal, tudo é o destino, como diz um carimbamba do meu conhecimento. O teu, de pesado talvez não o supportes; mas não faz mal! vamos revezando: ora me levas sobre a espinha, ora puxarei o cabresto. Assim vae-se longe. Pena é não nos apressarmos mais, pois tenho sêde, e a baixada é longe. Ora deixa-me descer e andar um pouco, que não te causará o picoá pequeno incommodo... Julgo-o por mim — mais um ponto de contacto — que tambem levo ás costas este canudo, por signal que me séca horriavelmente. Pesa-me como mil arrobas, e amassa-me as costellas de tanto bate-bate. Agradece aos céos o ter-te poupado esta calamidade. Antes o picoá. Vamos barganhar a carga? Estou quasi a alijar fóra este objecto inutil...

Apeei, tornei a montar, tornei a apeiar e assim prosegua. Exhortava a geriba a que dêsse mais ás tibias, que a seccura apertava. Afinal attingimos um correjo; mas a ribanceira alta difficultava-me o beber.

— Ora, ora! monologuei. Eis-me, novo Tantalo, á beira d'agua e morrendo á sêde. E esta!

Fiquei perplexo. Agua lá em baixo, nevada, tentadora, a murmurar entre cahetés, e a barranca hostilmente empinada entre nós dous.

Subito uma idéa clareou-me no cerebro. Lembrei-me do canudo.

— Para alguma cousa prestarás ainda, disse.

Despejei-lhe o conteudo; e, desatando a alça de embira, do alto, cacimba improvisada, mergulhei-o na corrente.

FIM

GODOFREDO RANGEL



MATTAS OU FLORESTAS

I

O organ official do Governo de Minas publicou uma circular que o delegado de Policia, o Presidente da Camara Municipal e o Fiscal de Terras e Mattas do municipio de Theophilo Ottoni dirigiram aos subdelegados, inspectores de secção, agentes fiscaes a proposito da destruição das mattas. Diz a circular: "O Regulamento de Terras, o Codigo Penal e as Posturas Municipaes punem com penas de multa de 300\$000 a 1:000\$000 e prisão cellular por um a tres annos, quem destruir mattas, derrubar arvores, lançar fogo em campos ou mattas em terras devolutas ou particulares. A todos deveis mostrar as graves consequencias da invasão e destruição — por meio de roçadas, derrubadas e queimadas das terras do Governo e o perigo das queimadas dos terrenos particulares sem aceiro, com a necessaria largura, para impedir que o fogo passe para terras devolutas." Eis-ahi está compendiado o direito protector das mattas do Governo e pertencentes a terceiros. Pune-se o que destroe **mattas alheias**, derruba **arvores alheias** por meio das roçadas e do fogo; mas quem é dono não soffre nenhuma restricção no sen direito, salvo a obrigação de aceirar. Dentro da minha propriedade, desde que faça aceiros, posso derrubar mattas, bosques, capoeiras, capoeirões e catingas nas planicies, nas ladeiras, nos desfiladeiros, nas cumiadas e ao longo dos cursos d'agua.



A's florestas ou mattas em todos os tempos se attribuiram grandes virtudes. Affirmou-se que corrigiam os excessos das estações, que mitigavam o curso dos ventos, que dispersavam os efeitos funestos dos meteoros electricos, que moderavam a queda das chuvas, e regulavam o seu curso, que tornavam innocuos os miasmas emanados das aguas estagnadas e paludosas. As sciencias experimentaes contestam muitos desses efeitos. Marsh na sua monumental obra — *O homem e a natureza* — diz que os efeitos physico-geographicos da destruição das florestas ou mattas, podem ser divididos em duas grandes classes, tendo cada uma dellas uma acção importante sobre a vida vegetal e animal em todas as suas manifestações, o que quer dizer sobre todos os interesses materias do homem. A primeira se refere á meteorologia das regiões expostas á acção daquellas influencias; a segunda diz respeito á sua geographia superficial, ou melhor, á configuração, á consistencia e ao revestimento da superficie. A dois factos geralmente admittidos pelos scientistas está reduzida a acção das mattas ou florestas: um se refere ao poder de reter a agua das chuvas e moderar a sua descida; o outro concerne á acção que exercem sobre a consistencia do solo, função que está em intima relação com a primeira e da qual se pode dizer que é uma consequencia natural. A observação mostra que a chuva cahida se distribue em diversas partes: uma escorre pela superficie do solo e entra directamente nos cursos d'agua que a conduzem ao mar; outra se evapora e volta á atmospheria; a terceira é absorvida pela terra. Ora, se o solo está coberto de vegetação, e esta pode consistir em matta, capoeirão, capoeira, catinga ou carrascal, as plantas, servindo de freio ás aguas, diminuem a porção que escorre pela superficie do solo e augmenta por conseguinte a que é absorvida pela terra. Com seus ramos ás arvores reduzem o movimento do ar, que saturado de humidade, não se renova facilmente, diminuindo a evaporação.

Alem d'isso a cobertura lançada sobre o solo mantem a humidade em grau elevado, e ainda por esse lado as arvores impedem a completa dispersão da agua. Augmen-



tando a absorção da chuva, as arvores impedem que a agua se precipite com violencia, arraste e disperse a terra vegetal, deixando o terreno nú e esteril. Sobre estes factos não ha divergencia scientifica. (**Rabbeno — Le selve e le inondazioni.**) Exercem as mattas acção benefica sobre os cursos d'agua, já impedindo que ella se disperse, já augmentado o seu contingente subterraneo, que alimenta os regatos e as fontes tão uteis ao homem, não só sob o ponto de vista animal como tambem sob o ponto de vista industrial. Humboldt dizia que abatendo as arvores que cobrem os montes e os flancos das montanhas os homens preparavam para as gerações futuras duas calamidades de uma vez: a falta de combustivel e a falta d'agua. Opondo as arvores com as folhas, com os ramos, com as raizes, com os troncos e até com a propria desigualdade do terreno, uma barreira ao violento e simultaneo precipitar-se das aguas em logares declivados, impedem a formação d'aquellas perigosas torrentes que devastam os montes, cuja nudez acarreta a esterilidade das suas terras limpas da camada vegetal. E os immensos danos causados aos valles e aos leitos dos rios, que cheios de areias e de outros materiaes arrastados pelas aguas transbordam e produzem devastadoras inundações? Nos logares ladeirentos as arvores asseguram e mantêm o terreno. Arrazadas as arvores pelas roçadas e queimadas, a acção corrosiva das aguas lava o revestimento do solo e gera pavorosos desmoronamentos que põem a descoberto até a ossada das montanhas. (**Miraglia. Introd. alla raccolta delle leggi forestale in Italia.**) A folha de uma arvore pode recolher uma quantidade de agua igual a dez vezes o seu peso. Uma parte d'essa agua se evapora e o resto chega á terra atravez das difficuldades oppostas pelos arbustos e pelas hervas. Em virtude disso a maior quantidade da agua vae gradualmente embebida na terra onde as raizes fazem as vezes de conductores, ao passo que a agua que escorre e vae engrossar os rios e os corregos não representa senão a terça parte da chuva cahida. Roçadas as arvores nos logares montanhosos a chuva estará em contacto com o terreno, cuja

inclinação, junta á velocidade que o liquido adquire es-
correndo, impedirão em grande parte a absorção. Começa
ahi o trabalho descripto por Cuvier, da nudez da terra que
fica esteril e dos males causados aos terrenos inferiores
e aos valles, mais do que nunca sujeitos ás inundações
que augmentam na proporção da terra cultivavel que se
vae embora (**Miraglia, Opera Citada.**) Demonstrada a ne-
cessidade da protecção ás mattas que occupam os altos
dos montes, as ladeiras e as bordas dos cursos d'agua,
cumpre examinar a possibilidade juridica da restricção do
direito da "propriedade particular" em beneficio da "uti-
lidade geral".

II

So o supremo principio da "utilidade publica" justi-
fica uma limitação ao direito de propriedade em materia
florestal. O direito de propriedade, isto é, o uso que cada
um pode fazer dos seus bens, está, por principio de utili-
dade publica, intrinsecamente sujeito á condição de exer-
citar-se sem lesar a outrem. Determinar com precisão os
limites dessa condição de modo que o objecto da utilidade
publica seja verdadeiro e não apparente, como muitas
acontece por interesses privados e espirito de novidade,
e limitar o sacrificio do direito de propriedade, — é obra
de sabia e bem ponderada legislação. Ora, a experiencia
tem demonstrado que o unico e exclusivo objecto da lei
florestal deve ser a conservação das mattas, dos bosques,
das capoeiras, dos capoeirões, das catingas e mesmo dos
carrascaes, onde quer que se encontrem nos sitios monta-
nhosos, escarpados e ladeirentos e ao longo dos cursos
d'agua. A expansão do direito de propriedade, como de
qualquer direito, encontra o seu limite natural na expan-
são de igual direito por parte de outrem ou da sociedade:
ninguem pode usar e gosar da coisa propria causando
damno a outrem. **Expedit Reipublico**, diziam os romanos,
nequis sua re male utatur. O damno publico é o principio
sobre que deve assentar a legislação florestal. E por
damno publico se deve entender a roçadas e a queimadas

feitas nos logares mencionados, e cujo effeito é a desordem no curso regular das aguas e na consistencia do terreno. Como o damno provem das roçadas e queimadas, intervem o legislador para impedir que os proprietarios pratiquem esses actos nas proprias terras. Roçando e queimando matto "protector" o proprietario sua re male utitur, e a lei lh'o prohibe. Neste caso a limitação ao direito de propriedade é perfeitamente justificavel. (**Filippo Grisolia — Floreste e Boschi**). O estudo da legislação comparada lança muita luz sobre este assumpto de grande importancia para nós. Os povos cultos vincularam os mattos que protegem as montanhas e regularisam os cursos de agua.

França. Ordenança de 1669; Codigo Florestal de 1827; leis de 28 de julho de 1860, 8 de junho de 1864 e 4 de abril de 1882.

Nesse paiz não se pode derrubar matto julgado necessario:

1.º para a manutenção das terras sobre as montanhas e sitios ladeirentos;

2.º para a defesa do solo contra as erosões, invasão dos rios, corregos e ribeirões;

3.º para a existencia das fontes e cursos de agua;

4.º para protecção ás dunas e ás costas contra as erosões do mar e invasão das areias;

5.º para a defesa do territorio nas fronteiras;

6.º para a saude publica.

As contravenções são punidas com multa de 500 a 1.500 francos por hectare de bosque destruido.

Belgica. Neste paiz as florestas são insignificantes. Está em vigor a lei de 19 de dezembro de 1854, que não vinculou os bosques pertencentes aos particulares.

Suissa. As florestas na Suissa tem capital importancia. A lei federal de 29 de abril de 1876 unificou as leis cantonaes. Todos os "bosques protectores" estão sob a fiscalização federal. São considerados "bosques protectores" e não podem ser derrubados, todos aquelles que pela sua attitude ou pela sua collocação sobre cimos,



cristas, cumeadas, faldas de montes e saliencias, nascedouros de fontes e margens de rios, servem para proteger contra os danos do vento, das avalanches, das quedas de pedras de gelo, dos desmoronamentos do solo e das inundações de areia.

Prussia. Leis de 4 de junho de 1870 e 6 de julho de 1875.

Não podem ser derrubadas as florestas de protecção:

a) quando, pela natureza arenosa do solo, os terrenos vizinhos, as obras publicas, os cursos de agua naturaes ou artificiaes podem ser areiados;

b) quando, pelo desmoronamento do solo ou formação de torrentes nas ladeiras nuas, nos cumes e nas faldas dos montes, ás propriedades sotopostas, as estradas ou as habitações são ameaçadas de destruição pelas areias e pelas pedras;

c) quando, pela derrubada das mattas existentes nas bordas dos canaes ou dos cursos de agua os terrenos ribeirinhos podem ser damnificados pelas aguas;

d) quando, pela derrubada de uma floresta se deve temer a diminuição das magras de um rio;

e) quando, pela derrubada de uma floresta em região limpa ou nas visinhanças do mar, as lavouras e as aldeias vizinhas podem soffrer a acção desastrosa do vento.

Baviera. Leis de 28 de março de 1852 e 29 de junho do mesmo anno.

São absolutamente prohibidas as roçadas:

1.º nos dorsos e nas cristas das montanhas, nos flancos empinados dos montes e nas ribanceiras;

2.º nos planaltos das montanhas e em todos os logares em que o matto serve para impedir os desbarrancados e as avalanches, ou, onde, feita a derrubada, ficaria aberta a estrada aos furacões;

3.º e nos logares onde o bosque impede a formação dos bancos de areia, ou, onde, d'elle dependa a conservação das nascentes d'agua e a segurança das margens dos rios.

Austria. Codigo Florestal de 1852. Onde, para segurança das pessoas e dos bens do Estado ou dos individuos,



MAPPIN STORES
SOCIEDADE ANONIMA INGLEZA

BLUSAS FINAS

TEMOS uma justa fama pela qualidade excepcional e o verdadeiro chic das nossas Blusas—Comprando estes artigos em quantidades avultadas, gozamos de condições muito favoráveis podendo assim oferecer às nossas distintas Clientes, Blusas de finissimo goslo por preços positivamente Barattissimos.



D 87 BONITO MODELO
EM CREPE GEORGETTE,
ENFEITADA A JOUR

38\$000



BLUSA FINA EM RI-
QUISSIMO CREPE DA
CHINA, ESTYLO MARI-
NIEIRO CORES, BRANCA
E ROSA

55\$000

Temos uma finissima colleção de Blusas "LINGERIE"
francezas desde 25\$ até 75\$

MAPPIN STORES

Rua Quinze de Novembro N. 26 — SÃO PAULO

REVISTA DO BRASIL

SUMMARIO DO N. 23 (Novembro): — Carlos Peixoto Filho, por Mario de Alencar, da Academia Brasileira; Psychologia das revoluções meridionaes, por F. J. de Oliveira Vianna; Paixão e gloria de Castro Alves, por Afranio Peixoto, da Academia Brasileira; Padre José Maurício, por Julia Lopes de Almeida; Poesias, por Guilherme de Almeida; Sobre a jornada republicana de 1817, por Assis Chateaubriand; Vocabulario analogico, por Firmino Costa; A "Carne", de Julio Ribeiro, por Alfredo Pujol, da Academia Brasileira; Brasil escreve-se com s, por Assis Brasil; A idéa de Justiça, por Pedro Lessa, da Academia Brasileira; O Culto do passado e o centenário da Independencia, por Adolpho Pinto; O fundador da Republica, por Paulo Pestana; A Bandeira do Brasil, por Escragnole Doria; Alcoolismo, opiação e inpaludismo, por Belisario Penna; Bibliographia, Movimento Artistico, Notas de sciencia, Revistas e Jornaes, Variedades. As caricaturas do mez, e varias illustrações fóra do texto.

Summario do n. 24, Dezembro— Psychologia das Revoluções meridionaes, por F. J. Oliveira Vianna; Notas do tempo, por Tristão da Cunha; O mata-pau (novella), com illustração, por Monteiro Lobato; Um livro prejudicial ao ensino, por Joaquim Lisboa; Mario Pederneras, com retrato, por Rodrigo Octavio Filho; A concepção federal de Alberto Torres, por Porfirio Soares Netto; Vida Ocelosa (romance), por Godofredo Rangel — RESENHA DO MEZ: Na Academia Brasileira, por Medeiros e Albuquerque; Brasil e Argentina, por Paulo Pestana; Silva Jardim, por J. Marques; O primeiro voador, por L. Guimarães Filho; As Caixas Economicas no Brasil, por Alcindo Guanabara; O Brasil esquecido, por João Ribeiro; Joaquim Nabuco, por José Maria Bello; Os brasileiros e a lingua alleman, por L. P. Barreto; Notas de Sciencia, Bibliographia, Movimento artistico (com quatro illustrações). Revistas e jornaes. Variedades, as melhores caricaturas do mez, etc.

Aproveitar o seguinte coupon:

Sr. secretario-gerente da "REVISTA DO BRASIL"

Caixa, 1373 — S. Paulo

Remetto-lhe 15\$000 réis para uma assignatura annual da "REVISTA DO BRASIL", a começar em Janeiro e a terminar em Dezembro de 1918. Pego-lhe enviar-me gratuitamente os numeros de Novembro e Dezembro de 1917, que a Revista offerece a todos os assignantes novos.

Nome

Localidade

o bosque é necessario como preservativo contra as avalanches, a queda de rochedos ou de pedras, os desmoronamentos e desbarrancados, o Estado pode declarar a sua interdicção.

Hungria. Lei de 11 de junho de 1879. Não podem ser derrubadas as florestas collocadas em logares rochosos e elevados, nas regiões alpinas, nos altos e nas faldas dos montes, e que impedem os desmoronamentos, as avalanches e as torrentes.

Rumania. Lei de 24 de junho de 1881. E' prohibida a derrubada da floresta julgada necessaria:

a) para proteger as margens dos rios e defendel-as dos desmoronamentos e da invasão das areias;

b) para manutenção dos cursos d'agua e da conservação das fontes;

c) para defesa do territorio nas fronteiras, de accordo com o Ministerio da Guerra.

Russia. Lei de 4 de abril de 1888. Para conservação das florestas foram estabelecidas duas medidas: a) uma que protege as florestas contra a devastação e o exaurimento; outra que favorece um plano regular de governo e a plantação de novas florestas. São "florestas protectoras":

a) aquellas que mantem as areias moveis e impedem o areiamento das costas maritimas, dos rios navegaveis e vadeaveis, de canaes e bacias artificiaes;

b) aquellas que protegem contra a invasão das areias, as cidades, as estradas de ferro, as estradas, as terras cultivadas;

c) aquellas que preservam as praias dos rios navegaveis, canaes, nascentes de aguas, contra os desmoronamentos e barranceiras e os perigos occasionados pelo avançar dos gelos;

d) aquellas que guarnecem os cimos e os flancos das montanhas, se estas florestas ou mattas impedem as quedas de terra e de rochas, as erosões, as avalanches de neve e a formação de correntes rapidas.



Noruega. Lei de 20 de julho de 1893. Estabeleceram os característicos das "florestas de defesa". Esta palavra é tomada em sentido latissimo e comprehende as florestas que servem de protecção contra a neve, a queda de pedras, as inundações, e as areias.

Inglaterra. Tendo poucos bosques falta-lhe a base para uma legislação florestal. As disposições que existem se applicam aos bosques da corôa. Os bosques particulares pertencem aos Lords, e como estão em planicies, nunca foram objecto de disposições legislativas.

Italia. Lei de 29 de julho de 1877. O art. 1.º dessa lei applicou o vinculo, *ex-lege*, aos montes e ás ladeiras ou encostas, cujas florestas impedem os desmoronamentos e as avalanches, as desordens nos cursos de agua e a alteração da consistencia do solo e das condições hygienicas locaes. Este principio geral é limitado e circumscripto, no interesse da propriedade, por algumas excepções que encontram fundamento nas condições topographicas do territorio, que se estende, por mais de dois terços, por montes e encostas. A mesma lei subtrae ao vinculo, terrenos que, embora collocados em ladeiras, estejam convenientemente cultivados com parreiras, oliveiras e outras arvores fructiferas; dá a lei, tambem, aos proprietarios o direito de subtrahir ao vinculo qualquer terreno, desde que se obrigue a fazer todas as obras necessarias para assegurar o terreno e impedir a desordem das aguas.

Por tal forma a lei italiana concilia o interesse geral social com o interesse particular dos individuos.

Abaixo da região dos castanheiros, que se fixou como e limite da cultura agraria remuneradora, toda propriedade pode ser desvinculada e reduzida a cultura agraria, uma vez que se façam as obras conservadoras. Tal é a lei florestal italiana nos seus principios fundamentaes, largamente justificada pelo interesse geral de conservar as mattas para os fins já mencionados. Se é indiscutivel que as derrubadas e as queimadas causam profundas desordens no regimen das aguas e na consistencia do solo, o vinculo florestal se impõe por direito natural ao proprie-



tario ne sua re male utatur, e a lei positiva não faz mais do que reconhecê-lo e determiná-lo. (**Filippo Grisolia — Foreste e Boschi.**) Nestes últimos tempos tomou proporções assustadoras a destruição das florestas no Brasil meridional. Estando a quasi totalidade das mattas em poder dos particulares é difficil reagir contra os destruidores.

Na lei florestal da Russia e da Italia encontraremos material de primeira ordem para levantarmos um monumento legislativo digno do Código Civil que possuímos.

F. BADARO'.



RESENHA DO MEZ

BARÃO HOMEM DE MELLO

Desappareceu um dos brasileiros que mais souberam amar a sua Patria — o barão Homem de Mello. Desde a mocidade até a morte, através uma existencia longa e trabalhosa, dedicou-lhe elle o melhor da sua intelligencia, que era grande, e das suas forças, que pareciam inesgotáveis.



veis. Ninguém talvez conheceu mais a fundo a historia e a geographia da nossa terra. Do que foi a sua vida, por todos os titulos nobre, dão conta, além dos innumerables escriptos que deixou, os seguintes da-dos biographicos:

"Francisco Ignacio Marcondes Homem de Mello, nasceu em Pindamonhangaba, Provincia de São Paulo, em 1 de Maio de 1837. Fez o curso completo de humanidades no Seminario Episcopal de Marlan-

na, de Março de 1847 — a Novembro de 1852. Formou-se na Faculdade de Direito de S. Paulo em 23 de Novembro de 1858.

Foi Presidente da Camara Municipal de Pindamonhangaba — 1860 a 1861.

Foi nomeado em concurso, lente cathedratico de Historia Universal no Imperial Collegio D. Pedro II, em 9 de Novembro de 1861, e exonerado, a pedido, em 20 de Fevereiro de 1864, sendo o unico membro sobrevivente da congregação desse tempo.

Occupou o cargo de Presidente da Provincia de S. Paulo de 4 de Março a 23 de Outubro de 1864; da Provincia do Ceará, 10 de Junho de 1865 a 6 de Novembro de 1866, sendo Presidente do Conselho o Marquez de Olinda, Ministro do Imperio.

Foi Presidente da Provincia do Rio Grande do Sul, de 2 de Janeiro de 1867 a 13 de Abril de 1868. Nesse cargo tendo por Commandante das armas o glorioso General Manoel Luiz Osorio, organizou conjuntamente com este o terceiro corpo de exercito que transpoz o Uruguay no dia 25 de Março desse anno, em marcha para o theatro da guerra: prodigioso trabalho que o patriotismo rio-grandense conseguiu realizar no curto espaço de tres mezes!

A historia deste memoravel acontecimento foi recentemente escripta e publicada pelos netos do Marechal Osorio, o Dr. Joaquim Luiz Osorio, Deputado federal pelo Rio Grande do Sul, a seu irmão Dr. Fernando Luiz Osorio.

Foi Presidente da Provincia da Bahia, de 25 de Fevereiro a 25 de Novembro de 1878. Nesta administração realizou o grande melhoramento da ligação da cidade baixa á cidade alta, rasgando a rua da Montanha, hoje rua do Barão Ho-

mem de Mello, em uma extensão de 490 metros, trabalho admiravel, executado em curto prazo e que importou apenas em 500.000\$000. Fez construir por administração a E. de F. de Santo Amaro, beneficiando amplamente a zona assuacreira mais rica da Provincia. Projongou a E. de Ferro de Nazareth até Bom Jesus auxiliado pelo benemerito Presidente da Companhia, Dr. Alexandre de Bittencourt. Inaugurou a E. de Ferro da Cachoeira á Feira de Sant'Anna, cidade importante em que funciona a masi importante feira de todo o Brasil. Além de outras obras, fez construir na praça da Piedade a Escola deste nmoe para ambos os sexos, convertida hoje em Paço do Senado Estadoal.

Exerceu o cargo de Inspector interino da Instrucção publica primaria e secundaria do municipio da Córte, nomeado pelo Ministro do Imperio Conselheiro J. Aifredo, de 1873 e 1878, durante os impedimentos do Senador José Bento da Cunha Figueiredo, na constancia dos trabalhos legislativos.

Foi Director do Banco do Brasil, de Novembro de 1869 a 1874 e 1876 a 1878.

Foi Presidente da Companhia da E. de F. S. Paulo e Rio de Janeiro, 1873 a 1878. No desempenho deste cargo obteve do grande estadista Visconde do Rio Branco, então Ministro da Fazenda e Presidente do Conselho, a fiança do Estado para a conclusão das obras daquella via ferrea, que só havia conseguido realizar no paiz metade do capital social. Com esta garantia pôde, auxiliado pelos seus collegas de Directoria, Coronel João Frederico Russell, um dos mais prestigiosos negociantes desta praça, levantar, em Londres, com os banqueiros Luiz Cohen and Sons, um emprestimo de 500 mil libras esterlinas, com que aquella companhia terminou as obras, inauguradas solememente, no dia 7 de Julho de 1877, pelo Principe o Sr. Conde d'Eu, e Ministro da Agricultura, Conselheiro Thomaz José Coelho de Almeida. Foi a primeira capital de Provincia que ficou ligada á capital do Imperio por via ferrea continua. Essa estrada, na extensão de 232 kilometros e 20 metros, é hoje parte integrante da E. de F. Central do Brasil, pela encampação que della fez o Governo provisório, sendo Ministro da Agricultura o finado Senador F. Glycério.

Deputado á Assembléa Geral Legislativa pela Provincia de S. Paulo, 1867 a 1868, cessando o mandato pela dissolução da Camara nesse anno, e em 1878 a 1881.

Professor de Historia Universal e de Geographia do Collegio Militar, desde a sua fundação em 12 de Abril de 1889.

Professor interino de mythologia da E. N. de Bellas Artes, 1896, pelo fallecimento do eminente Professor cathedratico, na mesma Escola, de historia da arte, desde 1897, em cujo exercicio está.

Ministro do Imperio no gabinete Saraiva 28 de Março de 1880 a 3 de Novembro de 1881.

Ministro interino da Guerra, em 28 de Março a 30 de Abril de 1880 e 12 de Janeiro a 15 de Maio de 1881. Era membro do Instituto Historico e da Academia Brasileira de Letras".

A sua vida ficará como um dos bellos padrões da tenacidade intellectual brasileira e a sua individualidade como uma das mais attrahentes e respeitaveis dos nossos tempos.

PELA PRODUÇÃO NACIONAL

O sr. Cincinato Braga é tido como um dos espiritos mais poderosos do Congresso Nacional — e como uma das mais privilegiadas organizações politicas do paiz.

Se já não existissem dezenas de trabalhos seus justificando essa reputação, bastaria para cria-la o que



s. ex. apresentou, ultimamente, a proposito da produção nacional. E' um documento notavel que só um estadista de largo descortino, conscio das realidades, insensível ao feitiço enganador das formulas ocas, alheio ao prestigio do verbalismo sonoro e utopico, poderia traçar.

Intelligencia de uma lucidez perfeita tudo que o dr. Cincinato Braga expõe vem banhado de uma claridade suave ao espirito e repartido em proposições crystallinas que o pensamento recolhe e assimila sem esforço.

Inimigo da emphase rethorica, s. exa. não perde tempo em palavreados inuteis: ataca logo as questões, face a face, e resolve-as com segurança e nitidez.

Ides vel-o no trabalho a que nos referimos.

"Vêzo antigo dos nossos estadistas, do primeiro e do segundo reinado, começa s. exa., passou para a Republica uma falsa comprehensão do moderno papel dos poderes publicos na formação da fortuna collectiva.

A' nossa errada orientação nesse grave assumpto, devemos a situação infeliz em que temos arrastado nossa vida de nação, sem possível confronto com outras nações da mesma idade que nós, algumas mais novas que nós, e que estão fruindo progresso muito superior ao nosso.

Os estadistas brasileiros, no Congresso e no governo, têm geralmente adoptado para seus actos a orientação consistente em que a prosperidade da economia publica deve ser a RESULTANTE da situação de folga do Thesouro Nacional. Predomina a convicção de que neste assumpto, tudo está "dependente" do saldo orçamentario, ou, pelo menos, do equilibrio orçamentario; e, como esse saldo ou esse equilibrio, num Thesouro Nacional arcado ao peso de grande divida externa, está essencialmente "dependente" de taxas altas de cambio, nossos homens de Estado têm vivido sempre pregados a uma cruz, cujo braço direito são os côrtes implacaveis ás iniciativas economicas mais necessarias ao paiz, afim de não augmentar-se as despesas; e cujo braço esquerdo, são os empréstimos e os "fundings" para evitar-se que o cambio baixe.

Numa grande synthese, podemos dizer que os estadistas brasileiros têm invariavelmente sobrepostos as concepções financeiras ás concepções economicas.

Desde Bernardo de Vasconcellos até Murinho, os nossos melhores ministros da Fazenda viveram esgotando-se entre as boas conversões dos nossos empréstimos externos e as exaustivas valorizações artificiaes do nosso pa-

pel-moeda, pelo seu resgate ou incineração. Sacrificios inauditos e cruéis têm sido feitos para essa cruzada, cujo objectivo dia a dia vemos mais afastado de nós!

E' claro que semelhante orientação contém em seu bojo uma grande dôse de verdade. Nem outra coisa se poderia attribuir a uma directriz que tem captivado tantos espiritos de escôl. Na verdade, um governo descuidado de suas finanças constitue um dos mais sérios elementos de desorganização no meio da actividade nacional.

Mas, não são humanamente possiveis as medidas de organização economicas em solida organização economica. Sem esta, não ha zelo, nem talento, na administração dos dinheiros publicos, que, evite, mais dia menos dia, o descálculo."

Ora, a situação economica do Brasil, é pessima e, peor será se não tomarmos desde já varias providencias.

A alta de generos, que se nota, é passageira. Durará enquanto durar a guerra. Passada a luta militar reacender-se-a "no mundo a titanica luta economica, da qual nenhum paiz poderá se eximir. Para essa luta não haverá neutralidade possível".

Ou nos aparelhamos urgentemente para o combate ou seremos devorados.

Nosso problema primordial é exportar. Mas para exportar é preciso produzir. A exportação actual está longe de acudir ás exigencias da nossa vida: temos necessidade, em media, de 72 milhões esterlinos, por anno, para os nossos compromissos no exterior e a exportação só nos dá 52 milhões!

Convem pois fomentar a produção. Como, porém?

Tres factores capitaes, sem contar os vicios da nossa vida politica e o descuido geral dos dirigentes e dos productores, tem-na embaraçado: os impostos de exportação, os preços de transporte e a falta de educação technica.

"E' summamente doloroso sentir toda gente ao vivo, que os impostos de exportação constituem um inimigo mortal para o paiz e que entretanto, não rompa de

todos os lados a offensiva contra elles. Todos os povos cultos do mundo já os aboliram."

Quanto ao imposto de exportação faz-se mister extingui-lo.

"A politica a seguir, por parte dos poderes publicos federaes, neste assumpto, é uma só: a de negarem pão e agua, tanto em materia partidaria, como em materia administrativa, aos governos estadoaes que não enveredarem pelo caminho da substituição gradual desses impostos, até sua completa extincção. Outra medida urgente é a votação de uma lei de direito civil privado, declarando de ora avante nullas nos contratos, as clausulas pelas quaes sejam dadas em garantia de emprestimos estadoaes, taxas de exportação.

O Brasil inteiro tem interesse immediato na extincção de taes taxas. Na nossa organização tributaria nada ha mais incompativel com a época actual em todo o mundo civilisado! Ellas constituem o embaraço mais poderoso contra os tratados commerciaes para a boa collocação de nossa produção em outros palzes.

Do ponto de vista brasileiro, e particularmente em relação aos interesses da União, a questão da extincção dos impostos de exportação é uma questão de vida ou de morte. A fonte principal de renda da União são os impostos de importação. Mas, a importação é função da exportação: exportação tolhida, importação sacrificada. União e Estados devem viver respeitando e acariciando os seus interesses reciprocos. A União cumpre o seu dever, cumpre muito mais do que o seu dever, em primeiro logar, acudindo frequentemente ás necessidades estadoes de caracter meramente regional, e, em segundo logar, estatuindo tarifas de importação exageradamente proteccionistas, afim de incrementar a produção nos Estados, isto é, afim de se enriquecerem os Estados. A União sacrifica-se com essa politica, porque as altas taxas aduanelas lhe tolhem em vastas proporções a arrecadação alfandegaria, obrigando-a aos "deficits" orçamentarios e aos "fundings" vergonhosos."

Quanto á alta do preço de transportes pode ella ser combatida com a construção de estradas de automoveis.

"Construida de lado a lado das linhas ferreas uma tela de estradas de automoveis, a produção se

avolumará de tal ordem, em tonelagem, que as estradas de ferro poderão, sem o menor prejuizo, reduzir suas tarifas.

Mas, se caprichosamente o não fizerem, as estradas de automoveis permitirão aos productores trazerem seus productos aos mercados de consumo, sem dependerem para isso das estradas de ferro."

Urge, do mesmo passo, cuidar de outras medidas que tendam como essas, a augmentar o rendimento do nosso trabalho, que é diminuto.

"Com sacrificios embora, e partilhados entre a União, o Estado e o municipio, é absolutamente indispensavel premiar os trabalhadores agricolas que se revelarem mais habéis no manejo dos mais complicados apparatus de cultura dos campos. Tratemos de conseguir que cada operario agricola passe a valer como vinte ou trinta. Para isso, é necessario organizarem-se nos municipios concursos periodicos entre operarios agricolas, nacionaes ou estrangeiros. Mais intelligente é distribuir premios para galardoar esse esforço humano do que o esforço dos animaes de corridas. E toda gente pode facilmente imaginar, para um pobre operario agricola, o valor que representa o premio de cem ou duzentos mil réis. O local desses concursos pode ser uma dependencia das escolas agricolas dos campos de demonstração e experimentação, ou logradouros municipaes, onde deverá ser franqueado a todos os trabalhadores ruraes o uso daquelles apparatus para aprenderem praticamente o seu manejo, embora pagando-se reduzida diaria para a sua allimentação, durante os dias de apprendizado."

Tanto mais se impõe esta providencia quanto, acabada a guerra, teremos que lutar com uma extraordinaria falta de de braços.

"A opinião unanime (nos Estados Unidos, onde se faz um inquerito a respeito) é a de que, vencedores e vencidos, passada a guerra, decretarão leis prohibitivas da emigração, para o fim de reter sua gente, até serem reparados os estragos e pagas as despesas da guerra. Unanime é tambem a opinião de outra comissão do commercio norte-americano, no exprimir estes conceitos:

"O problema do nosso país, após a guerra, é talvez o mais grave de quantos tem

tido a enfrentar a União. Delle só conseguiremos escapar realizando "prodigiosos esforços" no sentido de AUMENTAR EM TODAS AS DIRECÇÕES O NOSSO RENDIMENTO DE TRABALHO. Bem poderíamos empilhar moedas de ouro e outras reservas metalicas, estabelecer pautas cuidadosamente estudadas, assignar os mais favoráveis tratados de commercio, levar a cabo a propaganda mais energica de nossos productos, firmar combinações relativas á exportação — cem e mais cem de acertadas providencias accessorias, como essas, de nada servirão se não forem apoiadas "por uma organização economica e commercial", fundamentalmente tão productiva, como a dos nossos competidores: — SEM ISSO NÃO ESTAREMOS EM SEGURANÇA".

Na pecuaria, por exemplo está uma das mais solidas bases de nossa regeneração economica.

"Devemos, todos os Estados do Brasil, em unisono, concentrar esforços herculeos no desenvolvimento dessa riqueza. Ella realiza para nós, actualmente, o Temma do maior e mais prompto lucro, dentro do menor esforço. Em primeiro logar, para intensificá-la, "de quasi nenhum capital novo precisamos"; o rebanho bovino do Brasil é dos maiores dos povos cultos. O mais difficil está feito: é ter lastro para a valorisação dos productos; é ter população bovina.

Em segundo logar a pecuaria é a unica industria que pode tomar colossal relativo augmento de mão de obra, sem incremento, "sem dependencia de correspondencia da importação de braços e machinas". O mesmo pessoal que lida em uma fazenda de criar pequena é sufficiente, sem alteração notavel em seu numero, para lidar em uma grande; e a mesma extensão em pastagens para a colheita annual de rezes de peso mesquinho, de pouco valor em carne, serve para a colheita de rezes de peso avultado, isto é, de valor muito maior.

Em terceiro logar, para enormemente augmentar a nossa riqueza pecuaria por todos os recantos do nosso vasto territorio, "não estamos na dependencia", em que quaesquer outras culturas nos porlam, "de prolongarmos por todos esses recantos os trilhos de diversas estradas de ferro": o gado vem aos mercados por seus proprios pés...

Em quarto logar, e este é o ponto mais impartante de todos, "nada temos a temer quanto á feita de

collocação commercial deste producto", hoje disputado pelo mundo, mais do que qualquer outro.

Antes da guerra, já essa era a perspectiva. Com a guerra, agora, este negocio tornou-se multissimo melhor. A carne de vacca é o producto, cuja alta de preço é mais certa, depois de assignada a paz. Os povos beligerantes reduziram seus rebanhos a proporções minimas: — quasi os extinguiram, forçados pelas violencias da guerra. Consequencia: actualmente "em toda a Europa" é prohibido ao povo o consumo de carne, não apenas em algumas refeições, mas até mesmo uma vez por dia. Ha dias da semana em que é vedado absolutamente comer-se carne, mesmo á mesa dos milionarios."

"O passo capital a darmos no fomento dessa riqueza consiste em ensinar (para não dizer — em obrigar) aos nossos criadores a, "mediante os mesmos cuidados, que têm agora, e com o mesmo capital de rebanhos que têm agora" produzirem, em vez de uma rez de 250 kilos, uma de 400; e, em vez de esperarem cinco annos para que a rez de 250 kilos, atinja o porte para o corte, esperarem apenas tres annos para que a rez de 400 kilos tenha attingido esse porte.

Assim conseguiremos, na pecuaria, o escopo de todos os povos, em todas as direcções de seus trabalhos economicos: — augmentar seu rendimento util, dentro da mesma unidade de esforços e de tempo.

Propuz que o governo federal, além de outras medidas, tomasse a iniciativa da introdução desabalada de reproductores estrangeiros, que elevassem o nivel de peso e precocidade de nossos rebanhos.

Infelizmente não se tem cuidado disso. O serviço da introdução de reproductores não está na altura, sequer, das necessidades de um unico municipio pastoril, quanto mais das de um só dos Estados da Federação!"

Importemos reproductores avança energeticamente s. exa., e importemol-os de todas quantas raças forem pedidas pelos eridores brasileiros. Não nos detenhamos em discussões theoreticas sobre o superioridade desta ou daquella raça. O problema é commercial e o axioma do commercio moderno é este: "vender a grande atacado mercadoria do baixo preço".

"O aspecto da superioridade, "do lucro", prima sobre o da superioridade "da mercadoria em si". O problema, em sua enervatura essencial, é em todas as industrias o mesmo: — é o do maior rendimento do trabalho em menor tempo, seja

com que mercadoria fôr. Armado desse lemma, foi que o commercio e a industria allemã venceram os de todas as outras nações do mundo. Essa foi a estrada larga do triumpho obtido pela "Made in Germany". A industria allemã apresentou-se em todos os mercados vendendo artigos sempre inferiores aos similares inglezes e francezes. O publico, o grande publico, "que é o melhor freguez", confronta, por exemplo, uma boneca franceza ou ingleza com uma boneca allemã — admira aquella e... "compra esta".

Não é só. Outros meios existem para multiplicar o nosso rendimento agricola.

O diminuto rendimento do nosso trabalho advem, parcialmente, da nossa ignorancia.

"Trabalhamos ás escuras, como cegos. Entre as nossas mais nocivas ingenuidades, destacam-se duas, de calibre maior: a primeira, é estarem nossos lavradores convencidos de que possuímos as terras mais ferteis do mundo; a segunda, corollar da anterior, é a de que a sciencia agronomica é para elles uma inutilidade."

Combatamos a ignorancia. Provedmos que a verdade é completamente diversa, que é esta:

"No Brasil, em geral, os cereaes vêm com abundancia no anno em que a matta é derribada; já produzem menos no segundo anno, e ainda menos no terceiro; no quarto anno, já quasi ninguem faz mais roça. No Estado da Bahia, para a propria lavoura do fumo, que all vem melhor do que em outras regiões, só em pequenos oasis do terreno pode ella ser praticada, por depender de adubação intensa. Usa-se all prender o gado, durante certo tempo, sobre o forçosamente limitado terreno que tem de receber a plantação, ultra primitivo sistema de adubação da terra.

Não conheço as condições de fertilidade natural em todos os Estados do Brasil. Mas, para considerar o problema da mais fundamental gravidade para o paiz, basta recordar isto: — vastas extensões de terras marginaes das melhores linhas ferrcas, e não distantes dos portos maritimos, permanecem não cultivadas, devido á sua fraca fertilidade, mesmo no Estado de São Paulo. no Estado do Rio de Janeiro e no Districto Federal, isto é, nas regiões mais cultas de mais densa população, de maior barateza e frequencia de transportes.

As lavouras caféieras — é certo — resistem mais tempo do que quasquer outras, dando colheita boas durante maior numero de annos. A razão disto está em que o café é planta muito sobria, pouquissimo exigente, comparada com as plantas que em maior escala fornecem sustento diario ao homem".

O remedio para esse mal é sabido: é a reconstituição das terras pela adubação.

Ha quem duvide? Ha quem sorria? Pois vejam o que se passa na França e na Allemanha. As terras desta, muito inferiores ás daquella, produzem mais do que ellas. Porque? Porque emquanto a França emprega 1.030 kilos de adubo (nitrate de soda) por kilomerto quadrado, a Allemanha, na mesma area, emprega 2.070 kilos!...

"Aqui, como lá, o problema é um só: — restituir á terra de nossas culturas, o azoto que della retiramos. Só assim elevaremos nossa produção agricola.

A importancia do problema é de tal ordem, que já alguns scientistas calcularam quanto tempo durariam as jazidas de nitrate do Chile, passando a prevêr que, exgotadas estas, a terra em periodo de facil precisão, não alimentaria a sua população.

Felizmente a sciencia resolveu recentemente esse problema vital, para a humanidade.

Já está sendo industrialmente praticada na Europa a fixação do azoto atmospherico. A condição essencial para essa milagrosa produção, nós a temos em melhores proporções do que qualquer nação do mundo: — é a hulha branca.

Podemos, pois, affirmar que o rendimento util de nossas terras, pôde elevar-se acima das melhores expectativas. Podemos e devemos fabricar adubos nitrados, para serem vendidos a baixos preços, aos nossos lavradores; e para exportarmos em quantidades enormes as sobras do nosso consumo nacional".

Por outro lado, não nos devemos esquecer "que os paizes que têm conseguido maior riqueza, maior progresso nas suas lavouras e nas suas industrias, são aquelles que mais decisivamente enveredaram pela multiplicação: a) do estabelecimentos de pesquisas scientificas; b) de institutos

de ensino theorico e pratico, ambos preparando sua população laboriosa a accitar e ter plena confiança na Sciencia.”

Neste ponto, entretanto, vivemos completamente errados.

“O Brasil está trabalhando ás escuras, ás cegas.

No mundo moderno, os olhos de um povo são a Chimica e a Mecanica. No Brasil a maior parte da “élite” de nossa população ainda pensa que faz a felicidade de um filho, dotando-o com uma carta de bacharel em Direito... Que engano!... A epocha do bacharel em Direito já passou, como antes della já havia passado a do padre.

Se as escolas de Direito forem aumentando a produção nas proporções em que o têm feito nos últimos vinte annos, breve chegará o dia em que os bachareis em Direito servirão de criados aos mecanicos e aos chimicos. Na França já bachareis havia, em 1889, como cocheiros de carros de praça.

Hoje o progresso e a riqueza de um povo não se exprime principalmente pelo numero dos que nelle cultivam sciencias juridicas e sociaes. Exprimem-se antes pelo cultivo profundo das sciencias positivas, revelado no numero dos seus cavallos a vapor em função util, de suas machinas industriaes ou agricolas, de suas usinas, de seus aparelhos de defesa da saude publica e privada, de seus transportes rapidos e confortaveis.

Só sobre esse arcabouço de pedra, ferro e cimento do edificio social é que são aceitaveis os dourados e as tapeçarias dos trabalhos litterarios. Multiplicar estes sem aquelles, é fazer obra de sonhadores ingenuos.”

“O lavrador mais humilde precisa saber o que falta á sua terra, para que esta melhor remunere os seus suores. Se dez por cento, digo mal, se um por cento, ainda digo mal, se um decimo por cento dos nossos infelizes lavradores tivessem um raio de luz divina, que lhes acclarasse o espirito para reconhecerem essa necessidade iniludivel, e se os que compõem essa fracção decimal se decidissem a obter, por boa paga, os exames chimicos — apenas — de suas terras — não teriamos chimicos em numero que bastasse para fazel-os... O estudo da alimentação do homem e dos rebanhos é um problema de chimica, com applicação a cada instante.

O conhecimento de riqueza mineiras e vegetaes, que a terra de cada brasileiro possa contar é um problema de chimica.”

E’ indispensavel pois que se fundem immediatamente no Brasil escolas industriaes, satisfazendo a dois cursos distinctos, um de especialidade economica, outro de especialidade mecanica.

“Quanto a professores: muito poucos, muito bons e muito bem pagos. Ser-ihes-á absolutamente prohibida qualquer occupação, lucrativa ou não, que não seja o trabalho dentro da escola.

Nada de professores que dão uma aula pontualmente, e pontualmente retiram-se para suas casas ou para outros afazeres, fazendo do ensino uma ajuda de custa para sua vida. Os professores destas escolas terão de entrar para ellas ás 8 horas da manhã, e dellas sahir ás 4 horas da tarde, salva a interrupção de duas horas para almoço. O tempo delles pertencerá inteiro á escola, nas aulas, nos laboratorios, nas officinas, na bibliotheca, no campo de culturas, nos estabulios.

Nada de um professor para cada cadeira, luxo estúpido em se tratando de um paiz ainda pobre, como o nosso. Cada professor terá de reger duas ou mais cadeiras sobre materias que intimamente se relacionem, e cujo conhecimento simultaneo é mais ou menos necessario para quem é especialista em uma dellas.”

A criação systematizada dos estudos industriaes nas tres especialidades — chimica, mecanica e agricola — nos fornecerá chimicos e mecanicos, de que actualmente não dispomos, e que constituirão o alicerce sobre que deverá, em proximo futuro, basear-se a fundação necessarissima de um vasto “Laboratorio Technico Central”. Este será de um lado, o grande coordenador e vulgarizador dos trabalhos de realce realizados nos varios pequenos laboratorios dissimidados pelo paiz, e de outro lado, grande productor, instigador e vulgarizador dos trabalhos praticos de sua propria lavra, no sentido da direcção industrial e agricola do Brasil.

Os povos que querem realmente trabalhar não podem dispensar esse aparelho, que é a cupola da sua construcção technica, o verdadeiro leader do Trabalho Nacional.”

Não param aqui as providencias lembradas pelo dr. Cincinato Braga. S. exa. propõe tambem que se organise o credito rural e para isso dá o seguinte conselho:

“Com a emissão de 300.000 contos ultimamente decretada em lei, está

o governo federal acudindo á situação commercial do café e da borraça, devendo empregar nisso de 180 a 200 mil contos, para compra e armazenamento desses productos.

Passada a crise, esses productos serão vendidos commercialmente.

Que destino será então dado ao dinheiro assim apurado?

Propomos que desse dinheiro sejam applicados cem mil contos, á fundação do credito rural.

De que modo? Assim:

Esses cem mil contos ficarão em poder do Banco da Republica, em conta a parte, com escripturação especial. Delle não poderá o Banco dispôr sinão para os fins da lei que propomos, sob pena de responsabilidade criminal de seus directores.

Por intermedio de suas agencias em cada Estado da Federação, o Banco promoverá immediatamente a fundação, em municípios, de bancos de credito popular, sob a forma de cooperativas de credito de responsabilidade limitada.

Os cem mil contos, serão repartidos pelos Estados da Federação, na proporção da população de cada um.

A quota que assim couber a cada Estado, terá este destino: — será subdividida em tres partes eguaes, das quaes uma ficará nos cofres da agencia central do Banco, em cada Estado, destinada exclusivamente ao desconto dos melhores titulos das carteiras dos bancos do interior; as outras duas partes daquella quota, serão destinadas á subscrição, pelo Banco, de accções até o valor de metade do capital de cada banco de municipio. Accções de 100\$000 cada uma, offerecidas preferencialmente á subscrição de pequenos agricultores do municipio. O capital inicial de cada banco deverá ser não inferior a cem contos e será limitado a quinhentos. Não poderá nenhum banco local fazer, em caso algum, a um só mutuario, embora por fórma contractuaes differentes, emprestimos excedentes da vigessima parte do capital realizado do banco.

Os directores destes bancos serão em numero de cinco: tres eleitos pelos accionistas possuidores de accções não pertencentes ao Banco do Brasil, e dois nomeados pelo Banco do Brasil, um dos quaes será o gerente por designação do mesmo Banco.

Só o director-gerente perceberá vencimentos; e estes jamais poderão sahir do capital bancario, mas sim dos lucros líquidos effectivamente apurados em moeda corrente, não podendo exceder a 15 o/o desses lucros."

A fundação desses bancos, entre outros beneficios certos traria o se-

guinte: viria facilitar a execução de uma obra de interesse vital para as regiões seccas e quentes do norte do Brasil: "a utilização dos grandes cursos d'agua para o serviço agrícola de vastas bacias, onde em vez de um só agricultor se possam instalar quinhentos ou mil, com milhares de hectares irrigaveis".

Não é tudo claro, positivo, convincente, luminoso?

Só não applaudimos o final de suas ponderações.

Termina s. exa., com estas palavras, mescladas de fé e desalento, de confiança e duvida, de optimismo e pessimismo:

"Para collocar o paiz em pé de poder resistir a tudo isso, é que proponho estas medidas. Ellas revelam confiança no Trabalho consorciado com a Sciencia. No pouco que tenho lido, e no pouco que tenho viajado, aprendi ser esse o rumo que nos levará a salvamento.

O que gastavamos com a Immi-gração estrangeira, "que agora, e durante os proximos annos estará suspensa", gastemos, isso e mais do que isso, com estradas agricolas, com machinismos agricolas, com fertilisantes agricolas, com melhoramentos do gado, com irrigação dos campos, com organização technica do trabalho nacional agrícola e fabril.

Para applicações desta natureza, não tenho medo de fazer duvida. Confio immenso no povo brasileiro, na sua sobriedade, na sua resistencia, na sua tenacidade, tantas vezes documentadas em sua Historia. As guerras gau'chas, as bandeiras paulistas, a retirada de Laguna, a tragedia de Canudos, as scenas do nordeste, a penetração pelos seringaes, são estupendas odes em unisono cantadas pela coragem e pela dôr... Bastam de sobra para nos imporem ao respeito do mundo, e nos encherem de confiança em nós mesmos. O de que precisamos, é de uma orientação capaz e resoluta.

Proponho estas medidas, sem esperanças de que sejam estudadas. Não importa. Resalvo assim a minha responsabilidade. Esta é quasi nulla aos olhos alheos. Aos meus, não. Sempre considereré sérias as responsabilidades de qualquer brasileiro para com a Patria amada; mas hoje, em face dos acontecimentos que estão sacudindo umas, e sacrificando outras nações do mundo, considero taes responsabilidades extremamente agravadas.

O projecto que proponho visa a satisfação de necessidades econo-

micas, a que um povo precisa acudir, seja como fór. Mas além de necessidades economicas, este projecto vae tambem ao encontro de altas conveniencias de politica, interna e externa. Amanhã, quando uma commissão estrangeira vier arrecadar, como na Turquia, as rendas de nossas alfandegas, já hypothecadas a credores que a guerra vae tornando necessitados e quasi famintos; amanhã, quando a ignorancia e a pobreza, impregnadas da sensação de abandono em que deixamos os Estados do Norte, lhes aconselharem qualquer desatino/ contra a unidade nacional, eu quero, diante de qualquer dessas desgraças evitaveis — de que Deus nos livre — sentir em minha consciencia que para ellas nunca concorri, nem por acção, nem por omissão."

Porque esta sombra de melancolico scepticismo a insinuar-se no seu pensamento?

Para uma obra de reconstrucção nacional só são efficientes as palavras de coragem e os gestos de firmeza.

Porque não se deteve s. ex., nos primeiros períodos, nos periodos em que externa a sua confiança no povo brasileiro?

Foi pena. Precisamos tanto de estímulo e de enthusiasmo!...

BIBLIOGRAPHIA

F. T. DE SOUZA REIS — *A dívida do Brasil (Estudo retrospectivo)*

Traça-se nesta monographia, por todos os títulos excellente, a historia das dividas do Thesouro Nacional.

E' uma historia dolorosa — a historia dos nossos erros mais graves — e o dr. Souza Reis conta-a com uma clareza e um vigor de linguagem impressionantes.

A' narração propriamente dita, antecede uma introdução em que, ao par do outros dados interessantes, o autor mostra qual o capital estrangeiro obtido por emprestimo pelo Brasil até 1913. E' um verdadeiro pezadello de algarismos.

Deste livro é que se pôde dizer com toda a justiça aquillo que se disse de outro: é mais do que um bom livro, é uma boa acção. Mais ainda: é um acto de patriotismo.

ALCANTARA MACHADO — *Problemas municipaes*

A literatura parlamentar—e nesta expressão comprehendemos os discursos e pareceres que se fazem em assembléas publicas sojam federaes, estaduais ou municipaes—não goza do bom conceito. Não passa para muita gente de um moinho de palavras inuteis ou de uma encyclopedia do logares communs.

A do sr. Alcantara Machado escapará certamente a essa condemnação. Os seus discursos lêem-se com facilidade e com prazer. A linguagem é simples, sem ser trivial, a phrase corre limpida e rapida, o pensamento é lucido e, aqui e alli, salta, para maior encanto do leitor, o grão de ouro da ironia.

Outra qualidade das orações do sr. Alcantara Machado é a urbanidade. Não se pôde, em debates parlamentares, guardar uma linha de mais rigorosa cortezia do que a que ellas guardam.

ALFREDO DE ASSIS — *Coisas da vida*

São contos e fantasias.

Ha no escriptor o dom da observação e o talento de narrar. Junta-se a isto o cuidado da phrase e ter-se-ão muitos motivos para estimar o seu livro.

Foi, pelo menos, o que se deu comnosco.

MANUEL DO CARMO — *Setembro*

Ha neste livro de versos, coisas bellas e coisas vulgares. A culpa é do autor que não quiz, naturalmente, sacrificar um só dos seus filhos espirituaes. Não é raro, infelizmente, esse excessivo sentimentalismo paterno... Mas, ainda assim, o livro não deixa a menor duvida de que saiu do coração e do espirito de um poeta legitimo.

MARIO BEIRÃO —
Lusitania

Versos ainda e versos patrióticos. Espelham-se nas estrophes deste poeta as terras, os gloriosos successos e os grandes vultos do velho Portugal. Muitos accents dessa musa regional despertam entretanto, eecos em nossa alma estrangeira. E' que a poesia verdadeira, por mais pessoal que seja a sua inspiração, sempre tem uma voz para toda a humanidade.

COSTA MACEDO —
O Enforcado

Livro de contos. O autor é portuguez e nos contos reproduzem-se aspectos da vida portugueza.

E' um livro de tonalidade sombria.

O sr. Costa Macedo ama as tragédias e a canalha que põe em acção alimenta-se de sangue e de lodo.

E' uma gente tão ruim que se chega a lamentar a bondade do escriptor poupando alguns. Deviam todos ser exterminados.

SOARES DE MELLO
JUNIOR — *Colombo*

E' uma conferencia sobre o grande genovez. Ha nella pontos de vista historicos muito interessantes e o calor do um entusiasmo vibrante pelo homem e pelos seus feitos. Percebe-se que é trabalho de um espirito culto e sagaz aquecido por um temperamento de artista.

VISCONDE DE VIL-
LA-MOREIRA — *As
cinzas de Camillo*

O autor revolta-se contra a idéa da trasladação das cinzas de Camillo para o Pantheon. Camillo está sepultado no Porto em jazigo da familia Freitas Fortuna. Está alli por disposição expressa de sua vontade. Porque tiral-o? Como tiral-o diante dos termos clarissimos desta carta sua a Freitas Fortuna:

"Exmo. Freitas Fortuna, meu querido amigo. Revalido, por esta carta o que lhe propuz com referencia ao meu cadaver e ao seu

jazigo no cemiterio da Lapa. De-sejo ser alli sepultado e que nenhuma força ou consideração o demova de me conservar as cinzas perpetuamente na sua capella.

E' natural que ninguem lhe dispute a posse dessas cinzas; receio, porém, que seja ainda uma fatalidade posthuma que se compraza em impor a violencia até aos meus restos.

Dê o meu amigo a estas linhas a validade de uma clausula testamentaria, e, sendo preciso, faça que ella valha em juizo.

Abraca-o com extremado effecto e inesprimivel gratidão o seu —
Camillo Castello Branco, Porto, 6 de Abril de 1888".

Em 15 de julho de 1889, um anno antes do seu suicidio, Camillo, em nova carta, reiterava o pedido:

"Começo a experimentar uma especie de affecto posthumo ao meu cadaver. Tão pouco me aprelei na vida, tão pouco cabedal fiz da minha saude, que já agora me quer parecer que este amor ao que nada vale é retribuição devida a esta materia, que me ha de sobreviver alguns annos aviventada pela engrugagem de putrefacção.

Deste affecto extraordinario, mas não excepcional, resultou dizelhe eu, meu querido amigo, quer falando, quer escrevendo, que aspirava fervorosamente a ser sepultado no seu jazigo da Lapa.

E' bem certo que, para além da campa, ha o que quer que seja que ainda nos prende ás coisas mortaes. Sei que no seu jazigo dormem o somno infinito seus extremosos progenitores. Ambos conheci na flor da vida, no esplendor da honra, nas luctas do trabalho e na pujança da alegria e da felicidade. Ambos morreram no vigor dos annos, se podem considerar-se mortaes **duas imagens sagradas** que renascem na alma de um filho ao fogo da sua saudade, com o seu respeito filial, com as suas lagrimas represadas, e que os annos ainda não poderam crystallisar em glacial indifferença.

Volvido um longo prazo as cinzas do meu querido Freitas irão aos braços já cinzas tambem de seus paes extremecidos.

Se a morte tivesse expressão que não fosse aquelle mudo terror de um gesto que ao mesmo tempo anniquilla e grava o eterno estigma do silencio nos labios gellidos, só ella poderia dar-nos a sombra horrida e que o seu esquite baixar á perpetua união com os cenerarios de seus paes. E eu, a essa hora, estarei á beira delles como testemunha silenciosa das compun-

gidas lagrimas que lhe vi na face quando o coração lhas dava repassadas de uma santa saudade.

Não sei se esta chimera, que vagueia na região tenebrosa e na crypta dos mortos amados e chorados, foi a despertadora vontade que me domina ha anno e meio de ser enterrado no seu jazigo.

O meu querido Freitas Fortuna accitou com ternura a offerta do meu cadaver, e dess'arte, permitindo que eu fizesse parte da sua familia extincta, quiz continuar além da vida a tarefa sacratissima da sua dedicação incomparavel. Bem haja, e adeus".

Dr. LUIZ RIBEIRO
DO VALLE — *Psychologia morbida na obra de Machado de Assis*

Só o assumpto escolhido bastava para tornar interessante a these do dr. Ribeiro do Valle. A sua approvação com distincção mostra que elle soube redobrar-lhe o interesse.

O joven medico não occulta a sua admiração pelo vigor scientifico com que Machado de Assis compôz os seus typos morbidos. Typos morbidos existem nas obras de todos os romancistas mas nem em todas são traçados com a exactidão de linhas de que só os grandes escriptores são capazes. Os de Machado de Assis são perfectos.

Para o dr. Ribeiro do Valle não ha duvida alguma que Machado de Assis foi um verdadeiro genio: "Toda a sua obra o demonstra pela originalidade do seu estylo, pelo brilho da forma, pela sua concepção philosophica e pela magnifica expressão das idéas".

Não têm razão os que, como Me-deiros e Albuquerque, sustentam que "Machado de Assis, vivendo sempre num circulo restricto, conhecendo muito pouco do mundo, analysando apenas pequenas personagens do pequeno meio em que passou todo o seu tempo e sendo, por indole, um tímido — deixou uma obra de tímido; não ha nella nenhuma vibração forte, nenhuma grande creação".

Não é assim.

"Que importa, diz o dr. Ribeiro do Valle, que Machado de Assis tenha vivido e observado num "circulo restricto" se a sua analyse não foi simplesmente de personagens mas sim da alma humana? Só uma intuição genial poderia apresentar uma creação como Rubião, por que alli não é um professor primario subitamente enriquecido por uma herança, mas a paralyisia geral, descripta magistralmente, capitulo de arte e de sciencia, que o não faria o mais abalisado de todos os psychiatras".

"Foi descrevendo o pequeno meio de seus companheiros galerianos ou traçando o caracter de um estudante faminto que Dostoeievvsky o revelou um genio assombroso; Ibsen com excepção de uns dous dramas historicos é o genial observador de um meio, exotico e verdadeiro, para nós, mas burguezissimo de negociantes pastores etc."

Rubião é o typo classico do paralytico geral; Simão Bacamarte ha de ser sempre o alienista exaggerado: todo ciumento se reflecte no Felix, da Ressurreição; Luiz Garcia é o typo exacto do burocrata austero e pessimista; Braz Cubas é todo esperançoso que fracassa".

Ha muitos defeitos e algumas lacunas na these. Não obstante, encerra ella incontestavelmente, larga somma de observações e reflexões curiosas e representa uma valiosa contribuição para o estudo do grande escriptor brasileiro.

ALFREDO PUJOL

O sr. Alfredo Pujol, recebeu no dia 30 de dezembro findo uma manifestação de numerosos amigos e admiradores, por motivo da sua eleição para a Academia Brasileira de Letras. Constituiu a homenagem num banquete, que reuniu numerosas pessoas, tendo ainda a realçar-lhe o brilho a palavra eloquente e encantadora de Olavo Bilac, vindo do Rio de Janeiro especialmente para saudar o sr. Alfredo Pujol.

Eis o discurso de Olavo Bilac:

"Alfredo Pujol! — Quizeram os nossos amigos que viesse de longe o encarregado de interpretar, nesta alegre festa, a affeição de tan-

tos que tão perto vivem contigo. Não haveria significação notável no seu appello e na minha vinda, se esta particularidade da distancia se limitasse ao sentido do espaço. Com a estrada de ferro, que daqui a pouco será substituída por esquadras de machinas voadoras o Rio de Janeiro e São Paulo já são vizinhos, e em breve serão dois bairros de uma mesma cidade; e mais velozes do que as locomotivas e os aeroplanos são o pensamento e a amizade, que instantaneamente me deixam ficar ao teu lado, como ao lado de tantos companheiros queridos que tenho nesta amada Paulicéa, apesar das não sel quantas leguas que afastam as nossas residencias. Aqui, a expressão interessante da distancia está no sentido do tempo. Digo que venho de longe para saudar-te, porque venho do passado, da tua e da minha mocidade. Desejaram os nossos amigos que, neste dia de premio, o prégioiro da victoria fosse um dos mais antigos, senão o mais antigo dos teus companheiros de esperanças e fadigas. No hoste dos irmãos de armas, a primazia não coube ao mais digno: coube ao mais velho. Mais de trinta annos de amizade fiel dão dominio e autoridade... Sinto muito que esta referencia á minha veterance não te remoece. Perdoa-me este "momento" doloroso; resigna-te, como me resigno, com uma certa vaidade. A mais trivial dessas trivialidades a que chamamos "calinadas", é a que nos aconselha paciencia no envelhecimento, lembrando-nos que o unico processo para viver muito é envelhecer; e o orgulho sobredoura a paciencia, quando o que se encaminha para a veihice traz na bagagem a dignidade e a alegria.

O movel desta brilhante reunião foi a tua eleição á Academia Brasileira. Mas não faio aqui em nome da Academia. No seio da corporação já uma outra voz foi chamada para dar-te a boavinda e a justa acolhida; lá dentro serás recebido por um mestre das lettras e do direito, um nobre homem raro, cuja benevolencia dá felicidade, cujo iouvor é sempre condecoração altissima, e em cujo espirito se alliam o talento e a virtude. Não trago delegação do gremio a que vaes dar tanto iustre. Mas como cair aqui a principal razão deste signal da estíma dos teus admiradores, quando é tão beilo o motivo da festa e tão justo o galardão que receberam os teus serviços? E como poderia eu aqui despedir-me da investidura de academico? Este cargo é vitalicio, inamovível e inamissível, irrevogavel e fatal; nem uma pena infamante me privaria da tonsura academica!

Os estatutos da nossa Companhia são tyrannicos como os da Egreja: dão ao ordinando para a vida e para aiém da vida a imposição de ordens perpetuas, — tunica terrível, que não pôde ser arrancada sem levar consigo retalhos da carne e da alma. Vê bem, novo Hercules, o que conseguiste com vinte e sete votos de immortaes!

Honrou-se a Academia, quando aceitou a tua candidatura. Entre outros trabalhos, com que poderias negociar a tua admissão no cenaculo, um houve, que bastou para obrigar o castelo da nossa fragil Immortalidade a aplanar os seus aroxos e a abaixar a sua ponte levadiça ao primeiro signal da tua presença: o teu trabalho sobre Machado de Assis.

Não sei se é um livro de critica o que escreveste sobre o romanistas das "Memorias Posthumas de Braz Cubas". E', certamente, um livro encantador e commovedor, de admiração e piedade.

Recelo mostrar-me irreverente e paradoxal, duvidando da necessidade de critica e criticos em materia de arte. Sempre haverá critica, porque critica é philosophia; a philosophia, sendo a sciencia dos principios e das causas, é principalmente a disciplina da logica; e sem logica não pôde haver esclarecimento e encadeamento das coisas do espirito. Compreendo o valor indiscutível da critica, quando é grammatical e historica, anotadora e revisora da authenticidade e pureza de textos e de datas, commentadora de tendencias geraes de costumes, de religiões, de literaturas. Mas não a acredito capaz de criar ou anniquilar aptidões, de inventar e matar escolas e correntes artisticas. Nunca tive conhecimento de um verdadeiro escriptor de genio, ou, mais propriamente, de invenção, de poder criador e de expressão, que se tenha feito á custa de conselhos de criticos; nunca vi que bons temperamentos artisticos se estraguem por falta ou por maus ensinamentos de censores, nem que litteratello sem nervo se transformem em architectos de primores por obra e graça de aristarchos didactas. De criticos sabemos, que são artistas criadores, e só por desfastio abandonam a criação pela critica. Mas os Taines são raros. Abundantes e puiliantes são outros, que são artistas mallogrados: naufragos da literatura, immovéis na praia ou nos cachopos a que foram arrojados, não sabendo ou não podendo navegar, e ficando de longe, a examinar e censurar os navegadores, que, de velas soltas e prôa corajosa, "singram pelo mar alto. Alguns, quando invadem o dominio da victima, armados de

picareta e microscópio, levam, como gula única, a má vontade: o preconcebido desejo de encontrar muitas jaças nos diamantes, muita areia no ouro, muito cascalho inútil e muito lodo na mina esquadrihada: e, quando a colheita das impurezas é rica — que triumpho! Esta antipathia é o despeito dos estereis, que, incapazes de gerar filhos bellos nem fellos, rejubilam com os senões dos filhos alheios; e, se não ha nesta pesquisa de taras uma desforra da impotencia, ha ao menos a ancia de viver e brilhar á custa da vida e do brilho dos outros: criticos ha, que subsistem ás costas dos criticados, — seres parasitarios ou commensaes, como a epiphyta, que viça pegada ao tronco generoso, ou como o epizoario, que passeia ao sol, agarrado á casca do carangueijo complacente.

Se és crítico, pertences á famosa e privilegiada familia, á qual não se entroncam por parentesco proximo nem remoto aquelles mirrados rabeadores.

De admiração e piedade, de grande amor foi feito o teu livro. Por aquella vasta e poderosa obra de genio, entraste com o espirito forrado de enthusiasmo; e, porque sabias que aquella obra era de um infeliz, entraste com o coração cheio de misericordia. Mostraste bem o prodigio daquelle escriptor e dos seus escriptos: o criador e a criação milagrosamente brotados de tão obscura origem e tão acanhado ambiente social, — tão estranho o philosopho como a sua philosophia, tão inesperado e perturbador o poeta como a sua poesia. Contaste bem a honrada vida daquelle heroe das letras, — a modestia e o recato daquelle corajoso, a tenacidade daquelle tímido. Indicaste o mundo de idéas que referve nos seus livros, e a maravilhosa forma em que foram vasadas estas idéas, a nova perfeição, tecida de graça e leveza, que o melhor dos nossos escriptores souhe dar á nossa lingua. Estudaste, passo a passo, o artista e o homem, a sua gloria e a sua tristeza, o seu valor e os seus soffrimentos. Ao contrario daquelles duros cavouqueiros, de que ha pouco falámos, que propositadamente escondem dehaixo das impurezas as pepitas fulgidas encontradas no acervo, — foste, nesta excavação carinhosa, um catador de bellezas occultas, um descobridor de riquezas ignoradas; aqui, deste realce a uma phrase que passava sem reparo: alli, feriste um recanto de commoção que se apagava na sombra; além, apprehendeste uma subtilidade que fugia; adeante, fizeste brilhar uma lagrima que se mascarava num riso; mais adeante fizeste

expandir-se um gesto de generosidade que se manietava numa ironia. Não foste um crítico. Foste um crente devotado, um guarda abnegado do thesouro, um entusiasta conservador do museu.

A Academia saberá agradecer o culto, que soubeste dar ao seu fundador. Não vim aqui interpretar o que pensa a Academia; e os nossos amigos não estão aqui unicamente para felicitar-te pela tua eleição, e unicamente porque és um homem de letras victorioso e premiado.

Aqui estamos para mostrar-te que, sobre sermos admiradores teus, somos teus amigos; queremos exaltar, sobre o teu talento, a tua bondade e a tua lealdade.

Quem te conhece, Alfredo Pujol, e já viveu alguns minutos dentro da tua bibliotheca, não pôde mais separar, no espirito, da lembrança da admiravel casa dos teus livros a lembrança da tua vida intima. Ordenaste a tua bibliotheca á feição da tua alma...

Um verdadeiro bibliophilo é sempre um bom homem, e um amigo de todas as coisas boas e bellas. Amar os livros é como amar as flôres: é ariar tudo que perfuma e encanta a vida; "si hortum cum bibliotheca habes, nihil doerit", como escreveu o sobrio e elegante Cicero. E's um bibliophilo e não um bibliomano. Nos bibliomanos reside a furia inconsciente que governa o grosso dos colleccionadores maniacos, paixão pela posse dos livros e não pelo entendimento delles, enthesouramento atahalhado de codices preciosos e bacanartes inúteis; é a mesma cubiga desordenada, a mesma avareza doentia dos que guardam indistinctamente, sem serventia, moedas de ouro e cachimbos rachados, pedras preciosas e fechaduras ferrugentas, cabelos femininos e cacos de louça. Ao passo que, nos bibliophilos, em vez da mania desarrazoada, reside o culto consciente dos livros, a valdade da posse e o goso da leitura, a guarda e o conhecimento do thesouro, o cuidado pelo deposito e o enternecimento pelo seu valor. Na bibliophilia, ha intelligencia, discernimento, bom gosto e erudição. Num bibliomano ha um desequilibrado, num bibliophilo ha um sábio.

Dentro da tua bibliotheca, estou dentro de ti, porque aquella capella do saber, admiravelmente povoada de idéas e alfaiada de obras de arte, é a reprodução da tua vida. Espanejas todas as manhas o teu cerebro e o teu coração, como espanejas as tuas estantes. Todas as manhas arejas os teus volumes, para livral-os desses pequeninos insectos roazes, incolas do papel impresso, que voluptuosa

e indistinctamente destroem obras primas e semsaborias, comendo admiráveis versos e aleijões poéticos, pensamentos deliciosos e dislates insossos, conselhos consoladores e perversidades venenosas. E, com o mesmo zelo hygienico, arejas a tua alma, livrando-a dessas outras devoradoras traças, peores do que as dos livros, roedores que bicham as existencias ociosas e sáfaras: a indifferença, o egoismo, o tedio, a maldade.

Desejam os teus amigos que muitos annos largos e pacificos ainda corram sobre ti, prolongando a tua vida actual de labor, de coragem, de alegria. Uma irisonha velhice coróe a tua existencia e encham-se a tua bibliotheca de novos livros formosos, a Academia de trabalhos teus, e o teu lar de netos que sejam dignos do teu nome!"

Falou em seguida o sr. Roberto Moreira, offerecendo ao nosso director, em nome da Sociedade de Cultura Artística, uma preciosa edição de Debret. Disse o orador:

"Eu não ousaria levantar-me diante de vós, senhores, se não fosse compellido a isso por um dever a um tempo arduo e delicioso. E' uma prova de mau gosto fajar depois que Olavo Bilac falou, mas é um prazer e uma gloria dizer de Alfredo Pujol. Uma entidade, porém, existe, uma entidade que tenho a honra de representar, a qual não podia estar ausente desta encantadora solennidade: é a Sociedade de Cultura Artística. Em certo sentido, o lustre desta festa se reflecte tambem sobre ella, porque ella teve a sua parte, e não pequena, nesses feitos que estamos hoje festivamente celebrando.

Sabels que Alfredo Pujol, tendo-se revelado na adolescência e na mocidade um escriptor elegante, subtil, poderoso, foi a pouco e pouco se retrahindo até abandonar de vez o convívio das letras. Duas megeras abomináveis, duas insaciáveis devoradoras de intelligencias, a advocacia e a politica, estreitando-o nos seus braços insidiosos, fizeram-n'o esquecer aquella alada penna de chronista, que criara e irisara tantas pequenas obras primas. A Sociedade de Cultura Artística, porém, cuja modesta mas meritoria função consiste em dar estimulo ao trabalho litterario e aos que servem as artes, vendo que, debaixo daquella honrada toga de advogado e daquelle mal disfarçado tedio de politico desambicioso, o que vivia realmente era o escriptor, o refrigente escriptor de outros tempos, — bateu á sua porta. O advogado,

coberto de louros, teria hesitado; o politico, aureolado de um justo renome de lealdade e pureza, desenharia, talvez, no ar, um gesto de enfado que a politica, entre nós, sempre desdenhou as letras. Mas, o artista cedeu. E, cedendo, fez esse livro venturoso e lindo que o levou á consagração acadêmica, depois de lhe dar a admiração commovida de todos que o leram. Nesse livro, que nasceu sob o tecto gasalhoso da Sociedade de Cultura Artística, não ha propriamente uma obra de critica, pois a critica, como disse Camillo Castello Branco, é a arte de "desbotar sapientissimamente todas as flóres que toca." Ha nelle, sim, o que vale muito mais, — uma obra de doçura e piedade, mas piedade sincera que não pranteia a desventura só para poder com mais franqueza desvendal-a, e doçura intelligente que não esconde as raras falhas do modelo na van tentativa de fazel-o perfeito, fazendo-o, ao mesmo tempo, homem. O que mais encanta nesse livro, além do estylo que é puro; além da forma, que é sobria; além do retrato minudente de Machado, que por alli perpassa, na sua melancolia, sereno e recolhido como um Deus enfatiado, — é a modestia illimitada do autor que, podendo, frequentemente, intervir no discurso, como fazem os criticos, com as suas idéas, os seus rancores, as suas antipathias, os seus clumes, — se apaga, se annulla, se dissimula e olvida, para que na tela da narrativa appareça unicamente, nitida, solitaria, illuminada, a figura incomparavel do Mestre. E' assim que elle prefere muitas vezes resumir Machado ou reproduzir mesmo o texto das suas criações, a divagar, parasitariamente, sobre umas e outro, á maneira dos que buscam no trabalho alheio a inspiração que lhes falta. O livro de Pujol é, pois, na verdade, uma fulgurante biographia do Mestre e uma edição condensada e commentada da sua obra immortal.

A Sociedade de Cultura Artística ahença esse trabalho e delle se gloria. E agradece a Alfredo Pujol a honra que lhe deu, permitindo que ao seu nome se juntasse o della no rosto de um volume que ha de viver na nossa lingua. E para que a lembrança desse sentimento não se dissipe na vossa memoria, Alfredo Pujol, ella vos offerece esse livro, a vós que tão finamente sabcis amar os livros, onde encontrareis, em paineis magistraes, alguma coisa do Brasil e do seu passado, do Brasil que tanto tendes nobilitado e servido, pelo vosso patriotismo, pela vossa cultura, pelo vosso infatigavel

e honesto labor, pelo vosso fulgido, agudo e maravilhoso intellecto."

O sr. Alfredo Pujol, muito comovido, assim respondeu aos oradores:

"Meus amigos!
Tentel, esta manhan, consoante o costume em circumstancias taes, reduzir a escripto algumas idéas e palavras com que vos agradece a extraordinaria honra que a vossa generosidade me confere. Foi baldada tentativa. A penna tremeu-me na mão e duas lagrimas de pura e radiosa felicidade apontaram nos meus olhos... Apesar do conceito de Pascal — "Il est honteux á l'homme de succomber sous la joie" —, eu não pude escrever um discurso para esta solennidade que tão fundo me toca a alma. E' com algumas palavras singelas, que mal posso proferir, que eu venho dizer-vos como foi excessiva a bondade dos que pretenderam glorificar a minha insignificancia. O premio que recebi da Academia Brasileira de Letras, elegendo-me para a vaga de Lafayette, na cadeira que foi occupada por Machado de Assis e que tem por patrono José de Alencar, foi uma dadivá tão grande que eu me sinto sem forças para recebê-la e para honrá-la. A recompensa que hoje recebo dos meus amigos paulistas sobreleva a tudo quanto a minha ambição pudesse sonhar. E' para mim, neste dia memoravel, a suprema ventura ouvir uma saudação do mais querido dos meus amigos da adolescencia, o grande poeta do rythmo e da graça, que no seu glorioso outono se converteu, pela sua magica palavra e pela sua acção social, no nune protector do Brasil novo que resurge na tragica commoção deste momento historico. (Muito bem. Palmas). E' para mim a gloria suprema ouvir a palavra de Roberto Moreira, um dos meus amigos mais novos e uma das mais nobres intelligencias da moderna geração. (Muito bem). E' para mim, senhores, immenso jubilo vêr, em torno desta mesa, alguns dos meus velhos camaradas dos bancos academicos, que commigo conviveram na quadra alegre dos vinte annos. E' para mim um motivo de justo orgulho vêr aqui reunidos tantos dos meus amigos, que são as mais altas figuras da culta sociedade paulista... E eu pergunto a mim mesmo se o nada que sou poderia acaso merecer esta excelsa consagração. Devo-a, disse Roberto Moreira, ao curso de que me encarreguei na Sociedade de Cultura Artistica, acerca da personalidade

e da obra de Machado de Assis. Hesitei muito, antes de aceitar encargo tão pesado; e só pude levar a termo a tarefa, que me foi commettida, entrando nella com toda a minha admiração pela genio literario mais alto e mais nobre da America contemporanea, e servindo-a com a sympathia e o respeito que inspira o grande mestre das letras nacionaes. Sou o primeiro a reconhecer as imperfeições e as falhas do meu trabalho, mas quero crêr que elle foi ao menos a primeira pedra, rude, tosca e despolida, para o monumento literario que o Brasil tem o dever de levantar á gloria impercível do autor de "Quincas Borba". (Muito bem).

Olavo Bilac, nas palavras carinhosas que acabamos de ouvir, poz em relevo a lealdade, que tem sido a norma constante da minha vida. Em regra, ninguém se conhece a si proprio; costumamos exaggerar as nossas qualidades e reduzir veladamente os nossos defeitos... Mas, em verdade, vos digo que o meu companheiro de trinta annos de inalteravel e profunda amizade soube acertar no definir aquella feição da minha conducta moral. A minha lealdade e a minha sinceridade são a obra dos amigos que eu tive a fortuna de conquistar; são a resultante do meio em que vivi nesta terra desde a adolescencia, desde quando para aqui vim, deslumbrado e attrahido pela cultura de S. Paulo, pela sua força e pela sua grandeza. E diz-me a consciencia que o pobre estudante que aqui veio tentar a sua vida, com o seu unico esforço e com o seu devotado amor ao trabalho, não desmereceu da fidalga hospedagem deste torrão admiravel, onde criou as suas raizes, onde sonhou e soffreu, onde veio bater-se pelos ideaes da Abolição e da Republica.

Com estas flôres que me cercam eu quero coroar a minha velhice que se aproxima e vos prometto, quaesquer que sejam as surpresas que me reserve o futuro, conservar a mesma linha de lealdade, que foi talvez a força obscura que me deu o affecto de tantos corações amigos.

A' Sociedade de Cultura Artistica, que tão grandes serviços vem prestando ás bellas artes e ás bellas letras em S. Paulo, devo exprimir o mais profundo reconhecimento pela joia rarissima com que acaba de me brindar. A maravilhosa obra de Debret não figurava entre os meus livros dilectos, Debalde a venho procurando, desde muitos annos, nos escassos mercados de livros acerca do Brasil e da sua historia. Esse primor será abençoado entre os livros da minha

adoração. Abençoemos os livros, aconselha Anatole France, porque elles sabem consolar-nos de todas as realidades dolorosas.

Aos meus amigos, o meu coração eternamente reconhecido!"

MOVIMENTO ARTISTICO

EXPOSIÇÃO MALFATTI

A joven pintora paulista senhorita Annita Malfatti pôde orgulhar-se de ter agitado um pouco o nosso estagnado meio artistico com a sua ultima exposição. Essa agitação que, aliás, não passou de algumas rodas de amadores, e de algumas apreciações criticas na imprensa diaria, não foi de todo favoravel á artista. Em todo caso só se discute o que realmente tem valor. Tem-n'o de sobra a senhorita Malfatti, cuja primeira exposição em S. Paulo, encheu de esperanças os amigos da arte. Nos seus trabalhos do principiante, havia já a affirmação de uma individualidade, um vigor pouco vulgar no toquo e uma concepção geral da pintura que denunciavam "um temperamento".

Nas télas ultimamente expostas ostentam-se ainda as mesmas qualidades. Mas ao lado dollas surgem falhas quo nos parecem gravissimas porque revolam um desvio de orientação artistica quo será fatal á promissora carreira da talentosa pintora.

A senhorita Malfatti deixou-se "emballer" pelas extravagancias dos chamados "futuristas" e poz o seu esplendido talento ao serviço dessa tendencia quo nem ao menos se pôdo chamar escola.

A sua boa-fé, a inexperiencia propria da idade, mantêm-n'a na illusão do estar fazendo "futurismo". Não ha na sua nova maneira a menor sinceridade, se bem quo a intenção seja perfeitamente honesta. Mas a senhorita Malfatti, a pretexto de romper com as convenções da arte aceita, adoptou sem discutir todo o estapafurdio convencionalismo de uma falsa arte em quo só se exhi-

bem os "ratés" e os desequilibrados.

Os partidarios da "nova escola" têm a louca pretensão de reproduzir o movimento conforme á realidade das nossas sensações.

Basta reflectir que todos os movimentos se operam na natureza com rapidez muitissimas vezes maior do quo o mais rapido dos nossos meios de expressão, para comprehender o absurdo de sua reprodução integral pela imagem.

A arte jamais poderá reproduzir o movimento integral. O seu papel é de suggerir aos que contemplam uma obra, uma figura, por exemplo, a serie do movimentos quo essa figura faria para realizar uma determinada intenção ou para dar a impressão da vida, pois que a vida é movimento.

Para tal não era preciso inventar o futurismo.

Toda a escola moderna, sobretudo depois do triumpho do "ar livre" e do impressionismo, tende para esse fim e já attingiu a resultados extraordinarios. A substituição dos contornos o das sombras convencionaes pela theoria dos valores e da pintura luminosa baseada na fusão das cores reveladas pelo espectro solar, offerece recursos inesgotaveis aos artistas.

Nenhum d'elles poderá, porém, prescindir da noção de fórma, do desenho, que é a base de tudo, o arcabouço iudispensavel a qualquer construção artistica.

Ora, os futuristas supprimem o desenho, e entregam-se á mais arrojada fantasia de cores. A sua pintura fala uma linguagem incomprehensivel por illogica e inconsequente.

Rodin soube dar, como ninguem, a suprema expressão do movimento na esculptura. E não ha em esculptores do todos os tempos, nenhum mais realista e mais simples do que o genial artista quo a França acaba de perder. Em todos os corpos humanos que plasmou no barro, os braços partem dos hombros e as pernas sustentam o tronco.

Os futuristas não se incommodam de ligar um braço á cabeça ou de fazer surgir a perna de uma axila, contanto que "dêem" a impressão do movimento, a trepidação da vida...

A senhorita Malfatti aceitou as franquias dessa pseudo-escola para fazer a sua "Negra bahiana", que é para nós, pobres normaes, um caso teratologico em anatomia. Mas, ao lado della, poz uns abacaxis tão bem desenhados e tão acabadinhos que fariam as delicias de um botânico...

Onde está a escola, o methodo, o systema?

Numa cabeça de homem vigorosamente manchada, com uma indicação magistral dos planos, de perfeito accordo com as regras da pintura normal, tingiu o rosto de verde o amarello... e convenceu-se de que fez futurismo.

Entretanto, nas aguas fortes, aliás excellentes, mostra uma technica apurada sem o menor vestigio da influencia nefasta, tal qual como na "Cabeça de egyptea", que é um mimo de frescura e espontancidade.

Todas as vezes que quiz amaneirar a sua arte, para adaptal-a ao futurismo, commetteu erros graves de desenho e adoptou cores puramente convencionaes. Nesses trabalhos só se salvam alguns trechos, em que a sinceridade da artista, readquirindo os seus direitos, impediu as extravaganeias do futurismo.

Não cabe nos limites desta resenha um exame metieuloso da obra da senhorita Malfatti. Não seria, porém, diffiell mostrar quadro por quadro, o'quo acima ficou dito como impressão geral.

E' um dever dizel-o, porque poucos artistas se apresentaram com tantos elementos de triumpho como a senhorita Malfatti: seria profundamente lamentavel ver perder-se num desvio de orientação esthetica uma organização artistica como a desta joven pintora. A senhorita Malfatti está num momento decisivo da sua carreira: se não renunciar completamente ás suas novas tendeneias, para cultivar com maior afineo o estudo do desenho, arris-

car-se-á a um completo fracasso. De-sejariamos errar neste prognostico; parece-nos, porém, que os factos já nos dão razão.

EDGARD PARREIRAS

Uma outra exposição, a do pintor Edgard Parreiras, teve um bello exito.

Este artista já se destacara em S. Paulo, numa das exposições nacionaes infelizmente não renovadas.

Pela primeira vez, porém, realisou uma exposição individual. O numero de obras era limitado, mas escolhido.

Edgard Parreiras apresentou-se como paisagista. Digamos logo que



o seu logar está definitivamente marcado, entre os que melhor se dedizam a esse genero no Brasil. O seu temperamento é o de um contemplativo, que ama a nossa natureza e sabe interpretal-a com delicadeza de sensibilidade.

O desenho correcto dá ás suas paisagens um aspecto de vigor e solidéz; os toques leves e espontaneos envolvem-n'as num ambiente de suavidade e transparencia que lhes empresta raro encanto.

O melhor exemplo dessas qualidades é a "Paisagem de Cambuquira", um dos trabalhos mais completos da sua exposição.

E' um artista bem brasileiro na maneira de sentir a nossa paisagem, na fidelidade com que a reproduz e na forma por que exprime as suas impressões, sinceramente, sem em-

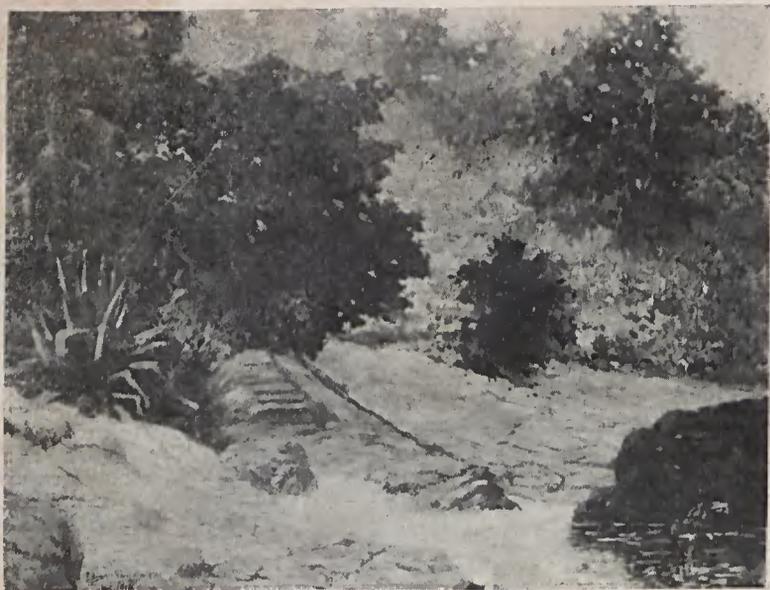
RESENHA DO MEZ



AREAL, por E. Parreiras



A RAJADA, por E. Parreiras



CANTO DO RIO, por E. Parreiras



JUNTO AO MAR, por E. Parreiras

phase, nem artificio, numa visão realista da natureza.

Nos seus recantos de praia, nos seus areiaes que rebrilham ao sol, todos reconhecemos trechos da natureza do Brasil que nos são familiares. Mas a reprodução desses aspectos é, em geral, feita por tal forma que indica a hora exacta em que o artista os colheu e nos transmite com felicidade a emoção que delle se apossou no momento de fixal-os na téla.

A factura muito larga e segura, a palheta rica e limpa e o estudo acurado dos elementos da nossa paisagem, fazem de Edgard Parreiras actualmente um dos nossos melhores paisagistas e dão-nos a medida do que se pôde e deve esperar deste talentoso artista.

Nesta exposição Edgard Parreiras já revela uma consideravel capacidade de composição, seja no corte das suas paisagens, seja na intenção que resalta da escolha dos assumptos, sempre suggestivos.

N.

NOTAS DE SCIENCIA

A GUERRA E AS DOENÇAS MENTAES

A medicina tornou-se alliada indispensavel dos exercitos, — lemos numa revista norte-americana e adquiriu tal importancia, a poder mesmo ás vezes influir sobre o exito da guerra. Assim foi na guerra sino-japoneza, por occasião da qual o barão Takaki conseguiu dominar o beriberi no exercito japonex, dando-lhe superioridade enorme sobre o chinez. Outro exemplo, é o da lueta americano: nos oito mezes da campanha contra a Hespanha, em 1898, houve 20.926 casos de typho, dos quaes 2192, isso num total de 147.745 homens; ao passo que em 1915 occorreram apenas, em todo o exercito norte-americano, apenas oito casos, e de 1 de maio de 1916 a 8 de outubro, sómente 24, sobre 170.000 homens — e nenhum desses casos foi fatal. Muito se tem

feito, pois, pela prophylaxia, des-cuzando-se entretauto, as manifestações das desordens mentaes, as quaes não só onfraquecem os exercitos, como aggravam ainda o Estado com numerosas pensões.

As doenças nervosas e mentaes comprehendem a epilepsia, o alcoolismo, a delinquencia, estreitamento ligava aos phenomenos de deserção e de panico, a neurasthenia, o hysticismo e a loucura. A loucura é a causa mais frequente de inutilisação do soldado: basta saber que, de todos os homens reenviados das Filipinas para suas casas, em 1915, um terço era affectado de molestias mentaes. Pelo facto de ser a loucura tres vezes mais frequente nos exercitos do que na vida commum, os pacifistas excessivos concluem que a vida militar é causa de desordens mentaes, o que está longe de ser verdade. A vida militar descobre sómente, com maior facilidade, os homens de fraqueza mental, visto como requer qualidades de equilibrio que não são tão necessarias na vida commum. O augmento da loucura em tempo de guerra, não é tanto devido ás durezas desta, quanto ao estado d'alma produzido pelo inicio das hostilidades, sendo como é, tão inesperada e violenta a adaptação das facultades á circumstancias inteiramente novas. Algumas pessoas até não podem adaptar-se á guerra, tanto que, logo que ella começa augmentam, como já se verificou, as mortes dos velhos e os casos de apoplexia e de loucura.

Em paizes como a Inglaterra e os Estados Unidos, onde se suppunha impossivel que rebentasse uma grande guerra como a actual, muitos homens viram esvaír-se os seus ideaes, e se sentiram por isso trans-tornados e abatidos. Muitos delles enlouqueceram por isso, outros se adaptaram á nova situação fundindo a propria individualidade nos interesses nacionaes, e quando, após os primeiros enthusiasmos veio a organização, e a guerra foi acceita como coisa normal, a loucura decresceu rapidamente. Todos esses phenomenos psychicos da população

não combatente se notam também no exercito, em que os casos de loucura são mais frequentes durante os primeiros tempos de mobilisação e de instrução, decrescendo depois. Para o individuo physicamente e mentalmente são, é portanto de grande vantagem a disciplina, ao passo que o neuropathico tende a sentir-se perseguido ou abatido pela propria incapacidade.

Além da loucura, tem grande importancia a neurasthenia e o hystericismo, sempre frequentes nos exercitos.

O hystericismo é caracterisado por uma especie de tacito desejo de não soffrer mais, com tendencia a exaggerar ou fingir o mal. Assim, a cegueira hysterica é quasi uma recusa a vêr os espectaculos horripilantes, assim como a surdez hysterica é uma recusa a ouvir as explosões. Os hystericos são, por isso, doentes bem diversos dos loucos, e curaveis desde que sejam transportados para longe do ambiente em que adoeceram, e sejam sujeitos a um tratamento especial. Dahi a necessidade de hospitaes especiaes.

Quanto á loucura alcoolica, é certo que ella augmenta com as guerras, tanto que na guerra russo-japoneza um terço dos officiaes russos enlouquecidos, enlouqueceram justamente por effeito do alcool.

A. HYGIENE DO LEITE

Nos Estados Unidos, os medicos e os higienistas têm condemnado o emprego de garrafas de vidros para o leite, exigindo o uso de recipientes destructivos de maneira a supprimir os perigos de infecção que constituem os vasos mal enxutos e não esterilizados.

O Estado da Pensylvania foi o primeiro a prohibir as garrafas de vidro e as latas para leite, de sorte que já numerosas leiterias adoptaram, para a distribuição a domicilio, recipientes feitos de cartão leve embebido de parafina. Essas garrafas são completamente impermeaveis,

nellas se conservando muito bem o leite.

Já se installou alli uma fabrica especial, que faz 5.000 garrafas de papel por hora. Para esse fabrico se utiliza a pasta de madeira mesmo de qualidade inferior, produzindo garrafas de preço baratissimo, visto como uma tonelada de pasta de madeira póde fornecer 60.000.

Ao sair do banho de parafina, que as impermeabilisa, as garrafas são empacotadas automaticamente dentro de cartões que os abrigam da poeira. O emprego de taes recipientes, praticamente asepticos, apresenta, pois, reaes vantagens do ponto de vista hygienico.

A PALAVRA E AS DOENÇAS

O professor norte-americano E. W. Scripture espera poder descobrir certas molestias por meio da palavra, assim como hoje se descobrem outras por meio dos raios Roentgen. Como a presença de muitas doencas se revela no falar, mesmo quando faltam outros symptomas, diz elle, a palavra é analysada com um instrumento em que a voz faz vibrar uma membrana semelhante á do telephone. As vibrações são então fixadas sobre um cylindro rotativo.

Uma doença frequente entre os moços, devida a causas ignoradas, é a esclerose diffusa, facilmente distinguivel pelo novo systema, quando em geral a confundem com outras molestias. Effectivamente, as ondas produzidas com a pronuncia da vogal *a* por uma voz normal, são regularissimas, ao passo que as mesmas, produzidas por um individuo atacado do esclerose, são irregulares e incertas.

A paralyisia geral tem por caracteristico a irregularidade dos signaes para uma mesma letra, defeito este que *se vê*, pelo novo systema, muito antes de *se ouvir* um defeito da pronuncia.

Póde-se dizer que toda doença nervosa e mental tem os seus si-

Demolins, vieram abrir-lhes os olhos. gnaes particulares e bem distinctos na voz.

E' licito, pois, esperar que, com o tempo, se possa fazer uma diagnose baseada exclusivamente sobre os signaes das palavras.

E' interessante que os defeitos da pronuncia, como por exemplo a gagueira, têm curiosissimos signaes mas signaes inteiramente diversos dos produzidos pelas doencas da palavra.

Pôde-se, pois, concluir que a gagueira não é uma doença da palavra.

O TYPHO NOS EXERCITOS EM GUERRA

A historia medica das guerras tem evidenciado a frequencia extraordinaria da febre typhoide entre os soldados combatentes. Em muitas guerras taes como a turco-russa de 1877, a campanha da Bosnia, a expedição da Tunisia, a guerra hispano americana, a guerra de Madagascar, a guerra anglo-boer, — o numero de mortos pela febre typhoide tem quasi egualado ou ultrapassado o de mortes pelo fogo inimigo.

A'cerca do typho no exercito francez, na actual guerra, a *Revue Scientifique* traz interessantes dados que nos permitem avaliar as vantagens da vacinação contra o typho, nos exercitos.

A media mensal dos casos de doencas typhoides observadas durante o periodo invernal de 1914-1915 foi de 678,6 por 100.000 homens; a de mortes, de 98,6 por 100.000 homens. Sobre essa base, admittindo a hypothese de quatro a cinco milhões de homens passarem pela frente da batalha, o total dos casos que occorreriam, durante os trinta e oito mezes de guerra, passaria de um milhão e o de mortes, de 145.000. Embora elevados, estes numeros poderiam ainda augmentar por causa da longa persistencia das hostilidades e da influencia da estação estivo-outomnal.

Ora, no exercito francez, o numero de casos de typho e de mor-

tes por essa molestia, tem variado na razão directa do numero de vacinações. De 3 de agosto de 1914 a 1 de setembro de 1917 o Laboratorio de vacinação anti-typhoide do Val-de-Grace enviou aos exercitos da frente 5513.073 doses de vaccina. E desde ha dois annos o exercito francez gosa, por isso, do um estado sanitario excellente, não havendo febres typhoides nem febres para-typhoides senão raramente. Convém notar que no inicio da guerra, quando as vacinações e revaccinações eram difficultadas pelas operações militares, o typho chegou a ser epidemico. Logo, porém, que, em principio de 1915 se pôde effectuar a vacinação preventiva, a epidemia decesceu enormemente até desaparecer. Hoje, a raridade dos casos de febres typhoides e sobretudo a de mortes, é tal, que essa molestia já não entra nas cogitações do Serviço Sanitario francez.

M. P.

QUESTÕES PEDAGOGICAS

ENSINO E NACIONALISMO

Cogitando o Governo do Estado de uma grande reforma nos ensinos primario e normal, há oportunidade para algumas observações que se prendem a ambos esses ensinos. Vou, no entanto, alizer algo apenas a respeito do ensino normal, porque sem boas escolas profissionaes pedagogicas e sem professorado apto, não é possivel progredir em coisas de instrução publica.

Os povos de cultura latina, quando desejam melhorar as suas instituições, reformam-n'as no papel, e confiam a execução do novo ou dos novos planos ao mesmo pessoal empregado no regime falho; é esse um erro constantemente repetido em todas as manifestações da vida social de taes povos, e em que elles não mais deveriam cair, depois que excellentes estudos, entre os quaes os de Gustavo Le Bon e os de Edmundo

Nós, brasileiros, como latinos que somos, pagamos também o nosso tributo de veneração pela fórmula, pela chapa, pela palavra escripta; somos feiticistas da palavra escripta, em cujas virtudes mirificas acreditamos ou fingimos acreditar. Felizmente para o Brasil, numerozo grupo de moços, criados num melhor regime, está perdendo ou já perdeu a fé no magico poder das ordenações escriptas e prefere agir, criar, ter energias e applicá-las.

Ora as reformas no papel apenas, sem presa forte e duravel no caracter dos executantes; sem o apoio em individualidades potentes encarregadas da acção, estão destinadas a insuccesso, e, de tal maneira, tem de ser lenta a marcha progressiva do Paiz.

Quantas vezes o Governô Federal há reformado o ensino superior e o secundario da Republica, e quaes os resultados? Quantas reformas teem promovido os diversos Estados da Federação, e com que consequencias? São Paulo, mesmo, que porção de vezes não tem legislado sôbre ensino?

E o facto é quo a instrucção de qualquer grau só se aperfeiçoa quando algum raro administrador applica, a golpes de energia e com louvavel constancia, methodos novos, processos mais seguros, influenciando sôbre os habitos velhos de longa data enraizados.

Em São Paulo, por exemplo, a acção do Sr. Dr. Oscar Thompson, do Sr. Dr. Vergueiro Steidel e de mais dois ou tres tem sido excetamente essa de martelar nalgumas teclas enferrujadas, com a tenacidade e a boa vontade que todos lhes reconhecem. Elles poderão dizer o quanto a rotina tem entravado os seus trabalhos de reformadores de facto.

Infelizmente para nós, no Brasil inteiro acharemos poucos homens com a tempera necessaria para uma tensão constante da sua febra, sem esmorecimentos, sem impulsos momentaneos seguidos por horas de desanimo; homens substantivos, portanto, como os ingleses os desejam e cuja feitura moral enche de entusiasmo o philosopho francez da

"Psychologie de l'E'ducation" e o sociologo da "E'ducation Nouvelle".

Tratando-se de ensino normal, o que é preciso é reformar methodos e processos antigos de modo a augmentar a efficiencia da instrucção ministrada, e obter-se um resultado bom que se revele no preparo solido o na orientação segura do candidato ao magisterio. Devem, pois, ser banidas as apostillas que só servem para cançar a memoria, e que não educam o pensamento; as lições sem bases aperceptivas serão afastadas de vez, bem como os programmas demasiados e inadaptaveis á orientação do docente e á mentalidade do discipulo; a decoração do ponto, o verbalismo cathedatico, o psittacismo do discente, o ensino illogico; tudo isso são vicios que devem deixar de existir por incompativeis com a formação mental do homem moderno.

Quanto ao progresso moral, há necessidade de uma tal norma de conducta dos mestres, que venha elle a servir, em quaesquer circumstancias da vida, de exemplo aos alumnos que tiver, nas grandes como nas pequenas coisas: assim pois (e felizmente não é esse o caso do professorado das nossas Normaes) a permissoão para o uso e até o abuso da *colla*, o proteccionismo mais ou menos velado nas suas multiplas formas, injustificaveis preferencias que nem ao menos o sejam pela pureza do character, a malleabilidade aos interesses dos mandões do dia com as suas sollicitações absurdas, um falso conceito de colleguismo permittindo reciprocidade de immoralissimas concessões, pequenas injustiças de toda a especie e preterições varias criando no espirito dos moços um scepticismo perigoso; a susceptibilidade doentia ao agrado tendencioso dos indignos, á bajulação maior ou menor; tudo isso são deviações de character que nenhuma reforma no papel, por mais meteuolosa que possa ser, conseguirá jámais endireitar.

De maneira que qualquer que seja a reforma feita, se ella não altera para melhor os costumes, será de valor nullo; se o character dos docentes fôr mau, e permanecer o mesmo, a mais sabia reforma está destinada



a naufragio certo. Não é só no ensino que se poderá observar o facto: na organização politica propriamente dita, na administração publica e na particular, em qualquer serviço em todos os tempos e no lugar que fôr: reforma feita, se não vem acompanhada de uma grande vontade de melhorar da parte de todos os individuos e principalmente da parte dos encarregados da execução della, é uma coisa innôcea por completo.

* * *

Vai, pois, São Paulo ter mais uma reforma de ensino e oxalá os docentes, pelos seus estudos aprofundados e constante e intelligente applicação, hajam adquirido uma solidã experiencia, capaz de se erguer e anniquilar a voz da rotina.

As novas Normaes são susceptíveis de muitos melhoramentos. A matricula no 1.º anno, por exemplo, exige um exame de sufficiencia actualmente muito imperfeito, visto como as provas na quasi totalidade constituem meros *tests* de memoria. Os candidatos deveriam ter, no minimo, 16 annos completos, e talvez conviesse experimentar um curso de 5 annos, com 2 cyclos, conforme o ideado pelo prof. argentino Sr. Pablo Pizzurno. Os actuaes exames, só escriptos, não deixam de ter sérios inconvenientes.

O ensino de Geographia do Brasil e de Historia Patria devia ser completo nos nossos cursos normaes e não o é. De facto, se queremos criar uma geração dotada de uma orientação nacionalista bem fundada e sã, é aos estudos da terra e da evolução da gente que teremos de pedir auxilio. Quem conhece o carinho e a extensão e a profundidade com que são tratadas essas duas materias (geographia e historia nacionaes), nos paizes adiantados, materias essas que são como eixos do espirito nacional, não pôde deixar de lamentar o desaso em que ellas são tidas nos cursos normaes, sem culpa alguma caber aos respectivos docentes. Para "Noções de cosmographia, geographia geral e cho:ographia do

Brasil" ha apenas um anno lectivo; para "Historia geral e historia patria" o mesmo tempo é consagrado; vê-se, portanto, quão imperfeito é o estudo dessas disciplinas basicas do patriotismo verdadeiro: o homem que desconhece sua terra não é patriota, e o brasileiro em geral conhece muito mais o resto do mundo do que o seu proprio paiz.

Se nós tivéssemos cursos de aperfeiçoamento dos estudos de geographia nacional e de historia do Brasil, se nas nossas escolas chamadas superiores houvesse aulas superiores o altos estudos dessas materias, ainda a falha não seria tanto de notar; excluindo-se, porém, o trabalho dos Institutos Historicos e Geographicos do paiz, cuja acção é de lamentar seja demasiada restricta, e os estudos de gabinete de meia duzia de investigadores apaixonados, que é que se estuda, aprofundadamente, no Brasil, de historia e de geographia nacionaes?

A's escolas normaes devia, porisso, caber o papel de centros onde importantes estudos geographicos e historicos fossem feitos.

Tambem não é sufficiente, posto as apparencias illudam, o tempo destinado á lingua patria. Convém attender a este ponto.

Professores que não conheçam bem a lingua nacional; a geographia da sua terra e a historia patria jamais poderão inculcar na alma dos seus alumnos a sentelha sagrada do verdadeiro patriotismo.

Relativamente ás chamadas materias do 2.º grupo, que enorme partido a tirar da musica, do desenho, dos trabalhos manuaes para uma obra patriótica de verdade! Entretanto, como os mestres dessas materias são quasi sempre estrangeiros (e erradamente, penso) tornar-se impossivel tirar dellas o partido que em outros paizes se está tirando, sob o ponto de vista de formação do espirito nacional.

Quanto á musica, uma disposição aliás recente eriou o "Orpheon" cuja direcção caberia á Escola Normal de São Paulo: ao que parece, as Esco-

las Normaes do Interior esperaram em vão os regulamentos, programas, instrucções que dalli deveriam vir. Seria, no entanto, o "Orpheon", um forte elemento para a tentativa de nacionalização da musica nas escolas normaes. Onde as collecções de hymnos officiaes e escolares, de aprendizagem obrigatoria, os primeiros; as collecções de cantos populares adaptados, de themas nacionaes destinados a composições variadas daquelles professores que o pudessem fazer com brilho?

E o desenho, e a modelagem em barro, os trabalhos em madeira, que optimo concurso não vulgarizar o nosso *folk-lore*, no perpetuar a tradição, cujas existencias — do *folk-lore* e da tradição — passam inteiramente despercebidas nas aulas das supraditas disciplinas?!

E' que, já se tem dito, as nossas escolas todas, de todos os graus, não tem cunho brasileiro, são incaracteristicas: ellas poderiam funcionar em quaesquer regiões indeterminadamente... porque no que menos se fala e pensa, nas escolas deste Paiz, é no Brasil.

Os corredores e as salas dos nossos prédios escolares não tem uma data, um nome, um retrato brasileiro; não recordam um facto glorioso da nossa Historia, não apresentam uma scena historica, um quadro de costumes, uma paizagem nacional; não abrigam nenhuma esculptura (nem um modesto sacy!) ou gravura de coisas da terra; nenhum trabalho brasileiro caracteristico...

As paredes, na sua nudez, parece reflectirem a alma brasileira amorpha, completamente despida do cunho nacional. A's vezes, nem mesmo se lobriga a auri-verde bandeira "estandarte que a luz do sol encerra e as promessas divinas da esperança"!

Junte-se agora a essas escolas tão mudas, tão frias, tão incapazes de despertarem um "amor da patria não mentido", um professorado cujos sentimentos patrioticos não se tenham formado á luz dos ensinamentos excellentes recebidos nas escolas

profissionais pedagogicas, e no eonvívio diario com essas pequeninas coisas que concorrem para accender e manter a ehamma sagrada do patriotismo... Seria isso um verdadeiro desastre!

A oportunidade é magnifica para uma empresa tão sympathica e tão justa aos corações brasileiros qual seja a de, pela reforma dos institutos normaes, concorrer-se para intensificar ainda mais o já alto civismo do professorado paulista.

São Carlos, 9 — 12 — 1917.

CARLOS DA SILVEIRA.

REVISTAS E JORNAES

HOMENS
E COISAS NACIONAES

LIGA HUMANA

Com esta senha quizera eu promover a colligação moral de todos os que possuam ainda puro o sentimento da humanidade, para o fim de, com o exemplo e o estimulo aos indecisos, defendel-a e preserval-a da contaminação ou do soffrimento do mal prussiano. A attitude de impassibilidade num caso como o desta guerra, equivale á approvação do crime. Não é preciso mais recutar e particularisar as destruições inuteis de monumentos, templos de arte, cultura e religião, consagrados pela admiração secular; os incendios de bibliothecas e universidades; a matança de mulheres e crianças, a ferro e fogo; o enforeamento de imbelles; as extorsões multiplicadas do dinheiro por qualquer pretexto; a caçada a tiro a estudantes fugitivos das chammas; o desrespeito de cadaveres, o envenenamento das fontes e a pirataria desalmada contra vapores inermes. Tudo o que é concebível pela imaginação num sonho de malignidade suprema, alli é realidade, apparelhada com requinte de luxo e sem disfarce... Destruidores da Belgica, arquiadores das cidades e aldeias

do norte da França, arrasadores de 95 cidades e 4500 aldeias da Polónia, enfureceram-se entretanto os allemães com a devastação feita pelos russos em Memel, e adoptaram a represalia, friamente, officialmente fixada pelo commando superior, de por cada aldeia alleman incendiada, incendiarem tres aldeias russas. Lida no Reichstag essa proclamação do marechal von Hindenburgo, houve, felizmente para o futuro dos allemães, a voz do deputado Ledebour que manifestou o seu horror, e a palavra de Liebknecht que exclamou: "Isso é uma barbaria." Em ordem do dia de 22 de Agosto de 1914 o general von Bulow, escreveu: "Foi com minha autorisação que o general em chefe mandou incendiar toda a localidade (Andenne) o que cem pessoas mais ou menos foram fusiladas pela suspeita de terem atirado sobre os invasores". Von der Goltz, governador da parte roubada á Belgica, affixou em Bruxellas um aviso de que em todas as localidades onde as vias de communicacão fossem destruidas, seriam tomados refens na população civil e fusilados "pouco importando que fossem cumplices ou não." Ora, os fraços, se não podem oppor a esses soldados orgulhosos e desmedidos um obstaculo de resistencia material, podem combatel-os com a energia moral, a dignidade de homens, transformando a fraqueza physica em uma força inegotavel, firmada na solidariedade com os que soffrem e com os que lutam por bem da honra, da ordem e do direito.

A's armas brutaes opponham-se as armas pacificas do discernimento e da previdencia. Elles apregoam o seu desprezo pelos homens, que não são germanicos, e o seu odio contra a Inglaterra que lhes embaraça a acção do desprezo. Procedam os homens bons como os inglezes, que ao odio respondem sem brava-ta com a effienciencia e a calma da sua acção reflectida. Assim convém tratar os doentes furiosos. Respon-da-se ao desprezo, não com o des-

preso, mas com a prudencia, que preserve do agravo, e com a belleza moral que aconselha a exclusão dos malvados do convivio humano. Não se lhes recuse a commiseracão, no caso necessario; elles ainda são homens. Deve-se porém negar-lhes a sympathia, que não pôde ser a um tempo de aggressores e aggredidos, e a dignidade humana obriga a ter o coração do lado dos aggredidos. A represalia é penosa, porque attinge a uma multidão, na qual talvez haja dissonancias do applauso aos desvarios allemães; mas é uma represalia indispensavel. Os jornaes de Berlim, commentando a prisão de espiões allemães na Inglaterra, affirmaram vaidosamente que era impossivel descobri-los, por estarem elles em toda parte, disfarçados em todas as classes sociaes. Deram assim os allemães aos homens bons o direito de suspeital-os, e já não pôde ser affronta, em presença de um grmano abotoar-se o coração e temer-se-lhes a duplicidade. Aos fraços, incumbel-os hostilizar os allemães pertinazmente, energeticamente, para os desapparellhar dos meios com que se fizeram fortes. E' uma acção que pôde parecer-lhes de inimigos, mas em verdade ser-lhes-á benefica, se concorrer para a final desaggregação dos povos unidos a sorvigo da monomania bellicosa.

Sejam pois os allemães afastados do convivio social dos homens. Sejam excluidos tambem do convivio intellectual: esqueçam os que a sabem, a lingua delles e impeçam os paes que os filhos a aprendam; essa lingua é o vehiculo aspero da embolia, tão bem estudada e definida pelo hungaro Reich. E que pôde vir hoje da Allemanha para o espirito humano? A poesia que subiu com Goethe ao infinito, com Heine ao mais intimo do coração humano, com Schiller ao heroismo, a poesia alli baixou aos grotões do odio, onde as musas são rans e os cantores bebem, não mais na agua das fontes, mas nos charcos emmiasmados.

"Canto de odio" é a producção de Ernest Lissauer, premiada por Gui-

lherme II. O odio é vil, e a poesia que o proclama, se avilta. O "Canto do odio" é um canto nacional, consagrado oficialmente. Já não é possível apagar os sons roufenhos dessa voz odiosa, que se infiltrou na lingua allemã. Para sentir Goethe, Schiller e Heine, ahí estão as traducções, em que se vason extreme a alma profunda e luminosa delles, exilada no idioma guttural. O proprio Goethe aconselhava a leitura do seu "Fausto" no traslado harmonioso de Gerard de Nerval. Para entender a philosophia allemã, é indispensavel lel-a, mondada do todo o cipoal confuso do estylo allemão: e os mandadores, os ordenadores foram francezes e inglezes. Frederico Nietzsche pedia desculpa de escrever em allemão e declarava preferir ler Schopenhauer traduzido em francez, e acrescentava que Schopenhauer não fôra allemão senão por acaso, como elle proprio, Nietzsche, não o era senão accidentalmente".

Para que mais conhecer-lhes a lingua rispida? E convém notar que para os brasileiros, particularmente, é dever patriotico excluir-a do seu conhecimento. Introduzidos ha mais de meio seculo no Brasil como imigrantes necessitados, formando insidiosamente nucleos exclusivos em quatro Estados do Brasil, apenas aprendem o portuguez os capatazes das colonias, incumbidos de alliciar a nossa boa fé e os agentes do commercio, que pretendem monopolisar o nosso commercio. A's mulheres, e crianças impedem elles que aprendam o portuguez; e parece que o primeiro cuidado de quem habita do bom animo um paiz estranho é aprender a lingua dos natuaraes para a convivencia despreocupada e lisa. Em Santa Catharina ha mulheres nascidas no Brasil, filhas de paes nascidos no Brasil, e que não sabem falar o portuguez. Não se contentam porém do isolar-se dos brasileiros, atrahem e isolam dos brasileiros os mesmos brasileiros, do condição servil, que se aggregam aos nucleos. Ha cerca de vinte annos, um engenheiro da distincta familia Bicalho,

estando com alguns companheiros de officio, em excursão a cavallo no interior do Rio Grande do Sul, aguardava num descampado, perto de uma alta arvore frutifera, pessoa que entendesse portuguez e a quem encarregassem de colher algumas frutas. Surgiu emfim um rapasola negro. Aeenaram-lhe, acercouse, mandaram-lhe que subisse á arvore. Confusão de todos; o moleque brasileiro não entendia a lingua do Brasil; o moleque brasileiro só entendia e falava allemão. Machado do Assis, a quem muitos annos mais tarde ouvi essa narrativa, não sentia ainda attenuado o seu espanto e a sua pena patriotica, ao recordar esse facto tão negramente significativo da planejada desformação organica do Brasil. E haverá brasileiros que sorriam disso e dos justos receios de brasileiros zelosos? A qualidade de brasileiro tem tanta elasticidade!...

Os allemães, com as suas atrocidades que attingiram o maximo possível no premeditado e friamente executado torpedeamento do "Luzitania", com que mataram ou deixaram morrer, a debaterem-se nas ondas, mil e trezentos passageiros, mulheres, crianças e velhos, de varia nacionalidade, acto esse nefando de que entretanto se orgulham e rejubilam; os allemães pelas suas proprias mãos excluiram-se da humanidade.

Os que se associarem nesta liga humana, serão pelo sentimento, pelo pensamento e pela dignidade, aliados dos servios, belgas, inglezes, francezes e russos; mas serão sobretudo brasileiros sinceros, defensores cautelosos da integridade territorial e moral do Brasil, a qual está sendo minada ha muitos annos por uma immigração tendenciosa de allemães, que desprezam a nossa lingua, alma da nossa nacionalidade, e nos subornam homens, mercandolhes o pensamento para o engano dos bons.

Emquanto durar a possibilidade da victoria final dos germanos que, realisada, ensombraria de novo o mundo com as trevas da idade mé-



dia, todos os homens puros e piedosos devem ser-lhes profundamente hostis. Vencidos porém que elles sejam e humanizados, será a occasião de saudar-lhes a regeneração e a liberdade e restituir-lhes a estima e a admiração a esses povos, cujas virtudes, cujo sentimento e cujo genio ficaram damnados pelo virus da bellicosidade barbaresca. (Mario de Alencar — *Estado de São Paulo*, S. Paulo)

AUTORES E LEITORES

Habent sua fata libelli — Esse verso é, na brevidade de um grito de dôr, o resumo das attribuições de quantas obras foram destruidas pelo tempo, que sobreviverá a tudo, por insectos que não ultrapassam o seu dia, pelo furor da natureza ou pela brutalidade do homem. Vindo de tempos perturbados por desencontro de crenças e conflictos de religiões, chegou até nós carregado de todas as maguas colhidas no seu lento percurso. E' as que trouxe da civilização a que pertencia já eram numerosas e profundas. Mais de tres quartas partes do thesouro literario da antiguidade greco-latina pereceu num vasto naufragio. Uma vagarosa vaga irresistivel, desentrolando-se inquietadoramente por varias gerações, foi cobrindo nomes e obras que pareciam inacessiveis á affronta das mais altas marés. Não conhecemos, precisamente, as proporções da catastrophe, mas, pelas narrativas dos naufragos e pelos destroços fluctuantes, avaliamos a immensidade e a belleza do continente submerso. Quantos espiritos não emmudeceram naquella morte, que apagou quasi todo o fulgor da obra do Eschylo, Euripedes e Sophocles, sepultou, totalmente, Corinna, que venceu a Pindaro. Parthenio, mestre de Virgilio, Euphorio, morto duas vezes, como diz Paulo Stapfer, porque nada ficou do que escreveu, e nem ao menos pôde reviver na obra de seu discipulo latino Gallo, que teve a sorte do mestre. Não ha mais adequada epigra-

phe a esse obituario de poemas, tragedias, odes e discursos do que o *habent sua fata libelli*. Faz parte do pouco que resta do Terenciano Mauro, que viveu provavelmente no fim do terceiro seculo da nossa era, num periodo de decadencia literaria, quando a actividade creadora degenerara em paciencia de erudição.

Attribuiram-n'o entretanto, a outros autores, a Horacio, a Ovidio, a Marcial.

Outros indagadores descobriram a filiação certa. A Sabedoria, nesse attribulado caso de familia, não precisou de recorrer á astucia do Salomão, ameaçando cortar ao meio a criança que duas mãis disputavam. Pelo contrario, para fazer obra completa, em beneficio do filho de Terenciano Mauro, em vez de cortar, teve que juntar. O verso famoso estava reduzido, nas citações correntes, a um hemistichio; era, pois, um mutilado. Felizmente, o que lhe faltava, não se perdera. Mais feliz quo a Venus de Milo, a obra do metrificador da Mauritania pôde mostrar-se restaurada, com a perfeição primitiva nestas palavras:

*Pro captu lectoris, habent sua fata
libelli*

Pareceria que, restituído á sua integridade, esse verso amplificaria ou completaria o pensamento do hemistichio. Vemos, porém, que, no verso inteiro, o sentido já não é o do verso amputado. Amputado, afirma que os livros, como se fossem homens, têm um destino que a Fatalidade lhes traçou e as circunstancias não alteram. Inteiro, nota que é da comprehensão dos leitores que resulta a sorte dos livros. E como nem todos os leitores lêem, da mesma sorte, o mesmo livro; nem todos da mesma leitura tiram as mesmas idéas, e recebem as mesmas impressões, — o destino das obras, em vez de ser unico e pre-estabelecido irrevogavelmente, é, pelo contrario, ondeante, multiplo e imprevisito, dependo da influencia, sempre mutavel, dos homens que pas-

sam, e da infinita variedade da vida — fugitivamente fluindo.

A critica ajuizada, a que deve inspirar-se no verso de Terenciano, não promette vida a ninguém, e também não passa attestados de obitos. Assegura, apenas, que a vida ou a morte dos livros está nas mãos do leitor, que os acolhe ou rejeita. Dir-se-ha que, em certos casos, taes precauções são demasiadas, ha mortes tão positivas, ha immortalidades tão evidentes! Mas convém esperar sempre. E' prudente não decidir nunca. A historia litteraria registra não poucos casos de fallecimentos incríveis e resurreições absurdas. Os contemporaneos de Delille tomariam por doido quem desse a entender que o glorioso do então seria o esquecido de hoje. Seus versos valiam ouro, e por ouro se trocavam. Seus funeraes foram mais imponentes que os de Victor Hugo.

Lamartine, que conheceu todos os encantos da gloria e da popularidade, tove enterro de pobre, e a pobreza, ou antes, a miseria, acompanhou, nos ultimos annos, aquelle poeta perdulario que, na mocidade, andou pelo Oriente com a magnificencia de Salomão. Os primeiros sons de sua harpa despertaram nos corações um enlevo que parecia infindavel. Mais tarde, os dedos que a tangiam, esmorecidos pela indiferença dos ouvintes, empregaram-se em obras de carregação, obras da velhice e da tristeza, mas que, apezar disso, aqui e alli reluziam ainda com lampejos de genio e sol de mocidade. Para não morrer á fome, Lamartine publicava o seu *Curso de Literatura*, em fasciculos que não se vendiam muito. A. Karr protestava contra a penuria em que morria o homem que, em dias de tumultos revolucionarios, e de apprehensões do capital, salvara a Ordem e a Propriedade.

No emtanto Lamartine recommçou a ser lido. Artistas, leitores de gosto afinado pela lyra do cantor de Jocelyn, foram matar sua sêde de espiritalismo, de religiosidade na fonte apedrejada, e o que os eon-

duzio a ella .foi justamente a sua simplicidade rustica, a despretenção dos seus musgos humildes vestindo pedras que não eram os marmores orgulhosos trabalhados por Heredia e Lecomte do Lisle. Isso ainda não é o dia; mas já não é a noite. E não é só o poeta que se levanta do pó. O politico tambem revive. Um livro de agora, *Lamartine orador*, provoca uma revisão de opiniões, favoravel ao grande homem de 48. Já os timidos, encorajados pelos criticos, podem affirmar, sem escandalo, que aquelle cysne pensava. Tinha, além de azas, idéas justas, sensatas, dignas de serem transferidas pelo pittoresco de um tanque de jardim para as cogitações de gabinetes ministeriaes. As nuvens por onde andava não lhe tolham ver claro nos negocios da terra. Foi elle, o barão, que, no tocante a meios de locomoção pareceria não querer outro vehiculo a não ser o obsoleto carro de Apollo, — foi elle quem sustentou a necessidade dos caminhos de ferro, contestada por Thiers, o administrador, o homem pratico, o não-poeta. — Que foi que mudou para explicar essa mudança? A obra do poeta? Os seus actos? Não. Mudou apenas o que Terenciano considerava o juiz do destino dos livros, e, portanto, dos autores: o leitor.

Não é sómente pelo contraste violento de vida e de morte, de esquecimento e fama, que se manifesta a mudança na sorte dos livros, produzida pela mudança de leitores. Igual phenomeno se observa, no decorrer de certas glorias litterarias, jámais contestadas, que se desenvolvem por grandes períodos, e em todo o seu curso apparentam uma superficie sempre igual e sempre calma, como se nenhuma perturbação dos juizos humanos lhes modificasse a majestade placida. Sirva de exemplo a immortalidade de Virgilio. Parece que a sua limpidez reflectio sempre a face da mesma admiração, curvada para ella na immobilidade de um culto. No emtanto, nessa fidelidade invariavel, variam os motivos della. Os seculos que têm ama-

do a Virgilio, não o amaram da mesma maneira. Todos, de margem a margem, do seu leito tranquillo, estenderam grinaldas, para que elle passasse num triumpho perpetuo. Mas, nessas homenagens, as intenções eram dessorrelhantes, e o glorificado era differente. Cada seculo vio um Virgilio que os outros não viram, e tem sido justamente a variedade dessas representações successivas da mesma physionomia a razão da inalterabilidade desso amor. (Constancio Alves — Conferencia realisada na Bibliotheca Nacional, Rio de Janeiro).

ARTHUR DE OLIVEIRA

Arthur de Oliveira, nascido no Rio Grando do Sul, foi conhecido e admirado nas rodas intellectuaes do seu tempo; mas é um nome obscuro no paiz, pela simples razão de que este artista muito pouco escreveu, não nos legando livro algum. Explica-se. A sua imaginação em catadupa, onde as idéas se succediam em tropel, não permittia que as palavras se fixassem na escripta. Era-lhe a mão por demais vagarosa para acompanhar o pensamento apressado. Possuidor de um grande talento e de uma esplendida cultura, servido por um raro bom gosto, sem ser poeta no sentido restricto da palavra, comprehendia e amava a arte do verso; conhecia perfeitamente a musica e esboçava a critica de um quadro com a mesma facilidade com que corrigia os defeitos de uma escriptura ou as imperfeições de um actor no theatro. Pelo testemunho dos amigos seus, chega-se a crer que tivesse passado a vida beirando a loucura. Era um exessivo. Deixando-se arrastar pelos impulsos e trabalhando pela fantasia mais ardente e desordenada, nelle o excesso de subjectividade o teria talvez levado á demencia, se uma terrivel doença intercorrente lhe não partisse o fio dos sonhos delirantes.

Machado de Assis apellidou-o do — *Sacó de Espantos* — e fez d'elle a personagem de um de seus contos,

aquele Xavier do *Annel de Polycrates*, que bebia perolas diluidas em nectar, comia linguas de rouxinol, e não usava papel mata-borrão por achal-o vulgar e mercantil, empregando areias nas cartas, mas uma certa areia de pó de diamante; aquelle mesmo Xavier que para acender os cigarros trazia comsigo uma caixinha de raios do sol; cujas coxas da cama eram nuvens purpúreas; que para presentear uma senhora por quem se apaixonara loucamente lhe enviou de mimo tres estrellas do Cruzeiro e que tomava café de manhã feito pela propria Aurora. Tal era elle.

Viajou pela Europa; estando em Paris, resolveu falar a Victor Hugo. Encaminhou-se para o palacio onde este morava; o porteiro, por qualquer motivo, recusou-se a annuncial-o. Travou-se forte discussão e Arthur, em altos brados, argumentava que viera de tão longe, de um recanto da America, unieamente para conhecer o Mestre e que se não iria embora sem vel-o. Attraído pela altercação, Victor Hugo assomou a uma das janellas, e, informado do que se passava, mandou que o deixassem subir. Quando appareceu no salão, já o poeta retomára o seu logar habitual, cercado de amigos, entre os quaes se achavam — Theophile Gautier, Catulle Mendés, Leconte de Lisle, Gustave Doré e outros. Arthur, sem se perturbar com essa augusta assistencia, lançou-se de joelhos aos pés do grande velho e começou a declamar versos das *Contemplações*. Fez-se dahi por diante frequentador da casa de Victor Hugo e amigo de Gautier, que lhe chamava — *Pae do Raio*.

Era, já vos disse, um impulsivo. Em certa occasião, assistindo a um concerto, e percebendo que uma senhora que executava ao piano um trecho de Beethoven, saltára uma passagem, ergueu-se de impeto e descarregou sobre o instrumento um formidavel murro, clamando que não consentiria jamais que, na sua presença, estropiassem Beethoven. A dama desmaiou e, como é facil de

prever, estabeleceu-se na sala enorme confusão. Quizeram expulsal-o. A presença de amigos evitou-lhe esse vexame. O arrependimento sobreveio pouco depois, os sentimentos de boa educação fluctuaram de novo. Procurou a infeliz interprete para pedir-lhe desculpas. Esta, já um pouco mais serenada, lh'as aceitou logo e Arthur, despedindo-se; ao apertar-lhe a mão: — Obrigado, mil vezes obrigado pela sua generosidade, mas escute, não toque mais Beethoven, sim?

Foi, na verdade, o *Sacco de Espantos* de que falava o auctor de *Dom Casmurro*. (Jorge Jobim — *Revista Americana*, Rio de Janeiro).

O NOSSO THEATRO

Bem como pelo consumo do acido sulfurico (assim escreveu alguém) se pôde aferir o gráo do progresso industrial de um povo, assim tambem, do florescimento de um theatro, licito é deduzir o requinte de uma cultura literaria. Ora, infelizmente para nós, motivos sómente ha para que a tal respeito nos sintamos vexados. Comparado com o hespanhol, o theatro portuguez é paupertimo. Essa má sina de Portugal, parece haver-mol-a herdado. A literatura dramatica, que no Brasil se iniciara com as tentativas de Gonçalves Magalhães, só em José de Alencar teve condigno proseguidor. Com Arthur Azevedo, ainda que desvairado da triha boa o limpa, deu ainda signaes de vida. . . . É depois, peor ainda que o silencio de morte, os estremeções de prolongada agonia. O actor, interprete de alheio pensamento, porém não raro sabendo communicar-lho a belleza e animação de que não o revestira o creador da peça, com este caminha de par. Onde fallecem os autores geniaes ou brilhantes, em vão procurareis anctores verdadeiramente notaveis. Não ignoro que ha em nossa terra uma Escola Dramatica, e que, segundo me informam, optima-mente é, ou foi, dirigida por um

talentoso escriptor, o meu amigo Coelho Netto; mas, evidentemente, ou por falta de vocações ou por qualquer outro motivo, reduzidissima é a colheita que dahi nos provém. O theatro nacional continua, qual o equilibrio orçamentario e a verdade eleitoral, a constituir uma das utopias em nosso paiz.

Quando comecei a frequentar theatros, no drama e comedia nacional trabalhava certo numero de bons engenhos, entre os quaes, além do citado Alencar, primavam Joaquim Manuel de Macedo, Castro Lopes, Pınheiro Guimarães. Traducções francezas forneciam, comtudo, a melhor parte do repertorio. E como no palco se distinguia o desempenho! Já tinha desaparecido o João Caetano, mas após si deitara uma sequella de bons actores, sendo um delles o Corrêa Vasques, cuja figura ainda vive nas saudosas reminiscencias do quantos o conheceram. Por outro lado, de Portugal nos havia chegado o Furtado Coelho, que durante não poucos annos foi dominador empolgante, e tambem á sua semelhança formou não poucos artistas. Ha dias, na *Ceia dos Cardeaes*, appareceu, disfarçada em velhinho, a actriz Ismenia dos Santos, de quem nunca mais se ouvira fallar, mas que, pede a justiça que se diga, na historia da arte dramatica brasileira tem logar honrosamente assignalado. Na alta comedia e no drama, mesmo ondo esto so delimito com a nóbre e grande tragedia, ella attingiu e por vezes superou a aspectativa publica. Lucinda Simões, que foi mulher de Furtadô Coelho, surgiu em seguida e, sem a vivacidade e animação da Ismenia, soube, entretanto, ser, pela sua inpeccavel distincção e naturalidade, uma eximia companheira do marido. A's representações das peças em que entrava esse casal de artistas, affluiu a melhor sociedade carioca. Assim pelos nossos olhos foi passando, com interpretação condigna, tudo o que de mais formoso e palpitante engendrava o pensamento francez.

Quando no regimen da opereta offembachiana descambou em Fran-



ça a arto do theatro, e mesmo inevitavelmente succedeu entre nós. Na antiga rua da Valla (que hoje alargada se chama da Uruguayana) houve uma casa do espectaculos denominada o *Alcazar*. Alli scintillaram *estrellas*, cujo maior brilho não era o da arte pura. O *Alcazar*, frequentado pela mecidade livre e pela velhico patusca, fez a mais rude concurrencia ao theatro sério. Offembach fazia dansar a França e com ella o mundo inteiro. O Rio, e com elle o Brasil, entraram na roda. Não foi a primeira nem a ultima tolice a que nos induziu a seductora cabeça da raça latina. A opereta franceza tinha, entretanto, um inconveniente para os não sabedores do idioma em que se representava. Dahi a idéa da traducção, e logo tambem a da *parodia*. O *Orpheu na roça* abriu o caminho a outros mistiforios. Arthur Azevedo, com a sua *Maria Angra*, nacionalizou, ainda mais ridicularizada, a famosa *Filha de Madame Angót*. Quando o Vasques, disfarçado em gallo, se exhibiu lá em uma scena do *Orpheu*, toda a platéa, escangalhando-se em riso, consagrou o inicio da pachuchada. Entrou e theatro em um periodo lothargico... E ainda está dormindo.

Outro passo para a decadencia foi a invenção das *revistas*. Um entreccho rudimentar põe em scena alguns *compadres* e certo grupo de figuras contemporaneas. Nada mais simples e para usar de usadissimo plebeismo, tambem nada mais *besta*... E, contudo, isso tem feito a reputação de muitos escriptores, e as delicias de espectadores sem conta. Ao começar tal genero de composições, houve a idéa do figurar em scena determinadas personagens. Octavio Hudson, o popularissimo *reporter* do *Jornal do Commercio*, o mesmo e velho Dr. Luiz de Castro, com o seu original systema do sempre trajar brim branco, quando toda a gente se vestia de tecidos de lan, foram postos no tablado em figurações muito fiois. Esses riram-se da graça; mas outros protestaram, e por isto, e para quo a farça não acabas-

so em tragedia, teve do acudir a policia o pôr termo á perigosa innovação. Enjoado dessa degeneração thoatral, escasseou a concurrencia publica; e então foi que, como so faz com os enfermos de estomago fraco, começaram os eupresarios a propinar ao povo pilulas de espectaculos *por sessões*. (Carlos de Laet — *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro).

HORA DECISIVA

A guerra actual têm despertado em todos os povos que lhe pagam o seu tributo de sangue, as qualidades e os sentimentos do que mais so poderia ennobrecer a especie humana. Syntheso formidavel de todas as energias nacionaes, a guerra não é apenas um factor de destruição, senão tambem um instrumento de construcção, em que se apuram e se refundem valores moraes e espirituales do uma significação consideravel. Na floresta do bayonetas que ella espalha nos campos, outr'ora semeados de verdura e hojo talados pelos obuzes, não figura apenas o esplendor da gloria militar. Mais balsamico que olhar o spectaculo do heroismo guerreiro, é ver a fabricação e a ascenção da seiva, que alimenta o maior acampamento que ainda allumiu o sol sobre a terra. O estoicismo militar corre parellas com o estoicismo civil. A espada não é do um aço mais bem temperado que a alma, nem mais obstinada que a paciencia. A abnegação, o espirito do sacrificio e do reuuncia desabrocharam no coração humano com um vigor insolito. Por certo que o espirito utilitario, cobizoso, avido, fumeça e onde quer que elle pôde accender seu tição, enxergamolo avermelhado. Mas no ambiente electrizado de enthusiasmo e do rudo sacrificio, e egoismo se sente incondicionado e asphyxiado pelo sentimento de subordinação aos fins collectivos, pela solidariedade e o altruismo. A hecatombe russa, tem, na sua loucura a grandeza de todas as utopias, o traço flammejante do fa-

natismo politico dos idaes visionarios, para quem os espectros se encarnam em formas lucidas, autoritarias e terriveis e os imponderaveis consolidam-se em realidade. Ha qualquer eousa de tocante na innocencia sinistra com que o russo candido e imaginativo se dispõo a realizar a experiencia collectivista. E' uma attitude. De loucura, poderá dizer-se. Mas de uma loucura illuminada, do idealistas scelerados e pittorescos, que se estão devorando á espera de um tyranno, que ha de chegar á ultima hora. Os homons que se estraçalham em guerra civil agora na Russia, matam-so por um ideal. E' a absorpção mais completa da personalidade pelo interesse collectivo.

Eu quizera dispor de uma parcella de autoridade para chamar as élites da minha terra á evidencia da realidade, que é amarga para os descuidados como nós. O objectivo materialista do processo economico, constitue ainda o ponto vital, e nerve da acção politica dos povos. Força social é condicção de riqueza e no estado actual da civilização só pelo commercio e a industria e o triumpho contra as energias rivaes de outros povos, é que as nações vencem e ganham aptidão para sobreviverem na concorrência mundial. Os povos irão ficar com as mãos livres para a expansão economica, o desenvolvimento commercial e industrial. A guerra lhes terá desenvolvido para isso, uma capacidade de organização formidavel. A Europa virá das trincheiras fatigada, mordida de canção, mas esplendida de aptidão organizadora. As intelligencias que não são cégas e procuram applicar ao Brasil as lições da guerra, para que não e colham surpresas, que lhe vão mostrando as novas estradas do mundo, no meio das quaes elle não poderá apparecer amanhã como uma carne decomposta, devorada pelos vermes do egoismo, da indifferença e da fraqueza. (A. Chateaubriand—*Correio da Manhan*, Rio do Janeiro).

CARLOS GOMES NA ITALIA

O "Guarany" foi cantado pela primeira vez em Genova ha bons quarenta e cinco annos. Era isso em Janeiro do 1872, e a estação lyrica, no theatro Carlo Felice, e principal da cidade, decorria "senza infamia e senza lode." O triumphador da época era Julio Gayarre, o celebre Hespanhol que morreu tão novo e a quem na Italia se gabava não só a voz deliciosa, mas a pronuncia e a dicção italiana, "cosi nette, limpide ed insinuanti, che la poesia e la melodia uscanti dalla sua bocca formavano un tutto armonico, iucantevole". Assim os Italianes se encantavam de ouvir a sua lingua coada por uma bocca estrangeira, o que mostra como todos os homons são iguaes, ou pelo menos todos es ouvidos são aquelles que se habituaram a fallar e a ouvir a lingua por nós considerada como a mais doce e mais cantavel do mundo. Foi, pois, o Gayarre quem, naquella estação lyrica geneveza de 1872, errou a parte de "Pery" na opera de Carlos Gomes, que um anno antes triumphara em cheio no Scala de Milão, erguida nos escudos da critica pelos louvores do celebre jornalista e escriptor lombardo Leone Fortis, o Director do "Pungolo", e pelo applauso do principe dos criticos musicaes italianos, do então, o Professor Filippo Filippi. Carlos Gomes estava em Genova, dirigindo os ensaios, e teve o justissimo orgullho de ver a sua opera demorar-se na scena por dezeseite noites quasi consecutivas. A symphonia e o duetto de tenor e soprano, no primeiro acto, tornaram-se rapidamente populares, popularidade que agora, perto de meio seculo volvido, não se tinha ainda apagado de todo. E o mesmo ou semelhante exito obtiveram a canção do "Aventureiro" no segunde acto; a aria do baixo: "Giovinetto nello sguardo"; e o trecho de tenor "Perché di moste lagrime hai tu bagnato il ciglio", que o Gayarre executava com tal doçura o tão suave gradações do colorido, que os applausos rompiam

em delírio por toda a sala. G. Porosio diz que Carlos Gomes era grande admirador da musica italiana; que, idolatra de Rossini, por elle considerado o maior compositor depois do Palestrina, se curvava não só diante dos seus tres grandes successores, Bellini, Donizetti e Verdi, mas tambem estimava altamente as operas de alguns dos menores, como Pacini, Mercadante e os dous Dieci.

— Uma noite (conta o critico genovez) encontravamo-nos os dous no camarote de uma gentil senhora, emquanto na scena do "Carlo Felice" se cantava a "Saffo", de Pacini. Ao romper do grandioso "finalo" que começa com a invectiva de Sapho a Gaono: "Ai mortali, or credo, ai numi", Carlos Gomes ergueuse do ropente da cadeira, csetuando quasi anhelante toda a peça, promovendo a cada passo em exclamações do entusiasmo e dizendo, por fim:

— Ah! pudesse eu encontrar tambem uma tão potente inspiração!...

Carlos Gomes achava-se então em Genova para assistir aos ensaios do seu "Salvator Rosa", alli representado em 1874, tambem com grande exito, para o qual contribuiu, interpretando a parto de soprano, a distinctissima atriz-cantante que foi Romilda Pantaleoni, rival da celebre Marianichasi na "Gioconda", de Ponchielli. Quanto ao "Guarany", só por tres vezes voltára a ouvir-se na Capital da Liguria: no Carnaval de 1879, no de 1880 e em outubro de 1890 — ha quasi dezeseite annos. O seu reaparecimento em 1917, teve a grande vantagem de mostrar que a obra do illustre compositor brasileiro "ne porte pas son age". O publico simples e espontaneo, alheio ás profundezas e tambem aos caprichos da critica erudita, applaudo, sincero e exuberante como sempre, o que na opera ha de accessivel ás platéas meridionaes. O publico "letrado" e "wagnerizado" teve de confessar que a inspiração e o talento de Carlos Gomes resistem ainda agora perfeitamente ao romantismo tropical do "libretto", e aos convencionanismos hojo desmascara-

dos, mas ainda soberanos na época em que a "partitura" foi escripta. (Agostinho de Campos — *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro).

AMADEU AMARAL

Ha duas phases perfeitamente distinctas na obra poetica de Amadeu Amaral — uma de sonhos lunares, de negação da vida, de amor ao contrario, horroriza-o a fixidez, heroica, dyonisiaca. Na primeira vac ello em demanda da paz, do oterno, do definitivo. Na segunda, ao contrario, horroriza-o a fixidez. Deleita-se no ephemere, no movediço, no relativo, e celebra com entusiasmo "o perpetuo esplendor das coisas transitorias". Na primeira mil obstaculos o separam do paralo, sonhado em doces abertas do luz. As "urzes" do caminho ensanguentam-lho os pés e a "nevoa" que cobre o horizonte mais parece um manto do nankim, um "zaimphi" sombrio destinado a esconder-lhe para sempre a face da divindade.

Na segunda, o poeta, desesperando com razão de vir nunca a alcançar "as regiões serenas de um descanso ideal", rasga do alto a baixo o espesso véu do Maia e, num victorioso arremesso, certifica-se de que atrás delle nenhum "além" existe e que toda a vida se concentra no brilho fugaz das "espumas" douradas ou "no minuto de luz que arde ás vezes num gesto".

O nosso aédo não é puramente lyrico nem sentimental. E' um mixto do sensibilidade e de intelligencia, de emoção e de pensamento. Sua poesia, mórmente no ultimo livro, encerra sempre vastas paisagens de idéas e sobretudo a nobre preocupação de uma "bella attitude moral".

Essa attitude e as idéas que a ella o conduziram, desabrocharam sem duvida alguma á luz nietzscheana. N" "A Palmeira e o Raio", uma das mais bellas poesias symbolicas do seu ultimo livro *Espumas*, vemos o homem forte, o superhomem, como

diria o apóstolo de Dionisios, erguer-se "solitario na turba immensa que o rodeia" á semelhança do uma palmeira que, "entre a plebe hirsuta dos arbustos e das arvores anãs", levanta "para o céo, no doce arfar das palmas, o aneio ascencional de uma fé que não verga". "Elle" ama viver "no sentimento heroico do seu termo, na divina embriaguez do perigo", tendo "inimigos audazes e rectos", que desconhecem "o gelado rancor que teme a luta e o risco, o odio vil que sórri, e sorrindo assassina", os inimigos emfim que "têm o orgulho que explode e a raiva que fulmina". Como Zarathustra, repelle a compaixão, que não é mais do que um insulto, e no meio da "tempesta desfeita, sob o vento, o grizo e o trovão", erecto e descoberto ante "o universal assalto", sabe cingir a fronte com uma corôa de risos e morrer sem baixeza, longe do que é torpe e vil e sem munea ter conhecido a "lenta podridão".

Diz a palmeira ao raio:

Vieste, de frente e de alto, e rabido
caiste cem vezes sobre mim. E cem
[vezes erraste
os golpes. E tambem cem vezes, si-
[bilante,
o meu riso resôou no espaço escuro
[e triste.
Mas agora venceste. Eis rota a um-
[bela; eis a haste
sempre de pé, mas rota. Eis-te em
[fim triumphante.
Obrigada..."

O prégador do "amor facti" morre com simplicidade e grandeza, "abençoando" todos os acontecimentos de sua vida — porque — ensina elle — "devemos cessar de sor-homens que oram, para nos convertermos em homens que abençoam."

No magnifico poema "O Açude", o pensamento do philosopho, guiado pelo enthusiasmo do poeta, apparece mais profundo e penetrante. Ha nelle todo uma philosophia "artisticamente vivida". E é nisto exactamente que consiste a originalidade e a força do nosso poeta. Qualquer pessoa dotada de faculdades discursivas

póde comprehender e expôr as idéas do Nietzsche. Póde mesmo declamar-as e versificar-as. Mas "vivel-as", fazel-as descer da superficie da razão ás profundezas da sensibilidade, imprimindo-lhes um rythmo pessoal e inconfundivel, é um privilegio raro, privilegio de artista, que sabe dar a côr de seus sonhos a todas as coisas de que se approxima. Assim que, n"O Açude", Amadeu nos mostra, por assim dizer, as raizes do "sentimento heroico" que o domina. E' todo o phenomenalismo "sentido" por um poeta, que não quer ser "dupe" (perdoemmo o francez) da finalidade, ou das causas finaes. Nada do illusões. "Tudo quanto alenta o esforço é o proprio esforço". A belleza da vida está na sua inutilidade, no facto de não ter outro sentido nem outro escôpo, a não ser o que lhe fôr livro e conscientemente imposto pela nossa vontade. E' bem verdade que o velho habito do absoluto difficilmente se desenraiza da sensibilidade, e o proprio poeta reconhece que:

"A's vezes, a quimera,
é todo o bem do herôe que na tre-
[va, ainda espera
ver de brusco ralar, do atro horri-
[zonte ao nivel,
o encantado fulgor de uma auro-
[ra impossivel..."

Elle, porém, repelle essa illusão. Toda illusão é um esgastulo, e quem nasceu com "o instincto voador" quer ser amplamente livre e sentir a vertigem da altura e da immensidade. E se lhe perguntarem, á maneira de um dos personagens symbolicos do seus poemas: "E por nada, affinal, te cansas!!" responderá serenamente: "Qualquer premio macularia o alvor do sonho que me leva..."

Convenham que é essa uma poesia incontestavelmente nova, no nosso paiz. Estamos diante de um poeta que evoluciona na atmosphaera rarefeita das mais subtis abstracções do pensamento, animando-as do uma vida prestigiosa, tornando-as palpaveis a poder de imagens, e isto sem ne-

nhumas velleidades de apostolo, — pois quem o lêr sentirá que ninguem é mais do que elle avesso á didactologia. E' um poeta que pensa, ou um "pensador" que canta. E no rythmo maravilhoso da idéa-imagem e da imagem-vida vae pondo, inteiramente alheio á preocupação de um auditorio, as riquezas ineditas de sua originalissima personalidade.

Amadeu Amaral, com ser brasileiro e apaixonado de Nietzsche — e eis aqui como se affirma inconfundivelmente a sua personalidade litteraria — é poeta de uma sobriedade verdadeiramente "classica". Neste traço está o seu maior elogio. E' em virtude delle que o aédo paulista so. mostra "imprevisto", "diferente" do que era de esperar, rebelde aos moldes que pareciam naturalmente indicados por suas proprias admirações e isento de um dos vicios mais communs entre nós — a exuberancia desordenada...

E que exquisito sabor não tem e dovanear nietzscheano deliciosamente escandido na nobre simplicidade, na "classica" pureza de linhas dos versos de Amadeu!

Querem uma pequenina amostra desse rarissimo equilibrio da intelligencia e da sensibilidade, da imaginação e do pensamento? Leiam estas quadras:

O sonho é um torvelin sem medida e
[sem norma;
é um latejar de vida, onda fervente
[e amarga.
A obra de arte, ao sahir da mão
[que lhe dá fórma,
é a vasa densa e vil que a onda,
[refluindo, larga...

O sonho de belleza, esse estado de
[graça.
não se fixa jamais; move-se como
[a vida.
A obra surge, e resplende. Elle pro-
[segue, e passa.
E a obra viva e perfeita é a que
[não foi concluida...

A admiravel "Prece da tarde", obra-prima de inaudita doçura, é capaz de por si só firmar o nome de um poeta. Começa á maneira do preludio do "Segundo Fausto". E'

uma como invocação magica a cujo prestigio tudo se transfigura e entra a palpitar, ao mesmo passo que se approxima a grande, a incernarivel embriaguez pantheista:

"Genios mansos da tarde, eseutae
[minha prece.
Sinto-vos deslisar por estes ares...
[Pondes
um véu de seda azul no hombro nu'
[da collina.
Entre as moltas, o rio, em silencio
[adormece.

E sobe, lento e lento, entre os ci-
[mos e as frondes,
da fadiga da terra o sonho da ne-
[blina.
Bolem na ondulação do campo,
[cujos termos
se vão perder ao longe em manchas
[de fumaça,

longas hesitações de agua em acu-
[des quietos.
E as mulheres que vêm da fonte
[pelos ermos
parecem respirar tranquillidade e
[graça.
crguendo no ar tranquillo os can-
[tatos repletos."

Eis como elle celebra a communhão divina com todos os seres do céu e da terra. E' o proprio Ariel que abre as azas na grande alma do poeta:

"Genios da tarde azul, enchei-me
[de harmonia...
Doces, apaziguais o valle amplo e
[e revólto.
Tambem minha alma é assim, re-
[vólta: socegal-a.

Permitti que o meu ser, na luz final
[do dia,
bóie e paire desfeito, ondeie calmo
[e solto,
num sereno esplendor de agua bra-
[va que espirala."

Passada, porém, tão recolhida hora do belleza e verdade, de sonho e de infinito, consola-o sentir que desse longo extaso alguma coisa lhe ficou no peito, assim:

"Como num bareo preso em porto
[esconso e estreito
parece ainda pairar, entre as vela
[e o bojo,
a ampla palpação das carreiras ao
[largo!"

(J. A. Nogueira—O Estado de São Paulo, S. Paulo).



HOMENS E COISAS ESTRANGEIRAS

OS SUCESSOS LITERARIOS

A profissão de editor é das mais arriscadas que se conhecem. O editor pensa e prevê tudo, estuda o momento opportuno, faz o trabalho de "réclame", e vai lançar o livro quando de repente, sobrevém uma mudança de ministerio que desvia o monopolisa a attenção publica durante um mez ou mais, e o livro, de successo garantido, fica nas montras sem se vender. Outras vezes, é o contrario que succede: uma obra em que se depositava pouca confiança, e que fóra acceita do má vontade — tem um bello exito devido a um concurso de circunstancias imprevistas.

Quem pódo dizer, observava um grande editor parisiense, o que seria dos *Miseraveis* de Victor Hugo — desse livro que tem sido o mais vendido depois da Biblia, se Tropmán, que assassinou a familia Kinck em 1869, tivesse commettido o seu delicto no dia 3 de abril de 1862, dia em que foi posto á venda o primeiro volume daquelle romance?

Alguns exemplos celebres mostram como é precario o vario o exito dos livros. Todos conhecem o *Robinson Crusoe* e a fama universal que destructa hoje. Mas o que poucos sabem é que Daniel de Foo eustou muito a encontrar um editor para a sua obra. Um pobro typographo, por nome Taylor, ousou finalmente affrontar o risco da publicação, e, com tanta felicidade o fez que dentro de algum tempo precisou augmentar o estabelecimento para attender aos pedidos. Quanto ao autor, só teve 125 francos...

As mesmas difficuldades supportou Beecher Stowe para publicar *A casa do pai Thomas*, que os editores achavam muito longa. Como a autora não consentisse nos cortes, a publicação teve de soffrer retardamentos o hesitações. Por fim, posto á venda, o livro fez furor:

em tres dias foram vendidos 10.000 exemplares; em um anno, 300.000. A Feira das Vaidades de Tackeray foi recusada por seis editores de Londres, obtendo depois um triumpho extraordinario. O *Genio do Christianismo* do Chateaubriand, devia ser, segundo a prophecia geral, um desastre completo, e fez, ao contrario, uma fortuna. Balzac, apesar do seu extraordinario trabalho, realisou pessimos negocios com os livros durante a sua vida. Morto ello, os editores Jaccotte e Bourdilliat fizeram da *Comedia Humana* uma edição a um franco o volume, a qual, durante dez annos, deu á viuva 40.000 francos annuaes de direitos autoraes. Quando François Coppée apresentou a Noel Parfait, da casa editora Michel Levy o seu primeiro trabalho *Le Passant*, a bella comedia em verso que ia ser representada no Odeon, Parfait respondeu-lhe: "Primeiro trabalho, escripto em verso, e, de mais a mais, para o theatro—tres excellentes razões para não publical-o." Alguns dias depois *Le Passant* alcançava um bello exito em scena. Noel Parfait escreveu então a Coppée retirando a sua recusa — mas já era tarde, porque o trabalho tinha sido vendido a Lemerre. Quanto á influencia dos jornaes, de que se tem abusado, é preciso reconhecer que já está muito desmoralisada. Entretanto, foi ao jornal, ou antes, á *Revue des Deux Mondes* que Mauricio de Guerin deveu a fama do seu poema *O Centauro* que, publicado em 1833, ficara quasi desconhecido até que George Sand o revelou pelas paginas daquelle revista. Assim tambem François Coppée, no *Journal* revelou a *Aphrodite* de Pierre Louys, que dormia nas livrarias depois do ter sido recusada por quatro ou cinco editores.

A primeira edição de *Madame Bovary* custou a Flaubert 300 francos, como elle proprio o confessa na sua correspondencia. O editor Michel Lévy, animado pelo extraordinario triumpho do livro o desejoso de compensar por qualquer modo o autor, pagou-lhe 10.000

francos por *Salammbô* o 16.000 pela *Educação sentimental*, mas ficou prejudicado com os dois livros, tanto que houve logo um rompimento entre o editor o o autor. Edmond Scherer que pela primeira vez assignalou ao publico essa pequena obra prima que é *Dominique* do Eugenio Fromentin, tão admirado e continuamente reeditado nos nossos dias, nos faz saber que o romance não teve repercussão alguma quando foi publicado pela primeira vez em folhetim na *Revue des Deux Mondes*, nem quando em volume.

A primeira traducção do *Quo vadis*, de Sienkiewicz foi recusada por muitos editores, os quaes não viam naquelle trabalho uenhuma probabilidade de venda.

A mesma coisa, mais ou menos, so observa no theatro. São classicos os exemplos do *Misanthrope*, de Molière e *Athalie* de Racine, friamente acolhidos a principio. Um dos mais bellos triumphos do Shakespeare foi *Pericles*, hoje quasi esquecido. E quem conhece hoje *Timandro* do Thomaz Corneille, que foi o maior exito dramatico do XVIII seculo?

Alexandro Dumas Filho teve que ouvir muitas recusas, antes que fosse acceita *A dama das camelias*, do que ninguon, no mundo do theatro, havia comprehendido o valor. Entre outras pessoas, madame Fargueil lhe observou: "A sua obra se desenrola num mundo que eu não conheço" — "Na sua idade, minha senhora? respondeu Dumas. Então nunca o conhecerá..." "Afinal, foi acceita por Bouffé, director do Vaudeville, que, com aquelle drama, só pretendia ganhar tempo para preparar *Le Ouistiti* de Rochefort-Lucay, mas tão pouca importancia ligava ao trabalho de Dumas, que, arropido de o haver accito, na vespera da *première* vendeu por 20.000 francos os direitos de autor. *A Dama das Camelias* foi um triumpho sem precedentes, e deu provavelmente mais de um milhão de francos ao feliz comprador dos direitos autoraes.

Para terminar, ois uma estatística que poderá dar uma idéa dos erros commettidos no julgar as obras literarias: — De mil livros que se publicam, 600 não pagam as despezas, 200 produzem apenas o custo do livro, 100 dão um pequeno lucro o 100 um lucro consideravel. Desses mil livros, 650 estão já esquecidos no fim do anno, 150 no fim de tres annos, 50 vivem sómente sete annos, e uma dezena no maximo fazem falar de si ainda vinte annos depois. Dos 50.000 livros feitos no seculo XVII pouco mais de 50 gosam do grande reputação e são ainda reeditados. Des 80.000 do seculo XVIII, a posteridade não conservou mais de 50 tambem. Ha mais de 3.000 annos que se fazem livros em todo o mundo. Entretanto, não serão em numero maior de 500 os oscriptores que têm sobrevivido á acção do tempo... (Albert Cim — *La Revue*, Paris).

ALMAS EMPAREDADAS

Os theologos, os philosophos e numerosos autores, antes do seculo 19 haviam propagado a opiuião erronea de que a falta de vista o ouvido é obstaculo irremovivel ao desenvolvimento das faculdades intellectuaes.

Santo Agostinho, não concedia aos surdos-mudos a possibilidade de chegar um dia ao conhecimento das verdades da religião, sob pretexto de que não tinham ouvidos, orgãos considerados pelos antigos como as verdadeiras "portas da intelligencia". Esso ostracismo horrivel teve uma influencia das mais lamentaveis sobre o destino de tantos desgraçados, que, privados de um sentido, supportavam não só o peso da sua enfermidade como o de injustos preconceitos que lhes negavam a qualidade de homens. Foi preciso que verdadeiros apostolos viessem demonstrar a falsidade o a injustiça das opiniões correntes para que a condição moral o material dos cegos e dos surdos-mudos melhorasse um pouco. O ab-



bade Michel de l'Épée deu o exemplo. Elle foi quem primeiro forneceu a prova indiscutível de que o surdo-mudo do nascença, privado do ouvido e da palavra, e nunca tendo ouvido nem falado, pôde ser instruído de maneira a ser possível ensinar-lhe a lingua escripta e mesmo a restituir-lhe a palavra. Os estudos e os escriptos do veneravel abbade determinaram um vivo movimento de curiosidade cujo benefico effeito não tardou a fructificar. Valentin Haüy realisou para os cegos o que Michel de l'Épée tinha feito para os surdos-mudos: demonstrou que o cego, apesar da sua cegueira, e mesmo que esta fosse do nascença, pôde aprender a ler por meio de tacto, e chegar assim a um desenvolvimento intellectual apreciavel que lhe permite trabalhar para viver. Cuidou-se depois dos idiotas, imbecis e outros deficientes intellectuaes, os mais lamentaveis dentre os enfermos, porque a sua inferioridade resulta não da ausencia de um sentido, mas de uma insufficiencia mais ou menos notavel das faculdades intellectuaes. E foram ainda dois francezes, Itard e Seguin, que provaram ser possível, em certos casos, elevar sensivelmente o nivel intellectual desses desgraçados.

Mas, ao lado dos surdos-mudos, dos cegos e dos idiotas, ha outra categoria do enfermos, hem mais desgraçados ainda: são os surdos-mudos-cegos. Não vêr, não ouvir, não falar; não dispor de meio algum de comunicação para exprimir as suas necessidades e os seus desejos!...

A primeira educação seria de uma pessoa em taes condições foi a da celebre norte-americana Laura Bridgman, que nasceu em 1829 e se tornou cega, surda e muda na idade de dois annos, em consequencia de uma febre escarlatina. Era ainda completamente privada do paladar e do olphato. Entrando para o Instituto dos cegos de Boston, lá aprendeu Laura a ler por meio do alphabeto manual, que lhe ensinaram o dr.

Howe e tres professores. Mais es-pantosos foram os resultados obtidos com a educação de Helen Keller a respeito da qual disse Mark Twain que ella e Napoleão foram as personagens mais interessantes do seculo 19. Com desenove mezes, Helen ficou inteiramente cega, surda e muda. Assim viveu, numa ignorancia completa, até os sete annos. Só então a confiaram a miss Sullivan, professora de surdos-mudos, com a qual não tardou a fazer notaveis progressos. Aprendeu a lingua ingleza, chegando a communicar-se com os seus professores e conhecidos por meio da dactylogia, que consiste em formar letras do alphabeto com os dedos da mão, e, o que é mais extraordinario, a comprehender as pessoas que lhe falavam collocando a mão sobre a bocca dessas pessoas. Helen estudou, conquistou diplomas universitarios, aprendeu varias linguas, o allemão, o italiano, o francez, e, terminada a sua educação, escreveu a *Historia de minha vida*, tocante autobiographia hoje traduzida em varias linguas, além de outras obras que a celebrisaram nos Estados Unidos.

E' no Canadá, porém, que acaba de fazer-se a ultima tentativa para instruir uma desgraçada surda-muda-cega que, por ironia do destino, traz o nome de Lachance. Ludovina Lachance nasceu em 1895. Com dois annos de idade, teve uma molestia grave, que a deixou irremediavelmente surda, muda e cega. Não podendo estar sempre ao seu lado, os seus pais tomaram a resolução de fechal-a num quarto afim de que, andando sózinha pela casa e fóra, se não molestasse. Dos tres sentidos que lhe restavam, tomaram ahi grande desenvolvimento o olphato e o tacto. Apesar disso, a pobresinha parecia mais um animal do que uma pessoa, quando, em junho de 1911 recebeu a visita do mordomo da Instituição dos surdos-mudos de Montreal. Foi quando começou a sua educação. Passados dois mezes, o pai foi visital-a. Já era outra, apresen-

tando notaveis progressos de intelligencia. E desde então, ha pouco mais de tres annos, os progressos têm sido continuos. Essa alma em trevas já recbe claridade de fóra. A linguagem mimica lhe permite communicar-se com os que a rodeiam e pedir-lhes tudo quanto deseja. Ludovina é forte, alegre e agil. E' pouco provavel, entretanto, que ella chegue algum dia, já não dizemos a egualar, mas a approximar-se de Helen Keller. Mas já não é pouco que tenham feito desse ser miseravel, uma pessoa consciente como ó hojo. (Edouard Drouot — *La Revue hebdomadaire*, Paris).

COMO OPERAM OS SUBMARINOS

Os submarinos operam isoladamente ou por grupos, segundo as circumstancias. Quando as circumstancias o permitem, suppõe-se que elles ficam no fundo da agua, em repouso, procurando descobrir a approximação do navio. Assim que lhes é assignalado um navio, olles se elevam a um nivel que lhes permita a observação pelo periscopio, e manobram então segundo a observação.

Quando a agua é tão profunda que o impede de ficar no fundo, o submarino devo manter a sua direcção de sorte a conservar a mesma immersão. A velocidade minima neste momento é de dois a quatro nós. A profundidade maxima de immersão é de cerca de 60 metros. A profundidade da marcha habitual é de 15 a 30 metros.

Suppõe-se que os submarinos tornam ao seu porto principal num intervallo de trinta a trinta e cinco dias. O raio total de acção devo ser, segundo todas as probabilidades, de 5000 a 8000 milhas com uma velocidade moderada de dez a onze nós. Quando o submarino emerge, a velocidade maxima devo exceder de 14 a 18 nós nos modelos mais recentes; quando está immerso, essa é de cerca de 10 nós.

Os submarinos têm, provavelmente

te, bases occultas na Irlanda e em outras costas, na Groenlandia e na Islandia.

O tempo necessario á immersão é do tres a quatro minutos segundo as circumstancias. Quando o submarino se acha immerso rente á superficie, bastam-lhe 15 a 30 segundos para elevar o seu periscopio, fazer uma observação rapida e recolhelo. Quando isso é necessario, o submarino póde seguir uma trajectoria em forma de sinusóide vertical, emergindo ou immergindo á vontade, com intervallos frequentes. Outras vezes, ello pódo marchar completamente immerso, mas perto da superficie, o fazer observações frequentes atravez do seu periscopio. Os submarinos modernos são munidos de dois ou tres periscopios, afim de que por um accidente qualquer, se não vejam privados do seu meio de observação.

O lançamento de torpedos pelos submarinos implica provavelmente uma mudança na sua direcção. Não é sempre, porém, que isso se dá. O torpedo, para attingir o seu alvo tem de viajar sob a agua cerca de tres minutos. Num mar calmo, o torpedo póde correr em maior profundidade do que num mar agitado.

Quando operam de noite, os submarinos escapam mais facilmente á vista, mas naturalmente encontram mais difficuldades para attingir o seu objectivo (*Revue Scientifique*, Paris).

ANIMAES MARAVILHOSOS.

Os animaes intelligentes, assim como os homens bestas, são menos raros do que em geral se pensa. Aqui estão, como exemplo, dois animaesinhos curiosos: um cão que escreve o desenho, embora depois de algumas lições, e um passaro jardineiro, que, esse, não recebeu ensinamento algum, pois vivo entro homens semi-selvagens.

O cão que escreve e desenha chama-se Dick, e tem feito furor no theatro Hammerstein do Nova York.

Dick não tem mais de quatro annos, e, apesar da sua tenra idade, vendo sempre a escrever o seu patrão Rancy, quiz aprender com elle. Sempre que Rancy entrava no seu escriptorio, lá se punha Dick a observar-o. Prestava uma attenção enorme em vel-o escrever. O sr. Rancy não tardou em comprehender: secundando o desejo do animal começou a dar-lhe as primeiras lições de escripta e de desenho. As lições foram muito proficuas, pois o intelligentissimo Dick, dentro de pouco tempo, pode desenhar triangulos, polygonos e circulos, e escrever phrases perfeitamente legiveis. Até a sua assignatura elle já faz!

O outro animal maravilhoso, o passaro jardineiro, vive nas soberbas florestas virgens dos Montes Ar-fak, na Nova Guiné.

E' grande, assim como um tordo, e mereceria ser conhecido não só dos que fazem profundos estudos de ornithologia, como tambem de todos os apaixonados das maravilhas da natureza. Este curioso animal pertence á divisão dos conirostros e é baptisado pelos naturalistas com o nome latino de *Amblyornis inornata*. Um ornithologo italiano, o sr. Beccari, propõe chamal-o "o jardineiro", e demonstra, numa douta monographia publicada nos "Annaes do Museu Civico de Historia Natural de Genova", que este ultimo nome não poderia ser mais apropriado. O ninho simples é para este bipede uma *quantité négligeable*: além da casa para os seus filhotes, quer uma casa para si, para os seus

companheiros e para as suas... amigas — uma bella casa muito espagosa, de forma conica, de cerca de um metro de diametro e de mais de meio metro de altura. Essa casa elle a sabe construir com estaquinhas finas e rectas de uma especie de orchidea a que os botanicos chamam *Deradrobium*, e que possui, entre outras propriedades, a de durar muitos annos.

Mas, essa casinha não lhe basta: um passaro que se presa deve possuir um delicioso jardim, e por isso o *Amblyornis inornata*, assim que termina a sua casa, começa a estender em torno della um maravilhoso tapete de musgo, escolhido com o maximo cuidado. Sobre o musgo, o "jardineiro" dispõe, numa bella ordem, não poucas flores, das mais vivas e variadas cores, as mais bellas qualidades de fructas dos arredores, e muitos insectos e cogumellos, que, pela cor e pela forma constituem na verdade um bello ornamento. O mais curioso é que o "jardineiro" conserva sempre o seu jardim muito fresco, tanto assim que, apenas começa a seccar, elle trata de o renovar, lançando fóra, bem longe da sua morada, o musgo o o mais, já intoleravel ao seu gosto delicado...

Os indigenas dão a esse passaro extraordinario o nome de *burnunguru*, que quer dizer "passaro sabio". O *Amblyornis inornata* não é dos mais bellos conirostros: é, porém, incontestavelmente o mais original da familia (B. M. — *Cultura Moderna*, Milão).

AS CARICATURAS DO MEZ

OS ELEITOS DE DEUS



Mohamed — Olá!... Por aqui?! Onde vão?

Guilherme — Vamos levar umas pequenas lembranças ao Messias.

Mohamed — Pois eu venho de Jerusalem. Limpei o Santo Sepulchro.

(*J. Carlos* — "Caretá", Rio)

COMO ELLES SOLICITAM A PAZ
(DE QUE PRECISAM COMO DE PÃO PARA A BOCCA)



— Com mil milhões de diabos! Queremos a paz! Raios os parfami!
Queremos a paz! Arrei!

(*Jullão Machado* — "D. Quixote", Rio)

HOMENAGENS AO BRASIL



Do Evening Star, Washington.
Parabens e bemvindo sejas no combate em prol da democracia mundial.



Do New York Herald.
No combate mundial em prol da liberdade.



Do Philadelphia Record.
O aniversario da Republica do Brasil — Um novo defensor da democracia.



Do Columbus Evening Dispatch.
Lado a lado pela liberdade.

("Caretta" — Rio de Janeiro)

Wilson Sons & Co. Limited

RUA B. DE PARANAPIACABA, 10

TELEPHONE, 123

CAIXA DO CORREIO, 523

End. Teleg. "ANGLICUS"

SÃO PAULO

IMPORTADORES:

de carvão de pedra, forja, anthracite, coke, etc.; ferro guza, cobre, chumbo, chapas e canos de ferro galvanizado, folhas de flandres e ferragens; óleo de linhaça e tintas; drogas e adubos para industrias; barro e tijolos refractarios, barrilha etc.

AGENTES DE:

Alliance Assurance Co. Ltd., Londres
Segudos maritimos e contra fogo

J. B. White & Brothers, Londres
Cimento Portland "J. B. W."

Aberthaw & Rhose Portland Cement &
Lime Co. Ltd. Cimento marca "Mitra"

Read Brothers Limited, Londres
Cerveja Guinness "Cabeça de cachorro"

Curtis's & Harvey Ltd., Londres
Dynamite marca "Dragão"

Brooke, Bond & Co. Ltd., Londres
Chá preto e verde marca "Bond"

William Pearson Ltd., Hull
Creolina, Pacolol e Pacofluido

Andrew Usher & Co., Edinburgo
Whisky "Liqueur"

J. Bollinger, Ay Champagne
Champagne "Bollinger"

P. Virabian & Cie., Marselha
Ladrilhos e Cimento

Holzapfels Ltd., New-Castle-on-Tyne
Tintas preparadas "Lagoline"

Accetam pedidos para importação directa mediante
modica commissão

Casa de Saude

Dr. HOMEM DE MELLO & C.

Exclusivamente para doentes de molestias nervosas e mentaes

Medico consultor — Dr. FRANCO DA ROCHA,

Director do Hospicio de Juquery

Medico interno — Dr. Th. de Alvarenga,

Medico do Hospicio de Juquery

Medico residente e Director — Dr. C. Homem de Mello.

Este estabelecimento fundado em 1907 é situado no esplendido bairro *Alto das Perdizes* em um parque de 23.000 metros quadrados, constando de diversos pavilhões modernos, independentes, ajardinados e isolados, com separação completa e rigorosa de sexos, possuindo um pavilhão de luxo, fornece aos seus doentes esmerado tratamento, conforto e carinho sob a administração de Irmãs de Caridade.

O tratamento é dirigido pelos especialistas mais conceituados de São Paulo

Informações com o Dr. HOMEM DE MELLO que reside á rua Dr. Homem de Mello, proximo á casa de Saude (*Alto das Perdizes*)

Calva do Corralo, 12 **SÃO PAULO** Telephone, 580

Loteria de São Paulo

PARA 15 DE FEVEREIRO

50:000\$000

Por 4\$500

Os bilhetes estão á
venda em toda a parte

INDICADOR

ADVOGADOS:

DR. S. SOARES DE FARIA —
Escriptorio: Largo da Sé, 15
(salas 1, 2 e 3).

DRS. SPENCER VAMPRE',
LEVEN VAMPRE' e PEDRO
SOARES DE ARAUJO—Traves-
sa da Sé, 6, Telephone 2.150.

DRS. ROBERTO MOREIRA,
J. ALBERTO SALLES FILHO e
JULIO MESQUITA FILHO —
Escriptorio: Rka Boa Vista, 52
(Sala 3).

MEDICOS:

DR. LUIZ DE CAMPOS MOU-
RA — Das Universidades de Ge-
nebra e Munich. — Rua Libero
Badaró, 181. Telephone 3.482,
das 13,30 às 16 horas.

DR. SYNESIO RANGEL PES-
TANA—Medico do Asylo de Ex-
postos e do Seminario da Gloria.
Clinica medica especialmente das
crianças—Res.: R. Bella Cintra, 139
Consult.: R. José Bonifacio 8-A,
das 15 às 16 horas.

DR. ALVARO CAMERA-Medi-
co. S. Cruz do Rio Pardo-S. Paulo.

DR. SALVADOR PEPE — Es-
pecialista das molestias das vias
urinarias, com pratica em Paris.
— Consultas das 9 às 11 e das
14 às 16 horas. Rua Barão de
Itapetininga, 9. Telephone 2.296.

TABELLIÃES:

O SEGUNDO TABELLIÃO DE
PROTESTOS DE LETRAS E TI-
TULOS DE DIVIDA, NESTOR
RANGEL PESTANA, tem o seu
cartorio á rua da Boa Vista, 58.

CORRETORES:

ANTONIO QUIRINO — Cor-
retor official — Escriptorio: Tra-
vessa. do Commercio, 7 — Te-
leph. 393.

GABRIEL MALHANO — Cor-
retor official — Cambio e Titu-
lios — Escriptorio: Travessa do
Commerció 7. Teleph., 393.

DR. ELOY CERQUEIRA FI-
LHO — Corretor Official — Es-
criptorio: Travessa do Commer-
cio, 5 - Tel. 323—Res.: R. Albu-
querque Lins, 58. Teleph. 633.

SOCIEDADE ANONYMA COM-
MERCIAL E BANCARIA LEO-
NIDAS MOREIRA—Caixa Postal
174. End. Teleg. "Leonidas, S.
Paulo". Telephone 626 (Central)
— Rua Aivares Pentendo — S.
Paulo.

DESPACHANTES:

BELLI & COMP. — Santos:
Praça da República, 23. Teleph.
258. Caixa, 107.—Rio: Rua Can-
delaria, 69. Teleph. 3.629. Caixa,
881. — S. Paulo: Rua Boa Vista,
15. — Teleph. 381. Caixa, 135.
Telegrammas: "Belli", Genova
(Italia), Piazza Seuole Pio X —
Casella 1.459. End. tel. "Bel-
lico".

ALFAIATES:

ALFAIATARIA ROCCO—Emi-
lio Rocco — Novidades em case-
mira ingieza. — Impórtação di-
recta. — Rua Amaral Gurgel, 20,
esquina da rua Santa Izabel. Tel.
5151 — S. Paulo.

Joallierie — Horlogerie — Bijouterie

Maison d'importation

Bento Loeb

RUA 15 DE NOVEMBRO, 57 (en face de la Galeria)

Pierres précieuses — Brillants — Perles — Orfèvrerie — Argent, Bronzes
et Marbres d'Art — Services en Métal blanc inaltérable

Maison à Paris . 30, Rue Drouot, 30

10 000



**REVISTA DE COMMERCIO
E INDUSTRIA**

A maior, a mais completa, a mais util, a mais lida e a mais interessante revista commercial, economica financeira do Brasil. Collaborada pelos mais eminentes economistas, juriscosultos e contabilistas brasileiros. Unica publicação nacional que traz os seus leitores ao corrente dos progressos, das necessidades e da situação do commercio, da industria e das finanças do paiz. Já está no seu 3.º anno de publicidade. Responde gratuitamente a quaesquer consultas dos seus assignantes.

Assignatura Annual 10\$000

Envia-se um numero GRATIS a quem o pedir aos

EDITORES: OLEGARIO RIBEIRO & Co.

CAIXA POSTAL, 1172 - SÃO PAULO

Redac.: R. Direita, 27 - Offic.: R. Dr. Abranches, 43

BYINGTON & C.

Engenheiros, Electricistas e Importadores

Sempre temos em stock grande quantidade de material electrico como:

MOTORES

FIOS ISOLADOS

TRANSFORMADORES

ABATJOURS LUSTRES

BOMBAS ELECTRICAS

SOCKETS SWITCHES

LAMPADAS

1/2 WATT

CHAVES A OLEO

VENTILADORES

PARA RAIOS

FERROS DE ENGOMMAR

ISOLADORES

TELEPHONES

LAMPADAS ELECTRICAS

Estamos habilitados para a construcção de installações hydro-electricas completas, bondes electricos, linhas de transmissão, montagem de turbinas e tudo que se refere a este ramo.

UNICOS AGENTES DA FABRICA

WESTINGHOUSE ELECTRIC & MFTG Co.

Para preços e informações dirijam-se a

BYINGTON & COMP.

Largo da Misericordia, 4

TELEPHONE, 745

SÃO PAULO



The British Bank of South America, Ltd.

FUNDADO EM 1863

Casa Matriz, 4 MOORGATE STREET, Londres

Filial em São Paulo, RUA SÃO BENTO N. 44

Capital subscrito . . .	£ 2.000.000		Succursaes em: BAHIA,
„ realizado. . . .	£ 1.000.000		RIO DE JANEIRO, MONTEVIDÉO,
Fundo de reserva . . .	£ 1.000.000		ROSARIO DE STA. FÉ e BUENOS AIRES.

O Banco tem correspondentes em todas as principaes cidades da Europa, Estados Unidos da America do Norte, Brasil e Rio da Prata, como tambem na Australia, Canadá, Nova Zelandia, Africa do Sul e Egypto.

Emittem-se saques sobre as succursaes do Banco e seus correspondentes.

Encarrega-se da compra e venda de fundos, como tambem do recebimento de dividendos, transferences telegraphicas, emissão de cartas de credito, negociação e cobrança de letras de cambio, coupons e obrigações sorteadas e todo e qualquer negocio bancario legitimo.

Recebe-se dinheiro em conta corrente e em deposito abonando juros, cujas condições podem ser determinadas na occasião.

Firmas e particulares que desejarem manter uma conta corrente em esterlinos, em Londres, podem abril-a por intermedio desta filial que, a pedido, fornecerá talão de cheques e quaesquer esclarecimentos.

Este Banco, tambem abre contas correntes com o primeiro deposito de Rs. 50\$000, e com as entradas subsequentes nunca inferiores a Rs. 20\$000, até o limite de Rs. 10:000\$000 abonando juro de 3% ao anno.

As horas do expediente sómente para esta classe de depositos, serão das 9 horas da manhã ás 5 da tarde, salvo aos sabados, dia em que o Banco fechará á 1 hora da tarde.



- BENEFICIO DO CAFÉ -

A machina que realisou as aspira-
ções dos Srs. Fazendeiros: — Per-
— — feição e Economia! — —

A machina "AMARAL", *typo* 1917, contem todos os aperfeiçoamentos necessarios para se toruar, como se tornou effectivamente, a ultima palavra ueesse genero de machuismos.

A nossa affirmação seria suspelta si não fosse baseada em numerosos attestados que constam dos nossos archivos e nos quaes os mais conceituados lavradores de café fazem a apologia daquelle aparelho de nossa fabricação.

Si V. S. tem em vista comprar uma machina para beneficiar café — ha de preferir naturalmente aquella que rennir estas vantagens essenciaes: — economia e perfeição. Pois essas qualidades são as que, a par de outras muitas, constituem a caracteristica da machina "AMARAL", — razão allás que explica o seu successo triumphante. — Fornecemos aos interessados todas as informações que nos forem solicitadas, catalogos, orçamentos, etc. Mediante pedido, mandaremos tambem amostras de café beneficiado.

Dirijam seus pedidos á

COMP. IND. MARTINS BARROS

CAIXA POSTAL, 6

Loteria de São Paulo

PARA 8 DE MARÇO

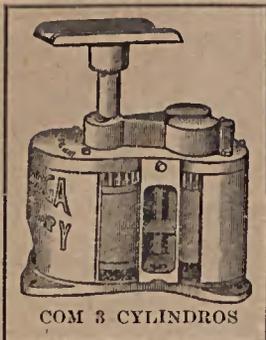
50:000\$000

Por 4\$500

Os bilhetes estão á
venda em toda a parte

CHATTANOOGA

:: O MELHOR ENGENHO DE CANNA ::



COM 3 CYLINDROS



COM 2 CYLINDROS

Para moagem de canna, ineontestavelmente nunca houve, não ha, nem ha de haver, em parte alguma do mundo, machina comparavel ao engenho CHATTANOOGA, o maravilhoso engenho americano, de que somos agentes exclusivos para venda em todo o Brasil; o que é por demais sabido de todas quantas pessoas em nosso paiz se occupam da cultura e exploração industrial da canna de assucar; mas repetimo-lo, para que se não illuda quem agora pretenda iniciar-se em tal industria, com o que, pois, pensamos prestar-lhe um bom serviço, indicandolhe logo o melhor engenho.

Temos 5 tamanhos de engenhos a força animal

TABELLA DESCRIPTIVA

NUMERO	FORÇA, CAVALLOS	TAMANHO dos CYLINDROS		CAPACIDADE		PESO, KILOS
		Maior	Menores	Garapa por hora	Canna por hora	
7*	1	7" x 7"	7" x 7"	96 litros	200 kilos	243
22	1	12" x 6"	6" x 7"	160 "	330 "	320
23	2	14" x 7"	7" x 7"	220 "	420 "	460
24	3	16" x 8"	8" x 8"	285 "	580 "	686
25	4	18" x 9"	9" x 9"	380 "	760 "	960

(*) Só o engenho n. 7 é que tem dois cylindros, inteiramente eguaes.

O engenho CHATTANOOGA extrae todo o caldo da canna, mesmo sem lhe deixar nenhuma gota.

A pedido, e sem compromisso da parte do solicitante, fornecemos catalogos, pregos e minuciosas informações sobre estes engenhos e todas as nossas machinas para canna, taes como alambiques, turbinas centrifugas para assucar, etc., etc.

F. UPTON & COMP. IMPORTADORES

LARGO S. BENTO, 12
SÃO PAULO



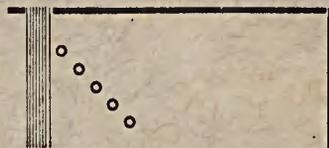
AV. RIO BRANCO, 18
RIO DE JANEIRO

ETABLISSEMENTS BLOCH

Société Anonyme au Capital de 4.500.000 francos



FAZENDAS, TECIDOS, ETC.



RIO DE JANEIRO
116, Rua da Alfandega



S. PAULO
47, Rua Direita

PARIS, 26, CITÉ TRÉVISE

As Machinas **LIDGERWOOD**

Para CAFÉ MANDIOCA
ARROZ MILHO
ASSUCAR FUBÁ, etc.

São as mais recommendaveis para a lavoura, segundo
experiencias de ha mais de 50 annos no Brasil

GRANDE STOCK de Caldeiras, Motores a vapor, Rodas de
agua, Turbinas e accessorios para a lavoura

CORREIAS-OLEOS-TELHAS DE ZINCO-FERRO EM BARRA

GRANDE STOCK de canos de
ferro galvanizado e pertences

CLING SURFACE, massa sem rival para conservação de correias

Importação directa de quaes-
quer machinas, canos de fer-
ro batido galvanizado para
encanamentos de agua, etc.

Para informações, preços, orçamentos, etc., dirigi-se a

Rua de São Bento N. 29-G
SÃO PAULO



REVISTA DO BRASIL

SUMMARIO

OLIVEIRA LIMA <i>da Academia Brasileira</i>	Ainda existe o Direito Internacional? 111
MONTEIRO LOBATO	Pedro Alexandrino (com illustrações) 120
MARIO DE ALENCAR <i>da Academia Brasileira</i>	Flôr do campo (poema) . 131
AMADEU AMARAL	Um poeta do relevo e da côr 146
JACOMINO DEFINE	As razões de Tagore . 159
DO ARCHIVO DE JOSÉ DE ALENCAR <i>(Cartas de José de Alencar, Lourenço Vianna, Barão de Pirapama, Visconde de Maranguape, Antonio Teixeira de Macedo, Henriques Leal).</i>	164
COLLABORADORES	Resenha do mez 170

(Continúa na pagina seguinte)

PUBLICAÇÃO MENSAL

N. 26 - ANNO III

VOL. VII

FEVEREIRO, 1918

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
RUA DA BOA VISTA, 52
S. PAULO - BRASIL



RESENHA DO MEZ — Bibliographia — Movimento artistico (*Carlos Oswald - Tulio Mugnaini*), com oito illustrações — N. — A educação e a defesa nacional (*Afranio Peixoto*) — O Estado como factor da organização nacional (*A. Chateaubriand*) — O poeta Chiado (*João Ribeiro*) — Os “congos” (*João do Norte*) — Arthur de Oliveira — Brasil e Argentina (*J. Pires do Rio*) — Capistrano de Abreu intimo (*A. Prado*) — Os impostos internos — A sciencia e a industria na Inglaterra e na Allemanha — As estradas de ferro do mundo — Um precursor de Tolstoi — A personalidade sentimental — Onde está a alma na inconsciencia? — O mimetismo dos animaes — As caricaturas do mez. —

ILLUSTRAÇÕES: Pedro Alexandrino e C. Oswald, por W. Rodrigues; O “atelier” de Pedro Alexandrino; quatro telas de Alexandrino; seis reproduções de C. Oswald; quadros de T. Mugnaini.

As assignaturas começam e terminam em qualquer tempo

A “REVISTA DO BRASIL” só publica trabalhos ineditos

REVISTA DO BRASIL

PUBLICAÇÃO MENSAL DE SCIENCIAS,
LETRAS, ARTES, HISTORIA E ACTUALIDADES

Propriedade de uma
sociedade anonyma

L. P. BARRETTO

Directores: JULIO MESQUITA Redactor-chefe: Plinio Barreto
ALFREDO PUJOL Secretario-gerente: Pinheiro Junior

ASSIGNATURAS:

Anno	15\$000
Seis mezes	8\$000
Edição de luxo, anno	22\$000
Numero avulso	1\$500
Numero atrazado	2\$000

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:

RUA DA BOA VISTA, 52
Caixa Postal, 1373 — Telephone, 4210

S. PAULO

Toda a correspondencia deve ser endereçada ao secretario-gerente.



AINDA EXISTE O DIREITO INTERNACIONAL? ⁽¹⁾

Meus caros amigos:

Manifestastes o desejo de que vos recebesse nesta para mim tão honrosa e grata visita, que summanente vos agradeço, dizendo-vos algumas palavras sobre o direito internacional. Mas para isso não era á sombra destas arvores que vos deveria acolher: pareceria preciso armar uma câmara ardente. O direito internacional está reputado morto, e os raros neutros que restam, o estão velando como a morto pobre, posto que não morto sem choro. Se com effeito Grotius resuscitasse hoje, busearia em vão em torno de si esse idéal da liberdade dos mares que elle julgou deixar vivo *ad omnia secula seculorum*. O que enxergaria elle? Oceanos desertos de navegação e apenas cobertos de destroços causados por uns monstros submarinos de que elle não podia ter tido a previsão, em re-

(1) Preleção feita a 19 de Outubro de 1917 no Recife, por ocasião da visita dos membros do Congresso Academico ao seu presidente honorario.

presalia a um gigantesco bloqueio de populações inteiras, populações sommando muitos milhões e abrangendo combatentes e não combatentes: isto é, nações, que se procura fazer capitular pela fome, como qualquer guarnição de fortaleza.

O velho hollandez rasgaria, estou certo, o frontispício do seu tratado da guerra e da paz, para só se occupar da guerra, tendo a paz por desapparecida do planeta. Aos seus labios tremulos de commoção afluaria a maxima romana, de novo em actualidade, como se não houvesse de permeio dous mil annos de civilização: "Inter arma silent leges".

Porque semelhante eclipse? Os guias do pensamento americano, quando chegou a hora do nosso continente se organizar sobre a base da sua autonomia, foram todos elles, Jefferson como Bolivar, o padre João Ribeiro como Mariano Moreno, homens educados na philosophia européa do seculo XVIII, philosophia de tendencias humanitarias e de predilecções pacificas. Teria tal philosophia sossobrado para sempre no furor das luctas crueis a que não tem escapado o Novo Mundo numa forma reflexa? O que é feito de todo esse prolongado esforço do mundo civilizado para codificar o direito das gentes, para humanizar a guerra, para a prevenir pelo arbitramento obrigatorio e pela redução dos armamentos, para estabelecer sobre fundamentos solidos essa sociedade das nações de que só escarnecem os imbecis?

Nada mais parece respeitar-se na destruição pavorosa que por além vai de cidades e de campos, onde milhares de vidas são diariamente immoladas ás divindades infernaes da inveja e da cobiça. Não ha socego para os que acordam entremunhados ao estourar das bombas lançadas pelos aeroplanos; não ha garantia para a propriedade dos que levaram o melhor dos seus annos a formarem peculio para a velhice; não ha piedade para os que expiram na horrivel dyspnéa produzida pelos gazes asphyxiantes; cessaram as liberdades de locomoção de trafico, até de pensamento, tão caras aos corações dos homens cultos.

A situação só fez peorar em comparação do que era nos começos do seculo findo, quando o commercio dos neutros sof-



fria o duplo embate de inglezes e francezes, empenhados em se destruirem economica e politicamente, e se organizava adrede numa liga de defeza propria. Esta liga pretendeu oppor-se ao direito de busca, no caso de estarem os navios mercantes escoltados por navios de guerra das suas nacionalidades, só trazendo porém sua attitude em resultado o bombardeio de Copenhague e a destruição da esquadra dinamarqueza, isto é, de uma das uações neutras.

No emtanto o que a liga dos neutros reclamava era o que ha de mais razoavel; era o que ainda hoje reclama o direito e consiste na liberdade do transporte de mereadorias feito sob bandeira neutra, com excepção do contrabando de guerra o qual deve tão somente comportar armas e munições de guerra. Consiste mais na liberdade de navegação de embarcações neutras para portos não bloqueados effectivamente, immunes do vexame da busca quando comboiadas pela frota de guerra. Em vez disso temos hoje as listas escandalosas de artigos de contrabando de guerra, abrangendo quanto ha, até viveres, e temos o bloqueio á distancia e o bloqueio por submarinos em zonas declaradas de guerra e mares declarados em estado de clausura. Temos até a prohibição de embarques de generos de porto neutro para porto neutro, pelo risco ou suspeita da mereadoria alcançar por via do territorio neutro o territorio inimigo — isto sem fallar nas estranhas listas de proscricção commercial operando entre populações não belligerantes e attingindo em muitos casos nacionaes de paizes neutros. Chega-se até ao absurdo de estabelecer embargos para generos alimenticios destinados a paizes neutros quando nenhum embargo fôra decretado para armas e munições, a saber, o contrabando de guerra, realmente inequívoco e que só um dos lados belligerantes se achava em condições de receber.

Acontece porém com o direito o que acontece com a moral, a religião ou a politica, isto é, qualquer dos systemas creados pela intelligencia e pelo esforço do homem, obedeça elle nesses easos a puras conveniencias sociaes ou a mal definidos, mysteriosos instinctos do seu espirito. Differentemente do que acontece na vida physica, ha sempre possibilidade, pode

mesmo esperançosamente dizer-se que ha sempre certeza de resurgimento para cada uma daquellas expressões da alma collectiva da sociedade apoz o eelypse do seu fulgor: este reaparece sempre que a tolerancia e a equidade primam de novo a violencia e o crime.

Se o direito desaparecesse da superficie da terra, cessaria toda organização e cessaria toda sociedade. O direito internacional não é mais do que um ramo que brotou do tronco common e, como todo o direito, tende á universalização. As questões do direito internacional já possuem mesmo o caracter de universalidade: o publico põe em jogo os tratados, as convenções, as regras que devem presidir ás relações entre Estados; o privado cuida de ajustar os conflictos entre direitos nacionaes e de assimilar o estrangeiro ao nacional na esphera dos interesses particulares.

Como conceber, pois, o mundo sem um direito das gentes? Os clamores que suscita seu desaparecimento ou, melhor dito, seu eelypse, são a melhor prova da sua existencia real e da necessidade que delle experimenta a consciencia universal. Talvez que esse eelypse venha a ser um bem, porque na próxima Conferencia da Paz já os problemas da guerra não poderão mais ser discutidos com um espirito por assim dizer academico. Elles serão discutidos deante da sinistra realidade de uma guerra que a todas as ontras exceden em horrores.

O interessante é que, mesmo durante a guerra, o direito internacional tem dado signaes de vida. Nós sabemos pouco do que se está passando na Europa — apenas aquillo que nos permitem saber fontes suspeitas — e as consas porventura mais importantes nos escapam. Acaba por exemplo de dar-se um caso de arbitramento relativo á guerra no decorrer da guerra. Foi o primeiro, porque a Allemanha recusára resolver por esse modo o caso do torpedeamento do *Palemborg* e adiára até o fim da guerra — *et pour cause* — o do torpedeamento do *Tubantia*. Agora Allemanha e Hollanda decidiram submeter a uma côrte arbitral composta de um sueco, um dinamarquez e um argentino (victoria inercnenta alcançada pela neutralidade argentina sobre a nossa semi-guerra), a questão



da entrada dos submarinos nas aguas territoriaes das nações neutras por motivos que não de força maior ou avaria.

Não é occasião de apreciar se o recurso ao arbitramento deve ser absoluto ou de conveniencia: menciono apenas o facto para mostrar a vitalidade de semelhante principio, que ressurge quando lhe querem passar certidão de obito. De resto, apoz a guerra, haverá uma porção de casos novos a regular, no genero da classificação dos navios mercantes armados em guerra para se defenderem dos submarinos, cuja actividade exercerá desse modo não pequena influencia sobre as futuras regras do direito a serem admittidas pelas nações.

Logrará manter-se deante das aggressões invisiveis daquelles instrumentos tremendos de guerra a ficção da soberania nas aguas territoriaes? Desde o momento em que se alteram as bases ou condições, ha que alterar os principios ou normas, já que é relativo o conceito do direito. A violação das aguas territoriaes, cuja fixação depende aliás da balística, pois que o seu limite das trez milhas já não corresponde aos canhões modernos, não é nem jámais foi considerada tão grave quanto a violação do proprio territorio, e menos grave ainda é a do espaço atmospherico onde operam os aviões. Um publicista estrangeiro assim estabelece a gradação denunciada pelo diapasão diplomatico diverso das respectivas reclamações: "Se uma esquadra de zeppelins atravessa o territorio hollandez, fendendo os ares, o governo da Haya faz uma advertencia; se uma peleja naval ocorre nas suas aguas, o governo em questão protesta energicamente; se um soldado allemão passasse armado a fronteira hollandeza, a Hollanda entraria na guerra" As violações de neutralidade não são, pois, afe-ridas por identica craveira.

Existe contudo em toda a evolução do direito um elemento fixo e inalteravel que se chama a moral. As circumstancias da applicação das regras que formam os codigos podem variar: no amago cousas ha que serão eternamente reprovaveis e outras que serão eternamente louvaveis. Um exemplo daquellas é a imposição aos civis de um territorio occupado militarmente de trabalharem para o inimigo em detrimento da

sua patria; um exemplo destas é a assistencia prestada aos feridos inimigos. Como e porque se distinguem uma das outras? Pelo caracter moral que as distingue. O direito tem de ser posto de accordo com a moral, de modo tão cabal que elimine quanto possivel do organismo social o que Mazzini chamava a philosophia de Cain, a qual tem sido a desgraça do mundo biblicamente e tambem historicamente.

Não é que tenham faltado apóstolos desse credo de justiça internacional. Depois da paz de Utrecht o abbade de Saint Pierre propoz um vasto e generoso plano em que entravam a mediação, o arbitramento e a penalidade para o soberano culpado de haver pegado em armas por sua propria iniciativa ou recusado executar uma decisão do senado das nações. Esse refractario á disciplina internacional seria declarado inimigo da sociedade européa e contra elle se voltariam os exercitos dos confederados.

E' claro que semelhante recurso tornaria impossivel a guerra, a menos que o réo não fosse um Imperio Allemão capaz de arrostar o mundo inteiro; mas não bastaria para tornar a paz eminentemente justa, porque de todo tempo se conheceram as coalisões de interesses. Nem o momento historico comportava então ou comportá sequer hoje remedios tão drasticos. Nas conferencias da Haya os Estados Unidos tornaram bem claro que não abriam as porteiças americanas: nesse immenso cercado elles sós poderiam intervir, mesmo para fim tão altruista quanto a preservação da paz, por sua vez se compromettendo a não intervirem na Europa.

Resta saber que influencia exercera o desvio dessa politica secular de abstenção traçada por Washington sobre os destinos da doutrina de Monroe, que constituia o que se pode chamar a sua *contrepartie*.

A sanção tem que se exercer pela reprovação geral da offensa commettida contra a paz universal. Qualquer sanção mais positiva ultrapassaria a meta desejada. A cousa essencial a fazer é estabelecer e promover a acceitação da carta fundamental da sociedade internacional, ou mais precisamente firmar os direitos e os deveres das nações. A Córte Internacio-



nal de justiça que ha de forçosamente constituir-se, ahi encontrará sua lei organica.

O segredo do exito está porém em promover apenas o que fór realizavel, e por isso é conveniente renunciar, por enquanto pelo menos, ao emprego da força no intuito de compellir ao respeito do direito. Este respeito deve partir do consenso da opinião, de uma deliberada sujeição da razão; motivo de mais para que o nosso paiz, que na sua lei fundamental veda a guerra de conquista e estabelece o recurso ao arbitramento, se colloque na primeira linha dos que adherem a semelhantes processos da equidade internacional. O nosso sentimento juridico, que é felizmente um facto incontroverso, impõe-nos tal obrigação e acarreta-nos tal distincção. Para merecel-a, é todavia preeiso que não abandonemos a brandura pela violencia.

O internacionalismo começa por ser o agrupamento, a ampliação dos differentes nacionalismos, antes de ser um sentimento differente, isto é, dotado de uma natureza propria, de uma feição comprehensiva. Entrará a ser semelhante sentimento quando estiver fundada a ordem juridica super-nacional, a saber, o que Fiore baptizou como direito do genero humano. Então o novo direito internacional gosará dos attributos que pertencem a outros ramos do direito, o civil ou o criminal, quer dizer, a obrigatoriedade e a sancção penal, e a sociedade humana poderá orgulhar-se de ser um organismo onde reina a harmonia e uma creação onde prevalece a justiça.

OLIVEIRA LIMA



PEDRO ALEXANDRINO

O genero de pintura a que se dedicou Pedro Alexandrino é dos mais ingratos. Força o pintor a extrahir poesia justamente dos materiaes de si menos aptos a suggerir-nos impressões poéticas. Uma jarra, um prato, um eopo difficilmente esper-

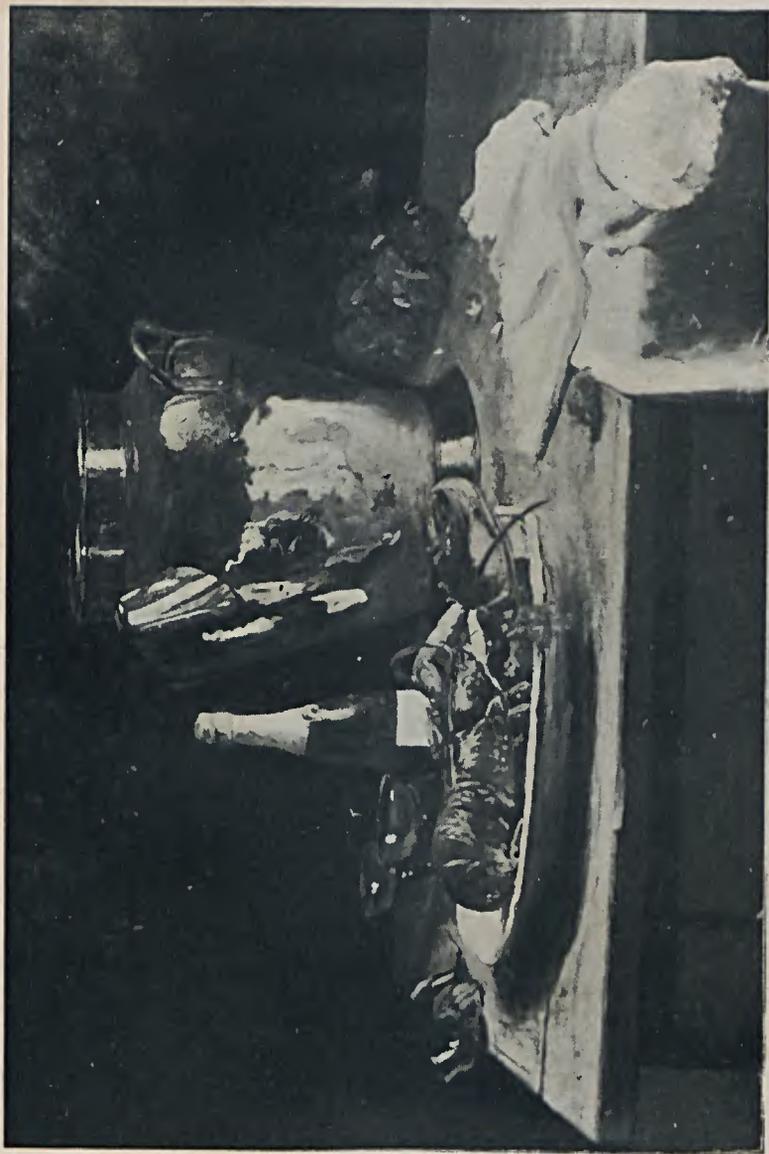
tam outras ideias que não as utilitarias decorrentes do uso caseiro que fazemos desses objectos.

Em face duma talhada de melão os olhos recebem a sensação da cor pura e fresca, e o paladar sente irritarem-se-lhe as papillas gustativas. Reacções puramente physiologicas que se não associam no cerebro de modo a criar e emoção esthetica, fim supremo da arte.

Não obstante taes precalços, se o pintor é homem de talento e o traz a serviço duma sensibilidade de eseol, é possivel obterem-se effeitos emotivos

com os mais prosaicos objectos caseiros. A sua aggremação inteneional, uma sabia escolha dos mais adequados ao thema e uma technica larga, impeeeavel, constituem o segredo desta arte. Um exemplo: se o pintor mette na tela uma garrafa nova em folha ou em vaso que inda chia ao contaeto da'agua, poucas probabilidades tem de guindar-nos o espirito acima







de ideias correlatas á industria vidreira ou ao commercio barato de louça.

Mas se ao invéz disso escolhe uma garrafa typica d'algum vinho famoso, recamada de vetustissima poeira de adega, sugere-nos logo uma fieira de ideias consociadas a reminiscencias de festas idas onde se beben tal vinho, ou a saudades de factos consequentes; a poeira encrostada abre campo a revoos da imaginativa passado afora — e está criada em nosso espirito a emoção esthetica. Assim os vasos antigos, moveis d'antanho, velhos estofos, tudo quanto relembre epochas extinctas da vida humana; este copo veneziano, envasado como funil, feito á mão, d'um vidro impuro, producto d'uma arte ingenna inda no nascedoiro: — quantas ideias nos semeia no cerebro? Aquelle singelo candieiro de azeite de cinco bicos, — quem ao vel-o na tela não se sente arrastado ao arripio dos scenos, e não devanoeia scenas do viver humano que elle outróra allumiu com sua luz bruxoleante?

Um quadro de natureza morta assim composto, com esta preocupação dmn effeito que transcenda á materialidade dos sentidos, tem elementos para librar-se ás altas regiões da grande pintura figurista ou paisagista, porque como estas sugere estados d'alma eivados dessa coisa indefinivel que chamamos emoção esthetica.

Pedro Alexandrino Borges é no Brasil o cultor primacial desta arte. E' mestre indiscutido, e indiscutivel. Na parte puramente technica alcançou uma virtuosidade rara — consagrada por voz unanime como sem rival aqui, e parceira das mais afamadas nos velhos centros artisticos. O que sae do seu pincel com a nota de definitivo desafia a lente escabichadora de senões do mais exigente critico. No que diz respeito aos fundos não ha restricção a lhe fazer. Todo quadro exige um certo fundo — e aquelle só. E' um segredo do mestre achal-o a esse, a precisamente esse que é o unico e insubstituivel pela consonancia perfeita com o thema desenvolvido e do qual advem o ambiente de harmonia, que é grande parte no eucanto da tela. Pedro Alexandrino possui este segredo.

Nos toques de luz, na gradação da resistencia que os objectos offerecem aos raios luminosos, já repellindo-os, se são de metal,

já absorvendo-os, se têm a composição balofa dos estofos, ha uma infinita sciencia cujo senhoreamento só longos annos de pacientes estudos dão. Elle a tem.

Quem visita seu *atelier* comprehende o porque e o como da sua tonalidade. Ha ali um ambiente que é o de todas as suas telas. As paredes revestidas de quadros e estudos, velhos moveis d'arte por todos os lados, crystaes e vidros antigos, panoplias, alabardas, acha d'armas, punhaes, sabres japonezes, louça de cem annos, bules, jarras, aquecedores e uma alluvião de objectos de metal, eobre ou latão, deseneovados das ruinas dos seculos, estofos raros e quanta coisa mais a sua paciente faina de collecionador ajuntou ali em annos de ronda ás "vendas d'arte" e ferro-velhos, eream um quadro magnifio de luz esbatida dentro do qual passa elle o seu tempo. Nesse ambiente caricioso onde tudo fala ao sentimento artistico, onde elle respeita até a poeira que lentamente patina as queridas *trouvailles* o pintor subeonscientemente adquire a mestria do tom seductor que dá aos seus trabalhos.

Sua obra vastissima é pura de truques, de preoccupações mesquinhas de escola; é honesta e sincera como poucas.

Pedro Alexandrino nasceu em S. Paulo no anno de 1862. Aos 11 annos de idade accentuou-se-lhe a vocação e já por todos os meios procurava approximar-se dos artistas da epocha. Levado por esta impulsão ingenita tomou as primeiras lieções de um francez Brandier, que viera ao Brasil commissionedo para trabalhar na decoração da matriz de Campinas. Depois de cinco mezes de estudo passou a trabalhar com outro decorador francez, Estiveau, por espaço de dois annos. Em tereeiro, entrou para a officina de José Lucas Medeiros ganhando nma pataca diaria, collaborou em numerosas decorações de casas e igrejas, entre ellas a casa Aguiar e Barros na Luz e a igreja de Sta. Thereza que por essa epocha se restaurava.

Mais tarde frequentou o *atelier* d'outro portuguez, Adriano Ferreira Pinto, já então vencendo dez mil réis por dia; entre os trabalhos desse tempo, cita-se a decoração do palacete do commendador Cantinho e a d'uma residencia episcopal no







Braz. Este Adriano, seduzido pelas muitas qualidades raras que notava no seu auxiliar, deliberou-se a mandal-o para a Europa a estudos,—o sonho dourado do jovem artista. Cuidava-se disso com urgencia quando máus fados obstaram ao intento: Ferreira em rixa com um subalterno recebe na cabeça a pancada duma acha de campeche e morre. Mallograda esta primeira ensancha para o passo decisivo de sua vida como artista, continuou Alexandrino na tarefa modesta de decorador a serviço d'outro empreiteiro portuguez, José Carreira. Tambem a este impressionou a vocação vigorosa do moço, e tanto, que, emcampano as ideias do fallecido Ferreira, deu-lhe ordem de aprestar-se para ir á sua custa frequentar academias europeas. Realisava-se o sonho desta vez? A fatalidade interveiu novamente: o novo protector cae na Varzea do Carmo espetado a canivete pelo cocheiro Justino. Resigna-se Alexandrino, e reenceta o viver de até ali, agora sob a direcção de Joaquim de Andrade com quem decora, entre outros, o palacio do Marquez de Tres Rios, hoje Escola Polytechnica. Entretanto as manifestações continuadas dum talento fóra do comum continuam a chamar sobre elle as attensões dos homens de vistas largas. Entre estes estava o commendador Martim Francisco de Almeida, thezoureiro do Santuario de Pirapora. Desta vez iria á Europa. Iria... se uma desastrosa queda de cavallo não viesse pela terceira vez, com a morte do terceiro protector, oppor o veto do destino. Alexandrino já tinha medo de ver-se protegido: era isso signo de desastre.

Aeabrunhado com a má sorte retomou o trilho costumario, agora com Boaventura da Cruz; neste periodo trabalhou no *plafond* da igreja de Pirapora. Em seguida emancipou-se da tutela dos empreiteiros passando a viver e produzir por conta propria; decoração de interiores, retratos, retoques de velhos paineis foram o seu labor destes annos. Retocou as pinturas da Igreja do Carmo e compoz uma Virgem que ainda lá existe.

Estava nisto quando recebe pensão do Estado para cursar a Escola do Rio. Lá estuda durante dois annos sob a direcção do professor Medeiros, e ao cabo retorna a S. Paulo onde trava conhecimento com Almeida Junior. Juntos trabalharam por oito annos, associados em obras diversas. Foi quando pintou

os primeiros quadros de natureza morta. Surprehendeu-se ao ver os Almeida Junior, e disse-lhe como quem sente uma revelação: não pinta senão isto, é a tua arte. Alexandrino deudento no conselho, persistiu no genero e breve a consagração chegou sob forma da admiração geral, de incitamentos, de louvores pela imprensa, e por fim, de pensionamento pelo Estado para um curso na Europa. Partiu em 1896.

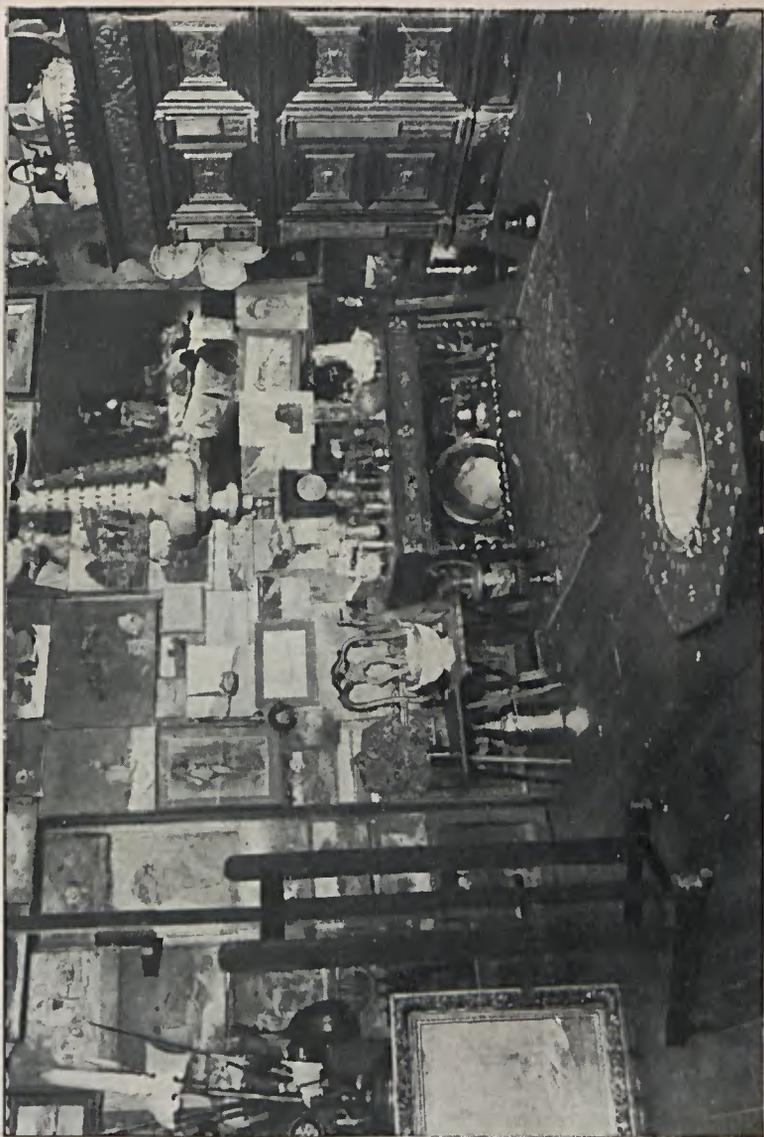
Em França cursou as aulas de Chretien, e as de Vollon até á morte deste; passou-se depois á Academia Cormon e rematou os 7 annos de pensionato na escola communal de Quincleau. Desde ahi tem sempre vivido em Paris, exclusivamente do producto da sua arte. Recebido seis vezes no "salon", teve logo bem cotada a sua pintura e hoje orgulha-se de ter numerosissimas telas esparsas pela França inteira, ornamentando fidalgas vivendas, e de ver tantas outras transporem as fronteiras levando o nome de Mr. Borgés a varios outros paizes de intensa cultura artistica.

Na parte anecdotica de sua vida ha um caso digno de menção — lance de romance romantico escripto pela mão do acaso.

Logo que Alexandrino pisou a França e após a tonteira causada pelos thesouros da arte europeia na alma dum filho destes sertões da America, tomou-o grande admiração pela arte prestigiosa de Antonio Vollon, membro do Instituto de França e mestre de natureza morta então no apogeu. Planeou incluir-se entre o numero dos seus discipulos, mas viu logo que era isso um sonho, tantas difficuldades havia. Vollon era-lhe inacessivel. Resignou-se, guardando sempre consigo a secreta ambição. Como a pensão recebida de S. Paulo era annual, vivia elle em transes permanentes, sem nenhuma garantia do futuro.

Certa vez, em risco de ter a pensão podada no Congresso, já em fim de anno e ameaçado de ir para rua dum momento para outro teve os azares ainda mais amargurados por molestia em sua esposa. Resolveu então mudar-se para commodos mais modestos e deu ordem ao porteiro para espetar na porta





UM ASPECTO DO "ATELIER"



OUTRO ASPECTO DO "ATELIER"

a placa do *A louer*. Começam a entrar pretendentes, que examinam os aposentos, indagam, e partem. Entre estes apparece um velho de feição austera. Inspecciona o atelier e depois fixa a attenção nos quadros demoradamente, louvando sobretudo os metaes com palavras de entendido. Sahe. No dia immediato volta. Examina tudo de novo e adquire uma ou duas telas. Em baixo informa-se do *concierge* a respeito do pintor, e commenta os informes com um sentido — *pauvre garçon!* Dois dias depois surge novamente o mysterioso velho.

— Venho fazer-lhe uma proposta...

— Mas a quem tenho a honra de falar? pergunta, intrigado, Alexandrino.

— Antoine Vollon.

O nosso pintor sente na espinha o *frisson* dos grandes momentos, e goza um instante inesquecivel de victoria quando o membro do Instituto, proseguindo, diz ao que vem:

— Tenho um filho meio amalucado, e procuro um filho mais velho a quem ensine a minha arte. Quer ser esse filho?

Dataram d'ahi, desse lance romantico do acaso, as relações cordialissimas que ligaram os dois artistas cuja arte era profundamente affim. Vollon foi seu mestre e amigo paternal até ao fim da vida, e a elle legou muitos segredos da sua grande technica.

Pedro Alexandrino está representado na Pinacotheca do Estado por varias telas magnificas das que mais honram aquelle inicio de museu que a cuscuvilhice de certos paredros cuboides da esthetica politica, cegos natos em assumptos d'arte, atravanea de pinoias inconcebiveis adquiridos por preços phantasticos. Ha lá um peru' e umas ostras que valem dez gazu'as de Salinas e outros tantos Amisanis cavatorios. Nada eustaram ao Estado essas telas, e porisso lá estão; se fossem apreciadas, por modesto que fosse o preço, lá não estariam. Nunca ha verba para adquirir arte honesta affim de que sempre haja verba grossa para o malabarismo negoeista da arte pé de cabra.

Numa palavra resume-se a psychologia de Pedro Alexandrino: como homem é um paulista *vieux jeu*, plasmado nesse molde que está a esborcinar-se por injunção da avalanche de condes que foram engraxates na vespera; como artista lembra um anachoreta medico a cultuar sua arte com o enlevo mystico, o respeito, a honestidade e a fé de quem vê nella a religião verdadeira.

MONTEIRO LOBATO



FLÔR DO CAMPO

(NARRATIVA)

I PARTE

Para o coração doente,
Para o espírito magoado,
Ares do campo innocente,
Amor puro e repousado:
Fica o espirito contente,
Fica o coração curado.

I

Entre os moços da Côrte que a esse tempo
Primavam nas maneiras e no garbo
Do vestuario, e davam leis á moda
E leis ao coração das moças, Flavio
Era o mais venturoso, e tinha a fama.

Ora no amor, e em tudo neste mundo,
O ter a fama de feliz é tanto,
Senão mais do que sel-o : é ter victoria
Sem esforço e sem lueta. Assim na guerra,
Assim na industria, na arte e na riqueza ;
Na mesma intelligença vale a fama.
Deusa alada e solícita, discorre
Aqui e allí, e vae a voz deixando
Dos meritos que ouviu, e amplia, e inventa
Por fado proprio, ou por zombar dos homens.
Na guerra, o brio desalenta e esfria
O sangue aos mais ardidos; tanto exalta
O poder do que acaso favoreee.
E ante esse os deixa, os mais ousados, trémulos.
Não differente zomba a inquieta fama

Dos femininos corações, nas luctas
Do amor, tão brutas não como as da guerra,
Mas ás vezes de igual, rude porfia,
E igual desfecho de sangrenta morte...

II

Ah ! porém, Musa, a mente me transvias
E a côr me turvas ao estylo brando,
Se a mascara antepões já da tragedia !
O meu thema é risinho; e é antes frívolo
O tom que mals lhe quadra, agora ao menos.
Ia eu dizendo pois que a Fama zomba
De todos e de tudo; e como esvoaça,
Invisível e célere, e murmura
No ar, na terra, no somno, e aos que não dormem
Quanto lhe apraz... E tudo lhe é sujeito.

Socegada uma dama estava e alheia
Aos cuidados do amor, e a deusa passa,
E adejou e partiu; e foi com ella
Toda a isenção, todo o socego da alma.
Foreeja embora em afastar dos olhos
A imagem que a memoria lhe desenha;
Telme em não vel-o, busque não ouvir-lhe
Os feitos e as palavras; aos requebros
De que elle usa por filtro, fuja embora
Em vão; se elle é minado pela fama,
Eil-a, a esqulva mulher, enfim rendida.

E assim Flavio venceu quantas querla,
Ou a fama por elle. Acaso, industria,
Olhos em que seus olhos insistissem,
Já outra luz não tinham, outra imagem,
Que a imagem delle, a luz dos olhos d'elle.

Mas a sorte é mulher, e em ser voluvel
Sabe que tem a graça e o seu segredo,
Com que se faz dos homens desejada.
Assim a Flavio, heroe de amor invicto,
Oppoz-lhe a sorte quem o enfim vencesse:
E ell-o sobre vencido, desdenhado,
Ell-o, o altivo que fôra, agora humilde,



Submisso, inquieto, triste e lacrimoso,
Como um bisonho namorado ás tontas.
E então, ai delle ! sem tardar a fama
Divulga-lhe, contrária, o soffrimento.

III

Vexado e já deserdido, o pobre moço
A todos se esquivava. Os camaradas
Em vão lhe persuadiam passatempos,
Baldavam seducções : que o desencanto
Da vida, o desespero da alegria
Fechara-lhe o horizonte da existencia.
Desceu turvo crepusculo á sua alma,
Dobrada sob o tedio. Os mesmos livros,
Em que o espirito tanto delectava,
Agora o inerte olhar nem lhe attrahiam.
E as forças alquebrou-lh'as o desanimo.

IV

Medicinas e medicos — recurso
Tanta vez illusorio de quem soffre,
Esperança que ajuda a soffrer menos —
Tudo lhe deram, mas fí toa ; o enfermo
Carecia daquella medicina
Que não se estuda em livros nem doentes.
Só o Acaso é que a dá ; medico astuto,
E antigo e sabio, mas incerto e esquivo.
Se, como muitos medicos, não raro
Usa da therapeutica suprema
Que acaba o mal com a vida ; muitas vezes,
Melhor que os outros todos, faz a cura,
Sem exame, sem drogas, sem conselhos,
Que a humanidade misera atordoam.

V

Sem ser chamado nem ouvido, o Acaso
Tomou de Flavio um dia e transportou-o
Para uma villa, no sertão de Minas.
Oh quanto vales tu, solerte acaso,



Que o feito milagroso conseguiste
 Sobre o leão da moda, inda que enfermo !
 Para Flavio deixar o patrio Rio
 Fora de certo como ao rei das selvas
 Deixar as selvas. Só Paris pudera
 Attrahil-o e arrastal-o como um sonho.
 Tu, porém, eom teus magicos recursos
 De tal maneira insinuaste o tédio
 Dos homens e das eousas da cidade,
 Que a Flavio repugnava a só idéa,
 Por ti mesmo de plano suggerida,
 De viajar á Europa; e ao triste moço
 Accendeste o desejo incontrastavel
 De ir para o ermo. E com pasmado espanto
 Ouviram-ihe os parentes e os amigos
 A extranha nova, e esse inaudito gosto
 De viver eomo rustico fruindo
 O eneanto velho de acabados usos
 Da boa terra, aos poueos desterrados
 Pelos usos e gentes de outras terras.
 E, ainda com incredula surpresa,
 Foram com Flavio amigos e parentes
 Na manhã de partir ver-ihe a partida.
 Acenando-ihe adeuses, ihe diziam
 No *até brevel* a certeza do regresso
 Breve, de poucos dias que bastassem
 A fazer-ihe a saudade do conforto
 Da vida do seu caro e patrio Rio.

VI

Olhos ennevoados de tristeza
 Que olham sem ver, e como espelho gasto
 As imagens fronteiras não refletem;
 Olhos assim, vazios, que não fixam
 As inquietas, multiplas figuras
 Da cidade ruidosa; o aspecto calmo
 Da simples natureza lhes dá vida.
 Um breve e rude trecho do deserto
 Mais os attrahe e sorprehende e occupa
 Que quantos espectaeulos variados
 Na cidade conjuga o humano engenho.
 Tai aos olhos de Flavio foi surgindo
 A formosa paysagem que bordeja

A estrada, além do extremo dos suburbios,
Ia a manhã descendo nas montanhas.
Flocos de nevoas alvas balouçavam
Sobre os cumos dos montes e ascendiam,
Leves, e aos poucos tenues e desfeitas.
Nos vales fundos só e nas quebradas
Das serras, nos grotões, onde é tardia
A luz do sol, parava o nevoeiro,
Denso e estendido, como o véo da noite
Ajuda não desperta. Mas em cima
Como o dia contente se agitava
Folgando e rindo! Tudo ao toque delle
Folgava e ria, as arvores, os passaros,
E as mesmas cousas brutas e insensíveis.
Das choupanas de colmo que assomavam
Aqui e all, nos campos e nos morros,
Já subia no espaço o fumo alegre.
E os moradores dellas se detinham
Junto ás portas, sentindo as doces ondas
Da luz, em que banhavam corpo e alma.
E que alma, sábia ou rude, ficaria
Indifferente, olhando a natureza
Sob a gloria da luz! O olhar de Flavio,
Tocado de surpresa, mal podia
Repartir-se entre os quadros que apontavam
Ora a um lado ora do outro. Um livro, á toa —
Ficava-lhe entreaberto ás mãos, e inutil.
Esquecia-se delle o moço, entregue
Ao imprevisto enlevo da payzagem;
O céu aberto, os campos, as collinas
Os vales fundos, e a altanada *Serra*
Do mar, que vaç subindo em ampla curva
Sobre o horizonte immenso; e de repente,
Vencida a grande serra, o Parahyba,
Farto, shuoso e lento, ou resaltante
Em crebra cachoeira á flor do ielto...
E á beira d'agua, ou no alto das collinas
Os casarões antigos das fazendas,
Onde a vida parece que se alarga,
Co'a amplitude da terra e do horizonte.
E os costumes rocelros, presumia-os
Flavio, olhando-os de longe e de relance:
Cavalleiros em rancho num ataiho,

Um chiador carro de boi descendo
 A encosta sobre o rio; em pé n'um campo
 Um lavrador, nobre figura antiga
 De heroe guerreiro, cujas alvas barbas
 Ao peito lhe desclam, realçando
 A robustez do corpo e a juventude
 Do gesto alegre e ealmo, em que se lia
 A singeleza e a placldez da vida
 Rude dos campos. Flavio confrontava-os,
 Os costumes roceiros, tão conformes
 A' tranquilla ventura da existencia,
 Tão naturaes e simples e diversos
 Na egualdade apparente em que se volvem;
 Confrontava-os com os outros que sabia,
 Da soeiedade culta e artificiosa,
 De alegrias ephemeras e postigas,
 Que o homem desnaturam, desgraçando-o.
 E elle, o moço da Côte, elle, o modelo
 Da moda, o inspirador dos bailes, guia
 Da elegancia e dos usos da eldade;
 Allí os abjurava para sempre,
 Contriecto, como um peecador teimoso,
 Que, ao sentir os effeitos do peecado,
 Discerne a bemaventurança eterna.

VII

Não rias, tu, leitor sagaz, do engano
 Que embalava esse moço e o seduzia
 Com o debuxo risonho da existencia
 Feliz dos campos. Tudo sobre a terra,
 Obra dos homens, acto e ldéa, tudo,
 Sentimento e impressão, desejo e posse,
 E a mesma vida, que mais é que um sonho?
 E inda bem que assim é. Ao moço Flavio
 Esse engano do espirito valla
 Pelo melhor de todos os viaticos:
 E allí no trem, ao fim de tardas horas
 De incommoda viagem, quando os outros
 Passageiros dormitam fatlgados,
 Elle, unico, o acharias sem fatiga,
 Contento de alma e corpo e prazenteiro.

VIII

Vira já noite ao termo da viagem.
Mas Flavio ainda se entretinha olhando
Na espessa treva, em que rolava o estrepito
Do trem. A espaços rutilas fagulhas
O serpentino curso rastreavam
Da machina que em roucos ufos galga
A dura rampa, e roda. Um silvo subito,
Agudo e intermittente; e o dobre crebro
Da sineta despertaram Flavio absorto.
Ante os seus olhos surge então apenas
Toseo e pequeno alpendre, affumado —
Sobre um fundo de sombras. Olha e esperta-se,
E já desilludido arrendia-se,
Palpando o que era a realidade do ermo.
Mas saeudlu os hombros e a poeira,
E as impressões do animo indeciso ;
E o coração alçou.

IX

Com pouco o somno

Solicito adejava-lhe nas palpebras,
Suavisando o extranho desconforto
Do novo leito, a que os cansados membros
Pedem repouso.

X

Alegre luz bemvinda

Essa que os olhos abre ao viajante,
Que a um novo sitio chega e pausa á noite !
Flavio desperta, e pressuroso cuida
De pereorrer a villa sertaneja.
E ell-o arroubado ante o clarão da aurora.
Espectaculo antigo e sempre novo
Que sorprehende os olhos e extasia-os,
Por mais presos que os tenha o corpo á terra
Mas só no descampado ou no oceano,
Pode gosar-o o olhar Inteltramente ;
Que ahí não quebra a habitação dos homens

O horizonte em fragmentos de scenario.
 Nem os costumes cidadãos embotam
 O encanto e o amor da larga natureza.
 Nascer do sol, vira-o em pintura Flavio
 E em verso e prosa; mas que artista pode
 Em traço, ou tinta, ou verso, ou prosa, as côres
 Reproduzir da antemanhã suave,
 Quando a treva desmala em luz, e a doce
 E a um tempo viva ondulação do brilho
 Do sol que se presente, vibra e corre
 Sobre a sombra como o halito da aragem
 Na flor d'agua de um lago adormecido!
 E o silencio de subito sorpreso
 Da terra, e o alvoroço com que acorda,
 E as mil sonoras vozes com que canta
 A presença do sol maravilhoso!
 Flavio enfim o sentia, deslumbrado
 Ante o horizonte aberto que o planalto
 Desdobra em breve ondulação de cumes
 Com vagas de oceano somnolento.
 Queda pasmado o moço, e, como outrora,
 Ao tempo em que os mlagres se operavam
 Sob os olhos mortaes, as almas cegas
 A' luz se abriam, eredulas, submissas,
 Banhando-se nas aguas da fé nova;
 Assim Flavio em si mesmo jura e accelta
 Com o baptismo da luz a fé e o culto
 Da religião da eterna natureza,
 E ell-o que vae, com a alma renovada,
 A pequenina villa percorrendo,
 Em tudo interessado, desde a planta
 Rasteira e humilde ás arvores soberbas,
 Desde o insecto até o homem, por ventura
 Mais do insecto que do homem...

XI

Vã palavra,

Illusoria expressão de um pensamento
 Só nos labios nascido. Quem já houve,
 Nunca, na terra toda, e em todo tempo,
 Homem afortunado ou desditoso.
 Que, como ser humano, não sentisse
 O sentimento humano, e não pensasse



O humano pensamento? Metaphysica,
Religião, direito, sciencia, tudo
No homem é do homem; nasce-lhe moldado
No coração que é o cerebro supremo
Onde a imagem suprema é o proprio homem.

XII

Vês allí Flavio; mal sentiu surgir-lhe
A feição nova do problema eterno
E julga resolve-o, illuminado
No pantheismo; e a idéa já o occupa
De annunciar-o ao mundo; e já vaidoso
Sonha, indecisamente, a gloria humana.
E tão subido leva o pensamento
Que em seu caminho não distingue o insecto.
Das arvores que os braços lhe soabrem
Sente só que dão sombra, e são formosas
Para o prazer da vista. O rude banco
Em que descansa allí da caminhada,
Lembra-lhe acaso em seu aspecto bruto
De detorado tronco, a arvore erguida
Que a acha cruel roubou ao livre espaço
E a alma sonora da folhagem verde
Desfez, rachando-a e repartindo-a em lenha,
De que esse tóro é o resto desprezado?
Lembra-lhe acaso aquella vida morta?
E esse bezouro que ora em torno zune
E a sua mão repelle irada? lembra-lhe
Que é uma expressão da vida do universo,
Parte, como elle é, do ser divino?
Oh que não! Elle, o enfermo entediado
Dos homens, vño-lhe os olhos curiosos
Aonde vozes humanas crystalinas
Ouviu ha pouco, entre arvores passando.
Nos olhos foi-lhe o pensamento alerta.

XIII

Vendo-as antes que o vissem, ponde Flavio
Concertar a attitude indifferente
Com que buscava ser esquivo a todos,
Mas o olhar de relance que surpresa,

Que imagem trouxe que o entrem de novo
 Segulndo ao longe os já passados vultos ?
 Tinha passado como um vôo arisco
 De um par de pombas rolas assustadas.
 Menina e moça nma e outra; mas no aspecto
 Differentes as duas... diferentes
 Como o passaro nado num viveiro
 E o que nos ramos fol nascido e é livre ;
 Como as flores domesticas de estufa
 E as espontaneas flores da campina.
 Flavio notou esse contraste, e os olhos
 Viu sorpreso que menos se agradavam
 Nas formas educadas de espartilho
 Que no flexivel talhe ingenuo e toseco
 Como uma haste de silvestre planta.
 Vira-lhe o rosto de perfil somente,
 Quando de longe e a furto ella o volvia,
 Para o ver, ou talvez certificar-se
 De não serem seguldas, ou quem sabe ?
 Por convite indeciso a que as seguisse.
 Moças... o que não tentam? que desejo
 Por mais extravagante não acode
 A's cabeceinhas dos quatorze annos ?
 Não as seguia Flavio, mas seus olhos
 Apoz ellas se foram, e inda sem vel-as
 Alongam-se nas sombras do caminho.

XIV

Dias depois... Tangua um sino alegre
 Signal de missa. E na egrejinha branca,
 Singela, sem nenhum festivo apresto,
 Havla emtanto um lepido alvorico
 Como de festa nova. E gente em grupos
 Vinha surgindo, subita, na praça
 De cada canto della e a cada instante,
 E enxameava á porta da egrejinha.
 E as vozes concertavam-se alteando-se
 Em untuas saudações alviçareiras,
 Em riso alegre, a estridilbar o sino
 Bimbalhado no tom de viva festa.
 Que festa havia, a missa de domingo.
 Nesse arraial era uma festa a missa,

E a egrejinha calada um grande templo
Que attrahia de todos os recantos
As almas simples que têm fé Ingenua
Como as flores de aroma têm aroma.

Doce, piedosa religião de Christo,
E' no campo, entre os simples, que se sente
A verdadeira poesia tua
Como illumina, e exalta sem vaidade,
Como alenta e consola e fortalece,
E como apraz ao coração, e basta
Para levar-o desde o berço ao tumulo.
Nascestes humilde num recanto agreste,
E, inda que todo o mundo está curvado
Ao teu domhilo, a tua força pura,
A tua graça não condiz com a força,
Com o tumulto e o apparatus das edades,
Com o pomposo esplendor dos aureos templos.
Humilde, é na humildade que mais vales,
Simples, na singeleza mais avultas;
E te mostras então divina e doce,
Como dos labios puros tu cahiste
Balsamo eterno para a dor eterna.

XV

Flavio passava, e alguma voz antiga
No coração lhe despertou, levando-o
A' pequenina igreja. E mal entrara,
Mal o olhar divagou pelo ambiente,
E logo, em vulto feminino absorto,
Toda a religião reencarnada
Lhe foi nos olhos para os olhos della.
E os olhos della a turno repartiam
A oração e o cuidado para o livro,
Para a imagem do altar e o rosto delle;
Sem quebra entanto do seu culto; olhava-o
Como as creanças olham curiosas
E innocentes as cousas que as encantam.
Ao lado della, a mesma companheira
Da manhã do passeio estava, e Flavio
Poude melhor sentir-lhes o contraste

Das feições, das maneiras e do aspecto.
 Também os olhos desta se voltavam
 Freqüentes para olhá-lo, ou antes ver-se.
 Flávio, sem conhecer-lhe os lindos olhos,
 (Que lindos eram, grandes, garços, fulgidos)
 Pensou já tel-os visto muitas vezes.
 A expressão era a mesma de outros tantos
 Olhos bonitos, que no olhar contemplam
 Somente a imagem de sua própria dona.
 Estes não lhe diziam nada. Aquelles
 Foram as duas laudas entreabertas
 De um livro, em que a sua alma fatigada
 Presentia o repouso, o encanto e o sonho.
 Não era já um sonho o que elle via ?
 Coadada por vitraes cor de violeta,
 A luz do sol, na meia sombra ambiente
 Ia esbater-se sobre a melga fronte
 Formando um halo; á luz entretceida
 Do fluido que ha no céu de alem das nuvens,
 Transfigurou-se a imagem. Parecia,
 De olhos erguidos para o altar e extaticos,
 Um anjo a ponto de assumir o vôo ;
 E um lento movimento dos seus braços
 Foi como desdobrar de azas ao surto.
 E mal cessava essa illusão da vista,
 Viu Flávio que era a mesma imagem santa
 Que desceida do altar volvesse o rosto
 A ver no altar o nicho seu deserto.
 E sem querer, sem o sentir, abstracto
 Na visão luminosa que surgia
 A um tempo de anjo, de mulher, de santa,
 A pouco e pouco Flávio ajoelhava.

XVI

Que incerta e surpreendente cousa é a alma!
 Pensava Flávio um dia retornando
 Do passeio diario em que ia e vinha
 Ao mesmo ponto, no teimoso enlevo
 Que a ave e o insecto, que só de noite vivem,
 Faz gravitar em torno a um lume extranho.
 Tal era, na alma delle em sombra, o effeito



Da imagem simples dessa ingenua moça,
Pouco mais que menina e inconsciente
Do encanto e graça, dons nativos della,
E do quanto valliam para os outros.
E elle, o' experto em conquistas femininas,
Costumado aos salões, de indole ousada,
Todos os seus recursos seductores
Esquecia-os em tímida attitude
Junto de Laura. (Laura se chamava,
E a outra moça, Alice, e era sua prima.)

O pai de Laura, grande fazendeiro
Tinba a fazenda a cerea de seis legoas;
Mas a familia grande parte do anno
Passava allí na chacara da villa.
E allí co' as tias veraneava agora
Alice a esbelta moça carloea,
Que ao lado sempre da gentil roceira.
Mals realçava nesta o encanto simples.
Não foi preciso a Flavio se informasse.
Em torno delle nunciadoras' vozes
Iam, por gosto de vagar paireiro,
Novas de tudo e todos murmurando.
Flavio a principio ouvia-os desattento,
Depois interessado, e achou maneira
(Elle, o exillado do 'convlyio humano)
De conhecer, tratar as duas moças.
Mas, em presença dellas, acanhava-se;
E só fallava a Laura pelos olhos,
Longos, abertos, no furtivo instante
Em que os della pousassem distrahidos.
E o que não lhe dizia, por confuso,
Derivava-o em palavras irrequeltas,
Soitas, vagas, brincadas e risonhas,
Com que elle e Alice o assumpto improvisavam
De saltitante, vivido colloquio,
Torneio de engraçados commentarios,
Folga de leve espirito que salta
De impressão a impressão, frivoio e a esmo,
Qual belja flor de flor em flor sem pouso.
Laura sorria, ouvindo-os, sorprendida
Da volubllidade das idéas,
Que o seu ingenuo espirito suppunha

Ser a expressão contente de um namoro.
Tantas palavras que da flor dos labios,
Mais do que do pensamento, lhes rompiam,
Não eram como beijos esboçados?
Laura sorria, e os olhos seus, cobertos
De leve sombra de indistincta magoa,
Não discerniam as palavras mudas
De admiração, de encanto, de desejo
Que o olhar de Flavio illuminavam rapidas
Entre as brincadas phrases que o entreteinhaz
Em disfarece, a seu lado, tantas horas.

XVII

E como amor que tímido abotoa,
E receia ser visto, e não espera,
E reflue e reforça-se e reeresce,
Tanto mais quanto mais busca velar-se,
Temendo o desespero; assim em Laura
O amor foi-dia a dia dominando
Todo o seu coração. Anceio extranho
Abria na sua alma uma luz-nova.
Sentia-o e tinha medo de mostral-o
Ao moço, por suppor-se indigna delle,
E a Alice, porque não quizera ouvir-lhe
Num gesto, num olhar, numa palavra,
A affirmação de egual amor, que fôra
O breve desengano do seu sonho.
E embalava-se em duvida, que a duvida,
Se faz a magoa, alenta as esperanças.

E era tambem a duvida que a Flavio
Acalentava o amor. Não distinguia,
Naquelles modos tímidos e esquivos,
Certeza que bastasse, nem repulsa
Que o induzisse a teimar em ser querido.
Coração, que soffreu no rude choque
Da intensa vida, e soube as amarguras,
E se abeirou do abysmo e viu a treva;
Se o bafeja a carieia da esperança,
Deixa-se ir socegado, adormecido,



Contente já do mundo e de si mesmo.
Assim de um barco fragil que a tormenta
Assalta, sacudiu no oceano turbido,
Entre errçados subitos escolhos,
No vortice das vagas empinadas;
Quando torna a bonança já descrida,
O piloto repõe-lhe a vela, e ao sopro
Da mansa aragem, sobre as ondas lizas.
Confia o barco e a rota e o leve somno,
Que o lasso corpo trabalhado aquieta.

(Continua).

MARIO DE ALENCAR



LIVROS

UM POETA DO RELEVO
E DA CÔR

*Martins Fontes: "Verão".
Santos, 1917.*

Ha muitos annos que não apparece no Brasil um livro de versos tão interessante, como o *Verão* de Martins Fontes. Interessante por varios motivos, á parte o motivo capital de ter sido composto com um robusto e galhardo talento: pelo temperamento de artista que nos revela, pela radiosa juvenildade que o illumina, e pela orientação esthetica que este poeta escolheu e defende com opiniatica decisão.

Quanto a temperamento, nada mais destacado, mais nitido. Basta folhear o livro por instantes e ao acaso, para se notarem as linhas grossas e as côres vivas dessa organização. Estamos deante de um poeta que exerce a sua arte com entusiasmo, com delicia e com orgulho, e que o declara, ou deixa perceber sem difficuldade. Ama a poesia com apaixonado fervor, e tem fé na poesia, no seu poder sobre as almas, na sua função humana e social (1). Con-

(1) Vê que a tu'alma, tua essencia impura,
Nesta religião se transfigura!
E que, apesar do tempo e do destino,
A Arte somente, intrepida, perdura!

("Parthenon")

refere um caracter mystico e aristocratico ao poeta (1). Cultiva admirações ardentes e profundas, como só os moços, em pleno verdor da mocidade, sabem cultivar. E adora com igual exuberancia a technica do verso, que é para elle um manancial de emoções agudas e ineffaveis (2).

Esse mesmo enthusiasmo, elle o tem igualmente pelos themas que elege, pelas idéas que exprime, ou pelas coisas que pinta: o seu tom, quer nos desvende uma paisagem, quer nos conte o que lhe vai na alma — ainda que aquillo que lhe vai na alma seja magua, desespero, ou tédio, — é sempre um tom energico e vivaz, de quem está satisfeito com o seu *assumpto* e o trata com volupia.

Tudo isto é de um temperamento typico de artista. E' o artista que ama o seu mister sobre todas as cousas, e que tudo refere, na vida e no mundo, á sua arte. O temperamento de Martins Fontes apresenta, portanto, um interesse psychologico que por si só justificaria um longo estudo. Na realidade, esse temperamento é, essencialmente, o de todos os verdadeiros artistas; mas o que não é vulgar, sobretudo entre nós, é encontral-o tão marcado, tão evidente, tão affirmativo, e tambem tão sincero, como no autor do *Verão*.

Para viver neste jardim romantico
E' necessario praticar um bem:
Deixar na terra a musica de um cantico,
Que purifique a alma de alguém.

Basta, ás vezes, um verso apaixonado
Para fazer chorar. E o teu amigo
E' aquelle que, ao julgar-se interpretado
Na tua dôr, chorar comtigo,
(“No Jardim da Morte”)

Porque dizer em verso o que a nossa alma encerra
E' o consolo melhor que existe sobre a terra,
Para nós, meu irmão!
(“Sonata apaixonada”)

- (1) Sé, duplamente, artista e cavalleiro,
Mixo de sacerdote e paladino.
(“Parthenon”).
O Poeta é o Deus do Amor! E' o Amor infinito!
(“Hymno ao Amor”).

(2) “Parthenon”, “Hephaistos”, “Sonata apaixonada”, “Madrigal de Don Juan”, “Ballada dos sons velados”.

A orientação esthetica do nosso poeta é interessante pela sua rara firmeza e pelo facto de ter vindo, retardatariamente, ao arrepio das tendencias da nossa poesia de hoje. Fontes tem opiniões assentes e entusiasticas sobre arte, e não transige. Traço pouco vulgar, principalmente nos dias que correm. Amortecido o impeto triumphal do parnasianismo, nenhuma outra escola se nos impoz com igual energia e igual precisão de programma. Muitos dos poetas vindos por ultimo ainda assimilam alguma cousa do parnasianismo, no que toca á forma em geral e á mecnica do verso, mas têm inquietações e duvidas secretas quanto ao resto, e já não ousam definir-se: taceiam, esperam, deixam-se ir. Desleixam insensivelmente o rigor das formulas aprendidas, permitem-se diversões por campos estranhos, guardam-se prudentemente de exaltar com a decisão e ufania de outrora o credo solenne dos *artistas*. Outros buscam evidentemente novos caminhos, — novos motivos, novas idéas, novos processos, — mas cada um por sua conta pessoal e sem profissões de fé decididas. Martins Fontes, não: escolheu a sua trilha, pisa-a firmemente, e sabe, ou julga saber para onde se dirige.

A sua trilha é justamente a mesma que Bilac e Alberto de Oliveira tomaram ha trinta annos, e que foi palmilhada em seguida por multidões de poetas crentes de andarem no unico bom caminho possivel. Fontes apresenta-se, de ponto em branco, clamando, com voz vibrante, sem hesitação, como Bilac no proemio das suas *Poesias*, em versos admiravelmente lavrados, a religião augusta da Forma.

Quero que a estrophe, como um relicario,
Tenha aquelle primor extraordinario
De Fray Juan de Segovia, rendilhando
O relevo de prata de um sacrario.

Assim, de modo delicado e brando,
Mostra, sobre os esmaltes desenhando,
E mantendo a leveza em cada friso,
Titans em marcha ou satyros em bando.

A peça é longa, e ainda o pensamento se repete em varios relanços do livro, com a insistencia das convicções





“O BRASIL”

Esta obra em preparação, pela empresa Monte Domecq & C., constituirá uma invejável demonstração gráfica e litteraria dos progressos que nas diversas classes da actividade alcançou este grande paiz, e para realizar em maior escala os fins de propaganda, serão editados simultaneamente em varios idiomas, abareando em seus numerosos capitulos uma descripção das condições geographicas e uma resenha tão completa como se pôde exigir, de sua capacidade productora e situação financeira, assim como de sua civilização politica e aperfeiçoamento social.

Collaboradores :

Dr. Heilo Lobo, Secretario da Presidencia da Republica ;
Dr. Mauricio de Lacerda, Deputado federal ;
Dr. Castro Menezes, Secretario do Ministerio da Agricultura e redactor do “Jornal do Commercio” ;
Dr. Graeco Cardoso, jurisculto e politico ;
Dr. Humberto Gotuzo, medico do Hospicio Nacional e redactor do “Jornal do Commercio” ;
Dr. Thomé Reis, Secretario do director da Estrada de Ferro Central, e redactor do “Jornal do Commercio” ;
Dr. Alcides Maya, membro da Academia de Letras ;
Dr. Mario de Alencar, membro da Academia de Letras ;
Dr. Humberto de Campos, poeta e redactor d’“O Imparcial” ;
Dr. Pereira da Silva, poeta e jornalista ;
Dr. Augusto Ramos, engenheiro e economista ;
Dr. Octavio Ayres, professor da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro ;
Dr. C. Tavares Bastos, publicista ;
Dr. Léo d’Affonseca, Director da Estatistica Commercial do Ministerio da Fazenda ;
Agenor de Roure, jornalista ;
Dr. Victor Vianna, publicista e redactor do “Jornal do Commercio” ;
Dr. Luiz Silveira, redactor do “Correio Paulistano” ;
Dr. Costa Pinto, Director-Secretario do Centro Industrial do Brasil ;
Dr. Ivo Arruda, Chefe da Secretaria da Liga da Defesa Nacional ;
Elmano Gomes Cardim, Secretario do Ministerio do Interior, e redactor do “Jornal do Commercio” ;
Leopoldo de Freitas, publicista ;
Dr. Vital Brasil, sabio brasileiro de renome europeu.
(*Jornal do Commercio*, 12-1-1918).





O Garoto. — Escreva: LACTA, o melhor chocolate.

arreigadas. E' sempre a mesma linguagem dos parnasianos da primeira hora, ainda cálidos do entusiasmo da insurreiçãõ recente. E' a mesma intransigencia no culto escrupuloso e tenaz da technica. E' a mesma factura metalica do verso, a mesma affeiçãõ especial pelas imagens da estatuaria, da pintura e da ourivesaria, e com isso a mesma tendencia a operar as "transposições de arte" em que foi mestre Gautier — a fazer baixos relevos, *bibelots*, quadros, ou joias em poesia. E, por fim, é o mesmo culto dessa Helade de phantasia e de sonho, patria ideal de todas as perfeições (1). Os nomes que apparecem no livro, ou são de parnasianos, ou de precursões: Hugo, Baudelaire, Catulle Mendês, Eugêne Manuel. E os nomes que não apparecem, mas que se sente pertencerem á prateleira favorita da estante mais frequentada do nosso poeta, são Gautier, Banville, Leconte, Heredia, Lahor.

Ora, é curiosa esta como revivescencia do puro espirito parnasiano, que mesmo no Brasil vai emfim languecendo, na arte de um joven que nasceu quando o parnasianismo já havia passado em França, e que formou o seu espirito em pleno reinado do symbolismo. Temos aqui um moço que resolutamente se furta ás influencias envolventes da sua epoca e, remontando o curso da evoluçãõ geral, vai refugiar-se no seio de um movimento episodico que se produziu ha quatro ou cinco decadas passadas.

Como se explica essa attitude curiosa? E' facil conjecturar. A explicaçãõ está, muito provavelmente, no temperamento do nosso poeta. Esse temperamento — sente-se bem isto através do seu livro, como através da sua conversaçãõ, — é um temperamento excepcionalmente *marcado*.

O seu traço distinctivo é a exuberancia, ou o entusiasmo, um entusiasmo persistente e diffuso, que é como a perenne palpitaçãõ da alegria de viver e da ansiedade de viver: entusiasmo pela vida, pela belleza, pela arte, pelo amor, pela gloria, entusiasmo por tudo, entusiasmo cósmico. A sua palavra é ardente, colorida, torrentosa. O seu

(1). V. a serie dos "Poemas hellenicos".

olhar fusila. O seu gesto mobil e nervoso pinta, desenha, sublinha, realça, limita, vinca as idéas e as intenções, completa o que a sua palavra deixou suspenso. Todo o seu ser pede, exige, impõe, em tudo, relevo, precisão, recorte, e côr. A sua alma não tem desvãos nem obscuridades. O seu character não tem dubiedades, nem reticencias. As suas dôres são dôres, as suas coleras são coleras, as suas alegrias são alegrias, tudo extreme e typico, sem ligas nem concomitancias, sem as indecisões dos estados complexos e intermediarios. Os seu desejos são definidos, as suas afeições activas e irradiantes, as suas vontades rapidas, claras e fortes. Todo elle, emfim, se mostra, amplamente, com a mesma naturalidade com que — sem comparação — um pavão desprega e passeia o leque vistoso...

Ora, a arte parnasiana calhava admiravelmente a essa natureza sedenta de nitidez, de justeza e de transparencia. E' comprehensivel que elle não sentisse e não tolerasse as indecisões, as dormencias, as lentezas, as flutuações e obscuridades dos symbolistas e symbolizantes. Era natural, sobretudo, que não gostasse das harmonias desconcertadoras e das liberdades indefinidas da technica nova. Lendo Hugo e Baudelaire, Leconte e Mendès, Heredia e Lahor, sentiu-se deslumbrado: tudo lindamente visivel, tudo recortado, acabado, polido e rebrilhante, — como quadros apertados na moldura, como estatuas que vivem e fulguram inteiramente dentro das suas linhas e superficies, como pedrarias que lucilam no solido engaste dos lavoires de ouro e de prata, delicia dos olhos, exaltação do tacto. Era aquillo a sua arte. — era aquillo "a arte". E, com a promptidão do seu genio affirmativo e resolutivo, filiou-se de corpo e alma á religião do Parnaso.

E' certo que ha, na sua formação, um largo credito a favor de Victor Hugo. O gigante do romantismo é mesmo a maior admiração poetica de Martins Fontes. O que elle diz de Hugo, numa poesia que lhe consagra, em versos rebojantes de entusiasmo religioso, tem quasi um sabor de *blague*, — de uma *blague* onde não houvesse resquicio de ironia ou irreverencia, de uma dessas explosões affectivas,

comparaveis á *blague*, nas quaes o sentimento impetuoso reveste espontaneamente a forma de enormidades racionais... (1). Além de tudo, uma das partes do livro se denomina justamente "Palavras romanticas". Mas o que Martins Fontes sobretudo admira na arte de Victor Hugo, ou o que della retém, é a sua forma prodigiosa, mais especialmente o vigor das suas imagens e a maravilhosa mechanic da sua versificação. E quanto ás "Palavras romanticas", não ha nellas muito mais romantismo do que em toda a poesia lyrica e amorosa de qualquer tempo.

A sua necessidade organica de precisão e de nitidez revela-se em todo o volume, em todos os seus versos. Como elle proprio diz, e tão bem,

Ha certas imagens
Cheias de sidereo
Mysterio,

Que a expressão mais viva,
Representativa,
Nem de sequer de leve
Descreve.

A palavra humana,
De pesada, empana
A finura extrema,
Suprema,

(1) Que imagem haverá dentro da Natureza.
Capaz de traduzir o esplendor da tua Arte?

A arvore ?
A floresta ?
O oceano. ?

O Infinito, onde canta a musica dos mundos,
E onde, na orchastração das espheras em côro,
Plangem os carrilhões dos teus versos profundos,
Teus soluços de bronze e tuas bençams de ouro?

Sim! — contemplando os ceos, dentro da noite calma,
E idealizando o Azul, é que afinal senti
Que somente a amplidão se compara á tua alma,
Porque eu não crelo em Deus, mas acredito em ti!
("Victor Hugo").

Desses nebulosos,
Vagos tons brumosos
Que ha em certos sonhos
Tristonhos.

A observação é justa. Mas aquillo que a *palavra*, instrumento da intelligencia, não consegue exprimir, póde ser talvez traduzido, como na musica, pelos recursos do som e do rythmo, pela indecisão voluntaria da phrase, pela dissolução do sentido logico nas intenções do metro, da sonoridade e da rima, por tudo, emfim, que, no verso, não é intelligivel, mas sensivel. E' isso justamente o que tem tentado fazer a maior parte dos poetas dos ultimos vinte annos, enamorados e penetrados de imprecisões musicas como os predecessores o foram de desenho e de plastica. Dahi toda essa arte em que o elemento intellectual se atenua, se esbate, se alonga por horizontes remotos, e chega a desaparecer por completo, de quando em quando, sob o deslizar liquido do verso *flou* e esgarçado, portador de meras impressões não cristalizadas. Dahi toda essa arte em que ao contorno "arreté" se substitue o indefinido dos limites, e em que ás visões estaticas succede o movimento constante.

E' isso precisamente que o temperamento de Martins Fontes não soffre. As impressões que elle traduz são aquellas que se podem reduzir á classica estreiteza da expressão verbal castigada, firme e solida como um relevo de esculptura, certa e incisiva como um traço de buril. Estas imagens são approximadamente as mesmas de que elle proprio se serve para affirmar o seu credo artistico. Acontece-lhe, ás vezes, por excepção, ter de exprimir sensações ou sentimentos indefinidos, ou difficilmente definiveis. Vale-se então da comparação e da imagem, tornando objectivo e descriptivel o que lhe vai na alma. E o verso não modifica o seu andamento regular e medido, a phrase não destôa da constante cristalinidade grammatical.



Nos affectos, como no mais, a mesma vehemencia. O amor, em Martim Fontes, é, inconfundivelmente, o *proprio amor*, o amor primevo, nuclear, universal e eterno, o amor "em bruto". O poeta deixa, como um pagão, sem malicia, e sem hypocrisia, que o instincto ullule, fareje e salte. Não o mascara, não o subtiliza, não o alinda. Descobre-o, vergasta-o, açula-o, e parte, ansioso e veloz, para o objecto cubiçado (1).

Materialismo? Não. Antes de tudo, *estheticismo*. O amor assim masculino, primitivo e dominador é mais "bello" — mais simples, mais energico, mais violento, mais affirmativo... e mais grego. Depois, se Fontes tem o amor carnal e sensual, não quer isto dizer que o reduza á carnalidade e á sensualidade. Não o reduz. Varias poesias ha no seu livro, a demonstrarem que elle sobe dessa concepção basica e positiva do amor a puras idealidades. Começa por santificar o amor, desde que o amor é mutuo e sincero, quando realiza a dupla união dos corpos e das almas. A simples sensualidade sem amor, sem correspondencia, indigna-o e horrorisa-o como um crime hediondo (2).

Mas a união das almas é bem menos precisa do que a outra... Analysada na poesia amorosa de Fontes, a "alma" talvez se reduza a "desejo" e a "fantasia" momentanea, florações immediatas do instincto. Elle proprio reconhece que, na união mais ardente, não raro as almas se conservam completamente apartadas:

Certas estrellas coloridas,
Estrellas duplas são chamadas,
Parece estarem confundidas,
Mas resplandecem afastadas.

Assim, na terra, as nossas vidas,
Nas horas mais apaixonadas,
Dão a illusão de estar unidas,
E estão, de facto, separadas...

(1) V. "Othello", "Paraiso perdido", "Mais forte do que a Morte", "Truth is stranger than fiction", "Incontentado", "Canção do cair das folhas", "Fascinação", "Madrigal de Don Juan", "Luar de verão, cantando ao sol", etc.

(2) V. "Canção dos Cavalleiros da Belleza".

O amor e as forças planetarias,
Trocando as luzes e os abraços,
Tentam fundil-as e prendel-as...

E, eternamente solitarias,
Dentro do tempo e dos espaços,
Vivem as almas e as estrellas...

Como quer que seja, o amor é uma das grandes preocupações do poeta e enche-lhe a maior parte do livro. A elle se devem algumas das composições mais formosas e mais perfectas da collecção, como, para não citar senão uma, essa admiravel "Sonata apaixonada", em que cada estrophe realiza de véras alguma coisa de bello (1).

A technica de Martins Fontes já está sufficientemente caracterizada, melhor do que pelas nossas interpretações, pelos exemplos transcriptos. Dentro dos seus principios e normas, essa technica é perfeita, e francamente admiravel.

- (1) O' Mar! Poeta do Amor! meu velho e triste amigo!
Quero, secretamente, em palestra contigo,
Contar-te a minha dor...
Porque, pulsando em mim teu coração de oceano,
Só tú comprehenderás o desespero humano
De viver sem amor!

Amas, meu pobre Irmão, com o mesmo ardor com que amo,
Choras, como eu também, que, em segredo, reclamo
A bençã de um olhar!
Dessa que é, como a lua, indifferente e fria...
E que jamais calculará nossa agonia,
Porque não sabe amar!

A perenne oração que consagras á lua,
E' inutil, porque — ó Mar! ella não será tua...
Nem ao menos sequer,
Tão distante de ti, teu supplicio adivinha,
Porque ella é como alguém que nunca ha de ser minha,
Sendo estrella e mulher!

("Sonata apaixonada".)

Lendo-se Martins Fontes, tem-se quasi a tentação de lhe censurar a insistencia com que fala no *verso*, no jogo das *vogaes*, nos effeitos da *rima*. Parece á primeira vista que elle reduz toda a technica ás questões attinentes ao "verso", esquecendo a carpintaria estructural da composição e o labor do estylo. Mas é preciso não ter pressa de julgar. O que é preciso é comprehender. Elle nunca teve, muito provavelmente, o intuito de fazer uma "arte poetica"... Os pontos de technica em que não toca, tem-nos, naturalmente, por esclarecidos e resolvidos. A versificação é que lhe parece ainda susceptivel de duvidas e carecente de aperfeiçoamentos. Mas nem aqui o animam intenções didaticas. O seu movel é definir-se; a sua intenção recon-dita é tirar da technica do verso motivos para fazer bellos versos, — realizando assim, sem pensar nisso, um reviramento nas relações do fundo com a forma, isto é, a inspiração a tomar por ponto de partida os seus proprios meios de expressão (1).

Demais, verifica-se facilmente, lendo com o devido cuidado, que elle, em regra, tanto prima na architectura geral

- (1) O' Deus ourives! Mestre do meu sonho!
Tendo o teu culto na mais nobre estima,
Quando burillo a phrase que componho,

Como tu', modelando uma obra prima,
Penso que, num collar de estrophes, ponho
No ouro do verso a perola da rima!

("Hephalstos".)

Dentro da gaza do luar supponho,
Na embriaguez de um mystico desejo,
Que vou colher, no lrial do sonho,
A rima do teu beijo...

("Romance".)

Amo nos versos a surdina,
Os tons de opala oriental
Do luar das noites de neblina,
As mortecôres de um vitral.
Quero que o verso seja tal
Que em cada som tintinabule,
Tornando a phrase musical
Como a canção do rei de Thule.

("Ballada dos sons velados".)

V. ainda "Parthenon".



dos poemas, como no seu acabamento — o que aliás era indispensavel para se manter a logica da sua arte, toda ordenada e calculada. Só numa das suas composições, a que lhe serve de prefacio, "Parthenon", se poderá notar, ao lado de uma versificação magnifica, certas desconnexões demasiado violentas entre imagens subordinadas a um mesmo pensamento. Nestas quadras, por exemplo:

Quero que sintas, como bom pedreiro,
 Como um pobre *operario* verdadeiro,
 Ao *levantares*, *pedra a pedra*, um poema,
 As mãos honestas de um illustre obreiro.

E que, sangrando ao peso desta algema,
 Talhado o *bloco* da visão suprema,
 Tenhas, por mais que o metro se comprima,
 Os exageros da minucia extrema.

Realça os contornos, aprimora e lina,
 E a palavra, sem par, da tua estima,
 Engasta em ouro, como um *lapidario*,
 Waterau do verso, *Becerril* da rima.

E a serie continúa ainda por varias estrophes, é continuam as metamorphes bruscas do artista. E' possivel, é mesmo provavel que tudo isto seja perfeitamente intencional. O effeito não será porisso mais feliz.

Em regra, porém, ao polimento benedictino do verso corresponde a disciplina estreita da composição. Releia-se, para exemplo, o soneto transcripto logo atraz. E citamos essa peça, porque tem a vantagem de nos deparar, juntas num pequeno espaço, as qualidades essenciaes da arte de Martins Fontes. Em primeiro lugar, note-se como a idéa é simples e clara, como o assumpto é determinado e transparente. Esse assumpto vasa-se por completo na forma do soneto, sem ingurgitamentos e sem falhas, isto é, sem versos excessivamente condensados e rebatidos a par de versos insufficientemente cheios, onde as palavras excedam as necessidades do pensamento. A idéa desdobra-se gradualmente, de verso em verso, de quadra em quadra, de terceto



em terceto, accomodando-se ás divisões regulares e symetricas da forma escolhida. Na primeira quadra, as estrellas apparentemente duplas; na segunda, as almas illusoriamente unidas, — precisando-se o parallelismo pelos dois ultimos versos de cada quadra, identicos pelo sentido, quasi iguaes pela forma. As quadras encerram, por inteiro, uma divisão do assumpto, a primeira parte deste, a sua apresentação. Nos tercetos, os dois termos — almas e estrellas — se entrelaçam, sem se confundir. Desenha-se no primeiro terceto a semelhança, suggere-se a identidade das forças que movem os astros e as almas, attracção e amor,

— “L'Amor che muove il sole e l'altre stelle”... —

e nota-se de leve a impossibilidade da approximação real. O segundo terceto, condensação da idéa e resumo do plano, é, quanto ao pensamento e quanto á arte, o duplo coroa-mento do fundo e da forma: a presença dos mesmos elementos, o mesmo parallelismo dos sentidos e das expressões, a mesma symetria e, finalmente, a melancolica reflexão que dahi se extrae, como uma gôta doirada e transparente de veneno a cair de um geometrico frasquinho de cristal.

As bellezas abundam por todo o livro, e ha nelle peças que por si só valeriam um volume. O poema “Na Floresta da Agua Negra” está repleto de lindos primores, de deliciosas minucias de factura. Mas contém muito mais do que isso: contém largas e poderosas descripções, que nos desvendam differentes aspectos da monstruosa selva amazonica, 'ao sol, sob a tempestade, ao crepusculo e ao luar, fazendo-nos sentir ao mesmo tempo a plethora delirante de vida e o formilhar dos seres em luta, no laboratorio tormentoso da mata. No “Madrigal de Don Juan”, Fontes mostra como sabe desenhar, com igual mestria, sob o mesmo rigor de technica, depois da brutalidade da cyclopica natureza tropical, finas paisagens e encantadoras silhuetas á Watteau.

Com igual virtuosidade, evoca em versos fulgurantes as fulgurações dos espaços, numa "Symphonia" em que o enlevo e o deslumbramento acabam de subito num relampago de ansiedade metaphysica.

Por tudo, em summa, sente-se a presença de um poeta de raça, dotado de uma alta e nobre inspiração, dono de uma lyra de muitas cordas, probo e escrupuloso até ao exagero. Aqui temos "uma personalidade". Abramos alas.

AMADEU AMARAL



AS RAZÕES DE TAGORE

A hora é pouco propicia para os problemas de esthetica e de philosophia. Em todo o caso, como a verdade é sempre util, mesmo quando não aproveita a nós mesmos, não convem perder-se nenhuma occasião de alcançal-a ou entrevel-a.

Tagore, o celebre poeta indiano, tão calorosamente acolhido pelo publico letrado do Occidente, aproveita a sua nascente gloria para dizer com mais autoridade e mais desinvoltura o que pensa da civilisação occidental.

Não ha duvida que os factos que se estão passando agora na culta e hyper-civilisada Europa, lhe dão direito a todas as duvidas e todas as censuras. Mesmo o desprezo e a crueldade, seriam nelle, até certo ponto, justificaveis. Não digo que chegue a tanto, mas uma certa rudeza epica, um alevantado sarcasmo justiceiro, tingem-lhe a alma e o discurso.

Mais uma vez, pela sua palavra, fronteiam-se e medem-se as civilisações do Oriente e do Occidente, fazendo esta as despezas do processo; e não ha negar que a sua voz fira justo e castigue altaneira, em muitos pontos.

Ha, porém, na sua critica defeitos de visão e de comprehensão que lhe tolhem o alcance e lhe empannam o brilho.

Demais, essas censuras e esses antagonismos de vistas, não são novos, nem para admirar.

Ha alguns annos, um principe letrado de Sião, que



então visitava Paris e era acolhido com inumeras festas, aproveitou a occasião para externar as suas impressões e os seus juizos sobre o novo mundo que elle via e observava, tão em contraste com o outro de onde vinha.

No fundo, as suas censuras e as suas preferencias eram as mesmas que as de Tagore, externadas porém, com mais graça e brandura, e sem, já se vê, o estribilho da guerra.

Lembra-me que nesse artigo o principe lamentava sobretudo a existencia febril e atarefada dos homens do Occidente, o seu afan em buscar o ouro, o conforto, o luxo; as preocupações rasteiras e vegetativas sobrepujando e afogando as outras: — as moraes, as estheticas, as religiosas; a vida material e grosseira esbulhando o homem do seu quinhão celeste, da infinita doçura e da infinita grandeza da sua alma.

E em appetecedor contraste, mostrava-nos em seguida o Oriente, molle, languido, sonhante. Um doce e resignado fatalismo banha os seres. A ancia do mando e das riquezas não entre-devora os irmãos.

O tempo, a velocidade, a concorrencia voraz, não tyrannizam o homem, antes o proprio tempo se amodorra e estira no socego das almas e das coisas.

Um suave mysticismo enche e dilata os espiritos, immerge o homem em mysterio e voluptia. Sem esforço, sem atribulações, cada um se contenta com o muito bem que ha na terra ao alcance da mão, com a riqueza que lhe aflora da alma, perenne e bemfazeja.

E não é só; ninguem como o oriental soube crear e usufruir os esplendores do fausto, as delicias da arte, os requintes do goso. Diante de uma tal civilisação, todas as outras são verdadeiras creanças, embora cheias de orgulho e presumpção.

Assim fallava o principe.

Tagore analysa o problema mais a fundo e mais duramente.

O que mata o Occidente é a sua propria estrutura social, o seu organismo compacto, feito para o assalto e



para a defesa, para o açambarcamento e para a conquista.

Não n'ó constituem povos livres, vivendo pacifica e philosophicamente na terra dadivosa, sob a benção luminosa das estrellas. Elle é feito de nações, isto é, de organizações poderosas, rivalidades armadas e aggressivas, conflictos latentes ou patentes de interesses e appetites.

Onde, a sabedoria divina da India, a sua civilização nobre e hieratica, o seu espiritualismo dominante e radioso?

Ahi vivem e confraternizam as raças ha millenios, sem nunca se arvorarem em nações..

Que o amor da sua terra e a intima aversão que elle deve ter pelo Occidente expoliador e especialmente pela Inglaterra, fallam pela bocca de Tagore, é evidente.

Dir-se-ia que elle só vê da Europa a ferrea estructura, os mecanismos e os armamentos formidaveis, um monstruoso organismo que traz na sua propria monstruosidade os germens da ruina e da decomposição.

Para a misera Europa, nenhuma attenuante, nenhuma admiração.

Assim, o labor fecundo, o immenso e glorioso esforço que creou e ordenou um mundo novo, as maravilhas da technica, a divisão e a multiplicação do trabalho humano, a cohesão e a organização de todas as forças vivas, de todos os valores sociaes, para a grandeza e o bem geral da nação, são para elle ambições egoistas, modalidades combativas do espirito de rapina e de conquista.

Elle não vê as fatalidades historicas que pesam sobre o mundo europeu, não vê que o "nacionalismo" não é uma criação voluntaria mas imposta, a condição mesma da existencia, para os povos que querem viver.

Mas é porventura esse aspecto pratico e activo, o unico da civilização occidental?

Não ha tambem os cantos de sombra e doçura, os jardins encantados em que as almas mysticas e sonhadoras, amam, sonham e crêam? Não ha nella uma fulgente irradiação do espirito humano, um labor fecundo das almas e das intelligências dilatando a atmosphaera espirital da

terra, exhalando-se em pensamento e poesia, alargando os dominios da humanidade e da justiça, creando essa nova grandeza moral que se chama — a consciencia collectiva?

Quem com mais ardor do que ella amou e buscou a liberdade e a justiça, a egualdade e a redempção dos homens?

Não ha duvida que ella não é perfeita.

Muitos males a envenenam e corroem: — O ouro cada vez mais poderoso e corruptor, o centralismo que accumula essas gigantescas colmeias humanas em que se apertam e combatem, se aguçam e degladiam appetites e interesses sempre crescentes, o industrialismo e o commercialismo á *outrance*, que acabam por perverter e inquinare a economia do paiz, o são equilibrio da estirpe e a harmonia das classes e das nações.

Grandes males não ha duvida. Mas esses males têm seus equivalentes, senão peiores, no Oriente, nessa mesma India, que tanto nos gaba o poeta.

O odio das castas, a dissociação da nacionalidade em mil *clans* inimigos que se guerreiam surdamente, são desgraças peiores do que as guerras entre as nações do Occidente. A apathia, a ignorancia, a ignavia da população hindú, são outras tantas carcomas que a envenenam e decompoem.

As nações do Occidente serão talvez organizações de-feituosas, caducas, destinadas a desaparecer, mas entretanto vivem e luctam e se governam.

E o Oriente? Que é o Oriente senão uma decrepita e disconforme ruina sob a tutela do estrangeiro?

De todos os paizes orientaes, o unico capaz de engrandecer-se e erguer a voz, foi o Japão, que soube approximar-se e penetrar-se dos methodos, da cultura, da organização do Occidente.

E essa mesma India, que pela bocca do seu poeta, investe contra a pesada armadura e as compactas organizações do Occidente, poderia talvez ser outra, se não tivesse renunciado á existencia, acurvada sobre si mesma na eterna contemplação umbelical, se não tivesse esperdiçado o tempo



e as energias melhores, em luctas intestinas e molle resignação.

Por não ter sabido ser uma nação, ella é hoje uma simples dependencia, uma escrava amimada e bemquista pela mais liberal e bemfeitora das senhoras, mas sempre uma escrava.

Só isso bastaria para annullar e voltar contra elle todos os argumentos e invectivas do poeta illustre.

Assim, o crime de ser nação nos apparece mais como um bem e uma necessidade vital, do que como um erro imperdoavel.

As nações da Europa, embora arcando com impecilhos, sacrificios e males inevitaveis, são o que são, ao passo que a India nem ao menós é... India.

Terá cada povo a sua rota e o seu destino inevitavel? Ou haverá tambem uma especie de livre-arbitrio na historia?

Nós não sabemos bem o que é a historia, mas dentro de certos limites, cada povo, como cada individuo, forja elle proprio a sua vida e a sua historia. A agremiação das vontades e das intelligencias, a continuidade do esforço, a vontade de viver, o poder de adaptar-se aos tempos e ás circumstancias, são pois factores essenciaes da vida collectiva, verdadeiros e beneficos elaboradores da historia de um povo.

Mas nem todos os povos sabem consciente ou instinctivamente achar o seu caminho, nem todos sabem inteirar-se e compenetrar-se das suas necessidades vitaes, e nem sempre a massa sabe acompanhar a voz e o exemplo dos iniciados que a illuminam.

Afinal, cada um dá o que tem, e não mais. Mas ao menos não encubramos as nossas chagas com enredos de palavras, e sobretudo, não lancemos aos outros culpas que elles não têm, e que, mesmo reaes, não podem apagar nem remediar as nossas.

JACOMINO DEFINE



DO ARCHIVO DE JOSÉ DE ALENCAR ⁽¹⁾

(TRES CARTAS SOBRE A CONSTITUINTE)

Himo. e Exmó. Conselheiro J. M. Lourenço Vianna.

Tendo-me V. Exa autorizado a invocar o seu illustrado e severo testemunho a respeito da questão que presentemente discute da dissolução da Constituinte, vou rogar a sua resposta aos seguintes pontos :

1.º Qual o julzo que forma V. Exa. a respeito da exactidão dos factos expostos nos artigos que ultimamente publiquei no *Jornal do Commercio* ?

2.º Se na sessão de 10 de Novembro, como V. Exa. me referiu, appareceram punhaes, e foi algum membro da assembléa ameaçado de ser assassinado, e qual?

3.º Se eram da propria assembléa constituinte que partiam os appellos ao Imperador para que salvasse a ordem publica ameaçada pelos demagogos;

4.º O que a V. Exa. parecer conveniente para esclarecimentos dos factos relativos á dissolução, de que foi coevo e testemunha.

Com a plena confiança que tenho no character severo e independente de V. Exa., espero se dignará responder-me, autorizando-me a publicar o seu testemunho valioso.

Sou com a maior estima e consideração

De V. Exa. attento venerador e obr.o

José Martiniano de Alencar

. . . .de Novembro de 1863

(RESPOSTA)

Permitta V. Exa. que aqui mesmo responda aos quesitos acima indicados, e o farei como coevo e testemunha ocular dos mesmos factos em que elles tiveram logar.

Quanto ao 1.º — Que tanto juizuel exacto e judicioso o julzo critico por V. Exa. formado e descripto nos artigos a que se refere, sobre os factos que produziram a dissolução da Constituinte, que

(1) V. n. 25 da *Revista do Brasil*.

eu mesmo, pela primeira vez, sem ter relações com V. Exa., o procurei em sua casa para lhe agradecer esse mesmo juízo crítico, que hum dia será confirmado pela História imparcial, quando as paixões e os delírios dos partidos e da demagogia tiverem desaparecido.

Quanto ao 2.º — Bem que eu não estivesse presente a essa sessão de 10 de Novembro, pois que, nessas occasiões, todo o Cidadão honesto e pacífico se recolhe espavorido, foi publico e notorio, que a sessão se tornou sobremaneira tempestuosa e revolucionaria a ponto de muitos Deputados tremarem da sua existencia, por se dizer que muita Gente do Povo, que invadiu o proprio recinto da Assembleia, estava armada de punhaes; e tão verosímeis erão essas vozes que ainda hoje existe o official da Secretaria da Justiça (José Tiburcio), que me disse, que tremendo tambem pela vida do Deputado seu Tio o Marquez de Caravellas, se foi postar por detraz da Cadeira d'elle com hua Pistolia para o defender contra qualquer tentativa de aggressão.

Quanto ao 3.º — Sei, e foi publico e notorio, que do ceio da Assembleia sahião de hora em hora avisos ao Imperador pedindo-lhe que salvasse a ordem publica ameaçada pela desenfreada demagogia.

Quanto ao 4.º — Para responder a este quesito seria preciso remontar á origem de todos os factos os quaes, analysados, necessariamente deviam produzir como produziram o desfecho da revolução do dia 7 de Abril, revolução de que ninguem se quiz considerar autor nem mesmo cumplice; tal ora o horror de que, immediatamente que ella foi consumada, toda a população até mesmo os que nas trevas e nos clubs a promoverão, se acharão possuidos e consternados, temendo cada qual pela sua sorte e pela sorte do Brasil.

O que posso asseverar, e consta officialmente dos jornaes desso tempo, he que esses mesmos homens que figurarão e tiverão celebridade na Constituinte, forão alternativamente furiosos Tribunos e Demagogos e afferrados Monarchistas, segundo as posições em que se achavão. O que posso assegurar, e já é reconhecido pela Historia, he que o Imperador Pedro I foi hum grande Principe, dotado das mais brilhantes qualidades, entusiasta pela gloria e por um nome que o celebrasse na mesma Historia. Se houve erros durante o curto tempo do seu infeliz reinado, esses erros não nascerão d'elle, mas sim dos homens a quem elle encarregou o governo do Paiz, homens que elle procurou em todas as classes; e tanto é exacta esta asserção, que eu ouvi da propria bocca do Imperador Pedro I, indignado pela guerra que lhe fazião, as seguintes memoraveis palavras: — Eu era um menino de 22 annos quando me entreguei em corpo e alma aos Brasileiros, e elles me maltratão e calunnião as minhas mais puras e sinceras intenções.

Obedecendo ao preceito de V. Exa., tenho expendido o meu juizo e opinião sobre os quesitos que se dignou submitter á minha apreciação, apreciação tanto mais franca, veridica e sincera, quanto é certo que nada devi ao Imperador Pedro I, o qual talvez não gostasse de mim.

Tenho a honra de ser

De V. Exa.

o mais respeitador e obrig.o

João Mag. Lourenço Vianna

S. C. 4 de abr. de 1863

Illmo. e Exmo. Sr. Conselheiro J. M. de Alencar

Sinto muito não poder satisfazer, como desejava, ao pedido de V. Exa., porque hoje apenas conservo idéas vagas e confusas do que se passou nas sessões de 10 e 11 de Novembro da Assembléa Constituinte, recordando-me porém perfeitamente da sessão do dia 12, em que se verificou a dissolução.

Não ha duvida de que as sessões forão agitadas e tempestuosas, mas não tenho lembrança da occasião em que foi levantada a sessão, nem ouvi as vozes que se soltarão na presença do Imperador. Tambem não sei se do selo da Assembléa partirão avisos ao Imperador, para que salvasse o paiz, pois taes avisos, a serem veridicos, deverião ser feitos em segredo, e sem se communicarem a ninguem.

Quanto á mutilação e suppressão de alguns discursos proferidos nos dias 10, 11 e 12, parece-me que a razão não foi outra se não a de não estarem presentes seus autores para os reverem e corrigirem, porque havia falta de tachygraphos, e a publicação andava muito atrazada.

He o que se me offerece a dizer a V. Exa., de Quem sou com a maior estima e consideração

Respeitoso e obrigado venerador

Barão de Pirapama

S. C. 10 de novembro de 1863.

Illmo. e Exmo. Sr. Conselheiro José de Alencar

Accuso a recepção da carta com que V. Exa. honrou-me a 10 do corrente, e passo a dar cumprimento aos seus desejos.

1.º ponto :

Se na sessão de 10 de Novembro de 1823 houve grande tumulto no recinto da Assembléa, apparecendo allí muitos cidadãos armados de punhaes e pistolas ?

Resposta :

A Camara estava nesse dia apinhada de povo, que ia assistir aos debates e tinha já occupado, alem das galerias, as salas e corredores contiguos ao recinto da Camara.

A requerimento do sr. deputado José Martiniano de Alencar foram admittidas no recinto da Camara as pessoas que puderam allí caber.

Pedindo a palavra o Sr. deputado Andrada Machado, houve rumor entre os espectadores que nos sitiavam, no recinto e nas galerias, dando signaes de approvação; o Sr. Presidente João Severiano Maciel da Costa (depois Marquez de Queluz) advertiu-lhes que elle faria cumprir o regimento da casa, se eguaes manifestações se reproduzissem. Por algum tempo ainda orava o Sr. deputado Andrada Machado, sem que houvesse necessidade de verificar-se a ameaça do Sr. Presidente. Logo que sentou-se aquelle deputado ergueu-se o Sr. deputado Souza França e retirou-se da casa, depois de pedir com instancia ao Sr. Presidente que levantasse a sessão. Posto que este Sr. não motiyasse o seu pedido obteve-se a explicação do seu procedimento: por detrás da cadeira em que estava sentado vira elle um homem armado de uma pistola, cujo cabo estava todo de fora. Essa occurrencia levou o Presidente a consultar a mesa sobre o que conviria fazer se os trabalhos da Camara fossem perturbados



de maneira que se pudesse recelar algum facto deploravel. Eu, o Sr. Miguel Calmon (hoje Marquez de Abrantes), assim como os outros dois Secretarios, concordamos em que se levantasse a sessão.

Ao Sr. Andrada Machado succedeu na tribuna o Sr. Martim Francisco, e então começou a haver algum rumor, que o Sr. deputado José de Alencar procurava quanto foi-lhe possível serenar, instando com os espectadores para que se conservassem silenciosos e em attitude respeitosa. Applacou-se por algum tempo a agitação, mas de repente em um topico do discurso do sr. Martim Francisco, que mais agradou os multos espectadores, levantou-se um grande alarido e amotinaram-se os espectadores, apezar dos constantes portlados esforços que fez o Sr. José de Alencar para manter o socego e a ordem.

Na forma do que tinha sido assentado, o Sr. Presidente levantou a sessão.

2.º ponto.

Se na occasião em que o Presidente levantou a sessão o tumulto tinha cessado ou crescera ao contrario?

Resposta.

Estava no seu auge.

3.º ponto.

Se no dia 11 a sessão continuou tumultuaria, pela agitação do povo que concorria ás galerias?

Resposta:

Não houve tumulto. Houve, porém, muita gente que foi retirando-se logo que constou que grande força encaminhava-se ao Paço da Camara.

Bem pudera dar-lhe amplios esclarecimentos, se ainda conservasse os apontamentos que tinha para um dia escrever a historia desses acontecimentos, mas inutilizel-os, porque ainda seria muito cedo, por mais tempo que eu viva; para tocar em factos, que interessam a multos individuos, uns ainda vivos, ainda que poucos, e outros, que tomam muito a pello a causa dos que deixaram de existir, acontecendo assim ver-me eu talvez, como diz o poeta, *laudatus ab his, culpatus ab illis*, sem ter entretanto de tudo quanto avancasse, a certeza que tenho, quando, interpretando fielmente os meus sentimentos, affirmo a V. Exa. que cordialmente me preso de ser

Seu muito att.o, v.or am.o e cr.o ant.o obrig.do

Rio, 17 de novembro de 1863.

Visconde de Maranguape

Illmo. e Exmo. Sur.

Será talvez temeridade minha pedir a V. Exa., a quem todos proclamam competentissimo; sua esclarecida opinião acerca d'uma poesia minha ("Pedro II"), publicada no "Jornal do Porto", n.º 50 — Jornal que por este paquete dirijo a V. Exa. E mais do que temeridade será rogar-lhe a fineza de me dar alguns esclarecimentos em relação ao libretto da opera "Guarany", do maestro brasileiro Carlos Gomes. Falla-se aqui com bastante interesse n'esta opera: é de crer a vejamos, mais cedo ou mais tarde, em alguns dos nossos theatros, tencionando eu então escrever alguma coisa sobre isto.

Já V. Exa. vê o que me determina a importunar V. Exa., de quem sou sincero admirador e a quem todos, que conhecem o nosso

formoso idioma, rendem o maior culto, como a uma das primeiras glorias litterarias do Brasil.

Subcrevo-me com a maior consideração

De V. Exa.
att.o v.or & cr.o obrig.do
Antonio Teixeira de Macedo

Illmo. e Exmo. Snr. José d'Alencar
Rio de Janeiro.
Porto 12 de Março de 1872.

ANTONIO HENRIQUES LEAL

Illmo. e Exmo. Sr. Cons. José d'Alencar

Lisboa, 19 de Maio, 1873

Não respondi ha mais tempo ao delicado e inesperado favor com que V. Exa. honrou-me; porque, não querendo interromper suas tão bem aproveitadas horas senão com uma carta minha, aguardei a remessa do precioso e riquissimo brinde de V. Exa. Beijo-lhe as mãos por elle que me tem proporcionado tão deliciosos momentos.

Dos seus Discursos vieram-me 3 volumes; um da sessão de 1869, e dous exemplares das de 1871. Foi para mim surpresa e grande. Revelou-se-me V. Exa. por mais este aspecto, novo e desconhecido de mim, na altura do romancista e do dramaturgo que muito aprecio e admiro.

Com a leitura do seu Til deixa-me sedento pela continuação de tão bem architectado e engenhoso livro. Já conhecia do Tronco do Ipé o 1.º volume. Visitando S. M. no lazareto, conversamos largamente sobre litteratura, dando-me elle para ler esse volume, tecendo ao mesmo tempo merecidos louvores ao auctor.

Quanto a mim, V. Exa. não tem feito ás letras patrias apenas o serviço de opulental-as em tão riquissimos thesouros, porém outro maior — o de ter creado uma escola, nacionalizando de todo em todo a nossa litteratura. E felizmente para elle, que a politica activa não tem morto esse fecundissimo e imaginoso talento. Creia V. Exa. que é isso um phenomeno, não só raro, senão unico de que eu tenho noticia. Faço votos ardentes para que si a politica preponderar algum dia no espirito de V. Exa. a ponto de esterilisar a phantasia, deixe-a antes V. Exa. Pereamos embora o estadista, mas conserve-se sempre nessa primavera florida a fructear tão esplendidos e saborosos primores quem pode e deve levar longe e bem alto a arte brasileira.

Conto que V. Exa. tomará minhas palavras pelo que valem o pelo que são — sincera expressão de um seu patricio que se desvela pelas nossas cousas e applaude as manifestações do genio onde quer e como se expandam.

Resta-me reiterar os meus agradecimentos e pedir a V. Exa. que me considere

Att.o ven.or adm.or sincero e cr.do obr.o e Rev.o

Dr. Antonio Henriques Leal.

Exmo. amigo e Sr. Cons. José de Alencar

Lisboa, 8 de Setembro de 1877

Obrigadíssimo pela sua estimada carta de 21 de julho deste anno. Ainda mais obrigado pelos esforços que empregou para que me fosse mantida a commissão. Com a sinceridade de suas promessas contava eu, e por essa parte estava tão descansado que entendi ser-lhe offensivo o importunar com cartas sollicitando sua efficaz intervenção.

Tenho lido com muito interesse e indizível prazer seus triumphos oratorios, e admira-me que tenha tido forças para estar sempre na brecha: só entranhado patriotismo e a consciencia do dever obrigam-n'o a sacrificar assim uma saude tão necessaria e preciosa para a familia o para as letras.

Com a chegada do Imperador é possível que haja mudança ministerial, e se entrar algum de suas intimas relações e que se avente mandar commissarios á exposição de Paris, rogo-lhe que interceda por mim lembrando que já está na Europa, sendo a ajuda de custo para passagens muito mais modica, que com mais umas 60 libras mensaes de gratificação, além das que já tenho, e isto durante 3 ou 4 mezes, será bastante. Com os conhecimentos de sciencias naturaes e outros mais crelo que poderei observar e traçar um relatório que diga um pouco mais do que outros que têm apparecido sem trazer ao menos alguma utilidade pratica.

Com suas occupações e lidas parlamentares nem mais se lembrou de mandar-me dizer a data da prisão do padre e do principe encoberto de que trata a Synopsia do Abreu e Lima para que eu possa descobrir alguns pormenores no Limoeiro ou no Archivo Ultramarino.

Está a parecer-me que com a mudança de gabinete terá fim o meu-degredo e que valversei á patria. Então estreitaremos nossas relações, sendo tão semelhantes nossos habitos de retiro e aconchego de familia.

Queira ter a bondade de receber e transmittir á exma. esposa e aos filhos os sentimentos de estima e de saudade de minha mulher, filhos e meus.

Creia-me com a maior estima e gratidão

De V. Exa.

Am.o obr.o confr.e att.o e admirador

Dr. Henriques Leal



RESENHA DO MEZ

BIBLIOGRAPHIA

MONTEIRO LOBATO— *O Sacy Perêrê.*

O sr. Monteiro Lobato reuniu em volume, acolchetando-lhes alguns commentarios deliciosos e emparedando-os entre um prologo e um epilogo refulgentes de graça, os depoimentos que a proposito do Sacy Perêrê obteve num inquerito aberto ha tempos, na edição nocturna do *Estado de S. Paulo*. Os leitores da *Revista do Brasil* dispensam, naturalmente, que lhes digamos quem é, como escriptor, o sr. Monteiro Lobato: raro será o numero desta Revista em que a sua fantasia, ora alaere, ora tragica, e a sua observação, sempre aguda e quasi sempre risonha, não encantem e divirtam os leitores.

OLAVO BILAC — *Bocage.*

A Renascença Portugueza fez uma linda edição da conferencia que o anno passado Olavo Bilac realisou nesta capital a respeito de Bocage.

A conferencia já é bastante conhecida e o que sao da penna do grande poeta não precisa de encarecimento.

A. AUSTREGESILO — *A cura dos nervosos.*

Este livro, interessante pelo assumpto e por outros titulos, é nota-

vel sobretudo pelos progressos, que accusa, na arte do escriptor.

Confessamos, lealmente, que não toleravamos os escriptos literarios, do sr Austregesilo. Pareciam-nos hyperbolicos, arrezados, incorrectos o desgraçiosos. Tinhamos a impressão de que, ao fazel-os o maior empenho do escriptor era fugir á naturalidade o á singeleza fascinado pela magia da complicação e do impenetravel.

Essa impressão foi desfeita pelo livro de que falamos. Não será difficil apontar ainda algumas incorrecções na phrase e colher aqui e alli, alguns fructos seccos da produção antiga, mas é incontestavel que o estylo do escriptor ganhou uma fluidez, um desembaraço, uma elegancia e um colorido que apagam ou diminuem os seus defeitos e transmudam em prazer o desgosto com que outrora se percorriam os seus trabalhos literarios.

A. CARNEIRO LEÃO — *O Brasil e a Educação popular.*

Já está em segunda edição o volume que o sr. Carneiro Leão consagrou ao problema da educação popular no Brasil. Explica-se o exito deste livro: o problema é dos que mais interessam no momento e o sr. Carneiro Leão, optimamente orientado no assumpto, expõe as suas idéas com muita clareza e com muita convicção.

BELISIARIO PENNA—
Saneamento do Brasil.

E' um trabalho de alta significação patriótica. O autor mostra que o problema nacional por excelência não é a reforma constitucional, não é a modificação dos nossos costumes políticos, não é a militarisação da mocidade, não é nada em summa disso que se diz por ahí: é o saneamento do Brasil. Os factos que expõe são, realmente, de abalar o animo mais sereno e o quadro, que traça, da vida no interior do Brasil é simplesmente de apavorar. Poucos livros merecerão aos nossos homens publicos mais attenta, mais demorada, mais meditada leitura do que este.

AFRANIO PEIXOTO—
O problema sanitario da Amazonia.

O sr. Afranio Peixoto tem o dom de tornar interessantes e attrahentes os assumptos em que toca. O estudo do problema sanitario do Amazonas seria para quaquer outro uma opportunidade para esmagar de sciencia e de tedio os profanos: para elle foi apenas a occasião de um trabalho ao alcance de todas as intelligencias, leve de forma sem prejuizo do rigor scientifico do fundo, curioso, instructivo e pratico.

MANOEL DUARTE —
Carlos Peixoto e o seu presidencialismo.

O sr. Manoel Duarte procura neste volume traçar o perfil intellectual e moral do illustre politico mineiro, ha pouco fallecido, e expõe as suas ideias capitaes sobre o presidencialismo.

Lê-se o livro com facilidade e gosto, mas não se pôde fechalo sem uma impressão de duvida, que se não o destróe tira muito do seu valor:

— Seriam estas, realmonte, as opiniões do sr. Carlos Peixoto?

O autor nenhuma prova dá de que, effectivamente, o são a não ser a que resulta da sua affirmativa. E'

pouco para um trabalho com a intenção de ser historico.

Outro defeito que nos feriu e que o Autor, intimo como parece ter sido de Carlos Peixoto, podia evitar, é a escassez de episodios significativos e de anedotas expressivas, muito mais uteis para o conhecimento de uma personagem do que todas as dissertações por mais brilhantes que sejam.

De passagem, notamos ainda um equivooco em que o sr. Manoel Duarte caiu. Põe elle, a pagina 41, Caprivi entre os grandes estadistas da Italia. Caprivi, apezar do nome, era allemão, tudo quanto ha de mais allemão, pois era prussiano. Tanto mais de extranhar é o equivooco quanto ha na vida de Caprivi um facto que lhe dá um relevo extraordinario — foi elle o escolhido para substituir Bismark quando o grande chanceller tombou...

JOSE' DE MACEDO —
O conflicto internacional sob o ponto de vista portuguez.

Estuda-se, neste livro, com muita abundancia de dados, a situação economica do mundo antes da guerra, mostrando-se o erro da Alemanha em destruir com o seu delirio militarista o dominio, cada vez mais seguro, que ia conquistando em todos os mereados do Orbe. Depois dessa vista de conjuneto, o autor desce a uma exposição minuciosa da politica economica portugueza, analysando-a sob todos os aspectos.

E' um trabalho solido que denota uma rara competencia no assumpto e que, pelas ideias geraes nelle contidas, interessa aos estudiosos de economia e finanças existentes em todos os paizes.

TEIXEIRA DE PASCOAES —
A Beira num relampago.

O sr. Teixeira de Pascoaes tem uma maneira tão viva, tão luminosa, tão pittoresca de descrever as coisas que se não pôde abandonalo em meio da viagem que, neste volume, empreheu através da pro-

vincia portugueza da Beira. Postos os olhos nas primeiras linhas tem-se de os levar até ás ultimas, tal a seducção do escriptor, taes a riqueza e o brilho das suas imagens...

FIDELINO DE FIGUEIREDO — *Estudos de literatura.*

O sr. Fidelino de Figueiredo toma a critica tão ao serio, dedica-lhe um culto tão cheio de gravidade que obriga a gente a fechar o sorriso zombeteiro deante della e a pensar, por alguns minutos, que ella é effectivamente uma senhora digna de respeito e affeição. Verifica-so logo, porém, que esta affeição e aquelle respeito vão mais para o sacerdote do que para a deusa. O sacerdote põe tanto zelo, põe tanta sinceridade, põe tanta pureza no seu officio que se acaba confundindo ambos — o sacerdote e a deusa — no mesmo sentimento benevolo.

Os *estudos de literatura* dão-nos, realmente, uma idéa precisa de varios escriptores portuguezes e desenvolvem, com segurança, alguns pontos de vista literarios interessantes e fecundos. São um guia excellenté para se travar conhecimento com os principaes espiritos da actual literatura portugueza e para se entrar em contacto com as correntes dominantes no espirito moderno de Portugal.

AUGUSTO DE CASTRO

Fantoches e manequins.

Ha na prosa alerta e desempenhada deste chronista, meio poeta, meio philosopho, uma variedade de eür e um jogo permanente de luz que a fazem quasi sempre, um mimo de joalheria literaria. As chronicas passam, pelo geral, com os factos que as inspiram é que, só de raro em raro, merecem viver na memoria do publico mais de 24 horas. As do sr. Augusto do Castro parecem ao abrigo desse destino cruel: através da sua frivolidade apparente, percebe-se nellas alguma coisa, de sentimento e de reflexão, capaz de vida e de persistencia.

JOÃO SARAIVA —

Liricas e satyras.

Tudo neste poeta é delicado — até as suas indignações. Ha nas suas satyras de onde em onde, é verdade, um traço mais carregado ou uma idéa menos gentil, mas, nas linhas geraes, a sua poesia, quer lyrica, quer satyrica, é branda, suave e perfumada. Se, num certo trecho elle celebra a entrada de um burro para a Academia, innocente gracejo que a affluencia desses cavalheiros nas poltronas academicas tornou hoje uma trivialidade sem sabor, em outro, para se vingar da indifferença de uma mulher, encontra no seu carcaz de satyras apenas esta flecha de ouro:

Esse colar de perolas sem par
Que te rodeia o colo assetinado,
Parece que rolou, brando e magoado,
Dos teus formosos olhos, ao chorar...

Foram rolando as lagrimas... E acharam
O teu seio tão pallido e tão frio
Que, apenas a mais limpida calu,
As pobrezitas, tremulas gelaram!

LEONARDO COIMBRA

— *A Alegria, a Dor e a Graça.*

São meditações, reflexões e variações sobre aquelle triplice thema. Ha quem se deleite com esse genero meio literario meio philosophico. Para esses deve ser muito bem accedido o volume do sr. Leonardo Coimbra.

MOVIMENTO

ARTISTICO

CARLOS OSWALD

O pintor Carlos Oswald, que fez recentemente em S Paulo, uma exposição de desenhos e pinturas, é um joven artista brasileiro cuja reputação se firmou rapidamente nas nossas rodas artisticas. Educado em Florença o tendo percorrido varios centros cultos da Europa, voltou ao

173

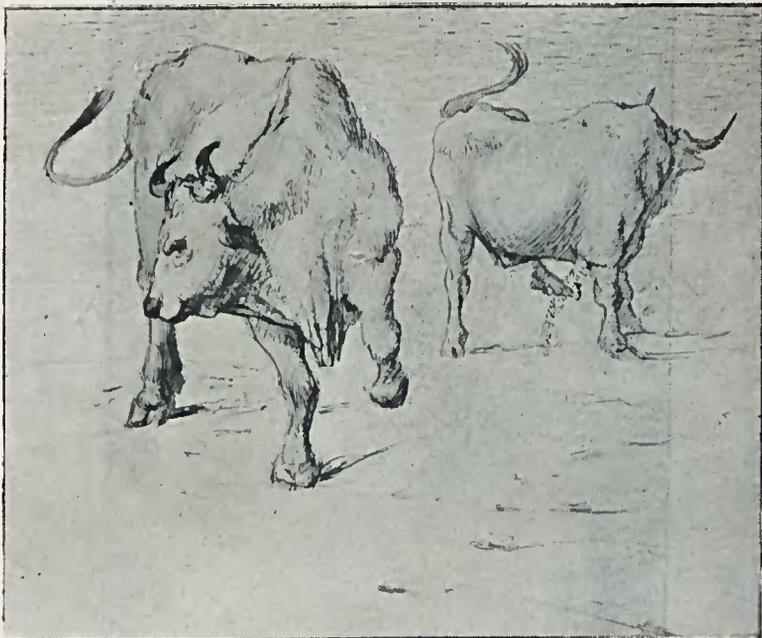


PIERROT — (Agua forte de Carlos Oswald)



NA PRAIA DO TIRRENO — (Agua forte de C. Oswald)

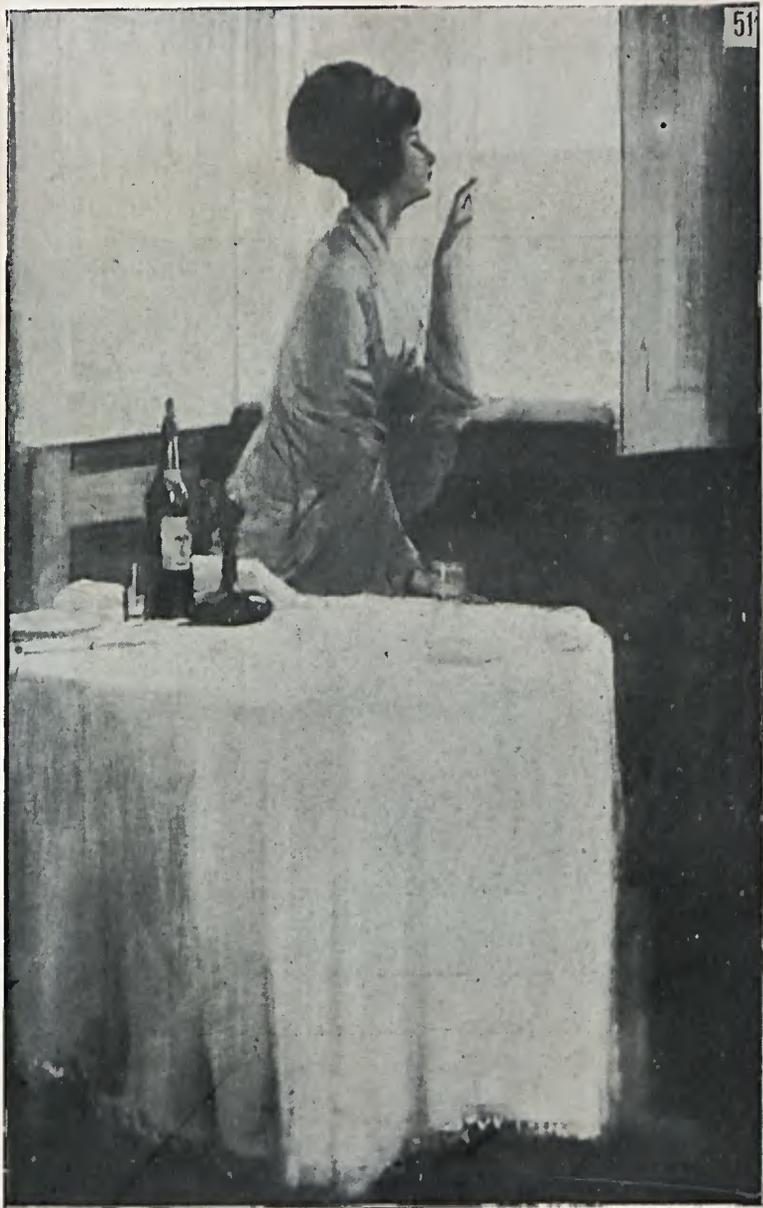
175



BOIS MOLESTADOS PELAS MOSCAS
(Desenho a penna, por C. Oswald)



RETRATO DO AVÓ
(Pintura a óleo, por C. Oswald)



ANTES DO ALMOÇO — (Pintura a óleo por C. Oswald)



DEPOIS DO ALMOÇO — (Pintura a óleo por C. Oswald)

Brasil pintor feito e seguro de sua arte.

A exposição Oswald teve um raro exito, que se póde attribuir, sem favor, ao merito tambem raro do artista. O sr. Oswald dispõe de uma grande habilidade technica que lhe permite abordar todos os generos e tentar todas as maneiras. A facilidade com que se utiliza desses recursos tem contribuido talvez para desorientar o publico a respeito das suas verdadeiras tendencias. Parece certo, entretanto, que este nosso talentoso patricio está mais á vontade na decoração e no retrato do que em outro qualquer genero de pintura. A paisagem, por exemplo, é para o sr. Oswald um simples motivo de decoração; nos seus trabalhos desta categoria não se encontra



nem fidelidade nem emoção. O pintor idealisa sempre e adapta o assumpto á sua concepção decorativa, que é geralmente feliz, de uma grande harmonia e de uma fina sensibilidade. Desejariamos vel-o neste genero, num trabalho de fôlego, um grande painel de alta inspiração em que elle desenvolvesse as qualidades tão brilhantemente demonstradas no seu friso "Na praia do Tirreno".

No retrato ou no estudo da figura, em geral, já o sr. Oswald revela um temperamento robusto que vibra de poderosa emoção diante do seu modelo. Parece ser esse o seu genero predilecto, tal é a volupia

com que elle ataca as difficuldades da obra, vencendo-as com os recursos de uma technica aprimorada e rica. O "Retrato do avô", que em outro lugar vac reproduzido, com a sua illuminação á Rembrandt, é admiravel de expressão, de uma harmonia deliciosa e de factura soberba e original. Não é preciso dizer mais para affirmar que Carlos Oswald desenha com correccão, com vigor e espontaneidade. E' porém nas aguas fortes e nos trabalhos a penna que se póde admirar em toda sua pureza o seu bello desenho. Nas reproduções que a *Revista do Brasil* estampa neste numero, estão algumas das suas melhores produções, entre ellas diversas aguas-fortes, processo em que Oswald não tem rival no Brasil.

Em plena mocidade, Carlos Oswald já é um dos nossos mais reputados pintores; dentro em pouco será um mestre prestigioso se quizer accentuar na sua obra os caracteristicos da sua personalidade, fugindo ás variadas, dispersivas e perigosas tendencias para que o atraem simultaneamente a sua larga capacidade technica e a vulgaridade do meio.

TULLIO MUGNAINI

No mez de janeiro teve S. Paulo a revelação de um outro artista. Este é um joven paulista de pouco mais de 20 annos e que já se apresenta com a envergadura de um triumphador.

Tullio Mugnaini é um destes temperamentos destinados a vencer, que não conhecem obstaculos e camiuham para o seu ideal com a determinação de verdadeiros illuminados.

Partiu das aulas do Lyceu de Artes e Officios para os "ateliers" de Florença e em poucos annos remetteu para S. Paulo uma produção assombrosa em relação á sua mocidade e ao seu tempo do estudo. Mas o que ha de notavel nessa produção é uma factura com um poder de synthese o um toque tão seguro e espontaneo que difficil-

mente se acredita possa ser obra de um principiante.

A exposição de estudos deste moço de extraordinario talento, realisada na redacção da "Vida Moderna", ficará na historia da pintura em S. Paulo como um acontecimento memoravel: foi a affirmação documentada de que dentro em pouco S. Paulo contará entre os seus filhos um grande pintor.

N.

A EDUCAÇÃO E A DEFESA NACIONAL

... Preparado para a vida o futuro cidadão, cumpre que se tenha feito d'elle um brasileiro: que ás aptidões nelle desenvolvidas com a capacidade de seu aproveitamento util se tenha juntado a de defender a sua terra, a sua gente, esse patrimonio commum de historia, tradições, costumes, lingua, civilização, esperanças, ideaes... que tudo constitue a Patria. Ao alumno da aula primaria demos os rudimentos de educação civica, pela acção, com a disciplina e o exercicio previo ás futuras necessidades; ao preparatorio com as humanidades que lhe alargaram o cerebro a todas as capacidades, continuamos a exercitar as faculdades de acção e applical-as no seu endereço patriotico. Ao entrar na vida, desenvolvido e apto, cumpre no serviço militar pagar a quota effectiva de dedicação activa á Patria, antes de passivamente servir-a como um brasileiro digno e prestante. Este debito contrahido por todos os brasileiros não pôde ser pago apenas por alguns. E' profundamente desmoralizador que o tributo de fadiga e de perigo e talvez, se a necessidade vier — parece que ella vae chegar — que o tributo de sangue seja reservado a uma classe da sociedade, a menos idonea, e para supprir ás que se esquivam.

O voluntariado, como era outr'ora exercido, pelo engajamento dos que se offereciam para servir nas fileiras fazia justamente a selecção invertida de alguns brasileiros, promovendo a soldado todo o rebutalho

humano — incapazes, rebeldes, timidos, desclassificados, até criminosos, — que não servindo para nada ou tendo falhado a tudo, se destinavam ao serviço mais nobre, aquelle para o qual se requer a dedicação mais abnegada. A consequencia era esta: um corpo brilhante de officiaes, os jovens que saham das escolas militares, não desenganados pela realidade que os havia de formar senão corromper — ao contacto dos soldados que não am a enquadrar, sem quartéis, sem disciplina, sem exercicios, sem manobras, e para começar tudo isso, ou dahi isso tudo, sem educação, — ao contacto das patentes superiores, remissas ou já resignadas, que transformavam o serviço da patria na burocracia mais pacata e mais sem fadiga da administração publica. Não, isto que existia, e que era incapaz de nos defender, desmoralisava não só a instituição militar, como infundia o mais indevido desprezo pelas classes armadas.

A causa maior do mal é o voluntariado; o meio de o evitar cabalmente é o serviço militar obrigatorio, no qual todos os brasileiros, dos mais humildes aos mais felizes, dos mais modestos aos mais capazes, procurando pagar a sua primeira divida á Patria que os criou e que os educou, com o defendel-a, regenerem — para todas as grandes responsabilidades que lhe cabem — o orgam essencial dessa defesa, que é o exercito nacional.

Quando se fala em defesa nacional a primeira ideia que acode aos levianos, imbuídos de umas philosophias faceis com que pedanteiam conhecimentos profundissimos... é que isso nos conduzirá, fatalmente, aonde não queremos, que é a guerra. Dizem elles que este espirito militar despertado, açulado, preparado, será presa facil da tentação de aventuras, e a ambição do mando, de promoção, de conquista, fará o resto. Preparamos inconscientemente a guerra e a aggressão, cuidando apenas em servir á defesa nacional. O raciocinio pôde ter algum alcance: entretanto o opposto, o que elles



CABEÇA DE ESTUDO — (Tullio Magnani)



AUTO-RETRATO — (Tullio Mugnaini)

querem, é positivamente absurdo. E' como se dissessemos: não preparemos o remedio anti-ophidico porque vamos conservar o veneno ás cobras; licenciemos o corpo de bombeiros porque assim acabamos com os incendios; são advogados, juizes, policia, penitenciarias que perpetuam o crime... Pois bem, no chamado pacifismo estão incluídos todos esses absurdos. O sermos pacificos de indole, de costumes, de interesses, de ideias não nos impedirá — como nas duas vezes em que fomos e que somos obrigados a fazer a guerra — de sermos atacados e agredidos e — ai de nós! se não estivermos em condições de nos defender. Não foi a Grecia deligente, subtil, artistica, philosophica que atacou os Medas; agora mesmo, gafada de socialismo, syndicalismo, humanitarismo, internacionalismo, nem por isso se protegeu a França, e esteve prestes a succumbir contra ambições que não suseitou. No mundo contemporaneo esse pacifismo ó a criação, a educação, a preparação para ser cordeiro, quando ha lobos soltos por ahí além. Não ha doutrina mais myope de intelligencia, se tem por acaso boa fé: tambem antes desta guerra os socialistas allemães exhibiam os mais ternos sentimentos internacionais. Fie-se lá a gente em taes lyricas declarações...

Por consequencia, preparemos a defesa nacional, para nos defendermos, se a eventualidade se produzir — será mesmo a melhor maneira de a evitar — sem entretanto esquecer de nos premunirmos contra o espirito de aventura e de conquista que existiu sempre no mundo, que ainda ha de existir, porque o numero dos estultos foi e é infinito. Deve ser mesmo a educação, que nos prepara para a lucta possível, que nos evitará sermos os provocadores della.

Por isso, para impedir tal damno, cumpre que se mude pedagogicamente o velho e perigoso endereço da "educação nacional". Elle é de Fichte e tom mais de um seculo, naquellas exhortações patrioticas á Alemanha, para se libertar, se reconstituir e, finalmente, se impor

ao mundo. Sabemos como o conselho foi tomado: sob aclamações em 64, em 66, em 70, que rendiam honras aos mestres dessa "educação nacional"; na decepção do bote perdido, das riquezas malbaratadas, das gentes sacrificadas, do futuro comprometido, agora em 1918, o que deve ser tambem attribuido aos mesmos autores da "educação nacional".

As razões do erro fundamental dessa educação são entretanto evidentes e elle é insensato e até ridiculo. Cada povo põe-se a fazer, á porfia, invocando o patriotismo, aquillo mesmo que condemnaria a um dos seus nacionaes, se o fizesse a si proprio: é o unico nobre, o unico digno, o unico capaz, mandado por Deus para reger o mundo... Se ouvíssemos isto de um homem, diriamos que elle era louco: ensinamos isto entretanto nas escolas, nas escolas europeas, americanas, asiaticas, não a um, mas a todos os povos. E' o principio da "educação nacional" — o delirio de grandezas, a paranoia collectiva, cultivada nas escolas...

E isto — essa fina flôr da cultura pedagogica — é o absurdo mais antigo e mais primitivo da humanidade barbara ou da presumida civilização. Os Judeus eram o povo eleito; os Assyrios eram os douos verdadeiros do mundo; os Gregos chamavam barbaros a todos os demais povos; só os Romanos tinham direito ao imperio... Em quanto isso, insultavam uns aos outros com os proprios appellidos: ladiuos, vândalos, ogres, alarves, bugres... são nomes gentilicos, tornados em injuria. A philologia germanica, ao serviço do pangermanismo, deriva slavo, do escravo. Nos tempos modernos é a mesma loucura: o orgulho hespanhol é som limites, a arrogancia franceza desmedida, a ambição ingleza infinita, a insolencia allemã excede a qualquer qualificativo. E não é a gentallia dos mal educados, que propagam taes dislates, são as forças vivas e agentes da nação, os educadores della, que as propagam e por ellas fazem assim as des-

graças do mundo: foi aquelle mesmo Fichte, pedagogo e philosopho, quem pretendeu que a lingua allemã, por ser pura, matriz das outras, devia ser a unica, pois que o povo allemão era o unico povo, o povo simplesmente, por que *allemanidade* significa *todos os homens*, isto é, humanidade: só allemães contam e portanto os outros povos deviam desaparecer. Fichte escrevia isto em 1808: dahi para cá o tom não variou, nos educadores e nos educandos, e deu nisto, nessa tragedia a que assistimos e da qual até nos obriga a loucura solta no mundo tambem a sermos comparsas.

Ora essa megalomania — que é como os technicos chamam ao delirio de grandeza — nem ao menos é só das raças apuradas: não ha povo selvagem ou inferior que não seja como esses Judeus, Assyrios, Hespanhóes, ou Allemães: na Melanesia, na Hotettonia, na Papuasias, na Rondonia... Para não sair de casa, basta lembrar que os Guaranyes chamavam a seu idioma *abanheengá*; isto é, “lingua dos homens, dos guerreiros”, os mais altos elogios que se podiam dar; os Tupys, seus parentes do norte tinham a propria como a “lingua boa” *nheengatu*; as outras não prestavam, não eram puras, como é tambem o allemão... Estes selvagens, convinham em chamar aos Gés, o povo inimigo, Tapuyas, que quer dizer “barbaros”. Os Caxinauás de Capistrano de Abreu, lá dos confins do Amazonas, falam a *txa-hu-ni-ku-in*, que significa “a lingua da gente verdadeira”, da gente fina”. A gente verdadeira deve ser a do unico povo, ou o povo simplesmente, como queria Fichte. Não são eloquentes essas coincidencias?

De todos os tempos, e de todos os povos, é pois, um velho e vulgar prejuizo; é um phenomeno de ethnographia, que revela fraqueza psychologica — a ausencia de senso critico. Não ha duas moraes, uma para o individuo, outra para os individuos: ha apenas a moral. Chamariamos doido ao homem que se dissesse o unico digno e capaz entre todos, o senhor e o dono de tudo; conside-

raremos insanos tambem os homens ou povos imbuidos dessa loucura collectiva, que os leva ás guerras de conquista, de supremacia, de dominio, em homenagem a uma superioridade delirante, que se cuida com direito á vida e á morte dos povos desprevenidos. Ora, a conservação e a exaltação dessa barbaria primitiva é devida, nos civilizados, exclusivamente, á famosa educação nacional, ao menos ao errado endereoço dessa educação nacional.

Previnamo-nos, pois, contra essas affirmações vaidosas do patriotismo insensato: o Brasil é o paraíso terreal, o mais rico, o mais lindo, o mais prospero paiz do mundo... o brasileiro é o mais forte, o mais intelligente, o mais invejado povo do mundo. Dahi viriamos, dadas taes qualidades presumidas, a nos aclararmos com os direitos correlatos, contra todo o direito. E depois, nada disso é verdade; e que o fosse ou o seja algum dia, não é nos gabando, que chegaremos a ser gabados. E' ao envés nos gabando, que ficaremos satisfeitos no que estamos, marcando o passo, sem estimmulo para marchar, porque temos os olhos no espelho de uma vaidade, que nos contenta.

A defesa nacional, que devemos e vamos preparar, não visará, pois nenhum sentimento de predominancia, justificado por uma supposta superioridade, que ainda não temos, ou que só teremos num dia longinquo, com esforço e pertinacia. Não ha raças inferiores senão as que se não adaptam á civilização; são superiores as raças que se mostram dignas da civilização... Civilização, que será definida a domesticação do homem, fera bravia como as outras, submissa pela educação aos principios da ordem, da equidade, da tolerancia, para o trabalho, a prosperidade, o conforto, as sciencias e as artes, que se resumem nesse ideal humano — a humanidade.

A defesa nacional que devemos preparar não eubicará nenhuma conquista, pois que nos sobejam terras, ainda incultas e até desconhecidas, nem provento nenhum escuso, pois que nos restam todos as possibilida-

des de conseguir os que pretendemos honestamente, mas a defesa contra nós mesmos, contra a nossa inercia, contra a nossa dispersão, contra o nosso descuido, no adiantmetno preguiçoso ou desattento das nossas aspirações licitas e naturaes. E só pela instrucção poderemos alcanças todas, instrucção imprescindível a um povo livre, que deve começar por governarse a si proprio. Comprehendo-se que velhos paizes aristocraticos possam confiar ao soberano ou á sua nobreza a missão do governo; não se concebem democracias sem instrucção popular, com que se escolhem e fiscalizam os dirigentes, que definem e norteiam os rumos da historia.

A defeza nacional que devemos preparar, nos protegerá no mundo mau que ainda habitamos, em que as paixões do ganho e de posse andam soltas e conduzem á servidão e á morte os povos inermes, nos educará para a posse de nós mesmos, dentro de nós e para a situação de respeito e de apreço na sociedade internacional, educação que dirá ao Brasil essa palavra que ainda anciosos esperamos, sobre o nosso destino — para onde vamos, aonde devemos chegar...

No mundo ha logar para todos. Como nas nossas mattas, as arvores grandes devem permittir ás pequenas que á sua sombra subsistam, sem perigo; ellas são grandes exactamente porque a contiguidade, na emulação, em busca da luz, as fez crescerem e as tornou robustas e firmes, para supportarem, sob a intemperie, a infinita ramaria de sua coma. Se no futuro, pelas forças naturaes da historia, esse amplo dominio territorial corresponder a um povo immenso e digno dello — e só a educação nos fará e nos proverá neste destino — so como nos promettem os versos propheticos do Patriarcha:

Qual a palmeira que domina ufana
Os altos topos da floresta espessa,
Tal bem presto ha de ser no mundo
novo

O Brasil bem fadado...

que sejam estas palmas a corôa pa-eifica de uma civilização, ampla, generosa, feliz, que não faz sombra mas tambem não tem inveja a ninguém, que ao céu olha com serenidade e confiança, fixas e fortes no chão da realidade as raizes innumeraveis da dedicação e do sacrificio dos Brasileiros, sempre vigilantes e sempre decididos a tudo, para a defeza nacional! (Afranio Peixoto — Conferencia da Liga da Defeza Nacional, Rio de Janeiro).

O ESTADO COMO FACTOR DA ORGANIZAÇÃO NACIONAL

...Dir-se-ia quasi impossivel chegar a ser escutada a voz da intelligencia, que especula e raciocina, nesta hora em que a especie é chamada á accção mais rude, por que se poderiam traduzir o seu esforço o o seu espirito de sacrificio. O momento é da força, do instincto vital. No homem europeu, os vapores da embriaguez bellicosa acordaram reminiscencias do troglodyta e uma sensibilidade oxydada á temperatura das cavernas. No creador de valores estheticos e moraes desbota-so aquella coloração robusta de personalidade, que era o traço do seu principio espiritual. Nunca o homem quiz mais senhorear o homem; a collectividade absorveu tanto o individuo, annullando-lhe antinomias fundamentaes, o Estado appareceu diante dos seus membros reivindicando-lhe direitos mais sagrados. Cada personalidade collectiva representa no corpo-a-corpo com as fórmas de destruição externa que as eonstringem, o querer viver humano do Schopenhauer, elevado ao seu maximo de "concentração", do "intensidade", de "ardor" e de "frenesi". Dir-se-ia que as propriedades de Unico, do individuo foram incineradas e reduzidas a borralho. A só attitude compativel com elle é uma attitude impessoal, de adherencia ao seu grupo, do adaptação ao seu meio e ás necessidades que o opprimem. E' o triumpho do espirito cívico, dessa força de integração, que é a

finalidade do mundo sideral, como do mundo organico e social.

Assistimos a uma crise aguda de nacionalismo. Na sua marcha vagarosa, a especie havia creado a consciencia da familia, a consciencia da cidade e depois a da nação. Imaginou-se facil lhe seria attingir a da humanidade. As fronteiras eram de facto mais permeaveis e a mobilização das massas, traduzida em phenomenos geneticos e migratorios, accusava uma interdependencia sempre mais accentuada dos povos. A miragem... Esta guerra, se bem que nella se defrontem colligações de Estados, choques de idéas de duas culturas, o sentimento mais luxuriante que ella tem estimulado nas massas colligadas é o da nacionalidade. Cada povo, cada nação, cada Estado bate-se procurando affirmar o seu direito á independencia e á vida.

... Por todo o processo da nossa evolução, a latitude das nossas transformações abrange quasi que sómente mutações de forma. As instituições politicas em vez de se tornarem a espinha dorsal de um organismo vivo, são qualquer cousa de invertebrado e de inarticulado. Não nos transformamos organicamente. O conhecimento que possuímos de nossa phenomenologia social é ainda empirico. Desconhecemos a natureza dos phenomenos que nos cercam e quando os enxergamos é sem pol-os em contacto com outros phenomenos, sem estudal-os com a consciencia scientifica, isto é, elevando-nos á sua uniformidade, ás suas leis e ás suas relações com outros factos. O mestiço, que substituiu o escravo, organizando o trabalho agricola desequilibrado depois da commoção abolicionista, lavra a terra pelos mesmos processos com que a exploramos ha trinta annos. Belém e Maranhão são duas perolas de uma joalheria européa. No interior, como desde o dia do desbravamento, é a malaria, o hebetismo de uma população empaludada até á alma; são os seringaes exgotados, a industria da borracha aviltada, o seu commercio em atonia pela concurrencia do si-

milar asiatico prosperando com methodos racionais de cultura intensiva, debalde apregoados á Amazonia alienada das mais elementares realidades economicas. E com a fatalidade do incio physico suppomos ter explicado efeitos cuja elucidación se encontra tambem nas determinações da vontade.

... Sociedade assás homogenea, o Brasil não attingiu ainda um estado de accentuada differenciação e cordonação crescentes. As primitivas fronteiras homogeneas e indistinctas não se transformaram em divisões e linhas da penetração numerosas e dilatadas; não nos fragmentamos em classes com actividades proprias e com limites marcados. Organização suppõe differenciação. Assim nem Estado, nem sociedade, nem industrialismo, nem proletariado, nem politica, nada temos organizado. Exercitamos desattentos o atomismo individualista, neste organismo flacido sem gymnastica e sem musculos. Mas se o *laissez aller*, *laissez passer* é um fardo com que estão arcando os paizes que pretendiam ser governados por padrões individualistas, é que o eram entretanto até um certo ponto — qual seria o nosso destino se entregassemos á iniciativa individual a sorte do nosso futuro, e o incentivo do nosso progresso e o problema do desenvolvimento da cultura e da organização nacional?

Quando olhamos a Russia, onde o Estado falhou, é que vemos quanto elle constitue um bem positivo, um bem necessario, quanto o seu *imperium*, que se reconstitue depois do eclipse feudal com a revolução, arcabougado na forte estrutura romana do Codigo napoleonico e nas disposições e leis administrativas do consulado e do Imperio, tem que pela força da logica social, de ser o resultado de uma "organização precisa e consolidada", preposta aos fins governamentais e sociaes e nunca a "expressão de um conglomerado amorpho e de funções difusas". A Russia dá-nos a impressão de uma vasta poeira humana varrida pelo simun da desordem. Desappare-

ceu a ordem nos espiritos e na sociedade. O systema ferroviario, por exemplo, segundo leio na *North American Review* passa a ser collectivista. Exploram-n-o machinistas, guarda-freios, foguistas, conductores, etc. Em conclusão: não ha quasi mais trens. Quando correm, de repente, ás vezes, a machina pára. Machinista e foguista descem no meio da viagem, entre uma estação e outra. Descem para um ajuste de contas. Um cabe ferido á margem da estrada, e o comboio recomeça a viagem no meio da stepp... Ha juntas de operarios regionaes que reduziram as horas de trabalho diario a duas. E o Conselho reclama do Governo a decretação geral dessa medida, e mais férias com salario durante a estação calmosa, descanço de trinta dias depois de cada sessenta, para as juntas operarias, por isso que o esforço intellectual é mais penoso e esalfante do que o mecanico. Isso emquanto soldados banham-se despídos nos lugares mais attrahentes, por onde o Neva corta Petrogrado, o que fez dizer a uma dama russa de espirito que se a revolução franceza pôde mostrar os seus *sans culotte*, a revolução russa exhibia pittoresca e poeticamente os seus *sans caelçon*.

... O vinculo politico enleia, identifica, integra como um vinculo historico, espiritual ou moral. Um laço de cohesão politica, elle o transforma em liame de cohesão moral; onde havia uma communhão politica, elle insinua, com o seu "contrôle" das relações moraes, economicas, juridicas, etc., uma alma de nação, isto é, vai erando pouco a pouco uma consciencia de unidade e de nacionalidade; e como o ideal consiste em transformar povos em nações, reduzir vinculos politicos a laços ethnicos, sentimentaes, psychologicos, communidade de sympathia e de nivel civilizador — o Estado, na sua lenta elaboração, vai pouco a pouco dissolvendo tendencias particularistas, harmonizando interesses, até assegurar á constituição social a flexibilidade e a plasticidade das estruturas superiores. E para

isso, elle disciplina, organiza e ordena. O Estado ideal, que sonhavam os individualistas utopicos, seria um contrasenso, porque teria quo ser no fim de contas um Estado anti-social. Quasi despido do exercicio da autoridade, facilitando o maximo coefferente de liberdade á iniciativa individual, elle acabaria tornando impossivel a vida em sociedade. Organização implica autoridade, e disciplina, subordinação. O orgão de commando que encarna a "sociedade investida do poder coercitivo (Ihering, *O fim do direito*) deve ser forte, para a realização mais efficiente dos fins sociais. E aquelle que se revolta contra a disciplina social é porque não traz dentro de si nenhum sentimento de disciplina moral.

A tarefa decisiva no Brasil, pois, antes da educação popular, da reforma constitucional, dos vagidos parlamentaristas, é a reeducação das "élites", que devem constituir as intelligencias conductoras. O Governo e o Estado significam, sobretudo nos paizes novos, o elemento uobre, o ascendente patricio sobre as massas, petrificadas na ignorancia, no torpor, na sombra das tradições e dos habitos ou na innocencia sinistra dos fanatismos mais scelerados. E' a reacção contra esses factores, que não são outra cousa senão fórmulas da lei de inercia. Tem que agir mais por acção do que por omissão. Desgraçadamente as classes dirigentes no Barsil ainda não se mostraram aptas para enfrentar as soluções de ordem politica, economica e social com que o paiz terá de attingir a plenitude de efficiencia das suas possibilidades. O problema da organização nacional estabeleceu-se diante dellas como a esphyngue, ha um seculo. (Assis Chateaubriand — Conferencia na Bibliotheca Nacional, Rio de Janeiro).

REVISTAS E JORNAES HOMENS

E COISAS NACIONAES

CAPISTRANO DE ABREU INTIMO

Assisti uma vez a um concurso para preenchimento de uma vaga numa grande repartição publica, installada num luxuoso palacio desta capital. Quando cheguei, todos os candidatos e examinadores a postos esperavam pelo examinador que se considerava como o elemento decisivo na banca: o sr. Capistrano de Abreu. Na roda de que fiz parte, falava-se dello. Gabavam-lhe os meritos do escriptor e os do historiador. Recordavam o respeito com que o barão do Rio Branco procurava sempre attrahir Capistrano de Abreu, consultando-o innumeradas vezes, e aproveitando-lhe os conhecimentos vastissimos. De repente entra pelo salão a dentro, quasi esbarrando em todo o mundo, muito myope, ás cabeçadas, de paletot sacco sujo, calças a cahirem, gravata passada sem laço e recusando-se terminantemente a abraçar o collarinho, harba crescida em desordem o cabello em permanente revolta contra todo e qualquer pente, um homem de apparencia exotica, qualquer coisa como um fugitivo boróro, mal vestido, ás pressas, e horrorisado contra a civilisação...

Houve um sussurro.

O director da repartição, mal o viu, apressou-se em lhe dirigir a palavra, chamando-o pelo nome, e offerecendo-lhe a melhor cadeira na mesa dos examinadores.

Era Capistrano de Abreu.

Uma vez, vindo do Cattete, Capistrano trouxe de tal modo a gravata, que o conductor do bonde, por mais que a procurasse descobrir, não a encontrou. Intimou-o:

— Não pôde ir neste carro porque não tem gravata!

Capistrano viuha distrahido, de nariz encostado ás paginas de um folheto, lendo. Não se irritou. Deu o nikel ao conductor, esboçou um gesto no ar apontando com a mão mais

ou menos para o pescoco, e limitou-se a prestar a seguinte informação laconica:

— Ella ha de andar por ahi!

E do novo mergulhou na leitura, chegando aos olhos myopes o folheto. Não sei que seriedade lhe viu no rosto o conductor, que acreditou na palavra do historiador o passou adiante.

Capistrano não veste casaca. Quando tem de comparecer á solemnidade de um concurso para vaga de professor no Collegio D. Pedro II, como todos os collegas usam trajes de rigor, elle então, qualquer que seja a temperatura, esconde-se abotoado dentro de um sobretudo. Faz a barba e corta o cabello uma ou no maximo duas vezes por anno. E essa operação consta do seguinte: correr uma tesoura pelo rosto e pela cabeça, cortando tudo o que fór encontrando pelo caminho... Só. Embora tenha o maior desprezo pela roupa, entretanto adora, como um indio, o banho frio.

A respeito de indios, Capistrano de vez em quando recebo um... Submette-o a interrogatorios continuos, e depois de lhe ter extrahido dos miolos toda a materia prima ethnographicamente aproveitavel, devolve-o ás florestas de Goyaz e manda buscar outro. A's vezes, com curiosidade e paciencia, o historiador passeia com o seu indio para recolher as impressões delle através da cidade, e registral-as.

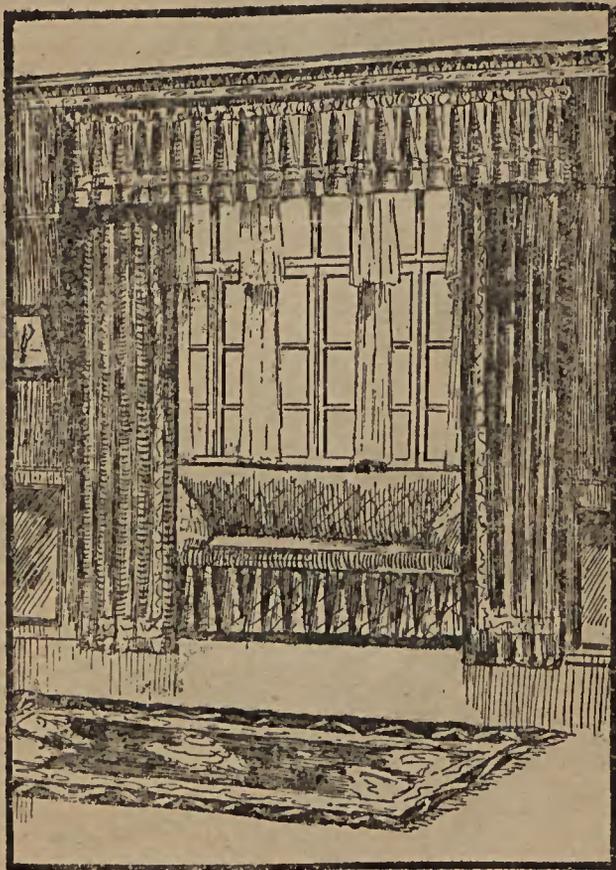
Capistrano é interessante ainda pelas suas phrases de espirito que correm de bocca em bocca. Quando se fundou a Academia Brasileira de Letras, quizeram incluil-o entre os immortaes. Capistrano recusou dizendo:

— Já faço parte do genero humano, sem ser por meu gosto, e basta-me...

De como Capistrano é distrahido, um facto o attesta. Sei que um dia, na Bibliotheca Nacional, ao tirar o lenço do bolso do casaco deixou cahir todo o dinheiro de seu ordenado do professor, que havia acabado de receber. Felizmente, o cobro cahiu



SECÇÃO DE MOVEIS



Permitta-nos ajudar U. S. para a decoração de suas
JANELLAS — Nossa experiencia e estudos sobre esta
importante questão estão ao seu inteiro dispôr.

Fornecemos orçamentos e desenhos gratis e sem compromisso.

Escreve-nos hoje!

MAPPIM STORES — Caixa, 1391
S. PAULO





Mistura sem precedencia

Invejados sempre,

Igualados nunca!



no proprio seio da honestidade, que o foi no caso a cadeira de trabalho de Constancio Alves. A importancia foi logo recolhida ao cofre da Bibliotheca e um continuo foi despachado a avisar o historiador em sua residencia. Capistrano foi encontrado tarde, e ainda não havia dado por falta do dinheiro, que havia guardado com desdem, num bolso tão improprio.

Capistrano de Abreu é o melhor e o maior historiador até hoje surgido no Brasil. Tem elevação de vistas e profundeza philosophica nos seus arestos.

Não cita de segunda mão: é de uma probidade mental absoluta. Vai aos documentos originaes, ou recorre a copias authenticas. E o conjuncto de sua vida, passada com o maior desinteresse no trato dos livros, longe da competição dos egoismos vulgares e grosseiros basta para denunciar nos sub-solos do seu temperamento, um fundo de poesia. Aliás seu bello estylo o denuncia. Accrescente-se a generosidade com que acóde a todo mundo, como guia espirital, servindo um numero infinito de pessoas, a offerecer a todos com a maior modestia, os resultados de sua colossal erudição, com a naturalidade com que uma fonte pura offerece a sua agua a qualquer...

Ainda um episodio: da ultima vez que foi ao Ceará, Capistrano, ao chegar á sua cidade natal, tirou os sapatos, na intimidade de amigos que o podiam comprehender, e entrou descalço em homenagem á terra sua e de seus pais.

Não ha homem de coração que não sinta, cómmovido, a belleza simples desse gesto... (Aécio Prado — *Gazeta de Noticias*, Rio de Janeiro).

ARTHUR DE OLIVEIRA

A *Gazeta de Noticias*, do Rio de Janeiro, publicou as seguintes cartas ineditas de Arthur de Oliveira: "Paris, 4 de agosto de 1870.

Meu querido pai.

Escrevi-lhe uma carta de Bordeaux e a entreguel aos cuida-

dos de um portuguez em ida para o Rio.

Agora, porém, torna-se mais importante o motivo, porque ainda estou em Paris.

A guerra franco-prussiana tem cortado quasi todas as communições e ameaçado com perigos os que transpõem as fronteiras francezas. A viagem hoje só pela Hollanda ou Suissa, com muitos dispendios e demoras, por causa das frequentes interrupções do caminho de ferro.

Amanhã vou ao meu consul para visar o passaporte e ao ministro francez e consul americano. Isso é necessario para fazer-se este transito com segurança de não ficar prisioneiro em Colonia ou nos outros pontos intermedarios. Muitos brasileiros foram á Inglaterra para tomar o vapor de Hamburgo e dali para Berlim. Não posso dizer-lhe nada desta situação em que se empenharam as mais fortes nações da Europa. Aqui, em Paris, o enthusiasmo é louco, estrepitoso. Nos theatros, nos jornaes, nos boulevards, por toda parte, emfim, cantam a "Marselheza", e os mais febrils cantos de patriotismo. Vi ha poucos dias os batalhões da "Garde Mobile", e um acompanhamento de mais de 700 carros!!

Entre tanta gente distingua-se a familia Rotschild, pois que na "Garde Mobile" ha um filho.

Aqui, todos são soldados: estudantes, negociantes, capitalistas, tudo emfim.

.....
A carta que trouxe para o sr. Gustavo Laforgue, escriptor muito distincto e redactor do "Figaro", muito me serviu. Tenho visto muita cousa, convidado pelo mesmo cavalheiro. Tem me mostrado os escriptores e homens de letras de Paris."

.....
"Berlim, 20 de junho de 1871.

Meu querido pai.

Já ha muito tempo não recébo cartas de Vm., o que não me impede de escrever-lhe agora mais detalhadamente de assumpto que

multo nos interessa, bem como desta santissima terra. Pela minha ultima carta falei-lhe do methodo que sigo, do programma dos meus estudos, do tempo que devla empregar para a capacidade de minha profissão, que não deve sobrepassar tres annos, das minhas despesas aqui e da maneira como gasto e applico o que me resta fóra do necessario. Se me permite, torno a inteirar-lhe destas miudezas, que não são fóra de proposito. Pago á minha proprietaria, pelo aluguel do meu quarto e café com pão e alguma cousa de comer (um dia — ovos, outro — presunto), e serviço, isto é, a limpeza dos moveis, o fornecimento da roupa, luz e todo o necessario — 24 a 25 thalers. Ao professor por cada lição 15 silver graschen, o que perfaz no fim do mez 15 thalers. Ao hotel, pelo jantar, 18 a 19 thalers por mez. Em livros, roupa e calçado, 15 thalers. O que perfaz em tudo 74 a 75 thalers, sem contar muitas miudezas, que se é obrigado a satisfazer neste paiz, onde se paga imposto até por um suspiro. A santa Allemanha é por excellencia o paiz da exploração e da filiaucia. E' necessario o maior cuidado, viveza e muito timo para escapar-se das garras germanicas.

Tenho praticado com muitas familias respeitaveis allemãs e estudado o caracter e a indole deste bom povo. O allemão é disfarçado, maligno, sarcastico, explorador e filante. As moças allemãs, que são desembaraçadas em alto gráo, são de uma força inaudita para esvasiar as algibeiras de um pobre homem. A pratica com as familias allemãs é de grande proveito, por outro lado: aprende-se muito e não se corre risco de cair nas mãos d'algun abutre ou no embrutecimento das "Halles" e "Caves", onde fuma-se e bebe-se como no inferno. Eu, até hoje, ainda não pude beber cerveja, o que é aqui o supra-summo do incrível e a maior aberração do homem. Nos hotels (não pense que os hotels são como os do Brasil) não se be-

be agua. Esse é um liquido que não se conhece em Berlim. Aqui os recém-nascidos se aleitam com cerveja branca e outras drogas como "Moltrank" e "Polla". Os allemães têm sempre alguma autorisada opinão para basearem nella os seus costumes e tendencias. Assim para provar que se não deve beber agua, elles dizem:

"Schon Doctor Luther spricht: Wasser thut's freilich nicht." e outros preceitos do amavel Luthero e do seu bom compadre Melanchton. A minha proprietaria é uma boa mulher, amavel e bondosa. Assim, eu dou graças a Deus de ter cahido nas suas santas mãos. Ella não fala uma palavra de francez (que eu falo correctamente) e obriga-me a falar-lhe "sprach deutsch", a lingua allemã, e a cantar "Die Wacht am Rhein" (a guarda do Rheno). O entusiasmo está no seu auge neste momento. As tropas que ficaram em França fizeram a sua entrada no dia 16. A cõrte e todos os reis da Allemanha achavam-se ao lado do bom rei Guilherme. Não se póde caminhar. "Unter den Linden" é um inferno, onde saltam em convulsões mulheres de todas as castas e especies e homens de todas as idades e profissões.

O barulho e a multidão têm o dom de me incomodar hoje. Prefiro o isolamento, a leitura de alguns bons livros que trouxe de Paris, e que alguns homens distinctissimos, aos quaes fui apresentado, me offereceram, a esses doidos vae-vens da multidão e da população que esmaga, comprime e abalroa de encontro ás tropas, só para ver passar o rei, o sr. de Bismarck, Roow, de Moltke, e outras personagens da mesma especie. Assim prometti-me não ir assistir a todos esses festejos, que eu acho indignos, pois que na minha muito humilde opinão, a victoria está do lado da França— como eu provo no meu livro "Do Rio a Paris".

A minha boa amiga a Mme. Schumacker convidou-me para

uma partida de campo, que é aqui excellente e necessario durante o tempo da festa... o que aproveitai de bom grado. Cantou-se, fez se musica, todos os mestres e todos os "virtuosos", Mozart, Beethoven, Schubert, Schumann, Haydn, Bach, Mendelssohn, Wagner, Lange, Weber, Strauss e tantos outros que fazem a delicia do mundo inteiro, passaram pelo excellent "Erard" de Mlle. Welleska.

Eu fui condemnado a recitar algumas poesias de Hugo e tiradas de Molière ("L'Avare", "Le Misanthrope"), e Ronsard.

As moças beblam como homens e eu, para não ficar desconsiderado, tive de inventar uma historia horripilante para convence-las dos graves motivos por que não bebo cerveja.

....."

OS "CONGOS"

Dos divertimentos e cantos que o negro legou á gente mestiça do nordeste, o que mais caracteriza os pendores da raça africana é a reminiscencia de costumes guerreiros e de barbara pompa dos sóbas que o povo chama "os congos".

Do titulo logo se deprehe de a origem da diversão. Veiu do sertão adusto do Congo e, apesar das modificações implantadas no transcorrer dos annos, ainda ferem os ouvidos dos que preseneiam as exotias danças sons gutturaes, garga-rejados, syllabas nasaes e duras dos dialectos da Africa. A dança quasi se mantém a mesma, contoreionada, hieratica, enfadonha, vagarosa e triste. A orchestra, que a acompanha, constava de tambores rudos e gazás. Actualmente, já lhe adicionaram uma clarineta desafinada e um harmonium fanhoso. As musicas, que eram melopéas nostalgicas e batuques monotonos, hoje se enfeitam com alguns trechos copiadados de ouvido dos realejos de feira. Em tudo, ha, porém, um tom sinistro, que as desvirtuações não conseguiram matar o é o maior caracte-

ristico de qualquer modalidade africana do folk-lore nacional.

Os congos têm um enredo mais ou menos interessante. São como uma especie de opera importada pelos escravos, por elles desenvolvida e ligada aos descendentes já libertos, porém tão barbaros e ignorantes quanto elles. São como uma lembrança saudosa de antigas luctas do reis e chefes de tribus do continente negro. Do dia de Natal ao dia de Reis, os Congos dançam num tablado dentro de cercas, nos arrabaldes das cidades o villas, com numerosa assistencia, á luz de tochas de kerozene. O rei do Congo, de corôa de latão e manto de chita vermelha com os filhos aos lados do throno, cercado de sua eôrte em grande gala, chama o seu secretario, um mulatão alto, de saiote azul e espada em punho, com phrases meo espirituosas como convem a um rei paternal, descuidoso e ridiculo:

— "Secretario, meu secretario, vaqueiro de ninhas peru'as, chaveiro do meu throno dourado!"

— "Senhor, senhor, acudo ao vosso chamado."

— "Tudo está prompto?"

— "Prompto está."

— "Então mande tocar violas, rabeças, pandeiros e maracás."

O secretario volta-se, faz um signal, a orchestra sôa e dois cordões de negrinhos, de saiotes lantejoulados de cocares de plumas, armados de azagalas de papelão dourado, iniciam uma série infindavel de contradanças e combinações choreographicas, cantando versos puramente africanos como estes, que lembram vozes de Loanda e Bengala:

"Maracondê, maracondê
Ede bombalê, è de bombalê."

Outros em que a mistura dos dialectos da Africa e do portuguez é patente:

"Galola para a feira
Vendê, vendê,
Maria Tirandeira
E' de bombalê."

Nem elles proprios sabem mais o que significam taes palavras, entre as quaes mal se adivinham as tarefas do vender na feira ou trabalhar nas roças dos escravos antigos, palavras repetidas de côr como êco duma liturgia perdida. Ainda outras eoplas são canalhadamento brasileiras e foram enxertadas pelos "eruditos" da "troupe" no acervo de rimas antigas:

"Seu cadete da gola encarnada,
Não namore a moça
Que ella é casada!"

"Seu cadete da gola azul,
Não namore a moça
Que ella é do sul!"

"Seu cadete da gola amarella,
Não namore a moça
Que ella é donzella!"

Quasi sempre é o secretario quem diz o primeiro verso e os outros, as duas filas de negros, repetem como um estribilho. O rei passa o tempo a elogiar os dançarinos, a coelhar com os filhos, a sorrir tolamente deante das zumbaias exaggeradas dos aulieos, verdadeiro rei "fainéant" do deserto. A critica é mordaz como toda critica popular. Mas os passos choreographicos param, as antigas extinguem-se nos labios, os instrumentos fazem silencio. Chega o embaixador da Turquia, negro alto, espadaudo, de meias brancas, sapatos de fivelões, grande manto rubro, espadagão á cinta e capacete de folha de Flandres, empennachado heroicamente. Seguem-no os seus officiaes, com corpetes do belbute ordinario e velhos kepis de policia emplumados do vermelho, arrastando espadas antigas da Guarda Nacional.

Entre todo esse apparatus e enscenação barbara, a alma grotesca do rei se descobre, dando ordens ao secretario.

— "Secretario, vê quem está batendo ahi no fundo do meu quintal".

O embaixador entra, dá o seu recado ao rei, e, de um pulo, quer matá-o. Os principes atravessam-se, os soldados, os cortezãos accorrem, o

secretario esconde-se tremendo de trás do throno. Lanças e espadas ameaçam o largo peito do estrangeiro, que se ajoelha humildemente. E o príncipe Sureno, filho mais velho do rei, canta, acompanhado unisonamente por todos:

"Preso e morto, embaixador,
Este cruel assassino,
Veiu matar rei meu senhor
Que mandou rainha Gino."

Esse nome de soberana mysteriosa, que ninguem explica mais, deve ser o de uma regua africana, cuja memoria se tornou celebre e voiu ecoar nas terras brasileiras como tradição duma raça transplantada, talvez uma Amazona ou uma Sapho das cubatas e aringas do Congo. O embaixador entrega a espada e supplica:

"Senhor rei, não me mateis.
Não me mateis por piedade,
Tambem sou filho de rei.
Tambem tenho majestade!"

Enumera suas qualidades, parentesco e titulos, sua heraldica selvagem:

"Sou filho do rei Catroqueis,
Afilhado da virgem Maria,
Almirante e general,
Embaixador da Turquia!"

A um gesto generoso do soborano, escoltam-no entre chufas até ao fim do tavaoad, todos de armas em riste. As danças e cantorias proseguem, depois do secretario se ter gabado de haver primeiro que os outros apontado a espada ao inimigo. Quando a festa vai na maior animação, ouvem-se ao longe rufos de tambor e cantos de guerra. Cai um silencio do espectativa o receio. E as palavras de lucta e animação vêm nas azas do vonto, sob o côo estrellado:

"Coragem, meu soldado.
Que nós vamos guerrear!
Quando entrarem na lucta,
E' vencer ou é morrer!"



"Coragem, meu soldado,
Que nós vamos guerrear!
Quando entrares na lucta,
E' morrer ou matar!"

"Pega na arma, meu soldado,
Pega na arma, meu soldado,
Quando entrares na lucta,
Faz pontaria com geito!"

Corre a noticia terrivel, apavoradora. E' o embaixador quo á frente do exercito, vem contra o rei e o reino. Os negrinhos de saio te extendem-se em pelotões.

Agitam-se grandes bandeiras de côres berrantes. E o principe Sueno, herdeiro da corôa, passa as tropas em revista, seguido de officiaes, armas desembaiuhadas, cantando:

"Papae, eu vou á guerra
O inimigo combater."

O côro responde:

"Ou vencer ou morrer,
Ou vencer ou morrer!"

Elle repete:

"Papae, eu vou á guerra
O inimigo batalhar."

E ainda o côro:

"Ou vencer ou morrer,
Ou a bandeira tomar!"

O velho rei levanta-se, chorando:
— "Adeus, adeus, meu filho, meu filhinho!" O outro principe, d. Affonso, cai em prantos ao pé do throno. O secretario esconde-se. As tropas partem. Ouve-se o choque das espadas. Depois, os soldados de saio te vêm recuando deante dos soldados de kipi do embaixador. Já no tablado, este mata com um golpe de espada o principe Affonso, que cai aos pés do soberano estarrocido. Por todos os lados, o combate prosegue ao som risonho deste estribillo:

"Fogo e mais fogo!
Fogo até morrer!"

Ha brados do furor e gritos de earnagem. Os grandes mantos ru-

broz ondeiam. Corpos tombam na poeira ou surdamente baqueiam no assoalho. Rostos negros, afogucados á luz de archotes resinosos, turbilhonam. Tinem, retinem armas. O rei é veneido. O principe Sueno aprisionado. Côrte e soldadesca não passam dum montão de cadaveres. O secretario treme, sentado nos degraus do throno. O embaixador vingativo ordena a morte do principe herdeiro. E' quando o pae tenta a cobiça do vencedor:

"Vem commigo, embaixador,
Vem commigo ao meu thesouro,
Dou-te prata e diamantês,
Dou-te dois milhões de ouro."

O outro altivo e irreductivel responde com orgulhoso entono:

"O general de meu monarcha
Não se vende por dinheiro.
Segue, segue e algemado,
Vais morrer prisioneiro!"

Um guorreiro ergue a alabarda e desfere o golpe. O principe cai debruços, logo se immobilizando. E um grande lamento se eleva das gentes prisioneiras o tristes da derrota, enquanto o pae se abraça, convulsivamente ehorando, ao cada-ver querido. (João do Norte — *Correio Paulistano*, S. Paulo).

BRASIL E ARGENTINA

A vizinhança e a prosperidade da Republica Argentina fazem desse feliz paiz um termo inevitavel de comparação no estudo de todos os phenomenos da vida brasileira. Os que julgam que o "nosso mal" é a Constituição, prégam a sua revisão para chegar a um pouco á da Argentina; os que pensam que o "nosso mal" é o café, aconselham que plantemos, como a Argentina, o trigo; os que vêm o "nosso mal" no Portuguez, acham que precisamos, como fez a Argentina, facilitar a vinda de Italianos; ha quem penso que fizemos mal de entrar na guerra porque a Argentina se conservou neutra; emfim, num cumulo de falta

de ciso, já disseram por ahí que o Brasil não endireita se não tiver uma guerra com a Argentina...

De facto, o povo argentino, devido ás condições naturaes do seu territorio, tem prosperado mais facilmente do que o brasileiro. Nossa ignorancia, resultado do noso pouco amor ao estudo das sciencias physicas e naturaes, ao estudo da historia economica das nações modernas, leva-nos a procurar a causa de nossa menor prosperidade nos phenomenos corriqueiros de nossa politica interna ou nos factos geraes de nossa vida social. Assim, esquecidos de que a terra é factor primordial da riqueza de um paiz, attribuímos a differença de resultados economicos, na vida dos dous povos, exclusivamente ao factor *homem*. Por ignorarmos as condições das duas terras, fazemos injustiça contra o povo de menor prosperidade. Sómente quando fossem identicos os dous meios physicos, em que se desenvolve a actividade de dous povos, seria justo, pela produccão delles, ajuizar-se de sua capacidade.

O Brasil inteiro, quasi todo inteiro, está na região tropical; dos seus 8.000.000 de kilometros quadrados, apenas 540.000 acham-se abaixo do tropico de Capricornio e são terras accidentadas, com excepção de menos da metade meridional do Rio Grando do Sul.

O territorio da Argentina todo elle fica ao sul daquelle tropico; o frio, na Patagonia, prejudica menos de um terço dos 3.000.000 de kilometros quadrados da superficie total do paiz. Todo o trabalho do povo argentino se realiza na região que vai de Tucuman, ao norte, a Bahia Blanca, ao sul; é a região cortada pelas estradas de ferro, que do interior conduzem para os portos de mar os productos das terras planas que ficam entre o parallelo de 30° e o de 40° de latitude sul.

Em nenhum paiz do mundo, nas condições de clima do Brasil, prospera a cultura do trigo e nem a criação do carneiro.

Sem que possamos negar as vantagens de clima, de disposição topographica das terras planas e fertes

da Republica Argentina, onde é barata a construcção das estradas de ferro e onde a *machina* agricola póde trabalhar facilmente no amanho do solo, conforme as regras da moderna industria que produz muito e a baixo preço, temos de reconhecer que a prospera Republica platina longe está do que por ahí se chama de "emancipação economica". Notemos, de passagem, que, no mundo moderno, essa historia de "emancipação economica" só póde ser comprehendida pelos autores da expressão, alguns dos quaes já nos governaram no Brasil... A Argentina exporta cereaes, carne e lã; importa tecidos, machinas e carvão de pedra. No anno de sua maior prosperidade, 1913, o saldo da exportação sobre a importação chegou a £ 12.430.401, ouro sufficiente para o serviço de juros e amortização de sua divida externa, nacional, provincial e municipal. A Argentina compra £ 4.949.316 de tecidos diversos, £ 6.889.122 de machinas e ferros, finalmente £ 3.191.900 de carvão de pedra. Ella vende £ 29.287.022 de carne e lã e £ 35.582.895 de cereaes. E' a Argentina o typo de um paiz agricola, cujo commercio exterior consiste em vender productos da terra e importar machinofacturas e combustivel. Não póde uma nação ser menos emancipada, na sua vida economica, do que a prospera Republica do Sul.

Para o regular funcionamento do trabalho argentino, nas suas estradas de ferro, nos seus moinhos de trigo, nos seus frigorificos, nos abastecimentos de agua á sua Capital e ás suas grandes cidades, é necessario, é indispensavel, é absolutamente imprescindivel que se desembarquem por dia, todos os dias, quasi 10.000 toneladas de carvão estrangeiro.

Quando a Argentina pudesse passar alguns mezes sem receber ferros e machinas do estrangeiro, jámais ella poderia passar algumas semanas sem receber o combustivel indispensavel ao movimento do suas locomotivas e de suas bombas elevatorias de agua, pois de insignificante valor lhe são ainda os doze

poços de petróleo de Chubut, na Patagonia. Se em tempo de guerra, o carvão fôr considerado mercadoria de contrabando, a Argentina não poderá mover os seus caríssimos couraçados, suas estradas de ferro paralyzarão o trafego, seus habitantes serão ameaçados de sede...

Se uma frota de submarinos dispuzer de base proxima de operação, basta esse recurso do inimigo para convencer os Argentinos de que um paiz que não constroe suas *machinas* de guerra e não tem carvão para seu abastecimento não poderá alimentar o sonho de qualquer imperialismo militar, por mais capazes que sejam os seus brilhantes officiaes e exercitados na disciplina os seus bravos soldados.

Nós no Brasil, se a accidentação das nossas terras encarece o seu amanho o torna, muitas vezes, impossível nellas o trabalho da machina agraria, temos a compensação dos cursos perennes enchocirados, cuja energia dinamica, transformada em electricidade, satisfaz as necessidades da vida urbana e permite a exploração de muitas industrias que não dependam immediatamente do combustivel mineral. Se na planura de suas terras, a Argentina consegue produzir mais facilmente, a accidentação das do Brasil offerece um recurso que precisamos não desperdiçar na demora com que delle façamos o estudo racional e a propaganda para o aproveitamento economico. (J. Pires do Rio — *Jornal do Commercio*, São Paulo).

HOMENS E COISAS ESTRANGEIRAS O POETA CHIADO

O poeta Antonio Ribeiro do Chiado é um dos typos mais curiosos da renascença literaria do seculo XVI. Vindo de Evora, esse frade franciscano chega a Lisboa e dá largas ás chocarices que o tornaram um dos idolos do plebeismo das ruas. Rasga o habito religioso, annulla os votos que fizera, arrasta e conspuea a

estamenha seraphica pelas tascas e aleouces da cidade.

O povo fez desse dissoluto frade um thema de anedotas picarescas que correram em outro tempo, e foi elle o primeiro da galeria em que deviam figurar mais tarde o *Camões do Rocío* e o Bocage. Não havia jogralidade ou disterio obsceno que se lho não attribuisse; o anecdotario popular fazia ahí varter, como num escoadouro, todas as immundicies da rua. Porventura, o descregado frade nada tinha que ver com as desordens da imaginação e da injustiça do poviléo. Estava no seu destino ser autor ou cumplice de todas as facecias, chalaças, histrionices que transeavam nas feiras. O seculo de Rabelais e Follengo, o renascimento com sua eiva de paganismo, trazia um programma de tolerancias excessivas.

O Chiado como o Bocage têm uma parte de innocencia nas culpas que lhes attribuem. Comtudo, uma boa parte da reputação jogralesca acha a prova em numerosos documentos literarios, em que o quinhão de verosimilhança é perfeitamente admissivel. Chiado vivia nas feiras, nas alfurjas e nas tascas, e frequentava a mais baixa e vil sociedade do tempo. A renuncia ao habito de frade, inculca o seu desprezo pela hypocrisia como pela sinceridade que é sempre o governo o compostura de vida. Seria muito absolvel-o só por esse rapido incidente; a verdade é que o seu teór de vida pouco se compadecia do amor do proximo: era mordaz, rixoso e lençoeiro com os inimigos. Rixas principalmente com os officiaes do mesmo officio. Lidás, hoje, as obras do Chiado, de inestimavel valor para os estudiosos da linguagem popular ou da civilização portugueza, de modo algum justificam a popularidade que as cercava; mas, entretanto, como toda a literatura dramatica da Escola de Gil Vicente, mostram o cunho idiomático que se perdeu com o influxo italiano e classico do Antonio Ferreira.

Vao para uns trinta annos o illustro escriptor portuguez, entro

imaginoso e erudito, o sr. Alberto Pimentel preparou a edição das *Obras do Poeta Chiado*. Foi o preito mais significativo que se prestou ao velho poeta quasi esquecido.

Os tres autos então reunidos naquello livro, a *Pratica de Oito Figuras*, *Auto das Regateiras* e a *Pratica dos compadres* compunham toda a produção theatral do Chiado, a saber, o que se poude alcançar naquello momento. Entretanto, faltavam ainda algumas obras que se conheciam de referencia om antigos bibliographos e escriptores, dois autos, o do *Gonçalo Chambão* e o *Auto da Natural invenção*, só agora publicado.

O escudeiro famoso ainda escreveu dialogos, chocarrices, letreiros, glosas e produções fragmentarias, de vario assumpto. Se não temos ainda a sua obra completa, a que nos deu Alberto Pimentel caracteriza satisfactoriamente o poeta e tambem o homem, sob os aspectos essenciaes. A sua obra de theatro na especie, é muito falha e imperfeita; a acção é minima, não ha entrecho; e apenas dialogos successivos dão idéa da especie dramatica em que foram vasados esses escriptos. O que ha melhor são as coactadas, o improviso das replicas e a acrimonia ou o incoherente disparate das chufas e pulhas com que se mimoseam as personagens. E' evidente a falta de *theatralidade* de todas as composições do Chiado. E' evidente quo o theatro para elle seria talvez o pretexto de popularismo malsão. (João Ribeiro, — *O Imparcial*, Rio de Janeiro).

OS IMPOSTOS INTERNOS

Na historia financeira dos povos civilizados póde observar-se quasi sempre, nos periodos de funda perturbação economica ou de má situação financeira, a adopção dos impostos internos de consumo como medida de emergoncia para salvamento, uma ruina. Appellando assim, em momentos de panico e desesper-

ração, para recursos que só pódem ser admittidos temporariamente, e excepcionalmente, o governo demonstra que não sabe como conjurar um mal por elle mesmo produzido. Na Republica Argentina, os desastres economicos que sobrevieram á celebre crise de 90 — devida quasi exclusivamente a uma brutal especulação sobre a terra, em quo o governo collaborou em boa parte, — obrigaram os dirigentes, desorientados, a lançar mão de recursos que, em occasiões semelhantes, haviam sido empregados em outros paizes. Foi assim que em nosso paiz nasceram os impostos internos, em momentos anormaes. E é assim que os nossos governos os transformaram em recursos ordinarios do Estado, sobre cuja productividade se fazem calculos infantis, no afan de perpetuar a rotina e o privilegio.

Quando o governo argentino propoz ao congresso a adopção dos impostos internos, o fez como medida de emergencia para salvar o paiz da ruina imminente e para libertal-o de um possivel conflicto internacional. Jámais se pensou em fazer dellos uma fonte permanente de recursos, e muito menos em ir augmentando o numero do artigos a gravar. Entretanto, os resultados verificados nos primeiros annos e o desconhecimento absoluto da intensidade e effeitos perniciosos que esses impostos iam causando na economia nacional, fizeram com quo elles se fossem tornando uma fonte não desprezivel dos recursos nacionaos, quo se satisfazem quasi exclusivamente com o dinheiro das classes mais necessitadas o laboriosas.

Os financistas de 90 acreditavam haver resolvido definitivamente a grave crise economica e financeira por que passava o paiz com a adopção dos impostos internos como uma nova fonte de recursos. Com offeito, nos primeiros annos o Estado auferiu delles boas entradas. Mas logo se começou a notar os seus defeitos. Foram descobertos os seus inconvenientes, e viu-se quo os fraudavam de duas maneiras: fabricando clandestinamente artigos como os

sujeitos aos impostos internos o collocando-os sem pagar imposto; e adoptando para o consumo artigos succedaneos ou de uso semelhante que desalojavam o artigo gravado. Assim, já em 1902 a renda dos impostos internos diminuia, até que em 1906 começou a crescer de novo, attingindo em 1913 ao seu maximo de arrecadação, que foi de 61.337.974 pesos. Dessa forma se foram transformando em impostos permanentes, que pesam tão desegualmente sobre as classes sociaes. E são ainda mantidos, como panacéa para salvar o paiz de qualquer situação difficil que atravesse.

A primeira oportunidade que se apresentou para pôr á prova a efficacia e a segurança dos impostos internos como fonte de recursos fiscaes foi a presente crise nacional argentina. O fracasso dos impostos internos começou-se a notar em 1914, primeiro anno em que se começaram a sentir os effeitos de uma crise nacional provocada pelo nosso regimen impositivo. Nesse anno foi arrecadada a somma de 53.001.936 pesos, isto é, 8.300.000 pesos menos do que no anno anterior. No anno de 1915 houve outro tanto de *deficit*, e no anno de 1916 a diminuição dessa renda é roalmente alarmante para o governo. Bem claros são, pois, os effeitos provenientes dos impostos internos como fonte de recursos de um Estado, e se algumas vezes se tem lançado mão delles como medida de urgencia, embora seja isso um mal, pôde tolerar-se em momentos exceptionaes; mas nunca é possível justificar o seu imperio de maneira permanente, fazendo delles um fundo de recursos que é injusto, desigual e contraproducente. E' necessario deixal-os do lado e buscar em outras elaborações mentaes suggeridas pela vida collectiva a melhor forma de harmonisar os justos interesses sociaes com as elevadas aspirações nacionaes.

Nos bons tempos de toda a nação, nota-se um augmento no consumo e abundancia de tudo quanto nos máos tempos se chama de artigos indispensaveis, abundancia que aproveitada

por certa gente, faz crer numa riqueza illimitada do paiz. Nessa situação, ante a tentação das grandes ganancias, tudo augmenta exageradamente de valor e o paiz, sem perceber, precipita-se numa queda vortiginosa, arrastando após si grande numero de pessoas e aterrorizando a população. O capital que consegue escapar, esconde-se o prefero não ganhar a comprometter-se. As industrias e o commercio com a retracção dos capitaes, caem em quebra, liquidam ou fecham os seus negocios, o a população atemorizada diminuo o seu consumo. Ora, estes estados anormaes do desenvolvimento de um paiz, a que se dá o nome de crise, jámais se pôdem curar com o remedio dos impostos internos. Effectivamente, como é possível couceber impostos productivos sobre artigos do consumo, quando elles só o soriam nas boas épocas de abundancia e bem estar, em que a procura desses artigos é grande, e nunca em épocas de restricções, quando todos diminuem o seu consumo? Estes impostos não rendem então o necessario para poder tirar o paiz da prostração em que se encontra, e resultam estereis.

A sciencia e a experiencia nos mostram que os impostos internos em parte alguma salvaram um paiz da crise. Apenas conseguem simular que o restabelecem, mas na realidade cavam a sua propria ruina. Prejudicam muitas industrias nacionaes; debilitam e corrompem a nossa mocidade, levando-a a fazer uso de artigos de pessima qualidade, quando sem imposto poderiam consumir-os de excellente qualidade.

Por volta de 1841 a Nova Zelandia encontrou-se a braços com uma intensa crise, provocada por uma desenfreada especulação de terras, e que se caracterizou pela profunda depressão industrial, retracção do credito, baixa de todos os valores, bancarrotas, carestia da vida, emigração e todos os symptomas que sempre acompanham estes estados pathologicos de sociedades mal organisadas. Foi nessas circumstancias que aquelle paiz estabeleceu o im-

posto territorial, sobre a terra unicamente. A principio este imposto foi infimo, augmentando muito lentamente. Os seus resultados foram, contudo, excellentes; salvaram a Nova Zelândia da ruína, resolveram o problema dos desoccupados, elevaram os salarios e diminuíram as horas do trabalho, e como coroa-mento de tudo isto, voltou a immigração e logo se ergueram as forças economicas dessa florescente e joven democracia. (André Maspero Castro. — *Revista Argentina de Ciências Políticas*, Buenos Aires).

OS CEGOS E OS LIVROS BRAILLE

Não serão muitos os soldados cegos que recorrerão á leitura como excellentes conforto moral. O alphabeto Braille é facilimo de aprender tanto ás creanças como aos adultos. Não obstante, muitos soldados cegos so mostram indifferentes aos attractivos da leitura pelos livros Braille, porque, operarios ou camponezes, não sabiam lêr antes de ficar cegos. Assim, é de suppôr que o numero de cegos que lêr não passará de 20 0/0. Seja como fôr, é preciso tratar de suavisar-lhes o horror da sua cegueira, dando-lhes um alimento intellectual tão variado e interessante quanto possível: obras technicas para os trabalhadores, obras de cultura e profissionaes para os que já tinham a sua profissão, de sciencia para os estudantes.

O cego não pôde ter uma grande bibliotheca partiuclar, por uma razão muito simples: é que os livros Braille são muito dispendiosos. Taes livros exigem, com effeito, grande consumo de papel forte e caro, porque, sendo papel de qualidade inferior o ponto não resistiria á repetida pressão dos dedos. Além disso, sendo limitada a clientela, a tiragem se faz em numero reduzido de exemplares, o que torna muito elevado o preço de cada um. Uma tragedia, que uma bibliotheca popular vendo por 25 centimos ao leitor commun, custa, na edição Braille, cinco ou seis francos. Um romance do tres francos e cincoenta custaria

na edição Braille, sem ganho para o autor ou para o editor, 35 ou 40 francos, talvez mais. E é preciso notar que o mesmo romance encontrará editor que o venderá a 95 centimos, em edições baratas.

Os cegos possuem, em geral, um numero limitadissimo de livros predilectos, além dos que lhes são estritamente indispensaveis ao exercicio da sua profissão. Isso porque qualquér obra reduzida ao alphabeto Braille, torna-se de grandes proporções como, por exemplo, a "Europa e a Revolução" de Albert Sorel (114 volumes), as "Memorias" da duquesa de Abrantes (130 volumes), "Port-Royal", de Sainte-Beuve (60 volumes), as "Memorias" de Marbot (31 volumes), o "Conde de Monte Christo" de Alexandre Dumas (41 volumes), os "Miseraveis" de Victor Hugo (40 volumes), etc. Só esses livros bastariam a encher um quarto cujas paredes estivessem munidas do estantes.

Os livros Braille dividem-se em duas categorias bem distinctas: os que os cegos quererão possuir (manuaes profissionaes, livros escolares, de orações, etc.), e que deveriam ser impressos á machina; e os que os cegos quererão tomar de emprestimo (livros de leitura amena ou iustructiva), os quaes deveriam ser escriptos á mão para que se tenha delles a maxima variedade com a despesa minima. Foi assim que se organisou essa obra prima da caridade humana que é a Bibliotheca Braille. Em 1895 os copistas eram 60; já em 1910 attingiam a 1.500, e hoje são 1800. Assim tambem, o numero de volumes, que eram de 1100 em 1895, é hoje de 50.000, representando cerca de 12.000 obras, entre as quaes se salientam os romances, os dramas, as obras historicas e religiosas.

Os livros impressos são mais de 500, aos quaes é preciso juntar as colleções das revistas *Louis Braille* e *Revue Braille*.

Quando um livro Braille começa a ser consumido pelo contacto repetido dos dedos, é recopiado por um cego que vive desse trabalho. A pratica de copiar os livros á mão tem muitos

adversarios que receiam que os livros manuscriptos deixem de ter correção, não sendo possível revel-os todos por inteiro. A esses se pôde responder dizendo que os livros Braillo são rigorosamente revistos e que com esse methodo do escripta é muito difficil commetter erros.

Duas vezes por semana se abrem aos cegos de Paris as portas da Bibliotheca Braille. Mas, geralmente só os cegos que residem nas visinhanças vão ler na Bibliotheca, o os outros preferem ir, com intervallos mais ou menos longos trocar os livros que já leram, por outros que levam a lêr em casa. Assim tambem fazem os cegos das provincias.

Um copista bem pratico poderá transcrever cinco ou seis paginas por hora. A copia de um volume Braille de 120 paginas representa pois, um trabalho de 20 a 25 horas no maximo. Com a machina de escrever, que custa sómente 60 francos, podem-se produzir 12 paginas por hora. Para os livros impressos ha dois excellentes instrumentos: a machina typographica de typos moveis, e a estereotypia, esta permitindo compôr oito a nove paginas por hora. Ambas imprimem pontos sobre os dois lados da folha. Ha ainda as machinas Vaughan, que são muito simples e custam, cada uma, 250 francos, graças ás quaes as pessoas de boa vontade podem fazer em casa a impressão dos livros Braille. E como ha muitas dessas machinas funcionando actualmente, é licito esperar que o numero de livros Braille augmente logo.— (Pierre Villey — *Revue hebdomadaire*, Paris).

AS ESTRADAS DE FERRO DO MUNDO

Publicou-se nos Estados Unidos, recentemente, esta interessante estatistica de todas as estradas de ferro mundiaes, no tocante á extensão e á possessão das mesmas por particulares o pelo Estado:

Paizes	Anno	Total	Do Estado
Argentina . . .	1916	22.688	4.136
Australia . . .	1915	22.263	20.062

Austria - Hungria	1914	29.328	24.000
Belgica	1914	5.451	2.700
Brasil	1916	16.294	2.930
Canadá	1915	35.582	1.768
Chile	1915	5.015	2.236
China	1916	6.467	—
Chile	1915	5.015	3.236
Egypto	1916	4.381	2.401
França	1914	31.958	5.600
Allemanha	1914	39.600	36.550
India	1916	35.833	29.500
Italia	1916	11.635	8.526
Japão	1915	7.131	5.686
Mexico	1913	16.088	12.324
Hollanda	1915	2.075	1.120
Nova Zelandia	1916	2.969	2.960
Noruega	1916	1.973	1.685
Peru'	1915	1.800	1.100
Rumania	1914	2.382	2.350
Russia	1916	48.955	37.800
Hespanha	1914	9.377	—
Suecia	1915	9.228	3.045
Suissa	1916	3.571	3.537
Turquia	1914	4.576	1.200
U. S. Africana	1915	8.986	7.834
Reino Unido	1915	23.701	—
Estados Unidos	1917	265.218	—
Outros	36.120	3.710
Total	713.120	237.010

A Europa conta 217.000 milhas de linhas ferreas; America do Norte, 323.000; America do Sul 52.000.

Petencem aos governos respectivamente, 118.000, 15.000 e 16.000 milhas. A Asia conta 69.000 milhas. A Africa 29.000 e a Oceania 23.000. (*Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro).

A SCIENCIA E A INDUSTRIA NA INGLATERRA E NA ALLEMANHA

Não ha mais duvida sobre a necessidade do empregar todos os esforços afim de que na Inglaterra sejam reparadas depois da guerra as perdas industriaes por esta produzidas. O que não se sabe, entretanto, é se os inglezes estão bem certos da sua missão como já o estão os allemães. Num discurso proferido na Universidade de Loeds o professor Foster mostrou a habili-

dade dos allemães em applicar a sciencia á industria: "O homem instruído pela Allemanha, disse elle, tinha conhecimento inteiramente diverso do seu semelhante na Inglaterra, endê, por exemplo, as palavras *acido nítrico* ou *acido picrico* lidas num jornal seriam incompreensíveis para o vulgo."

Não faltam na Inglaterra homens de intelligencia para conserval-a na vanguarda do progresso. Mas é preciso fazer bastante nesse sentido, e aproveitar mesmo es exemplos offerecidos nesse terreno pela Allemanha.

Considerando a questão do ponto de vista educativo, é de notar que a instrução dos rapazes se equivale nos dois paizes até a idade de quatorze annos, sendo a frequência superior na Allemanha, onde attinge a 94 0/0. Depois dessa idade, o rapaz allemão deve proseguir os seus estudos. Em 1900, com effeito, foi approvada uma lei que obriga os directores de empresas a fazerem com que seus empregados continuem a instruir-se. Assim, em Berlim, todo o joven empregado dentro dos limites da cidade deve frequentar até os 17 annos as escolas municipaes, onde é ensinada grande variedade de materias, desde a geometria até a correspondencia commercial. O maximo do horario attinge a 300 horas por anno, o minimo a 200. A instrução é gratuita, devendo o chefe da officina fornecer aos seus empregados os livros e instrumentos necessarios, assim como conceder-lhes o tempo de que precisam para frequentar as escolas. Ha escolas para varias especialidades, que podem ser frequentadas por aprendizes que as preferam ás escolas municipaes, e que são bem providas de machinismos modernos de sorte a poderem educar optimos operarios. Os aprendizes começam o seu estudo aos quatorze annos, por um periodo de quatro annos, durante nove ou dez horas por dia, em seis dias da semana. Findo esse periodo, o operario deve sujeitar-se a um exame theorico-pratico, offerendo uma prova do seu trabalho, denominada "Gessellentuck" e ten-

do bom exito, pôde ganhar cerea de 80 centesimos por hora. Depois de alguns annos de pratica, ha outro exame para o aprendiz se tornar *Meister*, podendo estabelecer-se por conta propria ou empregar-se. Para os graus sociaes mais elevados, existem gymnasios e outros institutos especializados entre os quaes os *Lehrer Seminarien*, as *Fachschulen*, e aquellas onde se ensinam especialmente as linguas modernas, como as *Oberrealschulen* e as *Realschulen*.

Ora, embora a Inglaterra tenha progredido maravilhosamente no passado, não ha no paiz um methodo seguro do ensino, e possuindo brilhantes scientistas a nação não pôde em conjuncto considerar-se culta. Relativamente ao campo chimico da industria, ha notorias deficiencias na Inglaterra, como por exemplo no tocante ás investigações scientificas. O chimico é em geral muitissimo mal pago, com grave prejuizo para as empresas industriaes, ao passo que na Allemanha as coisas são muito diversas, pois além do existirem em grande numero, os chimicos são muito bem pagos. Dahl resulta que os allemães conseguem grande economia de custo de produção e enorme expansão de commercio. Com relação aos methodos commerciaes, é sabido que a Allemanha conseguiu estender um commercio enorme, não só no continente mas tambem nas Ilhas Britannicas e nas colonias. E' que os allemães empregam meios verdadeiramente scientificos para attingir o seu objectivo: os seus caixeiros-viajantes conhecem os costumes, a lingua, os usos commerciaes dos paizes aonde vão, coisas que são geralmente ignoradas pelos caixeiros-viajantes inglezes; além disso, trazem grande porção de catalogos, nas linguas dos varios paizes que visitam, e assim por deante. Aqui estão, por exemplo, os dados estatísticos do valor das mercadorias vendidas e do numero dos caixeiros-viajantes entrados na Suissa, num tempo pouco anterior á guerra: Allemanha, ... 520.000 libras esterlinas do mercadorias vendidas; 4.711 caixeiros-viajantes; França, 12.720.000 libras

esterlinas de mercadorias; 1.531 caixeiros-viajantes; Italia, 8.160.000 libras esterlinas de mercadorias; 1.045 caixeiros-viajantes; Reino Unido, 3.640.000 libras esterlinas de mercadorias e 61 caixeiros-viajantes.

Muito se poderia escrever sobre este assumpto. Bastam, porém, as linhas acima, para espicçar a nossa enorgia, porque se a Alemanha continuar a ser senhora das industrias chemicas e das do acido nitrico e do ferro, não haverá mais paz no mundo. Não poderemos esperar a victoria na lucta industrial e commercial se todos os homens capazes do paiz não trabalharem intensamente nesse sentido. (E. Fearon — *Chamber's Journal*, Londres).

O MIMETISMO DOS ANIMAES

O mimetismo nos animaes explica-se pela telepathia. Assim, por exemplo, um passaro contempla com olhos indagadores um verme, quasi a perguntar-lhe se não será por acaso uma serpente, o inspira assim telepathicamente ao proprio verme, a idéa logo realisada de so tornar quando lhe fôr possível semelhante á serpente para fugir ao perigo. Muitas vezes essa telepathia não dá resultado nenhum, mas repetida em milhares de casos, atravez dos seculos, pôde exercer um fortissimo effeito, de forma a tornar uma borboleta igual a uma folha secca, outra a um ramo verde. A forma mimica adoptada estará sempre em relação directa com o genero de perigo a evitar. E' preciso recordar que não existe uma linha nítida de divisão entre os factos psychicos e physicos, os quaes se fundem uns nos outros. O homem, justamente porque é tão complicado na sua organização, perde o contacto com muitas coisas, as quaes entretanto são sensibilissimas para os organs especializados dos animaes. Com que finura de olfacto o cão segue os passos do um homem ou do uma caça! Nada, pois, existe de extranhavel no affirmar que o mimetismo é produzido por influencias telepathicas, visto como a estrutura

nervosa do animal pôde ser tão sensivel que perceba o trabalho montal de um inimigo. O mimetismo animal é até agora um problema sem solução, e para muita gente não se explica senão pela presença de um Deus omnipresente e omnipotente, que adapta os animaes ao ambiente. Contudo, elle pôdo explicar-se scientificamente. Desde que se reconheça que todas as coisas existentes recebem impressões de tudo quanto as circundam, deve-se tambem admittir quo toda a vida tende a influenciar outras vidas ou a soffrer a influencia dellas. Essa faeuldade telepathica dos animaes é para nós incompreensivel, porque não a possuímos. E' do erer, entretanto, que os nossos remotos progenitores já a possuíram, tendo-a perdido com o desenvolver dos meios de communicação, especialmente da palavra, da mesma forma como perdemos a nossa antiga capacidade de segurar os objectos com os pés. (Hudson Maxim — *North American Review*, Nova York).

UM PRECURSOR DE TOLSTOI

E' sabido que um dos mais apaixonados innovadores no terreno da religião, assim como um dos mais importantes semeadores de doutrinas sociaes e evangolicas, foi Leão Tolstoi. Tolstoi apparece, pois, geralmente, como um desses creadores de doutrinas moraes fundadas sobre a interpretação do Evangelho. Entretanto, elle não fez outra coisa senão desenvolver sem nenhuma modificação substancial as ideologias de um pobre *mujik* do governo do Toer: Sutaief. E' comtudo, certo que Tolstoi conheceu Sutaief, e não só o conheceu como tambem com elle entreteve frequentes palestras, em que por vezes discutiam sobre a salvação da sociedade.

O pobre *mujik*, permaneceu analphabeto até uma idade avançada, e após longos esforços, impellido por um intenso desejo de conhecer o sentido verdadeiro do Livro dos Livros — o Evangelho, conseguiu aprender a ler em Petrogrado, roubando horas ao somno. Ler e medi-

ta: o Evangelho foi para elle a occupação principal de todos os dias. E como consequencia directa das suas primeiras especulações, formou uma idéa nova da religião, como devia na realidade ser professada e pregada ao povo. Em 1880 o *Mensageiro de Toer* annunciava entre muitas outras a apparição de uma seita nova: o Sutaievismo. A apostasia de Sutaief tinha uma origem curiosa: elle, quo de principio era devotissimo ás regras religiosas e que havia dado provas irrefragaveis da sua devoção num momento, por uma pequena questão casual que surgira quando se tratava do sepultamento de um filho, abandonou toda a pratica da fé: "Eu não frequento mais a Igreja, porque tudo alli se paga. Eu tenho a Igreja em mim mesmo, dizia aos seus visinhos Sutaief, e sobre essa maxima fundou toda a sua doutrina. Logo se acercaram delle outras pessoas, o improvisado pastor foi admoestado pelo pope, foi perseguido pela policia, mas a nova communhão se formou apesar disso, repudiando o nome de seita: "Nós não formamos uma seita, dizia o rude reformador, nós queremos sómente ser verdadeiros christãos, baseando nosso christianismo sobre o amor". Mas a ideologia nada nova de Sutaief não ficou sómente em ideologia: como bom slavo, elle quiz traduzil-a na pratica, pretendendo transformar toda a vida por meio da caridade que se apoiasse sobre o Evangelho, afim de se estabelecer entre os homens a paz universal e a justiça. A verdade, diz elle, é o amor na vida commun. Assim, pois, não havia necessidade de sacramentos e o baptismo se tornava coisa superflua. Por isso elle não baptisava os seus filhos, achando ainda que o matrimonio é uma imposição mentirosa, perfeitamente dispensavel quando dois seres são levados a unir-se pelo amor.

Tal Evangelho, baseado sobre a quasi completa ignorancia do mundo, e que tinha por fundamento o amor universal quasi franciscano, applicado por elle com a rigidez propria do homem inculto ás leis

sociaes, não foi outra coisa senão um principio de subversão do Estado. O reino de Deus que o *mujik* sonhador quer formar na terra não pôde explicar-se senão por um completo communismo. Abolida definitivamente a propriedade, tambem ficariam abolidos os odios, o furto e o egoismo. Por isso os ricos devem "resistituir a terra" e os que ajuntaram muito dinheiro devem repudiar esse elemento desmoralisante do homem. Em consequencia, não haveria questões, sendo supprinidos os tribunaes, os arrecadadores de impostos e os funcionarios que vivem como parasitas do povo. E sendo a guerra uma enorme injustiça, contraria á maxima expressa por Deus no Decalogo — "não matarás" — tambem seria abolido o exercito. Nessas condições, tendo sido chamado o ultimo filho de Sutaief a prestar serviço militar, recusou-se a isso. Foi preso e posto a pão e agua. Recusava o alimento. Tres dias depois, para não o deixarem morrer de fome, foi retirado do carcere e removido para outro lugar. Mas já varios dos seus companheiros se tinham convertido á nova doutrina.

Essa theoria feita de ingenuidade ideologica nós a encontramos ponto por ponto em Tolstoi, que advogou nos seus romances e a espalhou nas classes mais cultas. De modo que os adeptos de Sutaief que a principio eram em numero escasso, chegaram a milhares em vista da popularidade do romancista. E os que sympathisavam com as suas ideias começaram a ser incontraveis. Como Sutaief, Tolstoi formou para si uma religião, cujas linhas geraes vêm no livro "A minha religião". (Francesco Paolo Giordani — *Il Marzocco*, Florença).

A PERSONALIDADE SENTIMENTAL

Dissertando sobre a "natureza das cousas", Lucrecio vê no amor una lei suprema, nobre o cruel, magnifica o temivel, que põe frente a frente o prazer e a melancholia de perseguir um ideal sem jámais alcançal-o. E' a lei das leis. Assim, toda a existencia humana em geral

se complica com um ou mais episodios de amor e torna-se esteril e absurda a vida que nunca foi perturbada por este sentimento. Entre todas as manifestações da vida affectiva, nenhuma tem sido mais estudada. Uns investigaram sobre as suas raizes nas tendencias instinctivas, outros desreveram as emoções que seguem a excitação dos sentidos, ainda outros analysaram como se forma o sentimento amoroso propriamente dito ou referem como a imaginação humana elabora certas representações vãs de conteúdo real. Mas todos, philosophos, sabios e artistas, são accordes em assignalar dois grandes temperamentos de namorados: os que amam para soffrer e os que amam para gosar, Werther, o pessimista, e D. Juan, o optimista. Com muita imaginação, e pouco instincto Werther é a victima da sua incapacidade para agir no momento opportuno, perturbando-se pela demasiada preoccupação mental. D. Juan, com forte pujança de instincto e exigua imaginação, triumpho sempre pelo seu tacto opportuno e porque já em todos os seus desejos ha o começo de acção. Werther divaga, D. Juan executa. E quasi todos quantos dizem venerar Werther e aborrecer D. Juan mentem, porque não ha homem que prefira ser Werther a ser D. Juan. Todos que amam possuem um desses dois temperamentos, predominando em alguns os sentidos e em outros a imaginação. E' se mais Werther ou mais D. Juan. Não se ama como se quer: ama-se como se póde. Cada vez que num homem nasce um novo amor, podemos assegurar que o novo sentimento terá certos caracteres communs a todas as manifestações da sua vida affectiva. Estudando como florescem os sentimentos, porque se transformam e quando morrem, observa-se que em cada individuo, como um producto da sua herança e de sua educação, se forma naturalmente uma *personalidade sentimental*. Todo o ser humano herda ao nascer determinadas tendencias instinctivas: a affectividade commun á especie e as variações de raça, sociedade e fa-

milia. O conjunto constitue o temperamento affectivo, que é uma predisposição inicial para desenvolver de certa maneira os sentimentos individuaes. As diversidades do temperamento revelam desigualdades hereditarias. A educação sentimental em seu sentido mais lato é o processo continuo de adaptação aos sentimentos alheios no correr de successivos episodios amorosos que vão formando a experiencia de cada individuo. A repetição de amores homogenos crea verdadeiros habitos affectivos. Com um temperamento e uma educação determinados, tornamo-nos Werther ou D. Juan. A experiencia sentimental se enriquece com a successão de episodios de amor, de sorte que todos os passados constituem uma base permanente para os futuros. Quer isto dizer que num dado momento da vida humana a personalidade sentimental é a confluencia de todos os episodios de amor que durante a vida modificaram o temperamento nativo. Por isso, ao ser amado cada amante se aproveita do trabalho dos que o precederam e semeia para os que o seguirão. Ha designaes aptidões amorosas, devidas ao temperamento: amantes ternos e imperativos, timidos e impetuosos. Ha differenças de educação amorosa, segundo a differente experiencia pessoal: torpes e refinados, timidos e audazes. Ha variações da personalidade sentimental num mesmo amoroso. A personalidade sentimental é em summa o resultado das variações do temperamento mediante a educação. Sendo distinctos os temperamentos, ha entre as personalidades certa "desigualdade individual". Sendo diversa a educação, tendem as personalidades até á "differenciação individual". Sendo incessante a educação, cada personalidade é objecto de uma constante "variação individual". Cada namorado ama de maneira diversa nos diversos momentos de sua vida.

Da differença de educação sentimental resultam as differenças que existem entre as personalidades affectivas. O "analfabetismo do coração" dura pouco nos indi-

viduos normaes. Flaubert nos deu uma personificação tristissima da mediocridade sentimental no infeliz Bovary. Charles Bovary, entretanto, não era um personagem excepcional. E' antes, vulgar. Como elle ha milhares de maridos tranquillos, incapazes de sentimentos que comprometam a sua unica aspiração bem definida: a tranquillidade. Sob esses innumeraveis Bovarys existem os "retardados sentimentaes", os imbecis do coração, os idiotas. Neste é absoluta a incapacidade de amar: não amam nem podem amar muito, como se lhes faltasse o instincto que serve de base á formação do sentimento amoroso. (José Ingenieros — *Revista de Filosofia*, Buenos Aires).

ONDE ESTÁ A ALMA NA INCONSCIENCIA?

Minha attenção foi fortemente atrahida para este assumpto por dois factos recentes: um pessoal e outro occorrido em minha familia. O primeiro desses acontecimentos, menos significativo que o outro, foi a mim que succedeu. Ha duas semanas me foi ministrado um anesthesico pelo meu dentista. Eu tinha ido ao gabinete em carro fechado, acompanhado por minha mulher e pelos nossos dois filhos, os quaes permaneceram no carro, que continuou a excursão. Sob a influencia do anesthesico eu estava realmente conscio de ter voltado á carruagem em movimento, e pude perfectamente ver os que a occupavam, ao passo que estava certo de que elles me não viam. Esta sensação naturalmente pôde ter sido inteiramente subjectiva, mas a impressão era muito clara.

O segundo acontecimento é mais convincente. Meu filho Adriano, de cinco annos, achava-se gravemente doente de pulmonite e estava estendido no leito, em estado meio comatoso, com uma temperatura do quarenta e um grãos. Minha mulher, que o tratava, deixou-o por um momento, afim de ir procurar qualquer coisa no quarto das creanças,

separado por outros dois quartos. Meu filho mais velho Diniz, que alli se encontrava, estava de pé sobre uma cadeira, e ao descer della amassou dois soldadinhos de estanho que se achavam no chão. Minha mulher, preocupada em não abandonar o enfermo muito tempo, apressou-se então em voltar para o quarto d'elle, e acercando-se da cama ouviu de Adriano: — Diniz malvado! Está quebrando os meus soldadinhos.

No entanto, durante os cinco dias de doença elle não havia nem uma vez falado dos soldadinhos, do sorte que essa observação estava longo de qualquer coincidência approximativa. Nem mesmo podia tratar-se de transmissão de pensamento da mente de minha mulher, porque esta estava certa de que no momento pensava sómente no enfermo. O que eu posso explicar em vista disso é que provavelmente em certos momentos e em certas condições a alma pôdo afastar-se do corpo o transmittir a este as obserações que fez durante o seu vôo independente. Essas condições parece que occorreram no caso classico de sir E. Ridder Haggard, que escreveu uma carta ao *Times*, ha alguns annos, contando-lho o seguinte facto: tinha perdido o cão favorito. Em sonho, viu-o estendido em certo ponto da estrada de ferro, e das investigações feitas, resultou que realmente o corpo do animalzinho estava lá. Não havia outra razão especial para que aquelle ponto dos trilhos mais do que qualquer outro, occorresse á mente de sir Haggard. Outro caso classico é o de um assassinio celebre do seculo XVIII, tendo a mãe da assassinada sonhado por tres vezes que via o cadaver de sua filha escondido em certa localidade. O lugar foi explorado e o corpo foi realmente encontrado. Ha um grande numero de casos semelhantes, que se poderiam citar. A explicação delles está na supposição do que a alma se lance fóra do corpo, á semelhança de um balão captivo, ficando presa a elle por um fio. (Arthur Conan Doyle — *Ultra*, Roma).

AS CARICATURAS DO MEZ

UMA VIDA EM PERIGO



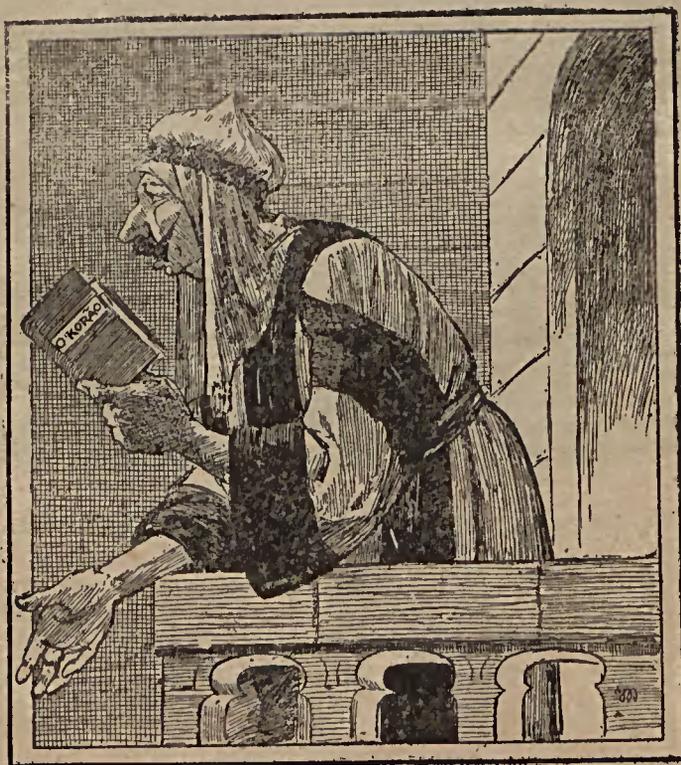
Tio Sam — Agora nós vamos aparar esses bigodes á americana.

(J. Carlos — "Careta", Rio)



Hindenburg — As exigências de vosso estomago ameaçam o equilíbrio da dynastia.

(J. Carlos — "Caretta", Rio)



— Fieis, Allah assim o quiz! Foi elle quem m'o disse. A cidade do Propheta não será mais Jerusalém! Será Belém!

("D. Quixote", Rio de Janeiro)

Joallierie — Horlogerie — Bijouterie

Maison d'importation

Bento Loeb

RUA 15 DE NOVEMBRO, 57 (en face de la Galeria)

Pierres précieuses — Brillants — Perles — Orfèvrerie — Argent, Bronzes
et Marbres d'Art — Sérvices en Métal blanc inaltérable

Maison à Paris . 30, Rue Drouot, 30

Casa de Saude □

△
□ Dr. **HOMEM DE MELLO & C.**

Exclusivamente para doentes de molestias nervosas e mentaes

Medico consultor — Dr. **FRANCO DA ROCHA**,
Director do Hospicio de Juquery

Medico interno — Dr. Th. de Alvarenga,
Medico do Hospicio de Juquery

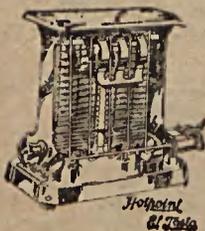
Medico residente e Director — Dr. C. Homem de Mello.

Este estabelecimento fundado em 1907 é situado no esplendido bairro *Alto das Perdizes* em um parque de 23.000 metros quadrados, constando de diversos pavilhões modernos, independentes, ajardinados e isolados, com separação completa e rigorosa de sexos, possuindo um pavilhão de luxo, fornece aos seus doentes esmerado tratamento, conforto e carinho sob a administração de Irmãs de Caridade.

O tratamento é dirigido pelos especialistas mais conceituados de São Paulo

Informações com o Dr. **HOMEM DE MELLO** que reside á rua Dr. Homem de Mello, proalmo á casa de Saude (*Alto das Perdizes*)

▽ Calva do Correlo, 12 **SÃO PAULO** Telephone, 560 ▽



A' ILLUMINADORA.

RUA DA BOA VISTA, 47

ENCARREGA-SE DE QUALQUER SERVIÇO
DE ELECTRICIDADE.

MATERIAL ELECTRICO EM GERAL,
LAMPADAS, PILHAS, FIOS, ETC.

INDICADOR

ADVOGADOS:

DR. S. SOARES DE FARIA —
Escritório: Largo da Sé, 15
(salas 1, 2 e 3).

DRS. SPENCER VAMPRE',
LEVEN VAMPRE' e PEDRO
SOARES DE ARAUJO—Traves-
sa da Sé, 6, Telephone 2.150.

DRS. ROBERTO MOREIRA,
J. ALBERTO SALLES FILHO e
JULIO MESQUITA FILHO —
Escritório: R. Boa Vista, 52
(Sala 3).

MEDICOS:

DR. LUIZ DE CAMPOS MOU-
RA — Das Universidades de Ge-
nebra e Munich. — Cirurgia —
Operações — Rua Libero Badaró,
181. Telephone 3492, das 13,30
às 16 horas.

DR. SYNESIO RANGEL PES-
TANA—Medico do Asylo de Ex-
postos e do Seminario da Gloria.
Clinica medica especialmente das
crianças—Res.: R. Bella Cintra, 139
Consult.: R. José Bonifacio 8-A,
das 15 às 16 horas.

DR. ALVARO CAMERA—Medi-
co. S. Cruz do Rio Pardo-S. Paulo.

DR. SALVADOR PEPE — Es-
pecialista das molestias das vias
urinarias, com pratica em Paris.
— Consultas das 9 às 11 e das
14 às 16 horas. Rua Barão de
Itapetininga, 9. Telephone 2.296.

TABELLIÃES:

O SEGUNDO TABELLIÃO DE
PROTESTOS DE LETRAS E TI-
TULOS DE DIVIDA, NESTOR
RANGEL-PESTANA, tem o seu
cartorio á rua da Boa Vista, 58.

CORRETORES:

ANTONIO QUIRINO — Corre-
tor official — Escritório: Tra-
vessa do Commercio, 7 — Tele-
ph. 393.

GABRIEL MALHANO — Cor-
retor official — Camblo e Titu-
los — Escritório: Travessa do
Commercio 7. Teleph., 393.

DR. ELOY CERQUEIRA FI-
LHO — Corretor Official — Es-
critório: Travessa do Commer-
cio, 5 - Tel. 323—Res.: R. Albu-
querque Lins, 58. Teleph. 633.

SOCIEDADE ANONYMA COM-
MERCIAL E BANCARIA LEO-
NIDAS MOREIRA—Caixa Postal
174. End. Teleg. "Leonidas, S.
Paulo". Telephone 626 (Central)
— Rua Alvares Penteado — S.
Paulo.

DESPACHANTES:

BELLI & COMP. — Santos:
Praça da Republica, 23, Teleph.
258. Caixa, 107.—Rio: Rua Can-
delaria, 69, Teleph. 3.629. Caixa,
881. — S. Paulo: Rua Boa Vista,
15. — Teleph. 381, Caixa, 135.
Telegrammas: "Bellico", Genova
(Italia), Piazza Scuole Ple 10 —
Casella 1.459. End. tel. "Bel-
lico".

ALFAIATES:

ALFAIATARIA ROCCO—Emi-
lio Rocco — Novidades em case-
mira ingleza. — Importação di-
recta. — Rua Amarel Gurgel, 20,
esquina da rua Santa Izabel. Tel.
3333 — Cidade — S. Paulo.

Wilson Sons & Co. Limited

RUA B. DE PARANAPIACABA, 10

TELEPHONE, 123

CAIXA DO CORREIO, 523 End. Teleg. "ANGLICUS"

SÃO PAULO

IMPORTADORES:

de carvão de pedra, forja, anthracite, coke, etc.; ferro guza, cobre, chumbo, chapas e canos de ferro galvanizado, folhas de flandres e ferragens; óleo de linhaça e tintas; drogas e adubos para industrias; barro e tijolos refractarios, barrilha etc.

AGENTES DE:

- Alliance Assurance Co. Ltd., Londres
Seguros maritimos e contra fogo
- J. B. White & Brothers, Londres
Cimento Portland "J. B. W."
- Aberthaw & Rhose Portland Cement &
Lime Co. Ltd. Cimento marca "Mitra"
- Read Brothers Limited, Londres
Cerveja Guinness "Cabeça de cachorro"
- Curtis's & Harvey Ltd., Londres
Dynamite marca "Dragão"
- Brooke, Bond & Co. Ltd., Londres
Chá preto e verde marca "Bond"
- William Pearson Ltd., Hull
Creolina, Pacolol e Pacofluido
- Andrew Usher & Co., Edinburgo
Whisky "Liqueur"
- J. Bollinger, Ay Champagne
Champagne "Bollinger"
- P. Virabian & Cie., Marselha
Ladrilhos e Cimento
- Holzapfels Ltd., New-Castle-on-Tyne
Tintas preparadas "Lagoline"

Acceitam pedidos para importação directa mediante
modica commissão

REVISTA DO BRASIL

Summario do n. 24, Dezembro — Psychologia das Revoluções meridionaes, por F. J. Oliveira Vianna; Notas do tempo, por Tristão da Cunha; O mata-pau (novella), com illustração, por Monteiro Lobato; Um livro prejudicial ao ensino, por Joaquim Lisboa; Mafio Pedernelras, com retrato, por Rodrigo Octavio Filho; A concepção federal de Alberto Torres, por Porfirio Soares Netto; Vida Ociosa (romancee), por Godofredo Rangel — RESENHA DO MEZ: Na Academia Brasileira, por Medeiros e Albuquerque; Brasil e Argentina, por Paulo Pestana; Silva Jardim, por J. Marques; O primeiro voador, dor L. Guimarães Filho; As Caixas Economicas no Brasil, por Alcindo Guanabara; O Brasil esquecido, por João Ribeiro; Joaquim Nabuco, por José Maria Bello; Os brasileiros e a lingua alleman, por L. P. Barreto; Notas de Sciencia, Bibliographia, Movimento artistico (com quatro illustrações). Revistas e jornaes. Variedades, as melhores caricaturas do mez, etc.

O numero de Janeiro da "Revista do Brasil" (3.º anno), traz a seguinte materia: A nossa doença, por Monteiro Lobato; Parabolas, por Afranio Peixoto (da Academia Brasileira); O professor da Mombaça, novella, por Alberto de Oliveira (da Academia Brasileira); Do Archivo de José de Alencar (cartas de Lamartine, F. Octaviano, Q. Bocayuva, Gonçalves Dias, Castro Alves, J. Serra, L. Guimarães Junior, Benalcanfôr, Gomes de Castro); A concepção federal de Alberto Torres, por Porfirio Soares Netto; Mattas ou florestas, por F. Badaró; Vida ociosa, romancee, por Godofredo Rangel. — RESENHA DO MEZ: Questões pedagogicas, por Carlos da Silveira; Liga Humana, por Mario de Alencar; Autores e leitores, por Constancio Alves; Arthur de Oliveira, por Jorge Jobim; O nosso theatro, por Carlos de Laet; Hora decisiva, por A. Chateaubriand; Carlos Gomes na Italia, por Agostinho de Campos; Amadeu Amaral, por J. A. Nogueira; Movimento artistico, Movimento scientifico, Bibliographia, Revistas e Jornaes, As caricaturas do mez; Illustrações: Areal, A rajada, Canto do Rio, Junto ao mar, quadros de E. Parreiras.

Aproveitar o seguinte coupon:

Sr. secretario-gerente da "REVISTA DO BRASIL")

Caixa, 1373 — S. Paulo

Remetto-lhe 15\$000 réis para uma assignatura annual da "REVISTA DO BRASIL", a começar em Janeiro e a terminar em Dezembro de 1918. Peço-lhe enviar-me gratuitamente os numeros de Novembro e Dezembro de 1917, que a Revista offerece a todos os assignantes.

Nome

Localidade

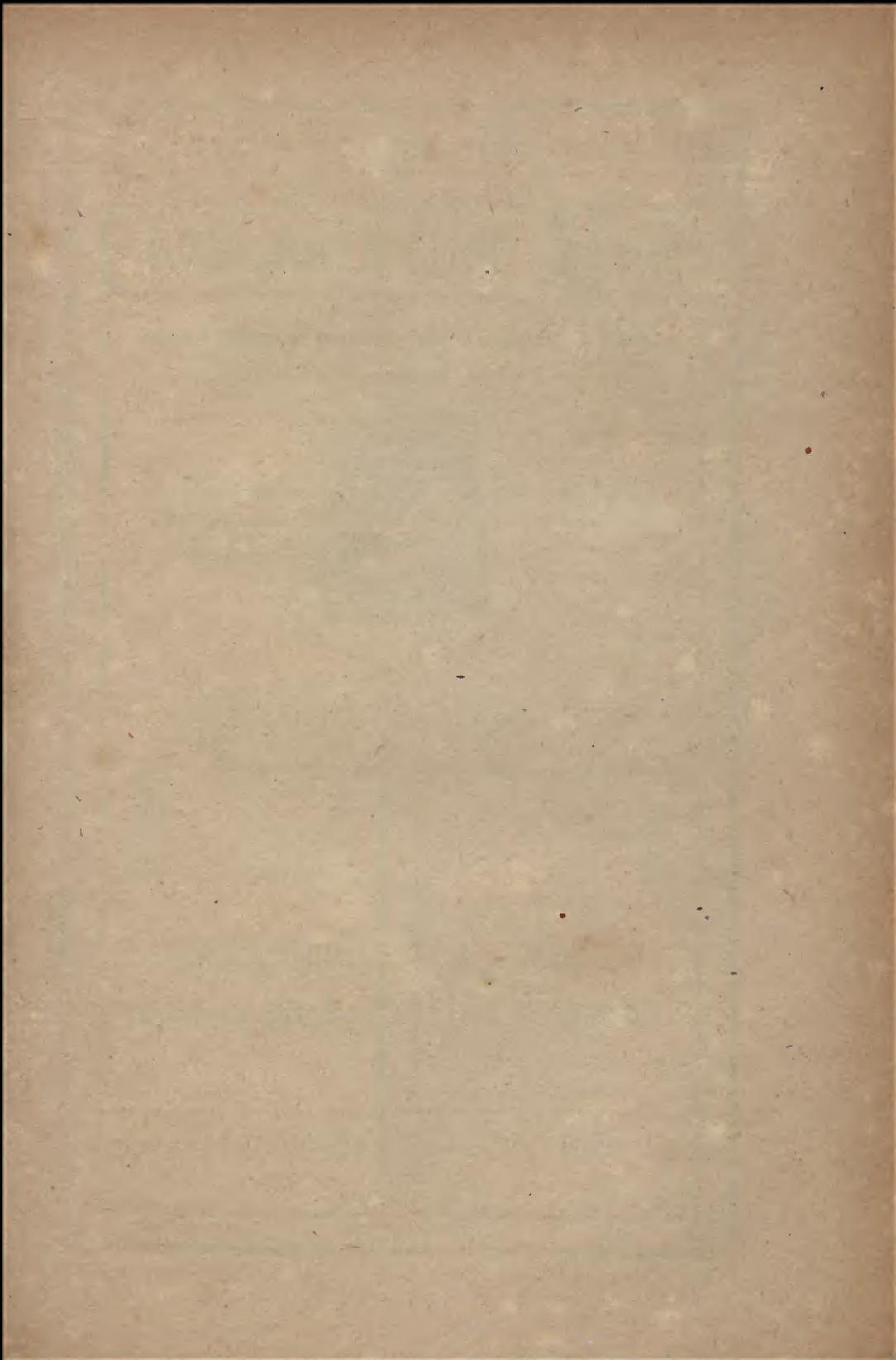
O SACY PERÊRÊ

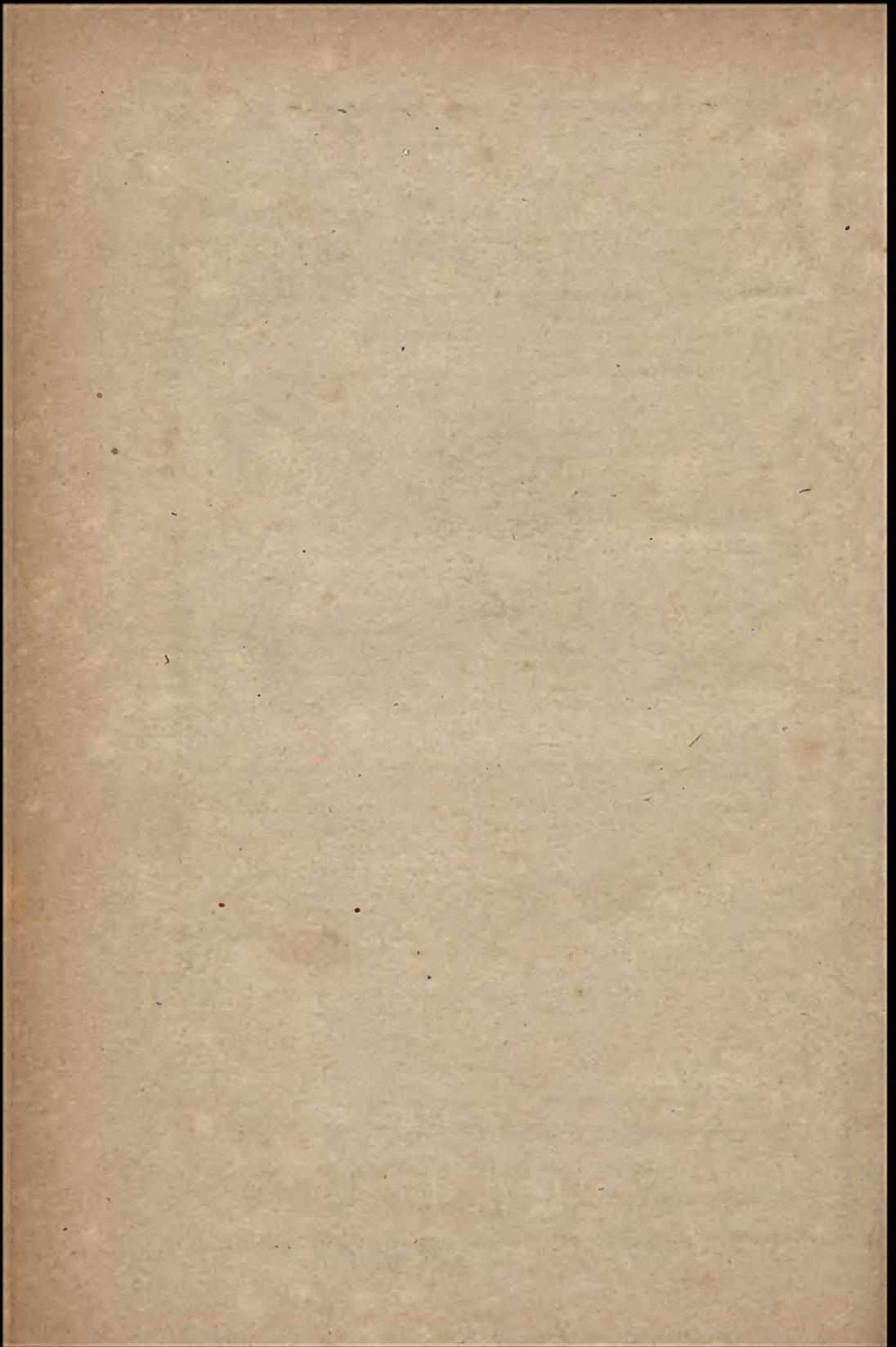
RESULTADO DE UM INQUERITO

Um bello volume de 300 paginas, com numerosas illustrações fóra do texto.

A' venda em todas as livrarias e na Revista do Brasil

PREÇO: 4\$000; pelo correio, 4\$500



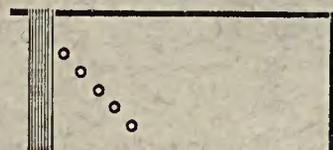


ETABLISSEMENTS BLOCH

Société Anonyme au Capital de 4.500.000 francs



FAZENDAS, TECIDOS, ETC.



RIO DE JANEIRO
116, Rua da Alfandega



S. PAULO
47, Rua Direita

PARIS, 26, CITÉ TRÉVISE

As Machinas **LIDGERWOOD**

Para CAFE MANDIOCA
ARROZ MILHO
ASSUCAR FUBÁ, etc.

São as mais recommendaveis para a lavoura, segundo
experiencias de ha mais de 50 annos no Brasil

GRANDE STOCK de Caldeiras, Motores a vapor, Rodas de
agua, Turbinas e accessorios para a lavoura

CORREIAS-OLEOS-TELHAS DE ZINCO-FERRO EM BARRA

GRANDE STOCK de canos de
ferro galvanizado e pertences

CLING SURFACE, massa sem rival para conservação de correias

Importação directa de quaes-
quer machinas, canos de fer-
ro batido galvanizado para
encanamentos de agua, etc.

Para Informaçoes, preços, orçamentos, etc., dirigir-se a

Rua de São Bento N. 29-6

SÃO PAULO

OFFICINAS DO "O ESTADO DE S. PAULO"



REVISTA DO BRASIL

SUMMARIO

AFRANIO PEIXOTO <i>da Academia Brasileira</i>	Parabolas	207
A. SAMPAIO DORIA	Patria	228
MONTEIRO LOBATO	O comprador de fazendas (novella)	244
MARIO DE ALENCAR <i>da Academia Brasileira</i>	Flôr do campo (poema)	257
AMADEU AMARAL	Machado de Assis e Na- buco	275
F. BADARO'	Aves de arribação	286
COLLABORADORES	Resenha do mez	290

(Continúa na pagina seguinte)

PUBLICAÇÃO MENSAL

N. 27 · ANNO III

VOL. VII

MARÇO, 1918

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
RUA DA BOA VISTA, 52
S PAULO - BRASIL



RESENHA DO MEZ — Civismo e pessimismo — Bibliographia — A morphéa e o milho (*M. Lopes Oliveira*) — Galeria artistica — A Biologia e a mulher (*A. V. de Carvalho*) — A valorisação do brasileiro (*M. Brant*) — O saneamento do Brasil (*Monteiro Lobato*) — Pelo nacionalismo (*Afranio de Mello Franco*) — João Franeiseo Lisboa (*Oliveira Lima*) — Machado de Assis (*A. Chateaubriand*) — As velhas arvores (*Sebastião Rios*) — Os bastidores do mundo literario — As reliquias do mar — O submarino na antiguidade — As caricaturas do mez. ILLUSTRAÇÕES: *Jesus descendo do monte das Oliveiras*, quadro de R. Amoedo — *A orphan belga*, quadro de L. Geraneo — *Outomno*, quadro de P. do Valle — *Cabeça de camponeza*, quadro de L. de Freitas.

As assignaturas começam e terminam em qualquer tempo

A "REVISTA DO BRASIL" só publica trabalhos inéditos

REVISTA DO BRASIL

PUBLICAÇÃO MENSAL DE SCIENCIAS,
LETRAS, ARTES, HISTORIA E ACTUALIDADES

Propriedade de uma
sociedade anonyma

L. P. BARRETTO

Directores: JULIO MESQUITA Redactor-chefe: Plinio Barreto
ALFREDO PUJOL Secretario-gerente: Pinheiro Junior

ASSIGNATURAS:

Um anno	15\$000
Seis mezes	8\$000
Edição de luxo, anno	22\$000
Numero avulso	1\$500
Numero atrazado	2\$000

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:

RUA DA BOA VISTA, 52
Caixa Postal, 1373 — Telephone, 4210

S. PAULO

Toda a correspondência deve ser endereçada ao secretario-gerente.





PARABOLAS

E' DEMAIS!

Conta Herodoto (*Euterpe*, LXVIII) que os crocodilos do Egypto deixam entrar-lhes pelas fauces a tenros passarinhos, os trochilos, impunemente, pelo bem que delles recebem com o se nutrirem de bichos, adherentes ás suas mucosas da bocca. Confirmam naturalistas contemporaneos o velho historiador, e põem nome legitimo de *Cursorius egyptius*, no amigo e commensal do crocodilo.

No interior do Brasil os anuns e caracarás fazem o mesmo officio ao gado, limpando-lhe a pelle de bernes e carrapatos. Dessa intimidade de mutuo auxilio derivam respeito e gratidão.

Os homens, entretanto, matam a tiro, a pedradas, pegam a visgo e alçapão, enxotam a espantelho, os passarinhos que lhes comem nas searas os insectos damninhos. Por isso, os insectos proliferam e destroem as searas. Ingratos, vá, é da natureza delles, mas estupidos, como nem os bois ou os crocodilos, é demais!

O QUE SE NÃO PERDÔA

Cantam os rouxinoes ao luar, a que ladram aggressivos os cães. A um grande merecimento, ainda quando consagrado, nunca lhe faltou um detractor.

“BRASILIA SIVE PAPAGALLI TERRA”

As historias de papagaios espirituosas são frequentes. Não contando as européas, docilmente reproduzidas nos livros, já os nossos fastos registam algumas engraçadas.

A mais nobre é aquella, de velho exemplar achado por Humboldt em Maypures, que ninguem entendia, por falar a lingua dos Aturés. Fôra esta gente do Orinoco dizimada pelos Carahybas: ficara para lembrál-a o fiel papagaio, de cuja bocca, digo, de cujo bico, ouviu a posteridade as unicas palavras que pôde recolher do espolio de um povo. Por isso, de Curtius a Humberto de Campos, tem elle sido louvado, em prosa e verso.

Conta a tradição popular de um que, depois de domestico, tornou ás selvas, não sem transmittir aos de sua grei o que aprendera. Ouviu-se um dia pelos ares ladainha tirada pelo bicho, a que os parceiros respondiam:—“Kyrie eleison!” “Kristie eleison!” — “Ora pro nobis!” — “Ora pro nobis!”

Outro, pertencente a um venheiro, de tanto ouvir dizer mal de certo toicinho ardido, preveniu disto a um comprador incauto. Irritado, vingou-se o dono do indiscreto, atirando-lhe um canéco de agua fervendo, que o depennou e quasi mata. Foi o papagaio posto do lado de fóra, á intemperie, para se não entremetter mais nos negocios illicitos do patrão. Eis que num dia de chuva acolhe-se ao beiral da casa pobre pinto pellado, tranzido de frio. Contemplou o louro, com o seu olho redondo, e perguntou-lhe, induzido pela experiencia: — Você tambem falou do toicinho?

Logicos, pedagogos, até philologos, podem os papagaios temperar a sua loquela com um laivo de humorismo.



MACHINAS PARA LAVOURA E INDUSTRIA

FUNDIÇÃO GERAL, OFFICINAS MECHANICA,
DE SERRALHERIA E CARPINTARIA

IMPORTAÇÃO E EXPORTAÇÃO

Temos, no Brasil, o maior e mais completo sortimento de machinas para lavoura e industria, principalmente para lavoura, ramo de commercio em que somos especialistas; desde o mais simples arado, semeadeira ou carpideira, aos mais aperfeçoados arados e cultivadores de discos lisos ou recortados; da mais simples moenda manual, para moagem de canna e extração do respectivo caldo ou garapa, ao melhor engenho CHATTANOOGA, a força animal, hydraulica ou mechanica; moinhos para todos os fins: desde o de vento, para acionamento de pequenos apparatus, como bombas, etc., até os apropriados para a moagem de café, milho, arroz e todas as sementes ou corpos susceptíveis de soffrerem moagem, para uso em casas de familia ou em estabelecimentos industriaes; geradores de gaz acetyleno, cefadeiras mechanicas, machinas de tosquilar animaes, fazer cangica, manteiga, etc.; debulhadores e desintegradores de milho, cortadores de forragem, trituradores de ossos, bombas para agua e outros liquidos, arletes hydraulicos, motores electricos e para combustivel de lenha e kerozene ou gazolina; até os mais aperfeçoados machinismos para beneficiamento de arroz ou café, compostos estes de bem organizados e efficientes conjunctos de machinas "Engelberg" americanas (as primeiras machinas do mundo, para beneficiamento de arroz e café), dos quaes conjunctos as principaes peças são: descascadores, ventiladores, esbrugadores, catadores, polidores, lustradores e separadores; e, emfim, tudo quanto aos agricultores se torne necessario adquirir, relativamente a apparatus, para a elaboração da terra, sementeira, plantio e consequente beneficiamento dos productos de sua lavoura.

Fazemos nossas compras directamente, aos principaes fabricantes norte-americanos, em optimas condições, porque compramos a dinheiro á vista, nas fabricas; e isto nos habilita a podermos offerecer aos nossos estimados freguezes, vantagem de preço e qualidade de mercadorias, que poucos outros importadores poderão offerecer. Além disso, dedicando-nos de ha longo tempo ao commercio de machinas, principalmente agricolas, ninguém, no Brasil, melhor do que nós está apto a bem servir os senhores agricultores, de tudo que elles precisem para execução de seus trabalhos agrarios, para cujo fim dispomos de um sortimento que, além de vasto, completo, é escolhido por profissionais competentes.

Portanto, nossa casa é aquella a que sempre deverá ser dada preferencia, para effectivação de compras de todos ou quaisquer artigos de nossa especialidade commercial e industrial.

E, soh encomenda, em nossas officinas de fundição geral, mecanica, serralheria e carpinteria, construímos machinas para qualquer fim agricola ou industrial; assim como fazemos toda e qualquer peça, para substituição das que porventura se hajam gasto ou estragado, de machinas de fabricação nacional ou estrangeira, tudo mediante desenho ou modelo.

A pedido, e sem compromisso da parte do solicitante, forneceremos preços, catalogos e orçamentos, relativos a quaesquer machinas ou apparatus de nossa especialidade.

F. UPTON & C^o

IMPORTADORES



São Paulo LARGO SÃO BENTO N. 12
TELEPHONE (Central) 1182
CAIXA POSTAL 58

AV. RIO BRANCO, 18 Rio de Janeiro
TELEPHONE
(Norte) 2887

:: CASA FRANCEZA ::

DE

L. Grumbach & C^{ia}.

RUA SÃO BENTO, 89 e 91

SÃO PAULO

CASA MATRIZ

EM PARIS

17 Bis, RUE DE PARADIS

Louças, Vidros, Crystaes,
Porcellanas, Objectos de
Arte para Presentes,
Baterias de Cosinha.



VENDAS A VAREJO E POR ATACADO

:: IMPORTAÇÃO DIRECTA ::

BYINGTON & C.

Engenheiros, Electricistas e Importadores

Sempre temos em stock grande quantidade de material electrico como:

MOTORES

FIOS ISOLADOS

TRANSFORMADORES

ABATJOURS LUSTRES

BOMBAS ELECTRICAS

SOCKETS SWITCHES

LAMPADAS

1/2 WATT

CHAVES A OLEO

VENTILADORES

PARA RAIOS

FERROS DE ENGOMMAR

ISOLADORES

TELEPHONES

LAMPADAS ELECTRICAS

Estamos habilitados para a construcção de installações hydro-electricas completas, bondes electricos, linhas de transmissão, montagem de turbinas e tudo que se refere a este ramo.

UNICOS AGENTES DA FABRICA

WESTINGHOUSE ELECTRIC & MFTG Co.

Para preços e informações dirijam-se a

BYINGTON & COMP.

Largo da Misericordia, 4

TELEPHONE, 745

SÃO PAULO



The British Bank of South America, Ltd.

FUNDADO EM 1863

Casa Matriz, 4 MOORGATE STREET, Londres

Filial em São Paulo, RUA SÃO BENTO N. 44

Capital subscripto . . .	£ 2.000.000		Succursaes em: BAHIA,
„ realzado. . . .	£ 1.000.000		RIO DE JANEIRO, MONTEVIDÉO,
Fundo de reserva . . .	£ 1.000.000		ROSARIO DE STA. FÉ e BUENOS AIRES.

O Banco tem correspondentes em todas as principaes cidades da Europa, Estados Unidos da America do Norte, Brasil e Rio da Prata, como tambem na Australia, Canadá, Nova Zelandia, Africa do Sul e Egypto.

Emittem-se saques sobre as succursaes do Banco e seus correspondentes.

Encarrega-se da compra e venda de fundos, como tambem do recebimento de dividendos, transferencias telegraphicas, emissão de cartas de credito, negociação e cobrança de letras de cambio, coupons e obrigações sorteadas e todo e qualquer negocio bancario legitimo.

Recebe-se dinheiro em conta corrente e em deposito abonando juros, cujas condições podem ser determinadas na occasião.

Firmas e particulares que desejarem manter uma conta corrente em esterlinos, em Londres, podem abril-a por intermedio desta filial que, a pedido, fornecerá talão de cheques e quaesquer esclarecimentos.

Este Banco, tambem abre contas correntes com o primeiro deposito de Rs. 50\$000, e com as entradas subsequentes nunca inferiores a Rs. 20\$000, até o limite de Rs. 10.000\$000 abonando juro de 3% ao anno.

As horas do expediente sómente para esta classe de depositos, scrão das 9 horas da manhã ás 5 da tarde, salvo aos sábados, dia em que o Banco fechará á 1 hora da tarde.

Esta é do Dr. Emilio Goeldi, grave naturalista que em tempo fundou e dirigiu o Museu do Pará: conheceu aqui um papagaio que, a cada detonação de foguete, gritava: "Viva!" e, em voz mais baixa, reservado, accrescentava: "Tolo!" O sabio sublinha: "nunca deixei de achar graça neste modo original de apreciar a febre de foguetes que infesta o paiz".

Podia ter ajuntado, e era tambem historia natural, que ha por aqui, na terra dos papagaios, bipedes implumes, immensa maioria, a qual ao ouvir o espoucar festivo de um foguete será apenas capaz do primeiro commentario.

I

DOMESTICAÇÃO E EDUCAÇÃO

A' margem da "Rondonia"

*A Roquette Pinto, naturalista
e pedagogo.*

No interior do Brasil ha zonas de criação em que o boi é tão selvagem que só a tiro se consegue capturar, Entretanto, por ahi mesmo, pela abundancia, esses bichos não só provêm ao sustento e á industria dos naturaes, em carne, leite, couro, senão tambem que, domados, servem á tracção nos carros, porte das cargas e até para montaria.

Para chegarem a este ponto não é pouco o trabalho. O garrote laçado na malhada é trazido, depois de muita peleja para o curral e atado solidamente a um poste. Fura-se-lhe então o septo nasal, pelo qual se enfia um atilho de couro. Passa a noite no mourão, urrando, espenoteando, á magua da ferida e á humilhação do laço. Pela manhã põem-lhe nos lombos as cangalhas: são arreios toscos, duas forquilhas de pau juntas por um travessão, protegidas por maunças de palha, cobertas com capa de couro e fixadas no paciente pelos arrochos, peitoral e rabicho.

A este vestido incommodo resistem como desespera-



dos: dão pulos, investem de raspão contra cercas e troncos de arvore, lançam-se ao chão, repetem os safanões, até que desfazem, arreventados em estilhas, pelo campo, os petrechos com que os adornaram.

Recompoem os vaqueiros as cangalhas desfeitas, tornam a repôl-as no boi furioso, para se repetir a mesma scena, duas, tres, dez vezes, até que vencido o animal se submete e, passivo, recebe a carga. Com o tempo e o mesmo regime acaba num bom cargueiro, docil á voz que o faz parar ou proseguir no caminho: "E... cô!... ê... Azeitão!" "Quéta Caboclo!"

Domar um boi é fazel-o domestico, trazê-lo á utilidade humana, social...; é o que se chama, transposto para homem, para fazê-lo gente. E' o mesmo processo, apenas mais brando e, por isso, mais demorado; daria o mesmo resultado se fora empregado sempre e não se julgasse o homem ás vezes tão differente dos outros bichos.

Criminosos, rebeldes, violentos, energúmenos, grosseiros... são bois chucros, que não tiveram vaqueiros... Depois, por isso mesmo, só a tiro, como os bois selvagens da vaccaria. O humoristico, bem humano, é que são elles que dão os tiros... nos bois mansos.

II

"BICHO-HOMEM"

Celebre facinora do sertão da Bahia, depois dos seus crimes, perguntava sempre á victima agonizante: — "Conheceu, papúdo, para que presta o bicho homem?"

O "bicho-homem" — nem o bronco sertanejo sabia quanto tinha de razão — presta-se mesmo para isso; não importa se a maldade é individual ou collectiva, assassinio ou guerra, contanto que lhe dê azo á intelligente crueldade. E' a differença que elles fazem com os bichos propriamente ditos.



III

CIVILIZAÇÃO

A VIDA DOLOROSA DOS TICO-TICOS

A civilização é a "domesticação" do homem. Sempre relativa, muitas vezes precaria.

(Tragedia em tres actos)

A Primitivo Moacyr, que comprehende tudo, mas a quem muita coisa aborrece.

Venho assistindo, desde ha diás, a uma tragedia mais terrivel e commovente que essas que andam por ahi nos theatros ou na vida dos homens.

Descobri num arbusto, quasi á beira do caminho, no meu jardim, um ninho de tico-tico. Vi-o voar, quando me approximava e pude notar tres ovinhos depostos na fofa cama bem feita. Pareceu-me que um dos ovos era diferente na forma e na cor, dos outros dois, mas não insisti na minha malicia. Seria isso lá com o tico-tico. Não perturbei mais o mysterio dessa maternidade, com a minha indiscrição.

Muitos dias depois, distrahido, vou pelas mesmas bandas e ouço inquieto pipilar. Pé ante pé chego á espreita: o tico-tico depois de saltitar de galho em galho, acerca-se do ninho, trazendo no bico a nutrição para a ninhada que o chamava soffrega. Olho para o ninho e vejo um passari-nho só, grande, bem maior que o outro, vestido de pennugem negra, de amplo bico aberto, á espera do alimento... O filho do tico-tico era um melro!

O drama intimo se me revelava então, sem disfarce. Junto aos ovos do tico-tico o melro pusera o seu. O mesmo carinho solícito, as mesmas pennas suaves incumbaram tres. Nasceram provavelmente os tres, e, terrivel lei da



natureza, a prole legitima succumbira á usurpação: o intruso, mais forte, mais guloso, tomou o pequeno espaço e a limitada providencia materna das aves. Não vira o coração cego de tico-tico nada disso, nem sentira sequer a diferença, senão que lhe sobrevivera o filho mais forte, e que, ainda bem, ficara para lhe consolar a maternidade diligente e soffredora.

Natureza, como és cruel na tua indiferente simplicidade! Guardei o meu segredo e sahi dahi, commiserado e triste, pensando nos homens... cuja ruindade nem ao menos é original.

Pobre tico-tico!

Dahi a dias já o ninho estava abandonado... Pensei que a tragedia findara. Não; eu vinha ainda a tempo para assistir ao ultimo acto. Perto, no chão, comecei a ouvir um pipilado insistente, como chamado. Era o meu tico-tico ensaiando a andar, a buscar a vida, ao melro.

O contraste era enorme, entre os dois. O pequenino, agil, travesso, com suas rajadas e seu elegante cocuruto, ia na frente, aos pulinhos leves, até encontrar na terra um bichinho, que tomava, matando-o a bicada, enquanto chamava o filho... Este, um melro grande, todo emplumado de negro, com a passada incerta e pesada, achegava-se e comia então o bocado preparado, no chão. O tico-tico proseguiu, até nova descoberta, novo e insistente chamado.

Nisto um graveto parte-se ao meu lado e os dois passarinhos assustados voam, em rumos diversos... Fiquei pesaroso de ter interrompido assim, sem o querer, a educação do intruso. Mas, enquanto reflectia sobre a scena, vejo tornar, afflicto e inquieto, o meu tico-tico. Trilos e pipilos, pipilos e trilos, do chão para as hortensias proximas, dos ramos do caminho para o intimo das moitas... numa tortura, numa ancia... que fazia pena. Procurava o seu filho, que incumbado, criado, educado, ganhara mundo, para a vida dos melros, os indignos vira-bostas, que é o nome proprio delles... que vivem a enganar os japus e os tico-ticos, e sei lá quantas mais avesinhas, credulas e honestas.



O meu tico-tico dolorido e inquieto, não cessava de procurar o filho ingrato, que não tornaria... Não é pungente, dado o engano, que não seja duradoiro? A vida, porém, ahi estava, viria novo engano, para outro desengano.

Pobres tico-ticos...

LEMBRA-TE DE DESCONFIAR

(Moto grego, divisa de Stendhal e de Merimée)

O caramujo é sceptico: desconfia de tudo, até da propria casa; por isso anda com ella ás costas.

IMAGENS

A Amadeu Amaral, que não conheço, mas que admiro, poeta cujos versos têm poesia.

I

As lagartas e as borboletas, as ostras e as perolas, deram á poesia as mais formosas imagens que a intelligencia inventou. De larva asquerosa deriva esse encanto alado, como da miseria do instincto surge o divino sentimento. Uma obra prima, joia da natureza, resulta do soffrimento que a produziu, como symbolo de dor que custa toda criação.

II

Ha no sertão do Brasil especie de abelha que os naturaes chamam "lambe-olho". Persegue o viandante pelas estradas resequidas, em busca de uma gotta de humidade, ainda do suor ou das lagrimas. Faz dessa amarugem, de fadiga ou de mágua, o mel dos seus favos. Não é imagem do poeta, que labuta e soffre, para a alegria que dá aos outros a obra-prima?

O AUTOMOVEL E O CARRO DE BOI

A Alberto Faria, cuja modestia encobre o merecimento.

Passa na estrada poeirenta, num trilo prolongado, um carro de boi, atulhado de espigas de milho. Vae tocando na frente, vara de ferrão em punho, pitando descansado o seu cigarro, o carreiro, enquanto a junta somnolenta puxa, sem pressa, as rodas chiadoras.

Atrás, ainda á distancia, ouve-se a buzina de um automovel e logo após o arfar impaciente do motor que se aproxima. Desvia o carreador o seu vehiculo para a direita, á beira do caminho, dando passagem ao outro, apressado, que dispara em frente, envolto numa nuvem de poeira. Suffocado o caipira pragueja: — “Diabos te leve!”

Meia hora depois chega, finalmente, á fazenda, o carro de boi, onde encontra, parado, o automovel.

O AUTOMOVEL (*risonho*)

Custou a chegar, heim? D’ali áqui... uma hora!

O CARRO DE BOI

Não tenho pressa. Não fui buscar fogo...

O AUTOMOVEL

De fogo não preciso eu... é o que não me falta. Quei-
mo com elle as distancias.

O CARRO DE BOI

Sim... Espanando o pó das estradas e empestando o
caminho com esse cheiro repugnante de alcatrão...

O AUTOMOVEL

Isso é nada. O essencial é que ando por esse mundão a fora, num abrir e fechar de olho. Parto e chego. Você parte quando pode, chega quando Deus é servido...

O CARRO DE BOI

De caminho faço o meu passeio, distraio-me, pelas manhãs ouço a passarada, canto com as cigarras ao meio-dia, e, ás tardes tristes, o sol, mais cansado do que eu, parece que me inveja não ter duas rodas. Você quando passa não attende a nada, não vê nada... Você apenas é visto, malvisto...

O AUTOMOVEL

Mas chego, chego antes da hora. Encurto o espaço, poupo o tempo. Nesta vida breve vale isto mais do que dinheiro, do que sangue... E' uma outra vida que se vive, graças a mim. Viagem não é mais fadiga, é recreio; necessidade já não será remanção, porém serviço...

O CARRO DE BOI (*ironico*)

Você diz bem, é o seu merito: Você chega, é "arri-
vista". Chega aonde não devera, é "parvenu". E' o que
Você é.

O AUTOMOVEL

Que culpa tenho eu de Você não poder chegar... pesado
carroção, atravancado de madeira... bichos pesados que
se mexem com tanta lerdeza...? "Arrivista" e "parvenu",
eu?!... Sim, por que tenho dentro de mim um motor, de
cincoenta cavallos. E' por isso que hei de chegar e vencer.
Razão que seu despeito não quer ver e troca por insulto...

Não pôde o carro de boi responder porque, arfando de
novo, o automovel se pôs a marchar, abafando com a bu-
ziná a inveja do outro.

Depois de esvaziar no paiol as suas espigas de milho, tambem o carreiro, com a aguilhada em riste, tocou a junta e, pesadamente, rodou nos gonzos resequidos o carro de boi.

Lá adiante, no meio da estrada, estava parado o automovel. Em mangas de camisa, suado, esbaforido, remexia o motorista a sua machina, da qual se escapava ainda um vapor de fadiga; o monstro era entretanto insensivel ao mau trato das ferramentas de concerto.

O CARRO DE BOI (*com alegria maligna*)

Que é isto? Empacou?

O AUTOMOVEL (*envergonhado*)

Eu não empaco, porque não tenho vontade minha... enguiço. Transtôrno cá de dentro, a que elles não sabem prover, e dão por isso um nome qualquer, como fazem os medicos ás doenças.

O CARRO DE BOI (*perverso*)

... Mas que lhe reduz a peor condição que a de um carro... sem bois... *Compassivo*. Quer o meu auxilio? Ando de vagar, mas sempre puxo. Não sei quando chego, mas chego...

Prendem o carreiro e o motorista com uma grossa corda o automovel á trazeira do carro de boi.

O AUTOMOVEL (*humilhado*)

Paguei pela lingua... pelo motor!

O CARRO DE BOI (*reflectindo*)

A gente não deve ter vaidade do que é. Tambem eu fui injusto, negando merecimento a sua machina. Dezenas de cavallos, embora de vapor, galopam e hão de chegar, neces-



sariamente, sem por isso merecerem pecha de "arrivista" e "parvenu", como o despeito do triumpho alheio nos fazem ás vezes dizer. Má lingua é sempre filha de despeito e inveja. O que vocês não devem, na sua victoria, é humilhar aos pobres carros ronceiros que, mal mal, sempre prestam para alguma coisa...

O AUTOMOVEL (*conformado e penitente*)

A "panne", o enguiço... é castigo do nosso orgulho. Bem feito que eu, com os meus cinquenta HP seja puxado por uma junta de bois... Quanto maior é o merecimento de uma intelligencia ou de um character, maior deve ser tambem a humildade do seu coração. Não ha que ter vangloria, de nada: a vida é feita de compensações. Chia, amigo, agora na minha frente, que depois eu te jogarei poeira nos olhos...

AFRANIO PEIXOTO



PATRIA

A idéa de patria: seus elementos constitutivos. A patria, a liberdade e a humanidade. A patria brasileira.

A patria tem sido, por toda a parte, e sempre, uma das maiores preocupações dos homens. Por ellas, se tem sacrificado, na fornalha das guerras, legiões innumeraveis de mocidade. Umhas têm prosperado até ao fastigio, outras perecido até á saudade, e algumas, decaindo de um prestigio inegualado, esperam, sempre, uma renascença de esperança.

Os poetas as decantam, inspirados, em estrophes maviosas; os historiadores lhes descrevem a origem, a evolução e o destino; os oradores as declamam inflamados de eloquencia; os philosophos se converterem, por explical-as com theorias, que as exaltam até ao sublimé e ao extase, ou as menosprezam até ao preconceito e á rotina. Todos as sentem, senão com amor, ao menos com indifferença ou desprezo. Ella emociona até mesmo o coração dos nomades, entre os quaes, máo grado a estreiteza da vida que vivem, ella já se esboça na agremiação das familias, e communiidade de usos e religiões, sob o dominio de um cacique atilado e temido.

E', pois, a patria uma realidade universal e perenne.

Todavia, não é facil definil-a com precisão. Onde estão os elementos substanciaes da sua existencia, á parte as tonalidades individuanes, aquillo que as caracteriza entre si, e as distingue, umas das outras? Que concepção fundamental, em summa, clara, precisa, inequivoca, se pode ter da patria ?

PORQUE VARIAM AS IDEAS DE PATRIA

A razão por que, a despeito de universal e constante, variam as idéas de patria, está na impropriedade do methodo, com que as estudam. Não que se devam acoimar de má fé as doutrinas, que as negam, nem arguir-se de menos capazes aos que as obscurecem, e as deformam. A causa primaria de todo erro é a ruindade do methodo, com que as concebem.

A intelligencia do homem não dispõe senão de um só meio, para conhecer originariamente as cousas: é o seu contacto directo com as realidades cognoscendas. As idéas não se geram espontaneas no espirito, germinadas pela Razão, ou pela Revelação divina. Mas o espirito, as concebe com dados experimentaes, que os sentidos apanham no ambiente, a memoria conserva, e o pensamento decompõe e recompõe em criações ás vezes maravilhosas. A observação cautelosa das cousas é a base unica de toda a sabedoria humana. Por isto, quando vacillarem as nossas concepções scientificas, seja sobre o que fôr, o recurso legitimo e efficiente é observar, com logica, a realidade mal concebida.

Se ha duvidas, divergencias e contradições, sobre o que seja a patria, observemol-as, as que existem, e as que já se foram. Não haverá quem, ao cabo, não extranhe as vacillações e confusões anteriores.

A OBSERVAÇÃO DAS PATRIAS

Attentemos em algumas patrias: o Brasil, a França, a Inglaterra, a Belgica, os Estados Unidos, Portugal, a Italia, o Japão... O que, para logo, se nos depara, visivel e palpavel, é a existencia de um povo e de um territorio.

A humanidade se fragmenta em grupos, mais ou menos homogeneos pela raça, pelos costumes, pela linguagem, pelas tradições. Toda a terra está assim matizada destas agremiações de individuos, que a fatalidade historica ajuntou. E' evidentemente, o povo um dos elementos encontra-



veis, sempre, onde quer que a patria exista. Onde está, ou esteve, a patria, que não implicasse a realidade objectiva de um povo? Não se conhece, nem se poderia jamais conhecer tal cousa. Logo, o povo é um factor da patria, como a carne o é dos homens.

Com o mesmo relevo se nos apresenta o territorio em todas as patrias mortas e vivas. Os povos se localizam em regiões certas do globo. Ha, sem duvida, tribus nomades, vagueantes como ciganos. Mas ninguem as pode considerar como patrias. Serão, quando muito, nebulosas, donde poderia, com a fixação ao solo, nascer, um dia, uma patria noya. Um territorio, com fronteiras mais ou menos definidas, é o segundo elemento fundamental da patria, como o esqueleto o é do homem. Não importa que o territorio seja exiguo, como o da Republica de Andorra, ou de extensão enorme, como o da China. O tamanho não é nada; o essencial é a existencia do territorio. Quando pensamos em nossa patria, o traço mais assignalado da imagem é o da configuração geographica, o mappa, como nos habituamos a ver e a desenhar na escola primaria.

A patria é, pois, primeiramente, a gente e a terra, como a carne e os ossos o são do homem.

Mas não é tudo. O povo, que habita uma determinada terra, se anima de certo espirito. Compare-se o Brasil com a Polonia. Porque não é a Polonia, miseravel e retalhada, uma patria viva, como o Brasil? Sem duvida, foi uma patria extraordinaria e brilhante, que as luctas internas enfraqueceram e consumiram, até reduzi-la á carniça da Prussia arrogante, da Austria orgulhosa, e da Russia imperialista. Não é hoje senão, apenas, a saudade de uma patria, que espera o milagre de uma resurreição promettida.

Que lhe falta? A unidade de um governo proprio. E' um povo de heróes, que habita uma terra fecunda, mas governada por tres autocracias estrangeiras. Nem autonomia, nem unificação de poder. A conquista inimiga amortahou e sepultou a patria poloneza, até que a justiça tardia da humanidade seja, para ella, o que, para Lazaro sepulto, foi, um dia, a piedade de Jesus. Sem instituições politicas proprias, que a tradição solidifique e legitime, ou a



soberania popular conceba e realise, não se tem noticia de nenhuma patria viva e real.

A unidade do governo soberano é, pois, terceiro elemento da patria, como a intelligencia directora dos seus actos o é do homem. A patria é a terra, é o povo, é a soberania.

Ha mais. Os homens se agremiam, sob o imperio de um mesmo governo entre fronteiras territoriaes, para que lhes seja garantida a liberdade de pensar, de sentir, de querer, de agir. Cada qual, isolado, viria a perecer, de momento a momento, nas garras das feras, ou nós odios implacaveis dos seus semelhantes. A conservação e a expansão da vida requerem cohesão intelligente de forças, para a luta common em beneficio de todos. Dahi os feitos memoraveis do povo pela liberdade individual dentro do paiz, e pela independencia nacional em face do mundo. Mesmo com as agremiações, vêde, ainda agora, a matança em massa, dentro de um mesmo imperio, como a dos armenios infelizes pelos turcos facinoras, e fóra das fronteiras, como a dos belgas heroicos, pelos allemães transviados. A historia das reacções pela liberdade constitue, para cada povo, o melhor das suas tradições. Tambem as ha, sem duvida, nas sciencias e nas artes. Mas onde a liberdade não reflorece, o terreno é sa-faro para qualquer genero de gloria. Por isto, os feitos mais em relevo, mais brilhantes e ruidosos, são os militares pela grandeza do paiz, e os civis e politicos em prol da liberdade e da justiça. Dahi, as datas memoraveis, os homens illustres, as glorias nacionaes, os symbolos, as tradições.

As tradições fazem parte da patria, como da entidade moral de cada homem o seu passado, as suas experiencias. A patria, pois, pelo que até agora se vio, é a terra, é a gente, é a soberania, é a tradição.

Ainda apenas dois elementos: a lingua e as aspirações nacionaes. Não ha patria sem comunidade de idioma. A Suissa, onde tres linguas nacionaes se fallam, não é, em rigor, uma patria, mas um Estado da mais perfeita organização civil e politica. A Suissa são pedaços desgarrados de tres patrias distinctas. A sua existencia autonoma só se explica pela necessidade de defesa reciproca das suas tres vi-

sinhas irreconciliaveis. Cada secção da Suissa, a franceza, a alleman, a italiana, tende a se autonomizar, ou fundir-se na communhão dos seus irmãos de raça e de lingua. Só pelo idioma, assimilado desde o berço, os sentimentos nacionaes se apuram e cristalizam na constituição de uma certa unidade moral, basica, da patria. Nações de mosaico, ou Estados de retalhos, como a Austria-Hungria, não se mantêm unidas, senão sob o terror militar. São patrias monstros, como homens de dez pernas, ou tres cabeças. A unidade da lingua é um factor dynamico da cohesão nacional.

Até aqui, pois, a patria é a terra, a gente, a soberania, as tradições, a unidade da lingua.

E', por fim, o futuro. Nenhuma patria deixa de ter aspirações de aperfeiçoamento e de grandeza. Cada homem, além das suas ambições individuaes, aspira, para a sua terra e a sua gente, um renome e prosperidade collectiva. Todos nós, alem da nossa riqueza individual, queremos, para o Brasil, a mais invejavel grandeza: uma frota mercante na altura das nossas necessidades, uma poderosa marinha de guerra, um exercito que nos faça respeitadas, progresso industrial, agricola e commercial, que nos façam antes celheiro que mercado de consumo, a inteira verdade da democracia, e da instrucção publica, cultura artistica e scientifica, um nome glorioso e digno, um futuro pujante e inegualavel. O Brasil inteiro quer, pelo desenvolvimento natural das suas possibilidades, cooperar, com efficacia, para a grandeza e a gloria da humanidade livre e justa. Assim, todas as patrias têm as suas ambições de futuro. Umas se esforcem por dilatar os seus dominios coloniaes, outras por ampliar os horizontes da sua influencia moral, algumas por tirar desforras de affrontas passadas, não poucas por um logar tranquillo á luz do sol. Nenhuma deixa de ter aspirações, ainda que se limitem as de manter o prestigio actual, em que se achem.

Não sei se uma analyse perspicaz, e mais detida, não descobrirá, talvez, ainda outros elementos essenciaes da realidade patria. Quer parecer-me, todavia, que todas as demais suggestões da patria se reduzem a estes seis elementos fundamentaes, que acabo de bosquejar.



A DEFINIÇÃO DE PATRIA

Todas supõem um povo, de raça fixada, ou em formação, mas um povo: todas exigem uma terra, com fronteiras mais ou menos traçadas, exiguas ou amplas, mas sempre um certo e determinado territorio; nenhuma dispensa unidade de governo, monarchico ou republicano, autocratico ou democratico, mas sempre unidade de instituições politicas; cada qual implica a communhão de um idioma, primitivo ou culto, não importa, mas sempre unidade de lingua; nenhuma ha sem tradições, e nenhuma se comprehende sem ambições e esperanças.

A patria é, pois, a comunidade da terra e da gente, das instituições e da lingua, das tradições e do futuro.

PATRIA E LIBERDADE

Mas dilatemos o olhar, da patria á liberdade. Sem o conhecimento das relações entre uma e outra, a idéa da patria não teria relevo, nem contorno, que a tornem absolutamente inconfundivel. Como realidade objectiva, a patria, é, no espirito humano, uma idéa e um sentimento. Mas, no espirito humano, tambem ha, como reflexo do mais nobre predicado humano, a idéa e o sentimento da liberdade. Por contingencia inexoravel, se chocam, ás vezes, estes dois sentimentos. E, então, se proclama em dogma que o da patria é o dever supremo, a que o da liberdade ha de ceder o passo.

Será mesmo assim? Deve a liberdade individual ser sacrificada nos altares das Razões de Estado, para salvação da patria mal ferida, ou ameaçada de morte?

Estou que absolutamente não. Entre a patria e a liberdade, se força me fosse, um dia, preferir, eu preferiria a liberdade.

As cousas, realmente boas, não precisam de exagero, para brilhar de merecimento, e receber a consagração dos applausos. A bondade se assenta na verdade, e, quando a erigem num pedestal de mentira, logo se lhe gangrena o san-

gue. O exagero é a serpente de perdição das cousas boas e puras.

A patria não exige de nenhum de seus filhos o sacrificio da liberdade. Pelo contrario, a razão rigorosa da existencia da patria é a manutenção viva da liberdade.

Para nos convenceremos disto, basta a cautella de se precisarem os sentidos das palavras. Já sabemos o que é a patria. Que é, agora, a liberdade ?

Não ha de ser um poder absoluto de acção, porque, se todos os homens podessem fazer o que lhes viesse á cabeça, as contendas e as guerras seriam constantes e perpetuas entre elles. A vida humana não se compadece com a faculdade illimitada de acção, concedida a todos os individuos. A sociedade, onde por natureza, por necessidade, por interesse, os homens vivem, impõe inevitavelmentē acções e omissões, sob pena de sobrevir a destruição e o exterminio. O poder de acção de cada homem tem de se conformar com o respeito ás condições da vida collectiva. O excesso destas condições, imposto pelo Estado, é a tyrannia, a mordaga da liberdade, ventre maldito das revoluções. O minimo, porém, de restricções ao poder de acção de cada homem, tantas, e apenas tantas, quantas necessarias á existencia da sociedade, é a condição mesma da liberdade.

E' para fixar e impor aos individuos as condições da vida collectiva, que os povos, senhores de certas regiões do globo, sob a influencia criadora da lingua, e sob o imperio de governo proprio, tendo-se enpenhado em campanhas civis, ou aventurado em guerras estrangeiras, terminam formando e consolidando as patrias. Logo, a patria só se legitima, quando não desdenha a suprema razão da sua existencia, que é a liberdade. Nada mais absurdo, pois, que estar a patria contra a liberdade. Um governo de usurpação, sem duvida se incompatibilisa com a liberdade. Mas semelhante governo não é patria, senão enfermidade das patrias desvirilisadas, ensandecidas, ou corruptas. Não sendo a liberdade a omnipotencia da acção individual, mas o poder de acção compativel com a sociedade, os onus que o Estado exige dos cidadãos, inclusive o imposto de sangue nas guerras de defesa, como condição que é da vida collectiva,

não cerceiam, não contrariam, não violam a liberdade, mas a estabelecem, a garantem, a efficaciam.

Os governos, sim, têm, por erro, por covardia, por orgulho, destruído a liberdade, com falsas invocações do interesse da patria. São as tyrannias, que armam guilhotinas, que fazem dos justos e patriotas proscriptos e parias. Então, essa patria, indistincta dos governos corruptos e corruptores, essa patria monstro dos caudilhos sanguinarios é incompativel com a liberdade. Mas, neste caso, é a liberdade que deve prevalecer. Eu comprehendo e louvo que, ao jugo de uma autocracia de lodo, um homem digno prefira expatriar-se, para viver sob a doçura de um céu mais clemente, sob a garantia de um regimen de paz e respeito á natureza humana. Sendo, em summa, a patria uma condição da liberdade, a liberdade não se pode sacrificar pela patria que a corrompa.

A PATRIA E A HUMANIDADE

Por outro lado, peccam do mesmo modo as doutrinas, que amesquinham as patrias em louvor da humanidade.

E' um preconceito de estreiteza mental a patria, dizem ellas. São todos homens filhos de um mesmo Deus, irmãos todos, e não hostes. Por isto, o idéal supremo, acima do da patria, é o da humanidade. No dia, em que elle triumphar, a felicidade reinará na terra. E' um bello sonho: a humanidade sem fronteiras de povos, sem odios de raça, toda amor e fraternidade, como obra perfeita de um só e mesmo Criador.. A terra toda é uma cosmopolis de concordia. Já não ha mães, que gerem filhos para carniça de canhões, nem filhas para os mercados da torpeza. Em todos os lares ha lume e alegria, nem velhos, que mendiguem sustento, nem criancinhas, que chorem de fome. Ha justiça sem rogos, e ha pão sem avareza, abundante e universal, como o ar, o calor e a luz do sol. A terra é de todos, e o trabalho de cada homem, dando de sobra ás necessidades individuaes, tem direito a banir da terra a miseria, que opprime e desgraça.



Quem priva, quem impede, quem perturba a realização deste sonho de justiça ?

A patria, respondem, só ella, a sustentadora do capitalismo, inimigo eterno do trabalho.

Não ha maior engano, nem theoria mais subversiva, contra a qual devemos estar precavidos.

A igualdade absoluta de todos, ou nivelção entre os capazes e os tolos, os que sabem, e os que ignoram, os que trabalham, e os que vadiam, é a mais clamorosa desigualdade, a maior monstruosidade pratica imaginavel. Os vadios e os tolos continuariam ociosos e ignorantes, e, para elles, haveriam de trabalhar e aprender os bens nascidos. O resultado seria a escravização dos melhores pelos peiores.

Porque os bens, que se sonham, não caem do céu, em dadiva, por milagre, como outrora, o maná no deserto aos eleitos do Senhor. A saude e a fartura, postas ao goso de todos, são conquistas do trabalho. O essencial á obtenção dellas é que a todos seja facultado o trabalho livre, segundo as aptidões, capacidades, e energias individuaes.

O ideal de humanidade não é outra cousa. No dia, em que todos os homens gosarem, em todos os recantos da terra, a liberdade completa, nesse dia, o ideal de humanidade estará realizado. Não haverá, então, parasitas. O trabalho de cada homem sobra das proprias necessidades. E trabalhando uns mais productivamente que outros, em virtude das differenças de capacidade, nativa e adquirida, haverá, sempre e necessariamente, desigualdades economicas. Para que o capital não degenerem em polvo do trabalho, basta que gosem todos a legitima liberdade, sob o regimen da mais pura e completa justiça.

Mas como lograrem todos o goso da liberdade? Varrendo da superficie da terra todos os governos, toda sorte de autoridade, num imperio, sem imperio, de anarchia? Organizando-se toda a humanidade, sob um só governo?

Nem com o anarchismo sociocida, nem com uma organização cosmopolita, inexequivel, mas sim e só com as organizações parciaes da humanidade, com o estabelecimento dos varios Estados, a cristalização das varias patrias, até que, entre ellas, se forme a Liga das Nações, para contel-as

nos seus excessos. Se todas as patrias realizassem, como lhes cumpre, os seus objectivos de liberdade, o ideal de humanidade estaria realizado necessariamente. Logo, sobre não ser a patria incompativel com o ideal da humanidade, só por ella, o ideal da humanidade poderá, um dia, realizar-se.

O que da patria contraria a humanidade é o fanatismo nacionalista, o jacobinismo feroz dos incapazes, o bairrismo odiento das nullidades, a impotencia dos nativos na luta leal das competencias. Mas o amor da patria não implica o odio ao estrangeiro, como o amor de cada esposo á sua mulher não vive do odio que elle nutra ás outras mulheres. A patria não tem, por condição da sua existencia, o exclusivismo nacional em beneficio dos nullos e dos maus.

A PATRIA BRASILEIRA

Agora, algumas palavras finaes sobre a patria brasileira.

Não direi que o Brasil seja a mais brilhante de todas as patrias, mas provarei que, em potencialidade, é a melhor de todas, e é, na sua realidade actual, tão invejavel, como as que mais o forem. Basta para isto, que se confrontem, um a um, os elementos constitutivos da patria brasileiro, com os correspondentes das patrias estrangeiras.

Em primeiro lugar, a terra. O Brasil tem 8400.000 k. q. Na extensão ultrapassa a quasi todos os paizes do globo. E' claro que não é a quantidade que vale. Mas sim a situação privilegiada, em que esta immensidade territorial se acha no planeta. O solo nacional vae desde ás regiões equatorias, até ás frias campinas do sul, admiravel não só na variedade, mas na amenidade dos seus climas. A natureza ostenta, aqui, as mais variadas fertilidades. Ahi, estão as nossas luxuriantes mattas virgens, os campos de vastidão oceanica, os mais caudalosos rios do mundo, as cachoeiras mais portentosa, as regiões mais saudaveis, como os Campos de Jordão, e as praias mais veraneaveis, como a encantadora Praia Grande em S. Vicente. Nas suas immensas costas, se encurvam numerosos portos seguros para o commercio e a nave-



gação, como o de Santos e a incomparavel Guanabara do Rio de Janeiro. Que outro paiz ha, com tantas riquezas accumuladas, á espera do homem que as explore? e tanta magnificencia da natureza no céo e na terra? A situação geographicas do Brasil é das melhores e mais bellas do mundo. A natureza se esmerou em dotal-o de todas as opulencias e fascinações dos seus inexauriveis thesouros.

Quanto ao primeiro elemento, pois, das patrias, a terra, o Brasil supera a quantos ha grandes, hoje, no mundo.

Em segundo lugar, o povo. Não direi que o povo brasileiro exceda aos outros na intelligencia, no saber e na cultura moral. Nem é precisamente isto o que nos interessa. O de que, agora, se trata, é saber se a raça brasileira é capaz de produzir grandes homens. E' a nossa raça apta a criar homens saudaveis, homens intelligentes, homens de bem? Ha, na raça brasileira, o poder latente de gerar extraordinarias capacidades de adaptação á vida? Eu não preciso invocar senão um só exemplo: Ruy Barbosa. E' brasileiro de lei, na origem e no sangue, nas tradições de familia e no incomparavel amor á sua terra e á sua gente. A existencia, só por só, desta genial cerebração prova, inequivocamente, a capacidade da raça brasileira. Onde, hoje em dia, uma intelligencia que exceda á intelligencia ruybarboseana? Não a teve a Conferencia Internacional de Haya, para onde as nações se empenharam em mandar a fina flor das suas summidades. Em que época um orador, por mais Demosthenès, logrou a belleza das suas imagens, a logica da sua dialectica, a precisão e prévisão das suas doutrinas? E' o mais assombroso orador da historia. Deus não se limitou a nos dar o melhor quinhão do globo: quiz que o homem o merecesse na potencialidade da raça, e, então, entendeu dar uma amostra pratica em Ruy Barbosa. Dir-se-á, comtudo, que elle é um caso isolado. De accordo, não ha dois no mundo, nem mesmos entre nós. Mas deixa, com isto, de ser da raça brasileira? Deixa, com isto, a raça brasileira de ter sido capaz de o gerar? E é, por ventura, a quantidade que vale? Mesmo assim, se não temos tido toda uma flora de gigantes do espirito, como elle, ide buscar a causa, não na impotencialidade mental e moral da raça,

mas nas condições especiaes da nossa existencia de povo. Principalmente, a desproporção enorme da população nacional com a immensidade do nosso territorio, nem 3 habitantes por kilometro quadrado, é que tem difficultado, não só a diffusão da instrucção primaria, como a intensa cultura dos mais capazes. Muita gente ha obscura, muita cerebração ha desconhecida, sem a luz da sciencia que a faria brilhar. O que nos falta, é a intensa e extensa educação popular, como a têm outros povos. Isto, porem, não prova que a raça brasileira não produziu a cerebração ruybarbosiana. E' o quanto basta, para evidenciar a potencialidade da nossa raça em crear grandes homens.

O Brasil é, pois, no aspecto do povo, uma patria, que não inveja a nenhuma outra.

Em terceiro lugar, as tradições. Somos de hontem. Temos a nossa certidão de baptismo na celebrada carta de Vaz Caminha. Para uma nação, quatro seculos de existencias são ainda uma infancia. E' verdade que a civilização nossa não é, nem podia ser, autoctona. E' uma transplantação europeia, libertada dos seus seculares preconceitos de casta, moral e politicamente accrescida pelo sopro da liberdade e de egualdade. Mas, por isto mesmo que não tem o legado oneroso dos odio de casta, o Brasil se acha a coberto das necessidades, sempre imminente, de guerras com os seus visinhos, o Brasil não é terra propicia ás revoluções internas que mais fundo dividem os homens. Não obstante, teve de sustentar guerras estrangeira, em que nunca foi vencido, e teve de soffrer revoluções civis, para maior firmeza da liberdade e da egualdade. Num e noutro caso, lhe ficaram tradições, que o énobrecem. Não são nem podiam ser numerosas, como as de outras nações milenarias, em situação de aperto e má visinhança. Mas ainda e sempre não é o numero que decide. E o valor das nossas tradições não pede licença para luzir e fulgurar, com destaque, entre a mais brilhantes tradições alienigenas. Como simples amostras, lembrarei o nosso protesto contra o bombardeio de Valparaíso, em que desinteressadamente advogámos um principio de direito internacional, a solução pacifica das questões da Amapá, do Acre e das Missões, a cêssão do condominio

da Lagoa-Mirim, a honra inestimavel de nos não haveremos nunca enodado em guerras de conquista e de rapina, o preceito constitucional de só podermos entrar em guerra com outros povos, quando não haja logar, ou falhe, o arbitramento. São tantas que não cessaria tão cedo de enumeral-as. Estas que aqui se nomeiam, chegam a pôr em relevo o quilate moral das nossas tradições. Qual o povo que as tem melhores? Allegar-se-á, talvez, que, ao lado das tradições honrosas, nós temos algumas abominaveis: a instituição da escravatura, oppressões dictatoriaes, como a usurpação floriana e o negredado governo Hermes, ficções constitucionaes, como a legalidade do estado de sitio, o voto popular e o reconhecimento dos não eleitos, crimes politicos, officiaes, como o da Ilha das Cobras, a cuja lembrança todas as boas almas estremecem de indignação. A allegação é tristemente verdadeira. Mas dahi? Quem jamais tentou negal-os, ou encobril-os? O que, apenas, temos em vista, é mostrar que, comparada a proporção entre as nossas tradições boas e as más, com a mesma proporção em outros povos, e attendendo á nossa existencia nacional apenas de 4 seculos e pouco, as nossas tradições nos honram como nenhuma outra. Porque todos os povos têm, no seu passado, chronicas do crime, as suas Bastilhás, as suas Torres de Londres, as suas inquisições, o seus kaiserres. Demais, as grandes tradições estrangeiras são de glorias militares em guerras nem sempre justas, ao passo que nós jamais fizemos guerra contra o direito e a verdade; sempre nos empenhamos, para que as relações internacionaes se regulassem pela justiça, e não pelas armas. Estas tradições pacificas, e as glorias que ellas nos tem fructificado, bastam a collocar o Brasil na vanguarda das nações cavalheirescas em acção discreta, mas firme, pelo reino da paz e da justiça no seio da humanidade.

O Brasil, pois, quanto ás tradições, é patria que não inveja a nenhuma outra.

Em quarto logar, as instituições nacionaes. Cumpre, aqui, preliminarmente, não confundil-as com os governos. Em rigor, o governo deverá ser a expressão pratica das instituições politicas. Na realidade, porem, costuma sophismal-as e negal-as. O que faz parte integrante da patria, são

as instituições vigentes. E as instituições vigentes abrangem a constituição política e o governo. Os nossos governos não tem sido lá grandes modelos. Os excessos do poder executivo já se não sabem a quanto montam; as violações da Constituição pelo poder legislativo são cada vez mais incontrictas, e as fraquezas do poder judiciario se medem pelas curvaturas dos criados de libré. O Governo, que é a somma desses tres poderes em acção, tem (seria feio negal-o) exorbitado, conspurcado e deturpado a lei. O espirito da Constituição republicana ainda não anima, e não dirige os responsaveis por ella. Habitados ao regimen monarchico, não entenderam, nem praticam a pureza do regimen federativo presidencial. E' preciso que se propague a cultura civica e politica por todo o povo, para que, com o exercicio obrigatorio do voto intelligente, se renovem as camadas governativas, ozonando-as do espirito constitucional. Esse beneficio virá em tempo breve, se os moços souberem evitar a escola politica dos trampolineiros, que vencem. A' parte, porem, as mazellas do governo, as nossas instituições politicas são as melhores do mundo. E' a maravilhosa criação juridica norte-americana, transladada e apurada para a nossa terra. Por ella, a liberdade dos cidadãos é maxima, e as suas garantias perfeitas. Como extensão das liberdades, basta citar o artigo 72, que faculta a nacionaes e estrangeiros direitos e regalias, como em nenhum outro paiz. Para as seguranças da efficacia constitucional, adoptámos o Supremo Tribunal Federal, como arbitro inappellavel da lei, como oraculo, inerme e poderoso, da justiça e do direito, com cujas decisões refluem, impotentes, as ameaças das tyrannias renovadas. Com excepção da Republica Norte-Americana, nenhum Estado, hoje, no mundo, se sublima com a maravilha desta organização politica. E' um modelo e uma lição a todos os povos. Com mais um pouco de esforço da Nação, a realidade pratica do Governo reflectirá, com fidelidade, a maravilhosa organização politica da nossa terra.

O Brasil, em instituições politicas, iguala ás dos Estados Unidos, e supera a todos os demais paizes.

Em quinto lugar, a lingua. A lingua portugueza é

aquelle mesmo idioma dos Lusiadas, engrandecido e aprimorado por alguns seculos de cultura e bom gosto. Não é esta algaravia de calão, que nos costuma vir d'alem-mar, nem esta mescla indigena, que se apregoa, em dialecto brasileiro. E' aquelle primoroso verbo de Frei Luiz de Souza, de Camões, de Vieira, de Castilho Antonio, de Castello Branco, de Eça nas "Cidades e ás Serras", de Gonçalves Dias, de Machado de Assis, e, sobre todos, de Ruy Barbosa. Esta é a lingua portugueza. O idioma latino era o mais nobre, o mais severo, o mais puro, e o mais bello da antiguidade. A lingua portugueza, com ligeiras modificações para melhor, se diria que é a latina mesma, como proclamava aquella Venus protectora dos lusitanos audazes. Com excepção do idioma francez, que a longa cultura apurou em transparencias, donaires e graças, e o gentil idioma da Italia eterna, com as suas harmonias e doçuras de sabor divino, o idioma vernaculo, como se fala no Brasil na voz de Bilac, é a mais perfeita e culta lingua do mundo. Nenhuma a sobreleva em vocabulario, em torneios e modismos, em propriedade e singeleza, em clareza e elegancia. Nenhuma no poder de exprimir os mais intimas estados d'alma, as tonalidades mais fugidias dos sentimentos e dos idéaes. E' mascula, energica, distincta, inconfundivel nas graças patricias. O que lhe falta, é, apenas, o aproveitamento dos seus filões de ouro massiço. Ha confusões na sua orthographia, indecisões na sua syntaxe usual, expondo o estrangeiro, que a queira aprender, a serios tropeços. Culpa é dos que ainda ignoram ser a lingua, em cada momento historico, a tradição classica, seleccionada sob o criterio da clareza e da belleza. Aprimorada pela cultura de suas formas, enriquecida por aquisições novas, para as necessidades emergentes, o idioma lusitano attinge, sem favor, nem exagero, ás mais elevadas alturas da intelligencia e do saber.

Ainda neste aspecto, o Brasil é patria, que não inveja a nenhuma outra.

Em sexto lugar, e por fim, as aspirações nacionaes. Sonhemos este sonho de amanha: — o Brasil com cem milhões de habitantes; exploradas as riquezas inhexauriveis do seu sub-solo; aproveitadas a navegabilidade e a força



motora dos seus rios; aperfeiçoados os seus portos e bahias de incomparavel prestimo e formosura; cultivadas as suas terras feracissimas; cortado, em todas as direcções, por estradas de rodagem e vias-ferreas; desenvolvidas todas as suas industrias e commercio; sem nenhum analphabeto em todo o seu vastissimo territorio, e, em cada brasileiro, a consciencia viva do cidadão e do homem... futuro grandioso e possivel... se tivermos juizo. E' só dar tempo ao tempo, mantendo a cohesão nacional, e fomentando a natural expansão das nossas forças. Futuro grandioso, a que nenhum paiz, hoje, pode aspirar com iguaes probabilidades de exito.

Nesse dia, o Brasil, se acaso lhe fôr necessario, poderá fechar as suas fronteiras á communicação com o Universo, e dizer, com justificado orgulho: — Tenho de tudo, de nada preciso; eu sou um mundo á parte, o universo, para mim, sou eu mesmo.

(Da *Educação Civica*, a apparecer).

A. DE SAMPAIO DORIA





O COMPRADOR DE FAZENDAS

Peior fazenda que a do Espigão, nenhuma. Já arruinara tres donos, o que fazia dizer aos praguentos: Espiga é que aquillo é. O deteutor ultimo, um David Moreira de Souza, arrematou-a em praça convicto de negocio da China, mas lá andava, também elle, escalavrado de hypothecas, coçando a cabeça n'um des-animo...

Os cafesaes em vara, anno sim anno não batidos de saraiva ou esturrados pela geadá negra, nunea deram de si colheita de entupir tulha.

Os pastos ensapados, enguanxumados, ensamambaiados nos topes, eram aeampamentos de eupins com entremeio de maeegas mortigas, formigantes de carrapato; boi entrado ali punha-se logo de costellas a mostra, encaroçado de bernes, triste e dolorido de metter dó.

As caeoeiras substitutas das mattas nativas revelavam pela indisericção dos taboeas a mais safada das terras seeas. Em tal solo a rama braeejava a medo varetinhas nodosas; a eanna

cayenna assumia aspecto de cainhinha, e esta virava uns taquariços magrelas que passavam ineolumes por entre os eylindros moedores.

Piolhavam os cavallos. Os porcos escapos á peste enervavam na magreza pharaonica das vaccas egypcias.

Por todos os cantos imperava soberano o ferrão das saúvas dia e noite entregues á tosa dos capins para que em Outubro se toldasse o ceu de nuvens de iças em saracoteios amorosos com os senhores savitús.

Caminhos por fazer, cereas no chão, casas d'aggregados engotteiradas, combalidas de eumieira, prenunciando feias tape-ras. Até na moradia senhorial insinuava-se a breca, alvindo pannos de reboeo, careomendo assoalhos; vidraças sem vidro, mobilia capengante, paredes lagarteadas... intaeto que é que havia lá?

Dentro da esboreinada moldura o fazendeiro avelhuseado por força de successivas decepções, e, a mais, roído pelo canero voraz do premio, — sem esperança e sem concerto, coçava em vezes ao dia o redomoinho capillar da cabeça grisalha.

Sua mulher, a pobre D. Izaura, perdido o viço do outomno, agrupava na cara quanta sarda e pé de gallinha inventam a idade de mãos dadas com a trabalhosa vida.

Zico, o filho mais velho, saira-lhes um pulha, amigo de er-guer-se ás dez, ensebar a pastinha até ás onze, e consumir o resto do dia em namoriscos mal azarados.

Afóra este malandro tinham a Zilda, então nos dezesete, me-nina galante, porém sentimental mais do que manda a razão, e pede o socego dos paes. Era um ler Eserieh, a rapariga, um seismar amores d'Hespanha...

Em tal situação só havia uma aberta: vender a fazenda mal-dita fosse lá pelo que fosse, e respirar a salvo das dividas. Era difficil, entretanto, em quadra de café a cinco mil réis pôr unhas n'um tolo das dimensões requeridas. Já levados por an-nuneios manhosos varios pretendentes abicaram ao Espigão; mas franziam todos o nariz, indo-se a arrenegar da pernada, sem abrir offerta:

— De graça é caro, diziam elles de si para consigo.

O redomoinho do Moreira a cabo de coçadclas suggeriu-lhe uma traça mystificatoria: entreverar de cahetés, cambarás,

unhas de vacca e outros padrões transplantados das visinhanças a fimbria das capoeiras, e uma ou outra entrada accessivel aos visitantes. Fel-o, o maluco, e mais: metteu um páu d'alho importado da terra roxa em certa grota. E ainda adubou os cafeeiros margeantes ao eaminho, o sufficeinte para eneobrir a mazella dos demais. Onde um raio de sol denuneiava com mais viveza um vicio da terra, ahi o alucinado velho botava a peneira...

Um dia recebeu carta do seu agente de negocios. "Voce tempere o homem, aconselhava elle, e saiba manobrar os padrões que este eae. Chama-se Pedro Traneoso, é muito rico, muito moço, muito prosa, e quer fazenda de reereio. Depende tudo de v. espigal-o com arte de barganhista ladino."

Preparon-se Moreira para a empresa. Advertiu em primeiro aos aggregados para que estivessem a postos, afiadissimos de lingua. Industriados pelo patrão estes homens sabiam responder com manha consummada ás perguntas dos visitantes, de geito a transmutar em maravilhas as ruindades loeas. Os pretendentes, como lhes é suspeita a informação do proprietario, costumam interrogar a socapa os encontradiços.

Ali se isso acontecia, e acontecia sempre, porque era Moreira em pessoa o machinista do acaso, havia dialogos desta ordem:

— Gêa por aqui?

— Coisinha, e isso mesmo só em anno bravo.

— O feijão dá bem?

— Nossa! Inda este anno plantei cinco quartas e malhei centoa alqueires. E que feijão!

— E o gado? Berneia muito?

— Qual o que! Lá um ou outro earoeinho, de vez em quando.

Para eriar não ha melhor. Nem herva nem feijão bravo. O patrão é porque não tem forças. Tivesse elle os meios e isto virava um fazendão!

Avisados os espoletas, discutiram-se á noite os preparativos da hospedagem, alegres todos pelo revicar das esperanças emmureheidas.

— Estou com palpito que desta feita a "coisa" vaç, disse o filho maroto; e declarou necessitar á sua parte de tres contos de réis para estabelecer-se.

— Estabelecer-se com que? perguntou admirado o pae.

— Com armazem de seccos e molhados na Volta Redonda.

— Na Volta Redonda! Já me estava espantando uma ideia boa nessa cabeça de vento. Para vender fiado á gente da Tudinha?

— O rapaz se não corou, calou-se; havia razões para isso.

A mulher queria casa na cidade; de ha muito trazia d'olho uma de porta e janella em certa rua, casa baratinha, d'arranjados.

Zilda, um piano, e caixões e mais caixões de Escrich.

Dormiram felizes essa noite e no dia seguinte mandaram cedo á villa buscar gulodices de hospedagem: manteiga, um queijo, biscotos. Na manteiga houve vacillações.

— Não vale a pena, reguingou a mulher; sempre são tres mil réis. Antes me comprassem com esse dinheiro a peça de algodãozinho que tanta falta me faz.

— E' preciso, filha; ás vezes uma coisa de nada engambella um homem e facilita um negocio. Manteiga é graxa, e graxa engraxa.

Venceu a manteiga.

Emquanto não vinham os ingredientes metteu D. Izaura unhas á casa, varrendo, espanando e arrumando o quarto de hospedes; matou o menos magro dos frangos e uma leitôa manquitola, temperou a massa do pastel de palmito e estava a folheal-a, quando,

— Evem elle! gritou Moreira da janella, onde se postára, desde cedo, muito nervoso, a devassar a estrada por um velho binoculo; e sem deixar o posto de observação, transmittia á occupadissima esposa os pormenores divisados...

— E' moço... Bem trajado... Chapeu panamá... Parece o Chico Cambabora...

Chegon afinal o homem, apeou-se, deu cartão: Pedro Trancoso de Carvalhaes Fagundes. Bem apessoado. Ares de muito dinheiro. Mocetão e bem falante mais que quantos, até aquella data, apearam ali.

Contou logo mil cousas, com o desembaraço de quem no mundo está de pijama como em casa sua, — a viagem, os incidentes, um mico que vira pendurado n'um galho d'embaúva. Entraram para a saleta de espera, e Zico, incontinentemente, grudou-se d'ouvido ao buraco da fechadura, d'onde cochichava ás mu-

heres occupadas na arrumação da mesa o que ia pillhando da conversa. Subito, esganiçou para a irmã n'uma eareta suggestiva:

— E' solteiro, Zilda!

A menina largou disfarçadamente os talheres, e sumiu-se. Meia hora depois reapareceu, trazendo o melhor vestido, e no rosto duas redondinhas rosas de carmim. Quem a ess'hora penetrasse no oratorio da fazenda notaria nas rosas de papel de seda vermelho que enfeitava o S. Antonio a ausencia de varias petalas... e aos seus pés uma vellinha acesa.

Na roça o *rouge* e o casamento saem do oratorio.

Trancoso dissertava sobre os mais variados themes agrieolas.

— O canastrão? Pff! Raça tardia, muito agreste. Eu sou pelo Paland Chine. Tambem não é máo o Large Blaek. Mas o Poland! que preciosidade! que raça!

Moreira, chucro na materia, e só conhecedor das pelhancas famintas, sem nome nem raça, que lhe grunhiam em roda á casa, abria insensivelmente a bocca pasmada.

— Como em materia de pecuaria bovina, continnava Trancoso, tenho para mim que andam todos, de Barretto a Prado, erradissimos. Nem selecção, nem cruzamento. Quero a adopção immediata das mais finas raças, o Polled Angus, o Red Lincoln. Não temos pastos? Façamol-os. Plantemos alfafa. Fencemos. Ensilemos. O Assis confessou-me uma vez...

O Assis! Aquelle homem confessava os mais altos paredros de agricultura! Era intimo de todos elles, o Prado, o Barreto, o Cotrim... E de ministros! "Eu já alleguei isso ao Bezerra..."

Nunca a fazenda se honrara com cavalheiro mais distincto, assim bem relacionado e tão viajado.

Falava da Argentina e de Chicago como quem veiu hontem de lá. Maravilhoso! A bocca de Moreira abria, abria, e acensava o gráo maximo da abertura permittida a angulos maxillares, quando uma vozinha feminina annunciou o almoço.

Apresentações. Mereceu Zilda louvores nunca sonhados, que a puzeram de coração aos pinotes. Tambem os teve a galinha ensopada, o títu' com torresmos, o pastel e até a agua do póte.

— Na cidade, senhor Moreira, uma agua assim pura, crystallina, absolutamente potavel, vale o melhor dos vinhos. Felizes os que podem bebel-a!

A familia entrecolheu-se: nunca imaginaram possuir em casa semelhante preciosidade, e insensivelmente sorveu cada um o seu gole, como se naquelle momento travassem conhecimento com o precioso nectar. Zico chegou a estalar a lingua.

Quem não cabia em si de gozo era a D. Izaura. Os elogios á sua culinaria puzeram a boa senhora rendida; por metade d'aquillo já se daria por bem paga da trabalhadeira.

— Aprende, Zico, coehiehava ella ao filho, o que é educação fina. Isto é que é ser gente!

Após o café, brindado com um — delicioso! — convidou Moreira o moço para um gyro a cavallo.

— Impossivel, meu caro, não monto em seguida ás refeições: dá-me cephalalgia.

Zilda corou. Zilda corava sempre que não entendia uma palavra.

— A' tarde sairemos, não tenho pressa. Prefiro agora um passeiosinho pedestre pelo pomar, a bem do chylo.

Emquanto os dois homens, em pausados passos, para lá se dirigiam, Zilda e Zico correram ao dicionario.

— Não é com S!, disse o rapaz.

— Veja com C., alvitrou a meuna.

Com algum trabalho encontraram a palavra.

— Dor de cabeça! Ora! ora! Uma coisa tão simples...

A tarde, no gyro a cavallo, Trancoso admirou e louvou tudo quanto lhe passou pelos olhos, com grande espanto do fazendeiro, que pela primeira vez ouvia elogios ás cousas suas.

Os pretendentes, em geral, malsinam de tudo, com olhos abertos só para os defeitos; diante duna barroca abrem-se em exclamações sobre o perigo das terras frouxas; acham más e poucas as aguas; se enxergam um boi não despegam a vista dos bernes. Trancoso, não. Gabava! Quando Moreira nos trechos mystificados apontou os padrões, o moço embasbacou.

— Caquéra! Mas isto é raro!

Em face do pau d'alho culminou-lhe o assombro.

— E' maravilhoso o que vejo!. Nunca supuz encontrar nesta zona vestígios de semelhante arvore! — disse mettendo na carteira uma folha como lembrança.

Em casa abriu-se para com a velha.

— Pois, minha senhora, a qualidade destas terras excedeu de muito á minha expectativa. Até pau d'alho! Isto é positivamente famoso!

D. Izaura baixou os olhos.

A scena passava-se na varanda. Era noite, noite trilada de grillos, coxada de sapos, com muitas estrellas no ceu e muita paz na terra. Trancoso refestelado n'uma preguiçosa, transfez o sopor da digestão em quebreira poetica.

— Este cri-cri de grillos, como é encantador! Eu adoro as noites estrelladas, o bucolico viver campesino, tão sadio e feliz!...

— Mas é muito triste, aventurou Zilda.

— Acha? Gosta mais do canto estridente da cigarra em pleno sol? disse elle amelaçando a voz; — é que no seu coraçãozinho ha qualquer nuvem a sombreal-o.

Vendo Moreira assim atizado o sentimentalismo, e desta feita passivel de consequencias matrimoniaes, houve por bem dar uma pancada na testa e berrar: "Oh, diabo! não é que me ia esquecendo do..." Não disse do que, nem era preciso. Saiu precipitadamente deixando-os sós.

Continuou o dialogo, mais mel e rosas.

— O seuhor é um poeta! exclamou Zilda a um regorgeio dos mais sucados.

— Quem o não é, debaixo das estrellas do ceu, ao lado d'uma estrella da terra?

— Pobre de mim! suspirou a menina palpitante.

Tambem do peito de Trancoso subiu um suspiro. Seus olhos alçaram-se a um cirro que fazia no ceu as vezes da Via-Lactea, e sua bocca murmurou em soliloquio, um "postal" desses que derrubam meninas:

— O amor!... A via-lactea da vida!... O aroma das ro-

sas, a gaze da aurora!... Amar, ouvir estrellas... Amai, pois só quem ama entende o que ellas dizem!

Era zurrapa de contrabando; não obstante ao paladar inexperto da menina soube a Lacryma-Christi. Ella sentiu subir á cabeça um vapor. Quiz retribuir. Deu busca nos ramilhetes rhetoricos da memoria em cata da flor mais bella. Só achou um bogari.

— Lindo pensamento para um album! disse. Pararam no bogari; o café com bolinhos de frigideira veio interromper o idyllio nascente.

Que noite aquella! Dir-se-ia que o anjo da Felicidade distendera suas azas consteladas por sobre a casa triste. Zilda via realizar-se todo o Eserich deglutido. D. Izaura gozava-se da possibilidade de casar-a rica. Moreira sonhava quitações de dividas com sobras fartas a tilintar-lhe no bolso. E Zico, transfeito imaginariamente em commerciante, fiou, a noite inteira, em sonhos, á gente de Tudinha, que afinal, captiva de tanta gentileza, lhe concedia a menina.

Só Trancoso dormiu o somno das pedras, sem sonhos nem pesadelos. Que bom é ser rico!

No dia immediato visitou o resto da fazenda, cafesacs e pastos, examinou criação e bemfeitorias; e como o gentil mancebo continuasse no enlevo, Moreira, deliberado na vespera a pedir 40 contos pela Espiga, julgou de bom aviso elevar o preço. Após a scena do páu d'alho suspendeu-o mentalmente para 45; findo o exame do gado pulou para 50; de volta do cafesal firmou-se em 60. E assim, quando foi abordada a magna questão, o velho disse corajosamente, na voz firme de um *alea jacta*:

— Sessenta... e cinco, e esperou de pé atraz a ventania.

Trancoso, porém, achou razoavel o preço.

— Pois não é caro, disse, está um preço mais moderado do que eu suppuz.

O velho mordeu os beiços e tentou emendar a mão.

— Sessenta e cinco, sim, mas... o gado fóra...

— E' justo, respondeu Trancoso.

— ...e fóra tambem os porcos...

— Perfeitamente.

— ...e a mobilia.

— E' natural.

O fazendeiro engasgou: não tinha mais que excluir; confessou-se lá de si para consigo que era uma cavalgada: porque não pediu logo oitenta?

A mulher, informada do caso, chamou-lhe sarambé e paz-vobis.

— Mas creatura, por 40 já era um negocião!

— Por 80 seria o dobro melhor. Não se defenda. Eu nunca vi Moreira que não fosse palerma e sarambé. E' do sangue. Você não tem culpa.

Amãram um bocado, mas a ancia de architectar castellos com a imprevista dinheirama, varreu logo a nuvem.

Zico aproveitou a aura para insistir nos tres contos do estabelecimento, e obteve-os.

D. Izaura desistiu da tal casinha. Lembrava agora uma outra, maior, em rua de procissão, a casa do Eusébio Leite.

— Mas essa é de 12 contos, advertiu o marido.

— Mas é outra cousa do que não é aquelle casebre. Muito bem repartida. Só não gosto da alcova pegada á copa; muito escura...

— Abre-se uma claraboia.

— Tambem o quintal precisa de reforma; em vez do ecreado de gallinhas...

Até noite alta, enquanto não vinha o somno, foram remendando a casa, pintando-a, transformando-a na mais deliciosa vivenda da cidade. Estava o casal nos ultimos retoques, dorme-não-dorme, quando Zico bateu á porta.

— Tres contos não bastam, meu pac; são precisos cinco. Ha a armação de que não me lembrei, e os direitos, e o aluguel da eãsa, e mais coisinhas...

O pac concedeu generosamente seis entre dois bocejos.

E Zilda? Essa vogava em alto mar d'um romance de fadas. Deixemol-a vogar.

Chegou finalmente o dia de ir-se o amavel pretendente. Trancoso despediu-se. Sentia muito não poder prolongar a deliciosa estadia, mas interesses de monta chamavam-no. A vida do capitalista não é folgada como parece... Quanto ao negocio considerava-o quasi feito; daria a palavra definitiva dentro de semana.



Partiu Trancoso, levando um pacote de ovos — gostára muito da raça de galinhas criada ali; e um saquinho de carás — petisco de que era mui guloso.

Levou ainda uma bonita lembrança: o rosilho do Moreira, o melhor cavallo da fazenda. Tanto gabara o animal durante os passeios que se viu o fazendeiro na obrigação de recusar uma barganha proposta, e dar-lh'o de presente.

— Vejam voces, disse Moreira resumindo a opinião geral: moço, riquissimo, direitão, instruido como um doutor, e, no entanto, amavel, gentil, incapaz de torcer o nariz como os pulhas que cá tem vindo! O que é ser *gente*!

A' velha agradava sobretudo aquella semcerimonia. Levou ovos e carás! Que mimo! Todos concordaram, louvando-o cada um ao seu modo. E assim, mesmo ausente, o gentil ricaço preoccupou a casa durante a semana. Mas a semana transecorreu sem que viesse a resposta ambicionada. E mais outra. E outra ainda. Escreveu-lhe Moreira, já apprehensivo. Nada. Lembron-se, d'um amigo, morador da mesma cidade, e endereçou-lhe carta pedindo que obtivesse do capitalista a solução definitiva; quanto ao preço abatia alguma coiza, dava a fazenda por 55, por 50 e até por 40, com eriação e mobilia.

O amigo respondeu sem demora. Ao rasgar do envelope os quatro corações da Espiga pulsaram violentos: aquelle papel encerrava o destino de todos os quatro. Dizia a carta: "Caro Moreira. Ou muito me engano ou estás illudido. Não ha aqui nenhum Trancoso Carvalhaes capitalista. Ha o Trancosinho, filho de Nha Veva, vulgo Sacatrapo. E' um espertalhão que vive de barganhas e sabe illudir aos que o não conhecerem. Ultimamente tem corrido o Estado de Minas, de fazenda em fazenda, sob varios pretextos. Finge-se as vezes de comprador, passa uma semana em casa do fazendeiro, a caceteal-o, em passeios pelas roças, e exames de divisas, come e bebe do bom, namora as criadas, ou a filha, ou o que encontra, e no melhor da festa raspa-se. Tem feito isto um cento de vezes, variando sempre de zona. Gosta de variar de tempero, o patife. Como aqui Trancoso só ha este, deixo de apresentar ao pulha a tua proposta. Ora o Sacatrapo a comprar fazenda!"

Moreira cahiu numa cadeira, aparvalhado, com a carta na mão. Depois o sangue lhe avermelhou as faces e os olhos chisparam.



— Caehorro!

As quatro esperanças da casa ruíram com fragor, entre lágrimas da menina, raiva da velha e eolera dos homens. Zico propoz-se a partir incontinentemente na piugada do biltre afim de quebrar-lhe a cara.

— Deixa, menino. O mundo dá voltas. Um dia cruzo-me com o ladrão e justo contas.

Pobres castellos! Nada ha ahi mais triste que estes repentinamente desmoraamentos de illusões. Os formosos palacios d'Hispanha erigidos durante um mez, á custa da mirifica dinheirama, fizeram-se taperas sombrias, como nas magicas. D. Izaura chorou os bolinhos, a manteiga, os frangos. Quanto á Zilda o desastre operou como pé de vento através de paineira florida. Caiu de cama, febril. Eneovaram-se-lhe as faces.

Todas as passagens tragicas dos romances lidos desfilaram-lhe na memoria; reviu-se na victima de todas ellas. Pensou dias a fio no suicidio. Por fim habituou-se com a ideia e continuou a viver. Teve azo de verificar que isto de morrer d'amores só no Eserieh.

Acaba-se aqui a historia — para a platéa; para as galerias segue inda por meio palmo. As platéas costumam impar umas taes finuras de bom gosto e tom muito de rir; entram no theatro depois de começada a peça, e saem mal as ameaça o Epilogo. Já as galerias querem a coisa pelo comprido, a geito de aproveitar o dinheirinho até ao derradeiro real. Nos romances e contos pedem esmiuçamento completo do enredo, e se o autor, levado por formulas de escola, arruma-lhes para cima, no melhor da festa, uma caudinha retieenciada, a que chamam nota impressionista, franzem o nariz. Querem saber, e fazem muito bem, se Fulano morreu, se a menina easou e foi feliz, se o homem afinal vendeu a fazenda, a quem, e por quanto.

Sã, humana, e respeitabilissima curiosidade!

— Vendeu a fazenda o pobre Moreira?

Peza-me confessional-o: não! E não vendeu por artes do mais estranho, absurdo, inebecivel e fantastico de quantos qui-pró-quos tem armado neste mundo o diabo — sim, porque

afóra o tinhoso quem é capaz de intrincar os fios da meada, com laços e nós cegos, justamente quando vae a feliz remate o croché?

O acaso deu a Trancoso uma sorte de cincoenta contos na loteria. Não se riam. Porque motivo não havia Trancoso de ser o escolhido, se a sorte é cega e elle trazia no bolso um bilhete? Ganhou os 50 contos, dinheiro para um pé-atraz d'aquella marca significativo de grande riqueza.

De posse da maquia, após os dias de tonteira, deliberou afezendar-se. Queria tapar a bocca ao povo realisando uma cousa que jamais lhe passara pela cabeça: comprar fazenda.

Correu em revista quantas visitara nos annos de malandragem, propendendo afinal para a Espiga. Ia nisso sobretudo a lembrança da menina, dos bolinhos da velha, e a ideia de metter na administração ao sogro, de geito a lhe folgar uma vida de regalos, embalada pelo amor da Zilda e os requintes culnarios da sogra.

Escreveu pois ao Moreira annunciando a sua volta afim de fecharem o negocio.

Ai! Quando tal carta penetrou na Espiga houve rugidos de colera entremeiados de bufos de vingança.

— E' agora! disse o velho. O ladrão gostou da pandega e quer repetir a dose, mas desta vez curo-lhe a balda; ora se! — concluiu esfregando as mãos no antegozo do despique

No murcho coração da pallida Zilda bateu um relampago de esperança; a noite de su'alma alvorejou ao luar de um "Quem sabe?" Não se atreveu, todavia, a arrostar a colera do pae e do irmão, concertados n'um tremendo ajuste de contas. Confiou no milagre. Accendeu outra vellinha ao Sto. Antonio.

O grande dia chegou. Trancoso rompeu pela fazenda caracolando o Rosilho. Desceu Moreira a esperal-o em baixo, de mãos ás costas. Antes de soffrear as redeas já o amaval patife abriu-se em exclamações.

— Ora viva, caro Moreira! Chegou emfim o dia do negocio. Desta feita compro-lhe a fazenda.

Moreira tremia. Esperou que o biltre apeasse, e mal Tran-coso, lançando as redeas, dirigiu-se-lhe de braços abertos, todo risos, o velho saca de sob o jaleco um rabo de tatu' e rompe-lhe para cima com impeto de queixada.

— Queres fazenda, grandessissimo tranca! toma, toma fazenda, ladrão! — e *lepte, lepte*, finca-lhe rijas rabadas cole-ricas.

O pobre rapaz, tonteado pelo imprevisto da aggressão, corre ao cavallo e monta ás cegas, de passo que o Zico, avançando com um grande relho lhe sacode no lombo nova serie de lambadas de aggravadissimo ex-cunhado.

D. Izaura atiga-lhe cães:

— Pega, Brinquinho! Ferra, Joli!

O mal azarado comprador de fazenda, acuado como raposa em terreiro, dá de esporas e foge a toda, sob um chuveiro de insultos e pedras. Ao cruzar a porteira inda teve ouvidos para distinguir dentro da grita os desaforos esganiçados da velha:

— Comedor de bolinhos! Papa-manteiga! Toma, que em outra não has de cair, ladrão de ovo e cará!

Atraz da vidraça com os olhos pisados do muito chorar, a triste menina viu desaparecer para sempre, envolto em nuvens de pó, o cavalleiro gentil dos seus dourados sonhos.

Moreira, o caipora, perdia, assim, naquelle dia, os dois únicos negocios bons que durante a vida lhe deparara a Fortuna: o duplo descarte da filha, e da Espiga...

MONTEIRO LOBATO



FLÔR DO CAMPO (*)

NARRATIVA

PRIMEIRA PARTE

XVIII

E ia passando o tempo socegado,
Té que uma tarde — era a primeira vez
Que Flavio e Laura frente a frente um do outro
Viam-se a sós. Laura esperava-o sempre,
Ao portão do jardim, junto de Alice;
E a presença de Alice desatava
O embaraço da espera e da entrevista.
E ou fosse a ausente usada companhia,
Ou a nova expressão dos olhos d'ella
De timidez inquieta e quasi ousada,
Um quer que fosse extranho e não roceiro,
Flavio sentiu o coração mais rapido.
E as mãos dos dois juntando-se tremiam
— “Sabe? disse ella — e a sua voz echoava
O alvoroço contido da palavra —
Alice vae-se embora esta semana.”
E fechou de repente o olhar no delle,
Que se deixava estar como esquecido
Sob o effluvio da luz do rosto della.
Então ao alvoroço da pergunta
Sucedeu doce espanto de surpresa
Que lhe aflorou nos labios um sorriso,
E fez bater-lhe as palpebras na rapida
Agitação com que da luz protegem
Encandeados olhos. Flavio olhava-a
E ella, ou porque não lhe bastasse tudo,

(*) V. n. 26 da Revista do Brasil.



Ou só por gosto de fallar ainda
 Por disfarçar a commoção alegre,
 Ou remorso do próprio pensamento,
 Fallou de Alice: — "Vou sentir saudade
 Quem deixará de ter saudades della?
 Não acha?" — "Certo; é tão gentil e boa;
 Quem não terá saudades? Faz-nos falta
 Para os nossos passeios." — "Só por isso
 (E mal continha o puro egoísmo della
 O prazer de contente) Só por isso?
 Pois eu suppunha... (E o riso d'alma, subito
 Na bocca se abroihou em reticencia,
 E nos olhos, em tenue luz de scisma,
 Velado inda da sombra de um receio
 Passado embora)... é que eu suppunha que...
 Tinha a certeza que, partindo Alice,
 Eu ficaria só."

Olhos fechados

Um momento, reabriu-os fitos nelle.
 Que palavras, que juras valeriam
 A expressão de verdade irradiante
 Que a alma de Flavio trouxe á flor do rosto,
 E era como a oração muda de um crente?
 Olharam-se um ao outro olhos nos olhos;
 E Flavio, por vencer o enleio, disse:
 — "De hoje em diante somos Laura e Flavio.
 Diga-me: Flavio" — E ella sorrindo, a custo,
 Quasi em sussurro, como um beijo escapo,
 Tirou do intimo d'alma o nome: Flavio...
 E a alma com o nome veiu aos labios d'ella,
 E abriu-se-lhe em rubores peias faces.
 — "Noivos não fazem cerimonia, Laura,
 São como irmãos, mais do que irmãos;... mas oihe
 Só para nós; deante toda gente
 Vamos ser doutor Flavio, dona Laura."

XIX

Gota de orvalho, que na espalma folha
 Do mais alto de uma arvore se engasta,
 Enquanto a não distilla o sol que sobe,
 Reluz e espelha na opalina curva
 A esplendida expansão azul do estfo,
 E no ambito minusculo de um pingo



Envolve um mundo de harmonia e graça
E forma e força e luz e movimento.
Tal a vida feliz de Flavio e Laura.
Num cantinho da terra, longos dias
Morou contentamento doce e puro,
Que reflectia todo o bem do mundo,
Ignorado de todo o mundo emtanto.

XX

Foi quando o fazendeiro, pai de Laura,
Voltando ao arraial, conheceu Flavio.
Simples roceiro que era, de alma aberta,
Com seus olhos de pai, viu-lhes o affecto,
E descansou no moço o olhar contente.
E retornando então para a fazenda,
Foi a familia, e acompanhou-a Flavio,
Mais do que mero convidado hospede,
Tacito noivo para os pais de Laura.
Tacito só para elles, pois, que expresso
Era-o já entre os labios namorados,
Entre os olhos accesos, em sorrisos,
Em palavras, em raios luminosos,
Em beijos innocentes, que se abriam
Como as aves por si abrem as azas,
Mal que as revestem pennas para o vôo.

XXI

Fazenda antiga, surta em plena mata,
De costumes roceiros primitivos,
Como a saudou alegre o olhar de Flavio!
Dir-se-ia que era o berço a que volvêra,
Tão bem quadrava essa paysagem rústica
A' vida e ao sonho d'elle. A ingenuidade
Da gente e do logar lho desvestia
A alma de tanta sobreposta imagem
Que interceptava o natural sentido.
Fazia-se menino a pouco e pouco;
O espirito folgava-lhe travesso,
Como um collegial que volta em ferias
A' expansão livre do nativo campo.

Laura, também lhe parecia agora
 Mais engraçada e mais perfeita. A graça,
 A vida, a perfeição, a formosura
 De um beija-flor só as revela o vôo
 Inquieto, arisco, rápido, em sussurro,
 No prado livre. A borboleta esplende
 Em todo o encanto do iris da aza florea
 No lento, balouçado e fofo adejo
 Que espelha a luz do sol em chamalote.
 Também a flor silvestre, linda e gracil
 Não lhe sentrás a belleza viva
 No acanhamento de um jardim factício;
 Mas na larga extensão de monte ou valle,
 Que outra flor de cultivo a sobrepuja
 Em graça e côr? e até no mesmo aroma,
 Que, imperceptível no arrancado calix,
 Na moita agreste forma todo o ambiente,
 Com o fino pollen de ouro que inebria
 Myriades de insectos voadores;
 E nas noites de lua a flor silvestre
 Dá impressão de ter perfume o luar.

A flor silvestre da fazenda antiga,
 A borboleta livre em seu desejo,
 O sussurrante beija-flor em vôo,
 Era Laura revinda ao ar agreste,
 No seu simples vestido campesino,
 Calix harmonioso em que exhalava
 Belleza, luz e força da alma e corpo.
 Era allí como deusa vinda á terra,
 Esquecida da própria divindade;
 E Flavio, o homem tocado de uma deusa,
 E espantado de haver deusas tão simples.

XXII

Deusa e homem... Crenças é que eram.
 Ell-os ahí vão á cata das fructeiras
 Pelo extenso pomar. Abril passara
 Sem chuva, o dera o dom da safra nova
 Dos cambucás. Do glabro tronco aos galhos
 Mais esgulos, mais altos, em borbulha,
 Salta subito o fructo; a seiva farta



Corre apressada em flor, agrago e o pomo
Entre a ramada verde, Laura e Flavio
Espreitam, contam, de olhos soerguidos,
Tantas, tão altas, tão vermelhas... Flavio
De um salto de flexão á arvore sobe,
E como um agil gato, cauteloso
De não pisar á toa, corre os ramos;
E Laura embaixo a leve sala encopa
Onde um a um os cambucás se empilham,
Dos que não saltam sobre o solo e estalam...
Que pena! tanta fructa que se perde!
Quer apanhal-as Laura; olhos reparte
Entre as que pulam rebentando a polpa
No chão e as outras que já Flavio atira,
Alvejando-lhe o cafo do vestido;
Mas desconcerta o movimento mutuo,
Não raro attinge a cabecinha amada
Esta e outra fructa. "Ai Flavio!" e Laura ri-se,
Ri-se e ao peso das fructas que arregaça,
Solta um momento a mão: estala o riso;
Toda a carga das fructas se derrama,
E ella, entre o espanto e o riso irresoluta,
Antes que volva a recolhel-as, Flavio
Ao lado della já lhe envolve a cinta;
E rindo os dois, sentados alli mesmo,
A saborosa rubra polpa sorvem;
Sorvem alegres e gulosamente
Os cambucás, e ás vezes, entre as fructas,
De bocca a bocca um beijo passa e vóa.

XXIII

Amor é companheiro ingenuo e facil:
Nunca a invenção lhe falta com que teça
As traças do prazer. E horas e dias
Do compasso monotonico do tempo
Fazem um rythmo vario de surpresa,
Como se a vida apenas começasse.
Flavio e Laura, que importa para elles
A passagem do tempo, ou qual o tempo?
Ha sempre aurora, e é sempre azul o espaço;
Que o espaço, o mundo todo se illumina
Da grande luz interior que os leva
E os corações em sonho lhes conjuga,

Em passeio na terra e no infinito.
Nem elles já distinguem terra e espaço,
Senão que a terra é um piso para o vôo;
E vão como dois passaros voando
Aqui e alli...

E tudo elles percorrem

Pela velha fazenda. Entre as lavouras,
Pelos cannaviaes que além ondulam,
Mar verde-claro sobre o escuro valle,
Perlongando a inflexão do lento rio.
E acima, pelo cafesal que ascende
Enfileirado ao tope das montanhas,
Transpondo grotas, coroando os morros.

Por onde os leve a phantasia, o acaso
De uma trilha, o capricho do passeio,
Elles lá vão, o par enamorado,
Curiosos do tudo, e achando em tudo
O gosto de exercer o movimento
E a vida que os communga á natureza.

Laura é uma dextra cavalleira ousada,
E tem garbo em montar. Flavio lhe admira
A graça e o porte e a facil segurança
Com que domina o seu cavallo inquieto.
E é tão singelo o traço seu caseiro!
Tosco chapéo de palha de abas grandes,
Dos que os roceiros usam; mas um geito
No encurvar da aba e uma enlaçada fita
Transformaram-lhe aquella rude palha
No mais gentil sombreiro de amazona.
A saia, curta embora, Laura ajusta-a
Do tal maneira á sella, que não teme
Nas arrancadas do galope ao vento
A indiscreção do vento: o que se mostra
Da perna esbelta não lhe dá cuidado,
Nem vale o seu rubor, se sorprehende
O olhar amante que lhe beija a curva.

XXIV

Beijos é do que Flavio não se farta.
E' um boijo cada olhar com que elle envolve



O lindo vulto amado. E os lábios fremem
 Empós dos olhos, e andam vigilantes,
 A' espreita do momento asado. Subito,
 Onde outros olhos já não possam vel-os,
 Ao fim de uma corrida porfiada,
 Em que Flavio é o vencido voluntario,
 Mal que a alcança e os cavallos se flanqueiam,
 Flavio distende o braço e aflora a bocca
 E emquanto a cinta abarca, esvoaça o beijo,
 Penhor que dá contento á vencedora,
 Ou elle toma por feliz vencido.
 E num momento os dois, lábios nos lábios,
 Ficam como dois passaros que em vôo,
 No relance do encontro, amor conversam.

XXV

Mas eis vozes extranhas... Os cavallos
 Arrancam fustigados a galope.
 Ouvido á escuta, os dois a sombra espiam
 E a direcção do vento. A voz resoa.
 E Flavio e Laura riem-se do susto.
 Era somente o grito compaseado
 Dos bemtevis da matta em chusma alerta.
 Bemtevi... bemtevi... Quem não se illude
 Por muito que frequente o campo e as mattas,
 Quem não se illude, quando vae absorto,
 E' o canto requebrado o sorprehende,
 Com timbro e rhythmmo de uma voz humana?
 Bemtevi... bemtevi... Passado o susto
 Riam-se os dois; mas já na sombra havia
 Olhos á espreita, e ouvidos afitados...

E volviam attentos aos rumores,
 Que o vento leva no roçar dos ramos;
 E escutavam as vozes indistinctas,
 Que tecem a surdina da floresta.
 E a pouco e pouco o fluido inebriante
 Do ambiente da matta adormecia-lhes
 O intimo scntido que discerne
 Pessoa de pessoa.

Como as gotas

De agua que cae num lago, e como as aguas
 De um lago se confundem nas do um rio,

E como um rio na agua se confunde
 Do largo mar; assim sob a floresta
 A consciencia individual se escoa
 Na magica fusão da natureza,
 Que opera em toda a força primitiva,
 Plasmando a vida...

Dentro da floresta

Ha um concavo silencio subterraneo
 Em que o rumor ondula de echo em echo,
 E o homem penetra a passo e passo ao fundo
 Mysterio que trabalha a natureza,
 Oprime a magnitude que se expande
 Na nascente da vida. O homem se apouca
 Na sensação da tumultuosa calma;
 E se annulla e se absorve incorporado
 No todo immenso, como um tenue atomo,
 E a alma lhe paira sobre o esvaimento,
 Como o fumo que sobe de uma pyra,
 Como a nevoa sobre a agua que evapora.

XXVI

Mas como esplende a luz do sol que ao termo
 Da floresta devolve a alma evolada
 Ao ser, confuso em atomo no todo!
 E' a sensação perfeita, alegre e extreme,
 Da vida que retoma e anima a forma;
 E o corpo ao goso de sentir-se, espasma.
 A luz desce, circumda e flue macia
 Como um banho de orvalho na alvorada.
 Laura e Flavio sorriram-se transpondo
 O limiar da matta para a aberta
 Do descampado em luz. Vinham de um sonho;
 E no alvoroço da alma despertada,
 Aos cavallos refeitos deram redeas,
 Galopando na estrada larga e longa...
 E era como essa estrada larga e longa
 Que aos olhos limpos lhe surgia a vida.

XXVII

Mas não só ao ar livre se aprazia
 Flavio no gosto do viver rocelro.
 No velho casarão rural da Estiva.



Desatavam-se as horas multiformes.
Igual de dia a dia em singeleza
A vida allí, dava-lhe a só presença
De Laura, como o sol cambia as nuvens,
Todos os tons de variedade e graça.
Madrugador como um roceiro activo,
Flavio esperava o sol para saudal-o,
Ao poial da janella do seu quarto.
Abria essa janella sobre a horta,
E apos a cerca da horta era a mangueira,
Onde as vaccas leiteiras anoitavam.
Era no amanhecer um côro lento
Do mugido das crias e das vaccas,
Que o ordenhador juntava e separava.
Nos grandes tarros esguichava o leite
Branco e cheiroso; e Flavio na janella
Com pouco o copo seu recebe, calido
Do liquido que chia em alva espuma,
E o leite sabe a suave aroma agreste.
A esse tempo já o som Flavio escutava
Entre tantos que o sol no campo accorda,
O claro e fresco som da cachoeira,
Que o chama ao banho.

Em derredor erguidas

Bastas touceiras de bambú resguardam
A ampla bacia, recavada em rocha
Ao golpe impetuoso da agua em salto.
A agua escachoa de uma pedra a pique
E a alva curva parece que suspende
Até que ao proprio peso se desmancha
Numa explosão de espumas. Corpo ao vento,
Livre de peias e de vestes, Flavio
Sentia na agua entrar-lhe pelos poros
A energia da vida em movimento.
E a alma tambem sentia que lhe vinha
A' flor da pelle nua renovar-se
Na fria, doce e cristallina essencia
De pureza, de força e de alegria.

XXVIII

E refeito e contente, Flavio aguarda
Em frente ao vasto casarão da Estiva,
Que o matutino sol suba e entreabra



Certa janella que retarda sempre.
 Tardia ao que parece; matutina,
 Com a luz primelra, ella tambem aguarda
 Entrefechada, á espreita, o sol de fóra.
 Abrem-se emfim os dois batentes verdes.
 Bom dia! a um tempo dizem, sem palavras
 Olhos e labios, num sorriso e um beijo,
 Que no ar se cruzam rapidos voando.

O bom dia em palavra é já na sala,
 Quando a familia á mesa se reúne
 Para o café. "Bom dia, D. Laura."
 "Bom dia, dr. Flavio" A mesa ostenta,
 O que é costume antigo na fazenda,
 Variados pratos, fartos e recentes
 De biscutos e bolos. Saboreia-os
 Flavio, que os gosta, e sabe quantos d'elles
 Foram feitos das finas mãos de Laura.
 Que ella é doceira e quituteira eximia,
 E disso tem prazer sem ter vaidade,
 Como exercicio de dever futuro
 De uma dona de casa. As mães antigas,
 E ainda as mães roceiras, educavam
 Ao proprio exemplo as filhas para esposas,
 Para o mister domestico. A de Laura
 Folgava de rever-se Intelra nella:
 Não saberia Laura os ademanes
 Das moças de salão; talvez bisonha
 Não ousasse ensaiar garbosos passos
 Ou requebros gentis de contradansa.
 Mas o espontaneo senhoril donalre,
 A viva faceirice descuidada,
 O ar serio de quem pensa e ao mesmo tempo
 O ar de quem faz já sem pensar as cousas,
 Em summa a graça honesta, a feticieira
 Desenvoltura natural, discreta
 De movimentos, gestos e palavras;
 Que moça há hi que não quizesse tel-os,
 Moça embora elegante da cidade!
 E não sentira inveja por ventura,
 Sob o influxo da ingenua paysagem,
 Vendo a moça gentil, ingenua e linda,
 No seu trabalho, natural, contente,
 Como a formiga opera, como a abelha
 No seu cortiço!



A' porta da cozinha,

Onde os tachos de doce se enfiaram,
No alvoriço das servas que trabalham,
Ao bate-bate liquido das massas
Nas sonoras gamélias, surge ás vezes,
Como um raio de sol dentro da sombra,
O alvo vulto de Laura. Arregaçadas
As mangas do vestido, a saia presa
Sob o branco avental, Laura inspecciona
O trabalho das servas ajudantes.
Não se pejam os finos dedos brancos
Da pegajosa massa em que se envisgam;
Que só ella a virtude sabe e imprime
A'quella mescla informe, que com pouco
No quente bafo do fogão de argilla
Sobre as longas bandejas entumece
E aloura e exala o doce e vivo cheiro.
E eila, a doceira por dever de officio,
Da bandeja que a serva lhe apresenta,
A' luz da porta aberta sobe o pateo
O aspecto e o gosto da feitura prova.
Prova-o cuidosa, e o olhar que acaso estende
Ao pateo afora, encontra a contemplal-a
Flavio. Inquieta-se a moça sorprendida.
Faz gesto de esconder-se, apenas gesto,
E logo o rosto aberto em luz e riso
Acena ao moço, chama-o, e sem paivra
De um dos pratos cheirosos dá-lhe a prova
Que os dedos della aos labios delle levam;
E de repente some-se, deixando
O ruido afflado de azas arrancadas.

XXIX

Nas horas de serão Flavio preside.
Em torno á mesa de jantar, conjuga-se
A attenção da família na pausada
Costumcira palestra. E' a trama veia
Em que se tece e alastra, na urdidura
Dos accidentes triviaes da casa,
O gosto e a força do intimo convívio.
Aos ouvidos extranhos fôra insípido
Esse quotidiano passatempo;
Mas, a ouvidos amigos, a monotona

Musica, feita na toada simples,
Sobre os mesmos singelos instrumentos,
Forma a harmonia que entrelaça e aperta
Os corações unidos em jornada.

Flavio já lhes sentia a intima graça
A'quehies nadas do viver caseiro;
E era já socio alegre na palestra...
Mas a palestra era allí só o introito
Do prazer do serão, como o cochicho
De auditorio que espera. Allí, na roça
Doutor valia um titulo de sabio,
E Flavio, alem de ser doutor de estudo,
Viera da Côrte. Embaixador de Roma,
Em longe e antigo povo submettido,
Não houvera o prestigio fascinante.
Com que aos labios do moço se prendia
Enlevado, admirado, mudo, absorto,
Esse ingenuo auditorio.

O tibio lume

Da lampada suspensa ao tecto, espalha-se
Na vasta mesa, á volta circumscripto
Pela penumbra em zonas recrescentes.
Laura diverte os dedos na feitura
De alvo tecido em renda; na almofada
Ceiere a mão transfixa os alfinetes
Que o modelo pontuam; soa o toque
Leve como num rhythmico saititante,
Dos bilros que ás mãos ambas Laura alterna,
Num movimento rapido e seguro,
Que o pensamento, mais que os olhos, guia.

Descae ás vezes o travado dialogo.
E uma palavra ou outra que se ouve,
E' mais um echo do que voz activa...
Mas não a deixa em vão o pensamento
Sempre alerta de Flavio, em cujo espirito
(Como em sonoro concavo refaz-se
O minimo sussurro perpassante)
Toda a palavra minima é um pretexto
A' memoria de um nome, um feito, um dicto,
Em que a palavra delle habii discorre,
Como ageis dedos num teclado inventam
De nota a esmo improvisado andante.



Agora é uma anedota, que abre o riso
 Nas faces do casal roceiro; é um trecho
 De historia e escutam todos aprendendo;
 Agora é um facto pessoal, e é Laura
 A mais attenta, e os longos olhos bebem
 Na voz de Flavio esse passado ignoto,
 Prestigioso e vivo, porque é o d'elle.

Como a alma se lhe esboça enamorada
 O luminoso quadro que adivinha,
 Do brilho, da grandeza o do mysterio
 Da cidade remota! Pede a Flavio
 A cada instante que lhe falle d'ella,
 E Flavio lhe compraz; feliz, contente,
 A memoria actual já não lhe accorda
 Do soffrimento senão sombra tenue,
 Que é como nuvem condensada á noite,
 Mas que o arrebol transfôrma em ouro e opala,
 E em orvalhada do iris. São lembranças
 Que quasi dão saudade, mas saudade
 Menos do coração que da memoria.
 A memoria diverte-se traçando,
 Para relevo das imagens novas,
 A perspectiva antiga.

Laura escuta-o,

E murmura, enleada de curiosa:
 — “Que linda deve ser a Côrte! Alice
 Fallava muito d'ella; mas agora,
 (Com tanta graça o sr. conta tudo)
 Só agora é que eu posso ter ideia
 Do que ella é. Por força hei de ir á Côrte!”
 — “E deve,” disse Flavio; “se é tão facil!”
 — “Tão facil, pois não é? porém pergunte
 A papai e a mamã. Já me disseram
 Que era mais facil ir á Europa. Veja!...”

Ia sorrir-se Flavio de espantado,
 Mas sorrindo-se o velho fazendelro,
 O espanto antecipava-lhe, e dizia:
 — “Era um simples gracejo para Laura,
 Um modo do escusar-me da preguiça,
 Da inercia de roceiro. Fui creado
 E nascido na roça. Este é o meu mundo.
 A occupação de lavrador tomava-me
 Todo o tempo e cuidado. Por mim mesmo

Nada mais me interessa afora disto.
Que é que me falta? Os céos aqui me ajudam.
Vi crescerem-me os filhos; e são fortes,
E bons filhos que são, graças a Deus.
Tenho de que viver. A minha velha
E' a mesma namorada dos bons annos
(Não vê como sorri para o seu velho?)
E inda é bonita e moça nos meus olhos
(Vejam como enrubece e negaceia)
Como nos doces dias de noivado.
Pois, feliz como sou, que me importava
O mundo todo, além deste meu mundo?
Tambem os filhos, quando eram pequenos,
Que haviam de querer mais do que isto?
Mas agora bem sei que não lhes basta
Esta vida de roça. Dos rapazes
Nem todos têm o mesmo gosto; uns gostam
De estudo, e pelo estudo lá se foram
Para a cidade; e até os que ficaram,
Querem ser lavradores á moderna...
Eu me contento de fazer aquillo
Que a meu pai vi fazer, e é o mais seguro.
A nossa Laura é justo, pois que é moça,
Que se aborreça aqui; não tem amigas.
A nossa companhia não tem graça...
(Não é censura, Laura; bem sentimos
Que boa filha que é você: Não houve,
Não ha, nem haverá por este mundo
Outra mais carinhosa, ou mais chegada
Aos velhos paes.) Mas esse amor de filha
Não é tudo, nem basta. Eu bem quizera
Que você fosse pequenina sempre,
Para ser sempre uma boneca nossa.
Mas se em pequena deram-lhe bonecas,
Não foi para ensaiar-lhe o sentimento
De ser tambem um dia mãe? Pergunte
A' minha boa velha que lhe ensina
A ser dona de casa. Ella quo diga,
Pois melhor sabe do que nós, o aneio
Com que esperava e via o namorado.
(Não precisa voxar-se, todos sabem
Que nós nos namorámos, minha velha.)

Como isto já vae longe! Mas me lembro
Que era assim mesmo... Fossem perguntar-lhe

Se lhe bastava para toda a vida
Ficar com os paes somente moça e filha!
Verdade é que naquelles Idos tempos
Era tudo mais simples do que é hoje.
Mas depende dos noivos: casamento
De certo tom... pede enxoval da Côrte...
Pois bem, pelo enxoval da nossa Laura
Nós iremos á Côrte. Está contente?
"Oh, papai..." ia Laura contestar-lhe
A allusão que a turvava. O pai sorria;
E ainda mais frisando o pensamento:
"Então suppunha que eu não vejo nada?
Olhos de amor não sabem ter segredos.
Lembra-me bem de uns certos olhos pardos
Que um dia me contaram tanta cousa,
Que eu me deixei prender, e inda estou preso.
Não se perturbe, Laura; nós iremos
Pelo enxoval de noiva á Côrte."

Laura, as faces em chamma, não ousava
Erguer os olhos da almofada, e os bilros
Davam-lhe o azo a derivar no inquieto
Nervoso movimento dos seus dedos
A confusa emoção da alma agitada.
Flavio tambem, de commovido e turvo,
Mal podia pousar os olhos tontos,
Indeciso, ao effeito de tão certa
Allusão imprevista, entre apanhal-a
E definir allí seu sentimento,
Ou sorrir como os outros dos gracejos
Do velho fazendeiro. Mas já elle,
Palrador pachorrento, prosegula
No assumpto da viagem, perguntando
Novas da Côrte imperial, e Flavio,
Contente de esconder na narrativa
A própria turvação, dava abundantes
Impressões do quo vira. E referia
Com todo realce da emoção recente
As varias scenas trívias da Côrte;
Pintava em viva côr e movimento
A apparição do imperador em gala
Nas ruas da cidade, acompanhando
A pé a procissão do nobre santo,
Que ia montado em seu corseil guerreiro.
Das janellas das casas colgaduras

De rica seda multicolor pendiam,
 E as damas e os senhores, como em festa,
 Contemplavam solemnes; pelas ruas
 Apinhava-se em chusma o povo inquieto;
 Tanglam-se em compasso os altos sinos,
 Que o alvoroço accordavam na cidade.

Agora o imperador apparecia
 No coche magestático e na pompa
 Do seu imperio: ia á Assembléa. A' frente
 Cadetes emplumados galopavam
 Abrindo-lhe o caminho; e atraz a escolta
 Engalanada, num tropel ruidoso,
 Com que as pedras faiscavam da calçada
 Passava erguendo um turbilhão de poeira.
 No Senado, em seu throno, e revestido
 Do farto e fofa manto roçagante,
 Entre as insignias do poder supremo,
 O imperador, como um divino arauto,
 Lla em pessoa a Falla...

Já gozava,

Ouvindo-a, o fazendeiro a scena extranha,
 E presentia a commoção solemne
 Do faustoso espectáculo, em que os olhos
 Ia fitar no imperador de perto.
 Recolhe o pensamento, conta os dias,
 Repassa em mente os calculos, e subito
 Annuncia a viagem aprazada
 Para a semana proxima.

XXX

Revolve

Flavio, em seu leito, as impressões da noite.
 Doces os pensamentos, mas agitam-no,
 Como accordal-o de alongado sonho.
 Noivo era-o já, em coração, de Laura;
 Mas assim como um passaro, voando
 Empés de um outro e pelo proprio vôo
 Embalado, ao descer ao chão, perplexo
 Paíra, escrutando onde poisar e os riscos
 Que a terra firme, o chão rasteiro esconde;
 Assim vacilla o espirito de Flavio.
 Tanta cousas minusculas, não vistas,



Que era preciso olhar! Nada receia,
 Nada cogita então do seu futuro,
 Ao de Laura sagrado para sempre:
 Formava a conjunção dos dois destinos
 A razão mesma, a essência de sua vida...
 Mas o amor era como um sonho alado,
 E o casamento, se era sonho ainda,
 Era-o feito na terra, e se operava
 Entre os homens...

E assim Flavio responde

Ao proprio pensamento, que censura
 A evasiva confusa ao claro ensejo
 De definir o seu noivado.

XXXI

Laura,

No matinaí sorriso que o sauda,
 Nada lhe diz mais que a alegria nova
 Da proxima viagem; porém Flavio
 Nos olhos d'ella iê o que em seu peito
 Lhe falla o proprio coração magoado.
 — "Laura, esta noite, mal dormi, pensando..."
 — "Em mim, Flavio?" — "Em você..." — "Eu toda noite
 Penso em você, mas durmo, porque é em sonho.
 E você não dormiu! porque?" — "Pensando,
 Em tanta cousa... escuto, Laura: escrupulos
 Da consciencia, vãos talvez, embora...
 Sou seu noivo, ante Deus, desde o momento
 Em que senti que, sendo seu, podia
 Fazer você feliz, fazendo-a minha.
 Seus paes com uma bondade confluente
 Entendendo-me o affecto, complacentes
 Acolheram-me aqui a equal de um filho.
 O meu dever era fallar-lhes logo,
 Para lhes confirmar a confiança.
 Mas eu, seguro da annuencia delles,
 Queria por escrupulo de filho
 Fallar primeiro a minha mãe; sou homem,
 Mas para minha mãe sinto-me sempre
 Como o menino que já fui... Em carta
 Contei-lhe a ella esta affeição bemdita,
 Que me faz tão feliz, e insinuava
 Em proxima viagem meu pedido
 Da benção della para o meu noivado..."

— “E se ella recusasse a bençã, Flavio?”
 — “Hypothese impossivel!” — “Mas supponha!”
 — “Não supponho esse absurdo, fôra o mesmo
 Que imaginal-a cega, ou insensata,
 E incapaz de sentir o bem de um filho.”
 — “Podia não sympathizar commigo...”
 — “Se ella não fosse mãl, e minha mãl...
 Laura, nem falle nisso! — “Bem, não falle;
 Mas você não me disse esse cuidado
 Que não deixou você dormir... — “Escute.
 Seu pal, hontem, fallando da viagem,
 Fez carinhoso uma allusão precisa
 Ao nosso estado; e eu, de confuso e tonto
 Deixei cahir o assumpto da conversa,
 Quando as palavras delle me obrigavam,
 Como um dever de polidez ao menos,
 Ao pedido formal que coonestasse
 Minha presença aqui, todo este tempo.
 No entanto eu disfarcei, nada lhe disse.
 E foi o que me deu cuidado e insomnia,
 Pensar que assim deixara em seu espirito
 Uma duvida, leve que ella fosse,
 Do meu sincero e firme sentimento.
 Diga-me então que não duvida e approva
 Confiante os meus escrupulos de filho.”
 — “Você já sabe, Flavio, que me basta
 A certeza somente de ser sua.”

Fim da primeira parte

MARIO DE ALENCAR

Errata do trecho publicado no n.º 26

pg. 132	— linha 24	— Em vão; se elle é admado pela fama.
136	— “ 16	— De alegrias ephemerar, postigas.
138	— “ 13	— E o silencio de sublta sorpresa .
“	“ 19	— Desdobra em leve ondulação de cumes.
“	“ 20	— Como vagas do oceano somholento.
140	— “ 3	— Tinham passado como um vô arisco.
143	— “ 29	— Longos, absortos , no furtivo instante.
144	— “ 3	— Mals que do pensamento, lhes rompiam.
145	— “ 3	— Assaltou , sacudiu no oceano turbido.



LIVROS

MACHADO DE ASSIS E NABUCO

José Maria Bello: NOVOS ESTUDOS CRÍTICOS (Machado de Assis, Joaquim Nabuco e outros artigos). Rio, 1917.

O sr. José Maria Bello, num espaço de menos de um anno, dá-nos dois livros de estudos criticos, o segundo dos quaes temos agora em mãos. Receia que lhe tomem essa productividade por pressa de publicar: “Não tenho pretensões literarias. Depois da phase de leituras intensas, o escrever se nos torna um acto quasi inconsciente. Poderia talvez resistir á tentação. Não o faço. Encontro certo prazer intimo em divagar através dos livros alheios, ao sabor das impressões de momento. Porque me privar deste gozo inoffensivo?”

Effectivamente, não ha razão para isso. E, se houvesse, seria pena... O sr. Bello perambula pelas paginas de um livro, através das idéas e das formas, com a graça indolente e com a nervosa mansidão de um gato entre vasos e “bibelots”—sem ruido, sem atrapalhações, e sem desarranjar as coisas. E’ um espirito flexivel e doce, respeitoso de si mesmo, do leitor e — qualidade mais nobre — do trabalho e da obra alheia. E’ ao mesmo tempo um espirito penetrante e sagaz, cheio de curiosidade e de gosto, com uma percepção delicada dos matizes e das esfumaturas.



A sua prosa singela e enxuta, um tanto desalinhada (1), de marcha irregular e reticenciosa, de massa porosa e leve, dir-se-ia lançada a lapis no papel, entre baforadas tranquillias de fumo, no silencio de uma livraria. Sem ser assim tão divagante e bohemia como as linhas transcritas fariam suppor (2), a sua critica não tem nada que se assemelhe a essas affirmações lirtas, a essas sentenças osseas, a esses dizeres terminantes, a esse tom intimativo que entrezilha a escripta de tantos homens do officio, dando-lhe o aspecto secco e rebarbativo de postas de bacalhau cru com muita espinha. E', pois, um prazer acompanhar nos seus passeios este cicerone amavel, que sabe mais do que apparenta e que sugere mais do que diz — indicio seguro de que tem o habito de pensar. Os que não têm esse habito, quando se resolvem a pensar sentem a alvoroçada impressão de serem os unicos que têm idéas, julgam que cada idéa que lhes occorre é um achado, tornam-se soberbos, e o menos que fazem é atirar-nos com ellas á cara, como se dissessem: — “Repastem-se!”

Mas, se o sr. Bello reclama para si uma indulgencia de que não precisa, porque recusa aos poetas a indulgencia de que tantas vezes carecem? Diz o nosso autor, quando se excusa de escrever estudos: “Poderia perpetrar coisas mais censuraveis ou mais inuteis do que um mau livro de critica, maus versos, por exemplo...” E' curioso como um espirito independente, que gosta de pensar por si e de se exprimir a seu geito, ainda sacrifica por essa for-

(1) “Na minha Formação, evidentemente modelada pelos *Souvenirs d'Enfance et de Jeunesse*, julgou-se com o direito, a que se arrogara Rénan, de se rever no passado e contar vaidosamente de si mesmo. E o livro é tão fino, tão cheio de graça e de franqueza que não o perdoadamos apenas; agradecemos-lh'o também...” (Joaquim Nabuco, pag. 112).

(2) Em outros logares, elle proprio diz: “Um estudo sobre Machado de Assis deve consistir na analyse objectiva da sua obra, e para semelhante estudo o methodo mais facil e fecundo é o de acompanhá-la systematicamente nas suas diversas manifestações.” (Machado de Assis, pag. 29).

“Quero escrever sobre elle, releio-lhe os livros, medito-lhe a vida, procuro advinhar-lhe o temperamento, as raizes psychologicas e socias de sua personalidade, e receio bem não passar de uma apologia...” (Joaquim Nabuco, pag. 108).

ma no altar do "respeito humano". E' moda no Brasil, moda velha, mas sempre moda, falar mal dos poetas. O paiz está, naturalmente, cheio de maus lavradores, de maus commerciantes, de maus jornalistas, de maus funcionarios; de maus cidadãos, de pessimos politicos, de detestaveis musicos, de desastrados pintores: só os maus poetas, e mesmo os que não são maus, bolem com os nervos de toda a gente — inclusive os proprios poetas, que se entredevoram com aquella espiritualidade e aquella profundidade de sentimento, que são o seu orgulho. E' um habito, uma mania, um tic machinal, uma vulgaridade sem sombra de razão nem de espirito. E os nossos homens de pensamento, ou por suggestão, ou por tendencia commodista a subalternizarem-se á mentalidade do meio, encorajam essa attitude inconsciente, fornecendo-lhe apparencias de opinião reflectida.

Porque razão um mau livro de versos será ainda peor do que um mau livro de critica? O intuitivo e razoavel é justamente o contrario. Um mau livro de versos morre por si; e se não morre, não faz grande mal: aquelles que o applaudem não podem ser pervertidos por elle, porque já o estão. Com o mau livro de critica nem sempre succede o mesmo: pode espalhar más idéas, pontos de vista estreitos ou falsos, interpretações mesquinhas pelo aspecto intellectual ou pelo aspecto moral, ou por ambos os aspectos conjuntamente. O livro de versos, em regra, ainda que de autor illustre, só é lido pelos poucos apreciadores do genero. Estes não pedem ao poeta o pão ordinario do espirito, apreciações, opiniões, julgamentos; procuram nelle a belleza, a emoção e a graça, a imagem, a sonoridade, a musica, a expressão nova e feliz; quanto ás idéas, recebem-nas como "idéas de poeta," que de antemão se condemnam a quarentena, ou que se guardam a um canto para ornamentar a memoria, para servir ás damas, para repetir aos amigos quando a palestra deslisa para o terreno das letras. Diversa é a disposição mental de quem lê um critico. Quer então factos, coisas concretas, observações, comparações, juizos, quer informação e conselho,

afim de mobilar o cerebro, afim de tomar um partido, afim de fixar um modo de vêr. E ha mais: o poeta, geralmente, não visa a pessoa alguma nos seus escriptos; não prejudica senão a si proprio. Outro é o caso do critico, e portanto outras as suas responsabilidades, mais palpaveis e mais estrictas. Por todos os motivos, pois, a these contrariá á do sr. Bello é que é justa: antes dez maus livros de versos do que um mau livro de critica — sobretudo se o critico tem talento.

O sr. Bello é um critico de talento, e o seu livro é bom. E' um livro meditado, é um livro honesto, é um livro sensato e amavel. Eis o seu maior elogio, que toma especial relevo na turvação desta epoca, em que "só ha lugar para os gritos, as blasphemias, as diatribes e as injurias". A restrição mais positiva que se lhe pode fazer é notar-lhe a desigualdade da materia e o valor desigual dos trabalhos que enfeixa. Estudos criticos, só contém dois: "Machado de Assis" e "Joaquim Nabuco"; "Helena B..." é uma fantasia literaria, com ares de conto; "O que se lê entre nós," uma reportagem curiosa. Nenhum destes dois trabalhos devia figurar ao lado do outro, menos ainda ao lado dos dois outros. Mas esta falta de homogeneidade não é um grande mal; os dois estudos valem um volume.

O processo de critica do sr. Bello consiste, resumidamente, em traçar e cotejar o duplo retrato do homem na sua obra de escriptor e do escriptor na sua vida; em destrinçar as diversas influencias que o fizeram tal qual elle se nos apresenta sob os dois aspectos, explicar-lhe o feitio, comprehender-lhe as falhas, discriminar aquillo que o torna semelhante ao commum dos homens e aquillo que lhe dá os rasgos inconfundiveis de uma personalidade distincta e irreductivel, só igual a si mesma. O nosso ensaista colloca-se mais perto de Taine e de Sainte-Beuve que de Brunetière, e talvez mais ainda de Sainte-Beuve do que de Taine, ou melhor entre os dois, sem contudo adoptar-lhes deliberadamente os processos. A seu vêr, a critica não é "uma



especie literaria definida," mas "um genero indistincto, que se pode confundir com todos os outros," e "tem direito a todas as liberdades ." Isto mostra que as suas idéas reflectidas sobre critica não correspondem nitidamente ás suas tendencias intimas de critico nem ao seu modo effectivo de proceder como critico.

A missão do analysta de almas é difficil e perigosa. Uma individualidade é tudo quanto ha de mais **complexo** e mais **distante**: cada uma é um mundo á parte, e cada uma é um mundo quasi impenetravel, — "sorte d'abime dont le génie visionnaire ou l'érudition énorme peuvent seuls égaler la profondeur" (Taine). Impõe-se portanto todas as reservas e todos os cuidados. Querer penetral-a inteiramente é pretensão demasiada; ficar na superficie é pouco, e não vale a pena. Torna-se preciso, pois, que o estudioso penetre sempre, mas com a prévia certeza de que não poderá ir muito longe, de que nunca poderá dissecar uma individualidade como se disseca uma rã ou um coelho, e com uma prévia disposição para duvidar das proprias descobertas, assim como das conclusões a que seja tentado. É ainda não é tudo: o analysta deve tambem, antes de iniciar o trabalho, proceder a um exame de consciencia, para verificar se está em condições moraes propicias á tarefa. Não lhe basta isenção; não lhe basta o amor da verdade. O amor da verdade é sufficiente num trabalho de laboratorio: o chimico que averigúa as reacções de um corpo, o anatomista que procura as ramificações nervosas de uma peça, podem levar a sua missão a bom termo sem outro requisito. Se erram, o erro pode ser a todo momento apontado e destruido, corrige-se automaticamente na immensa actividade impessoal, methodica e objectiva da sciencia. Na literatura, tudo corre diversamente. Os erros podem durar, quasi diriamos que se podem perpetuar. Não ha ali actividade organizada, tendendo para um fim, debaixo de methodos definidos e severos. Todo esforço é, em regra, eminentemente pessoal, e quanto mais se lhe vinca esse distinctivo, mais interessante resulta, e quiçá mais valioso. Aquillo que o domina



não é o imperativo da verdade. Todos os erros de observação, todos os desvios de raciocínio, todas as aberrações do senso commun são ahí possíveis, são ahí vulgares, desde que sirvam de destacar uma individualidade, de accentuar a nota original de uma attitude, de uma maneira, de um estylo. Não basta, pois, ao analysta de almas o amor da verdade, porque o amor da verdade não exclue o erro, e o erro, para durar, e resistir, e triumphar, não precisa senão de vir envolvido nos refegos de uma escripta brilhante e prestigiosa. Esta lhe garante o exito, e lhe garante o papel de um elemento de erudição facil, para o futuro, em mãos de gente de letras... E' necessario que ao amor da verdade se junte a sympathia. Só esta desvenda alguma coisa recondita, nos corações e nos caracteres que se observam. Somos feitos de tal maneira, que só enxergamos bem nos outros aquillo que podemos enxergar, ou pelo menos presentir ou suspeitar em nós mesmos. Uma alma na qual queiramos entrar á bruta, com a desenvoltura de um caixeiro-viajante mal humorado que embarafusta por uma hospedaria da roça, é uma alma que se nos furta e se nos entenebrece. E' certo que a sympathia é um começo de parcialidade. Mas não o será até o ponto de prejudicar a lucidez de um observador honesto.

Todas essas precauções parece terem sido deliberadamente adoptadas pelo sr. Bello. Percebe-se isto pela estrutura dos seus estudos, pelo tom dubitativo e respeitoso de muitas proposições, pelas restricções e excusas com que atenua certas idéas, pelo tom geral de sua linguagem sem dogmatismos e mesmo sem vivacidade. De resto, elle proprio se confessa, em relanços como este: "Não acreditando na funcção pedagogica da critica, julgo que a maxima virtude do critico é a sympathia. Os maus livros, ou que taes nos parecem, não devem merecer os nossos cuidados; dos livros que se amam ou das pessoas que se estimam só se deve dizer bem."

Entretanto, a critica do sr. Bello nem sempre se atém á objectividade que annuncia. Propondo-se observar, cons-



tatar, comprehender e explicar, parece que o seu grande merito consistiria em fazer tudo isso com a justeza, a limpidez e a isenção possiveis, e em não fazer nada mais do que isso. Cada estudo seria então uma peça organica e definida, com uma completa coordenação de partes, com uma espinha dorsal, com uma idéa central, com um fim limitado e certo. Mas, de quando em quando, o sr. Bello quebra a sequencia das suas observações, e o homem intervem no trabalho do anatomista com uma divagação pessoal.

Fazendo o retrato de Machado de Assis, o sr. Bello não podia deixar de accentuar o alheamento em que o grande escriptor viveu em relação aos acontecimentos sociaes e politicos da patria, absorvido completamente na sua litteratura. E' um facto. A sua constatação se impunha. Mas, logo a seguir, s. s. discute: "A mim não me seduz este aspecto de Machado de Assis. Afigura-se-me, de algum modo, uma revelação de egoismo e de misanthropia." E derrama-se por duas paginas, a sustentar que os artistas, os homens de letras e de pensamento "não devem" encerrar-se na preocupação do officio, mas associar-a aos cuidados pelo interesse do paiz. (3)

Não seria melhor que o sr. Bello se limitasse ao "facto," abstendo-se de digressões, e passasse logo a outro "facto," e fosse assim juntando traços a traços, uns após outros, de maneira a dar-nos apenas uma evocação poderosa e viva do homem "como elle foi?" Porque é isto que nós interessa. Tratando-se de Machado de Assis, nada nos interessa mais do que a figura de Machado de Assis, com suas qualidades, os seus defeitos, o seu genio, a sua doença, a sua ironia, a sua sensibilidade, a sua tristeza,

(3) "Num paiz de civilização acabada, comprehende-se e justifica-se um puro artista, um homem de letras, vivendo dellas e para ellas somente. Existe uma litteratura definida, uma profissão de literato, um publico numeroso que se interessa pelas cousas de arte...

.....
 Num paiz em formação como o Brasil — que os poetas e os artistas perdõem a minha sinceridade barbara — o homem que se limita ao campo das puras letras tem o ar exquisto de planta exotica... Aquelles a quem Deus permittiu idéas e a ventura de as saber articular, não têm o direito de se insular no egoismo dos proprios sonhos e pensamentos." (Machado de Assis, pag. 26).

a sua gagueira, as suas idiosyncrasias. Machado, tal como elle foi, vale mais, para a nossa curiosidade, do que Machado tal como "deva ter sido"... o que aliás não tem significação.

Foi mais ou menos assim mesmo que o sr. Bello comprehendeu a sua tarefa, e é assim que a leva a cabo. Se foge de quando em quando á objectividade que se propoz, o faz rapidamente, para logo voltar ao plano preestabelecido. O seu trabalho está cheio de observações felizes. Por exemplo, falando da producção rithmada e serena do eminente escriptor, desde 1863 até 1908, sem interrupções e sem febre, diz o sr. Bello:

E' uma obra cheia de graça, harmonia e belleza, onde o seu genio corre tranquillamente, mais largo e mais profundo sempre, como as aguas de um rio, de margens planas, que não se comprimiram nunca na afflicção de uma garganta nem se precipitaram no algar das cachoeiras. Encontrara o segredo da eurythmia hellenica nas exuberantes terras tropicaes. Nem o esgotamento precoce da maior parte dos escriptores indigenas, nem a pressa alvorçada de certos espiritos que querem produzir a todo transe, sacrificando embora a qualidade do ouro á quantidade do minerio bruto...

Tudo muito justo. Observemos aqui, de passagem, que foi precisamente aquelle alheamento em que elle viveu, todo entregue á sua arte, exclusivamente á sua arte, que permittiu a Machado essa productividade pausada e longa, como lhe tornou possivel esse pausado refinamento das suas qualidades de escriptor. Diz o sr. Bello, em tom de censura, citando Pascal, que em vão procuramos em Machado de Assis um "homem," só encontramos um "autor." Mas, se o autor só podia ter sido tão grande com sacrificio do homem,—deixando em todo caso integro o homem de bem, — ainda menos mal. E' o caso typico do fabulista francez, de quem dizia uma dama quasi nos mesmos termos e justamente no mesmo sentido: "Mr. de Lafontaine n'est pas un homme; il n'est qu'un fabuliste." E, afinal de



contas, mais ou menos evidente, mais ou menos disfarçado, esse traço se repete em grandissimo numero de artistas, de poetas, de chimicos, de mathematicos, de pensadores de todos os tempos.

Adeante, marcando o que lhe parece "a suprema virtude artistica de Machado de Assis," escreve:

Em regra, somos muito mais rhetoricos do que pensadores; interessam-nos, sobretudo, o aspecto externo das cousas, a natureza e a sociedade. A alma humana, nos seus pequenos mysterios e subtilidades, nos importa mediocrementemente. Existem em nossa bibliographia numerosos romances de costumes e paisagens, mais de paisagens do que costumes, e alguns livros de idéas que agitam problemas sociaes e nos obrigam a pensar; mas faltam-nos livros de analyses intimas, "Adolfos;" isto é, o que, na technica litteraria, se chama propriamente — romance psychologico.

Machado de Assis torna-se, pois, um caso á parte, um escriptor singular, sem filiação nem parentesco em o nosso meio litterario.

E' outra observação importante e justa. Ainda um traço feliz:

Machado, sendo menos superficial do que a maioria dos poetas brasileiros, não tem, entretanto, o verdadeiro sentimento poetico. Foi um temperamento frio, pouco emotivo, ironico e sceptico — virtudes negativas para a poesia. Pode rimar impeccavelmente, sem se elevar muito desta habilidade. As qualidades da sua poesia são qualidades de prosa: medida, graça, bom gosto, correcção de linguagem. Sente-se á primeira leitura que a poesia não é a sua expressão natural.

Poder-se-iam citar muitos trechos assim, indicativos de uma visão clara e fina, e de expressão facil e justa. Tambem se poderiam citar algumas proposições menos aceitaveis. A paginas tantas, o sr. Bello descobre na poesia de Machado "toques de lascivia da raça," e cita para exemplo estes versos:

Depois naquelle delirio
Suave, doce martyrio
De pouquissimos instantes,
Os teus labios sequiosos,
Frios, tremulos, trocavam

Os beijos mais dellrantes,
E no supremo dos gozos
Ante os anjos se casavam
Nossas almas palpitantes.

Por mais boa vontade que se tenha de concordar com o critico, não se pode acquirescer facilmente em achar grande lascivia nesses versos. E muito menos de lascivia mestiça! Se a luxuria da raça é uma coisa assim tão certa, tão clara, tão palpavel como o autor parece dar por assentado, cumpria-lhe então explicar como é que ella só veiu a furo em expansões tão chiôchas como aquella, na arte do nosso tropical Machado, quando é notorio que toda a poesia e toda a prosa universaes pullulam de escabrosidades muito mais crespas, desde Salomão até Anatole France e desde Longus até Gabriele D'Annunzio. O exame comparativo do caso de Machado serviria de demonstrar exactamente o contrario do que o nosso autor parece pretender: ou que não ha nenhuma lascivia notavel na mestiçagem nacional, ou, se ha, então não se manifesta em Machado de Assis, cujos deslises nesse sentido são raros e vagos. Machado é mesmo um dos nossos escriptores mais castos.

O estudo sobre Joaquim Nabuco é mais igual, mais bem composto e mais completo. Concorreu principalmente para isso a especial sympathia, profunda e quente, que o sr. Bello confessa votar desde a meninice á figura superior de Nabuco, digna por certo como nenhuma outra da admiração entranhada das almas jovens, bem constituídas e harmoniosas. Percebe-se mesmo sem esforço que o nosso critico, quando estudava Machado de Assis, tinha presente a imagem seductora do homem das suas intimas preferencias; nem é ousadia conjecturar que, sem dar talvez muito por isso, carregava a mão nos traços do romancista que mais contrastavam com os bellos caracteristicos do polygrapho, cujo retrato interior ia assim retocando e illuminando... Tambem não custa notar que o estylo do joven

escriptor guarda um ar de familia em relação ao estylo de Nabuco — estylo sem artificio visivel, natural e fluente, com um tom de despreocupaçãõ amavel, e cujas feições sãõ as propras feições nativas do espirito do autor, com a sua saude e a sua elegancia moral. A mesma estrutura franceza dos periodos e dos paragraphos de Nabuco, que este era o primeiro a vêr e que procurou explicar em "Minha Formaçaõ," repete-se, talvez mais accentuada, na escripta do sr. Bello, que tambem se justifica, e por meio de identicas razões.

Nãõ censuremos nada disso ao nosso talentoso escriptor. Influencias alheias, era fatal que as soffresse. Ter soffrido a de Nabuco já é um indicio de distineçaõ mental, num meio onde nãõ é o estylo de idéas que faz mais impressãõ e onde a sobriedade, a finura, a discreçaõ, a ironia, as qualidades temperadas e doces da sabedoria sorridente pas-sam despercebidas no turbilhãõ das coisas violentas e vistosas. Assim consiga o sr. Bello realizar na vida algo de semelhaute a essa organisaçaõ maravilhosa pelo equilibrio e pela efficiencia, cuja physionomia tãõ bem bosquejou na pagina que segue:

Na sua harmonia final, o espirito de Nabuco foi complexo. E' difficil isolar o homem publico do homem do lettras, para condemnar um e louvar o outro; o pensador, do mundano, para admirar o primeiro o sorrir do segundo. A sua grande virtude consiste justamente no isochronismo das faculdades. Rythmo perfeito. Nenhum movimento se perde, se retarda ou se precipita. Nós temos organisações cerebraes mais poderosas do que a de Nabuco, — a de Ruy Barbosa, por exemplo; em nossa historia politica nãõ é difficil citar maiores estadistas: José Bonifacio, Feijo, Rio Branco, pela açãõ diplomatica; na litteratura, Machado de Assis está num plano superior. Mas ninguem como Nabuco consegue temperar tantas virtudes diversas para a belleza e perfeiçaõ do conjuncto. A sua sensibilidade de artista e as suas idéas de pensador trabalham o politico e o possivel homem de partido, contendo-o nas demasias, clevando-lho as ambições e alargando-lhe o raio visual. As preoccupações do politico, do homem publico, corrigem e attenuam o intellectual, dando-lhe toques humanos, a theleologia dos esforços para um fim de utilidade pratica.

AMADEU AMARAL

AVES DE ARRIBAÇÃO

Quasi todas as aves no Brasil são sedentárias. A ornithologia do caçador brasileiro arfola entre as aves de arribação as pombas, os patos e as narcejas. Destas é que vamos falar. Para alguns ornithologistas o movimento migratorio das aves provem da necessidade que ellas têm de fugir dos rigores do frio e do calor.

Para outros procede das seguintes causas:

- 1.^a A imperiosa necessidade da alimentação;
- 2.^a A faculdade de prever a mudança da estação;
- 3.^a A necessidade da reprodução em clima e logares favoráveis.

Analysadas todas essas causas verifica-se que no instinto que impelle certas aves a mudar de clima existe um motivo desconhecido, mas poderoso, que se prende a uma lei geral — a conservação da especie.

As codornizes criadas nas gaiolas, providas de tudo que é necessário, postas em condições de não conhecer o frio e o calor, associadas aos pares, na "hora da partida" são atacadas de intensa febre, que chega, ás vezes, a lhes comprometter a existencia.

Já Buffon havia notado que nos mezes de abril e de setembro as codornizes manifestavam extraordinária agitação. Essa agitação dura um mez mais ou menos e recomeça todos os dias antes do pôr do sol. Durante a noite debatem-se contra as grades da gaiola e de manhã apparecem prostradas, adormecidas...

O Marquez de Cherville na sua bella obra — *Les Oiseaux de Chasse* — diz que a lei da migração das aves parece ser independente da acção dos órgãos.

E' uma necessidade primordial como a fome, a sede e a reprodução.

Em qualquer logar que seja a ave collocada, não pode fugir a essa força irresistivel que obriga suas azas a se abrirem e a impelle ora para o norte, ora para o sul. Já nas Sagradas Escripturas (Esodo XVI. 13) se fala daquella tarde em que as codornizes em tamanho bando cobriram o acampamento dos hebreus...



Plínio, o moço, refere, que em certa época do anno, as codornizes que atravessavam o Mediterraneo, quando desciam cançadas sobre um navio, o punham em perigo de naufragio, tamanha era a sua quantidade.

Figuler no seu livro — Os Passaros — conta que nas margens do Bosphoro, na Moréa, e em algumas ilhas do archipelago grego, as codornizes chegam em bandos tão compactos que o trabalho do caçador é só abaixar a mão e apanhal-as. Caem na praia exaustas em verdadeira chuva de aves... Nas praias de Porto D'Anzio eu mesmo vi, de manhã cedo, a chegada "delle quaglie" em numero consideravel. Vinham das mysteriosas terras africanas. Essas "chegadas", e tambem as "partidas", se fazem com toda a regularidade, em épocas certas.

As pombas, os patos e as codornizes são as aves migradoras que mais attrahem a attenção dos caçadores na Europa. Depois dessas vêm as narcejas. No Brasil as migrações periodicas, como ensina Augusto Goeldi nas Monographias Brasileiras, dão-se incontestavelmente, mas em grau mais attenuado, e falta muito ainda para que suas particularidades estejam estudadas de modo a serem aproveitadas pela sciencia em geral e em particular pela ornithologia do caçador. Ainda não temos elementos para organisarmos o nosso calendario ornithologico, livro de cabeceira dos caçadores na Europa.

Escrevendo no Estado do Rio, Goeldi affirmou que as migrações dão-se em tres direcções diversas: a) de Sul para o Norte e inversamente; b) do Sertão para a costa e inversamente; c) da Serra dos Orgãos para as baixadas do littoral e inversamente. Esse escriptor lamenta que os amigos da Natureza e os caçadores ainda não tenham voltado a attenção para este objecto e outros connexos, levando por meio da imprensa suas observações ao conhecimento do publico e dos naturalistas. Essas informações deveriam ser despidas de classificações scientificas que na maioria dos casos sairiam truncadas, contendo apenas os nomes vulgares das aves, a época das posturas, das chegadas e das partidas. Essas seriam as aves de arribação, porque as sedentarias são conhecidissimas entre nós. De todas as aves migradoras do Brasil, a que mais dá na vista é a pomba, cujos bandos em certos pontos são assombrosos, como no Ceará por exemplo.

Nas suas Notas de Viagem, A. Bezerra de Menezes refere que o que mais impressiona o viajante em certas paragens do Ceará é a incrível quantidade de pombas, denominadas *avoantes* pelo vulgo, que em bandos de milhares de milhares cobrem a região por onde passam. E' impossivel calcular-se o numero dessas aves. Ainda não se fez um estudo dellas. Ninguem lhes conhece a origem e os habitos. Acredita Bezerra de Menezes que se ellas não são origi-

narias do Ceará, alli é que se reproduzem, sahindo por breve tempo rumo de Goyas e Minas. Em todo o Brasil Central, em determinadas épocas, apparecem grandes bandos de pombas, que demoram no tempo das fructas ou das colheitas de arroz e milho, desaparecendo sem que ninguem conheça o rumo.

Aqui no norte de Minas parece que ellas vem dos lados da Bahia, onde viajantes illustres tem dado noticia pormenorizada da sua passagem. No anno de 1905, nas bordas dos campos de Minas Novas, que confinam com a mata, que vae até ás margens do Mucury, vi um desses assombrosos bandos de pombas verdadeiras, como aqui são chamadas.

Pastavam nas queimadas, onde eram abundantes as fructas de caruruássu'. Caçavamos perdizes, tendo abandonado essa caçada para perseguir as pombas. Dentro de dois dias acabou a nossa munição e voltamos com um formidavel carregamento de pombas. Atirava-se nos bandos assentados nas arvores, atirava-se nas pombas que passavam como que cegas sobre as nossas cabeças, fazendo nossas armas terrivel devastação. Quando d'ahi a um mez voltamos á mesma zona, já tinham ellas desaparecido, sem que os moradores daquellas paragens dessem a menor noticia.

Anoiteceram e não amanheceram... Todos os annos nos mezes de junho, julho, agosto e setembro é notavel a passagem das pombas nesta região que demora proxima dos grandes rios Arassuahy e Jequitinhonha.

De que não moram nem fazem posturas aqui, estamos seguros: são aves de arribação, que nos visitam procurando cibo. Nas suas Notas sobre a Parahyba o snr. Joffly nos conta que as pombas de arribação apparecem todos os annos nas catingas, no fim do inverno (isto é depois das chuvas), em bandos innumeraveis, pousando nos campos de capim milhau, de cuja semente se nutrem. Milhares de pessoas as perseguem, matando a tiros de espingarda e até a pauladas, colhendo do mesmo tempo os ovos postos a granel sobre a terra, até que arribam para outros logares.

No Ceará se observa o phenomeno dèssa postura sem ninho, chegando alguns cearenses a dizer que os ovos incubam ao calor do solo e do sol... , como os pintos nas chocadeiras a gaz... Por cá não se dá disso: apenas chegam, permanecem na região emquanto nella encontram pasto abundante. E' bem possivel que o Ceará e algumas ilhas do Amazonas sejam os logares preferidos pelas pombas de arribação. No Ceará ha poucas mattas e o clima é quente, mesmo quando em outras partes do Brasil faz frio. Está scientificamente demonstrado que o desenvolvimento das pombas é maior nas ilhas do que nos continentes. A matta não é propicia ao desenvolvimento das aves. Wallace já dizia que riqueza de macacos era signal de pobreza de aves. Os macacos, sarués, cuicas, iraras, coatis e ratos fa-

zem guerra de morte aos filhotes de todas as aves que incubam alto. Segundo uma narrativa de Goeldi existe na contra costa atlantica de Marajó uma ilha deserta chamada dos Machados, povoada de pombas, gaivotas, camaleões e... cães bravios. De pombas ha verdadeiras, nuvens. Não havendo all trepadores pois o unico mamifero é o cão, as pombas podem procrear em condições muito vantajosas.

O que é verdade é que não possuímos dados para a organização do nosso calendario ornithologico. Nem das pombas podemos dar uma noticia exacta aos caçadores. Dos patos e das narcejas falaremos em outros artigos.

F. BADARO'



RESENHA DO MEZ

CIVISMO E PESSIMISMO

O entusiasmo com que foi acolhido o sorteio militar consola e anima. Uma atmospheria de scepticismo, pesada e escura, envolve de tal modo o espirito nacional, de alguns tempos para cá, que esse movimento estalou e vibrou como uma descarga electrica no ceu torvo, clareando o desopprimido.

Podem os pessimistas de todo o genero e de todo o estofo dizer, com razão ou sem ella, que os dirigentes da Republica levam o paiz á ruina e á deshonra. A prophecia não se ha de realisar. Não pode desaparecer, nem pôde enxovalhar-se um povo que, sem educação civica, sem a menor pratica de democracia, sem a mais ligeira cultura politica, acóde alogremente, ao primeiro apello que se lhe faz, a cumprir um dos deveres mais arduos e espinhosos que se lhe offerecem.

A não sêr essa propaganda, recente o um pouco desconcertada, que na imprensa e na tribuna das conferencias, alguns espiritos de boa vontade tem desenvolvido ultimamente, nenhuma outra lição de civismo recebeu, até agora, o povo brasileiro. Ao contrario, o que lhe era ensinado, até ha pouco, era oxactamento, pelas revoltas continuas, o desrespeito ás autoridades constituídas, pelas concusões e malversações, invariavelmente impunes, quando não

galardoadas, o desprezo aos homens publicos o, pela fraude nas urnas ou nos parlamentos, o nojo ás instituições.

Não é só essa revelação consoladora que o sorteio militar nos trouxe. Trouxe-nos tambem uma larga provisão de esperanças. O governo, aproveitando esse bello movimento patriotico para uma acção politica e social de rutilante clarividencia, terá naturalmento o cuidado de levar, mesclando-os na camaradagem dos batalhões, os filhos de uns para outros Estados. Saltam aos olhos os beneficios dessa medida.

O serviço militar, pondo em contacto uns com os outros, os filhos das differentes zonas do paiz, apressará a fusão definitiva da raça, dissipando aos olhos de todos essa nevoa do preconceitos e desconfianças que afasta o nordestista do sulista e que, não raro, se condensa num grunido de ciuemezinhas irritantes e picuinhas atoleimadas. O que a falta de meios de comunicação tem retardado, o serviço militar vae realisar: a revelação do Brasil aos brasileiros e dos brasileiros aos seus proprios irmãos. Pela primeira vez, depois de tantos annos de adoração beatifica ao estrangeiro, o brasileiro vae ser obrigado a olhar para si, para a sua terra e para os seus patrioticos.

A novidade do spectaculo forçosamente ha de encantal-o e o valor das descobertas que irá fazer ha do forçosamente prendel-o ao solo que

pizar o ao homem com que viver. Elle comprehenderá, finalmente, que nunca poderá ser grande e forte em quanto não sentir, reunidas á sua, a força e a grandeza dos seus irmãos o que essa reunião só se dará no dia em que, voltando as costas aos idolos ocios e impassíveis a que anda sacrificando, deitar fóra o thurybulo da admiração a tudo que vem da Europa, e volver os braços carinhosos para os homens que soffrem com elle sobre a mesma terra e debaixo do mesmo céu.

O brasileiro é nm filho prodigo que só agora acertou com o caminho da casa paterna.

Mas tenhamos prudencia. Não matem os ainda a melhor ovelha do rebanho para festejal-o. Trabalhem todos por que se não dissipem as nuvens roseas que o attrahem, dissimulando as asperezas e os precipícios do caminho, e preparemolo para o cumprimento do outros deveres talvez mais espinhosos e mais arduos que o do serviço militar.

Regosijemo-nos dentro de nossas almas mas doixemos ainda a ovelha no campo, a engordar e a saltar...

BIBLIOGRAPHIA

DANTAS BARRETÓ —
Conspirações — (Livraria
Francisco Alves).

Muito melhor seria que este livro não tivesse sido escripto ou, tendo sido escripto, não tivesse sido publicado. E' uma desagradavel recommendação para a ponna que o traçou e para o paiz que lhe forneceu o assumpto.

Propõe-se o autor, que é general do exercito, membro da Academia de Letras e ex-governador de um grande Estado, a narrar todas as conspirações que so tramaram no Brasil dosde a presidencia do sr. Rodrigues Alves até os nossos dias. A narração, além de visivelmente lacunosa, nom sempre é guiada por um criterio seguro, servindo antes para dosafogo das paixões politicas de

quem escreve do que para instrucção de quem lê. Falta-lhe, por outro lado, isso que se poderia chamar o sentimento da dignidade da historia, isto é, o cuidado do não baixar a certos pormenores de nenhuma importancia no desenvolvimento dos factos expostos o a arte de contar sem desfallecimentos de estylo e sem quebra da sorenidade olympica que caracteriza o historiador, os episodios mais escabrosos ou mais deprimidos. Logo no primeiro capitulo o sr. Dantas Barreto, general do exercito brasileiro, desfia de tal maneira o novello da sua narrativa que o leitor, onrubecido do pejo, fica oscillando entre estas duas conclusões: ou o oscriptor é um leviano desastrado, ou não ha no mundo maior compendio de covardia, de inepecia e de baixeza que o exercito brasileiro.

TEIXEIRA DE PAS-
COAES — *Terra Prohibida*
— "Renascença Portu-
gueza".

E' a segunda edição do um livro de versos. Excellente prova de que o poeta soube despertar na alma de innumerados leitores um eco para as dores e alegrias que cantou. Melhor recompensa não lhe podia sorrir, de maior elogio não necessitam os seus versos.

RAUL BRANDÃO —
Humus — "Renascença
Portugueza".

O sr. Raul Brandão é um philosopho melancolico e amargo. Como, porém, sabe escrever, não se sente a minima fadiga na leitura das suas reflexões e acaba-se mesmo por achalas interessantes. O seu livro *Humus*, chronica sombria do um espirito a lutar com o eterno enigma da vida e da morte, é para os que apreciam esse genero de literatura uma obra merecedora do attenção.

GOMES DOS SANTOS—
Espelho encantado — "Re-
nascença Portugueza".

O sr. Gomes dos Santos, ao contrario do sr. Raul Brandão, não gosta de aprofundar muito o segredo das coisas e das almas. Chronista mais objectivista, que subjectivista, a sua analyse corre leve, agil e elegante pela superficie dos factos, demorando-se mais nos aspectos comicos ou grotescos do que nas suas expressões tenebrosas. Prefere sempre o riso, mesmo quando é um disfarce da dor, ao pranto ou ao lamento.

Esse feito particular do seu espirito dá ao *Espelho Encantado*, colleção de chronicas de jornaes, um sabor agradável que attenua e dissimula a frivolidade inevitavel de todos os escriptos dessa natureza.

A MORPHÉA E O MILHO

A sciencia inda não descobriu o modo de propagação da lepra. Varios autores ensinam a possibilidade de correr por conta de insectos ou vermes a transmissão do bacillo descoberto por Armauer Hansen.

Mas qual o transmissor? Eis o problema.

A frequencia d'um pequeno "hemiptero" em amostras de milho vindas de varias procedencias (Sul de Minas, interior de S. Paulo, Rio, Maceió) despertou-nos a curiosidade. Conseguindo a sua cultura em milho tanto debulhado como em palha, quando já atacado pelo caruncho, observamos que esse insecto sugava-lhes o sangue. Observamos em seguida que tambem picava o homem, produzindo um prurido doloroso com vermelhidão e inflamação. E' um insecto voraz e aggressivo. Os ovos são ellipsoides, brancos, passando depois a amarellado e finalmente a roseo vivo, cor com que nascem as larvas. Estas desde que saem do ovo já se fazem caçadoras das larvas do caruncho. Em estado de completo desenvolvimento o hemiptero continua atacando valentemente não só as larvas como tambem os insectos adultos da fauna parasitaria do milho, aos quaes

suga com a tromba. Até á primeira muda conservam a cor rosada, passando depois a um acastanhado que se pronuncia cada vez mais até ganhar uma definitiva cor preta luzente.

A fecundação parece dar-se no estado de nympha, quando commecam a apparecer as asas, isto é, depois da penultima muda.

Abandona o milho expurgado de insectos e detricetos, escondendo-se nas frestas das paredes, dobras de tecidos, d'onde sae sorratamente em busca de victimas.

Seu desenvolvimento e detalhes podem sêr observados nas microphotographias obsequiosamente tiradas pelo sr. Paulo Andrade de preparadinhos nossos feitos com insectos frescos.

E' costume dos nossos pequenos lavradores conservar o milho nas habitações ou em paiões contiguos; como tambem é uso encher colchões com palha de milho apenas rasgada, e se juntamos a isso o trato dos animaes e a manipulação do milho, vê-se como o homem se expõe constantemente ás picadas desse insecto.

A morphéa, segundo "Münch" foi trazida da India para o Egypto: affirmam os seientistas que em toda a parte onde existe foi importada propagando-se, mais ou menos em determinadas zonas, localidades ou agrupamentos, ou estacionando e desaparecendo em outras pela falta de transmissores ou por condições especiaes ainda desconhecidas.

Entre nós, nas zonas onde a população vive em maior contacto com o milho, é onde mais se propaga essa terrivel molestia.

A' familia dos "Reduviidae" pertence o "Opsicoetes (Reduvius) personatus Linn." chamado nos Estados Unidos do "Kissing bug" por picar de preferencia nas faces e perto dos labios; é uma especie quasi cosmopolita; tem dois centimetros de comprimento e é preto; o "Conorhinus sanguisuga" Lec. que segundo "W. B. Herms" prefere sugar sangue de segunda mão,





EXPLICAÇÃO DAS FIGS. — 1. Larva tendo feito a primeira muda; 2, 3, 4 e 5. Larvas em desenvolvimento; 6 e 7. Antes da última muda; 6. Fêmea cheia;

vivedeira de um anno, a tentativa pôde ser considerada como realisação, e merece toda a sympathia e apoio dos que se interessam pela cultura paulistana.

Entre os quadros vendidos, foram-n'o varios de Chambeland, de Parreiras, de Ferrigno, do Almeida Junior, de L. do Freitas, Calixto, Oswaldo, Clodomiro, Visconti, Selinger, Acevedo, Wash Rodrigues, F. Machado, Fiuza, Baptista da Costa, Casella, Do Corsi, Fabricatore, Osear Pereira, Salinas, Alexandrino, Paulo Valle, Francis-cowich, Mugnaine e Corcos. Entre os que ainda lá se acham notam-se os que reproduzimos adiante: o *Outomno*, grande tela de Paulo Vallo que obteve menção honrosa na Exposição da E. de Bellas Artes do Rio em 1916; uma *Cabeça de camponesa* de Luiz de Freitas; a *Orphã belga*, suggestivo oleo do professor suisso L. Geraneo, residente entre nós; e o *Jesus descendo o monte das Oliveiras*, de R. Acevedo, bellissimo trabalho exposto ao publico pela primeira vez.

A BIOLOGIA E A MULHER

Entre os enigmas da biologia o que mais d'safia a perspicacia humana é, sem duvida, a multiplicação dos seres. Nesse terreno, ultimamente, sabios curiosos e tenazes, ao cabo de explorações pacientes encontraram uma vereda promissora de revelações empolgantes, sensacionais, demolidoras de velhas e arraigadas crenças scientificas e religiosas, crenças tão velhas e tão profundamente arraigadas que já eram para os religiosos dogmas inabalaveis e, para os cientistas, theoremas insophismaveis.

Esses iconoclastas da nova especie demonstraram com todas as minucias experimentaes bastar o elemento feminino — o gameta femea — para a multiplicação das especies, operação transformada assim em simples reacção physico-quimica do

laboratorio onde o elemento masculino é substituido, sem prejuizo para o gerado, mesmo talvez com vantagem do diminuição de taras hereditarias, por acidos, alcalis e até por uma agulha ponteaguda.

Felizmente, senhores, o novo processo de eriação por emquanto só é applicavel em camadas inferiores do reino animal. Lá, só lá, Deus louvado, pôde o sabio parodiando funções divinas, pingando corrosivos ou espetando ovos, pronunciar o biblico — "eresce ed multiplicamini."

A technica todavia está descoberta, aperfeioal-a não custa, não é pois impossivel applicarem-n'a em breve nas camadas mais nobres do reino a que pertencemos. Seja ou não seja essa a realidade a verdadeira é que Loeb Dellage e outros criando a parthenogenese artificial, gerando sapos sem peccado original, deram um profundo golpe no sexo-masculino, abalaram o seu prestigio e firmaram a predominancia e proceminencia do sexo feminino na conservação da vida das especies. Por consequencia não delira quem colloca á frente das especialidades clinieas a gynecologia, ramo da medicina que só se occupa com o estudo da physiologia normal e pathologica dos organs genitaeas da mulher.

Antigamente era a philosophia o guia de nossa organização social e a ella devemos uma serie de erros despoticos e irracionaes causadores de profundas injustiças sociaes principalmente em tudo que se refero á posição relativa dos dois sexos na sociedade. Hoje, já não imperando a metaphysica mudaram as coisas — é a biologia quem legisla nesse sentido, nella se baseia a organização da familia, a organização da sociedade. E por isso grandes mutações se verificam na organização da vida moderna. A mulher, biologicamente mais valiosa que o homem na conservação da especie, conquista socialmente sua posição natural o propria, com o homem emparelha e quasi o supera no progredir da humanidade, na manutenção da civili-

297

GALERIA ARTISTICA



JESUS DESCENDO DO MONTE DAS OLIVEIRAS,
Quadro a óleo de R. Amoedo

REVISTA DO BRASIL
GALERIA ARTISTICA

294



A ORPHAN BELGA, quadro a óleo de L. Geraneo

299

GALERIA ARTISTICA



OUTOMNO — Quadro a óleo de Paulo do Valle

300

GALERIA ARTISTICA



CABEÇA DE CAMPONEZA, quadro a óleo de L. de Freitas

sação. Quereis disso a prova? Attentae um pouco para o que se passa nesta guerra estúpida desencadeada pelo prussianismo barbáre e immoral. Sereis forçosamente obrigados a reconhecer que, sem o concurso do sexo fraco, na industria, na agricultura, nas sciencias e na administração onde por toda parte substituiu elle os homens mobilisados de surpresa, ha muitos mezes teriamos sido aniquilados pela horripilante kultur. Pensae poucos instantes no que seria o patrimonio moral e intellectual da especie humana se a Allemanha perfida e traigoeira tivesse esmagado o genio latino e terreis ligeira idéa do mundo se nelle existisse a apregoada inferioridade da mulher. Senhores, a biologia tem razão: a mulher não é apenas esse ente cantado em prosa e verso pela fantasia literaria, ella é na verdade um elemento biologico, energico e efficiente, um valor animal e social igual senão superior ao homem e um factor politico indiscutivel como acaba de reconhecer a modelar Inglaterra concedendo votos a milhões dellas. E' impressionado por tudo isto que empreste a maxima importancia á gynecologia que exclusivamente da mulher se occupa.

(Da lição inaugural da Cadeira de Clinica Gynecologica professada pelo Dr. Arnaldo Vieira de Carvalho na Faculdade de Medicina de S. Paulo).

REVISTAS E JORNAES

HOMENS E COISAS NACIONAES

A VALORISAÇÃO DO BRASILEIRO

A nossa população directamente empenhada na agricultura, ou della vivendo immediatamente, orça por doz milhões de individuos. Temos pois, dedicados á lavoura, tantos como dois terços do numero de pessoas que cultivam o sólo nos Estados Unidos; quasi o dobro dos occupados na agricultura da Allemanha — a qual na occasião em que começou

a guerra, estava produzindo 85 % dos generos necessarios á sua alimentação e ainda dispunha de asucar de beterraba e varios outros para exportação; o quintuplo dos braços applicados á lavoura argentina, e da cubana, a qual, só de asucar, exporta dois milhões de contos por anno.

Dostes factos resalta evidente que o nosso pouco desenvolvimento agricola não pôde ser attribuido á falta numerica do braços, mas a causas diversas como a escassez de meios de transporte, cultura rotineira e dosapparelhada de machinas e instrumentos aratorios, e outras razões, das quaes a principal é a inefficiencia do trabalho; inefficiencia "physica", pois o impaludado e o opilado são fracos, debcis, sem resistencia; e "moral", porque o estado morbido produz o esmo-recimento, o desanimo, a indolencia.

Os meios de transporte são escasos; mas não é essa a causa preponderante do atrazo agricola. Temos em trafego 26 mil kilometros de estradas do ferro, e uma rêdo do viação fluvial já considerável. As terras marginaes dessas linhas, entretanto, ainda jazem em grande parte inaprovoitadas. A propria Estrada de Ferro Central atravessa centenas de kilometros de terras incultas, onde vegeta em choçass miseraveis uma população amarelada de sertanejos doentes. E se o immigrante se encaminha para essas regiões, não tarda a inutilizar-se. Ha turcos já com bocio em Curralinho, e italianos opilados em Pirapóra.

Esta população precisa ser salva e valorizada para o trabalho. A redução da immigração é para nós um facto providencial, porque chama a attenção publica para este problema, e faz voltar para a sua solução as vistas de homens publicos eminentes, e outros que vêm trazer apoio effizaz aos réclamos de illustres scientistas desde muito preoccupados desse assumpto.

A grande extensão do mal é a causa da pouca confiança o da pou-

ca disposição que ha para lhe dar cimbato. Vá-se lá sanear a metade do Brasil dizem os esmorecidos. Mas não é de tal que se cuida. Seria insensato. O de quo se trata é de sanear quanto antes o habitante: o melhoramento do "habitat" é questão para depois. A sciencia tornou essa empreza praticavel, facil, e grandemente vantajosa, no ponto do vista economico. A ankilostomiase cura-se com duas capsulas do thymol, e previne-se com calçado e principalmente com a fôssa. O impudismo debella-se com a quinina, e previno-se com o resguardo da habitação contra o mosquito, e com a facillima extineção dos seus viveiros em torno dos nucleos do povoação. A molestia de Chagas evita-se com o réboco da casa. Supprimidos os esconderijos domesticos do barbeiro, pouco mal causará este insecto, que tem habitos nocturnos, e não encontrará fóra das habitações senão raras opportunidades do fazer victimas.

Esta guerra mostrou que é facil mobilizar, classificar nações inteiras o levar a cada recanto, a cada residencia, a cada individuo a acção directa da autoridade.

Uma organização como a de que Oswaldo Cruz tinha o dom, o cujo sogredo devem ter hordado alguns discipulos, baseada nas regras deduzidas do systema de Taylor, e associada aos methodos de propaganda simplissimos o efficacissimos postos em pratica nos Estados Unidos pelo sr. Hoover, o "dictador dos viveres", poderia levar dentro do pouco tempo assistencia medica a todas as choças de uma vasta região flagellada o a todos os seus habitantes, um por um. Dentro do mesmo curto prazo todos olles, das creanças aos velhos, poderiam estar dotados das seguintes noções: a) a causa das maloitias, da opilação, do bocio; b) o meio do evitar essas tres doenças; c) como se curam as duas primeiras.

Para isso seria necessario dinheiro. Mas não muito. Talvez a centesima parte, "per caput", do que tem despendido annualmente a

União para importar, hospodar, installar immigrants estrangeiros e dar-lhes lotes de terras e casas construidas, instrumentos agricolas, sementes, assistencia medica, trabalho a salario e outros auxilios onerosos.

O dinheiro gasto nessas liberalidades seria, dos pontos de vista moral, politico o economico, muito mais bem applicado em soccorrer, curar, reerguer da invalidez e da inutilidade um numero muitas vezes maior do brasileiros.

O valor economico de um homem, é computado por Ernest Engel, em 2.000 marcos, média do custo de criação do um joven até os quinze annos. E' porém mais logico e mais scientifico calcular como W. Farr, os ganhos da individuo durante o seu tempo de existencia provavel e subtrahir as despesas. O resto representa o seu valor liquido para o paiz. W. Farr estima o valor do emigrante europeu adulto, trabalhador não especializado ("non skilled") em £ 175.

Numa leva de 100.000 immigrants ha os velhos, as mulheres e as creanças que ainda terão de consumir bastante antes de produzir. Calcule-se, sem pretensão a exactidão, apenas "ad exponendum", em 25 % o numero dos adultos validos. Destes 25.000 tirando-se a metade que é a porcentagem média do retorno dos adultos, restam 12.500 homens. Como as liberalidades especiaes do Serviço de Povoamento só se ostendem a decima parte, se tanto, dos immigrants introduzidos, segue-se que a União empregou annos seguidos cerca do oito mil contos annuaes, para favorecer 12.500 estrangeiros que teriam de produzir para o paiz, a £ 175, cada um, £ 228.750 ou, ao cambio reinante na occasião, 3.657.000\$. Descontada a metade pelo menos para as remessas a suas familias o parentes na patria, ficaria essa somma reduzida a 1.900 contos, a recuperar em trinta annos. Nesse prazo os 8.000 contos a juros compostos de 5 % teriam produzido 34.576.000\$000.

Estes dados são arbitrarios. Só

a argumentação é verdadeira. Foram adoptados apenas, como atraz ficou dito, para expor um raciocinio que demonstra a incongüencia, o absurdo, a insensatez da colonização official, como vinha sendo foita até agora, com extraordinaria desproporção entro a despesa e os seus resultados.

Se os sessenta mil contos empregados no ultimo decennio em colonização pelo governo federal, houvessem sido empregados na reabilitação physica da população rural, o resultado hoje seria o seguinte: o numero de colonos estrangeiros entrados nesse periodo estaria desfalcado daquelles que foram importados, installados, afazendados, e auxiliados dispendiosamente pela União, isto é, do oito a dez por cento, no maximo, da massa total dos immigrantes que augmentaram a população nacional desde 1908 para cá. Em compensação essa somma judiciosamente applicada teria minorado a hecatombe dos seringueiros; tornado habitavel durante as maiores estiagens a região semiárida do nordeste; defendido a população do valle do S. Francisco da malária, da opilação e da molestia do Chagas, valorizando o homem e tornando-o elemento de trabalho e de progresso.

Desde que se restaure a saúde do sertanejo, e que se torno cada adulto nacional capaz de produzir a mesma quantidade de trabalho que o immigrante, o problema do braço para a lavoura está resolvido. O jogo natural dos factores economicos estabelecerá a migração interna, que equilibrará a offerta e a procura do trabalho.

E' o que se dá nos paizes onde o valor economico do homem é mais ou menos uniforme. Nos Estados Unidos, em 1890, 25,5 % da população vivia em logares diferentes de seu nascimento. Encontravam-se nessa data 1.233.629 filhos do E. de Nova York, em outros Estados da União. R. Maya Smith calcula que em 1910 a porcentagem teria mais que duplicado. Nos outros paizes se observa o mesmo facto.

Supprimida com thymol, a quina, e uma prophylaxia rudimentar, a chamada "indolencia, a preguiça" do nosso sertanejo, que não é mais que doença, elle deixará as choças onde arrasta a miseravel existencia, na região do Rio das Velhas, para ir substituir na matta e em S. Paulo o immigrante que não vem, ou o japonez que se quer mandar vir. E ainda restará numero sufficiente para alargar as lavouras de cereaes e grãos. (Mario Brant — *O Imparcial*, Rio de Janeiro).

O SANÉAMENTO DO BRASIL

De par com os tres flagelos endemicos, a opilação, a malária, a molestia de Chagas, uma só das quaes bastaria para derrancar o paiz, a lepra campeia infrene, a syphilis alarga os seus dominios, a leishmanioso — essa horrenda ulcera de Baurú ou ferida brava — deforma milhares de criaturas e a tuberculose avulta cada vez mais. A syphilis é contrabatida nas cidades pela medicação especifica que lhe atalha o passo ou minora os effectos; mas no sertão, nesse maravilhoso sertão preluzido na mioleira dos poetas como um eden embalsamado de manacás, quem lida com ella é o negro velho ignorantissimo, quando não é o pharmacopola oxtrovanamente pittoresco do pica-fumo "curador". O treponema pallido, affeito a lutar com o mercurio e os arsenicaes teriveis, ri-se das micagens, e rezas, e burundangas, e picumans, e jasmims de cachorro dos ingenuos Eusebios Macarios do barba rala. Ri-se, o em vez de paradeiro encontra fomento na absoluta inocuidade da therapeutica pé no chão. Diffunde-se, portanto, assustadoramente, sem peias, sem cura, sem prevenção possível, arrazando o presente e sacrificando o porvir.

E' ello grande parto na espanto sa mortandado das crianças.

As mulheres da roça são puras machinas de procriar; começam a tarefa mais cedo que as da cidade, em regra aos 12 annos, e só des-



eansam quando sobrem "panne" nas engrenagens do aparelho reproductor, ou quando a velhice lhes acena com o basta. Não obstante, a população augmenta com morosidade extrema. Nascem mortos, ou morrem na primeira idade a grande maioria dos infantes. E' commum este dialogo:

- Quantos filhos tem, nha?
- Duas familias.
- E quantos perdeu?
- Só quinze.

Quinze, ou dezoito, ou vinte, sempre um numero em absurda desproporção com os sobrevividos.

Embora multiplas as causas desta lethaldade, cabe á syphilis a culpa maior.

Se a estas mazellas sertanejas agrogarmos o quadro da degenerescencia physiologica determinada pela cachaça, ficará completo o hediondo painel. A cachaça! E' inimaginavel a degradação a que ella arrasta milhões de roceiros. A pobre gente recorre a ella como a um lenitivo. Desnutridos pela parea e má alimentação, afriorentados pelas sezões, exhaustos pela ankylostomiase, deprimidos do espirito pelo trypanosoma, sem raio de instrução na cabeça, escravizados pelo "graúdo", a cachaça é o oasis de esquecimento momentaneo onde a miseranda criatura repousa da vida infernal. Em troca dessa illusão passageira a victima não sabe que dá ao veneno da canna as ultimas energias do combalido organismo. E a diabolica bebida para logo derreia na demencia, no crime ou no aggravamento dos males a que por intermedio della o sertanejo procura fugir. Encachaçado, elle esquece. Esquecer, esquecer a realidade, fugir della por uns momentos — eis a preocupação constante de milhões de brasileiros!

Em todos os paizes do mundo as populações ruraes constituem o cerne das nacionalidades. Taurinos, tanados do sol, enrijados pela vida sadia ao ar livre, os camponezes, pela sua robustez e pela sua saude, constituem a melhor riqueza das nações. São a força, são o futuro, são

a garantia biologica dos grupos ethnicos. Pela capacidade de trabalho elles mantêm elevado o nivel da produção economica; pela saude physica, elles mantêm em alta o indice biologico da raça. E' com o sangue e o musculo forte do camponez que os centros urbanos retemperam a sua vitalidade. A tendencia do urbanismo inflecte para a depressão da machina humana. O vícios, o artificialismo, o afastamento da vida natural, o ar impuro, a moradia anti-hygienica, conjugam-se para romper o equilibrio organico do homem citadino, rebaixando-lhe o "tonus vital". Mas o campo intervem, e restaura-se o equilibrio. A infiltração permanente de sangue e carne de boa tempera, vinda dos campos, contrabalança o desmedramento urbano.

Entro nós é possivel pedir á roça o sangue revitalizador? Não: o elemento rural é peor quo o urbano. As nossas cidades se vêm forçadas a importar sangue de fóra, se querem escapar ao marasmo duma senectude extemporanea. No interior do Brasil as cidades que se não retemperam ao modo de S. Paulo caem na mais desalentadora cachexia.

Os homens mingoam do corpo, as mulheres são um rastolhinho rachitico incapaz de bem desempenhar sequer a missão reproductora, embora as não assolem nenhuma das endemias precitadas.

Belisario Penna transcreve no seu precioso livro um trecho tomado a um editorial do "Correio da Manhã", onde se esculpe, num sobrio rigorismo de synthese, o diagnostico exacto do paiz: "O Brasil é um paiz de doentes no sentido literal da expressão. A nossa miseria financeira e economica é o reflexo da desnutrição organica que converte a maioria dos nossos cidadãos em inuteis unidades sociais, incapazes de concorrer com a quota do seu esforço para o augmento da riqueza commum. A nossa incapacidade militar é o resultado synthetico da fraqueza physica do uma enorme população rural es-

tiolada pelos germens da molestia. A nossa falta de energia moral é o precipitado ethico da deterioração cerebral o nervosa do um povo invalide". Não ha homem do boa fé, conhecedor do paiz, que, pondo a mão na consciencia, não murmure — confere. Se não o faz, mente. Pois bem. Se é assim, a missão commum o geral, tanto de particulares como de governos, é uma só: curar o Brasil, sanear o Brasil. Todo programma de acção que não adoptar este lemma, será um programma criminoso. Em face dum moribundo o medico que lhe acena com litteratura, ou reformas eleitoraes, ou fardinhas, em vez de acudir eom o topico adequado, é um criminoso. E criminoso da peor especie, porque consciente o deliberado. Depois dos estudos de Carlos Chagas, de Arthur Neiva, o mais intemeratos discipulos de Oswaldo Cruz, e depois das vehementissimas palavras de Belisario Penna, governo nenhum, nenhuma associação, nenhuma liga pôde allegar ignorancia. O véu foi arrancado. O microscopio falou. A fauna mentirosa dos apologistas que vêm ouro no que é amarello e luz na simples phosphorescencia putrida, recolhe os safados adjectivões que vendaram criminosamente durante tanto tempo os olhos da nação. Pangloss que emmudeça. Se a tarefa é assoberbante hoje, sorá maior amanha. E impossivel, depois de amanha. Comecemos. O simples acto de começar representa meio caminho andado.

Comecemos, que é muito doloroso apodrecer antes de maduro e é este positivamente o aspecto que, como nação apresentamos ao mundo. Um dos paizes mais novos do continente, a eahir aos pedaços, de verminosa lazeira, vendo ao norte o maravilhoso surto americano, o ao sul a pujante floração argentina. E para suprema vergonha e desdouro eterno do nome brasileiro a consciencia de que desmedrou assim arrastado por males ou evitaveis ou do facilissima cura. Males de que todos os paizes de

mesologia identica se libertaram pela prophylatica intelligente, com lentidão uns, com rapidez fulgurante outros. Está ahí Cuba, desgraçada ilha degradada em rapida consumpção por malestias irmans das nossas, e que, em poucos annos, ao influxo da hygiene nort-americana, virou a maravilha que todos sabemos. (Monteiro Lobato — *O Estado de S. Paulo*, S. Paulo).

PELO NACIONALISMO

E' dosnecessario demonstrar a imprevidencia notoria da nossa acção administrativa no que se rofero á conservação do caracter nacional e a defesa do nosso meio ambiente contra todos os processos larvados de desnaturalização, que, aos poucos, se vão infiltrando no organismo social brasileiro. Entre tantos documentos de nosso desejo pelo fortalecimento do nacionalismo, basta recordar o que nos fornece a historia da immigração no Brasil, com o oncaninhamento de grandes correntes, de uma só nacionalidade, para zonas relativamente pequenas do territorio brasileiro e quasi despovoadas do elemento nacional. Se é certo, como o notou o economista Roscher, que as colonias agricolas tomam immediatamente um caracter democratico, pela natureza de sua vida em contacto directo e continuo com todos os elementos de um ambiente livre, — não se pôde negar, por outro lado, que essas colonias exercem em todas as regiões despovoadas, que lhes estão contiguas, uma influencia semelhante á que praticam nos insidiosos *hinterland* os modernos Estados colonizadores, em seu irreprimivel desejo de expansão á custa dos fracos, regulando entro si a partilha das terras sem defesa. Dessas colonias irradia o progresso material, mas com elle tambem a influencia moral de todos os poderosos factores, cujo conjuncto os alemães designam pelo termo geral *Deutschum*.

A nossa Constituição, rounindo



todos os systemas de aquisição da nacionalidade, escancára as fronteiras do paiz a todos os alienigenas e confere a cidadania *jure soli, jure sanguinis* e por acto do Executive federal, em virtude de cartas de naturalização; mas, não se limitou a isso, pois que, além de ter considerado brasileiros todos os estrangeiros que, achando-se no Brasil a 15 de novembro de 1889, não declarassem, dentro em seis mezes depois de entrar em vigor a Constituição, o animo de conservar a nacionalidade de origem, conferiu egualmento, não só a nacionalidade, como tambem a cidadania, aos estrangeiros que possuirem bens immoveis no Brasil o forem casados com brasileiras, ou tiverem filhos brasileiros, comtanto que residam no Brasil, salvo se manifestarem a intenção de não mudar de nacionalidade. A interpretação que se tem dado a esta ultimã clausula constitucional (art. 69 n. 5) tem alargado excessivamente a respectiva comprehensão, como procurei demonstrar o anno passado na Camara dos Deputados. O Supremo Tribunal Federal tem revelado, mais do uma vez, de modo inequivoco, quanto lhe repugna em certos casos essa exagerada medida de quasi completa equiparação do estrangeiro ao nacional, mas tem continuado a applical-a em sua mais lata comprehensão, por entender que o texto não comporta as restricções, muitas vezes aconselhadas pelo patriotismo e pelo amor proprie nacional.

Parece, entretanto, que, para adquirir a nacionalidade e a cidadania no Brasil, não basta, para um estrangeiro, o facto de possuir elle bens immoveis aqui, ser casado com brasileira ou ter filhos brasileiros, o residir entre nós; — uma condição ainda se faz necessaria e é a de querer elle abandonar a nacionalidade de origem e tomar o laço juridico-politico, que o faz, nosso co-nacional o concidadão. Mesmo quando tenha elle aquelles requisitos da residencia entre nós, de possuir bens immoveis no Brasil e de ser casado com brasileira, ou do

ter filhos brasileiros, — a Constituição dispõe literalmente que não será considerado brasileiro, "*se manifestar a intenção de não mudar de nacionalidade*". Ora, essa intenção pôde manifestar-se, tanto por declarações escriptas, quanto verbaes, assim por actos, como pelo silencio, sendo que deste ultimo não será logico concluir-se o animo de mudar de nacionalidade; mas, ao contrario, a intenção de conservar a propria.

Escrevendo acerca da nacionalidade, nas relações creadas entre a Allemanha e os Estados Unidos por força dos tratados Branerft, sustentou o internacionalista Keidel que um allemão, munindo-se de um simples passaporte, ou de um certificado de indigenato, "*manifesta sua intenção de conservar-se allemão*"; — essa doutrina foi creada para suavisar o rigor da antiga lei prussiana, em virtude da qual a ausencia do paiz, prolongada por mais de dez annos, infligia ao ausente a pena do perda da nacionalidade. A méra providencia da matricula nos livros, ou registros dos respectivos consulados constitue, na opinião geral dos autores a manifestação clara e positiva de que os individuos assim registrados querem conservar a nacionalidade de origem.

Não seria, pois, necessario o exemplo culminante da famosa lei Delbrück, de 22 do julho de 1913, para que abrissemos os olhos á evidencia e procurassemos dar ao texto da nossa Constituição a interpretação que, sendo perfeitamente conciliavel com a sua letra, é exigida pela segurança da ordem interna e até mesmo pela garantia da defesa nacional. A solução é a do artigo 12 da lei federal n. 904, de 12 de novembro de 1902: Ao estrangeiro que possuir bens immoveis no Brasil, fôr casado com brasileira, ou tiver filhos brasileiros, e residir no Brasil, será expedido titulo declaratorio do cidadão brasileiro, *se o requerer por si*. Esse requerimento do interessado importa na renuncia voluntaria de sua nacionalidade

de origem, renuncia essa que a lei americana exige se faça claramente na petição: "*renounces his allegiance to his former country*".

A outorga da nacionalidade pelo simples silencio do estrangeiro e independente da expedição do titulo declaratorio seria um factor constante de casos de dupla nacionalidade, invocando o estrangeiro os direitos de ambas, ao saber das circunstancias, o eximindo-se dos deveres impostos, por uma e outra. A nacionalidade é regulada pelo direito publico interno do cada Estado; mas, quando ao mesmo individuo se podem attribuir duas ou mais patrias, surgem conflictos de leis e as soluções escapam então ao dominio do direito interno, para serem dadas pelos principios de direito internacional. Querer impôr soluções baseadas no direito nacional de um determinado povo é pretenciosa aspiração, que não logra exito o serve apenas para prejudicar esse mesmo povo e a sua organização politica. E' certo que, nos casos do artigo 25, alinea 2 da referida lei allemã de 22 do julho do 1913, nenhuma garantia nos offerecerá o titulo declaratorio de cidadania brasileira, nem mesmo a propria carta de naturalização passada em favor de um allemão, visto que a dita lei lhe permite conservar a sua nacionalidade de origem, não grado a naturalização em outro paiz, desde que, antes de naturalizar-se, obtenha elle das autoridades allemãs licença para tal acto. Entretanto, a providencia lembrada evitará, em outros muitos casos, que passem per brasileiros numerosos alienigenas, que, mesmo quando invocam os direitos conferidos pela Constituição aos nacionaes, fazem a reserva mental do conservação da respectiva nacionalidade de origem. As leis de nacionalidade são, ne dizer do escriptor chileno Alejandro Alvarez, *leis de vitalidade*. Não façamos dellas applicação imprudente, como seja a de presumir nos heimathlos do todo genero, que aportam em nessas plagas attrahidos pela nossa generosidade, o ver-

dadeiro e sincero amor á nossa patria.

O nacionalismo não é incompativel com os nobres ideacs da solidariedade humana. Ao contrario, a verdade está no conceito do Leopardi, quando disse que, se todos os homens se reunissem em uma só nação o patria o fizessem profissão de amor universal per toda a respectiva especie, não se propondo a amar paiz algum do modo particular, elles dissolveriam a stirpe humana em tantes povos quantos fossem os homens o cada um odiaria todos os demais, não amando de todo o coração senão a si mesmo. (Afranio de Mello Franco — *Correio da Manhã*, Rio do Janeiro).

JOÃO FRANCISCO LISBOA

João Francisco Lisboa foi um modelo de prosador, sem haver sido intencionalmente um purista, o que torna o estylo por vezes aggressivo eu pelo menos irritante. Aprendeu, porém, a escrever com os classicos, que não andavam ausentes daquella sociedade intellectual, pois que conviviam intimamente com o mestre Sotero des Reis. A escola foi por certo melhor que a des jornaes da actualidade, que hoje cursam com dosolador exclusivismo muitos aspirantes a publicista. Quando João Francisco Lisboa se revelou tal ua "*Chronica Maranhense*" e depois no "*Jornal de Timon*", fel-o com uma autoridade de pensador o do artista da fôrma capaz ainda do surprehender os que se lembrarem de que lhe faltavam estudos regulares. Não obteve portanto graus academicos, devendo a si tão sómente sua illustração o seu atticismo.

O Brasil de hontem contou mais do um João Francisco Lisboa, no sentido desses eruditos o de uns tantos primoreses jernalistas de provincia que não lograram desbançar os que hoje em dia almejam um o outro qualificativo embora sem sciencia o sem estylo. Não sei se o amor ao estudo era

então maior, ou se o meio favorecia mais a mencionada instrução voluntaria — o facto é que têm ido desaparecendo da vida dos Estados os representantes daquela especie de estudiosos, gente de "croisé", cartola e calças brancas, que dantes constituíam em muitos casos, pela competencia, pela compostura, pela sinceridade dos seus propositos e pelo fervor dos seus ideaes, um dos titulos de honra das provincias e um argumento moral em pró da descentralisação. Este teve todavia, pelo que se vê, o resultado opposto

Nenhum contudo se pode comparar com o maranhense eminente que teve por objectivo capital, indicado com felicidade pelo dr. Pedro Lessa, harmonisar a politica com a moral — um consorcio quo quando chega a ser celebrado, dá as mais das vezes promptamente em divorcio. As illusões eram então grandes, e grande a generosidade dos idæas. João Francisco Lisboa deu prova individual desse estado de alma collectivo, quer dizer do escol dos seus contemporaneos brasileiros; mas ao mesmo tempo, e foi isto o que o salvou da banalidade dos desilludidos, alliou sempre á sua elevação do espirito um senso caustico das realidades que o tornou um excellent critico de costumes e de caracteres, com fóros de pamphletario. Timon não foi para elle um nome vão: do atheniense teve a graça mordaz e o desprezo do quanto o merece. De quanto e de quantos.

E' claro que João Francisco Lisboa nasceu com dotes literarios. "On devient cuisinier, mais on nait rôtisseur". Ello não se contentou entretanto com ser um cozinheiro trivial: foi exímio na arte, o quo só se adquire com a pratica e o cuidado. Ora elle foi essencialmente um estudioso. Quando falleceu, em Lisboa, occupava-se em estudar nos archivos portuguezes o passado nacional, no qual soube enxergar mais do que uma série de successos militares ou um ról de capitães generaes o vice-roys, descobrindo e aprofundando os aspe-

ctos sociaes e economicos. Fel-o antes que a sciencia estrangeira nos indicasse ossa orientação, mesmo porquo nas influencias que pesaram sobre seu espirito, como nas preoccupações a' que obedecia seu espirito, João Francisco Lisboa foi sempre rigorosamente nacional.

A sua obra de historiador confunde-se com a de moralista politico que elle sobretudo foi, na definição bem achada por José Verissimo, mas o moralista não desmanchou com suas divagações a necessaria pureza das linhas historicas. Seus melhores ensaios neste campo foram o optimo trabalho sobre a conspiração do Boqueimão e a biographia incompleta, por havel-o surpreendido a morte, do padre Antonio Vieira. Incompleta muito embora, é excellent. O assumpto tem aliás tentado varios escriptores de nota, que desanimaram a meio do caminho, sentindo-se perdidos no labyrintho de argueias e subtilzas do famoso jesuita. Neste momento a olle se consagra um historiador de grandes dotes, espirito parecido com o de João Francisco Lisboa na severidade do methodo, na sobriedade do stylo, na imparcialidade dos juizoe. Refiro-me ao sr. J. Lucio de Azevedo. O prestigio de João Francisco Lisboa não só se derivou contudo do seu talento: tambem e não pouco se derivou do seu character. Toda a vida se impoz pela seriedade do proceder e pela compostura da accção. Era digno do ser imitado, o que não aconteceu com outros, que no entanto se dão como modelos a serem copiados. Além da honestidade sem jaça, possuia outra virtude, então como presentemente rara — a tolerancia, que sabia estender aos adversarios, uma tolerancia espontanea da sua alma, que todavia não era a de um optimista, o que fora fortificada pelo saber adquirido pelo proprio esforço e pelo respeito devido ás opiniões alheias, quando do boa fé e honradas. (Oliveira Lima — "O Estado de S. Paulo", S. Paulo).

MACHADO DE ASSIS

Para muita gente, Machado de Assis é ainda uma esphyngé. Era um tímido? Era um sceptico? Um orgulhoso? Um revoltado? Ou um ironico fermidavel? As epiniões desencontram-se, porque elle era com effeito na apparencia contrastante. Descendente do homems de côr, é e opposto do sangue africaue caldeado entre nós. Quando neste sangue corre a scentella divina, ha dynaminha. Tobias, Cruz e Souza, Patrocinio são naturezas erpitanas. Machado de Assis é um consumido, um torturado, quo anda de compasso e regua e gume florentino. Ha individuos quo trazem a alma na bocca, no olhar, na face, revelando-a, num sorriso, numa palavra, num raie visual. Machado guardava a sua, secreta o invielavel como no funde de um poço. Os mais intimes nunca souberam come olla era. Só a pudemos conhecer por um esforço do interpretação e de adivinhação. Temos que enxergal-a na sua ebra, e na attitude quo elle tomou diante da vida, quo foi uma attitude de consorvação, e, portanto como diria Braz Cubas no meie do delirio, do egoismo. E' aliás esse o estatuto universal. Assim Machado de Assis precuará defender e desenvolver a sua personalidade. Será um intuitivo. Mas o seu individualismo não será o individualismo stirneano de insociabilidade e de mobilidade intellectual, e que é egoista e negativo. Será antes o individualismo aristocratico de um ironico (e a ironia é uma attitude anti-social) a roagir brandamente com o que ha em si de pessoal o de intimo contra as idéas, os criteries educativos, religiosos ou moraes, do eu social, meio desassociado, zombando delle com o espirito eritico, malicioso e ferine. Tratou de enraizar e destino numa vida sedentaria, o fez-se burocrata, gozando no Imperio como na Republica o commode papel de espectador. Era um impermeavel, sem porosidade nenhuma. Não creio por isso quo e seu patriotismo ou o

seu nacionalismo fossem profundos. Aliás não o era o de Napoleão e menos o de Geethe. Bonaparte é e thaumaturgo que derrama através da Europa o magnetismo e es fluidos de uma Revolução de que elle vivo mas que calcava a botas e esporas, e de uma patria cujos preconceitos não recebem a sua sanção. Goethe, quo se declara impotente para combater Napoleão, so faz condecorar pelo "condottieri" corso, e glorifica-o.

Machado era uma criatura infinita em pensamento, o um espirito muito critico e intuitivo, de um intellectualismo e do um sensualismo assás ironicos para se refugiar no acampamento nacionalista, onde nem um bivaquo tentou fazer Renan. Dese modo, e mundo em torno delle se agita e so transforma. Ha uma guerra oterna de cinco annos. Depois se succedem a jornada abolicionista e a republicana e uma guerra civil. Elle não dá por nada disso. De mundo exterior só e impressionam aquellas coisas quo ondulam no seu pequeno mundo interior. Em sua ebra, apenas Helena tinge-so de um colorido de heraina. Todos es seus typos têm qualquer coisa de enfesados; o quando fulgura a chamina azul do genio nalguns delles, o escripter toma-o suavemente pelo brace e recolhe-o ao hospicio. Nada do quo é grande o arrebatada. Dir-se-á que o apavora o ridicule das grandezas. Elle é de uma incapacidade absoluta para e deslumbramento.

Hugo faria e D. Quixote que marcha para a origem dos seculos, cavalgando um centauro de Rheino ou um dragão fulvo. Braz Cubas monta desengonçado, no dorso mollo de um hippopotamo, quo em vez de asas, tem patas o anda a trete pesado. Não ha nelle um raio de fantasia visual. O mais enfeitador dos elementos, que é e fe-go, doixa-o indifferente. O Rio é um panorama de encantamento. Ninguem deparará uma pagina sua de enleve pela gloria desta natureza. Era uma sensibilidade árida, secca, como uma vegetação sertane-



ja em mezes estivaes. O excesso de subjectivismo estanca-lhe a sensibilidade, e, do momento em quo a nevrose, que lhe mina, a saude, se accentúa, a onda de amargor e de pessimismo se encrespa. A nevrose opera-lhe phenomeno identico ao quo se observou em Flaubert. A intelligencia empolga a sensibilidade, a idéa, a sensação. A hypochondria adeja-lhe a asa subtil, e elle fica envenenado para o reste da vida. Torna-se então um cerebral, um especulativo, um solitario ainda mais ferrenho. O proprio Sôneto a Carolina é o gemido de uma dôr cruciante, mas do uma dôr que se mede, se domina e se reserva. Dizendo da companheira morta, recorda simplesmente os "pensamentos idos e vividos". E nos romances, do seu desespero, da sua tragedia intima, só desabrocha o sorriso, que é a flôr do espirito, e a ironia, que era a posse da duvida philosophica e a capacidade do tel-a attingido. A verdade é de uma expressão fugidia, nos seus personagens, que não negam nem affirmam — o que é a suprema habilidade, conclue Renan, nas obras de conciliação.

Tambem a estação romantica rubusteceu-lhe a personalidade ou o radicalismo aristocratico. Da arte classica, elle conservou toda a vida, o amor da disciplina, da regra, da ordem e da medida. Mas o seu gosto por essa expressão artistica nunca o levou á subordinação da sua originalidade ao objectivo de unidade esthetica, moral e social, que é o fundamento do classicismo. Ao contrario, manteve integra a independencia individual que o romantismo se propoz a restaurar na ordem intellectual e social.

Explica-se a indiferença com que esse estheta individualista poudo atravessar meio seculo de literatura, vendo da sociedade os typos que a compunham e nunca os movimentos que a abalaram. O promontorio artistico é a derradeira muralha que ainda não foi submergida pela maré crespa da socialisação. Por isso

mesmo que o seu contacto com o publico so circumscreve a uma esfera mais estreita, e quo este não precisa do poeta nom do romanéista como carece do legislador e do juiz, o liberalismo social é mais tolerante com o individualismo artistico do que com o individualismo politico. O artista pode ter mais individualidade. O homem é menos um animal esthetico do quo politico. A formula politica, sobretudo a democratica e igualitaria, nivela, uniformisa despersonalisa e elimina a originalidade. A formula esthetica, ao contrario, é mais differenciadora, porque a belleza é um padrão de supremacia o de volupia egoistica, de aristocratismo intellectual, do excepção, de vida autonoma e de personalidade. Suffocada pelo criterio da utilidade social, da solidariedade, da communhão espiritual, ou da "sympathia humana", ainda lhe sobram attitudes de clarividencia ironica. A sua marcha é menos anti-individualista do que a da politica. A poesia o o rythmo primitivos são coraes. Quem dansa e canta é toda a guilda ou todo o clan reunidos...

Machado de Assis fixa desse modo a intelligeneia mais individualizada, de um egoismo mais robusto, que ainda viu o Brasil. Elle foi um amante exclusivo e apaixonado da belleza. A sua vocação era o pensamento. Nasceu mais para contemplação do mundo do que para os seus contactos, mais para comprehendel-o, observal-o e dissecal-o, do que para viver nelle, para julgal-o, antes que toleral-o. As paginas que concebeu isolado, como um asecta, pensando, reflectindo e discutindo comsigo, examinando a consciencia responsavel, tendo diante de si a alma núa, são paginas onde ha a gravidade do silencio que as assistiu e commentou, com a volupia do sybarita. (A. Chateaubriand — "Correio da Manhã", Rio de Janeiro).

AS VELHAS ARVORES

O Rio de Janeiro foi a cidade das grandes e bellas arvores. Independentemente da selva luxuosa que lhe vestia as montanhas, as lindas montanhas que fórmam a cinta da cidade, a velha metropole tinha os seus arrabaldes povoados dos renques de palmeiras e das frondosas arvores do fructa das chacaras de verão. Os habitos de outro tempo, quando a vida era vista sob outros aspectos do calma e do conforto, impunham aos antigos cariocas, desde que a sorte lhes favorecia com uma certa abastança, o ideal de uma chacara. Não havia ainda a preocupação das fachadas, o empenho, que o evoluer dos costumes nos trouxe, das construcções evidentes, que firam e prendam a attenção visual do que passa, no rapido minuto da desfilada de um auto em tereira velocidade, e para as quaes o terreno em derredor é dispensavel por inutil e a arvore afastada como um tapa-vistas importuno. O antigo sentia o seu "domus" de outro modo; e plebeu ou fidalgo, remodiado ou opulento, não havia habitante da velha "urbs" que, dispondo de uns tantos recursos, não fizesse a sua chacara, como residencia permanente ou refrigerio dos dias ardentes de dezembro a março. E nesses retiros amigos, onde a morada modesta ou rica tinha a acarinhala um ambiente de sombra, do frescura e de tranquillidade, o o morador gozava a recompensa bem-dita da flôr, do fructo e da belleza das arvores que plantára, o carioca vivia, no circulo formado pelas linhas do affecto e da sociedade, a vida caracterizada pelo leal acolhimento do homem e pela dadivosa abundancia da terra.

E foi assim que o Rio de Janeiro se encheu das grandes e bellas arvores.

Na vasta extensão dos arrabaldes enxameavam as chacaras: do Engenho Velho no Alto da Tijuca, com as ramificações do Rio Comprido e da Fabrica das Chitas, da Gloria á Gavea, do Cattete ao Cosmo Ve-

lho, nas vertentes de Santa Thereza, em Catumby e no Andarahy Grande, de S. Christovão á linha dos suburbios, — o até nesse transformado Mata-Cavallos, que era ha meio seculo considerado "chacara", arrabalde da cidade restricta, — as copadas arvores de fructo e as alteineiras arvores de palma que foram e orgulho do velho Rio de Janeiro, multiplicavam-se nas habitações da gente de dinheiro e prolongavam-se, não raro, na via publica, ou pela providencia de alguns edis para quem a arvore não era apenas a madeira de construcção e a lenha, ou pelo rasgamento o recuo do ruas, que traziam para o dominio collectivo lindos especimens da propriedade particular.

Havia timbre, em uns tantos homens de recursos, em ter nas suas chacaras toda especie de fructas, da jaca vultuosa e da fructa do pão á pitanga rubente e acida e a osso pequeno e bizarro araquá de corôa, que parece desaparecido já da flôra carioca, e que é, pela graça delicada, entre os fructos tropicaes, o que era o rococó nos estylos decorativos, mas cultivavam-se particularmente as bellas arvores. Atravéz das devastações estupidas que se têm feito, ainda temos a impressão, nas mangueiras mutiladas, nos tamari-neiros e jaboticaboiras desgarrados, nas palmeiras que vão, dia a dia, cahindo sob o machado dos vandalos, do que era, neste culto da belleza vegetal, o Rio que desaparece. (Sebastião Rios — *O Imparcial*, Rio).

HOMENS
E COISAS ESTRANGEIRAS
OS BASTIDORES DO MUNDO
LITERARIO

Edmond About, tão afamado pelo seu espirito e por toda a gento proclamado como o herdeiro de Voltaire, não poupava ninguém — e não recuava deante de nada. Tinha sido condiscipulo de Taine, na Escola Normal, onde fizeram es-

treita camaradagem. Ora, quando appareceu o primeiro volume das "Origens da Revelação", About, que não gostava desse livro, e o julgava com severidade, escreveu sobre elle um artigo violento, quasi brutal. Taine não gostou da coisa, e durante longos mezes evitou encontrar-se com About, e mesmo, algumas vezes, lhe deu as costas. Mas um bello dia, levado pelas suas recordações da mocidade, estendeu-lhe a mão. Edmond About, sempre risonho, apertou-lh'a, dizendo:

— Eu sabia bem que dois bons amigos não haviam de fiar brigadas por causa de um máu livro! Era implacavel e incorrigivel.

Como tantos outros escriptores, About teve varias occasiões de se queixar de Buloz, director da *Revue des Deux Mondes*.

Alexandre Dumas pae, que tambem se indisputara com esse personagem, fez então o juramento de não escrever, durante um anno, uma só carta sem alguma coisa de desagradavel sobre esse a que chamava "o mais desagradavel-dos homens". E começava assim, frequentemente as suas missivas desse anno: "Meu caro, Você que é tão superior a esse imbecil de Buloz, comprehenderá logo..."

Ou então: "Meu caro amigo: "Você, cujo creado é com certeza menos ignorante do que *mossieu* Buloz..."

Dumas chegava mesmo a pôr, no endereço da carta:

"Ao sr. X..., rua des Plessis — Versailles, a 23 kilometros distantes desse animal que é Buloz"

Buloz era zarolho, razão pela qual Philarète Chasles o appellidou de "Cyelopo des Deux Mondes". A proposito desse mesmo defeito, corria uma quadrinha, attribuida por uns a Musset e por outros a Mürger:

Quand Buloz au tombeau será prés

[de descendre

Rien ne saurait le retarder:

Il n'aura qu'un oeil á fermer,

Et pas d'esprit á rendre.

A *Revue des Deux Mondes* tão seria, tão grave e veneravel hoje,

tinha como fim principal, ao ser fundada, nada mais nada menos que isto: distrair os seus leitores, ser um jornal "amusant" — tanto que tinha por titulo principal este: *Journal des Voyages...*

Era regra nessa revista, e por muito tempo se conservou a praxo — não se pagar o primeiro artigo do escriptor, fosse quem fosse. Buloz imaginava poder assim incentivar mais es principiantes. Por causa desse systema, o director teve varias vezes discussões com escriptores, entre os quaes se contava George Sand, a quem uma vez Buloz escrevia: "Ficac sciente, minha senhora, de que a *Revue* dá mais do que dinheiro — dá honras."

Edmond About é que não quiz se submitter a isso. E como, certa vez, a *Revue des Deux Mondes* publicou a primeira parte de um romance seu, e não queria pagar-lh'a — elle, sem dar a perceber nada, pediu por alguns dias os originaes, já entregues, allegando que precisava modificar o desfecho do romance. De posse dos originaes, About não os devolveu mais, apesar das constantes reclamações do Buloz: "Pas d'argent, pas de Suisse!", respondia elle ás cartas do director. Afinal, este foi forçado a capitular, pagando tambem a primeira parte do romance, cuja publicação proseguiu sem mais incidentes. (Albert Cim — *La Revue*, Paris).

AS RELIQUIAS DO MAR

Já um publicista aventou a ideia de um museu subterraneo onde se fechassem hermeticamente os productos de uma civilização, para fornecer aos posteros uma visão da epoca presente; mas não é novidade isso visto como a natureza tem procedido, de modo a nos proporcionar hoje traços de velhas civilizações extinctas. O mar, quantas naves não absorveu no seu seio desde os tempos mais remotos! Os pescadores do condado ínglez do Kent têm por habito andar á procura de ancoras, perdidas no fundo do mar, que os navios com frequencia abandonam, para fugir á

violencia da tempestade. A's vezes, nessas rebuscas, so fazem descobertas interessantes, como a de dois velhos canhões, encontrados em 1775 e em 1830. O primeiro desses canhões remontava ao anno de 1370, acreditando-se que fosse portuguez. O segundo, todo de ferro, parecia ainda mais antigo, e é conservado no museu de Dover. As duas armas pertencem ao mesmo typo, com ligeira differença. Atribuiram-las á famosa "Armada" hespanhola, mas não é provavel que ella empregassó armas tão antiquadas.

Muitos outros canhões foram encontrados no fundo do mar. Mas não se encontraram lá somente canhões: o mar tem conservado em seu seio innumerous objectos preciosos, nelle perdidos, dos quaes muitos já foram descobertos. Assim, em 1860 o navio "Vigilant" encontrou uma amphora romana, da altura de meio metro, e com a capacidade de quasi cinco litros, a qual é conservada no museu municipal do Hull.

O mar tem mesmo restituído objectos de uso pessoal. Conta-se, por exemplo, que tres pessoas reclamaram como suas uma dentadura postica pescada em Chesapeathe Bay, á qual se agarrava uma estira! Do "Royal George", que foi a pique em 1728, içaram-se, além de 23 canhões, os seguintes objectos: um moinho do café, uma garrafa, um cachimbo, um lenço de seda. Alguns desses objectos traziam ostras incrustadas.

E' muito curioso o caso do retrato de capitão E. Williams, o amigo de Shelley, que foi victimado em companhia do poeta, em 1822. O retrato era um desenho de proprio Williams e muito pouco se deteriorara depois da immersão. Contrastando com a fragilidade dessas reliquias, ha a citar a carruagem de posta repescada das areias do Goodwin com as rodas ainda presas ao oixo. Ha alguns annos os pescadores de esponjas descobriram ao longo das costas africanas, perto do porto de Machidia, um antigo navio afundado. Os escaphandristas verificaram que

se tratava de uma galera grega, carregada do thesouros de arte da primeira epoca cristã, estatuas de bronze e de marmore, estatuetas e modalhões. O marmore é que tinha mais soffrido com a acção da agua marinha, ao passo que o bronze se conservava intacto.

Além desses objectos de arte, o navio continha moveis e utensilios, inclusivo leitos, cadeiras, vasos, e uma lampada de terra-cota em quo ainda se encontrava o pavio.

O cavallo do bronze que se vê na Ponte Nova, em Paris, foi fundido na Toscana por ordem de Maria de Medieis, viuva de Henrique IV e filha do grão duque da Toscana. Dahi se transportou para Paris, por via maritima, mas o navio se perdeu nas costas da Normandia, ficando o cavallo do bronze immerso durante um anno. Encontrado, afinal, chegou ao destino, e foi collocado onde hoje se acha. (W. A. Atkinson — *Chambers's Journal*, Londres).

O SUBMARINO NA ANTIGUIDADE

A idéa de trabalhar e navegar sob a agua não data dos tempos modernos como se poderia suppôr. Quando Fulton, no principio do seculo XVII fez as suas primeiras experiencias, contava já numerosos precursores. Com effeito, já desde Aristoteles se pensava em submarino ou coisa equivalente: o philosopho descreveu um apparelho denominado *Exeta*, de que se serviram os marinheiros de Alexandria no assedio de Tyro, no anno de 332 antes da era christã, para collocar sob os navios inimigos cadeias e ganchos, especies de torpedos primitivos de que se ignora a natureza. Na historia das guerras punicas, como tambem em diversas narrativas arabes das Cruzadas, se faz menção do apparelhos analogos. Em 1538 em Tolodo, na presença de Carlos V, se realisaram experiencias com um submarino que Bacon descreve assim: "Uma machina em forma de pequeno navio, graças á qual os homens pôdem percorrer sob a agua um es-

paço bastante grande". Em 1580 William Bourne construiu um apparelho submarino e em 1605 Pegelius fez experiencias com outro. Um hollandez, Cornelio Van Drebbel, medico na côrto de Inglaterra construiu um submarino em quo cabiam cerca de vinte pessoas, entre as quaes doze remadores. Fez navegar o submarino no Tamisa em 1620, com excellento resultado, tanto que permittiu conduzir nello, numa das suas immersões, o rei Jacques I. Acreditava-se então que aquelle medico houvesse resolvido o problema da renovação do ar a bordo do seu barco. Com effeito, seu genro, dr. Keiffer escreve: "Drebbel, tendo descoberto que o ar contem uma parto que é principalmente util á respiração, compuzera uma especie de licor a que dera o nome de "ar quintessenciado"; algumas gottas desse licôr espargidas num aposento fechado bastavam a renovar o ar viciado, do sorte a tornar a respiração possivel aos que ali se encontravam." E' licito ver em Drebbel um precursor do Lavoisier? Acaso o seu licor conseguia formar oxygenio? Ou não seria antes um producto que absorvia acido carbonico? Talvez mesmo não fosse senão um perfume. Fosse o que fosse, nós não podemos passar de hypotheses, porque a formula do precioso licor ficou ignorada. Outros medleos se-

guiram a via traçada por Van Drebbel, entre os quaes se eitam o dr. Payerno, que inventou em 1842 uma especie de campanula submersivel, com reservatorio de ar comprimido, e preconisou em 1845 um motor de combustivel sob pressão em vaso fechado, motor de Allest; e o dr. Barbur que construiu em 1869 um submarino cuja helice era accionada por um motor de acido carbonico.

Mas tornemos aos precusores de Fulton: em 1634, o padre Mersenne descreveu um submarino de guerra. Em 1660 os padres Mersenne e Fournier fazem outras tentativas. De 1660 a 1675 um mechanico inglez de nome Day, fez investigações e construiu um submarino, no qual morreu afogado á segunda immersão. Em 1680 Borelli fez novas experiencias e em 1747 Simons construiu na Inglaterra e fez mover no Tamisa um barco de remos cuja immersão era produzida por odres de couro. Finalmento em 1773 Bushnell construiu nos Estados Unidos a *Tortue* que caminhava medeante remos especiaes, levava uma pessoa e permanecia meia hora immergida. Fulton não era, pois, tão innovador como se crê geralmente, quando se lembrou de offerecer o seu *Nautilus* ao primeiro consul que recusou valer-se de semelhante instrumento. (Jules Rognault — *Progrés Medical*, Paris).

PUBLICAREMOS NOS PROXIMOS NUMEROS :

- TRES POETAS, pelo sr. Claudio Ganns.
 ALMAS ITINERANTES, pelo sr. V. Mello Franco.
 UM ALBUM DE ELISA LYNCH, pelo sr. A. E. Taunay.
 CLARINHA DAS RENDAS, pelo sr. Mario Sette.
 VOCABULARIO ANALOGICO, pelo sr. Firmino Costa.
 MEU PARENTE, pelo sr. Godofredo Rangel.
 A OBRA DO SR. PEDRO LESSA, pelo sr. F. Linhares.



AS CARICATURAS DO MEZ



O Papa — Paz em nome de Deus!
Vox Populi — Mas de qual deles?

(“D. Quixote”, Rio)

CORDEALIDADE



A paz com a Ukrania

(J. Carlos — “Caretá”, Rio)

À BEIRA DO ABYSMO



— Agora, menina, dá-me um beijo espontaneamente.

(J. Carlos - "Caretta", Rio)

Joallierie — Horlogerie — Bijouterie

Maison d'importation

Bento Loeb

RUA 15 DE NOVEMBRO, 57 (en face de la Galeria)

Pierres précieuses — Brillants — Perles — Orfèvrerie — Argent, Bronzes
et Marbres d'Art — Services en Métal blanc inaltérable

Maison à Paris . 30, Rue Drouot, 30

Casa de Saude

Dr. **HOMEM DE MELLO & C.**

Exclusivamente para doentes de molestias nervosas e mentaes

Medico consultor — **Dr. FRANCO DA ROCHA,**
Director do Hospicio de Juquery

Medico interno — **Dr. Th. de Alvarenga,**
Medico do Hospicio de Juquery

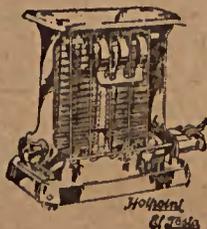
Medico residente e Director — **Dr. C. Homem de Mello.**

Este estabelecimento fundado em 1907 é situado no esplendido bairro *Alto das Perdizes* em um parque de 23.000 metros quadrados, constando de diversos pavilhões modernos, independentes, ajardinados e isolados, com separação completa e rigorosa de sexos, possuindo um pavilhão de luxo, fornece aos seus doentes esmerado tratamento, conforto e carinho sob a administração de Irmãs de Caridade.

O tratamento é dirigido pelos especialistas mais conceituados de São Paulo

Informações com o **Dr. HOMEM DE MELLO** que reside á rua *Dr. Homem de Mello*, proximo á casa de Saude (*Alto das Perdizes*)

Calva do Correló, 12 **SÃO PAULO** Telephone, 560



A' ILLUMINADORA

RUA DA BOA VISTA, 47

ENCARREGA-SE DE QUALQUER SERVIÇO
DE ELECTRICIDADE.

MATERIAL ELECTRICO EM GERAL,
LAMPADAS, PILHAS, FIOS, ETC.

INDICADOR

ADVOGADOS:

DR. S. SOARES DE FARIA —
Escritório: Largo da Sé, 15
(salas 1, 2 e 3).

DRS. SPENCER VAMPRE',
LEVEN VAMPRE' e PEDRO
SOARES DE ARAUJO — Traves-
sa da Sé, 6, Telephone 2.150.

DRS. ROBERTO MOREIRA,
J. ALBERTO SALLES FILHO e
JULIO MESQUITA FILHO —
Escritório: R.ka Boa Vista, 52
(Sala 3).

MEDICOS:

DR. LUIZ DE CAMPOS MOU-
RA — Das Universidades de Ge-
nebra e Munich. — Cirurgia —
Operações — Rua Libero Badaró,
181. Telephone 3492, das 13,30
às 16 horas.

DR. SYNESIO RANGEL PES-
TANA — Medico do Asylo de Ex-
postos e do Seminario da Gloria.
Clinica medica especialmente das
crianças — Res.: R. Bella Cintra, 139
Consult.: R. José Bonifacio 8-A,
das 15 às 16 horas.

DR. ALVARO CAMERA — Medi-
co. S. Cruz do Rio Pardo-S. Paulo.

DR. SALVADOR PEPE — Es-
pecialista das moléstias das vias
urinarias, com pratica em Paris.
— Consultas das 9 às 11 e das
14 às 16 horas. Rua Barão de
Itapetininga, 9. Telephone 2.296.

TABELLIÃES:

O SEGUNDO TABELLÃO DE
PROTESTOS DE LETRAS E TI-
TULOS DE DIVIDA, NESTOR
RANGEL PESTANA, tem o seu
cartorio á rua da Boa Vista, 58.

CORRETORES:

ANTONIO QUIRINO — Corre-
tor official — Escritório: Tra-
vessa do Commercio, 7 — Tele-
ph. 393.

GABRIEL MALHANO — Cor-
retor official — Cambio e Títu-
los — Escritório: Travessa do
Commercio 7. Teleph., 393.

DR. ELOY CERQUEIRA FI-
LHO — Corretor Official — Es-
critório: Travessa do Commer-
cio, 5 - Tel. 323—Res.: R. Albu-
querque Lins, 58. Teleph. 633.

SOCIEDADE ANONYMA COM-
MERCIAL E BANCARIA LEO-
NIDAS MOREIRA — Caixa Postal
174. End. Teleg. "Leonidas, S.
Paulo". Telephone 626 (Central)
— Rua Alvares Penteado — S.
Paulo.

DESPACHANTES:

BELLI & COMP. — Santos:
Praça da Republica, 23. Teleph.
258. Caixa, 107.—Rio: Rua Can-
delaria, 69. Teleph. 3.629. Caixa,
881. — S. Paulo: Rua Boa Vista,
15. — Teleph. 381. Caixa, 135.
Telegrammas: "Bellico", Genova
(Italia), Piazza Scuole Pie 10 —
Casella 1.459. End. tel. "Bel-
lico".

ALFAIATES:

ALFAIATARIA ROCCO — Emi-
lio Rocco — Novidades em case-
mira ingleza. — Importação di-
recta. — Rua Amal Gurgel, 20,
esquina da rua Santa Izabel. Tel.
3333 — Cidade — S. Paulo.

Wilson Sons & Co. Limited

RUA B. DE PARANAPIACABA, 10

TELEPHONE, 123

CAIXA DO CORREIO, 523 End. Teleg. "ANGLICUS"

SÃO PAULO

IMPORTADORES:

de carvão de pedra, forja, anthracite, coke, etc.; ferro guza, cobre, chumbo, chapas e canos de ferro galvanizado, folhas de flandres e ferragens; óleo de linhaça e tintas; drogas e adubos para industrias; barro e tijolos refractarios, barrilha etc.

AGENTES DE:

Alliance Assurance Co. Ltd., Londres
Seguros maritimos e contra fogo

J. B. White & Brothers, Londres
Cimento Portland "J. B. W."

Aberthaw & Rhose Portland Cement &
Lime Co. Ltd. Cimento marca "Mitra"

Read Brothers Limited, Londres
Cerveja Guinness "Cabeça de cachorro"

Curtis's & Harvey Ltd., Londres
Dynamite marca "Dragão"

Brooke, Bond & Co. Ltd., Londres
Chá preto e verde marca "Bond"

William Pearson Ltd., Hull
Creolina, Pacolol e Pacofluido

Andrew Usher & Co., Edinburgo
Whisky "Liqueur"

J. Bollinger, Ay Champagne
Champagne "Bollinger"

P. Virabian & Cie., Marselha
Ladrilhos e Cimento

Holzapfels Ltd., New-Castle-on-Tyne
Tintas preparadas "Lagoline"

Acceltam pedidos para importação directa mediante
modica commissão

O MELHOR TAXI

Telephone

3

Central
ou
Cidade

Garage RODOVALHO

Loteria de São Paulo

PARA 12 DE ABRIL

100:000\$000

Por 9\$000

Os bilhetes estão á
venda em toda a parte

ETABLISSEMENTS BLOCH

Société Anonyme au Capital de 4.500.000 francos



FAZENDAS, TECIDOS, ETC.



RIO DE JANEIRO
116, Rua da Alfandega



S. PAULO
47, Rua Direita

PARIS, 26, CITÉ TRÉVISE

As Machinas **LIDGERWOOD**

Para CAFÉ MANDIOCA
ARROZ MILHO
ASSUCAR FUBÁ, etc.

São as mais recommendaveis para a lavoura, segundo
experiencias de ha mais de 50 annos no Brasil

GRANDE STOCK de Caldeiras, Motores a vapor, Rodas de
agua, Turbinas e accessorios para a lavoura

CORREIAS-OLEOS-TELHAS DE ZINCO-FERRO EM BARRA

GRANDE STOCK de canos de
ferro galvanizado e pertences

CLING SURFACE, massa sem rival para conservação de correias

Importação directa de quaes-
quer machinas, canos de fer-
ro batido galvanizado para
encanamentos de agua, etc.

Para Informações, preços, orçamentos, etc., dirigir-se a

Rua de São Bento N. 29-6

SÃO PAULO

OFFICINAS DO "O ESTADO DE S. PAULO"



REVISTA DO BRASIL

SUMMARIO

V. DA SILVA FREIRE	A guerra e a produção nacional	317
MONTEIRO LOBATO	O estigma	328
MARIO DE ALENCAR <small>da Academia Brasileira</small>	Flôr do campo	339
AMADEU AMARAL	Em torno de Machado de Assis	357
CLAUDIO GANNS	Tres poetas	369
R. P.	Chronica scientifica	380
COLLABORADORES	Resenha do mez	385

(Continúa na pagina seguinte)

PUBLICAÇÃO MENSAL

N. 28 - ANNO III

VOL. VII

ABRIL, 1918

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
RUA DA BOA VISTA, 52
S. PAULO - BRASIL



RESENHA DO MEZ — A politica brasileira — Bibliographia — Movimento artistico (com 12 illustrações) — Como os novos escrevem (*Monteiro Lobato*) — Aos escoteiros (*Pedro Lessa*) — Euelydes da Cunha (*Vicente de Carvalho*) — Os bandeirantes (*Helio Lobo*) — José Verissimo (*Miguel Mello*) — Souza Bandeira (*José Maria Bello*) — O problema sanitario da Amazonia (*Afranio Peixoto*) — Eugenia (*L. P. Barretto*) — O sorteio militar e a voz do povo (*João do Norte*) — O Brasil e a França no seculo XVI (*Araujo Jorge*) — A Trappa de Tremembé (*Monteiro Lobato*) — O “pistolão” (*Carlos de Laet*) — Clemenceau (*Julio Mesquita*) — Lisboa, a cidade das revoluções (*Mayer Garção*) — O theatro francez e a guerra — O centenario de Elvira — Os automoveis nos Estados Unidos — A immensidade do Universo — Os mysterios de Paris — As caricaturas do mez.

ILLUSTRAÇÕES: *Nostalgia da tarde* e *Guarujá*, quadros de Roberto Mendes; *Salomé* e *Lydia*, quadros de Oscar P. da Silva; *Convalescente* e *Cabeça de velha*, quadros de C. Amazonas; *Autoretrato*, *Mia-Madre*, *Mio Padre*, *Nevicata*, retrato do esculptor Caldas, retrato de eriança, quadros de Henrique Vio — *Habitações no Amazonas*.

As assignaturas começam e terminam em qualquer tempo
A “REVISTA DO BRASIL” só publica trabalhos ineditos

REVISTA DO BRASIL

PUBLICAÇÃO MENSAL DE SCIENCIAS,
LETRAS, ARTES, HISTORIA E ACTUALIDADES

Propriedade de uma
sociedade anonyma

L. P. BARRETTO

Directores: JULIO MESQUITA Redactor-chefe: Plinio Barreto
ALFREDO PUJOL Secretario-gerente: Pinheiro Junior

ASSIGNATURAS:

Anno	15\$000
Seis mezes	8\$000
Edição de luxo, anno	22\$000
Numero avulso	1\$500
Numero atrazado	2\$000

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:

RUA DA BOA VISTA, 52
Caixa Postal, 1373 — Telephone, 4210

S. PAULO

Toda a correspondencia deve ser endereçada ao secretario-gerente.



BYINGTON & C.

Engenheiros, Electricistas e Importadores

Sempre temos em stock grande quantidade de material electrico como:

MOTORES

FIOS ISOLADOS

TRANSFORMADORES

ABATJOURS LUSTRES

BOMBAS ELECTRICAS

SOCKETS SWITCHES

LAMPADAS

1/2 WATT

CHAVES A OLEO

VENTILADORES

PARA RAIOS

FERROS DE ENGOMMAR

ISOLADORES

TELEPHONES

LAMPADAS ELECTRICAS

Estamos habilitados para a construcção de installações hydro-electricas completas, bondes electricos, linhas de transmissão, montagem de turbinas e tudo que se refere a este ramo.

UNICOS AGENTES DA FABRICA

WESTINGHOUSE ELECTRIC & MFTG Co.

Para preços e informações dirijam-se a

BYINGTON & COMP.

Largo da Misericordia, 4

TELEPHONE, 745

SÃO PAULO

contendo apenas os nomes vulgares das aves, a época, das posturas,

The British Bank of South America, Ltd.

FUNDADO EM 1863

Casa Matriz, 4 MOORGATE STREET, Londres

Filial em São Paulo, RUA SÃO BENTO N. 44

Capital subscripto . . .	£ 2.000.000	Succursaes em: BAHIA,
„ realizado. . . .	£ 1.000.000	RIO DE JANEIRO, MONTEVIDÉO,
Fundo de reserva . . .	£ 1.000.000	ROSARIO DE STA. FÉ e BUENOS AIRES.

O Banco tem correspondentes em todas as principaes cidades da Europa, Estados Unidos da America do Norte, Brasil e Rio da Prata, como tambem na Australia, Canadá, Nova Zelandia, Africa do Sul e Egypto.

Emittem-se saques sobre as succursaes do Banco e seus correspondentes.

Encarrega-se da compra e venda de fundos, como tambem do recebimento de dividendos, transferencias telegraphicas, emissão de cartas de credito, negociação e cobrança de letras de cambio, coupons e obrigações sorteadas e todo e qualquer negocio bancario legitimo.

Recebe-se dinheiro em conta corrente e em deposito abonando juros, eujas condições podem ser determinadas na occasião.

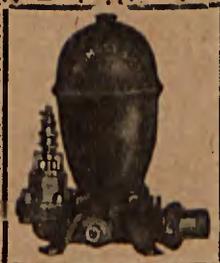
Firmas e particulares que desejarem manter uma conta corrente em esterlinos, em Londres, podem abril-a por intermedio desta filial que, a pedido, fornecerá talão de cheques e quaesquer esclarecimentos.

Este Banco, tambem abre contas correntes com o primeiro deposito de Rs. 50\$000, e com as entradas subsequentes nunca inferiores a Rs. 20\$000, até o limite de Rs. 10:000\$000 abonando juro de 3% ao anno.

As horas do expediente sómente para esta classe de depositos, serão das 9 horas da manhã ás 5 da tarde, salvo aos sabados, dia em que o Banco fechará á 1 hora da tarde.

TEMOS, no Brasil, o maior e mais completo sortimento de machinas para lavoura e industria, principalmente para lavoura, ramo de commercio em que somos especialistas; desde o mais simples arado, semeadeira ou carpeleira, aos mais aperfeiçoados arados e cultivadores de discos lisos ou recortados; da mais simples moenda manual, para moagem de canna o extracção do respectivo caldo ou garapa, ao melhor engenho CHATTANOOGA, a força animal, hydraulica ou mechanica; moinhos para todos os fins: desde o de vento, para accionamento de pequenos appparelhos, como bombas, etc., até os apropriados para a moagem de café, milho, arroz e todas as sementes ou corpos susceptiveis de soffrêrem moagem, para uso em casas de familia ou em estabelecimentos industriaes; geradores de gaz acetyleno, ceifadeiras mechanicas, machinas de tosquiar animâes, fazer cangica, manteiga, etc.; debulhadores e desintegradores de milho, cortadores de forragem, trituradores de ossos, bombas para agua e outros liquidos, arletes hydraulicos, motores electricos e para combustivel de lenha e kerozene ou gazoilna; até os mais aperfeiçoados machinismos para beneficiamento de arroz ou café, compostos estes de bem organizados e efficientes conjunctos de machinas "Engelberg" americanas (as primeiras machinas do mundo, para beneficiamento de arroz e café), dos quaes conjunctos as principaes peças são: descascadores, ventiladores, esbrugadores, catadores, polidores, lustradores e separadores; e, enfim, tudo quanto aos agricultores se torne necessario adqulrir, relativamente a appparelhos, para a elahoracão da terra, sementeira, plantio e consequente beneficiamento dos productos de sua lavoura.

A pedido, e sem compromisso da parte do solicitante, fornecemos preços, catalogos e orgamentos, relativos a quaesquer machinas ou appparelhos de nossa especialidade.



F. UPTON & C^o
 IMPORTADORES

Lar. de S. Bento, 12 | Av. Rio Branco, 18
 SÃO PAULO == RIO DE JANEIRO

:: CASA FRANCEZA ::

DE

L. Grumbach & C^{ia}

RUA SÃO BENTO, 89 e 91

SÃO PAULO

CASA MATRIZ

EM PARIS

17 Bis, RUE DE PARADIS

Louças, Vidros, Crystaes,
Porcellanas, Objectos de
Arte para Presentes,
Baterias de Cosinha.



VENDAS A VAREJO E POR ATACADO

:: IMPORTAÇÃO DIRECTA ::



A GUERRA E A PRODUÇÃO NACIONAL

REFLEXÕES DE UM DESORIENTADO

Não sei, para ser sincero, se a humanidade já atravessou muitos períodos eguaes a este. Se assim tem sido, como devo ter penado, essa pobre humanidade. Do meu ponto de vista, pelo menos... E' que, para mim, não ha tortura comparavel á da confusão, á de se debater no leito a noite inteira, em pleno acesso febril, vendo desfilar vultos e scenas sem nexo, tentando descobrir-lhes o movel das acções, e acordar, exausto, sem nada ter conseguido.

E' essa impressão a que me dá actualmente a nossa vida publica na sua mais lata accepção, não a que se confina ao terreno secundario, e inferior em todos os sentidos, do cosmorama politico.

Estamos em guerra, diz-se. Ninguem o põe em duvida. Mas os nossos actos não estão absolutamente de accordo com semelhante affirmação. Fallar em guerra é dar mostras de comprehender, em primeiro lugar, os interesses superiores da patria, a extensão dos males que a ameaçam; analysar em seguida os pontos fracos do adversario para debilital-os ainda mais, as vantagens dos proprios recursos para d'elles tirar o maximo proveito.

VII — abril, 1918.

E' fallar como Herbert Hoover, essa personalidade que incarna tão perfeitamente o typo do engenheiro da epoca, quando diz:

"Depois de dois annos e meio de contacto com o Exercito Allemão afastel-me d'essa monstruosidade com a convicção inabalavel de que a autocracia é um credo politico e um systema que põe em perigo, e compromette, o futuro da nossa raça — que nos ameaça de facto na propria independencia. Accrescente-se logo a segulr, porém, que soube elle admiravelmente incutir dedicação e espirito de sacrificio áquelle povo no interesse da Nação. O lavrador allemão, com a idea de patria na mente, conseguu que um palz com duas terças partes da nossa população, e occupando territorio apenas igual ao do Texas, nutrisse a aspração de submetter o mundo.

"E' minha convicção que eguaes sentimentos nos levarão a dar-lhe a resposta apropriada e isto sómente pela espontanea iniciativa do lavrador Americano. N'isso se revelará a democracia; essa será a sua replica á autocracia.

"E n'esse procedimento haverá, além do mais, um lado humano. Dols annos e meio vlvi na Europa em contacto lntimo com a roupa suja da guerra. Durante esse periodo arquei com a responsabilidade de garantir allimentação diaria a sete milhões de mulheres e creanças entre uma população de dez milhões, e o sustento de toda essa gente incumbe ainda hoje exclusivamente ao iavrador Americano. Mas, depois d'isso, a retirada gradual e destruição de homens e navios collocou outros cem milhões mais de mulheres e creanças dos nossos aliados restantes na dependencia, unica ainda, do cultivador Americano, para o seu pão de cada dia. Maridos, paes, irmãos de todos elles estão defendendo a nossa liberdade exactamente do mesmo modo como os filhos de mães Americanas o estão fazendo em França".

E' enunciar, como elle, com a autoridade de quem previra mezes e mezes antes, ao dissecar a sua desorganização administrativa, a defeção dos Russos, o que é necessario para ganhar a guerra:

"Pertencerá a victoria ao que resistir mais tempo, e o problema da resistencia é, em larga escaia, o problema do abastecimento e dos navios precisos para realisai-o. Se, portanto, soubermos effectuar economias de consumo e augmentos de produção capazes de supprir integralmente os alliados e, por esse modo, tirar o melhor partido da tonelagem, estaremos contribuindo para a derrota dos submarinos tão efficazmente como os nossos marinheiros e os nossos constructores navaes. O iavrador dos Estados Unidos que augmenta as horas de trabalho e o consumidor que restringe as suas necessidades estão combatendo o submersivel com arma positiva, certa e que não falha.

"A produção da banha é n'este momento preciosa para a vida d'aquellas creaturas e para a firmeza com que se manterão até ao

fim. O arratel de toucinho vale tanto como uma bala; vale mais um porco hoje em dia do que um obuz."

Contrastam singularmente essas palavras tão positivas com os arroubos de imaginação dos nossos jornalistas, incltando a alistarse sob a bandelra aos nossos jovens patricios.

Não se julgue, note-se, que quem escreve estas linhas é infenso, ou o foi sequer um instante, ao bello e nobre movimento que se desenhou, nitido, no selo da mocidade brasileira.

Ou se julgue, igualmente, que elle não se apcrcebe do risco, consequencia immediata, fatal, de um desastre dos allados, quo nos surgirá inevitavelmente, pelas bandas da fronteira do Sul, n'essa fatidloa hora que espera jamais soar.

Por isso, por isso mesmo que assim pensa, é que o coração se lhe confrange, a mente se lhe baralha e conturba deante da perspectiva que certos factos, denunciadores de uma contradictoria interpretação dos acontecimentos, lhe desenrolam perante os attonitos olbos.

Expliquemo-nos.

Imaginemos, por um momento, que todos esses recrutas que por abi vemos desfilar garbosamente, que todos esses soldados Brasileiros se acham repentina, bruscadamente, da noite para o dia, como nos contos de fadas, armados, munclados, equipados, instruidos, treinados. Que, bem conscientes do interesse real que une o nosso destino á sorte dos Allados, sequosos de concorrer com a nossa contribuição para a victoria, lhes offerecemos, espontaneamente, a remessa de algumas divisões.

Seriam ellas acceltas?...

Não seriam.

Porque?... Pelos mesmos motivos, invocados nas linhas, acima transcriptas, de Hoover, o seu "dictador das subsistencias", pelos quaes os nossos Allados d'esta banda do Oceano se estão submettendo a um reglmen de ração minguada; pelos mesmos motivos pelos quaes correm elles, consciente e voluntariamente, ao mesmo tempo, o risco de perderem de chófre quinhentos milhões de dollars com a acção simultanea, tambem officialmente Inslnuada, da intensificação da sua producção agricola.

Quinhentos milbões de dollars... Sabe-se porventura o que isso representa?... Representa o trabalho agricola d'este Estado, com os seus tres milbões de habitantes, durante um quatriennio inteiro. E' ver os algarismos da Secretaria de Agricultura de São Paulo:

PRODUCTOS	Anno 1912-13	Anno 1913-14	Anno 1914-15	Anno 1915-16
Café	280.336:656\$	270.165:787\$	236.686:579\$	332.594:080\$
Algodão.	8.759:840\$	2.167:297\$	3.262:080\$	14.285:556\$
Assucar	8.549:329\$	7.620:590\$	14.667:002\$	20.748:018\$
Aguardente e alcool	23.185:646\$	35.076:765\$	34.082:514\$	31.441:879\$
Arroz	15.993:429\$	15.507:408\$	16.112:704\$	22.355:873\$
Feijão	30.754:272\$	28.824:000\$	43.087:975\$	51.730:405\$
Milho	85.486:235\$	66.415:800\$	92.800:620\$	92.626:710\$
Fumo	3.769:000\$	3.731:625\$	2.999:500\$	3.856:750\$
Totales	471.816:408\$	429.509:273\$	447.698:974\$	569.609:273\$

Devem ser, portanto, valiosissimos, taes motivos. São-no de facto. Quantos e quaes são? Dois apenas: E' o primeiro aquelle que o "dictador das subsistencias" formulou, tão minuciosamente, na anterior citação, affirmando que "mais valia na hora presente meio kilo de banha de que um cartucho de fuzil, e mais precioso era agora um porco do que um obuz". Qualitativamente muito conhecido, elle o é menos comtudo na quantitativa. Mas, em resumo, constitue, para nós todos, simples logar commum.

Vejamos o segundo. Tão importante como o primeiro, mais importante até n'este momento, não se me affigura receber elle, de nós todos, a consideração que merece. E representa, todavia, a influencia de outro factor de primeira grandeza, capital, que já devêra aqui occupar logar de destaque, tão profundas têm sido as suas repercussões no nosso meio. E', de facto, graças á sua entrada em acção que estamos exportando mamona para a Europa, tecidos para a Argentina. Foi tambem a sua intervenção que provocou ná estatística precedente a escala ascencional dos numeros referentes aos cereaes, a partir do segundo anno de guerra, progressão essa que, com outras parallelas, melhor sobresahe ainda, no seguinte quadro official referente á



EXPORTAÇÃO

MERCADORIAS	UNIDADES	Janeiro e Dezembro			
		Valor a bordo no porto de Santos			
		Quantidade		Mil réis papel	
		1916	1917	1916	1917
Arroz . . .	Kilo	175.826	22.204.915	85.786\$	12.262.372\$
Banha . . .	Kilo	—	6.174.485	—	10.718.883\$
Café . . .	Sacca	9.943.158	7.845.089	456.749.740\$	336.763.700\$
Carneresfr.da ou congel.da	Kilo	18.688.846	29.134.755	15.716.902\$	26.388.613\$
Couros . . .	Kilo	2.580.582	2.382.002	3.522.211\$	3.426.057\$
Borracha . .	Kilo	76.021	89.050	303.725\$	275.951\$
Feijão . . .	Kilo	29.929.987	48.699.724	8.816.553\$	21.230.781\$
Abacaxis . .	Kilo	152.520	175.485	23.427\$	28.350\$
Bananas . . .	Cacho	2.252.479	1.602.265	2.252.479\$	1.602.265\$
Diversas mer- cadorias . .	—	—	—	2.161.520\$	9.637.540\$
Totaes . . .	—	—	—	489.632.405\$	422.334.512\$
Equiv. em mil réis ouro . .	—	—	—	216.457.605\$	197.191.135\$

E' elle, finalmente, que nos acena neste instante, para começar, com a ameaça, que parece passar-nos desapercibida, da suppressão brusca, completa, total, da exportação de feijão que tão vigoroso pulo regista no quadro acima entre os dois ultimos annos.

E' esse factor a "distancia".

Para o seu abastecimento, em alimentos e materias primas, contavam os alliados com os mercados externos de que se achavam privados, em virtude do bloqueio e com enorme desvantagem, os imperios Centraes. Bloqueiaram tambem estes, ou tentaram bloquear, por seu turno e a seu modo, os inimigos, deitando mão da guerra submarina. Não foi ella um successo legitimo e acabado. Mas tambem não pode ser classificada de fiasco.

E não ha para nós prova melhor, melhor prova não ha, do que percorrer os "recúos" successivos que têm vindo realisando os alliados, para organizar a correspondente defensiva.

Escólha-se para esse fim um exemplo concreto e frisante, o do trigo, artigo principal, sob todos os pontos de vista, para a alimentação. Suppõe-se em geral, vê-se entre nós commumente enunciar a hypothese como premissa, que este escasseia. Não ha supposição entretanto mais destituida de fundamento.

Basta ler os numeros seguintes do Ministerio da Agricultura dos Estados Unidos:

QUADRO I

Situação do trigo em França, na Italia, Inglaterra e Belgica

	ALQUEIRES (BUSHELS)	ALQUEIRES (BUSHELS)
Média das importações dos Estados Unidos no triennio anterior á guerra	79.426.000	
Média das importações do Canadá no triennio anterior á guerra	112.900.000	
Média das importações de outros paizes no triennio anterior á guerra.	188.478.000	
Total		380.804.000
Produção média	590.675.000	
Produção avaliada para 1917	393.770.000	
Deficit em 1917		196.905.000
Total das importações necessarias para compensal-o		577.709.000

QUADRO II

Saldos de trigo, disponiveis para exportação, nos mercados productores

	ALQUEIRES (BUSHELS)	ALQUEIRES (BUSH LS)
Estados Unidos	80.000.000	
Canadá	150.000.000	
Saldo total da America do Norte		230.000.000
Australia :		
Saldo antigo	120.000.000	
Saldo da nova colheita	120.000.000	
India :		
Saldo antigo	50.000.000	
Saldo da nova colheita	50.000.000	
Argentina :		
Saldo avaliado da 1. ^a colheita	180.000.000	
Saldo total dos outros paizes		540.000.000
Total do trigo disponível nos mercados productores		770.000.000

Se, pois, de um momento para outro, a paz "rebetasse", a cotação do trigo, nas praças compradoras, seria de baixa immediata, de preços de verdadeiro panico. Bem o sabem os Americanos do norte que, entretanto, pregarão a intensificação das suas culturas com tenacidade e habilidade taes que, já se pode ter certeza, a cobertura do deficit de trezentos e cincoenta mil bushels (differença entre 577.709.000 do Quadro I e 230.000.000 do Quadro II) estará á disposição dos Alliados no anno corrente, nos portos do Atlantico do equador para cima.

Ou, para ser mais exacto, dar-se-ha normalmente esse facto a partir da colheita futura. Com a que está presentemente sendo consumida, chegou-se quasi ao mesmo resultado por dois caminhos differentes. Fazendo comer melo kilo de farinha de trigo menos, por semana, a cada um dos habitantes do paiz, e, substituindo, em sua alimentação, outro melo kilo, por pezo igual de fubá de milho: obteve esse racionamento duzentos milhões de alqueires, mais de metade. A parte restante poude ser tambem coberta parcialmente pelo tratamento e armazenagem adequados do trigo: a serie de medidas que, tanto allí como no Canada é comprehendida na denominação unica de "conservation".

Está-se verificando afinal em tudo isto existir, não a penuria do artigo, mas a da tonelagem. E aqui está o que succede. Os Allemaes destroem um, dois milhões de toneladas de arqueação. Os Alliados dão-lhes a replica, vindo buscar o que n'aquelles porões se perdeu á orla occidental do Atlantico, em vez de carregar de novo as suas embarcações em Bombalm, em Melbourne, ou em Buenos Aires. Substituem, n'uma palavra, a viagem de oito dias á do dobro, do triplo ou do quadruplo d'esse tempo. Acrescendo mais que, para a da India, a rota New York ou Halifax é muito mais segura, por melhor policiada, que as que tomam o Mediterraneo.

"Subiata causa, tollitur effectus". E se a colheita futura, que o lavrador do paiz preparou, augmentando o seu labor e a extensão das sementeiras, para cobrir o deficit, encalhar nò panno verde da meza da conferencia da paz?... Não é elle que deve soffrer o prejuizo, diz, leal e honradamente, o Governo Americano. Procedeu elle por essa forma para nos fazer ganhar a guerra; sem esse auxilio era mesmo impossivel asplrar semelhante resultado. Se a guerra tiver terminado, quem fica com a colheita é o Estado que já sabe ter que vendê-la a preços com os quaes a America não pôde competir. E o prejuizo será o d'aquelles quinhentos milhões de dollars a que me referi antes da primeira estatística.

Espero ter feito assim comprehender porque é que os nossos soldados, as tropas Brasileiras, seriam certamente recusados, se fossem offerecidos. Soldado por soldado, vale mais um que fica á

mão, que permite ao mesmo paquete ir buscar outro, e outro, durante o mesmo periodo de tempo e consumindo a mesma quantidade de carvão, que já não é tambem abundante.

Emquanto as condições actuaes se mantiverem, terão pois preferencia os sammies.

Podem, portanto, os nossos officiaes, o nosso estado-maior pôr de parte taes cogitações, tão cedo pelo menos. E' de outro lado que o nosso exercito, se alguma calamidade se dêr, terá de ser empregado. Até lá, para o oriente, para ás bandas do Oceano, problema diverso, talvez mais premente, premente e angustioso, será o nosso.

Admitta-se que n'essa luta desesperada do submarino contra a distancia — ganha-se, parece-me, com o pôr em evidencia a propria variavel que está sendo manobrada directamente na peleja — aquelle alcança novas vantagens. Ou, então, que a batalha na frente occidental provoca, como se diria estar succedendo, mais amiudados e urgentes appéllos transoceanicos por parte dos que se acham em França.

Veremos. é inevitavel, a onda, a maré de refluxo de navegação que foi successivamente eliminando a India, a Australia, do numero dos fornecedores de trigo. pôr a enxuto por sua vez os portos da Argentina, os do nosso paiz. Chegará aos dois paizes a vez de experimentarem as mesmas desventuras dos outros á custa dos quaes já haviam ganho, vendendo, a nossa vizinha, admiravelmente bem a sua colheita passada de trigo, nós o nosso feijão, o arroz e a mamona.

Não se julge que devanelo. Está a hypothese já prevista e desrontada, officialmente, desde 25 de outubro do anno passado, data em que a "United States Food Administration" no seu Boletim N. 10, destinado especialmente á imprensa periodica, para preparo da campanha de opinião, inseriu, a paginas 5, o esguinte trecho:

"A tonelagem mundial está muito reduzida e continua a progredir a redução día a dia. No prazo de um anno poderá o nosso programma de construcção naval enfrentar a destruição; mas, até lá, será necessario ir passando os navios, das rotas mais extensas para as mais curtas, afim de preencher os vacuos causados pelos submarinos. Embora seja grande o nosso interesse em manter alguns serviços de passageiros e de carga entre a Europa e os Estados Unidos e a Australia, India e Argentina, afinal, se a isso nosirmos obrigados, o que ainda subsistir d'essas linhas terá que ser supprimido e a arqueação correspondente transferida. em sua totalidade, para o trafego transatlantico". Ocioso será dizer que "transatlantico" se acha aqui empregado no sentido de Inglaterra e França — Estados Unidos.

Se tal se dêr, e bom será observar quo desde então (já se contava como provavel com a defecção da Russia) nada aconteceu.



nem nas linhas de batalha, nem nos progressos da construção naval, nem em qualquer outro campo, que constitua motivo para optimismos; se tal se dér, lamôs dizendo, achar-nos-hemos, nós com os nossos productos de exportação encaihados, a Argentina com o seu trigo, a sua lan. Do primeiro ficará o Brasil sendo um dos raros consumidores, possuindo, o que é mais, tonelagem propria para ir buscal-o e artigos de permuta. As nossas administrações publicas estão todavia ainda procurando "succedaneos" para o fabrico do pão (!...)

Essas mesmas administrações, quando as companhias de gaz, em transe por tal modo difficil para o mundo inteiro, sollicitam deltar mão de medida que representa, da mesma feita, notavel economia de tonelagem e defeza garantida da illuminação das grandes capitaes, quer dizer a segurança individual, durante alguns mezes, entram em discussões subtis de clausulas de contractos...

E, finalmente, quando a mais elemental das providencias está aconselhando o deltar mão de um plano de conjuncto que nos permitta affrontar a quadra de difficuldades "já á vista", permanece-se immovel, serena, olympicamente, como que aguardando assistir, a título de méra curiosidade, ao spectaculo da tormenta acabando ou não por se abater em cima da náu. Permanece-so, disse e repito. Porque n'este ponto não me refiro, seria injusto, sómente aos poderes publicos. A atonia é geral. O interesse actual dos eleitores como dos eleitos está occupado nos "reconhecimentos". Calcula-se, disse-me um entendido, que o Congresso só cpmeece a trabalhar "lá de setembro em deante". Os jornaes tecerão até ahi, a respeito dos varios "casos", chlstosos commentarlos e os ieltores, mesmo os não alistados e os indfferentes, divertir-se-hão com isso, e tanto mais quanto, entrando apenas a esse tempo um ou outro vapor, as revistas estrangeiras escassejarão.

Como nos arranjaremos, porém?...

Responda quem poder.

A alguns parece, entretanto, e timidamente confesso pertencer a esse numero que, com perspectivas semelhantes, já se deveria estar de ha muito procedendo a um balanço minucioso das consequencias de uma paralyzação provavel da exportação, e, em seguida, do restabelecimento da mesma.

Parece evidente que só nos poderemos safar airosamente da primeira como da segunda phase, melindrosas egualmente ambas, se conseguirmos crear uma organização, tão excepcional como excepcional e anormal é o periodo, que nos permitta aguardar a passagem de uma a outra d'ellas armazenando os nossos productos de situação mercantil assegurada, e capaz, ainda, de lhes determinar o escoamento em termos de evitar maiores abalos.

Será isso porventura obra de um dia?...

Dir-se-hia ser essa a convicção reinante. Imagine-se entretanto por um momento em que situação deploravel se encontrariam n'esta altura os allados se os norte-americanos, confiantes nas promessas de um homem da envergadura de Hurley, o eminente director do "Shipping-Board", não tivessem tomado a precaução de desenvolver, a titulo de reserva intelligente, o fomento financeiro e administrativo da produção agricola, cuidadosamente estudado, que desenrolei nas paginas anteriores...

Seria a derrota, talvez desenhada já nitidamente no horisonte.

Ao envez, ouça-se a voz previdente e calma dos que a estas horas lhes traçam os destinos. "Graças ás benções do Altíssimo e á energia dos nossos lavradores, estamos garantidos com uma das mais formidaveis colheitas da nossa historia". Descontadas as necessidades immediatas do nosso povo e dos que são por nós alimentados, vae haver um excesso de 1.000.000.000 de bushels a mais do que em tempos normaes. Esse accrescimo de cerca de 25 por cento não encontra animaes a engordar em quantidade correspondente.

Mas, não deve sér perdido.

Pense-se, em primeiro logar, na guerra, nos nossos allados. O meio melhor de se aproveitar a tonelagem é enviar-lhes gordura; n'estes tempos é o que mais serve. O quadro seguinte desenha a situação:

	Triennio anterior á guerra	Anno fiscal 1916-17
Suínos existentes, nos Estados Unidos, a 1.º de Janeiro	61.600.000	67.450.000
Suínos abatidos	53.204.000	64.798.000
Porcentagem.	86.3	96.1
Peso medio, em arrateis	219.21	211.26
Exportação, em arrateis	992.885.000	1.501.271.000
Consumo interno, por cabeça, arrateis	72.08	75.77

Não temos, pois, falta propriamente dita. Mas a guerra pode durar ainda e o producto escassejará. Aproveitemos o bom ensejo, tanto mais que o artigo conserva-se facilmente. Inicie-se o movimento de "crear cada um um porco".

Isto, nas cidades. Nas cidades?!... Por certo. Sabendo-se lidar com esses animaes, não offerecem elles maior perigo á saúde publica do que qualquer cachorro. E começou a campanha do reforma das posturas municipaes, permittindo, fóra das zonas centraes urbanas, a manutenção do chiqueiro apropriado.

E, nos campos?...

Ahi, poderia, cada lavrador, crear de 5 a 10 porcos. Não mais, porque deveria "pensar no futuro". Preferivel seria que, em vez de augmentar o numero de suínos, os substituísse por alguns bezeros ou, de preferencia, meia duzia de carneiros e ovelhas. "A nossa produção de lan é de cerca do 35 por cento apenas do nosso consumo normal. Proporcionar uniformes a milhões e milhões de homens representa necessidade de materia prima sem precedentes na nossa historia". E esse deficit é-nos supprido por paizes que ficam longe, e a guerra submarina ainda não disse a ultima palavra.

Que venha, depois, enfim, a pecuaria bovina.

E' esta a ultima de que os aliados necessitarão. E, cessada a guerra, durante annos e annos d'ella dependerá a Europa mais do que da suína e ovina para poder reconstituir os seus rebanhos. O seu logar é para nós, Americanos, o da reserva para atravessar gradualmente todo o periodo de transição e desembocar, afinal é folgadoamente, na tremenda luta economica que se seguirá quando o canhão deixar de troar.

O que mais choca, em contraste com este processo systematico de raciocinar e agir, posto em parallelo com o que entré nós foi architectado para aparar as consequencias de perigos identicos é, de um lado, a consideração constante de tudo quanto é possivel succeda; do outro, do nosso lado, o estabelecimento de hypotheses sobre cuja realisacão não ha garantia de especie alguma.

Dure ainda a guerra não um só, mas mais dois, tres, quatro annos; aperte a campanha submarina, cresçam as difficuldades dos Aliados na frente occidental, recolham estes á sua unica rota, a rota "vital" para elles, toda a tonelagem disponivel. Qual o nosso plano de acção em tal emergencia?...

Não existe. Nem d'elle se cogita, porque o quo se receia — entre parentheses, aquillo que os mais directamente empenhados julgam possivel — não se dá, não se dará, não se póde dar. Ora, suppor aquillo, que é impossivel acontecer, é não ter orientacão. Eis a razão porque sub-epigraphel estas leves reflexões como sendo as de um desorientado.

V. DA SILVA FREIRE.

O ESTIGMA

Fui um dia a Itaóca, levado pelas simples indicações do sujeito que me alugou a cavalgada: — Não tem errada. E' ir andando. Em caso de duvida, pegue a trilha dos carros, que vae certo.

Assim fiz, e lá cheguei sem novidade.

No dia da volta, porem, choveu á noite, como só chove por aquelles sertões, e na primeira eneruzilhada parei desnortado. O enxurro apagara-me todos os sulcos da carraria. Ali fiquei um pedaço, feito o asno de Buridan, á espera d'algum passante que me abrisse os olhos. Não appareceu viv'alma, e a minha impaciencia empurrou-me ao acaso por uma das pernas do V embaraçador. Caminhei cerca de hora na duvida, e por fim a vista d'uma fazenda desconhecida deu-me a certeza do transvio. Resolvi portar. Abeiro-me do portão e grito o "ó de casa". Abriu-m'o um preto occupado em abanar feijão no terreiro.

— O patrãosinho é lá em cima, na casa grande.

Dirigi-me para lá depois de entregue o cavallo, e subi a escadaria de pedra fronteira ao casarão senhorial. Um grupo de crianças brincava por ali, em torno d'uma fogueirinha de gravetos muito fumarenta.

— Santinha para cá, fumaça para lá.

Ao avistarem-me, ealaram-se, e fugiram, com exeepção da mais taluda, que permaneceu no lugar, esfregando os olhos vermelhos e lacrimosos do fumo.

— Papae está?

Estava e ia chamal-o, respondeu, esgueirando-se pela casa a dentro. As outras, com o dedinho na bocca, vi-as a me es-



piarem da porta, onde logo assomou esbelta menina ahi dentre 14 e 16 annos, d'avental azul, corada como quem esteve a lidar em forno.

— Faça o favor de entrar, — disse-me com linda voz sorridente, de passo que seus olhos vivos todo me examinavam d'alto a baixo, num relance, — sente-se, e espere num bocadinho.

Sentei-me, gozando o delicioso frescor da sala, e puxei conversa.

— A menina é filha do...

— Não, senhor, prima. Mas moro aqui des'que me morreram os paes.

— Tão nova, e já orphan!...

— De pae e mãe. Tinha seis annos quando os perdi na febre amarella de Campinas. O primo trouxe-me de lá, e...

Nisto rangeu a porta e enquadrou-se nella o dono da casa. Reconhecemo-nos incontinenti, com igual espanto.

— O Bruno! berrou elle. Que milagre!

— E tu, Fausto, onde te vim desentocar, eu que contava com um matutão desconfiado!...

Abraços, explicações, perguntas atropeladas. Fausto não cessava de admirar a coincidencia.

— Ha quanto não nos vemos? Dez annos, pelo menos...

— Mais. Desd'a opa da collação, lembras-te? Onze. Como passa o tempo...

— Pois, meu caro, prendo-te por cá. Já não vaes sem conhecer o meu seio de Abrahão e matar bem matadas as saudades.

Durante estas expansões a menina do avental não arredou pé da sala, e eu, volta e meia, regalava meus olhos na linda creatura que era ella. Fausto, percebendo-o, apresentou-m'a.

— Laurita, nossa prima.

— Já nos conhecemos, disse eu.

— D'onde? exclamou elle surpreso.

— D'aqui mesmo, e de ha cinco minutos.

— Sempre o mesmo farceista. Olha, Laura, vê lá que nos tragam um café.

A moça ao retirar-se poz no andar esse requebro que lhes aconselha o instincto na presença de um homem casadoiro.

— Galantina, hein? disse Fausto logo que se fechou a porta.



— Linda! exclamei carregando com furia no i. Que frescura! Que corado!

— O corado corre á conta do fornô. Estão lá todos a assar bolinhos de milho. Não conheces minha mulher? Familia Leme, da Pédra Fria. Casei-me logo depois de formado, e aqui vivo alternando seis mezes de roça com outros tantos de capital.

— Excelente vida! E' o sonho de toda a gente.

— Não me queixo, nem quero outra.

— Colheste, então, o pomo da felicidade!

Fausto não respondeu, e como o café entrasse no momento a conversa mudou de rumo. Trouxe-o Laura, com bolinhos quentes.

— D. Laurita, eston adivinhando que este foi enrolado pelas suas mãos, lamchei eu tomando um delles.

— Qual? acndin a menina, — esse qué não tem marca de carretilha?

— Sim.

Ella desferiu a mais argentina das risadinhas.

— Justamente os que não tem marca são da Lucrecia...

— Ora você, cascalhou Fausto, a confundir as artes da prima com as da preta!

— Os mens são estes, disse Laura, apontando os carretilhados.

Provei um, e:

— Realmente! exclamei, a differença é grande.

Novo *pizzicato* da menina.

— Pois a massa é a mesma, e tudo tempero da preta!

Fausto poz fim aos mens desasos, convidando-me a sair.

— Está muito chucro no galanteio. Vem d'ahi a ver a criação, que é o melhor.

Sahimos e corremos toda a fazenda; o chiqueirão dos canastrões, o cercado das aves de raça, o tanque de Pekins, as cabras Toggenburg, o gado Jersey, a maehina de café, todas essas coisas communs a todas as fazendas e que, no entanto, examinamos sempre com tamanho prazer.

Fausto era um fazendeiro amador. Tudo ali denunciava largo dispendio de dinheiró sem a preocupação da renda pro-



porcional; trazia-a no pé de quem não necessita da propriedade para viver.

Ao jantar apresentou-me sua mulher. Não condisse com o molde que tenho cá da boa mulher a esposa do meu amigo. De feições duras, olhar d'ave de rapina, nariz agudo, era positivamente feia, e provavelmente má. Compreendi o caso do meu Fansto: casara rico. A fazenda viera-lhe ás mãos por intermedio da esposa. O marido na presença della mudava de tom. De natural bricealhão, embezerrava-se n'uma sisudez que me desconcertou, e isto me disse que casaram os bens, os corpos, mas não as almas. Tambem Laurita cohibia-se, e as crianças mostravam um odioso "bom comportamento" de metter dó; pareciam pessoas grandes. A mulher gelava-os a todos com o olhar duro e má de senhora absoluta. Foi um allivio o erguermo-nos da mesa. Fansto lembrára um gyro pelos cafesaes, e já estavam arreadas as cavalgadas. Logo que montou, volven á expansibilidade anterior, com a alegre despreocupação dos annos escolares. A conversa correu por mil veredas e por fim embicou para o thema casamento.

— Aquelle nosso horror á colleira matrimonial! Como esbanjavamos diatribes contra o amor sacramento, benzido pelo padre, gatafinhado pelo esrivão... Lembras-te?

— E estamos ambos a pagar a lingua. E' isto a vida: a liberrima theoria por cima e a trama ferrea das injunções por baixo. Somos, os homens, uma cadeia de contradicções. O casamento... Hoje não o defino com aquelle entono de solteiro. Só digo que não ha casamento, ha casamentos; cada caso é um caso especial.

— Tendo aliás de commum, disse eu, um mesmo traço: restrição da personalidade.

— Sim. E' mister que o homem ceda cincoenta por cento da sua, e a mulher outro tanto, para que haja o equilibrio razoavel a que chamamos felicidade conjugal.

— "Felicidade conjugal", dizes bem, restringindo com o adjectivo a amplidão do substantivo.

A vista do cafesal interrompen as confidencias. Era Setembro, e o aspecto das arvores, estrelajadas de florinhas brancas, dava uma sensação farta de riqueza e futuro. Corremol-o em parte, gozando o "prazer paulista" de ver ondular por espigões e grotas a onda verde negra dos cafeeiros alinhados.

— No teu caso, perguntei, foste feliz?

Fausto retardou a resposta, mastigando-a.

— Não sei. Cedi os cincoenta, e espero que minha mulher imite a minha abnegação. Ella porem, mais tenaz, embirra em não chegar a tanto. Procuramos o equilibrio, ainda...

— E Laura? perguntei de chofre, estouvadamente.

Fausto voltou-se de golpe, como ferido pela pergunta. Encarou-me a fito, e vacillou em revelar-me o fundo de sua alma. Depois, como atravessavamos um pedaço de caminho sombrio, com, barranco acima, aveneas viçosas, samambaias e begonias agrestes, disse, apontando para aquillo:

— Sabes o que é uma face noruega? Cá tens uma. Não bate o sol, muita folha, muito viço, verdes carregados, mas nada de flores ou fructos. Sempre esta frialdade humida. Laura... é como um raio de sol matutino que folga e ri na face noruega da minha vida.

Calou-se, e até casa não mais pronunciou palavra.

Compreendi a situação do meu querido Fausto; e não lhe invejei as riquezas adquiridas por semelhante preço.

*

* *

Deixei o Paraíso, que assim chamavam á fazenda, com tres impressões n'alma; deliciosa a da menina dos bolinhos, no seu avental azul, corada como as romãs; penosa a da megera entrevista na creatura feia e má; rica no sufficiente para adquirir um marido como quem adquire na feira um animal de luxo; a terceira impressão não a define ali qualquer adjectivo espipado, complexa, subtil em demasia para caber em moldes vulgares. Era o vago presentir de uma equação sentimental cujos termos — o raio de sol, a face noruega e o meu Fausto, — vagamente perambulavam dentro da minha imaginativa, ás cabriolas.

Nunca tornei áquellas paragens, nem me fez encontradiço o acaso com nenhum dos tres personagens.

Este mundo, entretanto, é uma bolinha. Volvidos vinte annos, estava en parado ante um mostruario, no Rio, quando alguem me cotucou as costellas.

— Tu, Fausto!

— Eu, Bruno!

Envelhecera quarenta annos o meu amigo naquelles vinte e cinco annos de tempo, ou o que quer que era, murchára-lhe a expansibilidade folgazan. Enquanto palestravamos, uma a uma me subiam á tona da memoria as scenas e pessoas do Paraiso, a fascinante Laurinha á frente. Perguntei por ella, em primeiro.

— Morta, foi a resposta secca e torva.

Como nos dias claros de verão, nuvem erradia, tapando ás súbitas o sol, põe na paisagem soalheira manchas mormacentas de sombra, assim aquella palavra velou-nos a ambos a alegria do encontro.

— E tua mulher? os filhos?

— Morta, a mulher. Os filhos por ahí, casados uns, o ultimo inda commigo. Meu caro Bruno, o dinheiro não é tudo na vida, e principalmente não é para-ráios que nos ponha a salvo de coriscos a cabeça. Moro á rua tal, apparece lá de noite que te contarei a minha historia — e gaba-te disso, pois serás a unica pessoa no mundo a quem revelarei o inferno que me saiu o Paraiso.

*

* *

Eis o que ouvi:

“Quando a febre de Campinas orphanou Laurita, eu, como o parente melhor condicionado, trouxe-a para a minha companhia. Tinha ella cinco annos, e já prenunciava nas graças infantis a encantadora mulher que seria.

Eu estava casado de fresco. A minha mulher — não o suspeitaste naquelle jantar? — era uma creatura visceralmente má. O *má* na mulher diz tudo; dispensa maior gasto de expressões. Quando ouvires de uma mulher, que é má, não peças por máis: foge a sete pés. En, se fôra refazer o Inferno, acabava com tantos circulos que lá poz o Dante, e não lgar mettia de guarda aos precitos uma duzia de megéras. Haviam elles de ver que paraiso eram, em comparação, os circulos...

Confesso que me não casei por amor. Estava bacharel e pobre. Vi pela frente o marasmar das promotorias, e a victoria rapida do casamento rico. Optei pela victoria rapida, descuroso de sondar para onde me levaria a aurea vereda. O dote,

grande, valia, ou pareceu-me valer o sacrificio. Errei. Com a experiencia de hoje, agarrava a peor das promotorias.

O viver que levamos não o desejo como castigo ao peor scelerado.

— A face nornega!...

— Era exacta a comparação. Gelida como nos corria a vida conjugal no periodo em que, illudidos, contemporisavamos, tentando um equilibrio impossivel. Depois, tornou-se-me infernal.

Laura, á proporção que desabrochava, reunia em si quanta formosura de corpo, alma e espirito um poeta concebe em sonhos para metter em poemas. Conluava-se nella a belleza do diabo, propria da idade, com a belleza de Deus, ingenita, e o pobre do teu Fausto, um exilado em fria Siberia matrimonial, eoração virgem de amor, não teve mão de si, succumbiu. No peito que suppunha calcinado, viçou o perigosissimo amor dos trinta annos. O vel-a deslizando pela casa como a fada mimosa da triste mansão, ora a florir um vaso, ora a ameigar os pequenos, já curando os doentes pobres da fazenda, sempre irradiando em roda de si felieidade e graça, foi-se tornando a razão do meu viver. Todas as generosidades e todas as coragens dos annos adolescentes borbulharam no meu seio. Comprehendí a minha desgraça: era um eego a quem se restituíam os olhos, e deslumbrado via do fundo de um carcere, através de reixas encruzadas, a aurora, a luz, a vida — tudo inacessivel... Victimava-me a peor casta d'amor — o amor secreto...

Correram mezes. Ao cabo, ou porque me trahisse o fogo interno, ou porque dêsse o ciume á minha mulher uma visão de lynce, tudo leu ella dentro de mim, como se o eoração me pulsassc num corpo de cristal.

Conheci, então, um lugubre pedaço da alma humana, a caverna onde moram os dragões do cinme e do odio.

O que escabujou ella contra os "amasios"! A caninana envolvia no mesmo insulto a innocencia ignorante e a nobreza d'um sentimento purissimo recalçado no fundo do meu ser.

Intimon-me a expulsala incontinentemente. Resisti. Afastaria Laura, mas não com a bruteza exigida, de modo a me trahir perante ella e todo o mundo. Era a primeira vez que eu depois de easado resistia, e tal firmeza enehen de assombro á "senho-



ra". Tenho eá na visãõ o riso de desafio que lhe erispuu a bocea nesse momento, e tenho n'alma as cicatrizes das ascuas que espirraram aquelles olhos! Aceitei a luta. Estas guerras conjugaes de portas a dentro... Não ha'hi guerra civil que se lhe compare, em crueza. Na frente de estranhos, de Laura e dos filhos, ella continha-se. Maltratava a pobre menina, mas sem revelar a verdadeira eansa da perseguição. Duron pouco isso. Escrevi a parentes, e concertava com elles a arrumação de Laura, quando... Não te recordas do bosque de pinheiros plantado em seguimento ao pomar?

— O pinhal d'Azambuja!

— Foi o nome que lhe puz, como andassem uns lagartões, seus freguezes, a me pilharem as capoeiras. Este pinhal era o passeio favorito de Laura; emboceava-se ali com um livro, ou a costura, e dess'arte socegava um momento da inferneira domestica.*

Um dia em que sahi á eaga, menos pela caçada do que para retemperar-me da guerra caseira na paz das mattas, ao montar a cavallo via-a dirigir-se para lá com o cestinho do bordado. Demorei-me mais que o usual e em vez de paea trouxe uma longa meditação desanimadora, feita, inda me lembro, de papo acima, sob a fronde d'um angieo. Na volta as creanças esperavam-me na esçada.

— Papae não viu Laura?

Estranhei a pergunta, e mais ainda vendo approximar-se a velha Lucrecia, que disse:

— Patrão, não vá ter acontecido alguma para nha Laurinha. Sahiu cedo, antes do café, já é quasi noite e nada, ninguém.

— A senhora... comecei eu a perguntar não sabia ainda o quê

— Sinhá está no quarto. Andon pelo pomar, e depois se trançou por dentro, não quer enxergar ninguém, parece que comeu easeavel.

O coração palpitou-me violento. Sahi a proenrar Laurinha. Na colonia ninguém a vira. Lembrei-me do pinhal e organizei uma alvorçada batida ao bosque. Com faehos incendidos de galhaça morta quebramos a escuridão reinante. Nada. Eu desanimava já de encontrala por ali quando um capataz, desgarrado na frente, gritou:

— Está aqui o cestinho.

Corremos todos. Estava a cestinha, e mais adiante... o corpo frio da menina. Morta, á bala! A blusa entreaberta mostrava no entreseio a ferida mortal: um pequeno furo negro, donde fluia para as costellas uma estria de sangue. Ao lado da mão direita inerte, o meu revolver. Suicidara-se...

Não te digo o meu desespero. Esqueci mundo, eonveniencia, tudo, e beijei-a longamnte, entre arquejos e sacões de desespero.

Trouxeram-na a braços. Em casa, minha mulher, então grávida, recusou-se a ver o eadaver com pretexto do estado, e Laura deseou á eova sem que ella por um só momento deixasse a clausura. Note você isto: minha mulher não viu o eadaver da menina. Dias depois, humanizou-se. Deixou a cella, voltando á vida costumeira, muito mudada de genio, entretanto. Cessára a exaltação ciuimosa do odio, vindo em lugar um mutismo sombrio. Pouquissimas palavras lhe ouvi d'ahi por diante.

A mim, o suicidio de Laura sobre abalar-me o organismo como o peor dos terremotos, preocupava-me como um enigma. Não comprehendia aquillo. Suas ultimas palavras na casa, seus ultimos aetos, nada induzia o horrivel desenlace. Porque se matara Laura? Como conseguiu o revolver, guardado sempre no meu quarto, em lugar que só eu conhecia? Uma inspeção nos seus guardados não me esclareceu melhor; nenhuma carta, ou escripto indicioso.

O tempo foi reparando o desarranjo. Correram os mezes. Por fim minha mulher deu á luz um menino. Que dia! doe-me a eabeça reordal-o... A velha Luerecia, auxiliar da parteira, foi quem me veiu á sala dar noticia do bom successo.

— Desta vez foi um menino, mas veiu marcado.

— Como mareado?

— Tem uma marca no peito, uma cobrinha coral de eabeça preta.

Impressionado com a exquisitice, dirigi-me ao quarto. Aeerquei-me da creança e desfiz as faixas o necessario para examinar-lhe o peitinho. E vi... um estigma que reproduzia fielmente o ferimento da Laurinha: um nuelco negro imitante ao furo da bala, e a "cobrinha", uma estria rubra enviezada pelas costellas abaixo. Um raio de luz inundou-me o espirito. Comprehendi tudo. O feto em formação nas entranhas da mãe,



fora a unica testemunha dum crime, e mal nascia, denunciava-o com esmagadora evidencia.

— Ella já viu isto? perguntei á parteira.

— Não. Não é bom que veja antes de sarada.

Não me contive.

Eseanearei as janellas, derramei o sol no quarto, despi a criança e pul-a nua ante os olhos da mãe, dizendo com frieza de juiz:

— Olha, mulher, quem te denuncia!

A parturiente ergueu-se de golpe, reeuu da testa as madeixas soltas, e cravou os olhos no estigma. Esbogalhou-os como aloucada, á medida que lhe comprehendia a significação. Ergueu-os para mim, e aquelles olhos duros pela vez primeira se enturvaram ante a fixidez inexoravel dos meus. Em seguida molleou o corpo, descaindo para os travesseiros, vencida.

A' noite sobreveio-lhe uma crise. Aeudiram medicos. Era a febre puerperal sob fórma gravissima. Minha mulher recusou obstinadamente a medicação, e morreu sem uma palavra, afóra as insconcientes escapas nos momentos de delirio.

*
* *

Mal concluida Fausto a confideneia daquelles horrores, a porta abriu-se e entrou na sala um rapaz imberbe.

— Meu filho, disse o pae, abre a camisa para que o Bruno veja a tua cobrinha.

A illusão era perfeita: lá estava a imagem do orificio aberto pelo projectil, e do fio de sangue escorrido.

— Veja você concluiu o meu triste amigo, os caprichos da Natureza...

— Caprichos de Nemesis... ia eu dizendo, mas o olhar do pae cortou-me a palavra: o moço ignorava o crime de que fôra elle proprio o eloquente delator.

MONTEIRO LOBATO.

FLÔR DO CAMPO (*)

NARRATIVA

SEGUNDA PARTE

Flôr do campo é flôr do campo.
Na selvagem natureza
Graça, força e encanto exhala,
Ahi é flor de belleza,
Que o ar agreste mais aviva,
Mas entre as flores de sala,
Que a industria humana cultiva,
Pobre é a flôr do campo, e **esquiva:**
Entre as que falam, não fala;
Entre as de perfume, caia
A pura essencia nativa;
E no ambiente de gala
E' como triste captiva,
Humilhada na pobresa,
Saudosa do céu escampo
E da agreste natureza...
Flôr do campo é flôr do campo.

I

- " — Bemvindo ao lar paterno o filho prođigo!"
" — Quem foi, quem foi o santo milagroso
" Ao qual devemos a resurreição
" Do triste e misanthropo suicida?"
" — Milagre! não. Astucia de lagarta,
" Himbernada em casulo, a tecer azas
" Para o borboleteio entre as mulheres!"
" — Oh redivivo! espantas mais que um morto
" Resurgido da cova, pois resurges
" Da horrenda selva, e não nos vens selvagem!"
" — Roça ou harem, ó grão vizir das damas?"



Taes e quejandas saudações brincadas
Exclamavam, no abraço, os companheiros;
E Flavio, a rir do espanto dos amigos,
Sentia na verdade quasi o effeito
De um resurgido; tão diverso o ambiente
Da nativa cidade e o alto socego
Do primitivo campo já remoto.
Extranha-o, mas, effeito não previsto,
(Tanto é contradictoria a natureza)
A mesma sensação de pleno goso
Que haurira no contacto do ar silvestre,
Agora o envolve, como o banho tepido,
Ao corpo molestado da viagem.

Parecia-lhe a ausencia de um só anno,
Que fôra de annos; nem se affigurava,
No bem-estar do espirito refeito,
O que pudera haver-lhe dado o tedio
Da nativa cidade. Tudo apraz-lhe:
O agitado rumor das felas ruas,
As velhas casas, e, entre todas, essa
Em que os dias passou da juventude.
O quarto seu é como um collo amigo
A apertal-o em abraço de ternura
E doco' queixa do abandono ingrato.
E tudo allí revê, no gosto e arranjo,
No ar que respira e as flores que o ataviam,
Nos mesmos livros seus tão bem cuidados;
Tudo revê allí as mãos maternas,
As mãos, o olhar, o coração e o espirito
Da doce mãe sollicita, que o achega
Ao peito como se elle fôra ainda
O filho pequenino; e não se farta
De embebel-o nos olhos, bemdizendo
As idas maguas dessa ausencia longa.
Como ella, a mãe, sorri de o ver sorrindo
Contente, repartido entre as caricias
Das irmãs que o interrogam, que se espantam
De quanto lhes responde que fizera
Nesses cumpridos mezes tão distantes!
Espantam-se de industria, curiosas
De saber o de que já têm notícia,
Os amores do irmão. Bem as entende,

E elle mesmo tem presa de expandir-se.
 Mas não aill, diante toda gente,
 Embora amigos. Mal que foram todos,
 Retomando a conversa interrompida,
 Disse-lhes Flavio tudo; e foi infindo
 O interrogar das duas em minuclas,
 Que eile só atalhou com a alegre nova
 E guardada sorpresa, de que Laura
 Tinha vindo, e ellas lam conheci-a.

II

Em presença das duas — Laura e Alice —,
 Antes de Flavio apresental-as, culdam
 As Irmãs delle que era Alice a noiva;
 E ambas depois ingenuamente o dizem,
 No estouvamento de um ingenuo espanto.
 Flavio sorriu do engano que exprimla
 Quanto diverge o olhar frivolo dellas
 Do seu amante olhar illuminado.
 E o coração melhor confirma o acerto
 Da escolha feita, na impressão materna
 Que é como a sua. Olhos de mãe são claros
 Sempre e profundos no que affecta aos filhos;
 E os olhos della discerniram logo
 Naquelles gestos tímidos de Laura
 A bondade e a belleza que influlam
 O amor do filho; e adivinhou-lhe a graça
 Mal vestida no acanho de roceira.
 Entre extranhos, sentindo que a notavam,
 Emmudecia Laura, e mal os olhos
 Animava-se a erguer. A mãe de Flavio
 E' que a seu lado lhe vencia o esquivo
 Silencio commovido, e carinhosa
 Já lhe falava no materno idioma,
 E lhe abria o medroso sentimento,
 Que, em tão doce aconchego, confiante
 Todo se reflectia no olhar aito
 E no pleno sorriso desfolhado
 Em todo o rosto.

E Flavio exulta, vendo
 A sympathia e a communhão das duas;

E satisfeito o espirito descansa
No tacto noivado que abençoa
O coração materno.

III

Ah se tivessem

Amigos e parentes e os estranhos
Um pouco da luz íntima que informa
Nos olhos d'elle e nos maternos olhos
Imagens de visão!

Já Flavio adverte

Risos velados e allusões distantes.
Na rua, acompanhando os paes de Laura,
Nota, não só de estranhos, mas de amigos
Os zombeteiros olhos que commentam
O singelo casal provinciano.
Nem lhe faltou desabusado amigo
Para fazer o chasco sem disfarce
E o riso em roda sobre os modos toscos
Do velho fazendeiro. Poz-lhe termo
Flavio ao gracejo com palavra prompta.
Mas o mesmo silencio embaraçado
Com que os amigos desde então lhe rendem
Respeito ao sentimento que adivinham,
Inda mais que a allusão, constrange a Flavio.
Aos poucos lhes evita a companhia.
Não pode emtanto desprender da mente
A causa da esquivaça, e já o molesta
A presença do velho fazendeiro.
Sente que o pensamento, a idéa, o gosto
E' menos fructo individual que o effeito
De impressões collectivas, que em conjuncto
Actuam, se reflectem, se combinam;
E é o homem sempre uma expressão do meio,
Do minuto em que vive: é como a lasca
De espelho que retrata o que o circumda.
Que vale a só razão contra os sentidos?

Flavio vanmente afasta da lembrança
Os argumentos frivolos da moda,
As futeis regras da etiqueta, e os usos
Da sociedade cidadã ridiculos;

E invoca e affirma o que tem peso no homem,
 A bondade, a energia, e o sentimento...
 A' toa, a imagem vê do fazendeiro
 No aspecto de contraste ao novo ambiente.

IV

Mas que lhe importa essa impressão molesta?
 Busca Flavio conforto na lembrança
 Dos mezes de tão limpida ventura
 Vividos na fazenda. Fecha as paiebras;
 Revê o encanto e a piaidez ditosa
 Em que ascendêra para o amor e o sonho.
 Surge-lhe a imagem de innocencia meiga
 De Laura. E tanto a apparição o enleva,
 Pela harmonia que á alma lhe imprimira
 A primeira visão, que ainda agora
 Em presença de Laura eile se surprende
 Abstracto, em mudo extase fitando
 A imagem della no intimo de su'alma.
 — "Tão distrahido você anda, Flavio,
 Que nem responde á gente!" Laura observa.
 — "Pensava na fazenda, com saudade,
 E é o mesmo que pensar só em você".
 — "A seu lado não posso ter saudade.
 Tão contente que estou".

Laura é já dona

Do coração de todos na familia.
 Mesmo as irmãs de Flavio comprehendem
 Que entre eila e Ailce o irmão gostasse della.
 E' tão boa, tão simples, tão ingenua!
 Abre-se-lhe a alma toda sem rebuço,
 Sem artificio intencional; nem caia,
 (O que a princípio faz espanto ás outras)
 A ignorancia da moda e a indifferença
 A' arte subtil do adorno feminino.
 Querem as outras ensinar-lh'a, e escuta
 Risonha e obediente.

Flavio assiste

Com seu experto voto as licções dellas;
 E são scenas alegres em que folgam
 Com abundancia de alma, e, mais que todas,
 Laura, que os vê zelosos e empenhados

Em dar-lhe o gosto e o geito de costumes
Tão avesso aos seus. Acha-lhes graça,
Imita o que lhe mandam; complacente
Deixa que o penteado lhe transformem,
Lhe escolham o chapéo da ultima moda;
E é já da ultima moda o seu vestido.
E defronte do espelho ri surpresa
De tamanha mudança. Mas não muda,
Com a veste e a moda, a fôrma do vestido.
A sua singeleza contrafeita
Não se submete tanto ás attitudes;
E ao cabo, rindo de si mesma, exclama
Que ha de ser sempre, como foi, roceira.
E assim prefere-a Flavio, sem dizel-o;
Flavio, e as irmãs, e a mãe, que ella encantava
Nos passatempos de intimas visitas.
Tirando os adornos da toilette,
Em cabello o avental, caseira simples,
Era então ella a mestra; e divertiam-se
As outras aprendendo e saboreando
Os varios doces, bolog e quitutes,
E, mais que no preparo e gosto delles,
Enlevavam-se a ouvir-lhe e ver-lhe a graça,
Que resurgia em plenitude, apenas
Em torno della o ambiente recompunha
A natural simplicidade agreste.

V

Mas, num salão, que differença e pena
Faz Laura! e mais, se gente extranha assiste!
Noiva, em casa de Flavio se reúnem
Os parentes e amigos, aprazados
A conhecer a noiva. Flavio ostenta
No prazer que é sincero a segurança
De uma escolha perfeita de bom gosto.
Que nos outros a duvida emudeça
Quanto ao seu tino de sagaz mundano.

Laura não pensa no que della pensem.
O pensamento todo se lhe absorve
No amor feliz, sonhado e realizado
Em Flavio; e agora a imagem delle embebe

No doce olhar que o chama. Aos que a circundam
 Alheia, em monosyllabos responde;
 E como sente que a observam, córa,
 Turba-se; e o acanho natural recresce.
 Alice é quem lhe acode no embaraço,
 Solicita a seu lado; e em breve Alice
 Toda a atenção e o agrado attrahe do grupo.
 E' moça de salão, sabe os segredos
 Da versatil palestra, que percorre
 Saititando os assumptos, mai que assomam.
 E sabe e usa com donaire os gestos,
 Os risos e as posturas elegantes.

A' parte num momento, Flavio adverte
 No grupo; e cerra as palpebras buscando
 Outro quadro, e a visão remota e amada.

VI

E' o homem sempre uma expressão do meio,
 Do minuto em que vive; é como lasca
 De espejo que reflecte o todo ambiente,
 Que vale a só razão contra os sentidos?
 Que vale o só amor contra os sentidos?

VII

Tinha passado a primavera, e ardente
 No céu azul o estio irradiava;
 Tanto, que o pai de Laura apprehensivo
 Fixou de um dia para o outro a volta.
 Flavio ficava.

“A vida, Laura, é um sonho,
 Com a condição porém de que não paire
 Como um floco de nevoa. O meu noivado
 Impõe-me nova obrigação de esforços.
 Tenho de construir o nosso ninho.
 E' só o trabalho que me prende o corpo,
 O corpo só, que o coração e a alma,
 Todo o meu pensamento vae embora
 Com você, Laura, eleita e noiva minha.
 Nem a mesma riqueza, se a tivesse,

Me tornaria indiferente o esforço
Por ter um nome; não por ser vaidoso,
Mas por amor de você mesma, Laura.
E agora nada já me falta ao zelo.
Será esta saudade um incentivo
Para encurtar a ausência. Poucos mezes,
E irei busca-la para a nossa casa..."
"— Vou achar a fazenda tão vazia!
Eu, sem você, sozinha e esta saudade...
Você tem seus trabalhos que o distraiam."
"— Procure distrahir-se trabalhando;
Faça o seu enxoval, enquanto eu fico
Fazendo o ninho. Olhe, não chore, escute:
Prometto antes de um mez ir á fazenda;
E irei depois sempre que possa, Laura".

VIII

"Laura — escrevia Flavio — neste instante
Chego da Estrada; venho como um corpo
Sem alma, ou só a tenho porque sinto
A solidão escura de um deserto.
Toda a minha coragem dissipou-se
Vendo afastar-se o trem que te levava.
Vi-o sem ver, na sombra dos meus olhos.
Pedi então a Deus me desse azas
Com que eu voasse a te alcançar. Tão longe,
Tão longe, Laura! Certo eu não previa
Ficar assim como um desamparado,
Sem coragem, sem força, em desespero..."

IX

"Flavio — escrevia Laura — que saudade!
Tudo aqui, sem você, está deserto,
E eu sou como uma sombra de tristeza..."

X

"Laura, este mez se alonga como um anno;
As horas são mais lentas do que mezes,

E os minutos mais tardos do que as horas,
Tenho no pensamento a tua imagem,
E ella só me dá forças á esperança”.

XI

“Tenho na minha mesa o teu retrato,
E converso com elle, e dou-lhe as flores
Que trago dos passeios solitarios
Aos pontos em que andavamos. Sozinha,
Vivo de ti mais perto, e ás vezes penso
Ouvir-te a voz. Já preparei teu quarto.
Os dias me parecem mais compridos,
Quanto mais se aproxima a tua vinda”.

XII

“Laura, perdoa-me. Este mez não posso
Ir visitar-te. O meu trabalho é tanto,
Que já não tenho tempo de descanso.
Lembra-te, Laura, que é por ti que o faço,
E que este sacrificio que nos custa,
Vale como a esperança de mais breve
Mudar em realidade o nosso sonbo”.

XIII

“Esperava fazer-te uma surpresa,
A' cbegada do trem. Mas tua carta
Encontrou-me em caminho do arraial.
Antes não promettesses nada, Flavio!
Custa-me comprehender qualquer motivo,
A não ser de molestia, que pudeo
Sobre ti tanto e mais que esta saudade.
Pois ha trabalho que não possa um dia,
Dois ou tres dias, ser interrompido?
O que me fez soffrer, você não sabe!”

XIV

“O que sei bem, minha querida noiva,
E' que a vida a seus olbos se affigura

Um adejo de leve borboleta.
Não vivemos de flores, doce Laura,
Mas do trabalho; e não será por gosto
Que eu me prive de ir ver-te. Sê paciente;
Confla no teu noivo, e não o accuses
De não saber amar-te. Ó bem amada!"

XV

Que vale o só amor contra os sentidos?
Nem perdura a saudade, se lhe rompe
Um pensamento extranho a aerea teia
Que o coração em volta de si mesmo
Tece para viver sozinho e obscuro.
São tenuíssimos fios que resistem,
Pelo proprio conjunto entrelaçado
E a méla sombra e o escuso que os preservem
Da lufada do vento. Estala um fio,
A luz penetra, abala um copro a tela;
E vão os fios se rompendo acaso...
Mas se os protege a soldão e a sombra,
Os finos fios dessa teia leve,
No decorrer do tempo se enrijando,
Ficam mais fortes do que malhas de aço,
Formam muralhas, para a vida e a morte,
Do coração recioso de si mesmo.
Assim tecêra o coração de Laura
A tela da saudade, em que morava.
E o tempo decorria em vans esperas;
E o pensamento mudo concentrado
E o amor dentro em si mesmo recolhido
Guardavam-lhe e nutriam-lhe a saudade.

XVI

Flavello porém... Subtil influxo e forte
E' o que insinúa a sensação latente
Na qual tardlo o espirito repara.
Relucta o amor e vence e se afervora
Contra quaesquer obstaculos que o affrontem,
Sejam da propria ou da razão alheia.
Mas al do amor que na razão procura



Razões que valham contra o que se esconde,
Contra o que é surdo e vago e imperceptível!

Amor, como começa e como acaba?
Assim o somno: que olhos discerniram
O instante exacto em que os velou a nevoa
Da inconsciência placida e diffusa?
Que olhos já presentiram que os deixava
A doce embriaguez do somno? Acordam,
Soprehendidos sempre de accordarem;
E acordados acaso, a contragosto,
Ou inda insomnes, quanto mais desejam
A delicia da tepida doçura.
Mais esquivo se torna o leve somno.
Amor é como um somno de alma. E Flavio
Ficou sorpreso de já estar desperto;
Sorpreso e descontente; e em vão pedia
A' razão e ás lembranças do paseado
Aquella confusão deliciosa
Que lhe fazia ver o mundo todo
Em Laura e só em Laura. Como um echo,
Lento e distante, vae amortecendo;
Era assim a resposta das lembranças
Evocada por Flavio. E a razão quieta,
Como um juiz sereno, analysando
O presente e o passado, respondia
(Ao mesmo Flavio, e, pelos labios delle,
A' censura sollicita materna)
Que o seu amor fôra illusão de amor,
Um innocente brinco dos sentidos,
Vivaz symptoma da convalescença
Do coração enfermo, que fugira
Ao rumor da cidade.

Sentimento

Que traz em si a condição duravel.
Nasce como o cristal no meo proprio.
Para Flavio a demora no ermo agreste
Fôra só accidente passageiro;
E accidental e passageiro tudo
Que sentira no campo. Agora o via,
Tardio e triste de causar consciente
A magua e a dor de Laura. Era penoso
Que ella entendesse o seu esquecimento;
Era de certo um acto muito rude,

Solver, sem o explicar, o seu noivado.
Mas solvel-o dizendo-o, era mais rude;
Fôra causar-lhe a morte. Laura amava-o;
Mas elle, se a esposasse, só por pena,
Por lealdade da palavra dada,
Tinha a certeza de não ser feliz
E fazel-a infeliz. E assim, perplexo,
Flávio sentia que só o tempo tinha
Para o difficil caso um desenlace,
A lenta habitação do esquecimento.
E inerte olhava o perpassar dos dias.

(Fim da 2.ª parte)

TERCEIRA PARTE

Seiva que na haste pequenina
Abres e avivas folha e flor
A' verde alfombra da campina;
Quem, te olhando a planta franzina
Ou te sentindo o leve olor,
Quem te imagina,
Força que faz nascer a dor,
Seiva de flor?

I

Na estrada da fazenda á extrema curva
Que desvanece o vulto do viandante,
Para ahi Laura envia e alonga os olhos,
Lentos, saudosos olhos que não cessam
De esperar, de buscar uma esperança.
Por allí tinham vindo cartas d'elle,
E cada carta fôra uma promessa...
Depois, de carta a carta, decrescêra
Em circumloquios vagos a promessa.
Depois breves bilhetes espaçados.
E agora um mez vazio estava findo
Sem um bilhete d'elle. E dia a dia
Laura á janella do seu quarto, á hora
Em que chegava do arraial o servo
Portador costumeiro da fazenda,
Revivia a esperança; e silencioso
Dos olhos lhe vasava o desengano



Sem testemunha, sem um commentario
Dos tristes labios seus. Emmudecia-os
O proprio amor que no soffrer caído
Tinha a energia e orgulho de ser forte.
Presentia a verdade que a humilhava
E contra a humilhação a alma erigia,
Fechada e muda. Ahi secreto e em sombra.
Operava na dor o pensamento:
Queixas, soluços, gritos estuavam;
E eram como a parada superficie
De um fundo sorvedouro, os olhos della;
E como á beira de um abysmo escuro
Vegetação florida engana a vista
Do que o perlonga; assim o igual e brando
Teor da vida em Laura disfarçava
Para os outros o mundo de agonia,
O choque de esperança e desalento,
O debater de humilhação e orgulho,
A intermittencia de revoita e aneio,
Lucta já tão intensa e tão continua,
Que ao pensamento della consentia
Ir ondulando inerte, aheio, acaso.

II

Viam-na assim os paes, e sem suspelta
Da realidade, apenas inquiriam
De quando em quando novas do seu noivo.
Laura affirmava novas que não tinha,
E proseguia no trabalho quieto,
(Que era um disfarce e ainda uma esperança)
Do enxoval de casada, jamais findo,
Sempre accrescido em calculo, á maneira
Da dilatoria teia de Penélope.
E enquanto as mãos entremoviam bilros,
Ou com solicitude o olhar seguia
O labor das mucamas costureiras,
Suspendia em repouso o pensamento.

III

Disse-lhe um dia a mãe, interrompendo
Vaga conversa a custo entretecida



(Tão breves ou tão falhas as respostas):

“ — E vae se prolongando este noivado
Indefinidamente: e é o mais estranho
Que seu noivo não tenha. Laura, um dia
Para vir á fazenda... ha tantos mezes!”

• Laura susteve subito o trabalho,
Mas logo o retomou, e á estremeçada
Voz, com esforço, dava um tom de calma:

“ — E' que não pode; tem muitos negocios
Que não lhe deixam ausentar-se agora.
E é o que sempre me diz nas suas cartas.

“ — Mas que negocios pode haver tão serios
Que não deixem um noivo ver a noiva?
Então era melhor casar-se logo...”

“ — Mamã não sabe; elle explicou-me tudo...”
E Laura repetia, encarecendo-as,
As razões que nas cartas Flavio expunha.

“ — Pode ser—disse a mãe—mas no meu tempo
Os noivos não sentiam desse modo.
E' verdade que o meu era roceiro...

Esses moços da Côte...” E a reticência
Dizia o que o seu zelo carinhoso
Recelava exprimir em voz aberta.

Laura fitou a mãe anciosamente:

“ — Mamã duvida então... pensa que Flavio
De proposito alonga o seu noivado

• Por não me querer mais?” “—Não, minha filha,
Não digo tanto, mas de certo inquieta-me
Esta longa demora; e estou disposta

A lembrar a seu pai que escreva a Flavio...”

Apenas Laura a angustia reprimia;

Conteve-a a reacção do orguiho e a idéa

De dissuadir a apprehensão materna.

“ — Mamã, se me quer bem, nada lhe diga;

• A carta de meu pai offenderia

O amor proprio de Flavio, que é sincero.

Eu é que havia de soffrer com isso.

Eu não duvido delle, eu sou a noiva;

A ninguem me queixe, e tenho nelie

A mesma confiança que no dia

Em que lhe dei a minha mão de noiva”.

IV

Bocca que tai dizia, reprimindo
 Estos de onda amarga que entumecem
 O coilo dehil de cansaço e offego,
 Agora que a não ouve aheio ouvido;
 Nem cuida a escute o proprio ouvido illuso,
 Aos mudos surdos muros do seu quarto
 Deixa enfim que se expanda a voz sincera.
 E aill a onda de magua, farta rompe
 Em soluços da tremula garganta
 E em lagrimas dos oihos requelmados.
 Cedla enfim o orgulho á dor mais forte.
 O carinho materno que a amparara,
 Dera-lhe a consciencia da fraqueza;
 Já lhe faltava o animo e a esperança,
 E via desvendado o seu destino.

V

Nesse triste abandono de si mesma
 Ao pranto soluçado, em que se escõa
 A dor contida na presença aheia;
 Sorprehendeu-a um dia a serva amiga,
 Segunda mãl que do seu peito negro
 Lhe déra, mais que á propria filha, o leite
 Aivo e sem conta, e o amor de escrava de alma.
 E escrava se aprazia em ser, embora
 Por gratidão a houvessem feito livre.
 Maior cadeia do que a lei e a força
 Era a lemhrança do seu sangue haurido
 Ao farto seio dos mimosos lahios
 Que lhe deram vaidade e bem á vida.
 E em ser a mãl segunda tinha orguiho,
 E em, mais que todas, ser a sua serva
 Com a só rude razão do sentimento.
 Vendo tamanha magoa, acode afflicta:
 — "Lalú, lhe diz, não chore; onde é que soffre?
 Conta, que Paula vae huscar remedio.
 Remedio só não ha, se é o céo que manda
 O mal á gente. Anda. Lalú, conversa
 Com sua mãl de leite, que tem pena
 De ver soffrendo a filha de sua alma."

E outras e taes palavras de carinho
A ama lhe disse na linguagem tosca
A que imprimia côr e accento a origem
Do coração escravo. Persuadida,
Laura fallou contando a sua magua,
E a causa della e o triste desespero
Sem já outro remedio mais que a morte.

“ — Lalú, socega! Tudo tem remedio.
Seu noivo gosta de você ainda.
E' o que me diz o coração cá dentro
E estes olhos que viram tantas vezes
Os olhos d'elle olhando a namorada.
Lembra, Lalú? Então o amor da gente
Ha de acabar assim depressa e á toa?
Não crê, Lalú; amor como era aquelle
Só acaba com a morte do seu noivo,
Sabe? Paula imagina o que é que prende
Seu noivo de você. Ha hi feitiço;
E' sempre quando ha felicidade,
Que o feitiço trabalha. Mas socega!
Feitiço se desmancha com feitiço.
Parceira Chica tem as rezas della
E o segredo que faz o encantamento.”

VII

Na cabana de Chica, a feiticeira,
Já promptos os aprestos para o rito,
(Luzia no céu alto a lua cheia,
E os cães ladravam pela estrada a esmo)
Timidamente, acompanhando a serva,
Laura entrou silenciosa como sombra.
Era escuro o aposento e baixo, ao geito
De uma caverna; ao meio ardia a chamma
De um brazido entre pedras sobre a terra.
Alimentava-a do aridos gravetos,
Empilhados ao pé, a feiticeira,
Que em raso tamborete se agachava
Attenta para a chamma crepitante.
Sentindo gente, o rosto ergueu, e a chamma
Esbateceu-se-lhe ás faces, destacando-a
Na meia treva do aposento escuro.
A hora da noite, a profissão da maga,

O mysterio das cousas turbam Laura.
 Aos seus pavidos olhos se affigura
 No rosto moço e placido da negra,
 Que sorri do prazer da visitante,
 O escarneo e a carantonha de uma bruxã,
 De olhos de fogo, esqualida e medonha.
 Treme, desvia o olhar, vacilla e cuida
 Em voltar e fugir; a ama que a leva
 Pela mão, a retém, falla-lhe e anima-a.
 E Laura, inerte, ouve, responde, e entrega
 Automaticamente o que trazia,
 Por combinado anterior aviso:
 Um retrato de Flavio, um lenço delle,
 E nove fios do cabello della
 Cerce cortados nessa mesma noite.
 Ao topo de um madeiro affeiçoado
 Em tosca forma humana, e que ella finca
 No chão batido, a feiticeira préga
 O retrato de Flavio, e junto enlaça
 O lenço delle. Arde e crepita o fogo,
 E das hervas que a negra põe á chamma
 Ergue-se denso acre-cheiroso fumo
 E se enovela no madeiro e o encobre.
 (Luzia no céu alto a lua cheia,
 E os cães ladravam pela estrada a esmo).
 E a feiticeira opera o rito e canta:
 " A lua está de fora, a lua traga
 " O noivo ausente para a noiva triste.
 " Como este fumo cobre a imagem delle,
 " Vae cobrir a saudade os olhos delle."
 " Como estas hervas que consome o fogo,
 " O amor de noivo ha de deixar extinctos
 " Os prazeres de todas as mulheres.
 " A lua está no céu, a lua traga
 " O noivo ausente para a noiva triste.
 " Tres vezes tres envolvo este cabelo
 " Da noiva ao peito de seu noivo amado;
 " Assim o noivo ha de sentir que prendem
 " Seu coração correntes do amor della.
 " A lua está no céu, a lua traga
 " O noivo ausente para a noiva triste.
 " Deito na chamma deste fogo que arde,
 " O pello e o pó dos ossos de um cabrito;
 " Assim no coração do noivo o sangue

" Ha de queimar ao fogo do desejo.
 " A lua está no céu, a lua guia
 " Ô noivo ausente para a noiva triste.
 " Como no campo o touro farejando
 " Muge e a novilha mugidora busca,
 " Assim o noivo ha de chegar ardendo
 " Do desejo da noiva que o deseja. "
 Luzia no céu alto a lua cheia,
 E os cães ladravam pela estrada a esmo.

(Fim da 3.ª parte)

EPILOGO

Vida, minuto que passa,
 Sombra tenue de um desejo,
 Rapido impulso de adejo,
 Voz que tremula esvoaça
 Num sonho, às vezes num beijo.

I

No espirito de Flavio repassavam
 Como estribilho de remorso e pena
 As palavras do breve telegramma,
 Que a súbita viagem decidira:
 "Urgente. Venha. Laura muito mal".
 Alongavam-se as horas do percurso
 Que a ansiedade da espera desmedia.
 Seus olhos não olhavam na paisagem,
 Nada viam no livro às mãos aberto.
 "Urgente. Venha. Laura muito mal".
 Em turbilhão voava o pensamento
 De extremo a extremo do trajecto infindo,
 E revertia ao tardo e inerte corpo
 Fixo á miseria de impotente peso.
 E lá e volvia e alava-se no espaço
 E no tempo seguindo horas antigas,
 Horas de occaso em que a saudade abria
 Mavioso crepusculo de sonho...

II

Visão que o leva agora pela estrada
 No arranco da carreira impetuosa

Do animal a que punge espóra aguda,
 Com toda a força d'alma alada e infrene;
 Visão que se levanta como um floco
 De nevoa ondeante no luar calado;
 Visão antiga, imagem viva ou sonho,
 Alma talvez do amor aqui nascido,
 Aroma de saudade e de volúpia,
 Que á doce luz se exhala da floresta;
 Surges da terra ou é do céu que desces?
 "Urgente. Venha. Laura muito mal".

III

"— Laura!" e sem mais dizer Flavio ajoelhou-se
 Ao pé do leito, e á mão que ella estendia,
 Entre as suas tomando-a, poz os labios,
 E em longo, ardente beijo disfarçava
 A dor, o medo, o pranto dos seus olhos.
 "— Flavio! E' você? Posso morrer agora.
 Custava-me morrer sem vel-o, Flavio".
 Disse-o com pausa e esforço, mas serena;
 Em resignada quietação distante
 De quem já olha a vida do outro lado.
 Flavio não mais conteve o impeto ao pranto,
 "— Laura, por Deus, não falle em morte, Laura,
 Pense em viver por mim que sou seu noivo".
 Laura ergueu-lhe a cabeça, debruçada,
 Puxou-a a si, ficou a olhar-lhe o rosto,
 Plácida e muda; subito, vibrando
 De nova, extranha, derradeira força,
 Beijou Flavio na bocca anciosamente,
 E descahindo, sem mais alma, disse:
 "— Maldita a bocca de mulher, maldita
 Que este meu beijo, Flavio... ultimo beijo..."

FIM

MARIO DE ALENCAR

Errata ao trecho publicado no fasc. n. 27 —:

- Pág. 257 — linha 17 — E **fixou** de repente o olhar no delle
 " 259 — " 17 — Tacito só para elles, **pais**, que expresso
 " 260 — " 11 — Não lhe **sentiras** a belleza viva
 " 260 — " 23 — A borboleta livre em seu **ndço**
 " 261 — " 4 — **Tantos, tão altos, tão vermelhos...** Flavio
 " 261 — " 15 — Alvejando-lhe o **cofo** do vestido
 " 269 — " 8 — Como á alma se lhe **esboça** ennamorada
 " 271 — " 18 — Pelo seu enxoval de noiva á **Côrte**

LIVROS

EM TORNO
DE MACHADO DE ASSIS

A bibliographia da vida e obra de Machado de Assis vai crescendo dia a dia. Depois do interessante estudo de Aleides Maya, o primeiro estudo documentado e sério da personalidade do grande escriptor, vem Alfredo Pujol com o seu trabalho saudavel e forte, que realizon o absurdo de entrelaçar a erudição com a ternura e a analyse com o enthusiasmo. A esses juntou-se ultimamente um joven medico, o sr. dr. Luiz Ribeiro do Valle, que trouxe a contribuição de uma these seicentifica — “a Psychologia morbida na Obra de Machado de Assis”,—na qual desfila toda a galeria de tarados e nevropathas dos romances e contos do mestre. Mais ou menos ao mesmo tempo, o sr. José Maria Bello, um critico promettedor, dava-nos um penetrante ensaio acerca da personalidade moral e literaria de Machado, ensaio que tem sobre-outros meritos o de representar um sincero e demorado esforço de comprehensão, sem idéas preconcebidas, sem preoccupações de originalidade e sem amplificações loquazes. A esses nomes podem acerescentar-se os de Mario de Alencar, Afranio Peixoto, Medeiros e Albuquerque, João Ribeiro, Assis Chateaubriand e outros ainda. Todos esses homens de letras têm dito de Machado de Assis, embora rapidamente, coisas que refogem á banalidade do elogio vago e precisam ser levadas em conta.

Ainda não é tudo quanto o nosso grande romancista merece, posto que já seja alguma cousa. O seu *caso*, sob o ponto de vista social, sob o ponto de vista psychologico, sob o ponto de vista esthetic, ainda fornece margem para muita observação e

muita reflexão que não valeriam apenas como curiosidade, mas também por outros títulos mais preciosos.

Falámos em ponto de vista social. E' um dos mais fecundos, e o menos explorado. Em geral, quando se acaba de ouvir ou de lêr algum dos admiradores de uma figura de grande porte, como o nosso romancista, experimenta-se a impressão estupefaciente de um milagre. E' que metade dos apologistas, para fazerem resaltar o retrato, que atiram á tela em brochadas impetuosas, deformam e deprimem propositadamente o meio. A outra metade, salvas as excepções, dando embora alguma importância ao ambiente, deixa-o em todo caso na penumbra, e faz incidir toda a luz intensa no grande vulto solitario. O effeito do contraste nos empolga. E não raro nos surpreendemos a perguntar aos nossos botões, farejando o maravilhoso,—como é que tal figura pode surgir em tal scenario... Ora, seria mais interessante, mais comprehensivo, e mais util, com certeza, que alguém com forças para tanto emprehendesse justamente a pintura do scenario, tal como foi no tempo em que por elle andou a grande figura. Essa figura seria então tratada, não propriamente como um "retrato", mas como componente de um vasto conjunto. Este, na sua totalidade, é que seria o objecto visado pelo artista. O vulto eminente ficaria collocado no plano que calhasse, conforme a perspectiva e conforme a distancia fixada. Nada perderia com isso, porque uma montanha, vista de longe ou de perto, é sempre uma montanha. Em compensação, o meio, o grande organismo de que esse vulto foi parte, relevo, resultante e expressão, teria muito a ganhar com certeza.

Ha, sem duvida, nos homens de alto valor intellectual, uma somma consideravel de originalidade "virgem", que parece ás vezes sobrepujar por completo a somma das influencias recebidas, notadamente as influencias directas do meio. Olhados pelo simples aspecto exterior, dir-se-iam estrangeiros inadapitados e inassimilaveis. Surgem então theorias disparatadas para explicar o apparente disparate. Appella-se, por exemplo, para umas vagas revivescencias ancestraes, jogando-se com o factor biologico e ontras coisas complicadas, obscuras e asperrimas, com um ar de tranquilla familiaridade, que faria sorrir um serveinte de laboratorio dotado de dois dedos de

bom senso. Os termos *raça*, *ascendencia*, *sangue* e os correlatos, quasi sempre dependentes de definição, todos dependentes no caso concreto de indagações penosas, são enfileirados e movidos de um para outro lado, livremente, com um piparote, como pedras de um jogo de damas. De Anthero de Qental, tão excepcional se affigurava a sua compleição psychica no meio onde nasceu e viveu, se disse um dia que era como um escandinavo perdido na terra insolada e florida de Portugal. O achado seduziu a muita gente, como não podia deixar de succeder, e de certo não faltou quem logo se abalancasse a tracejar, com dois ou tres pontos de referencia improvisados, o itinerario subterraneo pelo qual essa escandinavidade remota viera espipocar na pessoa do lusitanissimo poeta. Entretanto, deante de taes disparidades, o raciocinio menos onsado e mais accetavel seria qualquer coisa como isto:—O nosso homem parece desafinar inteiramente do meio onde nasceu, onde se fez, onde viven toda a sua vida? Nesse caso, ou é que elle ainda não foi bem estudado, ou então o meio é que ainda não o foi. Provavelmente uma e outra cousa, visto que o estudo de uma individualidade é radical e essencialmente inseparavel do do meio em que ella existiu. As individualidades só se consideram isoladas por abstracção. Na realidade, ellas se ligam intima e indissolhivelmente a tudo que as rodeia. Assim, os proprios corpos de mais solida estrutura e de contorno mais recortado, segundo modernas concepções do mundo inorganico, só nos parecem taes devido á imperfeição dos nossos sentidos. Na verdade, elles se prolongam e se unem ás candaes envolventes da materia e da força por uma serie de gradações imperceptiveis; e, se o nosso apparelho visual permittisse, nos appareceriam rodeados de uma como poeira em constante movimento.

Machado de Assis nunca saiu do Rio de Janeiro. Ahi se compoz, lentamente, a estrutura do seu espirito, mediante os elementos que o meio podia dar. Se apesar de mestiço, de pauperrimo e de architimido conseguiu desde cedo imprimir uma direcção intellectual e literaria á sua vida, foi porque não encontrõ resistencias serias a vencer; melhor, foi porque positivamente encontrõ quem lhe desse a mão e o ajudasse

a abrir caminho. E' preciso advertir na importancia deste primeiro ponto. Se Machado, em vez de ter talento e vocação para as letras, tivesse, por exemplo, a bossa do negocio, não teria feito absolutamente nada, com a sua pobreza, a sua timidez e a sua melancolia. Portanto, o meio brasileiro, ainda pouco adeantado, já tinha entretanto o grau de saturação democratica, intellectual e literaria bastante para cercar de sympathia os homens de talento, embora de origem humilde, e ajudal-os de alguma forma na sua inhabilidade pratica.

Desde muito joven, e de certo sem procurar com grande afan, Machado topou com pessoas que lhe adivinharam o valor e lhe predisseram o triumpho. Teve admiradores da primeira hora que lhe encorajaram os primeiros ensaios. Teve amigos, que se approximaram da modesta e medrosa criatura attrahidos pela simples fascinação do talento. Teve guias e conselheiros. A instrucção fundamental que recebeu, recebeu-a, no Rio, do ensino que já existia na cidade, e recebeu-a justamente na extensão, na qualidade e na forma que tal ensino comportava. Os primeiros livros que leu, leu-os porque houve quem lh'os revelasse, lh'os desse, lh'os deparasse, porque havia bibliothecas e livrarias na cidade, porque havia na sociedade do tempo muita gente culta e estudiosa. Os autores que elle preferiu, os volumes que elle amou, os romanees, os versos, as philosophias, as historias que lhe detiveram a attenção já tinham apreciadores, já andavam por outras mãos, já pousavam em outras cabeceiras, já se ajustavam ao gosto pessoal de outros espiritos semelhantes...

Pessoas notaveis appareceram, na literatura, na politica, no parlamento, na sociedade, no jornalismo, nas profissões, que de certo mereceram alguma admiração a Machado e ás quaes provavelmente deveu elle alguma parte no augmento e renovação do seu cabedal de idéas, alguns impulsos accrescidos ás suas tendencias, alguma lição aproveitada, algum toque do seu estylo. O seu amor á vernaeculidade foi um sentimento que elle apenas veio partilhar com muita gente, e que pode suppor-se tenha contrahido no trato de certos amigos, namorados das graças vetustas do quinhentismo. Nos tempos de Machado moço e homem maduro, a preocupação daquillo a que os grammaticos chamam vernaeculidade, na medida e maneira em que comprehendem a coisa, grassava muito mais



intensamente do que hoje em dia. Também o que ha de fundamental na escripta de Machado, á parte o verniz pessoal que lhe soube dar, são traços e qualidades communs a não poucos escriptores brasileiros, que os tomaram de identicos modelos: simplicidade, sobriedade, clareza, elegancia, correcção. Apesar, porém, de toda a sua "vernaculidade", isto é, do seu quilibentismo e lusitanismo, a redacção de Machado não poude fugir inteiramente ao contagio brasileiro. Já não falando de frases e vocabulos apanhados intencionalmente do nosso chão, ha torneos e construcções que trahem o fundo brasileiro da linguagem lusitanizada á distancia. (*)

Eis ali uma multidão de factos a rastrear.

Tempo houve em que se diria que o Brasil tomava ares de pessoa bem nascida e bem criada. Havia uma alta sociedade, mais destacada que a de hoje, culta e distincta sem exhibicionismo; havia uma politica onde o talento, a moralidade e as boas maneiras valiam alguma coisa; havia um parlamento onde não escasseavam figuras de uma bella elegancia intellectual e moral, compostas e adelgaçadas, capazes de discutir sem palavrões; de louvar sem cynismo, de ferir sem baixaza, de ambicionar sem correrias desapoderadas, aos empurrões e aos bolços. Não poucos desses homens tomavam por modelos os typos de alta civilisação que se destacavam no parlamento britannico. Os romancistas contemporaneos, Macedo, Alencar, espelharam de algum modo esse apreço geral pelas qualidades

(*) Nas "Reliquias da Casa Velha", ha este passo: "Elle não limitou, não chegaria a imitar Mollère, ainda que repetisse as transcripções que fez no "Amphytrião"; tinha originalidade, *embora* a influencia das operas Italianas." Este emprego de "embora", palavra geralmente usada como conjunção concessiva e como adverbio, levou o philologo portuguez Julio Moreira a conjecturar que o vocabulo tivesse ainda o valor de preposição no Brasil... O mesmo philologo observa em outro lugar, e então com acerto, que as expressões da conjugação periphraistica, formada com o gerundio, tem emprego muito mais frequente no Brasil do que em Portugal, "usando-se o gerundio até depois de verbos que na nossa lingua culta costumam ser construidas as mais das vezes sem uma preposição e infinitivo." E cita como exemplo este outro passo das "Reliquias", em que á locução "acabou andando" se preferiria em Portugal "acabou por andar": "Entretanto, como o outro estivesse a morder os beiços, a olhar para as paredes, não viu o gesto de espera, e ambos se deliveram calados. Brito *acabou andando* ao longo da sala, enquanto João dos Mercês dizia consigo que havia alguma cousa mais que febre." (Julio Moreira, "Estudos da Lingua Portugueza", primeira série; Lisboa, 1907).

Esta nota serve apenas de mostrar como os brasileirismos de Machado, pouco sensiveis aqui no paiz, onde até os grammaticos mais escrupulosos os commettam, devem ser numerosos aos olhos de um respigador lusitano.

sociaes, pelas cousas que adoçam e dignificam a vida collectiva, e deixaram entrever as multiplas impressões que lhes causava o espectáculo do nosso parlamentarismo. Machado tambem escreveu as suas reminiscencias do velho Senado... Machado tambem compartilhou a fascinação ingleza... Machado tambem amou a compostura e a sobrecasaca, a sobriedade e os ditos agudos, e tambem detestou a vulgaridade e a desordem barbara. A figura do nosso grande romancista, encarada na scena moderna, onde tudo parece brigar com as feições de seu espirito e contrariar as tendencias de seu character, assume realmente o aspecto enigmatico e extranho de um exotismo. Transportemol-a, porém, para o quadro menos cahotico da "côrte" no segundo imperio, onde se accusavam os resultados de mil collaborações obscuras num trabalho sensivel de disciplina e de hierarchia, de ordem, de estabilidade e de paz, e essa criatura placida, modesta e digna, delicada e correctea, contagiada de aristocracia, esse philosopho embebido de erudição e de classicismo, dicaz e ironico, já talvez não contraste tanto com o ambiente, se harmonize com outras physionomias, obedeça a uma tonalidade geral e ache a sua atmospheria propria.

Encontram-se em varios escriptos referentes a Machado de Assis preciosas indicações sobre a sua origem, infancia, mocidade, relações, trabalhos, soffrimentos. Foram, porém, aventadas com intuitos diversos. Conviria reuni-las, coordenal-as, juntar-lhes outros elementos, todos os que se pudessem colher, procurando ao mesmo tempo, através dos jornaes, dos livros, dos documentos politicos e literarios e através dos factos da época as concordancias e similitudes, as analogias e as influencias que encaixassem e fixassem a individualidade do escriptor no quadro da vida collectiva. Um estudo nesses moldes seria, pelo menos, tão legitimo e tão interessante quanto um mero retrato literario ou um simples ensaio critico. Feito com um sincero esforço de exactidão e imparcialidade, seria com certeza mais solido, com algo mais largo, mais substancial e mais duravel do que a precariedade das impressões e opiniões pessoaes. Qualquer que fosse a sorte futura da individualidade estudada, ou a naturéza das retificações que a posteridade impuzesse aos nossos juizos, ficaria sempre o lado objectivo do trabalho, a descripção de cer-

tos aspectos de um meio social e de uma de suas figuras representativas.

Esse estudo teria varias vantagens. Uma dellas seria a de contrabalançar os exageros, as fantasias, as invencionices e contradicções que infundavelmente se accumulam á conta dessa coisa obscura e mythica, que é o meio social. Em relação ao meio physico, já entrámos no periodo da observação directa e imparcial, do respeito pelas realidades concretas. Faria uma triste figura aquelle que se abalançasse a dissertar, sem nenhuma informação, sobre o curso *provavel* do S. Francisco ou sobre a situação que *deve occupar* na carta do Brasil a lagôa dos Patos. Sobre a gente, sobre a sociedade, sobre a psychologia do povo, sobre a indole, as taras, as tendencias, as possibilidades da raça, não ha quem sinta a menor difficuldade em discorrer de improviso. Abarca-se tudo num relancear de olhos. E como todos os homens, em regra, são mais ou menos apaixonados em relação á sociedade em que vivem, a tendencia geral é para a denegrir ou exaltar, de ordinario para a denegrir. Este ultimo pendor é particularmente notavel nos homens de letras e nos artistas, nos quaes assume formas evidentemente mórbidas. Personalidades hyperthrophadas, têm menos capacidade de isenção, que é a facultade de pairar acima da propria pessoa. Tudo vêm através da sua vaidade, qualidade mestra dos que vivem de exhibir-se ao publico, e emprestam candidamente ao meio todos as mazellas que lhes ponham em relevo as suas virtudes fortes. Consideram-se, no fundo, como umas criaturas de excepção, calidas e enroscadas por acaso neste áspero sertão do mundo...

Do ponto de vista psychologico, tambem haveria muito que fazer ainda. Tratando-se de um grande vulto, alvo de tanta attenção e interesse, é inevitavel que, no calor e na relativa improvisação das opiniões, se externem sobre o seu character muitos juizos ligeiros, erroneos, apaixonados ou francamente malevolos. Taes juizos, ou por se ajustarem na apparencia ás realidades, ou pelo prestigio de quem os subscreve, ou pela pregnica mental de quem os absorve, emfim pelos varios processos segundo os quaes se realiza a sedimentação das idéas

feitas, vão sendo repetidos numerosamente, vão-se perpetuando e amontoando, e tendem a fixar uma imagem toda convencional, incompleta e falsa do extinto. Se alguém, com bastante acuidade e independência de espirito, se resolvesse a varrer tudo isso e a começar desde o primeiro passo um trabalho paciente de reconstituição, é possível que tivéssemos afinal um retrato bem diverso das effigies impressionistas que por ali correm.

Não ha duvida que a biographia e a obra de Machado apresentam um certo numero de *dados* indestructiveis. E' innegavel, por exemplo, que o nosso romancista, tendo atravessado importantes phases literarias, politicas e sociaes da vida nacional (esta constatação vem sendo repetida desde Silvio Romero), não deixou na sua obra signaes de que se houvesse interessado por ellas. A reacção romantica, muito mais significativa do que uma simples questão de gosto e de moda literaria, a guerra do Paraguay, as lutas religiosas do imperio, a abolição, a Republica, tudo isso apenas se reflecte, quando se reflecte, rapida e longinquamente nos seus livros. Eis ahi um facto. Mas, dali, quantas inferencias e quantos desenvolvimentos têm sahido, sem mais apoio que uma simples apparencia de logica! Que Machado foi uma individualidade incompleta, um egoista e um insensivel. Viveu fechado na sua literatura pessoalissima, cego e surdo para a vida tumultuosa do paiz e do mundo, occupado exclusivamente com os seus empregados publicos, os seus desequilibrados e as suas mulherinhas vulgares. Nem um vôo pelo mundo das idéas e preoccupações da época, nem sequer uma lufada de sentimentos amaveis, sympathy, intermencimento ou piedade, no uncio das tragedias humanas de que foi espectador ironico e frio durante sessenta annos. Tudo isto são accusações correntes e que ameaçam perpetuar-se.

São accusações que lembram aquella levandade, a que alludia Anatole France, *avec laquelle les gens sérieux parlent des choses graves*. Esses juizos precipitados são muito commodos: têm a agudeza sufficiente para honrar os creditos de quem os emite e o ar de razoabilidade bastante a conquistar-lhes as adhesões geraes. Não custam, fazem o seu successo, e assim,

com pouco trabalho e bom rendimento, pode-se despachar o assumpto e tratar logo de outra coisa. No fundo, porém, valem pouco mais de nada.

Antes de tudo, que assombrosa facilidade, esta com que se definem as linhas estruturales, o arcabouço, a ossatura, o cerne de uma personalidade! São reconstituições que mettem num chinello aquella que Cuvier promettia com emphase embasbacante. Cuvier pedia um osso. Os detractores de Machado contentam-se com uma *falha*, um dado negativo. Em regra, os homens de bom senso julgam os seus semelhantes pelo que elles fizeram: julgal-os e sentencial-os pelo que não fizeram é empresa, pelo menos, arriscadissima. Esse criterio, applicado seja lá a que individualidade fôr, dará sempre resultados semelhantes aos que apparecem em redor da memoria de Machado. Não ha um só individuo que não tenha deixado de fazer mil coisas que outros gostariam que elle fizesse... O maximo que se pode razoavelmente colher do simples silencio de Machado sobre as questões de interesse humano e social no seu tempo, é apenas esta modesta e solida verdade — que elle não quiz alludir a taes assumptos. Isto é positivo. "Tout le reste est litterature".

Já se observon igualmente que, assim como a grande vida não teve entrada na obra do nosso novellista, a natureza tambem não a teve. E' outro facto. Alfredo de Vigny — e que nobre e bem organizada criatura foi o poeta da "Maison du berger"! — não só era indifferente á natureza, como lhe foi hostile. Machado apenas deixou de cortejal-a. Como Sterne, que, escrevendo uma viagem á França e á Italia, nada nos conta nem da Italia nem da França, elle viveu toda a sua vida entre a bahia de Guanabara e a serra dos Orgãos, e quasi nada nos diz nem da terra nem da gente. Dar-se-á caso, porém, que tenhamos aqui um novo traço de egoismo, ou de insensibilidade? Se, não se importando, como escriptor, com os successos do seu tempo, foi egoista e insensível, é preciso arranjar uma explicação semelhante para o seu silencio deante da natureza.

Esse silencio, aliás, não é tão absoluto quanto se inculca. Na sua mocidade, Machado de Assis tambem cantou, entre outras coisas, o Corcovado e o céu azul, as flores e as mulhe-

res. Depois, na parte capital e imperecedoura da sua obra, essa admiravel serie dos quatro ou cinco ultimos livros de contos e novellas, é certo que não rasga muitas janellas para a natureza: apenas, de quando em quando, pequenas frestas. Disse uma senhora, referida por Alfredo Pujol numa das suas bellas conferencias, que aos romances de Machado Ihes faltava o ar. Parece uma reflexão aguda, e é uma phrase. Não Ihes falta absolutamente o ar necessario para que os seus personagens vivam e respirem a plenos pulmões, — e isto é o que importa acima de tudo. Tambem na tragedia grega não havia “ar”, ou “natureza”. Durante longos e fecundissimos seculos de litteratura e arte, até os tempos modernos, até Jean-Jacques e o romantismo, a falta do material “natureza” não impediu que se fizessem variâs obras-primas eternas. Essa coqueluche é muito mais recente do que aquella senhora imaginava.

E, ainda assim, qual é a natureza que apparece na maior parte dos livros de prosa e verso em que ella occupa algum lugar? É uma natureza de convenção, de cabeça, de leitura, de *atelier*. Se descontarmos da obra dos nossos escriptores artistas e dos nossos poetas as visualidades cerebraes que elles converteram em paisagens e marinhas, muito reduzido ficará por certo o numero dos que dão mostras de ter entrado em immediato e commovido contacto com a natureza *real*. É mesmo uma das evidencias da nossa letras a pouquidade e a mesquinhez das suas impressões do meio physico. Excluidos os escriptos á margem da litteratura, contar-se-ão nos dedos as paginas onde se hajam fixado, em pinceladas vivas e originaes, recantos e trechos reconheciveis da natureza “concreta”. Os incomparaveis panoramas do Rio de Janeiro, esse pedaço do mundo que parece ter sahido das convulsões de uma batalha de deuses, ainda não produziu em toda a litteratura brasileira meia duzia de paginas que se marquem com a intuição de reler por puro deleite. Em compensação, abundam as florestas derivadas de um typo geral de floresta abstracta, enxameiam as especies vegetaes e animaes extranhas ao nosso clima, as primaveras em maio, os flocos de neve, as feras que mesino empalhadas não são das coisas mais encontradiças, e cavallos que galopam através de matas, e rebanhos de ovelhas



em lugares onde nunca foram vistos, e regatos idyllicos em zonas onde todo o solo só offerece aspectos de uma selvajaria crespa e tristonha.

Acerca das preocupações humanas e sociaes dos nossos puros homens de letras, poder-se-ia desenvolver uma serie de considerações semelhantes, com particularidades a que não faltaria certo pittoresco. Basta notar uma coisa: ver-se-ia em palpos de aranha o compilador que tentasse seleccionar no romance, no theatro e na poesia nacional, materia que dêsse para um florilegio de duzentas paginas, concebido como documentação da maneira por que aquellas cogitações se reflectiram na literatura patria. Proenrae, por experiencia, reunir dôze poesias notaveis extrahidas á caudal da nossa produção metrificada dos ultimos trinta annos, nas quaes vibre ao menos uma nota nacionalista bem viva... A verdade é que os nossos puros homens de letras têm vivido, ora mais, ora meuos, mas sempre afastados das realidades concretas, mettidos no seu canto e no seu sonho, temendo e detestando a acção. Assim, o exagero a que chegou Machado de Assis foi apenas a agravação de um mal muito commum no paiz — e, digamos tudo, muito commum em toda a parte.

Vimos a que ficam reduzidos dois dos pretendidos traços distinctivos da psychologia de Machado: são traços de psychologia collectiva. O seu *egoismo* e a sua *insensibilidade* não são delle: são de muita gente. Em compensação, rasgos ha mais positivos e mais caracteristicos na sua individualidade, que protestam contra o rotulo que se lhe pretende acolchetar ao casaco. Chamar egoista a um homem que levou toda a sua vida a ceder o passo ás ambições ferozes, e contentou-se de uma tranquillidade e honesta mediania, e manteve acima de tudo uma dignidade inalteravel e exemplarissima, e foi o typo acabado do cidadão que se subordina a todos os principios reguladores da harmonia social, esbatendo todos os relevos e contendo todos os impulsos da personalidade, — chamar egoista a um homem assim, ou é virar do avesso a significação das palavras, ou é dar-lhes uma latitude que as torna applicaveis a todos os objectos, sem que se ajustem a nenhum.

Ha pequenos factos que ninguem se esquece de repetir, attribuindo-lhes mais ou menos francamente um valor de "pièces à conviction". O caso do escritorio onde Machado trabalhava e onde não recebia nem os mais intimos amigos, parece que é uma dessas peças prenhes de sugestões e consequencias... Foi, entretanto, apenas uma singularidade curiosa: um simples excesso de pudor. Em troca, não faltam casos muito mais significativos: a fidelidade e a segurança dos seus affectos, poucos e simples, mas duraveis e serios; a grande bondade que os seus amigos lhe reconheceram e ainda exaltam; o invencivel temor que o agonia de offender ou desgostar a quem quer que fosse; a jovialidade dscenfarruscada e suave da sua conversação. Adjectivar de egoista e sceco um individuo desse feitio, é exagerar demasiado a mania de classificação e da rotulagem.

Muito mais razoavel, mais sympathico e mais util seria examinal-o e estudal-o, para o comprehender e explicar, na unidade organica do seu temperamento e do seu character, sem esquecer que ali os attributos se completam, se corrigem e se compensam, e só no seu conjunto e no jogo geral da sua actividade tomam o verdadeiro relevo e o verdadeiro sentido.

Imagine-se um nhambiquara deante das peças destacadadas e dispersas de uma machina de coser. Examinando-as uma por uma, encontrará ferros que lhe parecerão destinados aos mais diversos misteres: aqui um martello, ali uma faca, além uma ponta de flexa, um instrumento de tortura, um adorno para o pescoço, um suporte para panella; no meio de tudo isso, muito objecto de utilidade inattingivel. O que elle nem por sombra suspeitará é que esses objectos, faca, martello, ganchos, brinquedos e inutilidades, ajustados e coordenados segundo um plano que desconhece, resultariam todos "outra coisa". Nós costumamos proceder, no julgamento das personalidades, com a mesma inopia tranquilla e espessa do nhambiquara. Pegamos nas peças destacadadas dessas machinas complicadissimas, cada uma das quaes é diversa de todas as outras, attribuímos-lhes uma funeção, damos-lhes um nome, atiramos para uma banda as peças inexplicaveis, e julgamos ter comprehendido tudo...

AMADEU AMÁRAL



TRES POETAS

A mim, quer parecer-me, já não padece duvida o conceito de que a Poesia nasce da Dôr; pelo menos a verdadeira Poesia do sentimento, cuja seiva sóbe do proprio coração humano, aprofundada em raizes que vão á alma das creaturas. De sôrte que soffrimento e Poesia são oriundas do mesmo seio — idéas fraternas que se abraçam: a mais nova, como mulher que é, consolando em beijos de esquecimento o desengano do irmão afflicto.

Mas a turba movediça de gente do mundo põe, de ordinario, a mascara do riso; e, através della, sahe a divertir-se, sem attentar muita vez no ridiculo de que se phantasia... E não encontra tempo senão para esse carnaval ininterrupto, entre pandeiros e guisos.

De qualquer fôrma resulta assim a melancholia de ficarem os Poetas seres á parte, judêos errantes d'um desejo inatingido e inatingivel, isolados na vida... Foi convencido dessa verdade dolorosa, talvez, que Platão Ideou aquella regra egoistica para a sua Republica: — Corôal-os de rosas... e expulsal-os depois!...

D'ahi porventura ser a superficie do mar, de brilhos fugitivos, a caracteristica symbolica e frisante da maioria dos homens; e a bem poucos tocar a capacidade oceanica dos rythmos e a força interior dos impulsos... A passageira massa vivente apaga-se e dissolve-se, anonyma, na precariedade das espumas, e só a alguns — almas privilegiadas de Poetas — cabe o ancelo das ondas, cujas vózes profundas cantam e chôram.

Vózes de canto ou de chôro todas as praias as escutam, que se alçam, sahindo da impassibilidade silenciosa dos mares do mundo... Das areias claras de nossas costas e enseadas littoraneas tambem se as entendem, que murmuram limpidas e enternecidas, no quebrar das verdes aguas sonóras, como por outras bandas agora grítam e choram, misturadas de sangue.

Essas imagens, que me estão avultando no espirito, vieram crescendo quando ainda trago os ouvidos cheios dos rumores oceanicos das Solitudes de Pereira da Silva e os olhos já se maravilham, advi-

nhando o extase de outro espectáculo marinho, com as novas ondas que se aitejam — *Vida que passa* de Caio de Mello Franco e *Agua Corrente* de Oiegario Marianno.

* * *

Pereira da Silva dá-me a impressão de grande e funerario cyrio acceso, que se vae gastando lentamente no interior silencioso de uma camara escura. Expande luz mortuaria e se consomme, ardendo aos poucos, em mudas lagrimas de cera...

No seu primeiro livro, *Voc Solis* já se ouvia essa queixa de enclausurado do espirito:

1 Ser e não ser! Sinto-me assim captivo
Do mim mesmo e em mim mesmo todo absorto
Como dentro de um mundo subjectivo...

e, em outra passagem accentuava,

O mundo é para a luz do meu olhar já fusco,
Um cháos, um cháos enorme, um cháos em que em vão busco
As outras sensações da vida da minh'aima...

Agóra, transcorrido mais de dez annos, no livro novo *Solitudes*, confirma aquella aim heroica — heroica, pela certeza da sua attitude sem recompensas, e que se mantem assim numa postura suprema de estoicismo—alma bastante a si mesma, por lhe parecer o mundo bem menor do que ella, ou insatisfeita consigo talvez pela consciencia desse isolamento amargo a que se votou, monologando tragicamente á espera do irremissivel sem lhe constringer, como diz:

..... a idela de ser nada,
Desta fórma que é pó em pó ser transformada.

Porventura que hei sido em tão vaidosa vida?
A mesma poeira em carne e espirito incendiada...

Illusão, illusão; idéia que procura
Uma razão final cada vez mais obscura;

Coração que luctou como um cruzado eleito,
De aim aberta no olhar e cruz de amor no peito

E apesar de ter tido os lances mais felizes
Se vê, como um fíoral, rôxo de cicatrizes!

Se a Mórte é sempre um véo que o genio não descerra,
A vida é o mesmo pó e a terra attrae a terra.

Oh! bemdita attracção! bemdito amor fecundo
Que nos faz renascer no coração do mundo!

Sim! bemdita attracção, refugio da Esperança
De quem sabe, afinal, que o Bem jamais se alcança,

Mas não teve uma vez, siquer, de desalento,
A lutar pelo Bem como um leão sanguento!

Sim! bemdita attracção, para quem nada espera
Mais que o termo feliz desta paixão sincera,

Immanente, fatal, que o cérebro domina
E nos roja á Loucura ou nos reduz á ruina!

Musa da minha Dôr! que de ventura sinto
Em pensar que vaes ter ao menos todo o instincto

Da Terra maternal de que és tambem oriunda,
Musa da minha Dôr ephémere e profunda!

A terra a terra attrae... E toda esta anciedade
De outra fórma de ser e outra luz me persuade

De ter vivido só por só no meu degredo.
Quem sabe se em meu ser não dorme algum segredo

Insondavel talvez, talvez subconsciente,
Mas a causa vital desta tristeza ardente?

E' tão grato viver! Tão milagrosa a Sórte!
A razão tão subtil!... E porque moço e fórte

Os meus dias são taes, taes minhas noites rudes,
Tamanhas, como são, minhas vicissitudes?

Ou quem sabe se a vida ás vezes se renega
E reduz a Razão a uma tendencia cega?

A terra a terra attrae... Eis o destino igual
Uno, nivelador, que a Força Universal

A cada causa impõe segundo um plano eterno,
Para alguns mais cruel que os círculos do inferno!

Quantos bons, quantos máos não ha, cuja conducta
Obedece á impulsão de uma força absoluta

E lhe segue os vaivens sinistros ou sublimes
Ora em nobres acções, ora em nefandos crimes?

Oh! volupia da Dôr! Oh! Moloch singular
Quanto sangue innocente ardendo em teu altar!

Ai! quanto coração, de todo fel isento,
Justo na sua dôr é nobre em cada intento

Tem a teus igneos pés se transformado em chamma
Sendo um mal quando odela e um mal maior quando ama!

A terra a terra attrahe... E, ante a Fatalidade,
A Gloria inda é mais vã, talvez que a Valdade.

Mortas, a Treva e a Luz jazem no mesmo plano;
Fundem-se os Deuses vãos no mesmo nada humano.

Tudo que pareceia, ao nosso olhar, diverso
E real ou irreal, indubio ou controverso,

—Cedendo á eterna lei do mundo contingente —
Reduz-se ao mesmo pó que foi primordialmente...

.....

Como se está vendo este poeta é de uma philosophia de desenganamento absoluto, de um verdadeiro desesperado da razão, negadora de tudo. Bebeu sua taça de cieuta e teve sua esponja de fel... E o que admira nelle é que, tendo chegado a esse estado de nihilismo espiritual, encontre forças em si para resistir á dôr e manter-se com serenidade em face do infinito. Ha n'isso qualquer cousa de grandioso e sublime; e dir-se-ia que o que preserva assim de forças, coirçando essa alma, consciante da inanidade de tudo, é alguma energia super-humana movida e alentada por sopros eternos... Tal como um novo Atlas do sentimento, carregando aos hombros um mundo de pesadas desventuras... Quer me parecer que o que lhe garantiu e assegura ainda uma especie de estabilidade em meio á existencia humana, na qual é certamente um deslocado, foi a ma-

neira mais de intelligencia do que de sensibilidade com que encarou o irremediavel da tortura do seu espirito... Ante o, por assim dizer, fatalismo da dôr, não se deixou succumbir; não se vergou ao peso do que tinha de ser; na physionomia do Irrevogavel, aspera e dura, pôz uma expressão de serenidade artistica; fez da caveira do Irretratavel apparecer um verdadeiro e pungente sentimento humano...

Executou o conselho de Goethe que manda converter em poemas e cantos a magua intima e a dôr profunda. O poeta mesmo é quem o confessa:

A minha propria dôr me reconforta,

e, mais adiante, está convencido de que

Como a Dôr nos sublima, nos apura,
Intensifica a nossa vida interna
Faz de cada creatura outra creatura!

A alma que é luz e, por ser luz, eterna
Como na Dôr se eleva e transfigura
E deante a propria imagem se prosterna!

e, vem d'ahi certamente essa ancia, esse desejo que o propelle e

..... condemna

A dar fórma, expressão, plasticidade,
Estylo a tudo quanto é dôr terrena.

E' meu tormento. Chamem-lhe poesia,
Arte do verso. Chamo-lhe o madeiro,
A Cruz da minha noite e do meu dia.

— Cruz em que verto o sangue verdadeiro
E em que minh'alma em transes agonía
E o coração se crucifica inteiro...

Sem duvida que é um fórte. Se lhe não ficasse conhecendo por Soltudes o profundo desprendimento das vaidades poderia aquil suggerir-lhe que todas as cruces que se carregam e apontam para o Calvario, abrem tambem caminho para a aurora da resurreição...

* * *

Caio de Mello Franco já não se abstrae tanto do ambiente que o circumda; não tem sómente a dôr interior; e mesmo a dôr nelle se reveste de fórma mais branda e commovedora — menos intellectua-

lizada e raiocinante e mais sensível... Pereira da Silva é quasi que exclusivamente um surdo brado de desespero uniforme, grito suffocado de creatura que se viu só, em meio do deserto infinito: solitaria de corpo da vulgaridade mesquinha das sensações do mundo e solitaria, pelo espirito angustiado, que se não fia de promessas illusorias, consciente do irremediavel da situação a que se entregou... Em Caio de Mello Franco não; ha um soffrimento intimo que fluo em triste suavidade da propria alma e se extravasa nas cousas. A dôr aqui sómente se resolve em lagrimas silenciosas, como em Pereira da Silva o homem talvez recorde Prometheu. Acredito mesmo que interiormente, na alma de Caio Mello Franco, seja ella maior do que na sua manifestação litteraria: a chamma que o abraza e o queima, quando chega a apparecer ja é mansa luz merencôrea... Isso talvez porque em alguns temperamentos haja essa sorte de timidoz que esconde o sentimento que as maltrata, e, em ultima analyse, não é mais que o pudor da fraqueza humana, a vergonha da mesma dôr enfim...

Assim, em Caio de Mello Franco, não são as coisas que o commovem e o entristecem porque ellas em si se apresentem tristes; ao contrario, não são tristes, mas têm a apparencia de tristeza porque elle é quem as vê com olhos tristes e commovidos. Versos anteriores, da *Urna*, já revelam mesmo a razão de ser dessa melancholia:

Tanto o tempo que passa me atormenta
Visto por olhos cheios de amargura...

Aliás, é mesmo a luz dos nossos olhos que costuma dar feição ás cousas... E nisto está elle confirmando Amiel quando nos disse que a paisagem era um estado de alma. O que é real não existe, só existe o que está em nosso pensamento — é quasi um paradoxo que a vida está continuamente corroborando... A' visão phantastica de um homem, tudo será phantastico; o myope só poderá ter aspectos accordes á propria vista; o louco não descobrirá a consciencia de cousa alguma; o artista sente e ausculta a harmonia das esferas e as almas de Sancho só vêm interessees rasteiros; o tímido encherça receios em tudo e o forte descobre ousadias e denôdos até nas fragilidades da natureza; o santo, como S. Francisco, terá a impressão seraphica do mundo, adivinhará gestos de perdão e do ternura até nos galhos do uma arvore, como elles talvez só possam suggerir, á mente do cruel, quando não instrumentos de crime ou atrocidade, pelo menos a imagem apavorante da força ou de braços distendidos em maldição.

Aos olhos de Caio de Mello Franco, pois, affeiçãoados na melancolia e na dolencia de um crepusculo interior, tudo o que por elles passe, ou tudo onde elle ponha os olhos recebe esse esbatido crepuscular que lhe sóbe do coração... Qualquer aspecto da natureza —



figura de homem ou mulher, criança ou velho; estados de espirito — desejos ou recordações, tudo alli se desmancha numa sombra distante que é mais memoria afastada daquillo que elle viu, do que a propria coisa na sua realidade presente... E já é isso um signal de personalidade literaria, ou mais propriamente de affirmação de personalidade, que se não deixa impressionar pelas cousas, mas as impressiona com o seu proprio sentimento natural. Ha uma corrente mais forte de exteriorização de individualidade, do que de absorpção do ambiente. Da *Vida que passa* por exemplo, qualquer poesia que se tire traz esse cunho pessoal como esta

FELICIDADE ALHEIA

Jardim discreto. Ante a janella accessa,
Atravez dos estores, puz-me a olhar,
Dentro, dols vultos chegam de vagar,
Como cheios de tremula incerteza.

Quedam-se, após, por largo tempo, a arfar
Olham-se longamente, com certeza...
E eu, da treva, a espiar, sinto a tristeza,
E um clume absurdo a alma a me devorar...

Ensurdecem-me os passos nas alfombras.
No claro da janella, um arremesso
De amôr une, n'um beijo, as duas sombras...

Minha sombra se alonga pelo chão...
E eu olho a noite, e subito estremeço
Maldizendo o silencio e a solidão...

A scena, despida dos accessorios decorativos, é a velha scena do balcão em *Romeu e Julietta* ou a scena do beijo em *Cyrano*... Todavia Shakespeare não lhe quiz imprimir esse caracter de impossibilidade que se patenteia em *Felicidade Alheia*, nem Rostand á sua quiz dar esse toque de distancia com que esta nova se apresenta. Ambos os heróes, alli nellas, realizam o amor ou o sentem no dialogo maravilhoso; aquil sómente se vê o amôr remoto, constata-se-lhe a existencia, mas uma existencia longinqua e afastada... Em summa: Caio de Mello Franco do velho thema tirou alguma cousa de novo, dando-lhe a sua Impressão pessoal. E assim, por qualquer sórte, como em outras poesias da *Vida que passa* fica original, justamente porque não procura a originalidade, mas a expressiva sinceridade do seu sentimento...

Alhás, o individuo mostrando-se a si mesmo, com ser sincero, ha de trazer sempre uma nota de originalidade, naquillo do seu eu em que elle diversifica dos outros, parte mais estimavel de nós mesmos. Não ha personalidades iguaes, e o que lhe dá merito e relevo não é esse deploravel patrimonio commum á especie, mas certamente a pequena parcella que as selcciona, as distingue e as differe... E o que aqui estamos fazendo é accentuar e caracterizar as **differenças** de tres poetas, porque realmente acreditamos na sinceridade das suas expressões estheticas...

* * *

Olegario Marianno é, nessa trilogia de que nos occupamos, a figura mais humana, no sentido de que é o que está mais proximo das creaturas viventes... Pereira da Silva, no seu egoismo taciturno, em que ha um predominio de alma sobretudo, além de tudo ou acima do tudo, —ou um desprendimento —fecha-se, na suavidade dos seus olhos tristes, olha-os tristemente e por isso as soffre, mais do que porventura venham ellas a soffrer verdadeiramente... E Olegario Marianno, parece-me, é o que lhe diz coisas mais accórdes com o sentimento dellas, sentimentos e emoções mais communs no sentido da generalidade e da communhão mesma, coisas tristes, não talvez tão tristes para o seu coração, mas hem mais tristes para o entendimento das creaturas.

Pereira da Silva não as quer entender, por uma sôrte de experiencia amarga que dellas tenha... Caio de Mello Franco as entende, mas atravez do soffrimento pessoal, nevoa do seu espirito por que ellas passam, antes de chegar ao seu coração... Olegario Marianno não só as entende, pois seu espirito é de uma absoluta communicabilidade com o exterior, receptivo portanto, mas procura mesmo, ao envez de esperar que ellas cheguem ao seu coração, penetrar elle proprio no coração dellas, — porque é o que mellór as entende e por isso mesmo vai-lhes mais depressa ao íntimo — o que é uma faculdade grande num espirito que realiza na Arte, não o refugio extremo como Pereira da Silva nem a manifestação de uma alma suave e enternecedora como Caio de Mello Franco, mas a exteriorisação de uma capacidade poetica de profundo bom-gosto e de um espirito fino e elegante, que commove com as notas mesmas da simplicidade e da harmonia... Por isso talvez seja o poeta nosso de imagens mais claras e o mais penetrado de imagens da natureza ambiente... A sua sensibilidade é de uma communicação espontanea — (ia a dizer mesmo que a sua epiderme tinha a impressionabilidade de uma pellicula photographica) tem a limpidez do crystal; de fórma que o que Caio de Mello Franco só chega a sentir quando já lhe está bem no fundo do coração e o que Pereira da Silva quasi não sente, por ser um espirito extra-terreno ou acima da natureza, Olegario Marianno o sente quasi instantaneamente, bem á flór da alma, por

ser de formação espiritual mais requintada e subtil, apprehendendo por isso mesmo as "nuances" do pensamento e detalhes mínimos da emoção de uma maneira mais feliz e delicada... Parece que traz, por essa especie de immediatismo com que se deixa ferir pelas impressões, a alma boiando nas retinas e o coração quasi a superficie da pelle...

A taça do amor Pereira da Silva parece que a sorveu toda, sentindo desde o primeiro góle um saíbo máo de vinagre sómente.. Exgotada a bebida amarga fez como o rei de Thule... Caio de Mello Franco estou que ainda não a provou, tendo o desejo de sorvel-a a um tempo, e o grande presentimento doloroso de que a bocca lhe venha a amargar mais ainda do já está, sem a haver bebido... E Olegario Marianno creio que é o que a ergue finamente entre os dedos, saboreando góle a góle a amhrosia inegalavel, bem com demoras, com um voluptuoso requinte de homem amavel, dizendo que o vinho arde e amarga um pouco, mas embriaga lentamente e sábe muito bem...

Pereira da Silva tem o impeto tragico, a inconsciencia revolta das aguas rugidoras de um rio que se vae precipitar no abysmo, e arremette contra os pedrouços, na ancia de que o seu destino se realize e tenha um fim o infortunio de cuja fatalidade, elle que vae correndo, é já sabedor...

E o rio róla de roldão no mar...

Caio de Mello Franco seria o soluçar de aguas que deslisam mansamente — rio murmuro que chóra porque vae encontrando, pelo leito, as pedras arestosas que o magoam, o turvam e o lacéram... Não quer ver o fim — precipicio ou mar — nem lhe proccupa o ambiente, diante do qual elle passa alheio, porque vae soffrendo, bem no seu intimo, a dôr de todos os obstaculos ao seu curso natural, que o rasgani e o sangram, trazendo talvez á superficie uma calma e suavidade enternecedoras... A's vezes mesmo boiam-lhe por cima da corrente, e movimentam-se com as aguas, alguma folha verde ou a illusão de algumas petalas perfumadas.

E Olegario Marianno, na limpidez symbolica da agua -- corrente, vae retratando as paysagens do caminho:

Uma arvóre infeliz que o vento aqula,
A aza de um moinho que ainda gesticula,
Um pedaço de céo entre o nevoeiro,
As pastagens, os bois, um boiadeiro,
E a aldeia branca a se perder ná falda
Toda verde de um monte de esmeralda...

Só ao fim é que quasi se arrepende de ter oihado muito as coisas,
sem se ter lembrado de si; e então reflecte, melo temeroso, com um
receio triste

Agua corrente! Toma tu cuidado:
Que não passe de simples fantasia
Tudo o que em teu espelho se insinúa,
Não te vá illudir essa alegria
Que é tão dos outros e tão pouco tua.

Agua corrente! Agua corrente
Olha que o teu destino é o destino da gente!...

E por ser o destino da gente como a agua que fôge, é que elle diz
a alguem, fallando da Felicidade :

Não creias nunca na Felicidade.
Não creias, que ella é como o teu amor.
Passa e deixa um perfume de saudade
Um rasto cruel de lagrima e de dôr.

Gastei meu sangue na intranquillidade
De buscal-a, insensato sonhador!
Ella é a opala do Sonho, a leviandade,
Passa de mão em mão, muda de côr!

Deixa que eu só me illuda em procural-a.
Felicidade é a sombra que nos fallá,
Que nos maldiz na vida ou nos bemdiz.

Ephemera e imprecisa como um beijo,
Ella está quasi sempre é no desejo
Louco que a gente tem de ser feliz.

Assim, apezar de tudo, nesses admiraveis versos sente-se que a
mão invisivel da Felicidade já roçou a fronte de Olegario Marianno
— quando não, ao menos para enramal-a do Jouro, a cabeça Joven
do poeta — porque embora aconselhando no principio do soneto
magistral que se não creia nella, vê-se nos versos finaes que elle
nella acredita de qualquer fórma; tem por assim dizer uma consciencia
propria da existencia della.

Pereira da Silva se lhe mostrassem essa beila poesia, crelo que
responderia, ainda com um riotus de dôr nos lablos murchos, com
as palavras de Machado de Assis:

— Felicidade?... Homem ou verme... "Grande lascivo, esperate a voluptuosidade do nada".

E seria a consciencia do desengano ou da negação da felicidade.

Mas Caio de Mello Franco, como ficou patente no lindo e triste soneto que aqui transcrevemos, sabe que ella existe—por emquanto alheia, distante, nos outros — não de toda impossivel porque suppõe que outros a desfructam, mas ainda a elle inacessivel ou longinqua... E é uma consciencia vaga, remota, que se predispõe a acreditar nella, mas que ainda não acredita, talvez, porque já a vislumbro, ainda não a provon nem sentiu.

E, afinal, acabam todos tendo razão — Poetas nascidos da Dôr, alimentados no Sonho, no Amôr ou na Tortura, indifferentes ao mundo ou interessados por elle, accendendo a chamma da Illusão ou queimando-se nella — porque, dando-nos cada um a tonalidade do sel espirito e a coloração do seu sentimento, acabam todos se confundindo numa unica expressão, de encanto ou de amargura, pois como nos adverte as palavras eternas de Renan — *Un immense fleuve d'oubli nous entraine dans un gouffre sans nom. O abyme, tu es le Dieu unique. Les larmes de tous les peuples sont de vraies larmes ; les rêves de tous les sages recèlerent une part de vérité. Tout n'est ici bas que symbole et que songe. Les dieux passent comme les hommes, et il ne serait pas bon qu'ils fussent éternels. La fol qu'on a eue ne doit jamais être une chaîne. On est quitte envers elle quand on l'a soigneusement roulée dans le linceul de pourpre où dorment les dieux morts.*

CLAUDIO GANNS



CHRONICA SCIENTIFICA

O AZUL DO CÉO

A respeito da linda tonalidade azul do espaço fez o professor Fabry (de Marselha) uma interessante conferencia na Sociedade Astronomica de França, em 2 de Dezembro de 1917. Numa terra de poetas, como o Brasil, deve haver muita gente interessada em ouvir a palavra da sciencia sobre o anilado espaço... O céo é sempre azulado; quando assim não o vemos, é que uma cortina de nuvens nol-o esconde. De onde vem a luz que banha a terra quando não existem nuvens na atmospherá? Porque razão é azul a mesma luz? O céo azul, diz Fabry, é um presente do Sol; desaparece com elle. Basta isso para comprehender que a luz do céo é luz solar transformada, diffusa, por algo que existe sobre nós. O espectro da *luz solar* e o da *luz celeste* são identicos; todos os raios de nm, acham-se no outro. Porém os dois espectros differem pela intensidade das suas radiações; no da luz celeste ha um predominio dos raios de ondas pouco longas. O que existe na atmospherá capaz de espalhar a luz solar de um modo tão interessante são as moleculas do ar que agem como obstaeulos collocados no trajecto das ondas luminosas capazes de provocar sua diffusão. As ondas relativamente longas passam ao redor d'ellas livremente; as curtas são mais fortemente diffundidas. Qualquer particula existente no espaço maior que as moleculas do ar interceptará a luz, turvando o phenomenu. O céo azul resulta, pois, do sol e do ar.

Fabry regeita a theoria que admite ser o azul celeste consequencia da presença de um gaz espeecial na atmospherá (Ozona); e para tornar mais clara a explieação do phenomenu reoordá algumas noções de physica hoje correntes.



A luz, segundo se admite actualmente, é um movimento vibratorio que se propaga. A materia é dispensavel a essa propagação; é mesmo no vaeuo que a luz caminha melhor. Por outro lado não existe apenas uma especie de luz; ha uma infinidade. Distinguem-se umas das outras pela rapidez maior ou menor das suas vibrações ou, o que dá no mesmo, pelo seu *comprimento de onda*, que é a distancia entre duas *cristas* successivas do abalo que se propaga. As ondas mais curtas que o aparelho visual do homem consegue apanhar dão raios violetas, cujo comprimento de onda é de 0,4 miera. (O *micron* é uma medida linear microscopica = 1 milésimo de millimetro.) Em seguida vêm as radiações azues, verdes, etc., até o vermelho, cuja onda attinge um comprimento de 0,8 miera.

Todas essas ondas luminosas são extraordinariamente curtas; as mais longas, como se vê, attingem apenas 8 decimos de micron.

As radiações de grande comprimento de onda não são perturbadas pelas moleculas aereas, assim como uma grande vaga não é detida por um pedaço de cortiça; as outras, ao contrario. Por isso as radiações violetas e azues serão mais diffusas que as vermelhas. O pequeno obstaculo, molecula de ar, illuminado por um feixe de raios brancos, seria visto como um ponto azul, se houvessem olhos capazes de ver moleculas isoladas... As massas gazosas formadas pelas moleculas reunidas tomam assim aquella cor. Tyndall demonstrou experimentalmente a verdade desta bella theoria do azul do eó, fazendo a luz branca atravessar uma massa de ar carregada de particulas mui tenues. Aliás, todo o fumante demonstra isso mesmo, quando carrega a atmospherá com o fumo do seu cigarro. A fumaça do tabaco em um feixe de luz branca toma o aspecto de uma nuvem azul; quando suas particulas são mais numerosas e intensas ella apparece branca, como o nevoeiro. Tyndall pôde dizer á sua assistencia, mostrando a luz obtida no tubo de seu laboratorio: "Eis um pedaço do firmamento."

BERI-BERI

O beri-beri é uma das grandes incognitas da pathologia tropical. Até agora quasi nada se tem conseguido apurar a respeito de sua etiologia. Quasi nada, ou melhor, nada...



Theorias, parasitaria, toxica, infecciosa... têm sido erguidas a seu respeito. Nada tem resistido á critica e aos factos. Todavia, de algum tempo a esta parte ha uma tendencia entre os pathologistas, a considerar a doença de outro ponto de vista. E, parece que, afinal, chegar-se-á a uma concepção real a seu respeito.

Para os que acreditam ser o *beri-beri* a expressão de desordens nervosas de varia causa, e não uma doença definida, sempre igual a si mesma, trouxeram os drs. Juliano Moreira e Murillo de Campos uma excellente contribuição apresentada ao Primeiro Congresso Brasileiro de Neurologia, Psychiatria e Medicina Legal, (Rio de Janeiro, 1916) sob o titulo: O problema do Beri-beri no Brasil, publicado recentemente no Bol. da Soc. Medico-Cirurgico Militar (Rio, Anno III, n. 1 e 2, 1918). Nesse trabalho, depois de transcreverem diversas observações de *casos de beri-beri* os autores concluem que o beri-beri, como tem sido observado no Brasil, *não é uma doença autonoma*. Sob o nome de beri-beri têm sido designados casos de nevrites multiplos de diversas origens e outros de affecções cardiacas, renacs, e nervosas. As epidemias de beri-beri são em verdade *pseudo-epidemias*; surgem muitos casos no mesmo ambiente quando este se acha influenciado pelo mesmo factor, toxico e infeccioso, capaz de gerar as nevrites que fornecem os mais frisantes phenomenos beribericos. As melhoras rapidas dos doentes pela simples remoção, explicam-se pela subtracção dos individuos a esses factores toxicos. Assim tambem se explica a *reincidencia* do mal nos individuos que voltam ao meio em que adoeeceram, e o *contagio* supposto, aliás muito caprichoso, da doença. Como se vê, estas conclusões merecem exame acurado dos nossos clinicos e das nossas autoridades sanitarias. O beri-beri é um mal terrivelmente devastador das nossas classes armadas, da marinha e do exercito. Sendo certo tudo quanto aquelles distinctos medicos alvitram, temos em nossas mãos acabar com mais esse flagello sanitario.

A PAINÁ EM CIRURGIA

Na sessão de 7 de Janeiro de 1918 Gaston Bonnier apresentou á Academia das Sciencias de Paris uma nota de J. Silhol so-



bre o emprego do Kapok como objecto de curativo. Kapok é o nome que os francezes dão á paina, substancia formada pelos filamentos pillosos de perisperma das sementes da paineira, arvore que todos conhecem no Brasil, classificada pelos botanicos entre as malvaceas (bombaceas) sob o nome de *Chorizia speciosa*. A paina absorve bem os liquidos empregados no penso das feridas, do mesmo modo que as secreções organicas; essa qualidade junto á sua elasticidade e a seu pequeno peso especifico tornam-n'a capaz de substituir o algodão nos casos em que este é usado como envoltorio, como protectivo. A attracção electiva que a paina parece ter para com os micro-organismos (microbios), iudica esta substancia como bom succedaneo do algodão, agora principalmente que este deve ser de preferencia fiado e tecido para satisfazer ás necessidades que a guerra veio exaggerar.

E' claro que antes de usar a paina para curativo é necessario esterilizar-a, desinfec-tal-a num autoclave ou numa estufa a mais de 100 graus como, aliás se faz com as outras substancias. A paineira é planta nacional; a noticia deve interessar aos nossos produtores.

CONSTRUCÇÕES NAVAES NO JAPÃO

Trabalha-se hoje noite e dia nos estaleiros japonezes para satisfazer as necessidades que a guerra impõe. O Japão, aliás, graças á sua situação geographica, sempre foi um grande constructor de barcos. No começo do seculo XVII o 3.º Shogun de Tokugava prohibiu que os navios tivessem mais de 500 *koku*, medida antiga. Foi em 1853 que se reanimou a engenharia nautica nipponica. Em 1860 o governo revogou a prohibição que pesava sobre a navegação de longo curso. Em 1866, depois de haver mandado uma missão de estudos á Europa, o Japão construiu o seu primeiro navio a vapor, nos estaleiros de Tokio. Usaram então a madeira, em vez do ferro. Em 1889 o *Mukemaru* da companhia Nippongusen, com 3.300 toneladas, era o maior barco japonéz. A guerra com a China fez creseer rapidamente o valor da frota civil japoneza; em 1896 contavam-se ali 528 navios, com 330.000 toneladas. Com a guerra russo-japoneza essa industria attingiu alto desenvolvimento; os estaleiros de *Mitsubishi* e de *Kawasaki* collocaram-se entre as melhores do mundo.

Contam-se hoje no Japão seis estabelecimentos daquela importância. Em conclusão: o imperio do Sol Nascete que em 1887 apenas sabia construir pequeninos navios de madeira, é hoje um dos grandes fornecedores de barcos dos mais modernos e de maior porte. Só a companhia *Nikani*, de Kalú, vendeu, de janeiro de 1915 a 31 de março de 1917, 122 navios mercantes, com 490.000 toneladas...

Desses, foram comprados por estrangeiros, 16 navios, representando 103.000 toneladas, e 116 milhões de francos.

Lindo exemplo para o nosso progresso.

R. P.



RESENHA DO MEZ

A POLITICA BRASILEIRA

Todas as vezes que se renova a representação parlamentar no Brasil ha, na imprensa e fóra della, um movimento de curiosidade em torno dos politicos dirgentes para adivinhar a orientação que pretendem imprimir aos trabalhos de verificação e reconhecimento de poderes. Porque a verdade inteira, a triste, a vergonhosa, a pungente verdade é que, no Brasil, após tantos annos de governo liberal, no Imperio, o de governo democratico, na Republica, ainda não se conseguiu fazer predominar, no reconhecimento de deputados e senadores outro criterio senão o da vontade pessoal dos chefes absolutos ou das conveniências partidarias de certos agrupamentos disciplinados. Ainda não comprehendiam os nossos politicos, desgraçadamente, que, para honra do paiz, para gloria das instituições e para beneficio individual de cada um delles, o unico criterio que devia, e deve, ser respeitado, nesse trabalho, é o da mais rigorosa justiça, uma justiça tão rija e tão pura como a que se reclama e, ás vezes, so consegue dos tribunaes judicarios.

Ora, é tempo de se apagar essa nodoa e de se refazer, nesse particular, o pernicioso habito da nossa vida politica.

O momento tragico que atravessa a humanidade é dos que obrigam os homens a um retorno sobre si mesmos e dos que lhes poem nos olhos, para o exame forçado de consciencia, um lume mais vivo e mais poderoso. Não ha quem, portador de uma parcella minima que seja de autoridade ou de força, a menos que se trate de um irresponsavel, não perceba, deante dos acontecimentos actuaes, a fragilidade do bastão ou da vareta de commando que o destino lhe poz nas mãos debeis.

Num sentido, a guerra presente, através do seu materialismo selvagem, ó a mais solenne e mais grandiosa affirmacão de idealismo. Ella tem mostrado que as nações e os homens crescem de valor na proporção geometrica da somma de ideal que aninham no espirito e que os homens e as nações que attrahem e aggrupam os outros são apenas os que, nas horas decisivas, sabem domar os instinctos de barbario e de rapina, que rugem nos antros escuros da alma humana, e conseguem ele-

var-se ao cume sereno onde, banhados de uma claridade perpetua, florescem todos os sentimentos que fazem perdoar á humanidade a sua origem lodosa e acreditar que, de facto, ella se vae prender, ligada por fios invisiveis, aos mysterios do céo.

Os nossos politicos não podem ficar surdos e cegos a essa lição. O Brasil já ganhou, na sua marcha politica, uma volta de caminho onde outros são os horizontes que se desdobram á sua vista e outra a topographia do terreno, que se estende a seus pés. Seria trahil-o, seria commetter contra elle o crime mais atroz, mantel-o como está, olhos vendados para a justiça e mãos atadas para a punição.

E' tempo de lhe darem o que elle pede.

Ou lh'o dão ou, dentro em pouco, teremos que escolher entre estas duas calamidades: a guerra civil ou o dominio estrangeiro.

BIBLIOGRAPHIA

ROCHA POMBO —
Historia do Brasil.

O sr. Rocha Pombo procurou condensar num breve tomo todo o seu vasto saber de historia do Brasil.

Naturalmente, não o conseguiu: o vaso era pequeno demais para o volume do liquido... o que conseguiu foi apenas, o já é muito, expor com singeleza o rapidez, qualidades que os leitores lhe hão de agradecer, a nossa historia tal qual resalta das innumeras fontes que teve a oppor-tunidade de examinar.

OTHONIEL MOTTA—*Algum riso, muito riso...*

O proprio Autor diz nestas linhas o que pretendeu com esta obra:

"... eu quiz escrever um livrinho em que houvesse pelo menos rica messe de suggestões moraes, donde os professores de boa vontade pudessem partir para mais largas considerações".

Parece-nos que conseguiu, plenamente, o que desejava. Ha, no livro, effectivamente, rica messe de suggestões moraes e dellas não partirá para mais largas considerações só o professor que não tiver boa vontade ou boa cabeça...

ENG. VICTOR DA SILVA FREIRE, *Codigos Sanitarios e posturas municipaes sobre habitações* — "Boletim do Instituto do Engenharia" — S. Paulo, fevereiro de 1918.

Até hoje, no Brasil, a legislação sobre hygiene é feita de modo curto-se e original. Reunem-se meia duzia de medicos em volta a uma meza, alguns engenheiros e architectos. Compulsam uma serie de tratados allemães, francezes e inglezes sobre a materia, obras didacticas quasi sempre e destinadas aos candidatos aos graus de doutor. Dellas extráem um certo numero de regras, alinham-n'as e numeram-n'as Quando não procedem dessa forma, agarram uma ou duas leis sanitarias do estrangeiro e, sem mesmo procurar saber quaes as condições de vida dos logares em que são applicadas, copiam-n'as textualmente... a não ser que, á cautela, lhes augmentem, por conta propria, as exigencias e as proscricções.

Não são de pasmar, nessas condições, os resultados a que se chega. Em S. Paulo, o Estado "leader" da Federação, mostra, para começar, o estudo que aqui resumimos, quaes foram elles. Em primeiro logar, o oncarecimento exagerado da vida. Paga-se a casa por preços desconhecidos nos paizes de vida menos economica, apesar do custo de construcção sensivelmente igual e do preço do terreno muito inferior. Mas, em segundo logar, verifica-se nada se



ter lucrado com esse desbarato do dinheiro. A mortalidade da capital do Estado vae em acrescimo constante. Os coefficients successivos foram de

17,15 por mil no quin-quennio	1900-1904
18,26 por mil no quin-quennio	1905-1909
19,43 por mil no quin-quennio	1910-1914

Consequencia tanto mais expressiva quanto o Serviço Sanitario do Estado tem confinado quasi exclusivamente a sua actividade ás sujeições sobre predios novos o reforma dos antigos, desprezando por completo as questões de alimentação publica e outras igualmente importantes.

Explica detalladamente o Autor ás causas de semelhante anomalia e os meios de corrigil-a. No seu afan de adoptar boas medidas de construcção, o legislador sanitario atacou quasi que exclusivamente pontos de detalho, pondo completamente de lado os traços dominantes do problema. Por forma que o oxagero a que chegou quanto aos primeiros, adoptando normas que assumiam as proporções de vexatorias, resultou inutil pela falta de consideração relativamente aos segundos.

São esses traços dominantes que inspiram, ao começo a fim, a desenvolvida memoria que, apesar das suas 140 paginas, sem contar os annexos, se lê de um trago, tal o interesse que desperta no leitor a fórma original de expôr o assumpto. Referir-lhe o ponto do partida é mostrar a que grau sóbe logo e primeiro, ao sahir das linhas iniciaes. Vae buscal-o o Autor no aspecto social da cidade. E' esta uma agglomeração ditada pelas' necessidades da vida moderna, repassada de industrialismo. Attráo ella pelas vantagens que offerece; tudo está em fazer com que os inconvenientes, que os tem do todos os matizes, desde a anemia e a tuberculose até ao alcoolismo e á prostituição, não vão destruir os effei-

tos das primeiras. E o thema passa a ser desenvolvido, sem perder de vista dois pharóes que illuminam porenemente o quadro. Projecta o primeiro a luz do aproveitamento maximo do terreno e dos materiaes; o segundo, jorra dos resultados experimentaes alcançados om materia de salubridade da habitação.

Nosso mothodo é que reside a originalidade da exposição. Conhecêmos muitos dos preciosos trabalhos que, a respeito do assumpto, têm sido publicados na Allemanha e nos Estados Unidos. Nenhum apresenta, nem sequer tenta, apanhar o problema simultaneamente em todos os seus aspectos come delinêa, e consegue, a monographia— quasi um pequeno tratado — do Dr. Victor Freire.

Acompanha o Autor, "pari passu", a revista dos principios consagrados, a deducção das consequencias, os corollarios da pratica, com a critica do processo artificial, puramente idealista e theorico, que dá logar aos absurdos da legislação Paulista. De passagem, verifica-se que a do Distrito Federal nada fica a devor áquolla. E nada ainda mais eloquento do que verificar o seguinte — é do tal modo irracional a comprehensão que a administração Estadual tem mantido ácerca do escopo a obter que, nem mesmo na ultima lei Sanitaria, a que foi recentemente votada e onde já haviam sido introduzidas as medidas que o Municipio de S. Paulo, melhor eselarecido, fizera entrar na pratica; nem mesmo n'essa lei alcançou o legislador imprimir á sua obra a unidade e homogeneidade precisas.

E, no entretanto, o Governo do Estado, não recuando deante de sacrificios para manter creditos — nem sempre legitimos, como se vê — de que gozaram até aqui os seus antecessores, confiou as redeas d'esse ramo da administração a um scientista feito, nome a justo titulo nacional, o de Arthur Neiva.

Na memoria que analysamos ainda se vae encontrar o porque do caso.

A cidade, organismo social dos mais complicados é, essencialmente, já acima ficou dito, um producto da vida moderna. Mal tem meio seculo. Succedeu com ella o que succede, em regra, com todos os problemas concretos. Obedecendo á impossibilidade de apanhal-os desde logo em conjunto, dissececa-os o espirito humano. Surgem os differentes aspectos, cream-se os respectivos methodos e processos do pesquisa, surgem as especialidades. A certa altura, o especialista esquece o objecto real e passa a ver as abstracções que lhe são familiares. E, entretanto, é ao conjunto que a solução tem que ser dada.

E' a esse conjunto que os paizes hojo mais adeantados buscam applicar os remedios apropriados aos males que, "no proprio conjunto e não em suas partes", procuram tambem escarpellar para apontar-lhes os elementos. Recorre, como sempre, a exemplos vivos o Autor, para mostrar-o, sendo essa uma das particularidades que tornam persuasiva em extremo a sua publicação. E assim é que, depois de pôr em confronto a nova legislação Paulista com uma das mais recentes e aperfeiçoadas dos Estados Unidos, escreve:

"O que é, o que representa pois, a regulamentação sanitaria das cidades de primeira ordem do Estado do Minnesota? Tal como foi feita, significa a applicação de um corpo de doutrina experimental, de observação, formado não no laboratorio mas no campo da pratica real que não é nenhuma camara de experiencias, nem mesmo como a que mencionámos, do Professor Hill. Na pratica, na realidade, o que existe é o quarto dentro da casa, esta dentro do lote, este por sua vez dentro da quadra, o esta finalmente, cercada de ruas, dentro da cidade. E este quarto "dentro da cidade" é que constituiu o objecto constante dos estudos, das discussões, das conclusões a que procedeu e chegou, á medida que foi dilatando o respectivo campo de acção, aquella "National Housing Association" a cuja obra já

nos referimos e que conta em seu seio effectivamente medicos o hygienistas eminentes, mas onde estes collaboram com proprietarios e corretores de immoveis, com engenheiros de luz, de agua e exgottos, com constructores, com architectos, com vereadores e alcaides municipaes. A lei modelo de Veiller a que se referem os periodos acima transcriptos, conforme já informámos, outra coisa não exprime tambem do que o que foi possivel apurar a tal respeito sobre o que mais convinha em materia de legislação. E esse Otto Davis, contractado para observar que modificações deveriam ser-lhe introduzidas, em frente ás condições "peculiares" a Minneapolis, é um cavalheiro que não posso informar se é engenheiro como eu, architecto como o nosso consocio Heribaldo Siciliano, bacteriologista como o Dr. Arthur Neiva, ou bacharel em direito como o Dr. Altino Arantes. Só sei que a todas as reuniões annuaes da associação "do alojamento" traz alguma coisa de novo e pessoalmente realisado, e mais que, no Estado de Ohio onde serviu alguns annos, imprimiu orientação excepcionalmente economica ao saneamento dos ambientes industrias.

"Quem projectou por sua vez, a recente lei sanitaria do Estado de S. Paulo? Não o sei eu. Mas posso affirmar, e comnigo estarão certamente todos os collegas que a houverem lido, que collaboração do engenheiro, so por acaso a teve, foi só de raspão. De engenheiro municipal, então, depois do que analysámos no decorrer das paginas precedentes, é licito jurar que nem uma só palavra foi ouvida. E, entretanto, trata-se do texto destinado a orientar em sua formação todas as cidades do Estado... Dahi a differença profunda, radical, entre esse codigo o qualquer instrumento analogo estrangeiro onde o problema "da cidade" começa a ser posto em fôco, no seu logar."

Mostra-se o Autor, por vezes, mordaz. Mordacidade sempre leve, porém; leve e impessoal. Não o quiz

ser a respeito do trecho que transcrevemos. Se o tivesse pretendido, ter-lhe-hia sido facil. Vive-se a fallar entre nós na necessidade de conservação da Constituição de 15 de Fevereiro; tomou esta como dogma a autonomia dos municipios; vive entretanto o Estado a intervir, como na legislação sanitaria, nas prerogativas mais intimamente ligadas á vida das pequenas circumscripções. E ainda se não disse o peor, que resplandece no decorrer do estudo que estamos resumindo: cada vez que o faz dá mostras exuberantes do desconhecer o assumpto.

Não terminemos sem fazer notar que se está passando no publico, actualmente, desde o escol intellectual á plebe, phenomeno semelhante. "On est tout feu, tout flamme", u'este momento, pelo saneamento do sertão, obra tão meritoria quanto ingente, e indispensavel em todo o caso sob o ponto de vista nacional. Parecem todos esquecer todavia que esse trabalho de vasto folego, tão vasto que não será dado realisalo em duas gerações, de nada, nada valerá, absolutamente nada, so não euidarmos, simultanea e primordialmente, da "cidade". E' a cidade que nos permitirá organizar a economia nacional em condições de pôr hombros, com probabilidades de exito, ao outro empreendimento. Se não o comprehendemos a tempo, tanto peor para nós. Registrar-se-ha mais um fracasso, da natureza do que pôe bem em evidencia o estudo que aqui resumimos. Mas, no dia em que a orientação certa se desenhara, n'esse dia, o trabalho do Dr. Victor Freire será collocado, em todas as livrarias, ao lado do do Belisario Penna.

MOVIMENTO ARTISTICO

PINTURA

Nos mezes de Março e Abril houve em S. Paulo um intenso movimento de exposições de pintura e venda de quadros.

Nada menos de quatro pintores se

apresentaram quasi simultaneamente ao publico, em tres exposições.

O primeiro, na ordem chronologica, foi o sr. Roberto Mendes.

E' um antigo discipulo da Escola Nacional de Bellas Artes onde cursou as aulas de José de Medeiros e Rodolpho Amoedo. Mais tarde esteve em Paris e alli seguiu as lições de Doucet, Lefebvre e Benjamin Constant e especialmente o curso de paisagem de Françaes.

Organisação de poeta, o sr. Roberto Mendes é um apaixonado da natureza cujos aspectos interpreta através do seu temperamento, amigo da solidão e do silencio.

A sua obra reflecte em geral essa tendencia, mas isso lhe dá o valor da sinceridade.

Este talentoso artista é hoje um dos nossos mais reputados pastelistas e a sua exposição documentava fartamente a sua competencia neste genero. Não eram inferiores aos pasteis os trabalhos a oleo; a sua factura muito fina e delicada, a paleta rica e limpa, não exeluem espontaneidade e vigor.

Ha uma certa nobreza tanto no seu estylo, como na sua inspiração. Embora fiel á observação da natureza, este artista não se deixa atrahir senão por aquelles assumptos que se enquadram no seu caracter de contemplativo e quasi elegiaco. Repetem-se nas suas telas os poentes, as aguas tranquillias, os sitios isolados dos campos e das praias, os recantos de florestas de grandes arvores umbrosas, onde a vida mysteriosa do sseres não se ostenta em manifestações de ruído e movimento. Nem por isso ha monotonia na sua obra, porque ella é, já o dissemos, antes de tudo sincera e revela uma applicação constante, uma acurada observação. As suas arvores, por exemplo, são desenhadas magistralmente, com um tal conhecimento da anatomia que só uma longa convivencia com o modelo pôde dar.

Confinando-se no seu genero didocto o sr. Roberto Mendes adquiriu a sua "mancira" pessoal, bem

característica da sua individualidade, sem entretanto cahir num excesso de subjectivismo prejudicial.

O sr. Oscar Pereira da Silva, outro laureado pintor, expoz numerosos trabalhos antigos e recentes.

E' incontestavelmente um mestre no desenho e na pintura, capaz de abordar todos os generos, seguir todas as escolas, adoptar qualquer factura.

De Latino Coelho dizia-se em Portugal com grande injustiça, que era um "grando estylo á procura de um assumpto". Parodiando essa phrase, poder-se-ia dizer de Oscar P. da Silva, com bastante fundamento, que é "uma soberba technica á cata do uma concepção".

Com os recursos technicos de que dispõe, esse admiravel pintor estaria em condições de executar uma dessas grandes telas que fazem a gloria eterna de um artista e o orgulho dum museu. Mas, até agora o que temos visto na sua produção, é o lamentavel desperdicio de uma virtuosidade rara em quadros de fraca concepção, cujo conjuncto em geral não interessa e nos quaes, entretanto, se descobrem esplendidos trechos da melhor pintura.

Deixam-nos essa impressão os trabalhos ultimamente expostos. Mas, como o artista ainda mantém o mesmo vigor de factura, devemos alimentar a esperança de que nos loque brevemente a obra definitiva, em que reuna á belleza da idéa a sua maravilhosa forma.

Conjunctamente com os quadros do sr. Oscar P. da Silva, estavam expostos varios trabalhos do sr. Torquato Bassi. E' um "self-made-painter", não destituído de habilidade e de sentimento artistico, mas que está sendo prejudicado pela pressa de produzir. Uma applicação mais continua e mais sinceridade na execução, poderiam facilitar ao sr. Bassi o accesso ao gremio dos verdadeiros artistas. As telas desta sua exposição eram em geral inferiores aos seus trabalhos de outros tempos.

Já passou da categoria de amador e pode ser considerado um pin-

tor, o sr. Clodomiro Amazonas, o terceiro a expor a sua obra. E' um trabalhador esforçado, que tudo sacrifica ao seu ideal artistico. A sua factura vae, aos poucos, adquirindo vigor e simplicidade; a sua exuberancia de côr vae perdendo, certos aspectos convencionaes, graças á melhor observação da natureza. Algumas das suas telas de natureza morta eram "quadros" completos em que o cuidado da execução correspondia a uma composição feliz. Paisagens bem contadas, pintadas com largueza, estudos de figura muito acceptaveis, tudo em geral na exposição Amazonas documentava uma vocação em marcha para a breve realisação de um ideal artistico.

"Last but not least", tivemos a exposição Vio.

Residente em S. Paulo ha muitos annos foi a primeira vez em que este artista se apresentou ao publico nesta cidade numa exposição individual. Filho de Veueza, Henrique Vio foi alli discipulo de Ettore Tito e Giuseppe Ciardi, dois nomes illustres da pintura italiana, este ultimo desaparecido recentemente.

Delles recebeu com certeza os exemplos da sua poderosa technica. Mas, logo mostrou individualidade bem caracteristica, bem mareada e que se affirma com rara eloquencia na colleção de obras actualmente exposta.

Desenhador emerito, o seu traço tem uma firmeza de mestre e uma elegante "aisance". Propositadamente accentuamos de preferencia essa qualidade que é a solida base da sua arte, evidenciada nos retratos a dois lapis e a pastel e, em geral, no conjuncto notavel da sua exposição.

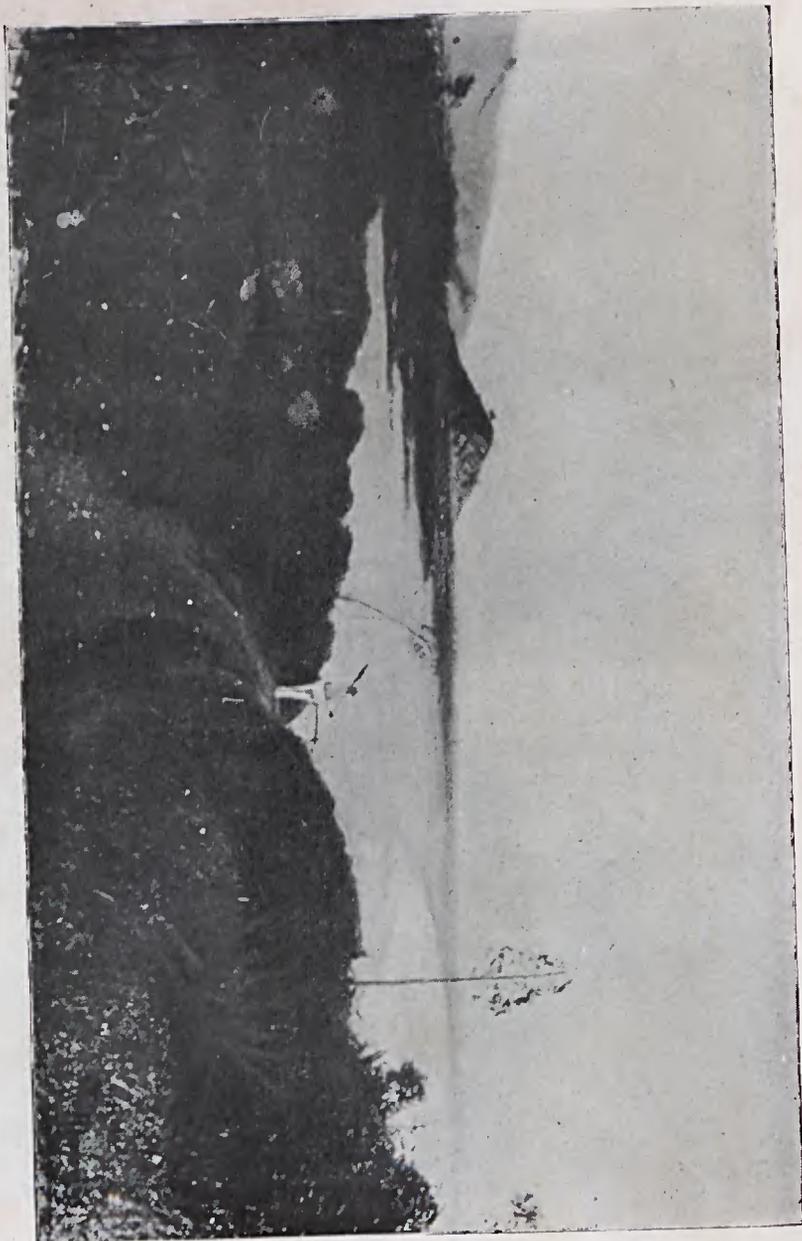
Retratista, paisagista, marinhista, pintor de genero, é sempre Henrique Vio um artista original e inconfundível. A sua factura é das mais interessantes. Ha effeitos de uma delicadeza incomparavel, só perceptíveis a um artista de fina sensibilidade, conseguidos por uma forma vigorosa e de uma espontaneidade pouco vulgar. E' sobretudo raro o seu poder

391



Nostalgia da tarde — pastel de Roberto Mendes

Guanajuá, pastel de Roberto Mendes



393



Salomé — óleo de Oscar P. da Silva

399



Ligalia — óleo de Oscar P. da Silva

395



Convalescente — óleo de C. Amazonas

391



Cabeça de velha — óleo de C. Amazonas

397



Autoretrato de Henrique Vio

324



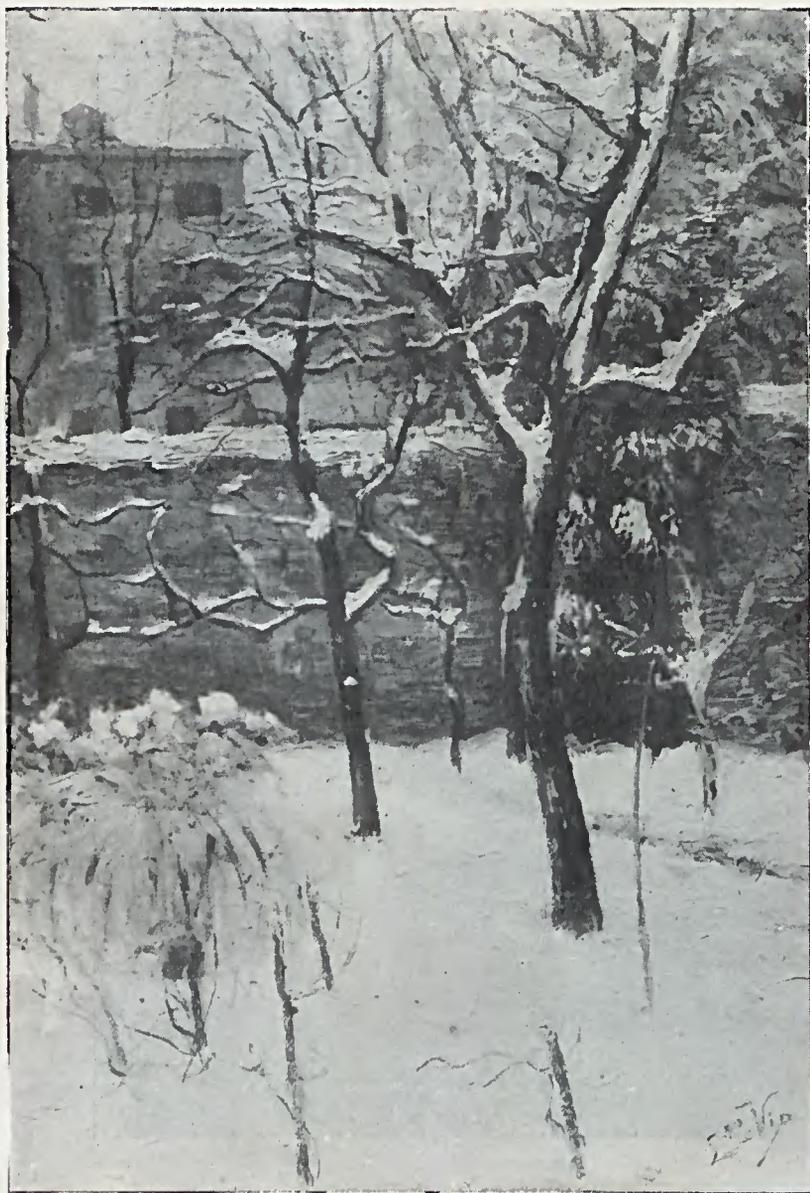
Mia Madre — óleo de Henrique Vio

399



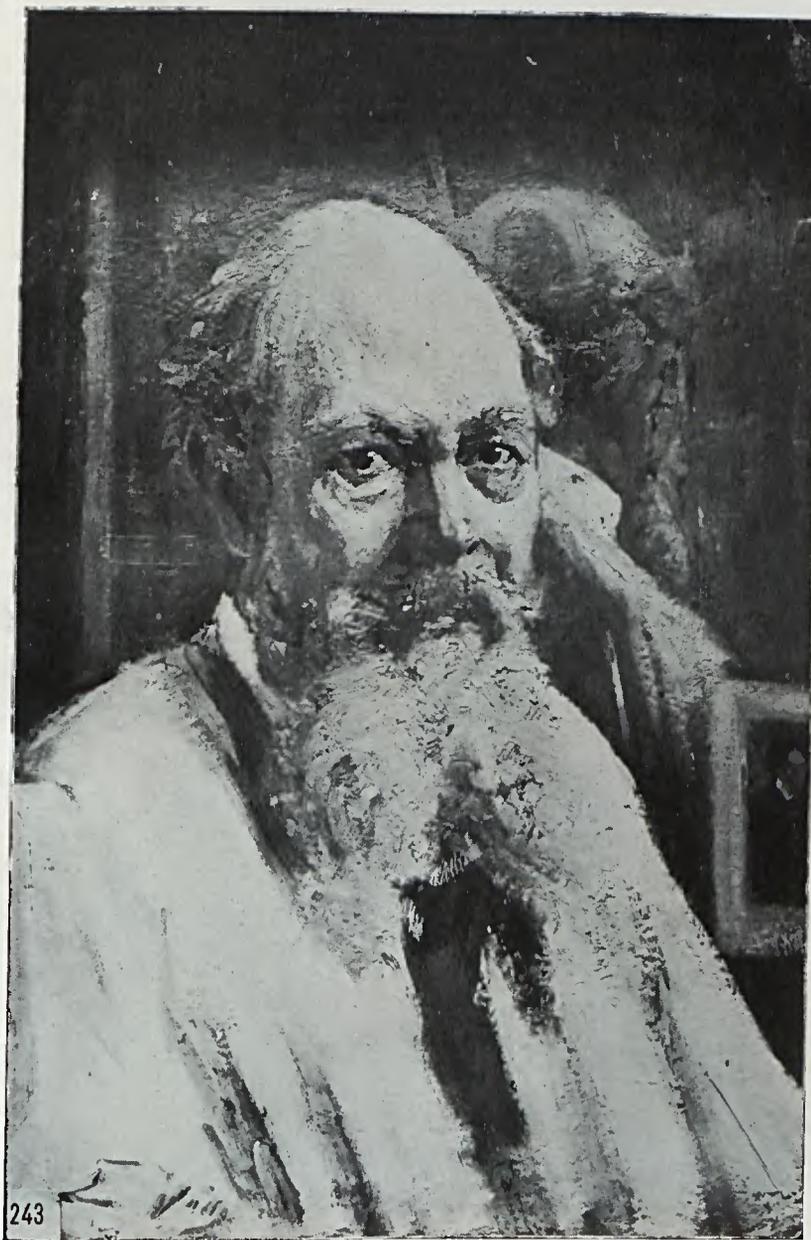
Mio Padre — óleo de Henrique Vio

400



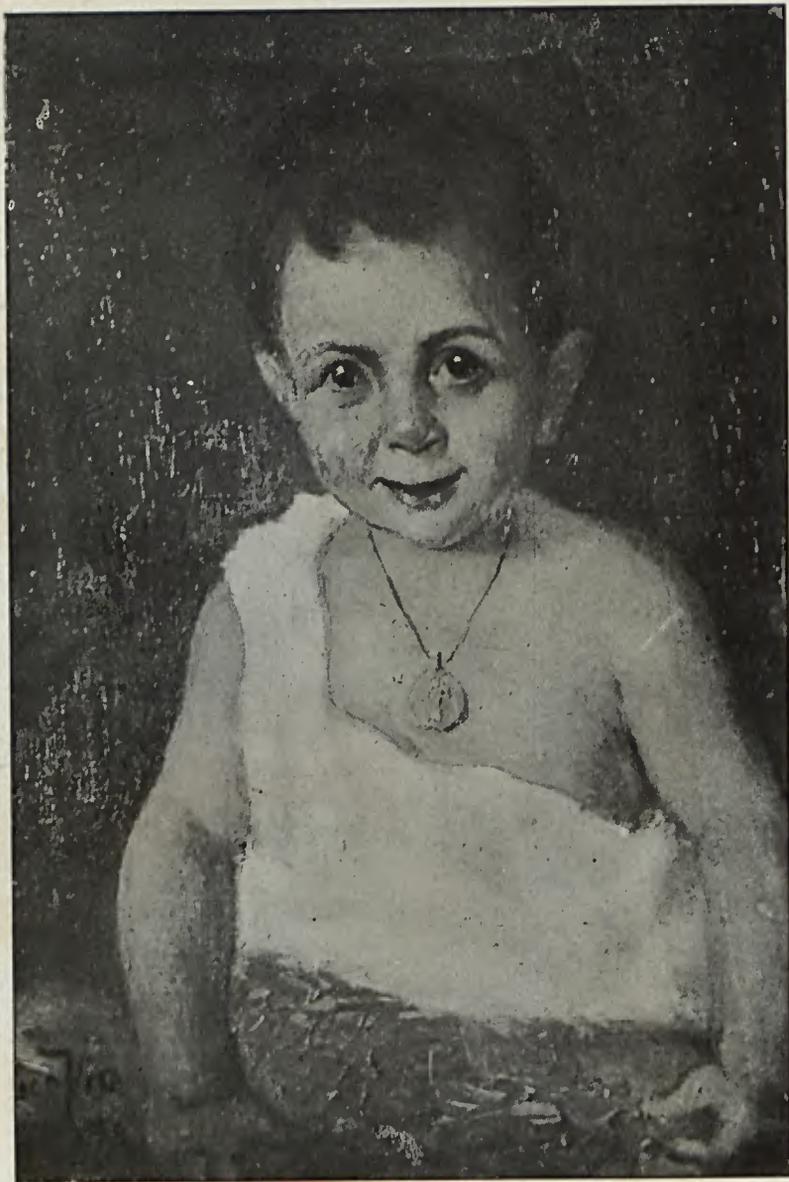
Nevicata — oleo de Henrique Vio

401



Retrato do escultor Fernandes Caldas — óleo de Henrique Vio

402



Retrato de criança — óleo de Henrique Vio

de synthese, que lhe permite "manchar" uma paisagem em poucas e vigorosas pinceladas, acentuando, entretanto, todos os efeitos do "quadro", fixando os planos e estabelecendo a perfeita relação dos valores.

Mas a nota característica desta exposição é a sinceridade e a proibiçãe artistica que ella denota. Não ha um "truc", um artificio; ás vezes o artista pecca (se é possível o termo) pela sua rude franqueza. Nenhum cuidado em alindar o modelo; Henrique Vio pinta o que vê e como vê. E' claro que só lhe interessa o que é realmente bello.

E a belleza na arte, já o têm dito vozes de maior autoridade, não está naquillo que vulgarmente se considera "bonito".

Bello é tudo que tem "character", que possui uma expressão propria inconfundivel.

Na obra de Henrique Vio pôde encontrar-se sempre a belleza; jámais se descobrirá a formosura convencional, o artificio para adaptar o assumpto á vulgaridade do gosto da maioria.

Não admira, pois, que antes do conhecer o Brasil já houvesse este artista recebido a consagração de Veneza, em cuja famosa exposição internacional foi aceito entre os 94 artistas cujas 100 obras foram destacadas das 734 apresentadas com a assignatura de 424 pintores.

A exposição Vio ficará como uma das datas memoráveis da chronica artistica deste anno. — N.

MUSICA

Debussy

Falleceu em março, em Paris, após uma dolorosa enfermidade que o prostrava ha algum tempo, o grande compositor francez Claude Achille Debussy.

Nascido em Saint Germain-en-Laye a 22 de agosto de 1862, Debussy desapparece aos 55 annos de idade, quando ainda podia esperar-se muito do seu incontestavel talento.

Fez estudos muito sôrios no Conservatorio de Paris, onde foram seus professores: Lavignan, de harmonia, Guiraud de composição, Marmontel o Massenet de piano, — graças aos quaes teve um excellento preparo na sua arte. Em 1884 conquistou o premio de Roma, — a mais alta recompensa que um principiante pode alcançar — com a sua cantata "L'enfant prodigue"; e da Cidadã eterna em cujo palacio Borghese está situada a Escola franceza de arte, remetteu o seu côro "La domoissello élue", e a sua peça symphonica "Le printemps", que o Instituto do França repolliu por excesso de modernismo. Essa affronta foi, porém, como um acicate para a personalidade vigorosa do compositor.

Uma depois da outra appareceram "L'après midi d'un fauno", chamado preludio symphonico pelo seu autor, e que é, na verdade, um verdadeiro poema de colorido violento; os cinco poemas de Baudelaire; as "Chansons de Bilitis", as "Fêtes galantos", o seu quartetto op. 10, os "Arabesques", "En bateau", "Mouvet", "Le coin des enfants", musica de canto, instrumental ou de piano só, que logo lhe deram posição proeminente entre os grandes artistas.

Entretanto, não se pode dizer que fosse um innovador. O seu caso não é isolado, embora a arte, como a natureza, não proceda por saltos. O seu estylo de sobriedade harmonica rigorosa, de continuidade logica perfeita, manifesta a originalidade de um temperamento de artista. Mas o seu superior conceito da musica como meio de expressão de emoções não differe de seus predecessores e continuadores, senão nas formas por assim dizer externas da arte. Não é um fundador de escola, mas um caso unico, podendo dizer-se que não são seus discipulos todos quantos o imitam. A delicadeza de suas construções sonoras, minuciosamente trabalhadas, não revelam um enthusiasmo espontaneo. A sua musica é do bizarra feita, em que estão calculados o contraste, a modulação, o tim-

bre e a dissonancia para o effeito de uma determinada sonoridade. E' musico para ouvidos que sabem escutar as linhas das diversas melodias e fruir a surpresa do inesperado. No piano, em que a obra de Debussy exerce um dominio absoluto, a sua arte forçou os valores até dar ao antigo instrumento uma sonoridade nova e uma nova technica.

A obra lyrica de Debussy, além das cantatas o côros já citados, reduz-se a "Pekéas et Melisande", "Saint-Sebastien", que escreveu sobre o poema de D'Annunzio, e os "récueils" de canções que os concertos costumam dar. O seu criterio no genero é o da declamação. A musica só deve accentuar o significado poetico com as inflexões sonoras da palavra falada e do sentimento expresso, e o acompanhamento instrumental só é chamado a desempenhar o papel do côro grego que rodeia e acompanha os personagens, sem impedir-lhes a liberdade de movimentos.

COMO OS NOVOS ESCREVEM

Deve apparecer proximamente um livro de contos — "No Silencio..." do joven escriptor sr. Borges Netto, e que será prefaciado pelo sr. Monteiro Lobato. Eis um trecho desse prefacio.

"Borges Netto realisa o caso raro aos vinte annos da simplicidade, da clareza, e do apuro de lingua, postos a serviço duma personalidade bem vincada. Nesta idade o moço vive sob impressões de leituras e denuncia mal o caracter intimo. Leu Machado de Assis. Leu Eça. Leu Fialho, Anatole, Maupassant. Está embriagado, com um succubo ás costas, e sem o querer imita os mestres. Não consegue deslindar nem affirmar a sua personalidade asphyxiada pela dos seus affins literarios. Se predomina a influencia de Eça, não escreve uma tira sem pôr em scena um "cigarro languido", um "Bento amigo".

Aquellas audaciosas impropriedades que Eça emprega amiudo, sabiamente; o torneio elegante da phrase amaneirada com requinte;

o seu modo de construir o romance; a escolha dos typos; a arte de movimental-os; o scenario abundante, descripto com minucia e só não enfadonho graças á extrema virtuosidade, são outros tantos perigos-se-reias de que raro escapa o fascinado.

Hoje não é tanto. No começo, porém, quando Eça, novidade, grassava no Brasil inteiro, a imitação inconsciente produziu os mais desastrosos effeitos. Eça matou muita vocação promissora. Fez pallidos satellites de talentos capazes de luz propria. Deu nascimento a uma pasticharia mechanica, d'onde todo typo gordo sahia moldado pelo Conselheiro, e as mulheres eram Luizas, os bohemios Egas, virando o autor simples papel carbonô de decalque.

Depois desta doenca veiu a fialhite. Tudo trescalava a Fialho. A potente orchestração do estylo de Fialho deslumbrou. Aquella polychromia de doer nos olhos, a irisação da ideia, sua arte feita de todas as artes, seu estylo que pinta e canta, esculpe e symphonisa, mal diz e chora, esmaga e acalenta, sua lingua nova onde se reune todos os recursos expressivos do portu-guez, fortalecidos ainda com recursos arrancados ás linguas proximas — violino de Paganini capaz de todos os effeitos sonantes, tocado com um arco que é arco e estadulho a um tempo, aquelle escrever doentio, genial, sem companheiro em nenhuma literatura, dum medico que era pintor, e musico, e fadista, diabo e anjo, deu mil voltas na cabeça dos rapazolas em puberdade artistica. Era de vel-os, pacatissimos decoradores do seu pontinho de direito Romano, senhores dum vocabulario de jornal e com a cabeça artilhada de meia dúzia de ideias de "sebo", orchestrarem vozeios da natureza em pizicatos lombricoidaes, chispando coleras de mentira e bufando trovões de lata. A fascinação fialhana fazia delles simples ôcos sem voz propria. O que delles sahia era o echo da borulheira do mestre.

Destas duas coqueluchos tossiu tosse comprida a nossa mocidade estreante, até que a prosa sahisse da moda.

Entramos pelo verso a dentro.

Estrear virou synonymo de vir a publico com uma "plaquette" de sonetos na mão. Ou por preguiça — é sempre mais facil recortar os quatorze versos do soneto do que architectar um conto, uma novella, um romance — ou por arrastamento promovido pela fulguração de Bilac, o caso foi que a prosa de-

cahiu como coisa de somenos. E liberta das influencias epidemicas, a prosa que ainda se faz, se não denuncia vincos alheios, tambem se não exime dos velhos vicios nacionaes. Frouxa, enxundiosa, mollença, espapaçada, sem osso nem nervo, sem predominio das riquissimas qualidades que fazem da prosa de Camillo a maravilha da lingua portugueza, a nossa prosa, no principiante, é uma geleia. O adjectivo erigido a funcções de maria-molle em tiguera, copioso, excessivo, afogando o desenho no empastamento da côr; o verbo composto amolentador da accção — ia andando, estava fazendo — usado e abusado com o fim expresso de amaciar o periodo; o descriptivo naturalista, pegado como bexiga de Zola, e preposto, parece, a enfadar o leitor: o proposito de dizer mal em dez palavras o que em duas se diria optimamente; a dôse cada vez menor de ideias; a tollice da tortura; a cipoeira... Estes vicios fizeram da nossa prosa um mingáusinho de polvilho sem côr, sem gosto, e de baixo indice alimentar. E se puzermos ainda em linha o veso da psychologia á "outrance", pegado, talvez, de Bourget, Goncourt e outros maçadores de talento, o conto sem accção, a novella sem movimento, o romance fiôz d'ovos no confitço, no meio e no fim, teremos a explicação do porque refugou o publico essa prosa desinteressante como fórma e inutil pelo muito que remexe para nada dizer."

AOS ESCOTEIROS

Escoteiros de S. Paulo: — Não é a primeira vez que tenho o prazer e orgulho de admirar os vossos progressos. Já a 7 de Setembro do anno passado, ao celebrarmos na Capital da União a festa da Independencia tive o ensejo de ver com que agilidadade, com que garbo, com que valor, alguns meninos deste Estado faziam os mais interessantes exercicios de escotismo, proprios para fortalecer o corpo e activar o espirito, preparando os homens para a paz e para a guerra.

A tremenda conflagração, de que somos testemunhas longinquas, mas na qual tambem se jogam os destinos da nossa patria, está incutindo radicalmente no animo de todos nós estas duas convicções, estes dous con-

ceitos, de uma verdade irrecusavel: devemos odiar a guerra mais do que runca, mais do que nunca precisamos preparar-nos para a servir com a maxima coragem e tenacidade, com a mais completa abnegação, sempre quo ella nos fôr declarada por homens de instinctos satanicos e ambições eriminosas.

Nós, os que aconselhamos a nação a quo se prepare para a guerra, somos inimigos da guerra. Aceitamos-a unicamente como meio de defesa. A guerra para nós é comparavel a esses remedios extremos, a que só nos sujeitamos pela fatalidade de certos eventos humanos; a guerra é como a operação cirurgica, é como a imposição da pena. Que homem normal terá prazer na mutilação pela cirurgia, dos seus semelhantes? Que juiz, dotado do elementares sentimentos do piedade, ou de altruismo, poderá ter o espirito contente, quando é obrigado a condemnar os criminosos? Entretanto, quem com razaveis fundamentos porá em duvida a necessidade desses processos de defesa da vida individual e da existencia collectiva? Sem olles como salvar os individuos e as sociedades?

O vosso programma é completo: preparai-vos para a paz o para a guerra. Preparai-vos para cumprir os deveres e obrigações e para exercer os direitos de cidadão, não vos esquecendo de quo sois filhos de um paiz livre e joven, que por isso muito precisa da dedicación civica de todos os cidadãos o da educação moral indispensavel á execução das suas leis, das suas instituições politicas.

O vosso codigo é de uma synthese admiravel de moral social. Tudo aquillo do que substancial e fundamentalmente necessitamos para viver e progredir, ello encerra em poucos mandamentos de uma profunda significação. Colloquemos a honra acima de tudo, tenhamos a constante preoccupação da nossa dignidade, comprehendamos bem que á vida e ao desenvolvimento da sociedade são absolutamente indispensaveis a disciplina e o respeito á lei, sejamos capazes de iniciativa para fazer des-

entranhar-se em frutos este immonse e bello territorio, tão cheio de riquezas e tão apto para produzir muitas outras; procedamos sempre com lealdade e valor, economizemos inteligentemente, sejamos entusiastas de tudo o que é nobre e de tudo o que lícitamente, nos é util, isto é, execute-nos o vosso código, e o Brasil, nada terá a invejar ás nações mais poderosas, mais cultas e felizes.

E' pela observancia do vossos preceitos, destinados a realizar necessidades capitaes do homem em todos os tempos e em todos os logares, é pelo rigorosa disciplina em todas as relações sociaes, pelo trabalho indefeso e pelo patriotismo, que em substancia é a expressão superior de uma necessidade social, que os povos mais fortes, mais civilizados e mais prosperos, têm conquistado o seu poder e o seu progresso.

Cumpri rigorosamente o vosso código, escoteiros de São Paulo, divulgai por toda a sociedade os vossos lemmas e os vossos canones, continuai sempre a pratical-os em todas as circunstancias da vida, e esta bandeira que ora vos é confiada será um dos mais admirados e respeitados pavilhões do mundo. (Pedro Lessa — Discurso aos escoteiros de S. Paulo).

EUCLYDES DA CUNHA

Por iniciativa do Gremio Euclides da Cunha, do Rio de Janeiro, o sr. dr. Edgard Roquette Pinte, professor do Museu Nacional e membro do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, realisou em São Paulo uma conferencia sobre "Euclides da Cunha naturalista". Graças á gentileza da directoria do Gremio Euclides da Cunha, a *Revista do Brasil* poderá publicar em breve essa magnifica conferencia, que produziu forte impressão no grande auditorio.

A conferencia foi feita no salão do Conservatorio, sob a presidencia do illustre poeta Vicente de Carvalho, da Academia Brasileira, que,

apresentando o sr. Roquette Piuto, pronunciou as seguintes palavras:

"Minhas senhoras. Meus senhores. O culto prestado á memoria de Euclides da Cunha pelo Gremio que adoptou o seu nome tem, de certo, significação mais ampla do que a de simples homenagem ao nome e á obra de um grande escriptor; é uma manifestação — mais uma de entre tantas em que tão animadoramente está revivendo o nosso espirito nacionalista — de que existe um Brasil que é, e que quer ser brasileiro.

A gloria do criador dos "Sertões" faz parte do patrimonio nacional. Cultural-a é uma obra de civismo. Amemos e sirvamos a nossa Patria no culto a esse filho illustre que a honrou pelo seu genio, e em cujas paginas de ouro tão intensamente vibrou, vibra, e vibrará tempos em fóra, a alma cabocla — dizemol-o com orgulho e com esperanza — a alma cabocla do povo brasileiro.

O esforço, não apenas sympathico, mas benemerito do Gremio Euclides da Cunha está frutificando. Um dos seus frutos, vamos nós saboreal-o. Vae explicar-nos um dos aspectos do maravilhoso espirito de Euclides, vae dizer-nos o que, naquelle formidavel escriptor que todos conhecemos, foi o naturalista — a palavra de um homem de sciencia — que é um orador scintillante.

O nome do moço autor da "Rondonia" está-se, e com razão, tornando tambem um nome nacional. Nenhum de nós tem o direito de ignorar quem é esse sabio sertanista — demonstração desvanecedora da nossa cultura scientifica e affirmação viva das qualidades vigorosas da nossa raça.

O joven collaborador de Rondon, em cuja palavra vamos gosar e aprender, é um desses que se esforçam com successo magnifico por integrar na Patria brasileira o sertão brasileiro, com as immensas extensões e riquezas abandonadas

de seu sólo, e a immensa miseria abandonada dos seus habitantes de cujo sangue corre tanto em nossas veias... E' um desses conquistadores, abnegados e pacíficos, de matas brutas e tribus selvagens, nos quaes, através de mais de um seculo de civilização progressiva, evoluiu o bandeirante, heróico e féro.

Só não direi que devemos, nós paulistas, receber com especial carinho o hospede em que revive, rejuvenescido, o espirito forte dos nossos maiores, porque o orador que vamos ouvir está, como brasileiro, na sua terra não é hospede na terra de Paschoal Moreira Cabral, de Fernão Dias, de Bartholomeu Bueno, e de tantos outros que tão energeticamente collaboraram na formação do Brasil.

Coube a um modesto poeta provinciano a honra de apresentar-vos esse alto representante da cultura nacional Desvanecido vol-o apresento. Tem a palavra o sr. Roquette Pinto."

REVISTAS E JORNAES

OS BANDEIRANTES

Drama e tragedia das capitancias denominou o historiador eminente ás "bandeiras", esse lance inicial do nossa vida, que salvou a colonia e alto provou em pról da energia portugueza. Era, na voz que certo dia fallou aos Paulistas maravilhados, "a ambição em luta com o perigo arca por arca, em antagonismo frente a frente com as potencias da natureza, em desafio peito a peito com os mysterios, as ciladas, os assaltos do ermo, as trevas da mataria, a ferèza das alimarias, a barbaria dos cannibaes. Era a ambição cruel, mas heroica, a ambição do mais rijo aço da vontade humana, digna de se medir com o heroismo dos deveres sagrados, naquelle theatro sem auditorio, entre

o céo e a terra, como os titães com os deuses".

De quantos, nessa phase epica, fizeram o Brasil dilatado e grande, cumpre sobrelevar os Paulistas ao sul e oeste, e os creadores o jesuitas ao norte. Emquanto os segundos desvendam os sertões septentrionaes, levando o gado para o interior, e os terceiros emprehem uma obra tal de devassamento territorial e civilização que, segundo se escreveu, "o historiador pôde marcar a frente do Brasil colonial, quer na infancia, quer na adolescencia simplesmente com as duas letras C. J. "Companhia de Jesus", os primeiros triplicam o territorio, assegurando ao Brasil sua configuração physica actual.

Da *bandeira* sehio o Brasil territorial de hoje. Que era a *bandeira*? Uma cidade ambulante, com seus governantes e governados, suas rixas e aspirações, tendencias e vicissitudes, vingando serras, transpondo valles, vadeando rios, correndo planicies, posta a vontade numa ambição unica, que a todas reunia. "No intimo das terras marcham como se navegassem através dos mares, com a orientação da bussola o das noites constelladas; aqui e alli seguem o curso dos rios ou os vadeiam. Recolhem por toda a parte as legendas e historias dos indios que fallam de outros paizes distantes e de caminhos, ainda não trilhados pela civilização. Se é preciso descor um grande curso d'agua, não contam o tempo; aboletam-se e acampam na margem, abatem arvores gigantescas, de enjos troncos e ás vezes das corteces formam esquadrihas de canôas, carregando-as a fogo..."

Fôra uma bohemia sublime, escreveu Araujo Jorge numa pagina magistral, pintando ao vivo aquella arrancada heroica. As bandeiras abalavam numa ancia louca, durante mezes e annos, caudal irresistivel a que nada se oppunha, abrindo caminhos através da floresta, lutando, depredando, vio-

lando a robustez da terra virgem... Aleixo Garcia, com um grupo intrepido, transpõe o Paraná e chega até as fronteiras da Bolívia, de onde regressa cheia de ouro pelo rio do Paraguay. Alvaor Nunes Cabeça de Vacca desembarca em Santa Catharina e vara pelo interior até Assumpção. Antonio Raposo, "cheffiando o troço mais singular de homens de que ha noticia nã historia", atravessa o continente de flanco a flanco, e, em face do Pacifico, a espada desembainhada, "avassala terra e mar para seu Rei". Ao sul, a oeste, os Paulistas expulsam os Hespanhães, desalojam suas reduções no Alto Paraguay, no Paraná, no Uruguay, enquanto as missões jesuíticas, aterradas, despacham omissarios para Madrid e Roma reclamando medidas urgentes "para contener dos Portugueses del rio San Pablo". São por toda a parte o tropel das cavalladas, dispersando da noite para o dia os aldeamentos ao grito tradicional e temido do *Ahi vienen!* Uma bulla papal ensaia proteger os indios, São Paulo responde expulsando os padres. E o alarma vae ao Peru', cujo Vice-Rei, impotente para conter os Paulistas indomaveis sacado o Conselho das Indias com esta ameaça apavorante: "puede suceder que ellos se apoderen de las cordilleras del Itatin y sean senores de todo el corazon del Peru'."

"Nessa epopéa capaz da tuba épica, escreveu Ruý Barbosa, vio surdir o mundo novo a estirpe dos Paulistas, fillos intrataveis do cruzamento entre o genio europeu e a energia americana, de uma constituição á prova do medo e de uma actividade inacessivel ao cansaço. Entregues á corrente do Tieté, de rio em rio, de serra em serra, de planura em planura, as suas expedições iam ter ao Miranda, ao Cuyabá, ao Paraguay, arrebatando a Castella, para a casa do Bragança, "a maior extensão da America do Sul, a região mais formosa de toda a terra habitavel". Dianteiros da expansão portugueza na America do

Sul, fundaram, nos seculos XVI e XVII, os primeiros estabelecimentos de Minas, de Goyaz, de Mato Grosso, de Santa Catharina, do Rio Grande, conquistaram a Provincia castelhana de Gualhyra, obrigaram os Hespanhães a evacuar a bacia do Jacuhy, a do Piratinim, a do Ibi-cuhy, toda a região a léste do Uruguay, levando por fim as suas desdemidas exeursões até ao norte do Paraguay o á cordilheira do Peru'. Não fóra o valor e o arrojo desses caçadores do homens, gente "mais ardida que os primeiros conquistadores", e a costa do Brasil ao sul do Paranaguá seria hoje hespanhola, hespanhães veriamos os sertões de Mato-Grosso e Goyaz, outro povo occuparia as meliores zous, respiraria os nossos ares mais benignos, cultivaria as nossas mais desejadas terras. Na sua maior parte, o sul do Brasil representa uma conquista dos bandeirantes. A' expansão irresistivel dessas ondas humanas para as regiões andinas e equinoaciaes, deve este paiz a sua immensidade e a sua configuração territorial, dilatadas e modeladas ao meio-dia o ao occidente pela fortuna da raça que, em dous seculos do triumphos, estendeu o campo das suas façanhas desde o solo paraguayo até a Bolívia e as antemontanhas poruanas".

Mas a obra dos bandeirantes, creando, no dizer dos geographos, a geographia patria, e assim dilatando a zona brasileira, não podia vingar se não alcançasse a chancellia internacional, sagrada para as nações pelo intermedio de um pacto solenne. E é então que se vê como a capacidade de um Brasileiro, tambem Paulista, porque fillo de Santos, soube garantilla de modo definitivo na letra de um tratado onde a oexperiencia do outros não lograra vencer. Quoremos dizer de Bartholomeu de Gusmão, reivindicado ha pouco como o avô dos diplomatas brasileiros e cuja obra, no tratado de 13 de Janeiro de 1750, domina todo o desenvolvimento da diplomacia americana. "Estadista que nas sciencias politicas foi mais arguto

que D. Luiz da Cunha e na sagacidade e lucidez de fino sentir foi o espirito mais avançado do seu seculo", conforme delle disse Camillo Castello Branco, bem comprehendeu Gusmão o papel que lhe estava reservado ao fixar Portugal com Hespanha a questão de limites da America. E gisou, á distancia de quasi tres seculos, as fronteiras que hoje temos. (Helio Lobo. — Conferencia no Rio de Janeiro, sobre "a defesa da nacionalidade na historia colonial brasileira").

JOSÉ VERISSIMO

Nenhum de nós, brasileiros de hoje, pôde esquecer a personalidade desse combativo esforçado, uma das mais dignas e mais curiosas figuras do nosso meio literario.

Elle passou pelo mundo dominado pela absorvente preocupação da literatura, que foi sempre o encanto e a paixão da sua vida.

A maxima: "in angelo cum libello", ninguem a poderia melhor comprehender do que elle.

Como todo homem, porventura, José Verissimo mais de uma vez terá errado, pois todo o seu trabalho de critico assentava sobre o criterio de meia duzia de principios basicos immutaveis.

De toda a obra literaria elle exigia que escondesse no intimo uma especie de utilitarismo na sua finalidade social. Desde que infringisse abertamente certas conveniencias que elle reputava de má gosto offendor, José Verissimo a considerava de inferior inspiração. Esse modo de ver está claro, é patente na critica depreciativa por elle feita ás obras de Gabriel D'Annunzio, a qual se acha reproduzida num dos seus volumes sobre "Homens e Cousas Estrangeiras".

Não é que elle exigisse uma absoluta moralidade na fantasia dos creadores. A sua predilecção por Machado de Assis provaria o contrario. Mas fazia questão de comedimento, de subtilidade, de finura, e de uma certa naturalidade.

Mais de uma vez lhe ouvi, nos seus ultimos tempos, desalentado, declarar inutil a sua tarefa critica, por ser ainda cedo tomar a sério a produccão mental entre nós.

Num paiz de exaltados, de superficialiaes exagerados, de levianos gongoricos, diante de uma literatura de possessos, como poderia ser bem aceito um juiz amigo da profundidade de idéas expressas com sobriedade de palavras?

Verissimo tinha uma virtude fundamental: em questões de dinheiro foi um honesto. Nunca soube "cavar"... Por uma singularidade tão notavel, mereceria, talvez, hoje, uma estatua.

Comprava modestamente, de vez em quando, um bilhete de loteria, allegando ser esse o seu unico meio de pedir á Fortuna que lhe satisfizesse o desejo intenso de viajar, de demorar na Europa, de saciar a sua immensa vontade de chegar á nostalgia... Já que lhe não era dado, como aos mais felizes, "viver longe da Patria á custa della".

Onde, mais do que em qualquer outro assumpto, se mostrava intransigente Verissimo, era na defesa do seu modo de considerar a Academia Brasileira. Queria-a como um premio aos homens de letras já bastante consagrados. Arrependia-se de ter votado em favor da entrada de Osvaldo Cruz. E mostrava-se desgostoso nos ultimos tempos a ponto de ter resolvido ali não pôr nunca mais os pés.

Havia, talvez, no fundo do seu temperamento, um pouco da rigidez caracteristica do indio. Foi, contudo, um elemento efficaaz em nossa vida publica, e poderosamente correu para a elevação de espirito dos seus contemporaneos. Sua copiosa produccão representa um immenso esforço em beneficio de nossa cultura.

Sojam quaos forem as questões secundarias que de seus julgamentos nos possam separar, não ha duvida que José Verissimo foi um nobro typo de homem, de todos bem lembrado e respeitado, pela tenacidade com que se afastou das cousas minimas

da vida, affim de se dedicar a tudo o que podemos encontrar de mais consolador, de mais puro e mais alto: a diffusão do ensino e o amor das letras. — (Miguel Mello. — *Gazeta de Noticias*, Rio de Janeiro).

SOUZA BANDEIRA

Souza Bandeira começou a sua carreira litteraria pelos *Estudos e Ensaíos*, collecção de artigos sobre philosophia, ou, mais propriamente, sobre historia o critica philosophicas. Por esse tempo dominavam no Recife Tobias Barreto e seus amigos. Descobriram a philosophia allemã e o positivismo de Comte. No velho casarão da Praça 17, Kant, Buchner, Haeckel eram deuses familiares e amigos. Não havia estudante bisonho que não atordoasse céos e terras com as tremendas palavras do monismo, evolução, transformismo, racionalismo, empyrismo, todo o dialeto philosophico, que é mais facil decorar do que apprehender o sentido. Não havia mais mysterios no mundo; a philosophia resolvera tudo. Creio que só não mataram Deus "nas alturas" devido a opposição de alguns espiritos prudentes que o julgavam sempre de certa utilidade, como freio moral para as massas incultas. Em todo o caso, a metaphysica foi corajosamente liquidada...

Souza Bandeira filiou-se á corrente, não se limitando, no entanto, ás declamações faceis. Escreveu, procurando coordenar e traduzir as suas idéas. Ainda hoje, trinta annos passados, é possível ler os seus estudos. Sem profundeza extraordinaria, manejando a lingua ainda com difficuldades, o seu inquerito sobre a philosophia positivista no Brasil, os seus ensaios sobre Schopenhauer, Tobias Barreto e sobre o monismo são curiosos. Revelam um espirito sério, preocupado com problemas transcendentes e que conseguia, pelo menos, comprehender as altas coisas de que a philosophia cogita. Dentro do dogmatismo dos discipulos de Tobias, é um moderado, que tem restricções mentaes, que duvida e desconfia de

si mesmo. Teria Haeckel decifrado mesmo os "enigmas do Universo"? Souza Bandeira não poderia ir muito longe neste caminho. Julgo que cedo lhe veio a convicção que tratar de questões philosophicas entre nós, era, no minimo, uma revelação de máo gosto. A vida pratica chamava-o. *Primo-vivere...* No Rio, trocou naturalmente o Schopenhauer da Academia peloCodigo Civil, de leitura mais pratica e mais fecunda. Com uma logica e um bom senso que não são vulgares entre os moços atacados de literatice, adiou as suas cogitações litterarias para melhores tempos. Estes lhe chegaram como o resultado de um longo e intolligente esforço.

As questões de pura philosophia não no attráem mais. Paga o seu tributo de americano do sul que viajou a Europa, eserevendo as suas impressões (*Peregrinações*), combate, um momento, a mania de reformas que contaminára o paiz, num pequeno livro (*Reformas*). O seu espirito volta-se então para a critica litteraria, que é para certos temperamentos, avidos de belleza e perfeição, um suave derivativo. As *Paginas Litterarias* são o livro do sua velhice, ou melhor, de sua idade madura, porque a morte lhe não permittiu a quietude da velhice. Souza Bandeira não é propriamente um critico, como entendem alguns mestres estrangeiros, nem tão pouco um professor de portuguez, a que querem certas pessôas, entre nós, reduzir os estudiosos da ingrata especie litteraria. Será, talvez, um impressionista. Toma de um livro duas ou tres idéas que lhe pareçam capitães, agita-as, procura focalizar-lhes todos os aspectos. Parece que a sua primeira preocupação consiste em ser breve, evitando as longas digressões, em cada qual, esquecidos livro e o autor, vae falando de si, de suas proprias leituras, de suas proprias idéas. Nas sete paginas primeiras, por exemplo, das *Paginas Litterarias*, elle fala de tres livros, *Sertões*, de Eulydes da Cunha, *Chanaan*, do sr. Graça Aranha, e *A todo o transe*, de Emmanuel Guimarães. Qualquer destes livros merecia facilmente um lon-

go ensaio, mesmo o de Emmanuel Guimarães, menos conhecido do que os outros, e que é, entretanto, um curioso romance da nossa vida politica. O pequeno capitulo sobre Machado de Assis, além da commovida saudade que revela, é uma analyse muito penetrante do estylo e da psychologia do humorista extraordinario, que ficou como a gloria mais pura das nossas letras. Deveria descer ao estudo mais minucioso da obra de Souza Bandeira, mas fugiria assim ao meu primeiro intuito — simples impressões, uma pagina de saudade que devia á sua memoria. Valham estas pobres regras pela intenção que as ditou. (José Maria Bello. — *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro).

O PROBLEMA SANITARIO DA AMAZONIA

O problema regional da Amazonia, a conquistar para todos os proventos humanos e civilizados, é no começo, e fundamentalmente, o problema sanitario, que só pôde ser resolvido por medidas de saneamento.

"Um clima caluñniado" é o da Amazonia e serão todos os climas enquanto o homem não se submeter a elles para viver numa conformidade que é a condição unica de adaptação e sobrevivência. Esses aventureiros que buscam a Amazonia, fortes ou debéis, ganham ali a doença e a morte, sem que para isso o clima concorra, como não concorre para as excepções, uma em mil dos que escapam, mal feridos ou providencialmente immunes. Dos confins do Madeira, dizia o dr. Oswaldo Cruz, "a região está de tal modo infectada, que a sua população não tem noção do que seja o estado hygião e para ella a condição de ser enfermo constitue a normalidade". Não é o clima a maldição irremovivel que pesa sobre aquellas regiões: é a insalubridade, essa removivel, saneavel, que se deve tentar e realisar systematicamente, não num trecho, mas em todo o territorio,

e por todos os meios idoneos em hygiene para lhe conseguir com o saneamento, a redempção.

Um dos males da Amazonia é o beri-beri. Essa doença é um factor constante de insalubridade da Amazonia, embora com exacerbações até de caracter epidemico. Deriva de uma insufficiencia alimentar, por alimentos pobres de vitaminas, talvez alguns deteriorados, privados outros de substancias frosceas. Previne-se e trata-se o beri-beri restituindo ao organismo dellas empobrecido, por uma alimentação adequada. Outra doença: a leishmaniose, com que Carlos Chagas identificou as feridas bravas, tão espalhadas, e que a tantos desgraçados arruina a saude. Identificado o mal, cujo remedio é sabido, é só cural-o com a applicação divulgada das injeções endovenosas e dos topicos, de emetico, como de protozan (Carlos Chagas), que curam a leishmaniose. Quanto á prophylaxia, não ha mais do que essa desinfeção pelo tratamento. A suppressão das feridas bravas da Amazonia é um problema sanitario dos mais prementes, porque o numero de enfermos e de invalidos feitos por ellas grava de abstenção onerosa e funesta o trabalho e, senão a vida, a saude naquellas regiões.

A pneumonia tem na zona equatorial um indice epidemico desusado e uma gravidade que tambem desconhecemos. Mas as causas da pneumonia são evitaveis por meio da educação hygienica, da abstenção alcoolica, da protecção contra o resfriamento vespertino ou contra a friagem imprevista e pelo conhecimento dos funestos efeitos dos banhos frios, com o corpo cansado.

Muitos outros males existem pela Amazonia, que por serem communs a outras zonas do paiz não dão, por isso, feição especial por que entrem nesta resenha. Mas, tudo isto é nada deante do mal maior que só elle absorve e domina todas as prooccupações: é o impaludismo, que pela sua immensa disseminação, pela intensa gravidade de suas formas, faz tudo o mais bem minimo, e se

impõe, só elle, como todo o problema sanitario da Amazonia.

Só a *malaria* é causa da devastação sem precedente que assola aquellas regiões e lhes dá a fama sinistra. Levas e levas de immigrants que a cobiça conduz pelos seus rios, ao recesso de suas florestas, nenhum escapa ao ataque: o maior numero, senão todos, ás vezes, não escapam á morte. Salvam-se acaso os que fogem, se não vêm a morrer pelo caminho. Na maior parte da zona devastada, não ha população autochthona. Creanças não existem por ahi, ou têm os dias contados. Não se conhecem pessoas nascidas no lugar: são adventicios e estes, cento por cento, pagam o tributo á infecção, que do tão severa faz dizer a todos: "Só tenho *baço*". Na estrada, de ferro Madeira e Mamoré, em mezes de 1907, 75 o/o dos empregados estiveram doentes; em outros de 1908, a *malaria* era causa de 90 o/o das baixas; em 1910, numa média de 3.045 trabalhadores, ha 4.603 entrados no hospital por febre, e em 1911 dão-se 5.019 ataques de sezões nos 4.46 operarios, o que faz a proporção respectiva de 151,112 o/o de doentes! Como prover a essa inominavel desgraça? Tres ordens de medidas prophylacticas permittem amplamente combater, senão debellar, o sezonismo; a) — obras hydraulicas, que enxugam os pantanos ou derivam aguas paradas, onde se eriam os mosquitos transmissores; b) — protecção mecanica da habitação contra a invasão dos mosquitos perniciosos; c) — protecção individual contra o germen malarhygienico, inoculavel ou inoculado por esses mosquitos.

Uma pequena obra hydraulica dentro das possibilidades de todos os habitantes desta zona, consiste em escavar perpendicularmente ao veio dagna um vallo ou rego que communique o brejo, aipeira, ou igapó com a corrente, sanando o pantano, que se esgota por essa derivação, faeil de manter com alguma vigilancia. Outra tão grande e mais intima ao homem que procura essas regiões,

é a questão da habitação. A habitação é o principal occasionador da infecção palustre. Entretanto, para o maior numero de habitações as medidas prophylacticas seriam de uma execução simples e barata. Envi-draçando as janellas contra o vento, seria melhor que as gradeassemos de arame contra os mosquitos. Onde elles abundam perigosos, a medida se impõe como recurso de conforto e de saude. "Verificou-se francamente, diz o dr. Lovelace, medico da Madeira-Mamoré — que ó homem pôdo viver aqui numa casa cercada de tela durante annos com perfeita saude e pessoas que nenhuma ligação têm com a companhia já começaram a construir essas casas protegidas". Nem sempre, porém, se pode seccar um pantano. Nem sempre a humildade do trabalhador pode proteger-se a arame trançado; é então que deve intervir a prophylaxia especifica, a prevenção intima, a *quinisação*. Para prevenir e curar a *malaria*, é necessario haver á mão e usar a quinina, na dose necessaria ou sufficiente; em uma palavra, é preciso ter bastante quinino. Ora, é exactamente o que falta no Amazonas e por todo o Brasil, assolado pelo impaludismo. A razão vem de que a quinina é cara, por isso mesmo sophisticada, e dahi substituida por mezinhas que a ignorancia e o charlatanismo impõem á desamparada ignorancia popular. Ainda no 14.º Congresso Internacional de Hygiene e Demographia, notaveis hygienistas convidaram as nações attingidas pelo impaludismo a—1) empregarem todos os meios propostos, de combate á infecção malarica; 2) a venderem por prepostos do governo quinina boa e barata, segundo o exemplo das leis italianas. Em nenhum paiz mais do que no Brasil deviam ser ouvidos estes avisos. Desde alguns annos que os proclamo e não me cançarei de os repetir. A quinina official deve ter os seguintes requisitos: a) — abundancia, pela aquisição nos mercados centraes ou centros productores, em grosso; b) — manipulação official que lhe garanta pu-

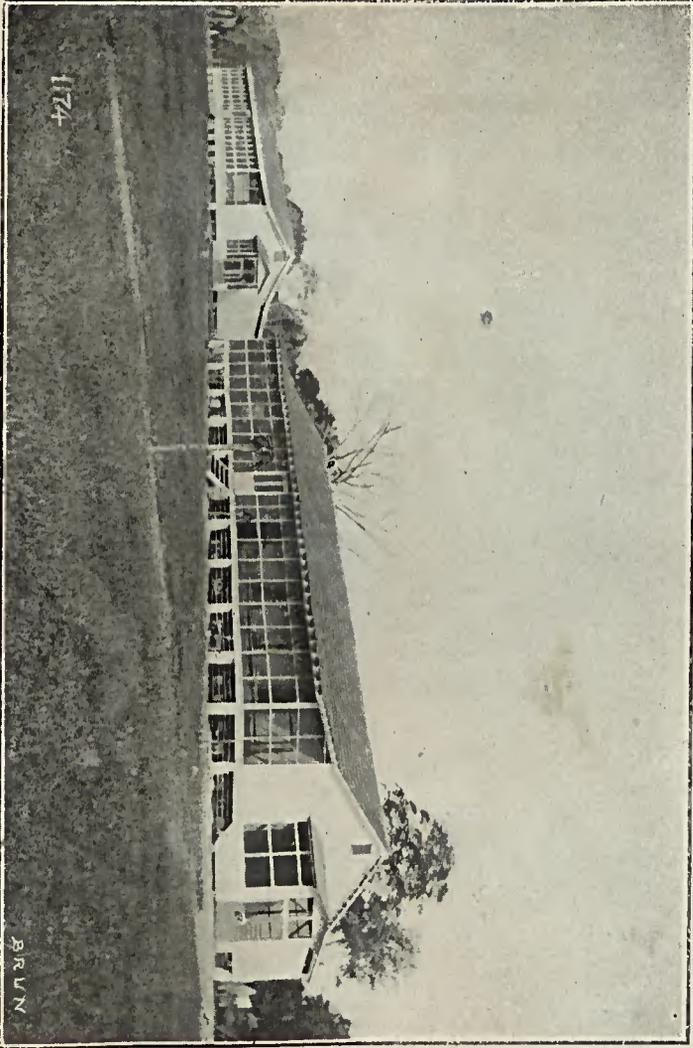


Fig. 4

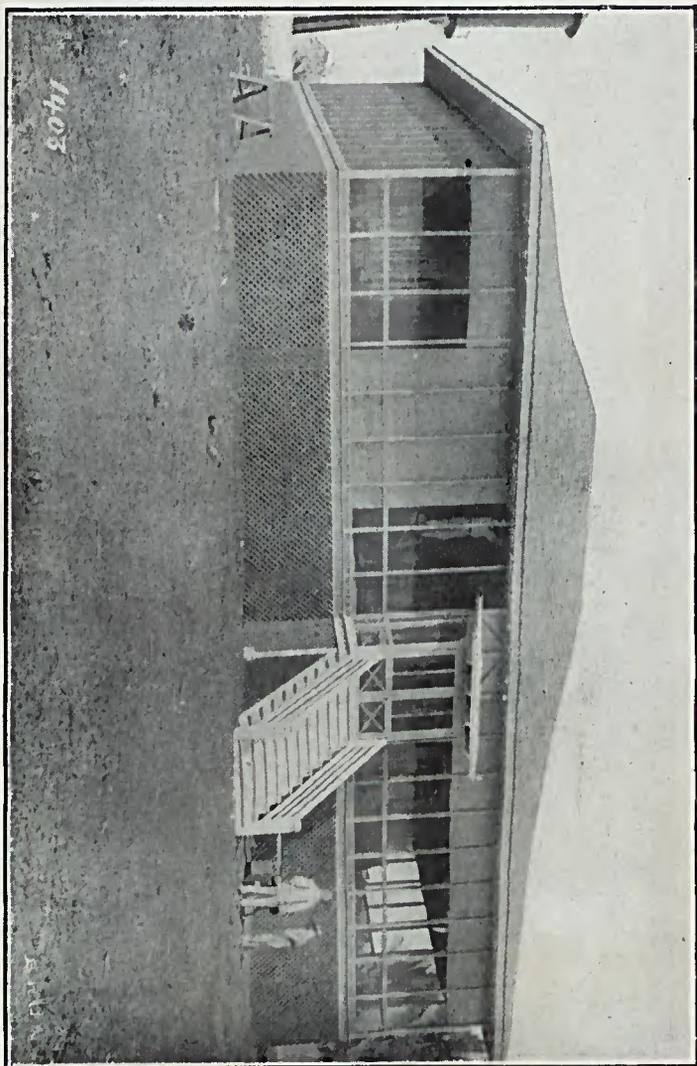


Fig. 3
3 e 4 — Casas confortáveis, defendidas hygienicamente contra os mosquitos, construídas pela E. P. Madeira-Mamore; das mais modestas a melhor construída, a salubridade é perfeita, conseguida a protecção contra a malária, evitados os seus transmissores.



O PROBLEMA SANITARIO DA AMAZONIA

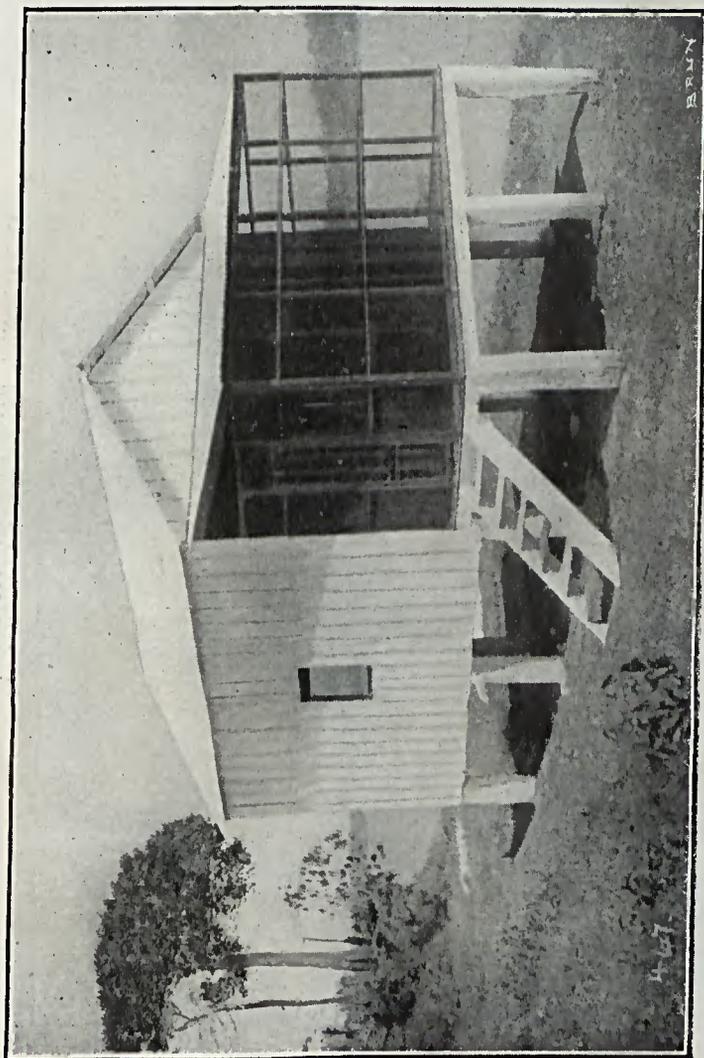


Fig. 2

RESENHA DO MEZ

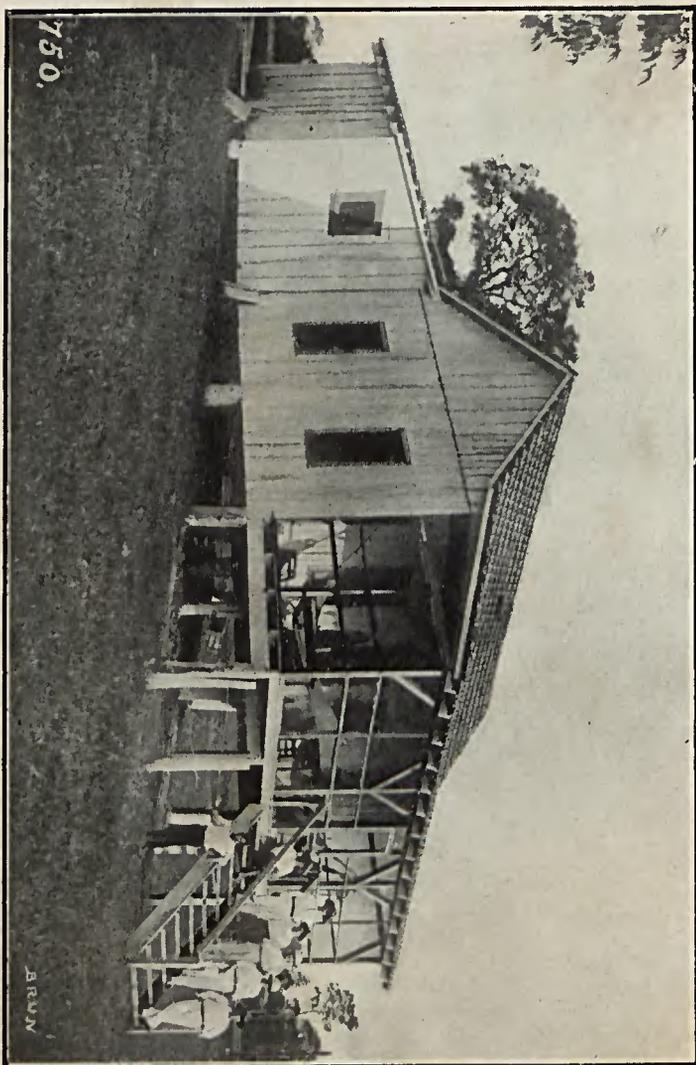


Fig. 1
1 e 2 — Adaptação de casas antigas a habitações hygienicas, á prova do mosquito, na zona da Il. F. Madefra-Mamore.

RESENHA DO MEZ

reza e dosagem; c) — venda a baixo preço e divulgação a todos accessivel; d) — distribuição gratuita aos pobres, permittida pelos lucros da venda, mesmo a preço infimo, aos que podem pagar.

Possa ter o Brasil um homem... de Estado,—bem mais difficil de conseguir quo o maravilhoso recurso sanitario, — o qual nos dote com a quinina official. Já não será sem tempo, e salvará milhares de preciosas vidas de brasileiros, que todos os annos desperdiçamos sem conta e a mingua, contra o maior inimigo do progresso do Brasil. — (Afranio Peixoto. — *Annaes da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro* — 1917).

EUGENIA

Eugenia é a sciencia recentissima, do origem ingleza, que tem por objecto o aperfeiçoamento physico e moral da esperie humana. Foi Galton o seu fundador em 1865

Herbert Spenceer, commentando e apoiando essa fundação, assignala o estranha facta do pouco caso, que se liga a esse aperfeiçoamento mesmo nos paizes mais civilisados, quando por toda a parte a mais enthusias-tica importancia é dada á selecção para o melhoramento das raças animaes.

“Parece estranho, diz elle, que, enquanto a criação de novillos puros é uma occupação em que homens illustres facilmente empregam muito tempo e muitas idéas, a criação de bellos seres humanos seja uma occupação, que tacitamente se considera indigna do sua attenção.”

O remoque é sem duvida pungentemente caustico; mas, a dura verdade, que nelle se contém, é de molde a manter alerta muitos paizes, aos quaes pode innegavelmente caber a carapuça.

De um sombrio exame de consciencia resulta que não pode ser mais opportuno o momento para estabelecermos o confronto entre os nossos patentes defeitos de raça e as medidas prophylacticas, que temos posto em pratica para attenual-os.

Muito temos feito em S. Paulo no sentido da criação de bellas gal-linhas, de homericos porcos, de archi-rapidos cavallos de corrida; estamos de posse de uma arte primorosa na obtenção de novillos de uma suprema belleza; já é uma plena realidade a existencia da activa Sociedade do Herd-book Caracu; está feita a nossa eugenia bovina.

Entretanto, ao mesmo tempo que isto se passa, um grito estridente partindo do peito patriotico do dr. Miguel Pereira faz estremecer todo o nosso edificio social e põe em alarma todos os nossos corações.

Podemos e devemos saudar com emphase a fundação da nossa Sociedade Eugenia. E' mais que tempo de cogitarmos do embellezamento da parte que nos toca da raça latina. Os poucos bons espiritos, que persistem em pensar que ainda é cedo para applicarmos ao nosso meio social os dogmas fundamentaos da nova sciencia, não estão por certo a par da verdadeira situação mental de uma importantissima camada do nosso publico. Essa camada é precisamente a mais interessante e seria grave erro desconhecer a velemente necessidade que ella sente de uma forma anatomica de rosto, que so aproxime mais ou menos de um molelo de esthetica facial. — (Dr. L. P. Barreto. — *O Estado de S. Paulo*, S. Paulo).

O SORTEIO MILITAR E A VOZ DO POVO

O povo sertanejo começa a levar ao ridiculo o serviço militar de uma maneira verdadeiramente cruel. Venho denunciar aqui a critica mordaz da arraia miuda na esperança de que os poderes publicos providenciarão com tanta justiça o energia contra os fraudadores do sorteio que os matutos ficarão cheios do respeito pela nova lei.

No interior do Brasil, quasi sem escolas, sem hygiene, sem tribuna e sem imprensa, as manifestações do pensamento collectivo só têm uma sahida: a cantiga popular. O can-

tor de pé de viola, cantador de samba e de desafios, errante e livre, é quem leva do alto sertão pernambucano ás ribeiras cearenses, dahi ás margens do Vasa Barris e do São Francisco, as noticias dos acontecimentos mais importantes, os casos como elles chamam, glosando-os sempre com um enfado ironico, com uma troça malvada, uma birra cruel.

Nada se passa de notavel á face do Brasil, nenhuma lei nova se promulga, nenhum governo se installa, que isso não repercuta em versos no fundo dos sertões.

Tambem tudo o que acontece no interior e que no littoral não se sabe, é guardado em versos, desde a vida aventureira dum Antonio Silvino até a *pega* dum boi de fama ou a fuga duma moça com o seu namorado.

Os cantadores sertanejos, que já se occuparam com o 14 de novembro, no quatriennio Rodrigues Alves, a obtenção do Acre, a morte de Affonso Penna, a Vacina Obrigatoria, o João Candido e o Francô Rabello, agora rimam o sorteio militar, criticando-o.

Presentemente, corre o sertão do uordéste uma longa poesia sobre a nova lei do sortcio militar, cujos versos principaes transcrevo *fielmente*, pontuando-os e orthographando-os de accôrdo com a grammatica, mas sem a menor alteração:

Alerta, rapaziada!
O tempo não está de graça,
Moço, velho, cêgo e côxo,
Tudo agora assenta praça,
Bispo e vigário collado
Val tudo ao pau de fumaça."

Conhecia uma antonomasia popular magnifica de espingarda — pau furado. Aprendo esta muito melhor — pau de fumaça. Por esta primeira estrophe já se vai vendo o espirito critico exaggerado do poeta. Pergunta elle, depois:

"Para que fazer soldado,
De velho, cêgo e menino?
Está sem sal este mercado,
Rôe a porca e quebra o pino?
Um como Antonio Silvino."
Vamos ver si alistarão

Os sarcasmos proseguem, infiudavelmente:

"Eu viajei para o norte
E vi um pobre aleijado,
Me disse um vizinho delle
Aquelle está alistado.
Mas para que serve aquillo?
Perguntei ao delegado."
Então, elle respondeu:
"Esse não pôde escapar,
Só anda de quatro pés,
Mas comtudo pôde andar.
O Brasil tem precisão
De alguem para rastejar."

Jámais houve um jornal da opposição, por mais pessimista e atrevido que fosse, que tivesse a coragem de dizer as duras palavras dos dois ultimos versos desta sextilha. A alma mordaz do povo é terrível. Ella nada poupa, porque sabe bem quanto soffre com as loucuras e as asneiras, a ganancia e os erros dos seus dirigentes.

"Outro tem um filho doido
Com uma perna cortada.
Disse-lhe o delegado:
— Você vai, meu camarada.
Tem-se precisão de doido,
Que é para atirar pedrada."

Ha tempos, um vespertino carioca affirmava que, na ultima leva de sorteados vindos do norte, a grande maioria ora de opilados, doentes, anemicos, semi-imbecis, etc. Ora, ahi está o motivo do sarcasmo poetico do matuto:

Como vou eu sem pernas?
Perguntou um aneião.
Respondeu o delegado:
— Vai na corcunda dum são,
Um leva você nas costas
E a espingarda na mão."

"Tinha um filho uma viuva,
Sendo uma pobre mulher.
Disse ao filho:—Ora, meu filho,
O governo não te quer.
O julz disse: — Esse eu levo,
Arranje outro, si quizer."

"E, si não estou enganado,
Os padres tambem irão.

E ha de ficar bonito
Um padre com cinturão;
Naquella batina preta
Fica de luxo o latão!"

Nas trovas seguintes se verá a critica á violencia das autoridades que entendem de recrutar a torto e a direito, fazendo poof com os seus abusos do que os proprios fraudadores:

"Me disse certa mocinha
Que em nossa casa vai.
Essa disse: — Lá em casa
Tudo está dentro não sai.
Não quizeram dispensar
Nem o porco de papai."

"Até a meu irmão mais velho,
Que quebrou o espinhaço,
Furou o olho direito,
E o doutor cortou-lhe o braço,
Disse o juiz: — Você vai,
Embora falte um pedaço."

"A lei exige que, ainda
Estando morto e enterrado,
Arranque-se o esqueleto
E vá inspeccionado.
Quando nada, o povo diz:
— Isto é osso de soldado!"

Esta buliu com os recenseamentos e alistamentos mal feitos e atrasados, que permittiram o sorteio de varios individuos já mortos, mas cujos nomes figuravam nas listas officiaes.

Venha agora uma caçoada leve e anedoctica:

"Uma velha tem um filho,
Que é feio como um perigo.
Perguntou quando se alistou:
— Que querem fazer commigo?
Disse o juiz: — Praça feia
Faz assombrar o inimigo."

Tambem critica a surdez governamental ás reclamações de toda a especie, que chovem por toda a parte:

"O governo está dizendo:
Quem não gostar coma menos,
Vá fazer queixas ao bispo,
Faça os boccados pequenos.
Felizmente, eu já sou grande.
Não tenho medo de acenos."

O cantador aproveita o assumpto para caricaturar varios typos da sua região natal o as suas opiniões até chegar na sua esplendida descripção da situação actual difficil do povo brasileiro, especulado por todas as crises:

"O brasileiro se torce
Mais do que um parafuso,
A secca aberta do norte,
Do sul aperta o abuso
O imposto bota na prensa,
O sorteio acocha o fuso."

E é esse o quadro real. Tal qual a mandioca espremida na prensa do fazer farinha, que o fuso do pau d'area movimentava e aperta, vai morrendo a nação. Que artigo de fundo do jornal terá a singela eloquencia dessas palavras verdadeiras?

Deante dessa opinião popular, o governo puna os fraudadores do sorteio e diminua as fraudes de modo enérgico e producente, para não se desmoralizar com a ironia dos cantadores por esses sertões immensos do Brasil, essa lei essencial para a nossa defesa e para manutenção do nosso espirito nacional. — (João do Norte. — *Correio Paulistano*, S. Paulo).

O BRASIL E A FRANÇA NO SECULO XVI

Nos primeiros annos da sua existencia colonial o Brasil permaneceu desamparado, num absoluto isolamento do mundo. Portugal, preoccupado com a India, cujas riquezas lhe attestavam as arcas do thesouro e ainda sobravam para passear pela Europa a faustosa opulencia asiatica da Côte lusitana, só de longe em longe distraidamente volvia os olhos para a remota terra de Santa Cruz, que o pessimismo de Americo Vesputio, "o primeiro orgão de descredito da uossa terra", ajudara a relegar para o mais completo olvido. A historia do Brasil, nesse periodo inicial, offerece a monotonia de todas as nomenclaturas: é o catalogo das intrusões estrangeiras. Poderia capitular-se sob um titulo

único — a defesa obstinada da terra contra a pirataria universal.

Especuladores e aventureiros de todos os paizes aportavam em varios pontos do vasto e mal conhecido littoral, traficando socegradamente com os indigenas que, a troco de miudezas e quinquilharias, abarrota-vam as suas náos de toda a sorte de productos do paiz, vendidos a preços avultados nos mercados europeus.

Os francezes, attrahidos pelas noticias das riquezas da nova terra, tornaram-se dentro em breve os mais intrepidos promotores desse commercio clandestino. Em 1504 já se assignala a presença de seus navios na foz do rio Paraguassu' na Bahia. Aproveitando-se da desidia do governo portuguez, e da insignificante resistencia offerecida pelos miseraveis colonos disseminados pela vastidão das costas brasileiras, chegaram mesmo a fundar estabelecimentos e feitorias, que facilitassem o escambo com as tribus do interior.

Os armadores de Honfleur, Ruão, Dieppe, La Rochelle e mais tarde do Havre, animados ainda do enthusiasmo que lançara os navios normandos e bretões antes dos portuguezes e hespanhóes, no encaço de novas terras pelo mar desconhecido, despachavam successivas expedições, umas destinadas a transportar o Brasil utilizado na industria tintureira, que em França passava por um periodo de excepcional prosperidade, outras a capturar os riquissimos galeões portuguezes, peçados de preciosidades da India e das costas d'Africa.

Houve um momento em que os navios francezes se espalharam em tão grande numero pelos mares, que puzeram em sério risco o commercio marítimo de Portugal, "tratando já de contrabandistas e piratas os navios portuguezes, contra os quaes combatiam quando julgavam facil a victoria". Parmentier, um dos mais celebres capitães a serviço do João Anjo, do Dieppe, escrevia que "se o rei Franciseo I quizesse afrouxar as redeas aos negociantes francezes, em menos de quatro ou cinco annos, estes teriam grangeado a amizade e assegurado a obediencia dos povos

dessas novas terras, e isto sem outras armas que a persuasão o bom comportamento."

A continuidade do trafico estabeleceu desde cedo uma constante e profunda sympathia entre o indio e o francez, a contrastar com a ogerisa que lhe inspiravam os portuguezes. Provavelmente, a vivacidade e o bom humor caracteristicos dos primeiros impressionavam melhor o selvagem que a rudeza do conquistador lusitano, decidido á tomada e occupação do sólo pelos processos heroicos e brutaes, do que já tinham lançado mão na India. Os interpretes normandos, intermediarios preciosos entre os traficantes francezes e os indigenas, installavam-se no Brasil e algumas vezes identificavam-se de tal fórma com a sua nova existencia, que recusavam voltar para o seu paiz do origem. Lery conta de interpretes ou linguas, que haviam coovivido oito e nove annos entre os indigenas, adoptado o mesmo systema de vida, aprendido a sua lingua e levando não raro a adaptação ao ponto de tomarem parte nos festins cannibalescos. Montaigne refere ter tido a seu serviço um homem, que habitara dez a doze annos "en cest autre monde qui a été decouvert en nostre siecle en l'endroit ou Villegaignon print terre, qu'il surnomma la France Antarctique".

A qualidade de francez acabou por constituir um verdadeiro passaporte, um titulo de recommendação junto de certas tribus. Preso pelos Tupinambás, Hans Staden, um allemão de Homberg em Hesse, o que esteve duas vezes no Brasil, conseguiu evitar a morte immediata, a que já estava condemnado, declarando-se francez; o inglez Knivet, em viagem pelo interior do actual Estado de S. Paulo, utilizou o mesmo stratagem, assistindo a morte do seus companheiros portuguezes.

O Brasil, os seus productos, os costumes dos seus habitantes tornaram-se então populares em algumas partes da França. Os baixo-relevos da igreja de S. Jacques em Dieppo representam varias scenas da vida in-

digena do Brasil daquela época. Conta Heulhard que um lojista de Ruão, inacessível, como legitimo francez, á geographia dos paizes estrangeiros, encimara a porta do seu estabelecimento de madeira com uma taboleta, onde se lia "Ilo du Brésil". E sabe-se que, por occasião da visita feita por Henrique II e Catharina de Medeis a Ruão em 1550, um dos mais curiosos numeros do programma do festejos em honra dos soberanos consistia numa representação de indios, com as suas danças e seus combates, em que tomaram parte trezentos homens, dos quaes cincoenta eram genuinos habitantes das selvas brasileiras e os restantes escolhidos entre marinheiros e antigos normandos, perfeitamente familiarizados com a lingua, usos e vida do indigena brasileiro.

Nessa situação tornavam-se inevitaveis os conflictos entre os subditos de Portugal e França. Elles nasceram no dia em que o governo portuguez sentiu o perigo estrangoiro, que ameaçava a integridade de sua colonia. As primeiras medidas de ordem administrativa, as providencias rigorosas tomadas para atalhar o commercio clandestino, os actos de força a que tiveram de recorrer os portuguezes para purgar as aguas brasileiras da pirataria normanda, provocaram protestos, pedidos de indemnisação, reclamações por parto da França, dando origem nas duas côrtes a uma sério de negociações, que se prolongaram até ás vespears de 1650, data da incorporação das corôas portugueza e hespanhola.

Essas negociações fornecem uma excellente amostra da natureza da longa lucta entre o monopolio commercial, defendido estrenuamente pelo governo portuguez, contra o principio, por fim victorioso, da liberdade de navegação, sustentado com mais ou menos vigor pelos governos, que não tinham participado directamente do grande movimento de descoberta do seculo XV, e encontravam com desapontamento, já distribuidos, os quinhões mais preciosos.

Successivas embaixadas doixam Lisbôa em demanda de Paris, e os soberanos dos dois paizes, particularmente D. João III e Francisco I, porfiam de manha e habilidade na defesa e salvaguarda dos interesses dos seus nacionaes. — (Araujo Jorge. — *Revista Americana*, Rio de Janeiro).

A TRAPPA DE TREMEMBÉ

Annos atrás um grupo do frades agricultores, vindos de França, localisaram uma Trappa, a Maristella, á beira Parahyba, no Tremembé.

Impressionava mal a população ribeirinha alli fixada. Os caracteres somaticos da normalidade humana apresentavam nella desvios depressivos — donde uma singular feiura. Concomitantemente o moral padecia as consequencias reflexas do mau corpo — donde uma singular apathia. Derramada lado a lado daquellas aguas mansas, vivotando no casebro classico do sapé e lama, feito com menos arto quo o ninho do joão-de-barro, essa gente palida e cansada suggeria a imagem dos urupés silenciosos que no sombrio das matas ausoltam com suas orelhas mollengas a lenta consumpeção dos troncos mortos. Entaliseam-n'os na varzea humida e malsan duas barreiras. Do um lado, a via-ferrea. A pressa, a lufa-lufa do um trem que chega, chia e parte, os silvos, agudos, o italiano, a gente bem vestida — esta faixa de vida fumegante que a estrada do ferro cria por onde passa, oppunha a sudoeste uma barragem aterrorisante ao piracuara. Tudo nella eram lesões dolorosas ao seu viver socegado, ao silencio a que afez o ouvido, ao primitivismo laeustre da vida nas lezirias inundaveis.

Do outro lado amedrontava-o a Mantiqueira, com seus caninhos ingremes, escaldados do caldeirões, os topos de "cala a bocca" e a vida serrana, exigente nas minimas coisas de um esforço duplo do habitual no plaino. Serra e Central elle as queria do longe, para goso dos olhos — azulegão grato á vista, pennacho de

fumo bom para distrahir o olhar vadio. Negocios não queria nem com uma nem com outra. Dava-lho subsistencia o rio. Com o anzol tirava dello a piabanha e o lambary, e com o covô apanhava, nos afluentes, cardunes de curimatás. Quando sobrevinham grandes cheias ilhavam-se os casebres, muitos delles armados sobre estacas, como a habitação do homem lacustre. Escorrida a agua, pela vasante, o piraquara coava por peneira as poças lodacentas da lezíria. Era o apogeu da safra. Encambiada em cipós vinha a peixaria para a cidade, acuryando sob o peso o piraquara contente, em trocinho picado. Fóra disso teciam balaios e jacás, e mercavam coisas do mato, ingás aos molhos, maracujás em penecas, guembés picantes, catleyas em flôr e barba de pau, no tempo dos prescipes. De lavoura, nada. Parasitas do rio o da lezíria, fugiam das fazendas com horror, donde a sua má fama de indolentes na bocca dos fazendeiros. Indolentes e ruins, incapazes, rastolho de gento, lesmões humanos. Era unanime esta opinião na lavoura circumjacente, cahida em modôrra por falta do braços. Desorganizada polo 13 de Maio o desprovida de colonos italianos, as ricas fazendas de outróra, em penuria de musculos, appellavam em vão para as urumbevas ribeirinhas. O piraquara não dava de si, inda quando armado do boa vontade, nehum trabalho compensador. Não valem o que comem — dizia todo o mundo.

Mas vieram os frades. Installados alli procuraram logo solver a premento questão do braço. Sem ter campo de escolha, resolveram pegar no homem que havia, a titulo de experiencia. Em vez, porém, de tomal-os taes e quacs os encontravam, alquebrados pola má alimentação, pela má habitação, roídos pelo ankylostomo exhaustivo, e pol-os na enxada com o feitor atrás, como o faziam os fazendeiros, tiveram a luminosa idéa de procedor ás avessas: primeiro atueharam-lho a fibra com alimentação abundante; depois abrigaram-n'o em casas hygienicas cou-

struidas em logares seccos; e ao mesmo tempo curaram-nos das verminoses. Resultado: uma resurreição. Das carcassas opiladas onde morrinhava a "indolencia" do pobre Geca Tatu', sahio, polo equilibrio alimentar, um homem resistente; pela cura das mazellas um homem activo; pela noção de relativo conforto, um homem constante que "parava" na fazenda, e criava amor á faina agricola. As facultades cerebraes beneficiando-se logo com os reflexos da saude, foi possivel ensinar-lhes as mil coisas necessarias a um bom operario, foi possivel disciplinal-os, foi possivel adaptal-os ao machinario agricola. Breve, graças á intelligencia da soluçãõ dada ao problema, poudes a Trappa movimentar toda a sua enorme exploraçãõ arrozeira, a mis aperfeiçoada quo existe no Estado, fazendo funcionar as mais modernas machinas de lavar, plantar, ceifar, etc. Como resultado economico surtiu logo uma produçãõ de 15 a 20 mil saccas de arroz, extrahidas de uma terra que vivia a monto, por meio de musculos definitivamente condemnados pela opinião goral como equivalentes de zero.

Este exemplo é frisante. Mostra o caminho a seguir, o mostra o erro dos nossos governos em nunca levar em conta, para solucionar o problema do trabalho agricola, um filão devêras precioso. A politica adoptada nesse pormenor foi sempre irman da politica financeira — tomar em prestimos de musculos europeus. Faltou-nos o estadista de visãõ bastante lucida para apprehender este outro modo de obter braços: a restauraçãõ pelo saneamento dos milhões que temos em casa incapacitados para o trabalho por força do males curaveis o evitaveis. O exemplo da Trappa ensina-nos que o saneamento valdo por vultuosa corrente immigratoria. E' mister valorisar, curando-o, o homem da terra, largado até aqui no mais criminoso abandono. — (Monteiro Lobato — *O Estado de S. Paulo*, S. Paulo).

O "PISTOLÃO"

Na grande sala da Congregação do Collegio Pedro II, quando o architecto, Sr. Rebecchi, me pediu que lhe indicasse alguns dizeres para se inscreverem nas paredes, logo me occorreu aquillo da 1.^a Decada do Tito Livio: — *Legum imperia potentiora quam hominum* — isto é, que os preceites imperativos das leis são mais poderosos que os dos homens.

Deste modo ensinava um antigo pagão aquillo que nós, medernos e christãos, absolutamente parecemos desconhecer. E' increditavel o desprezo que, por toda parte, em nosso paiz, se professa para com as leis, o que a nada, ou quasi nada, reduz o acervo das disposições legaes ceremoniaticamente decretadas, mas que em vez de constituirem normas para os que as tenham de executar, a cada momento se modificam, desnaturam e deturpam, obedecendo ao bel-prazer ou capricho dos executores.

Dahi o reinado do *pistolão*, isto é, do empenho, que reina em todas as provinciaes da administração.

Quem quer que tenha enseo de exercer um bocadinho de autoridade, vê-se logo assediado por uma infinidade de solicitações, ás mais das vezes descabidas, e que, se attendidas fossem, lesariam interesses de terceiros. Mette-se empenho para tudo. Logo no principio da sua carreira o joven brasileiro vê o pai, tio ou tutor mandal-o, carregado de cartas, empenhar-se com os professores que o têm de examinar. Esta costuma ser uma das primeiras lições. O pai ensina ao filho que a approvação não é um corollario obrigado do prepare intellectual do examinando, e sim o resultado de uma intervenção amistosa. O meço deve ser approved; não porque haja estudado e saiba a materia, mas por uma multidão de outras circumstancias; — por ser nervoso e dizer habitualmente tudo trocado; porque a senhora sua mãe teve bom-successo ha poucos dias; porque o pae, além disso, tem mais nove filhos etc., etc.

Todo osse desfile de miserias, verdadeiras umas, o fingidas outras, são as razões apresentadas para que um examinador minta á sua consciencia o falte ao seu dever profissional, approvando por misericórdia um rapazola estúpido ou desleixado o assim lho desbrave o caminho para, pelo mesmo systema, de futuro escoucear a humanidade, cavalgando um diploma. Dest'arte obtidos os elementos necessaries para o fabrico de um bacharel, pouco mais do que analfabeto, começa a luta para o collocar no functionalismo.

Compreende-se que se as provas do curso propedeutico e dos profissionais houveram sido bem prestadas, sem a intromissão do peditorio, feita se acharam a selecção dos mais intelligentes e habeis; e os outros, resignados ao papel que lhes assigna a sua natural incompetencia, escolheriam profissões igualmente honreas, ainda que menos requieram agudeza ou força intellectual. Mas assim não succede em nosso paiz. Disto resulta um exercito de incompetentes diplomados: medicos que não sabem curar, advogados que supprem a sciencia pelo palanfrorio, magistrados cujas sentenças são monumentos anti-juridicos o pretergrammaticaes.

Todo esse povo, que não quer cultivar o sólo nem povoar as officinas, agita-se, acotovella-so, rodainha nas ante-cameras dos ministros, victima da insolencia dos continuos e curtindo, em um ambiente de subserviencias, as duras provas da humilhação imposta pela necessidade. O *pistolão*, de quo vivem armados, repetidamente lhes falha o tiro. O character, que se nutre de independencia e só em ahnas heroicas resiste ás injunções da pobreza, acaba por deformar-se. E' nessa escola que se preparam nos mendigos de hoje os tyrannetes de amanha. Arrumado o brasileiro em uma repartição publica, eil-o, supponhamos, amanuense ou cousa que o valha. Seu primeiro movimento é o de escravo recém-liberto: um profundo

menosprezo da humanidade não burocratizável; e, em seguida, o formidável prurido da ascensão na carroira. *Quo non ascendam?* Para isto, do quo arma usar se não daquella que lhe valeu os primeiros postos? Armam-se de *pistolões* os concorrentes aos logares appetitosos, e prosegue *intra muros* a guerra encetada lá fóra.

O systema demoeratico admiravelmente promove a luta dos empenhos. Cada deputado é um tronco, não raro bichado, e ao qual se apegam innumeradas parasitas. Já no tempo da monarchia o velho Zacharias chamava á Camara — *confraria de pedintes*.

Lembra-me haver encontrado, ha hom par de annos, um antigo condiscipulo, com trajas modestissimos e bem diversos dos que outróra o tinham feito manequim de alfaiate. Estava pobre. Perdera o emprego.

— Qual? perguntei-lho interessado.

— Pois não sabes que eu era deputado? Mas depois que me morreu a prima de minha mulher...

Machucado assim no character, filho do empenho e, por sua vez, procreador de identicos monstrosinhos, appellando de continuo para a introdução do peditorio, no intuito de alcançar o que não merece e de fraudar as disposições legaes, o brasileiro está precisando, não de leis, mas de um banho regenerador do civicismo independente.

Symphronio foi approvedo por empenhos, e por empenhos se empregou. Empenhando-se progrediu de 3.º escripturario a chefe de secção. Casou-se mettendo empenhos com a familia da namorada. Morreu por causa de empenho, porquanto o doutor que o matou não era bom medico, e sim formado pelo empenho. Finalmente vamos enterrar o Symphronio, mas, á porta do *S. João Baptista*:

— Sr. F., disse-mo um sujeito, conhecido o empregado do cemiterio, aquelle que recebe os papeis?

— Não, sr.

— E' que eu queria um *pistolão*

para ver se me dá, para o Symphronio, um carneiro junto ao da sogra... Pedido da mulher delle.

Outro convidado accedeu á petição e logrou o seu objectivo. Symphronio jaz ao pé da sogra. Desconfio quo se batem na hora dos phantasmas... Arma escolhida: — o *pistolão*. — (Carlos de Lact. — *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro).

CLEMENCEAU

Somos dos que não perdoam a Clemenceau a primeira phase da sua carreira politica na plena luz da secção republicana. Por elle, contra a sua mais intima vontade sem duvida, a Republica teria morrido, logo ao nascer, das convulsões consequentes ao enorme desastre de 70-71. Na França, paiz de tradições monarchicas seculares, algumas de intenso e immorredouro fulgor, a Republica, a terceira republica salvou-se pelo que propositalmente conservou da monarchia, no tumultuoso e incerto periodo da sua infancia. Salvaram-n'a a habilidade intelligentissima de Thiers, homem de todas as transigencias, desde que ellas lhe parecessem necessarias, e o opportunismo solidamente meditado de Gambetta, mantido depois, em equilibrio seguro, nos hombros possantes de Julio Ferry. Clemenceau foi o adversario implacavel dos tres, principalmente dos dois ultimos, exactamente os quo mais fizeram pela estabilidade do regimen. Ma,s tendo Waldeck-Rousseau, na hora certa, dado a volta ao leme para o radicalismo, começou a chegar tambem a hora do celebre derrubador de ministerios. O seu primeiro cuidado foi não os derrubar eom tanta frequencia, derivando para as paginas dos jornaes o incoerigivel ardor combativo de quo a natureza o dotou. Deixou a arena agitada da camara, obrigaram-n'o a deixala, e accommodar-se, resentido, mas sem grandes queixas, numa macia poltrona do senado placido. Começa, então, o periodo de alguma utilidade na sua existencia. Por lar-

gos annos, os ministerios viveram sem a sua opposição parlamentar tenaz e caprichosa, o a evolução das instituições para o radicalismo correu, rapida e venturosa, com algumas excusadas demasias, que a iam perdendo, mas sempre bem orientada. Clemenceau foi ministro, presidente do conselho. O perigo do radicalismo, nascido do proprio sangue radical, era o socialismo, filho impaciente, em franca revolta contra os conselhos, e ás vezes contra as correções, de quem e gerou. O socialismo, nas suas precipitações e nos seus excessos, não teve quem com mais severidade lhe applicasse as regras da disciplina. "Que quereis, meus amigos, meus irmãos? Eu, agora, estou do outro lado da barricada." E talvez, naquelle instante, lho tivessem atravessado e espirito cheio de attribuições uns longes de puigente arrependimento pelas violentas e injustas campanhas de outr'ora. Mas se passaram, passaram depressa. Um dia, quando menos se esperava, o natural invadiu a galope aquelle temperamento de fogo, o o velho derrubador do ministerios derrubou-se a si mesmo, num trecho relativamente calmo da travessia, que pilotava, com a marinhagem nas camaras em maioria, fiel á sua voz de commando e inteiramente disposta ao combate. Seguiram-se, até á guerra, alguns mezes de actividade indecisa, que desnorteava os observadores, não se sabendo bem que rumo o infatigavel athleta tomava, e, muito menos, que rumo desejaria elle que as cousas tomassem. Via-se apenas que a fera se movia, contrariada e descontente, na jaula do seu isolamento, a quem ninguem a condemnára, rugindo sem methodo, era para a direita, ora para a esquerda, socudindo no ar, numa especie de delirio, as patas de garras afiadas. Se a guerra não estalasse, que trabalho para a historia o definir com exactidão aquella individualidade incoherente, enigmatica e fugitiva! Quem nos diria com verdado o que realmente fôra e o que realmente conseguira o tigre na terceira repu-

blica? Mas, a guerra estalou, e o mysterio desapareceu. Clemenceau é antes de mais nada, um patriota, dos pés á cabeça, requeimando-se em patriotismo por todas as fibras de seu ser. Dahi, os seus defeitos e as suas virtudes. A guerra veiu a proposito, para que até os seus defeitos se convertessem em virtudes, e para que este total de forças moraes maravilhosas preponderassem, num paiz extremamente sensível e desconfiado, de opinião livre e insubmissa, retalhada em 7 ou 8 grupos eumentos. A qualidade essencial do francez é o amor á França. Dos homens da sua politica, todos eu quasi todos egualmente patriotas, só em Clemenceau o patriotismo se ergueu, em realce de absoluta coincidência com o fanatismo nacional. Naturalmente deixou de ser "um dos homens". E' "o homem", galgando, a sou tempo, a gloria que merece. Felizes as nações, que, nas afflictivas e decisivas circumstancias em que a França se debate, sabem o podem achar o seu homem. Clemenceau aguentar-se-á? Não nos perturba esta duvida. O que nos cumpre registrar é que elle se está aguentando admiravelmetne. Tornou a ferir-o a nostalgia da demolição, e, como agora, não lhe convinha, nem á sua patria, offerecer-se em helocausto a um habito, que lhe é agradável conservar, lembrou-se que estamos em guerra, e, avançando resolutamente pelo territorio inimigo, penetrou na Austria, de machado em punho, e derrubou o ministerio Czernin. — (Julio Mesquita. — *O Estado de S. Paulo*, S. Paulo).

LISBOA, A CIDADE DAS REVOLUÇÕES

Lisboa é uma cidade revolucionaria. E'-o só de agora? Não. Nesta terra que todos os dias indifferentemente pisamos tem-se embebido desde remotas éras, muito sangue popular. Pois não é a cidade do Fernão Vasques, em 1385; não é a cidade do João Pinto Ribeiro, em 1640; não é a cidade que em 1820

não demorou tres semanas em secuudar o movimento liberal do Porto; não é a cidade de 24 de Julho de 1833, aclamando as forças de Duquo da Terceira; não é a cidade de 9 do Setembro de 1836, levantando o pendão das liberdades progressivas; não é a cidade da guarda nacional de 1838; não é a cidade da revolta de Saldanha, em 1870 ? Não podemos, portanto, consideral-a como sendo somente agora que se assignala por movimentos revolucionarios, e quando se enumeram apenas estes, não quer isso de fórma alguma significar que outras muitas agitações com identico caracter, não tenham feito derramar-se, no seu solo o sangue de um povo que, seguindo causas justas ou desvairedo por passageiros arrebatamentos, nunca duvidou expôr a vida para affirmar as suas idéas ou exteriorizar seus sentimentos.

Só com o reinado de D. Carlos a sociedade portugueza começou a mover-se, como agitada por vivas marés até então insuspeitadas. Com o *ultimatum* de 1890 multidões excitadas percorreram as ruas de Lisboa em manifestações delirantes. Pela primeira vez, as repressões da força publica começaram a tomar um caracter violento. A' volta de um comicio, foram presos Manuel de Arriaga e Jacintho Nunes, quando discursavam ao povo de cima de um banco do Rocio, e mettidos a bordo de um navio de guerra, como desordeiros perigosos. Mais tarde, pela primeira vez, se fizeram descargas com pontarias baixas para dentro do café Martinho. Basilio Telles, que lá estava, conta esse episodio no seu livro do *Ultimatum ao 31 de Janeiro*. Uma atmospheria revolucionaria principiou a manifestar-se, e foi ella que veio a facilitar a revolta do 31 de Janeiro de 1891, que se desencadeou no Porto, mas que devia ter a sua repercussão em Lisboa.

Todavia, tanto os habitos da paetez indigena se tinham radicado em Lisboa que, suffocada a revolta de 31 de Janeiro, a cidade, durante algum tempo, recahin na sua

modorra. Até 1906, pôde dizer-se, nenhum acontecimento de importancia, nos dominios da ordem publica, vingou perturbar a monotonia da vida cidadeira. Mas tambem se pôde dizer que dahi em diante Lisboa, parecendo querer recuperar o tempo perdido, nunca mais deixou de ser um fóco de agitações.

A questão dos tabacos, que depressa se tornou não só uma questão de partidos, mas uma questão de regimen, marcou o inicio dessas agitações. Na noite do 4 de Maio desse anno, como o povo esperasse, na estação do Rocio, a chegada de um candilho republicaéo, e o recebesso com palmas, a policia acutilou a multidão. Mesmo das fileiras monarchicas irromperam violentos protestos contra essa injustificada violencia, o o Ministerio cahio. Succedeu-lhe o Sr. João Franco, com os seus amigos. Ninguem esqueceu o tormentoso consulado desse Governo. O 18 de Junho teve já aspectos de insurreição. Descobre-se o primeiro fabrico de bombas. Conspira-se como nunca. Em 28 de Janeiro de 1907, aborta porventura a tentativa revolucionaria mais poderosa que ha muito tempo se organizara em Portugal. No dia 1 de Fevereiro, o regicido. Correrá o sangue, e o sangue nunca deixa de pedir vingança. A luta politica toma aspectos ferozes. No 5 do Abril de 1909 corre de novo o sangue do povo. Um anno depois rebenta a revolução que implanta a Republica. A cidade de 1385 e de 1640, fazendo o desfazeudo reis, reiviudicando sempre a independencia da patria, se revê na cidade de 1910. Sete seculos de historia contemplam o novo esforço de uma raça.

Não mais se apaga, porém, o espirito revolucionario. Em 1913 dá-se o movimento conhecido pelo 27 de Abril, e destinado a tornar a Republica radicalissima, movimento que é suffocado, como são, o de 20 de Junho, de um anno, de caracter syndicalista, e 20 de Outubro, de caracter monarchico. Em 1914 dá-se o chamado movimento das espadas que leva ao poder Pimenta de

Castro. Em 1915 produz-se a revolução de 14 de Maio que o derruba. O sangue corre, e torna a correr em 5 de Dezembro do anno findo com a revolução de que sahio o actual Governo. Este anno apenas com alguns dias de existencia já nos deu uma nova revolta em Lisboa: a dos marinheiros. — (Mayer Garção. — *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro).

O THEATRO FRANCEZ E A GUERRA

Nunca Paris procurou tanto os espectaculos, como agora. Todos os theatros se onchem, e os cinematographos, e todas as casas onde se diverte. As rendas da Comedia Franceza não diminuem: em 1916 orçaram por 1.300.000 francos, somma que foi ultrapassada em 1917. Na provincia, a mesma coisa.

Ora, esse appetite de prazer é um dos caracteristicos dos nossos dias. Quando se falou de limitar a exploração dos theatros, senão mesmo de supprimil-a completamente, Gémier protestou contra essa idéa. "Fechar os theatros, dizia elle; é mergulhar voluntariamente na tristeza o povo das grandes cidades; é lançar na rua 100.000 individuos que seria preciso depois alimentar e vestir; é lançar na miseria e no desanimo 43 agrupamentos ou syndicatos. E, a julgar pelo que me disse um official superior, é dar-nos uma attitude de vencidos."

Gémier conta, a proposito, o que viu na Suissa, relativamente á propaganda allemã e aos resultados que já tem dado.

A Suissa foi invadida por innumeras "troupes" de comedia e de canto, de associações instrumentaes e coraes procedentes de Berlim, Munich, Leipzig, Manhein, Meiningen, sob a direcção dos Max Reinhardt, dos Strauss, dos Weingartner, dos Nikish. Estes senhores uão têm por missão ganhar dinheiro, mas espallhal-o ás mancheias em todos os logares. As salas nunca estão vazias, vendo-se na concorrência os allemães officiaes e os seus compa-

triotas. No dia da despedida, o ombaixador ou o miuistro organisa um jantar, convidando os funcionarios locais. E corre fartamento o champagne...

Gémier accrescenta este detalho pittoresco: "O consul mauda chamar todos os directores de "music-halls" da cidade, para lhes dizer que todas as vezes que contractassem cantores ou "numeros" boches, não teriam que pagar-lhes mais de cinco francos, ficando o resto a cargo do consulado."

Isso devia ser uma lição para os francezes. A Allomanha utiliza a sua organização theatral como se fosse uma arma poderosa. Não considere nos o nosso teatro como um passatempo. O nosso teatro é abundante e multiplo, tanto no genero grave como no genero leve. Cuidemos de augmentar a sua irradiação e a sua esphera de acção. Barbey d'Aureville deplorava outr'ora quo o Estado ligasse pouca importancia a essa força. O seu espirito autoritario desejaría disciplinal-a. Ello inaginava fazer das manifestações de arte dramatica uma especie de instituição nacional, uma escola que enobrecesse as intelligencias, purificasse os costumes, propagasse no povo, com o culto da belleza viril, noções de justiça, de generosidade e de bondade. E lamentava o mercantilismo dos directores, que, em vez de exercer uma magistratura benefica, não cuidavam senão de enriquecer.

Sem ir tão longe no caminho da Chimera, é licito comtudo, desejar aperfeiçoamentos e reformas.

Que será o teatro depois da guerra? — E' um problema insolúvel. Logo depois da guerra de 1870, alguns criticos suppunham que a França, humilhada, abatida, perderia a sua alegria, e não gostaria mais do rir. Ora, essa época de doloroso recolhimento, até a Exposição de 1878, foi o apogeu da comedia satyrica e da opereta...

O futuro é um mysterio. Teremos obras serias ou futeis, obras moralisadoras ou corruptoras? As peças

que mais agradarão serão as patrióticas, as psychológicas, as sociológicas — ou os estudos de casos passionaes? — Eu acho que o amor ainda reinará no theatro, e mesmo reinará o romanesco. Mas desta formidável conflagração, destas ruínas, destes lutos, nenhum traço subsistirá? — O sr. Alfred Capus, entrevistado a respeito, declara: “O mesmo trabalho que se fará na politica, far-se-á nas letras. O escriptor, dramaturgo ou romancista, se proporá á investigação das melhores condições que a França deve preencher para se fortalecer, engrandecer e prosperar. Haverá em cada um delles uma preocupação nacional e moral que não se via senão raramente em nossa literatura.” E’ provavel que isso se dê. Mas essa metamorphose não se operará subitamente. Terá antes o caracter de uma evolução do que o de uma revolução. E será tão radical como se pensa? — Os traços fundamentaes de uma raça são indestructíveis. A raça mantém-se aavez dos seculos, com as suas qualidades e os seus defeitos. A nossa arte dramatica resentir-se-á muito dos acontecimentos. E’ igualmente possivel que um autor de genio lhe abra caminhos imprevisitos, quebre antigas formulas, erêe novas. Além destas circumstancias extraordinarias, ha a influencia exercida sobre o terreno pratico pelos methodos de trabalho que, bem ou mal concebidos, podem facilitar ou contrariar a ecclosão dos talentos, incentivar as iniciativas interessantes ou abafal-as. (Adolphe Brisson. — *Le Temps*, Paris).

O CENTENARIO DE ELVIRA

Passou ha pouco o centenario da morte de Elvira—a saudosa Elvira, de Lamartine. Com effeito, ha um seculo morria num dos aposentos do Instituto de França, a esposa do physico Charles, née Julie Bouchaud des Hérettes, que um grande poeta devia tornar celebre sob o no-

me de Elvira. O romance de Julia e de Lamartine será pouco importante para a historia da literatura franceza; mas é muito nos destinos de um grande poeta. Não é a Elvira que devemos o *Lac*, esse incomparavel canto de amor, e as estancias immortaes do *Crucifix*, escriptas depois da morte de Julie? Sem ella, as *Méditations* seriam provavelmente de inspiração pagan, como o eram os quatro livros de poesias que Lamartine destruiu. Essa deliciosa honronia ficou sendo para o poeta, desde o dia em que a conheceu, o proprio ideal de amorosa, que poz em scena na *Graziella*, em *Raphael* e em *Jocelyn*, sob tres aspectos que entre si se assemelham como tres irmãos.

Assim, a enferma de grandes olhos febris que o poeta encontrou na modesta pensão de Aix, deslisa suavemente no cortejo das sombras femininas que acompaulhará, durante toda a sua vida, o cantor das *Harmonies*. Do berço ao tumulto, Lamartine precisará sempre de mãos queridas que lhe guiem os passos — outro coração que pulse ao lado do seu. E’ primeiro sua mãe que lhe imprime á alma delicadeza e fantasia; depois Graziella, com a qual elle advinha o amor; e Julia que lhe faz entrever a paixão. Mais tarde, será sua esposa dedicada que não poderá ajudal-o a carregar o pesado fardo da adversidade, e depois Valentina, que toma ao lado do poeta o logar de sua filha morta prematuramente.

Entre todas essas imagens ternas e doces, é porém, a do Julia que tem para nós maior sedução. Delgada, quasi diaphana, com uma vida fragil que uma chamma interior consume pouco a pouco, Julia é a melancholica tuberculosa desfigurada pela doença, de ar seraphico, que de repente surge ante Lamartine como uma apparição dos céos. Alma ardente, ella passara a sua infancia em S. Domingos, no meio das plantações de seus pais — e de lá trouxe consigo esse perfume de exotismo, esse cheiro das “ilhas” que para sempre perfumará o destino e a me-

moria do poeta. Muito joven, desposou um homem celebre, muito mais velho do que ella, por quem não tinha senão respeito. Por fim, encontra Lamartine, a quem inspira louca paixão, e com quem faz longos e ternos passeios no pittoresco valle de Aix.

A imagem de Elvira é inseparavel da de Raphael, sobretudo quando, através dessas sombras fluidas, se lêem os versos impreciveis do *Crucifix* e do *Lac*.

A IMMENSIDADE DO UNIVERSO

Conta um astronomico que, tendo-lhe occorrido nos seus tempos de estudante, fazer uma representação graphica proporcional do systema solar, reduzindo as dimensões ao minimo perceptivel, viu com surpresa que esse trabalho era impossivel.

Mesmo que se desse á Terra um milimetro do diametro (12.000 milhões de vezes menos do que a realidade), e á Lua, reduzida a essa proporção, um quarto de milimetro, — seria preciso collocar a Terra a 15 metros do Sol e Neptuno a 450 metros do astro rei. Não ha papel em quo se possa desenhá-lo tudo isso...

Já a estrella mais proxima da Terra, que é "A", do Centauro, teria que ser collocada 10.000 vezes mais longe, a 4.500 kilometros, distancia que, segundo a proporção adoptada, representaria a 10.000 milionesima parte da realidade.

Isso dá bem a idéa da immensidade do Universo.

OS MYSTERIOS DE PARIS

Nenhum titulo de livro teve exito mais feliz do que o da celebre obra de Eugenio Sue — "Os Mystérios de Paris", publicada em 1842 nas columnas do *Journal des Débats* e que inaugurou o genero de romance-folhetim. O prestigio immenso que esse romance logo conquistou, synthetisou-se no titulo, dando-lhe fascinação singularissima, de forma a suppôr-se que por elle eram attrahidos os leitores. Tanto era assim, que

os cultivadores do genero procuraram tirar do titulo o melhor partido, repetindo-o com pequenas variantes.

Assim, em 1844, publicam-se "Os mysterios de Londres", no *Courrier Français*; em 1853, Camillo Castolli Branco publica na capital lusitana "Os mysterios de Lisboa"; em 1864 Emilio Zola escreve "Os mysterios de Marselha"; e em 1876 Fortuné Du Boisgobey dá a lume "Os mysterios do novo Paris".

A generalidade dos folhetinistas, porém, profere do titulo afortunado, o nome da cidade do Paris. E temos então: "Os matrimonios de Paris", de Edmundo About, em 1850; "Os mendigos de Paris" e os "Anjos de Paris", de Clemence Robert, em 1851; "Os mohicanos de Paris", de Alexandro Dumas, em 1854; "Os estranguladores de Paris", de Clemence Gueroult, em 1859; "Os puritanos de Paris", de Paul Bocage, em 1862; "Os titeres de Paris", de Pierre Veron, em 1862; "Os bohemios de Paris" (1863), "Os dramas de Paris" (1865), e "Os escolares de Paris" (1867), de Ponson du Terrail; "Os bas-fonds de Paris", de Xavier de Montepin, em 1867; "Os escravos de Paris", de Emilio Gaboriau, em 1869; "O ventre de Paris", de Emilio Zola, em 1874; "Os estranguladores de Paris", de Adolpho Belot, em 1879; "Os condemnados de Paris", de Jules Mary, em 1889; "As operarias de Paris", de Pierre Decourcelle, em 1904, etc.

OS AUTOMOVEIS NOS ESTADOS-UNIDOS

Segundo o recenseamento effectuado em Julho do anno passado, os Estados Unidos, com uma população de 103.640.473 habitantes — tinham 4.242.139 automoveis. Comparado este numero com a estatística de 31 de Dezembro de 1916, houve um augmento de 700.000 vehiculos em seis mezes, ou sejam 4.000 por dia.

Relativamente á população, conta-se hoje nos Estados Unidos um automovel por 24 habitantes, ao passo



que em 1916 essa proporção era de um automovel por 29 habitantes.

Eis alguns numeros que bem mostram o progresso da industria automobilistica nos Estados Unidos.

Annos	Automoveis em circulação	Vehiculos construidos	Valor em dollars
1911	677.000	210.000	262.500.000
1912	1.010.000	378.000	378.000.000
1913	1.253.875	483.000	425.000.000
1914	1.736.790	573.114	465.042.474
1915	2.471.595	892.618	691.778.950
1916	3.541.738	1.617.708	1.274.625.864
1917 (a. 1 de Junho)	4.242.129	800.000	650.000.000

Uma interessante observação a fazer sobre o conjuncto da estatística

que se concluiu em Julho, é que entre os 48 Estados que formam a Federação Norte-americana, ha sete em que a circulação ultrapassa de 200.000 automoveis, isto é, o dobro da circulação na França no principio da guerra.

No Estado de Nova York estão registados 345.966 vehiculos, sendo de notar que no começo de 1916 havia sómente 200.000. Nos Estados do centro o acrescimo tomou proporções consideraveis, como por exemplo, o Arkansas onde se notou em 1917 um augmento de 64 o/o sobre o do anno de 1916. O Estado que bate o "record" é, porém, o de Iowa, cuja população attinge a 2.225.000 habitantes, o onde o recenseamento accusa 243.000 automoveis, o que quer dizer que ha um automovel para 9 pessoas. Vem em segundo lugar o Estado de Nebraska, onde ha um automovel para 12 pessoas.

E' de notar tambem que os automoveis fabricados no primeiro semestre de 1917 são em numero de 800.000, numero a que convém reunir o das exportações para o estrangeiro durante o mesmo periodo ... (36.000 automoveis).

O grande desenvolvimento da industria automobilistica nos Estados Unidos se manifesta principalmente pela construção de vehiculos commerciaes ou de transporte commum: de 610 fabricas em actividade, 238 se consagravam aos carros de turismo e 372 aos caminhões, omnibus, etc.

AS CARICATURAS DO MEZ

A FURIA DOS TROGLODITAS



— Paris!... Paris!...

(Julião Machado — D. Quixote, Rio de Janeiro).

A GRANDE OFFENSIVA



A inconveniência dos canhões de grande alcance.

(J. Carlos — *Careta*, Rio de Janeiro).

O SUPREMO ESTRATÉGISTA



GOTT — Elles também teem um Deus. Mas a "victoria" será nossa, porque o Deus delles condemna as atrocidades e prêga a resignação e o perdão.

(J. Carlos — *Careta*, Rio de Janeiro).

Wilson Sons & Co. Limited

RUA B. DE PARANAPIACABA, 10

TELEPHONE, 123

CAIXA DO CORREIO, 523 End. Teleg. "ANGLICUS"

SÃO PAULO

IMPORTADORES:

de carvão de pedra, forja, anthracite, coke, etc.; ferro guza, cobre, chumbo, chapas e canos de ferro galvanizado, folhas de flandres e ferragens; óleo de linhaça e tintas; drogas e adubos para industrias; barro e tijolos refractarios, barrilha etc.

AGENTES DE:

- Alliance Assurance Co. Ltd., Londres
Seguros maritimos e contra fogo
- J. B. White & Brothers, Londres
Cimento Portland "J. B. W."
- Aberthaw & Rhose Portland Cement &
Lime Co. Ltd. Cimento marca "Mitra"
- Read Brothers Limited, Londres
Cerveja Guinness "Cabeça de cachorro"
- Curtis's & Harvey Ltd., Londres
Dynamite marca "Dragão"
- Brooke, Bond & Co. Ltd., Londres
Chá preto e verde marca "Bond"
- William Pearson Ltd., Hull
Creolina, Pacolol e Pacofluido
- Andrew Usher & Co., Edinburgo
Whisky "Liqueur"
- J. Bollinger, Ay Champagne
Champagne "Bollinger"
- P. Virabian & Cie., Marselha
Ladrilhos e Cimento
- Holzapfels Ltd., New-Castle-on-Tyne
Tintas preparadas "Lagoline"

Acceltam pedidos para importação directa mediante
modica commissão

INDICADOR

ADVOGADOS:

DR. S. SOARES DE FARIA —
Escritorio: Largo da Sé, 15
(salas 1. 2 e 3).

DRS. SPENCER VAMPRE',
LEVEN VAMPRE' e PEDRO
SOARES DE ARAUJO—Traves-
sa da Sé, 6, Telephone 2.150.

DRS. ROBERTO MOREIRA,
J. ALBERTO SALLES FILHO e
JULIO MESQUITA FILHO —
Escritorio: Rka Boa Vista, 52
(Sala 3).

MEDICOS:

DR. LUIZ DE CAMPOS MOU-
RA — Das Universidades de Ge-
nebra e Munich. — Cirurgia —
Operações — Rua Libero Badaró,
181. Telephone 3492, das 13,30
às 16 horas.

DR. SYNESIO RANGEL PES-
TANA—Medico do Asylo de Ex-
postos e do Semnario da Gloria.
Clinica medica especialmente das
crianças—Res.: R. Bella Cintra, 139
Consult.: R. José Bonifacio 8-A,
das 15 às 16 horas.

DR. ALVARO CAMERA—Medi-
co. S. Cruz do Rio Pardo-S. Paulo.

DR. SALVADOR PEPE — Es-
pecialista das molestias das vias
urinarias, com pratica em Paris.
— Consultas das 9 às 11 e das
14 às 16 horas. Rua Barão de
Itapetininga, 9. Telephone 2.296.

TABELLIÃES:

O SEGUNDO TABELLIÃO DE
PROTESTOS DE LETRAS E TI-
TULOS DE DIVIDA, NESTOR
RANGEL PESTANA, tem o seu
cartorio á rua da Boa Vista, 58.

CORRETORES:

ANTONIO QUIRINO — Corre-
tor official — Escritorio: Tra-
vessa do Commercio, 7 — Te-
leph. 393.

GABRIEL MALHANO — Cor-
retor official — Cambio e Títu-
los — Escritorio: Travessa do
Commercio 7. Teleph., 393.

DR. ELOY CERQUEIRA FI-
LHO — Corretor Official — Es-
criptorio: Travessa do Commer-
cio, 5 - Tel. 323—Res.: R. Albu-
querque Lins, 58. Teleph. 633.

SOCIEDADE ANONYMA COM-
MERCIAL E BANCARIA LEO-
NIDAS MOREIRA—Caixa Postal
174. End. Teleg. "Leonidas, S.
Paulo". Telephone 626 (Central)
— Rua Alvares Penteadó — S.
Paulo.

DESPACHANTES :

BELLI & CO. — Matriz : S.
Paulo : Rua Libero Badaró 109-
III — Teleph. 381, Central —
Caixa, 135. — Filiaes : Rio de
Janeiro. Rua Candelaria, 69.
Teleph., 3629, Norte. Caixa,
881. Santos : Praga da Repu-
blica, 23, Teleph., 258. — Caixa
107. — Genova, (Italia)—Plaz-
za Scuole Pie, 10. Casella, 1459.
New York, 198 Broadway —
Ender. telegr. "Bellco".

ALFAIATES:

ALFAIATARIA ROCCO—Emi-
lio Rocco — Novidades em case-
mra ingleza. — Importação di-
recta. — Rua Amaral Gurgel, 20,
esquina da rua Santa Izabel. Tel.
3333 — Cidade — S. Paulo.

—:: AOS LAVRADORES ::—
Não é reclame, é a expressão da verdade

"ENGENHO STAMATO" — Sem engrenagem

Para moagem de canna, o mais moderno, mais simples até hoje conhecido. Já foi adquirido por milhares de fazendeiro que attestam a grande utilidade desta importante machina, privilegiada e premiada com 7 medalhas. Economico e resistente por não ter engrenagem. Envia-se informações a pedido dos interessados.

Inventor e fabricante: RAPHIAEL STAMATO
TEM SEMPRE EM DEPOSITO

Rua do Gazometro N. 17

S. PAULO

Joallierie — Horlogerie — Bijouterie
Maison d'importation
Bento Loeb

RUA 15 DE NOVEMBRO, 57 (en face de la Galeria)
Pierres précieuses — Brillants — Perles — Orfèvrerie — Argent, Bronzes
et Marbres d'Art — Services en Métal blanc inaltérable
Maison à Paris . 30, Rue Drouot, 30

Casa de Saude ≡

EXCLUSIVAMENTE PARA DOENTES DE
MOLÉSTIAS NERVOSAS E MENTAES

Dr. HOMEM de MELLO & C.

Medico consultor — Dr. FRANCO DA ROCHA,
Director do Hospicio de Juquery

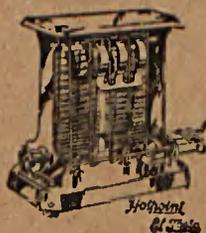
Medico interno — Dr. TH. DE ALVARENGA
Medico do Hospicio do Juquery

Medico residente e Director
Dr. C. HOMEM DE MELLO

Este estabelecimento fundado em 1907 é situado no esplendido bairro ALTO DAS PERDIZES em um parque de 23.000 metros quadrados, constando de diversos pavilhões modernos, independentes, ajardinados e isolados, com separação completa e rigorosa de sexos, possuindo um pavilhão de luxo, fornece aos seus doentes esmerado tratamento, conforto e carinho sob a administração de Irmãs de Caridade.

O tratamento é dirigido pelos especialistas mais conceituados de São Paulo
Informações com o Dr. HOMEM DE MELLO que reside á rua Dr. Homem de Mello, proximo á casa de Saude (Alto das Perdizes)

Caixa do Correio, 12 **SÃO PAULO** Telephone, 560



A' ILLUMINADORA

RUA DA BOA VISTA, 47

ENCARREGA-SE DE QUALQUER SERVIÇO
DE ELECTRICIDADE.

MATERIAL ELECTRICO EM GERAL,
LAMPADAS, PILHAS, FIOS, ETC.

BELLI & Co.

Endereço Telegraphico: "BELLICO"

Teleph. directo entre Santos e S. Paulo

CODIGOS: Lieber, A B C 5a. Edição, Gallest, Ribeiro, Westerm, Union, Watkin's & Appendix
(21 th. Ed. Scotts' 1905)

MATRIZ: São Paulo-Rua Libero Badaró, 109

FILIAES: Rio de Janeiro-Rua da Candelaria, 69

Santos-Praça da Republica, 13

Genova-Piazza Scuole Pie, 10

New York - Brodway, 198

SECÇÃO COMMERCIAL

Encarregam-se de qualquer compra e venda na Europa e nos Estados Unidos. Recebem generos do paiz em consignação e fazem adeantamentos. Aceitam representações de industrias e casas commerciaes nacionaes.

Loteria de São Paulo

PARA 17 DE MAIO

100:000\$000

Por 8\$000

Os bilhetes estão á
venda em toda a parte

ETABLISSEMENTS BLOCH

Société Anonyme au Capital de 4.500.000 francos



FAZENDAS, TECIDOS, ETC.

RIO DE JANEIRO

116, Rua da Alfandega

S. PAULO

47, Rua Direita

PARIS, 26, CITÉ TRÉVISE

As Machinas LIDGERWOOD

Para CAFÉ MANDIOCA
ARROZ MILHO
ASSUCAR FUBÁ, etc.

São as mais recommendaveis para a lavoura, segundo
experiencias de ha mais de 50 annos no Brasil

**GRANDE STOCK de Caldeiras, Motores a vapor, Rodas de
agua, Turbinas e accessorios para a lavoura**

CORREIAS-OLEOS-TELHAS DE ZINCO-FERRO EM BARRA

**GRANDE STOCK de canos de
ferro galvanizado e pertences**

CLING SURFACE, massa sem rival para conservação de correias

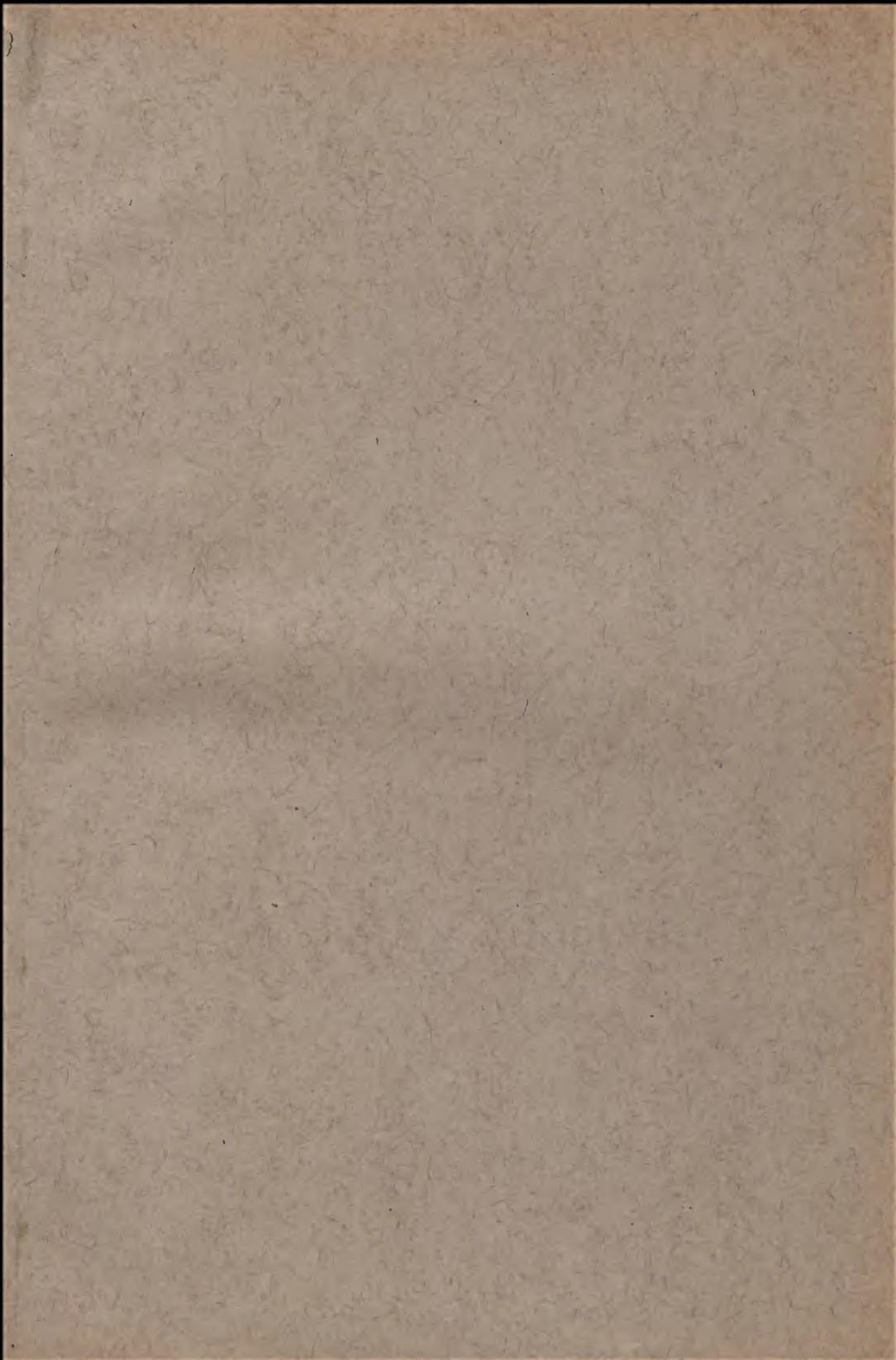
**Importação directa de quaes-
quer machinas, canos de fer-
ro batido galvanizado para
encanamentos de agua, etc.**

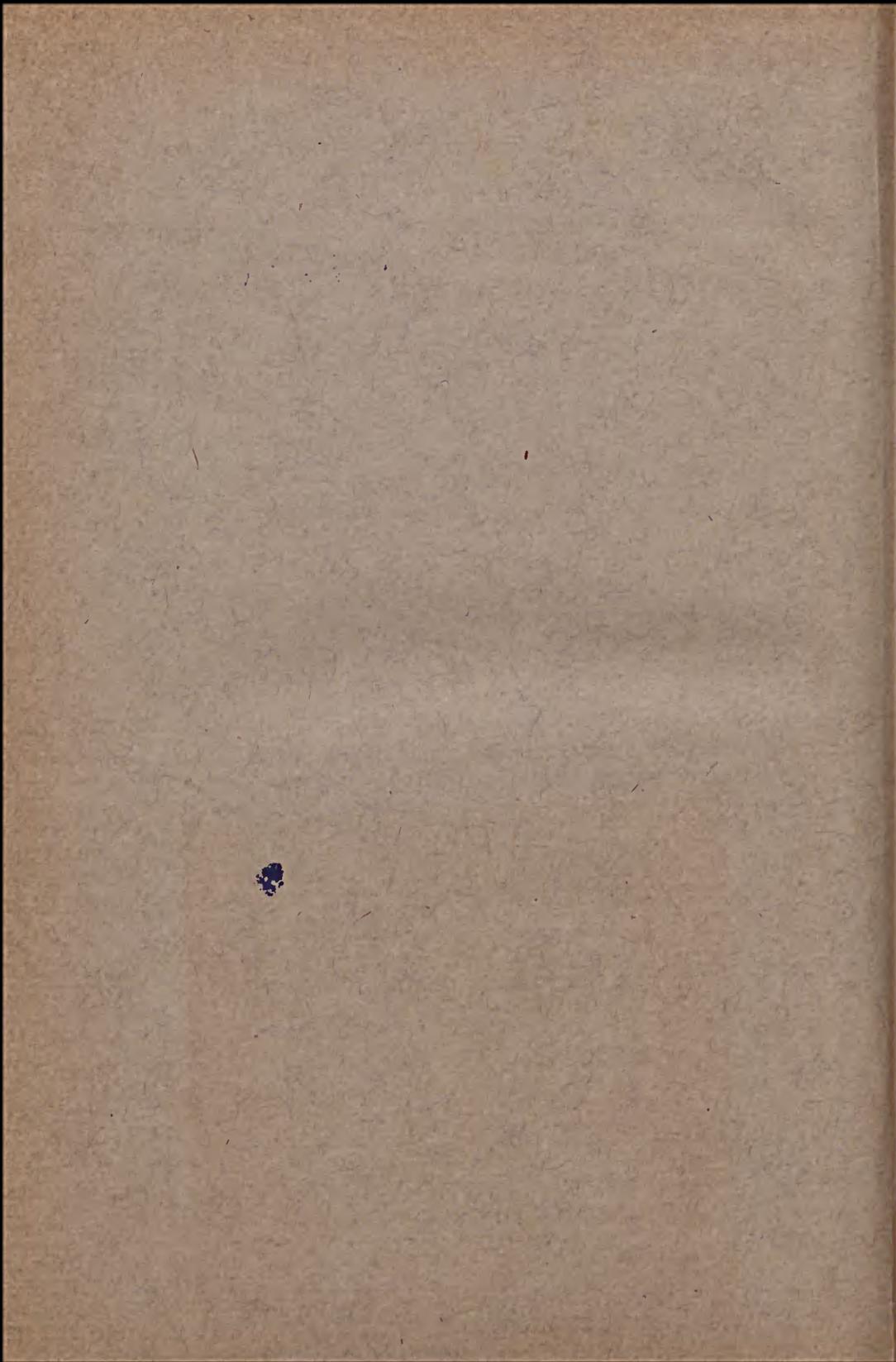
Para informações, preços, orçamentos, etc., dirijir-se a

Rua de São Bento N. 29-C
SÃO PAULO

OFFINAS DO "O ESTADO DE S. PAULO"







Esta publicidade deve ser devolvida na
última data marcada

20293

ASSIS
REVISTAS
TOMBO/FASC.

DO BRASIL.

ASSINATURA	CURSO ANO	DEVOLUÇÃO	ANO 1918
Dennis Nair de Saiz	P.L	10/5/89	
Dennis Nair de Saiz	P.L	23.5.89	
Dennis Nair de Saiz	P.L	09-09-87	
Dennis Nair de Saiz	P.L	27-09-87	
Dennis Nair de Saiz	P.L	31.10.89	
Dennis Nair de Saiz	P.L	3-11-85	
Dennis Nair de Saiz	P.L	27-11-89	
Dennis Nair de Saiz	P.L	05 MAI 1992	
Dennis Nair de Saiz	P.L	29.09.91	
Dennis Nair de Saiz	P.L	30/9/92	

VOL. 7

N.º 25

CLASSIF.

OR050

TOMBO:

20293

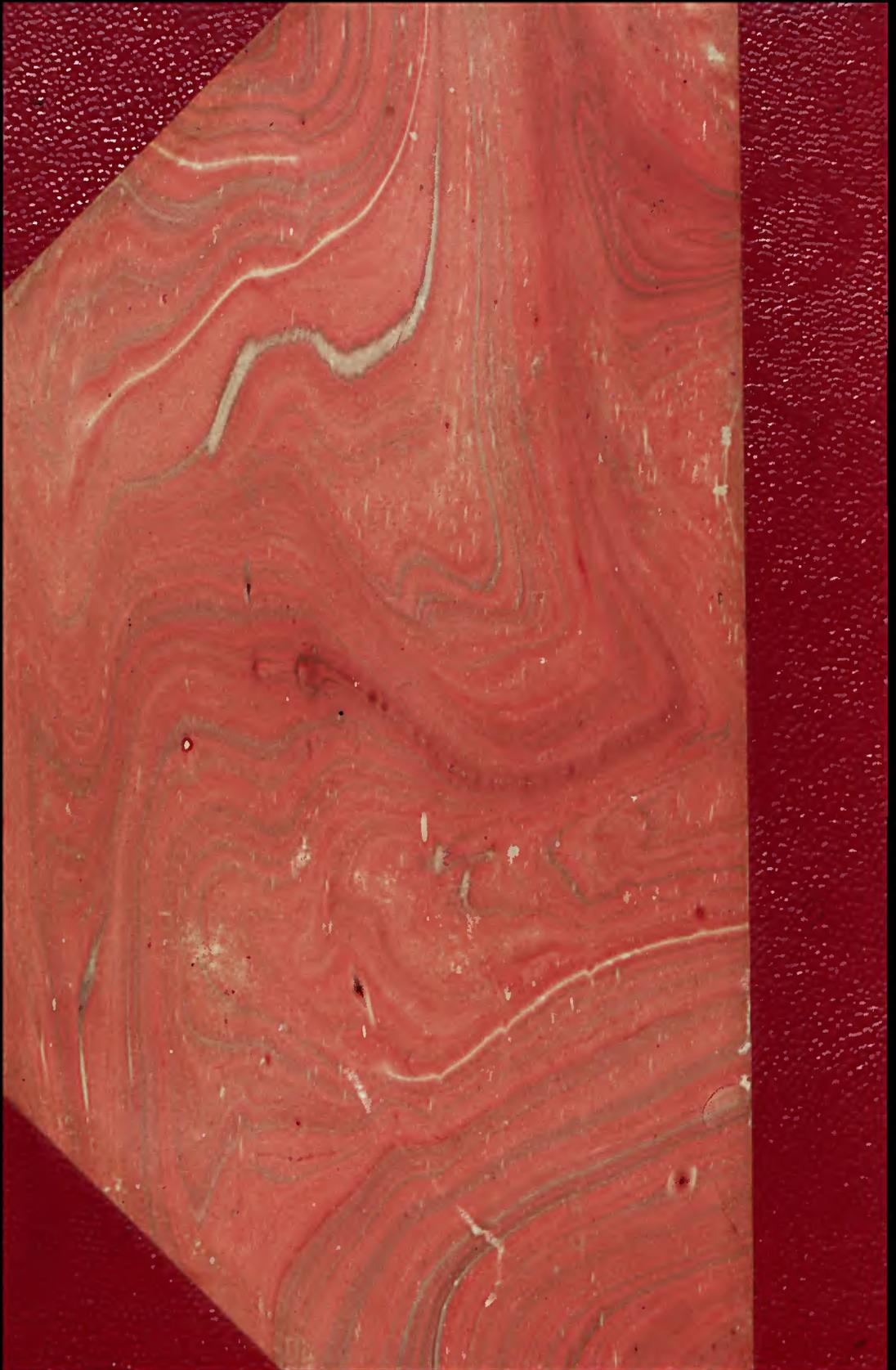
INSTITUTO DE LETRAS, HISTÓRIA
E PSICOLOGIA DE ASSIS

BIBLIOTECA

PERIÓDICOS

ILHPA - Mod. SBD/62





cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 10 11 12 13 14 15 16